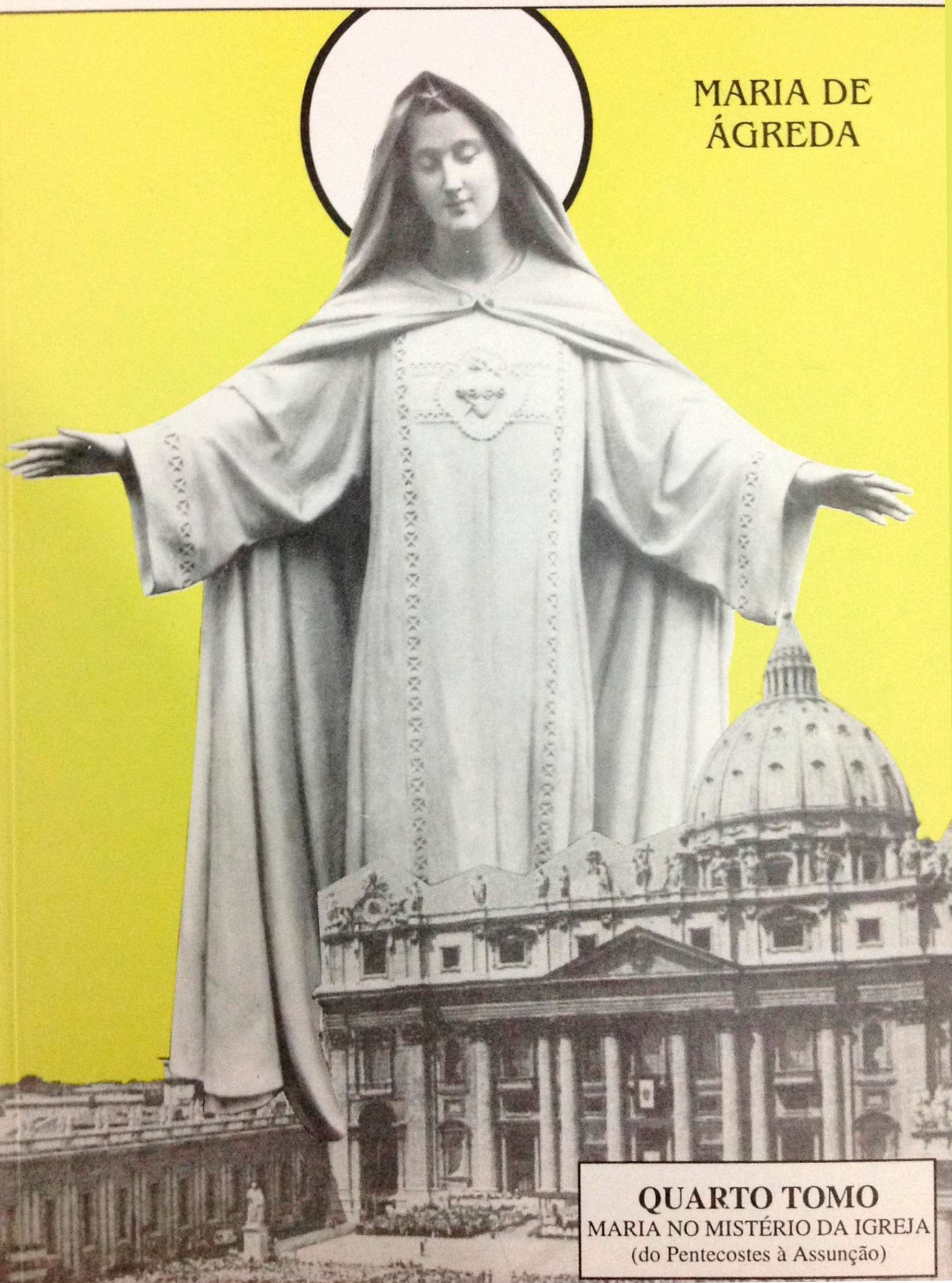
MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MARIA DE ÁGREDA

QUARTO TOMO

MARIA NO MISTÉRIO DA IGREJA

(do Pentecostes à Assunção)

7º LIVRO

Vigilância de Maria pela Igreja

135. Do cume da graça e santidade, possíveis a pura criatura, a grande Senhora do mundo olhava, com sua divina ciência, a pequena grei da Igreja, que todos os dias ia se multiplicando.

Este cuidado da Mãe da luz, defendia aquela santa família que a piedosa Rainha considerava sua, e estimava como herança e propriedade de seu Filho Santíssimo, porção eleita do Altíssimo, escolhida entre todo o resto dos mortais.

Oração de Maria pela Igreja

136. Recebei, Filho meu, o sacrifício de meus lábios e da minha vontade, que ofereço com vossos próprios méritos. Atendei piedoso a vossos fiéis, guiai aos que só em vos esperam e se entregam à vossa santa fé. Iluminai a Pedro vosso vigário, para que ele governe com acerto as ovelhas que lhe encomendastes. Guardai a todos os apóstolos, vossos ministros e meus senhores. Cobri-os com vossa feliz bênção (Sl 20, 4), para que todos cumpramos vossa vontade perfeita e santa.

Perfeições de Maria

210. Em seu coração puríssimo trazia a lei evangélica e a vida da Igreja, com os trabalhos e tribulações que os fiéis teriam que sofrer. A respeito de tudo, conferia com o Senhor e consigo mesma, para dispor todas as coisas na divina luz e ciência da santa vontade do Altíssimo.

Nos pensamentos, era sublime; na sabedoria, profunda, nos conselhos, prudentíssima; no julgar, retíssima e justa; nas ações santíssima; nas palavras verdadeira e simples; e, em tudo o que era bom, perfeita e singular. Para os fracos, piedosa; para os humildes, terna e suave; para os soberbos, de severa majestade. A própria grandeza não a desvanecia, a adversidade não a alterava, os trabalhos não a abatiam. Em todas as ações era o retrato de seu Filho santíssimo.

8º LIVRO

Maria despede-se da Igreja

722. Igreja santa e católica que, no futuro, te chamarás romana, mãe e senhora minha, verdadeiro tesouro de minha alma: foste o único consolo de meu desterro; o refúgio e alívio de meus trabalhos; minha alegria, descanso e esperança.

A ti sempre dei todo coração e meus cuidados, mas já é tempo de partir e me despedir de tua doce companhia e chegar ao fim de minha viagem.

Igreja, minha honra e minha glória, deixo-te na vida mortal, mas na eterna te encontrarei com alegria, naquele Ser que tudo encerra. De lá, te olharei com carinho e pedirei pelo teu crescimento, teus êxitos e progressos.

Pedidos ao:
MOSTEIRO PORTACELI
Caixa Postal, 595
84001-970 - Ponta Grossa - Paraná

Registro: 284.420 Livro: 514 Folha: 80 da Fundação BIBLIOTECA NACIONAL/RJ
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UEPG/Pr.

Ágreda, Soror Maria de
A277 Mística cidade de Deus (Obra clássica do séc.XVII) : 1655-1660./Soror Maria de Ágreda; tradução de Irmã Edwiges Caleffi. 2.ed. Ponta Grossa, Mosteiro Portaceli, 2000.
4v. il.

Conteúdo : v.1. Maria no Mistério da Criação. v.2. Maria no Mistério de Cristo. v.3. Maria no Mistério da Redenção. v.4 Maria no Mistério da Igreja.

1- Religião. 2- Maria - mãe de Jesus. 3- Maria - Mistérios.

CDD : 232.91

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

SOROR MARIA DE ÁGREDA

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

(Obra clássica do séc. XVII)

1655 - 1660

VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS

QUARTO TOMO

3º Milheiro

Maria no Mistério da Igreja

(do Pentecostes à Assunção)

Edição brasileira em 4 Tomos

Tradução de Irmã Edwiges Caleffi

da Ordem da Imaculada Conceição

Mosteiro Portaceli
Ano 2005

MISTICA

Ciudad de Dios. Milagro de su Omnipotencia y abismo de la gracia.

HISTORIA DIVINA,

y Vida de la Virgen Madre de Dios, Reyna, y Señora nuestra MARIA Santissima Restauradora, de la culpa de Eua, y medianera de la gracia.

Dictada, y manifestada en estos vltimos Siglos por la misma Señora a su esclaua Sor MARIA de IESVS Abadesa indigna de este Conuento de la Immaculada Concepcion de la Villa de Agreda, para nueua luz del Mundo, alegria de la Yglesia Catolica y confianza de los mortales

Primera Parte

Primeira página do manuscrito original, até hoje conservado no Mosteiro Concepcionista de Ágreda - Espanha.

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MILAGRE DE SUA ONIPOTÊNCIA E ABISMO DA GRAÇA.

HISTÓRIA DIVINA E VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS, RAINHA E SENHORA NOSSA **MARIA SANTÍSSIMA** RESTAURADORA DA CULPA DE EVA E MEDIANEIRA DA GRAÇA.

Ditada e manifestada nestes últimos séculos pela mesma Senhora à sua escrava **Soror Maria de Jesus**, humilde Abadessa deste Convento da Imaculada Conceição da Vila de Ágreda, para nova luz do mundo, alegria da Igreja Católica e confiança dos mortais.

Ilustrações:
desenhos das Irmãs Servas do Espírito Santo,
extraídas da edição alemã, 1954.
Outras gravuras e fotos.

Capa:
Coração misericordioso de Maria.
Escultura de Frei M. Bernard

Imprimatur.
13.05.94
+ Murilo S. R. Krieger, scj
Bispo de Ponta Grossa

Pelo término desta Obra:
Glória a Deus e à sua
Mãe Santíssima.

A Tradutora e sua Comunidade religiosa agradecem e rezam por todos
que colaboraram para sua publicação e pelos leitores que se alimentam
espiritualmente de seu edificante conteúdo.

O que se faz para Deus permanece para sempre. Amém.

A Venerável Madre Maria de Jesus de Ágreda, escrevendo a Obra Mística Cidade de Deus.

LIVRO 7º

INTRODUÇÃO

À TERCEIRA PARTE DA DIVINA HISTÓRIA E VIDA SANTÍSSIMA DE MARIA MÃE DE DEUS.

Temores da Escritora

*1. Quem navega em perigoso e alto mar (**Ecl 43, 26**), quanto mais nele avança, tanto mais costuma sentir o temor das tempestades e o receio dos inimigos corsários que o podem atacar. A ignorância e a fraqueza aumentam o medo. Não sabe quando e por onde sobrevirá o perigo e tampouco é capaz de o evitar antes que chegue, ou lhe resistir quando vier.*

É o que me acontece, mergulhada no imenso pélago da excelência e grandeza de Maria Santíssima, embora seja mar de leite, cheio de serenidade muito tranqüila, como vejo e confesso.

Para vencer meus temores, não basta encontrar-me tão alto neste oceano de graça, tendo já escrito a primeira e segunda parte de sua vida santíssima. Nela mesma, como em imaculado espelho, conheci com maior luz e claridade, minha própria insuficiência e vileza.

Quanto mais evidente se me apresenta o conhecimento do objeto desta divina História, vejo-o mais impenetrável e menos compreensível para qualquer entendimento criado.

Os inimigos, príncipes das trevas, também não descansam. Semelhantes a corsários importuníssimos, pretendem me afligir e perturbar, com ilusões e tentações cheias de tal iniquidade e astúcia, que ultrapassam minha ponderação.

O navegante não tem outro recurso senão olhar para o norte que, como estrela do mar, segura e imóvel, o governa e guia entre as ondas. Eu me esforço para fazer o mesmo, na tormenta de minhas diversas tentações e temores. Voltada para o norte da vontade divina e para minha estrela Maria Santíssima, pela qual conheço aquela vontade, muitas vezes aflita, perturbada e temerosa, clamo do íntimo do coração e digo: Senhor e Deus Altíssimo, que farei nesta dúvida ? Prosseguirei esta História, ou mudarei de resolução? E vós, Mãe da graça e minha Mestra, mostrai-me vossa vontade e a de vosso Filho Santíssimo.

Resposta de Deus

2. Devo confessar a verdade de que a divina benignidade sempre deu resposta

à minhas súplicas. Nunca me recusou sua paternal clemência, declarando-me sua vontade por diversos modos. Esta verdade pode ser entendida ao se comprovar a assistência da divina luz, pela qual deixo escritas a primeira e segunda parte.

Além deste favor, inúmeras vezes o Senhor, por Si mesmo, por sua Mãe Santíssima e pelos anjos, me tranqüilizou e assegurou, com certezas e afirmações, para vencer meu temor e covardia. Ainda mais: os prelados e ministros do Senhor em sua santa Igreja, anjos visíveis, me aprovaram e intimaram a vontade do Altíssimo para que, sem receios, nela cresse e a cumprisse, prosseguindo esta divina História.

Não me faltou também a inteligência da luz ou ciência infusa que, com forte suavidade e doce energia, chama, ensina e estimula a conhecer o mais elevado da perfeição, o mais puro da santidade, a suprema virtude, o mais amável para a vontade. Tudo isto se me oferece como encerrado na arca mística de Maria Santíssima, qual maná escondido ***(Hb 9, 4)****, para que chegue a saboreá-lo e possuí-lo.*

Dificuldades pessoais

3. Apesar de tudo isto, para entrar na terceira parte e começar a escrevê-la, senti novas e fortes contradições, não menos difíceis de vencer do que para as duas primeiras. Posso afirmar, sem receio, que a cada frase e palavra que escrevo, é maior o número de tentações do que as letras de que são compostas.

Para justificar estes temores basta minha pessoa. Sabendo quem sou, não posso deixar de me acovardar, não podendo confiar em mim, pois tenho experiência de minha fraqueza. Não era isto, porém, nem a importância do assunto, o impedimento que encontrava, embora não o tenha logo percebido.

Apresentei ao Senhor a segunda parte que escrevera, como antes fizera com a primeira. A obediência compelia-me fortemente a dar começo a esta terceira e, com a energia que esta virtude comunica a quem se lhe sujeita, encorajava minha covardia para executar o que me era ordenado. Não obstante, entre o desejo e a dificuldade de começar, andei flutuando alguns dias, como embarcação agitada por fortes ventos contrários.

Encorajamentos e desânimos

4. Por um lado, o Senhor me ordenava que prosseguisse o começado, que era essa sua vontade e beneplácito, e em minhas contínuas súplicas nunca entendi outra coisa. Às vezes, eu dissimulava estas ordens do Altíssimo e não as comunicava logo ao prelado e confessor. Não agia assim por escondê-las, mas para maior segurança e para não suspeitar que eles se influenciavam por minhas informações. Deus, porém, que não se contradiz em suas obras, punha-lhes no coração a decisão de me ordenarem, com autoridade e preceitos, como sempre têm feito.

Por outro lado, a inveja e malícia da antiga serpente malsinava os fatos e sentimentos. Investia-me com furiosa tormenta de tentações: às vezes queria me guindar aos cumes da soberba, e em outras pretendia abater-me ao profundo da desconfiança e me envolver em negra treva de temores desordenados. Acrescentava a estas, diversas

tentações interiores e exteriores que cresciam à medida que eu prosseguia esta História, e ainda aumentavam quando me resolvia a terminá-la.

O inimigo valeu-se também do parecer de algumas pessoas que, por natural obrigação, eu devia alguma consideração e não me ajudavam a prosseguir o começado. Perturbava as religiosas que tenho a meus cuidados; parecia-me não dispor de tempo, pois não deveria deixar de seguir a comunidade, meu primeiro dever como superiora.

*Com esta perturbação, não acabava de estabelecer meu interior na paz e tranqüilidade necessárias para receber a atual luz e inteligência dos mistérios que escrevo. Esta não é bem captada, nem se comunica plenamente, no torvelinho das tentações que inquietam o espírito. Só chegam na branda e serena viração que refresca as potências (**3Rs 19, 11-12**).*

Exigências de perfeição

*5. Aflita e conturbada por tantas e diferentes tentações, não cessava de rezar, e certo dia disse ao Senhor: Altíssimo Senhor e bem de minha alma, não são ocultos à vossa sabedoria meus gemidos e o desejo de vos dar gosto e não errar no vosso serviço(**Sl 37,10**). Em vossa real presença, amorosamente me queixo: ou me mandais, Senhor, o que não posso fazer, ou deixais que vossos e meus inimigos, com sua malícia, me impeçam.*

Respondeu-me a esta queixa e, um pouco severamente, me disse: - Não poderás continuar o que começaste, nem acabarás de escrever a vida de minha Mãe, se não fores em tudo muito perfeita e agradável a meus olhos. Quero ver em ti o copioso fruto deste favor, e que sejas a primeira a recebê-lo com plenitude. Para o alcançares como Eu o quero, é necessário que desapareça em ti tudo o que é terreno, herdado de Adão: os efeitos do pecado, com suas inclinações e maus hábitos.

Esta resposta do Senhor despertou-me nova solicitude e mais ardentes desejos de fazer tudo o que me era indicado. Não consistia apenas na comum mortificação das inclinações e paixões, mas na morte absoluta da vida animal e terrena, para se renovar e transformar noutro ser de vida celeste e angélica.

Sofrimentos físicos

6. Desejando empregar todo o esforço no que me era proposto, examinava minhas inclinações e apetites, percorria todas as ruas e esquinas de meu interior e sentia veemente aspiração de morrer a todo visível e terreno. Neste exercício, sofri durante alguns dias muita aflição e desconsolo, porque ao passo que meus desejos cresciam, aumentavam os perigos e ocasiões de distrações com criaturas. Era o que bastava para me atrapalhar, e quanto mais queria afastar-me de tudo, tanto mais afogada e oprimida me encontrava com o mesmo que procurava evitar. De tudo se aproveitava o inimigo para me desanimar, apresentando-me como impossível a perfeição de vida que eu ambicionava.

A este desconsolo se acrescentou outro extraordinário e por mim inesperado: comecei a sentir uma disposição corporal estranha, com extrema sensibilidade para o que era penoso. O mais leve trabalho se me fazia mais intolerável que os maiores que até estão passava. As ocasiões de mortificação, que antes eram facilmente suportáveis, se me tornavam violentíssimas e terríveis.

Sentia-me tão fraca que qualquer dor me parecia mortais feridas. Uma disciplina[1] *fazia-me desmaiar e cada golpe me partia o coração. Não exagero dizendo, que só o tocar de uma das mãos na outra, me arrancava lágrimas, com grande confusão e desconsolo de me ver tão miserável. Esforçando-me por trabalhar, não obstante o mal que sofria, o sangue saltou-me pelas unhas.*

Recurso a Deus

7. Ignorando a causa desta novidade, refletia comigo mesmo e dizia com desgosto: Ai de mim, que miséria e que mudança é esta? Manda-me o Senhor que me mortifique e morra a tudo, e agora me sinto mais viva e menos mortificada.

Sofri alguns dias grande amargura e desgosto com minha preocupação, mas o Senhor me consolou, dizendo: Filha e esposa minha, não se aflija teu coração com o sacrifício e a surpresa de tanta sensibilidade. Quis, por este modo, extinguir em ti os efeitos do pecado, a fim de te transformares para vida e operações mais elevadas e de meu maior agrado; sem conseguir este novo estado, não poderás começar a escrever o que falta sobre a vida de minha Mãe e tua Mestra.

Esta resposta do Senhor fez-me recobrar alguma coragem, porque suas palavras sempre são de vida (Jo 6, 69) e a comunicam ao coração. Ainda que os trabalhos e tentações não diminuíam, dispunha-me a trabalhar e combater, sempre porém, desconfiando de minha fraqueza e duvidando obter remédio para ela. Procurava-o na Mãe da vida e determinei pedir instantemente sua proteção, como o único e último refúgio dos necessitados e aflitos. Dela e por Ela, a mim, a mais inútil da terra, sempre me vieram muitos bens.

Recorre à Maria Santíssima

8. Prostrei-me aos pés desta grande Senhora do céu e da terra, e derramando meu espírito em sua presença, pedi-lhe misericórdia e remédio para minhas imperfeições e defeitos. Apresentei-lhe meu desejo de agradar a Ela e a seu Filho santíssimo, e ofereci-me de novo a seu serviço, ainda que à custa de passar pelo fogo, por tormentos, e de derramar meu sangue.

A esta súplica, respondeu-me a piedosa Mãe: Minha filha, não ignoras que os desejos que o Altíssimo desperta em teu coração são prendas e frutos do amor com que te chama, para sua íntima comunicação e familiaridade. Sua vontade e a minha é que os realizes para não frustrar tua vocação e não retardar mais o agrado que o Senhor quer ter em ti.

Em todo o decurso da Vida que estás escrevendo, te adverti sobre a obrigação

---

1 - **Discíplina: flagelação. Mortificação tradicional usada na vida monástica.**N.T.

que este grande benefício te acarreta. Deves reproduzir em ti a cópia viva da doutrina que te dou e o modelo de minha vida, conforme as forças que a graça te conceder.

*Chegaste à terceira parte de minha História. É tempo que te eleves à minha perfeita imitação, que te vistas de fortaleza e estendas tua mão a coisas árduas (**Pv 31, 17-19**). Neste novo estado espiritual, começarás o que falta escrever, pois deverás ir praticando o que fores conhecendo. Sem esta disposição não poderás escrever, porque é vontade do Senhor que minha vida fique escrita mais em teu coração do que no papel. Deves sentir o que escreves, e escrever o que sentes.*

Admoestações da Virgem

***9.** Para isto, quero que teu interior se esvazie de toda imagem e afeto das coisas da terra (**Sl 44, 11**). Alheia e esquecida de todo o visível, teu contínuo convívio seja (**Fl 3, 20**) com o Senhor, comigo e com seus anjos e fora disto tudo o mais seja para ti estranho.*

Com a força da virtude e pureza que de ti quero, esmagarás a cabeça da antiga serpente e vencerás a oposição que te faz para escrever e agir. Acolhendo suas falsas sugestões de infundado temor, te fazes lenta em atender ao Senhor e entrar no caminho por onde Ele quer te levar, se acreditares em seus favores.

Quero dizer-te agora, ser este o motivo por que sua divina Providência permitiu ao dragão ser ministro de sua justiça, e castigar tua incredulidade e resistência à sua perfeita vontade. O inimigo aproveitou-se para te fazer cair em algumas faltas, propondo-te seus enganos cobertos de boa intenção e fins virtuosos: esforçou-se em te persuadir, falsamente, que não és para tão grandes e raros favores, porque nenhum mereces, e assim te levou à negligência e indelicadeza no agradecer.

Como se estas obras do Altíssimo fossem concedidas por justiça, e não por graça, o maligno te embaraçou muito neste engano. Deixaste de fazer o muito que poderias ter feito, com a graça divina, e não correspondeste ao que, sem mereceres recebes. É tempo, caríssima, de não mais duvidar, e crer no Senhor e em Mim que te ensino a mais segura e elevada perfeição, a minha perfeita imitação.

Seja, assim, vencida a soberba e crueldade do dragão e esmagada sua cabeça pelo poder divino. Não é razão que a impeças ou retardes, mas esquecida de tudo, te entregues amorosamente à vontade de meu Filho Santíssimo e minha. De ti queremos o mais santo, louvável e agradável a nossos olhos e beneplácito.

Fragilidade humana

***10.** Com este ensinamento de minha divina Senhora, Mãe e Mestra, minha alma recebeu nova luz e desejos de obedecer-lhe em tudo. Renovei meus propósitos, determinei superar a mim mesma com a graça do Altíssimo, e procurei dispor-me para remover qualquer obstáculo ao cumprimento da vontade divina em mim. Ajudei-me com a dolorosa aspereza da mortificação, para mim muito penosa pela viva sensibilidade em que me encontrava, como disse acima. Apesar de tudo, não cessava a guerra e resistência do demônio.*

Eu compreendia que minha empresa era muito difícil e que o estado ao qual

me levava o Senhor, ser-me-ia salvaguarda, porém era muito elevado para a humana fragilidade e para o peso da natureza terrena. Darei a entender bem esta verdade e a tardança de minha rude fragilidade, confessando que o Senhor, durante toda a minha vida, trabalhou para me levantar do pó e do esterco de minha vileza, multiplicando favores e benefícios que excedem meu pensamento.

Sua destra poderosa concedia-os para esse fim. Não convém, nem me é possível agora referi-los todos; tampouco me parece justo silenciá-los completamente, para que se veja em que baixa condição nos colocou o pecado; que distância cavou entre a criatura racional e a virtude e perfeição da qual é capaz, e quanto custa restituí-la a esse fim.

Morte mística

***11.** Alguns anos antes do que agora escrevo, recebi grande favor da divina destra. Foi uma espécie de morte civil para as operações da vida animal e terrena, seguindo-se a esta morte, novo estado de luz e operações. Como, porém, a alma fica sempre sob a veste da mortal e terrena corrupção, continua a sentir este peso que a oprime e faz descer **(Sb 9, 15)**, se o Senhor não lhe renovar o favor e a não ajudar com sua graça. Na ocasião de que falei **(nº 9)**, repetiu-o para mim, por intermédio da Mãe de piedade.*

*Numa visão, disse-me esta dulcíssima Senhora e grande Rainha: Presta atenção, minha filha, que já não deverás viver tua vida, mas a de teu Esposo Cristo em ti **(Gl 2, 20)**. Ele há de ser vida de tua alma e alma de tua vida. Para isto Ele deseja que por minha mão morras novamente à antiga vida, do modo que já o fez contigo outra vez, e assim passes à vida que de ti queremos. Desde hoje, saiba o céu e a terra que minha filha e serva Maria de Jesus morreu para o mundo. O Altíssimo assim o fez, a fim de que esta alma viva realmente só para aquilo que a fé ensina.*

Pela morte natural deixa-se tudo. Esta alma, assim despojada por última vontade e testamento, entregou sua alma a seu Criador e Redentor, e seu corpo à terra do próprio conhecimento e ao sofrimento sem oposição. Desta alma nos encarregamos, meu Filho santíssimo e Eu, para cumprir sua última vontade, se nos obedecer com prontidão.

Celebramos suas exéquias, com os habitantes de nossa corte, e damos-lhe sepultura no peito da humanidade do Verbo eterno, que é o jazigo dos que morrem para o mundo e para a vida mortal. Desde agora não viverá em si e para si, com operações de Adão, mas nela se há de manifestar a vida de Cristo, que é a sua vida. Suplico à sua imensa piedade receber, só para si, a alma desta defunta e reconhecê-la peregrina e estrangeira na terra, habitante no que é elevado e mais divino. Aos anjos ordeno reconhecê-la por companheira e com ela se comuniquem, como se estivesse livre da carne mortal.

Disposições da morte mística

***12.** Aos demônios mando que deixem a defunta, como deixam os mortos que já não estão sob sua jurisdição, nem têm parte com eles; desde hoje ela deve ficar mais*

morta às coisas visíveis, do que os defuntos ao mundo. Aos homens conjuro que a percam de vista e a esqueçam como esquecem os mortos, e a deixem em repouso, sem perturbar sua paz.

*E a ti, alma, mando e admoesto que te consideres como os que partiram do tempo e já estão na eternidade, em presença do Altíssimo. Quero que no estado da fé os imites, pois a certeza e a verdade do objeto, é a mesma para ti como para eles. Tua conversação há de ser nas alturas (**Fl 3, 20**), teu convívio com o Senhor de toda a criação, teu Esposo; teus diálogos sejam com os anjos e santos, e toda a atenção será para Mim, tua Mãe e Mestra. Para tudo o mais, terrestre e visível, não terás vida nem movimento, operações nem atos, tal como um corpo morto que não dá sinal de vida, nem sentimento com tudo o que lhe acontece ou se faz com ele.*

Não te hão de inquietar as ofensas, nem comover-te as lisonjas; não hás de sentir as injúrias nem se desvanecer pelas honras; a presunção não te elevará, nem a desconfiança te fará cair: não deverás consentir em movimento algum da concupiscência e da ira, porque teu modelo, nestas paixões, há de ser um corpo já defunto e livre delas.

Do mundo, tampouco deves esperar mais atenções, do que as que ele tem por um morto que logo é esquecido, até pelos que o louvavam quando vivia; mesmo os seus mais íntimos, procuram depressa afastá-lo, ainda que fosse pai ou irmão. Por tudo isso passa o defunto, sem queixar-se e sentir-se ofendido e sem se incomodar com os vivos, ou com o que deixa entre eles.

Finalidade da morte mística

13. Quando já estiveres assim defunta, resta apenas que te consideres alimento de vermes e desprezível corrupção, sendo sepultada na terra de teu próprio conhecimento. Seja isto de tal modo, que teus sentidos e paixões não tenham a ousadia de exalar mau cheiro diante do Senhor e entre os vivos, por estarem mal enterradas, como sucede a um corpo morto.

Se te mostrares viva ao mundo ou com paixões menos mortificadas, o asco, a teu entender, que causarás a Deus e aos santos, será maior do que na terra produziriam aos homens, cadáveres insepultos. Usar de tuas potências, olhos, ouvidos, tato e o mais, para servir ao gosto ou deleite, deve ser para ti coisa tão estranha e escandalosa, como se visses um defunto se movendo.

Por esta morte, porém, ficarás preparada para ser singular esposa de meu Filho santíssimo e minha verdadeira discípula e filha caríssima. Tal é o estado que de ti quero, e assim elevada será a sabedoria com que te ensinarei seguir minhas pegadas, imitando minha vida e copiando em ti minhas virtudes, no grau que te for concedido.

Este será o fruto de escrever minhas excelências e os altíssimos sacramentos de minha santidade que o Senhor te manifestar. Não quero sáiam do cofre do teu coração, sem deixar realizada em ti a vontade de meu Filho e a minha, a saber, a tua máxima perfeição. Bebendo as águas da sabedoria em sua origem, no próprio Senhor, não é razão que fiques vazia e sedenta do que dás aos outros, nem acabes

de escrever esta História sem aproveitar do grande benefício que recebes. Prepara teu coração com esta morte que de ti quero, e realizarás o meu e o teu desejo.

Deserto espiritual

14. *Até aqui as palavras que a grande Senhora do céu me dirigiu nesta ocasião, sem falar em todas as outras com que me repetiu esta doutrina de salutar e eterna vida; muito já foi escrito nas doutrinas que me deu nos capítulos da primeira e segunda parte, e continuarei a expor nesta terceira. Tudo dará bem a conhecer minha lentidão e pouco agradecimento a tantos benefícios; sempre me encontro atrasada na virtude e suscetível filha de Adão, apesar desta grande Rainha e seu poderoso Filho me terem prometido tantas vezes que, se eu morrer à terra e a mim mesma, me levantarão a outro estado muito elevado.*

Consiste na solidão e deserto entre as criaturas, sem ter sociedade com elas; participa-se apenas da presença e comunicação do Senhor, de sua Mãe Santíssima e dos santos anjos, deixando que todas as operações e movimentos sejam governadas pela força de sua divina vontade e para os fins de sua maior honra e glória.

Provações físicas e espirituais

15. *Durante toda minha vida, desde a infância, o Altíssimo me tem exercitado com alguns trabalhos de contínuas enfermidades, dores e outras provações através das criaturas. Aumentando os anos, cresceu também o sofrimento com uma nova tribulação que me fez esquecer bastante todas as outras: uma espada de dois gumes que me penetrou até o coração, e dividiu-me o espírito e a alma, como diz o Apóstolo* ***(Hb 4, 12)****. É o temor que muitas vezes insinuei, e por motivo do qual tenho sido repreendida nesta História.*

Quando menina já o sentia muito, mas depois que me tornei religiosa e me apliquei totalmente à vida espiritual e o Senhor começou a se manifestar mais à minha alma, esse temor atingiu grandes proporções. Desde esse tempo o Senhor me fixou nesta cruz, e apertou-me o coração nesta prensa. Passei a temer se estaria em bom caminho ou enganada e se perderia a graça e amizade de Deus.

Agravou-se muito essa tribulação, com a publicidade que, naquele tempo, fizeram algumas pessoas imprudentes, para meu grande desgosto, e pânico que outros me despertaram a respeito de meu caminho. De tal modo, se arraigou em meu coração este vivo temor, que jamais cessou. Não tenho podido superá-lo completamente, nem com a segurança de meus confessores e prelados, nem com a doutrina com que me instruíram, nem com as repreensões com que me têm corrigido, nem por qualquer outro meio que para isto empregaram.

Ainda mais: quando os anjos, a Rainha do céu e o mesmo Senhor me tranqüilizavam, em sua presença sentia-me libertada; saindo, porém, da esfera daquela divina luz, logo era assaltada novamente com incrível violência. Esta violência mostrava bem proceder da crueldade do infernal dragão, que voltava a me afligir com o temor do perigo, como se a verdade fôra ilusão.

O inimigo mais me aterrorizava, quando me dispunha a tudo comunicar a meus confessores e principalmente ao prelado que me dirigia, porque o príncipe das trevas nada teme tanto, como a luz e o poder dos ministros do Senhor.

Bom e mau temor

16. Entre a amargura desta dor e o ardentíssimo desejo de estar na graça e não perder a Deus, tenho vivido muitos anos, passando-se comigo tantos e tão diferentes sucessos, que seria impossível referi-los. Creio que a raiz deste temor era santa, mas muitos de seus ramos tinham sido infrutuosos, ainda que de tudo sabe servir-se a divina Sabedoria para chegar a seus fins. Por isto, permitia ao inimigo que me afligisse através do próprio dom do Senhor, pois o temor desordenado e que atrapalha, ainda que deseje imitar o bom, é mau e do demônio.

*Em certas ocasiões, minha aflição chegava a ponto, que me parece graça de Deus, não ter acabado com a vida de meu corpo e de minha alma. O Senhor, porém, a quem os mares e os ventos obedecem **(Mt 8, 27)** e todas as coisas o servem **(Sl 118, 91)**, que dá alimento a toda criatura no tempo mais oportuno **(Sl 144, 15)**, dignou-se dar tranqüilidade a meu espírito, para usufruí-la na trégua enquanto escrevo o resto desta História.*

Faz alguns anos que Ele me consolou, prometendo conceder-me sossego e paz interior antes de morrer; se o dragão se enfurecia tanto contra mim, era porque suspeitava não ter bastante tempo para me perseguir (Ap 12, 12).

Certeza e humilde temor

17. Para escrever esta terceira parte, certo dia, com singular agrado e benignidade falou-me o Senhor: Esposa e amiga minha, quero aliviar tuas penas e moderar tuas aflições. Sossega, minha pomba, e descansa na segura suavidade do meu amor e de minha poderosa e real palavra. Por ela, te garanto que sou Eu que te falo e escolho teus caminhos para meu agrado. Sou Eu que te conduzo por eles; estou à direita de meu eterno Pai, e no sacramento da Eucaristia sob as espécies de pão.

Dou-te esta certeza de minha verdade, para que te tranqüilizes e te assegures. Não te quero, amiga minha, para escrava, mas para filha e esposa de minhas delícias. Basta de temores e amarguras. Venha a serenidade e sossego a teu aflito coração. Estes carinhos e afirmações do Senhor, muitas vezes reiterados, levará alguém a pensar que não humilham e só dão gozo. Não. Abatem-me o coração até o pó e me enchem de cuidados e receios de meu perigo.

Quem imaginar o contrário, teria pouca experiência destas graças e segredos do Altíssimo e para elas seria incapaz. É certo que senti mudança em meu interior e muito alívio nas perturbações e tentações deste desordenado temor. Mas tão sábio e poderoso é o Senhor que, se de um lado dá certeza, por outro desperta a alma e a põe em novos cuidados, pelo perigo de cair; com isto, não a deixa esquecer o próprio conhecimento e humilhação.

Temor bem ordenado

18. Posso confessar que, estes e outros contínuos favores do Senhor, não foram tanto para me tirar os temores, quanto para os colocar em ordem. Sempre vivo na ansiedade de pensar se o desgostarei e perderei; como hei de ser agradecida e como corresponder à sua fidelidade; como amarei totalmente, quem é o Sumo Bem e merece todo o amor que lhe posso dar e mesmo o que não posso.

Invadida por estes receios, oprimida por minha grande miséria, desventura e muitas culpas, numa destas ocasiões, eu disse ao Altíssimo: Dulcíssimo amor meu, Senhor de minha alma, ainda que tanto me assegurais, para sossegar meu turbado coração; como posso viver sem temor nos perigos de tão penosa e temerosa vida, cheia de tentações e ciladas, se mais do que ninguém levo o meu tesouro em vaso frágil e quebradiço? (2Cor 4, 7).

Com paternal benignidade, respondeu-me: Minha querida esposa, não quero que deixes o temor justo de ofender-me. Todavia, é minha vontade que não te perturbes nem te entristeças desordenadamente, embaraçando-te na busca da perfeição de meu amor. Tens minha Mãe, Mestra para te ensinar e modelo para imitares. Eu te assisto com minha graça e te guio com minha direção. Dize-me, pois, que queres de mim, para tua segurança e tranqüilidade.

Graça especial para ser fiel

19. Com a submissão que me foi possível, respondi ao Senhor: Altíssimo Senhor e Pai meu, muito é o que me pedis, embora tudo devo à vossa bondade e imenso amor. Mas, conhecendo minha fraqueza e inconstância, só terei sossego quando não mais vos ofender, nem com um leve pensamento, nem com um movimento de minhas potências, e quando todas minhas ações sejam de vosso agrado e beneplácito.

Respondeu-me: Não te faltarão meus contínuos auxílios e favores se me corresponderes. E para que melhor o faças, quero conceder-te uma graça digna do amor com que te amo. Ligarei meu ser imutável à tua pequenez, com uma cadeia de especial providência. Nela ficarás atada e presa de maneira que se, por tua fraqueza ou vontade, fizeres algo que destoe de meu agrado, sentirás minha influência a te deter e chamar de volta para Mim. Desde já conhecerás e sentirás o efeito deste favor, como escrava atada para não fugir.

A mesma graça é triplicada

20. O Todo-poderoso tem cumprido esta promessa, com grande júbilo e bem de minha alma. Entre outros muitos favores e benefícios - que não convém referir, nem interessam ao presente assunto - nenhum foi para mim tão estimável como este. Sinto-o, não só nos grandes perigos, como ainda nos mínimos. Se, por negligência ou descuido, omito algum ato ou cerimônia do culto, ainda que seja o de humildade em beijar a terra para adorar o Senhor - como é costume na vida religiosa - logo sinto uma

suave força que me desperta e avisa de meu defeito e, quanto é de sua parte, não me deixa cometer nem uma pequena imperfeição.

Se algumas vezes caio por fragilidade, logo deparo com essa força divina, e meu coração se parte com enorme pena. Esta dor serve de freio para deter qualquer inclinação desordenada e de estímulo para procurar logo o remédio da culpa ou imperfeição cometida. Como os dons do Senhor são sem arrependimento (**Rm 11, 29**), *Ele não me tem retirado o que recebo com esta misteriosa cadeia.*

Ainda mais, por sua divina dignação, em certo dia, festa de seu santo Nome e Circuncisão, vi que triplicava esta cadeia para governar-me com maior energia, e para ser mais irresistível, pois o cordel triplicado, como diz o Sábio, dificilmente se quebra (**Ecl 4, 12**). *Tanto necessita minha fraqueza, para não ser vencida pelas importunas e astutas tentações que a antiga serpente forja contra mim.*

Intervenção dos Anjos

21. *Estas foram aumentado tanto nesse tempo que, não obstante as graças e os referidos mandatos do Senhor, a obediência e outras circunstâncias, eu vacilava em começar a escrever esta última parte. Sentia de novo contra mim, o furor das trevas e seus poderes que me queriam submergir.*

Assim entendi e me explicarei com as palavras de São João no capítulo 12 do Apocalipse: O enorme dragão lançou de sua boca as águas de um rio contra aquela Mulher divina (**Ap 12, 15**), *a quem movia perseguição desde quando esteve no céu. Como não pôde afogá-la nem atingi-la, voltou-se com grande ira contra a descendência daquela grande Senhora, os assinalados com o testemunho de Cristo Jesus* (**idem, 17**) *em sua Igreja.*

Esta antiga serpente estreou sua ira em mim, pelo tempo de que vou falando. Perturbou-me e forçou-me, na forma que pôde, a cometer algumas faltas que empanavam a pureza e perfeição de vida que me pediam, para escrever o que me ordenavam.

Continuando neste combate interior, chegou o dia da festa do santo Anjo custodio, 1° de março [2]*. Estando no coro a recitar matinas, senti de repente ruído muito grande que me produziu grande temor reverencial e me humilhou até a terra. Logo vi grande multidão de anjos no ar, em todo o coro, tendo no meio deles um de maior brilho e beleza, como se estivesse num tribunal. Entendi logo que era o arcanjo São Miguel. Disseram-me que eram enviados pelo Altíssimo, com poder e autoridade para fazer o julgamento de minhas culpas e descuidos.*

Repreensão dos Anjos

22. *Eu desejava prostrar-me na terra, reconhecer meus erros e chorá-los, humilhada ante aqueles soberanos juizes; mas por estar entre as religiosas não me atrevi a despertar-lhes a atenção com aquele ato. Fi-lo, porém, interiormente como me foi possível, chorando amargamente meus pecados.*

2 -Atualmente é a 2 de Outubro

Neste ínterim, compreendi que os anjos diziam entre si: Esta criatura é inútil, lenta e pouco fervorosa em fazer o que o Altíssimo e nossa Rainha lhe ordenam. Não acaba de dar crédito a seus benefícios e às contínuas iluminações que por nós recebe. Retiremos-lhe todos estes benefícios, pois não trabalha com eles, não quer ser tão pura e perfeita como lhe ensina o Senhor, nem se resolve a escrever a vida de sua Mãe santíssima, como lhe foi ordenado tantas vezes. Já que não se emenda, não é justo que receba tantos e tão grandes favores e doutrina de santidade.

Ouvindo estas palavras, cresceu meu pranto, enchi-me de aflição. Cheia de confusão e de íntima dor e amargura, prometi aos santos anjos a emenda de minhas faltas, e obedecer ao Senhor e à sua Mãe santíssima, até morrer se fosse preciso.

Pureza angélica

23. A esta humilhação e promessa, os espíritos angélicos abrandaram a severidade. Disseram-me que, se eu cumprisse com diligência o que lhes prometia, eles me garantiam assistir-me sempre com seu favor e amparo; aceitar-me-iam por sua companheira, comunicando-se comigo como o fazem entre si.

Agradeci-lhes este favor e lhes pedi que, por mim, o agradecessem ao Senhor. Desapareceram, advertindo-me que para o favor que me ofereciam eu tinha que imitá-los na pureza, sem cometer culpa nem imperfeição deliberada. Esta era a condição para cumprirem o prometido.

Meios sensíveis de perfeição

24. Depois destes e de outros muitos sucessos que não convém referir, fiquei mais humilhada por me ver tão ingrata e indigna de tantos benefícios, exortações e mandatos. Cheia de confusão e dor refleti que já não tinha desculpa para resistir à vontade divina, em tudo o que conhecia e a mim tanto importava.

Tomando a resolução de a cumprir, ainda que fosse para morrer na demanda, andei imaginando algum meio sensível e enérgico que me despertasse e avisasse de minhas inadvertências; que me empurrasse de tal modo que, se fosse possível, não ficasse em mim operações nem movimentos imperfeitos, e em tudo fizesse o mais santo e agradável aos olhos do Senhor.

Com submissão e de todo o coração, pedi a meu confessor e prelado que me repreendesse severamente e me obrigasse a ser perfeita e cuidadosa em tudo o que fosse mais ajustado à divina vontade, para eu cumprir o que Deus queria de mim. Neste cuidado ele era vigilantíssimo, como quem estava no lugar de Deus e conhecia sua vontade santíssima e o meu caminho. Todavia, nem sempre podia atender-me nem estar presente, pelas ausências a que o obrigavam os ofícios da vida religiosa e de seu cargo.

Decidi também falar a uma Irmã, com quem estava mais em contato, rogando-lhe me avisasse freqüentemente com alguma palavra de repreensão, de advertência ou ameaça. Imaginava estes e outros meios, com ardente desejo de dar prazer ao Senhor e à sua Mãe Santíssima e Mestra de minha virtude, e aos santos anjos, pois todos tinham igual desejo de meu aproveitamento na maior perfeição.

Intervenção do Anjo da guarda

25. Estando assim preocupada, certa noite manifestou-se-me o meu anjo da guarda e me disse, com especial agrado: o Altíssimo quer condescender com teus desejos e que eu faça contigo o ofício que estás querendo e procurando quem o exerça. Eu serei teu fiel amigo e companheiro, para avisar-te e chamar-te a atenção. Para isto sempre me acharás presente, como agora, em qualquer ocasião e tempo que me dirigires o olhar, com desejo de mais agradar a teu Senhor e Esposo, guardando-lhe inteira fidelidade.

Eu te ensinarei a louvá-lo continuamente, alternando comigo seus louvores, e te manifestarei novos mistérios e tesouros de sua grandeza. Dar-te-ei particulares conhecimentos de seu ser imutável e de suas perfeições divinas. Quando estiveres ocupada, por obediência ou caridade, e quando por alguma negligência te distraíres com alguma coisa exterior e terrena, eu te chamarei e avisarei para voltares a colocar no Senhor a tua atenção.

Para isto te direi alguma palavra e muitas vezes será esta: Quem como Deus que habita nas alturas e nos humildes de coração ***(Sl 112, 5)****? Em outras, te lembrarei os benefícios que recebeste do Altíssimo, o quanto deves a seu amor, inspirando-te a elevares para Ele o teu coração. Nestas advertências deverás ser pontual, atenta e obediente a meus avisos.*

O Anjo pertencia aos custódios da Mãe de Deus

26. O Altíssimo não quer esconder-te um favor que até agora ignoraste, entre tantos que recebeste de sua liberalidade, para desde já lhe agradeceres. Sou um dos mil anjos que serviram de custódios à nossa grande Rainha no mundo, e dos assinalados com a divisa de seu admirável e santo nome. Olha-me, e o verás em meu peito. Olhei prontamente e o vi escrito com grande resplendor, o que me encheu de consolo e júbilo espiritual.

Prosseguiu o santo anjo: Mandou-me também revelar-te que destes mil anjos, poucos e raras vezes são destinados a guardar outras almas; e até agora as que guarda, foram todas do número dos santos e nenhuma dos réprobos. Considera, pois, ó alma, tua obrigação de não alterar esta ordem, pois se com tal graça te perdesses, tua pena e castigo seria dos mais duros entre todos os condenados, e serias conhecida pela mais infeliz e ingrata das filhas de Adão.

O fato de receberes o privilégio de seres guardada por mim, um dos que foram custódios de nossa grande Rainha e Mãe de nosso Criador, Maria Santíssima, foi desígnio de sua altíssima Providência. Procedeu de te haver escolhido, em sua mente divina, entre todos os mortais, para escrever e imitar a vida de sua Mãe beatíssima. Fui designado para te instruir e assistir, como testemunha imediata das divinas obras e excelências de nossa Rainha.

Instruções do Anjo

27. Embora este ofício seja desempenhado principalmente pela grande Senhora, eu te administro as espécies necessárias, para declarar o que a divina Mestra te ensinou. Por ordem do Altíssimo te dou outras inteligências para com maior facilidade, escreveres os mistérios que te manifesta.

Tu sabes de tudo isto por experiência, ainda que nem sempre conhecias a ordem e mistério desta providência. Empregando-a de modo especial contigo, o Senhor me encarregou de, com suave energia, te compelir à imitação de sua Mãe puríssima, nossa Rainha, seguindo e obedecendo suas doutrinas. Desde agora, com maior instância e eficácia, vou fazer o que me foi mandado.

Propõe ser fidelíssima e agradecida a tão singulares favores, subindo às alturas da perfeição que te é pedida e ensinada. Adverte que, se alcançasses os supremos serafins, ainda ficarias devendo muito a tão copiosa e liberal misericórdia.

O novo modo de vida que o Senhor quer de ti, está contido e se resume na doutrina que recebes de nossa grande Rainha e Senhora, e no mais que entenderás e escreverás nesta terceira parte. Ouve-o com docilidade, agradece com humildade, põe-no em prática, solícita e cuidadosamente. Se o fizeres serás feliz e bem-aventurada.

Maria abençôa o início da terceira parte

28. Outras coisas que me disse o santo anjo, não são necessárias para este caso. O que deixo dito e escrito tem a finalidade de manifestar o modo que o Altíssimo usou comigo para me obrigar a escrever esta História, como também para se conhecer um pouco, os altos desígnios de sua sabedoria em mandar escrevê-la.

Eles são, não apenas para mim, mas para todos que desejarem aproveitar do fruto deste benefício, como eficiente meio para receber pessoalmente o da nossa redenção. Aprender-se-á também que a perfeição cristã não se alcança sem grandes lutas com o demônio, sem incessante trabalho em vencer e subjugar as paixões e más inclinações de nossa depravada natureza.

Para começar esta terceira parte, disse-me a divina Mãe e Mestra, com aprazível semblante : Minha bênção eterna e a de meu Filho santíssimo desçam sobre ti, para escreveres o resto de minha vida, fazendo-o com a perfeição que desejamos. Amém.

LIVRO 7º

SÉTIMO LIVRO E PRIMEIRO DA TERCEIRA PARTE.

CONTÉM: Os Dons concedidos por Deus à Rainha do céu para trabalhar na Santa Igreja; a vinda do Espírito Santo; o copioso fruto da redenção e da pregação dos Apóstolos; a primeira perseguição à Igreja; a conversão de São Paulo e a missão de São Tiago na Espanha; a aparição da Mãe de Deus em Saragoça e a fundação do Santuário de nossa Senhora do Pilar.

A Ssma. Trindade confia a Igreja aos cuidados da Virgem Maria

CAPÍTULO 1

O SALVADOR PERMANECE À DIREITA DO PAI, E MARIA SANTÍSSIMA DESCE DO CÉU PARA COOPERAR NO ESTABELECIMENTO DA IGREJA COM SUA ASSISTÊNCIA E MAGISTÉRIO.

A morte não tinha direito sobre Maria

1. Encerrei felizmente a segunda parte desta História, deixando nossa grande Rainha e Senhora no Cenáculo e no céu empíreo, assentada à direita de seu Filho e Deus Eterno (**Sl 44, 10**). Pelo modo milagroso que lhe concedeu o poder divino, como fica dito, seu corpo santíssimo estava em ambos os lugares. O Filho de Deus, para tornar sua ascensão mais admirável, levou-a consigo para dar a posse da inefável recompensa que Ela até então merecera, e marcar-lhe o lugar que correspondia aos seus méritos presentes e futuros, e que preparara desde a eternidade.

Eu disse também, como a Santíssima Trindade deixou à escolha da divina Mãe: ficar eternamente naquele felicíssimo estado de glória, ou voltar ao mundo para consolo dos primeiros filhos da Igreja do Evangelho, cooperando em seu estabelecimento. Sob esta condição, a vontade das três divinas Pessoas se inclinava, pelo amor que tinham a esta singular criatura, a conservá-la naquele abismo em que se encontrava absorta, e a não restituí-la outra vez ao mundo, entre os desterrados filhos de Adão.

Por um lado, parece que a justiça assim o exigia. O mundo já estava redimido com a paixão e a morte de seu Filho, tendo Ela cooperado com toda a plenitude e perfeição. A morte não tinha direito sobre Ela, não só por ter padecido em Si as dores de Cristo nosso Salvador - como disse em seu lugar (**2ª parte, nºs. 1264, 1341, 1381**) - mas também porque a grande Rainha nunca foi tributária da morte, do demônio e do pecado.

Por conseguinte, a lei comum dos filhos de Adão (**Hb 9, 27**) não a atingia. Sem morrer como eles, desejava o Senhor - a nosso modo de entender - que tivesse trânsito diferente, passando de viadora a compreensora, do estado mortal ao imortal, sem morrer na terra, quem nela não havia cometido culpa para merecer a morte. Mesmo estando no céu, podia o Altíssimo passá-la de um estado a outro.

A Santíssima Trindade dá Maria ao mundo

2. Por outro lado, havia a solicitação da caridade e humildade desta admirável e querida Mãe. O amor a inclinava a socorrer seus filhos, e a trabalhar para que o nome do Altíssimo fosse conhecido e exaltado na Igreja nascente. Desejava também, com sua intercessão, trazer muitos à

perfeição da fé, e imitar seus filhos e irmãos de natureza, morrendo na terra ainda que não estava sujeita a este tributo, pois não tinha pecado (**Rm 6, 23**).

Com sua grandiosa sabedoria e admirável prudência, conhecia quão estimável era poder merecer o prêmio e a coroa, mais do que possuí-la por breve tempo, ainda que fosse na glória. Esta humilde sabedoria não ficou sem pagamento à vista. O eterno Pai publicou a todos os cortesãos do céu, o desejo divino e a escolha de Maria para o bem da Igreja militante e amparo dos fiéis. Todos conheceram no céu o que é justo conhecermos agora na terra.

O Pai eterno que, como diz São João, amou o mundo até lhe dar seu Unigênito para o redimir (Jo 3, 16), agora dava novamente sua filha Maria Santíssima, enviando-a de sua glória, para plantar a Igreja que Cristo havia fundado. O Filho deu sua amantíssima e dileta Mãe, e o Espírito Santo a sua querida Esposa.

Este benefício teve outra característica que o elevou ao máximo: foi concedido após as injúrias, paixão e ignominiosa morte de Cristo, nosso Redentor, que tornara o mundo mais desmerecedor. Oh! infinito amor! Caridade imensa! Como fica provado que as muitas águas de nossos pecados não a podem extinguir (**Ct 8, 7**)!

Maria volta do céu

3. Terminados três dias completos que Maria permaneceu no céu, gozando em alma e corpo a glória, à direita de seu Filho e Deus verdadeiro; tendo sido aceita sua vontade de voltar à terra, partiu do supremo céu empíreo para o mundo, com a bênção da Santíssima Trindade. Deus ordenou a inumerável multidão de anjos para a acompanhar, escolhendo-os de todos os coros e muitos dos supremos serafins, mais próximos ao trono da Divindade.

Refulgentíssima nuvem ou globo luminoso recebeu-a, servindo-lhe de precioso carro ou relicário, conduzida pelos serafins. Não pode caber em humano pensamento, na vida mortal, a beleza e resplendor com que vinha a divina Senhora. É certo que nenhuma criatura vivente a poderia ver sem perder a vida. Por isso, foi necessário que o Altíssimo velasse sua refulgência aos que a olhavam, até que se fosse moderando a luz que refletia.

Só ao evangelista São João foi concedido ver a divina Rainha, na plena irradiação da glória que gozava no céu. Bem podemos compreender a magnífica formosura e esplendor da Rainha e Senhora dos céus, descendo do trono da beatíssima Trindade, pelo que se passou com Moisés (**Ex 34, 29**): tendo falado com Deus no monte Sinai, onde recebeu a lei, voltou com a face tão luminosa que os israelitas não o podiam fitar (**2Cor 3, 13**).

E não sabemos se o Profeta teria visto claramente a Divindade. Mas ainda que a visse, é certíssimo que tal visão não chegou ao mínimo da que gozou a Mãe de Deus.

Oração de Maria

4. A grande Senhora chegou ao Cenáculo, para substituir seu Filho santíssimo na Igreja nascente. Vinha tão repleta de dons da graça para o exercício deste ministério, que foi a admiração dos anjos e o assombro dos santos, pois era o vivo retrato de Cristo, nosso Mestre e Redentor.

Desceu da nuvem de luz e, sem ser vista pelos que estavam no Cenáculo, ficou em seu ser natural, no sentido de estar só naquele lugar. No mesmo instante, a Mestra da santa humildade prostrou-se em

terra e apegando-se ao pó, disse: Deus altíssimo e Senhor meu, aqui está este vil bichinho da terra, reconhecendo que dela fui formada (**Gn 2, 7**), passando da não existência ao ser que tenho, por vossa liberalíssima clemência.

Reconheço também, ó altíssimo Pai, que vossa inefável dignação, sem Eu merecer, me elevou do pó à dignidade de Mãe de vosso Unigênito. De todo meu coração, louvo e exalto vossa imensa bondade, por assim me terdes favorecido. Em agradecimento de tantos benefícios, ofereço-me para viver e trabalhar novamente nesta vida mortal, o quanto vossa vontade santa ordenar. Sacrifico-me como serva fiel, vossa e dos filhos da santa Igreja.

Apresento-os todos ante vossa imensa caridade e vos suplico, do íntimo de meu coração, que os olheis como Deus e Pai clementíssimo. Por eles ofereço o sacrifício de não gozar vossa glória e repouso, para servi-los; de ter escolhido, livremente, privar-me de vossa clara visão, para sofrer e trabalhar no que vos é tão agradável.

São João evangelista conhece o mistério

5. Para voltar ao céu, despediramse da Rainha os santos anjos que a tinham acompanhado, dando à terra parabéns porque nela deixaram novamente por moradora a grande Rainha e Senhora.

Advirto que, estando a escrever isto, os santos príncipes me perguntaram porque eu não costumava, mais vezes nesta História, chamar Maria Santíssima, Rainha e Senhora dos anjos; que não descuidasse fazê-lo daqui em diante, pelo grande gozo que sentem com isso. Para lhes obedecer e lhes dar gosto, daqui em diante, muitas vezes, darei esse título à Mãe de Jesus.

Prossigamos nossa História. Depois que a divina Mãe desceu do céu ao Cenáculo, permaneceu por três dias muito abstraída de tudo, gozando a redundância do júbilo e demais efeitos da glória que recebera nos três dias precedentes no céu.

Deste escondido sacramento, apenas o Evangelista, entre todos os mortais, teve conhecimento. Numa visão lhe foi manifestado como a grande Rainha subira ao céu em companhia de seu Filho Santíssimo, e de lá a viu descer com a glória e os dons com que voltou ao mundo, para enriquecer a Igreja. Pasmado de tão surpreendente mistério, São João esteve dois dias como suspenso e fora de si. Depois de sua Mãe santíssima ter descido das alturas, queria falar-lhe mas não tinha coragem.

São João na presença de Maria

6. Entre o fervor do amor e o retraimento da humildade, esteve o predileto Apóstolo lutando consigo quase um dia todo. Vencido pela afeição filial, resolveu ir à presença da divina Mãe no Cenáculo, mas de caminho ainda hesitou, pensando: Como atrever-me a satisfazer meu desejo, sem primeiro saber a vontade do Altíssimo e de minha Senhora? Meu Redentor e Mestre, porém, ma deu por Mãe e favorecendo-me com o título de filho me confiou a obrigação de servi-la. É meu ofício, e suave e piedosa como é, me perdoará e não desprezará meu desejo. Vou prostrar-me a seus pés.

Decidiu-se e entrou onde estava a divina Rainha, em oração com os demais fiéis. No momento que levantou os olhos para vê-la, caiu prostrado sentindo efeitos semelhantes aos que, com seus dois companheiros, sentira no Tabor quando o Senhor se transfigurou (**Mt 17, 2**).

O resplendor que São João viu no rosto da Mãe Santíssima era muito seme-

lhante ao do Salvador, naquela ocasião. Como o Apóstolo ainda tinha presentes as espécies da visão, na qual a viu descer do céu, sua natural fraqueza não resistiu e caiu em terra. Repleto de admiração e gozo, esteve assim prostrado quase uma hora sem poder levantar-se, venerando profundamente a Mãe de seu Criador.

Os demais Apóstolos e discípulos

que se encontravam no Cenáculo, não estranharam nem perceberam a razão desse fato porque, à imitação de seu divino Mestre e com o exemplo e ensinamento de Maria Santíssima, rezavam muitas vezes em cruz ou prostrados, enquanto aguardavam a chegada do Espírito Santo.

Humildade da Virgem

7. Estando assim prostrado o humilde e santo apóstolo, aproximou-se a piedosa Mãe e o fez levantar-se do solo. Mostrando-se com o semblante mais normal, pôs-se de joelhos e lhe disse: Senhor, meu filho, já sabeis que todas minhas ações serão feitas por obediência a vós, porque estais no lugar de meu Filho santíssimo e meu Mestre, para ordenar-me tudo o que devo fazer. Quero pedir-vos novamente que assim o façais, pelo consolo que sinto em obedecer.

Ao ouvir estas palavras, o santo Apóstolo encheu-se de pasmo e confusão, em vista do que conhecera sobre a grande Senhora. Tornou a prostrar-se em sua presença, oferecendo-se por seu escravo e suplicando fosse Ela a mandá-lo e governá-lo em tudo.

Nesta porfia persistiu São João algum tempo, mas por fim, vencido pela humildade de nossa Rainha, sujeitou-se à sua vontade, obedecendo-lhe em mandá-la, como a Senhora desejava. Para ele era o mais acertado, e para nós exemplo raro e enérgico para nos repreender e ensinar a reprimir a soberba. Se nos confessamos filhos e devotos desta divina Mãe e Mestra de humildade, é justo e devido imitá-la e segui-la.

Ficaram tão impressas no entendimento e potências interiores do Evangelista, as espécies do estado em que viu a grande Rainha dos anjos que, por toda a sua vida, aquela imagem lhe permaneceu no interior. Nesta ocasião, quando a viu descer do céu, ficou suspenso de admiração. As inteligências que dela teve, o santo Evangelista expôs mais tarde no Apocalipse, em particular no capítulo 21, como direi no seguinte desta história.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA DOS ANJOS.

Condições de progresso

8. Minha filha, até agora, muitas

vezes repeti que deves te afastar de todas as coisas visíveis e terrenas, morrer a ti mesma e à tua herança de filha de Adão. Assim te admoestei e ensinei nas doutrinas da primeira e segunda parte de minha vida. Agora te chamo novamente, com afeto de amorosa e piedosa Mãe. Em nome de meu Filho santíssimo, meu e de seus anjos, que também muito te amam, convido-te para, esquecida de tudo o que tem ser, te elevares a outra nova vida mais alta, celestial e imediata à eterna felicidade.

Quero que te afastes completamente de Babilônia, de teus inimigos e das falsas vaidades com que te perseguem, e te aproximes da celestial Jerusalém. Vive em seus átrios, ocupando-te inteiramente em minha verdadeira e perfeita imitação. Por ela, com a divina graça, chegarás à íntima união com meu Senhor e teu divino e fidelíssimo Esposo.

Ouve, pois, caríssima, a minha voz, com alegre devoção e pronta vontade. Segue-me, fervorosa, renovando tua vida pelo modelo que vais delineando com a minha. Atende ao que eu fiz, depois que da destra de meu Filho santíssimo voltei ao mundo. Medita e penetra cuidadosamente minhas obras, para, segundo a graça que receberes, copiares em tua alma o que entenderes e escreveres. O auxílio divino não te faltará, porque o Altíssimo nada quer recusar a quem, de sua parte, faz o que pode no que é de seu agrado e beneplácito.

Só por tua negligência desmerecerás seu favor. Prepara e abre teu coração, afervora tua vontade, purifica teu entendimento, esvazia tuas potências de toda imagem, e espécies de criaturas visíveis. Que nenhuma te embarace e te faça cometer uma leve culpa ou imperfeição sequer, para que o Altíssimo possa depositar em ti sua oculta sabedoria. Deste modo, estarás preparada e pronta para realizar com ela todo o mais agradável a nossos olhos, conforme te ensinaremos.

Vida ressuscitada

9. Desde hoje, tua vida deverá ser como a vida de alguém que a recebeu ressuscitada, depois de ter morrido à que tinha antes. Quem recebe esta graça, costuma voltar à vida transformado e quase estranho a tudo o que antes amava. Seus desejos mudaram, reformou-se sua mentalidade e seu procedimento é completamente outro. Deste modo, e com maior elevação, quero que tu, minha filha, fiques renovada. Deverás viver como se participasses dos dotes gloriosos da alma, na forma que te é possível e com o poder divino que agirá em ti.

Para estes efeitos tão divinos, porém, é necessário que colabores e prepares o coração. Fica livre, como tábua bem polida e cera branda, onde o dedo do Altíssimo possa escrever e desenhar sem resistência, e imprimir-lhe a marca de minhas virtudes. Quer o Senhor que sejas, em sua poderosa mão, o instrumento para realizar sua vontade santa e perfeita. O instrumento não resiste à vontade do artífice, e se tem vontade usa dela só para se deixar manejar.

Vem, pois, caríssima, para onde te chamo. Adverte que, se ao Sumo Bem é natural, em todos os tempos, comunicar-se e beneficiar suas criaturas, no presente século quer este Senhor e Pai das misericórdias manifestar mais sua liberal clemência pelos mortais.

Isto porque o tempo se esgota e são poucos os que querem se dispor para receber os dons de sua poderosa destra. Não percas tu, tão boa oportunidade. Segue e corre após meus passos e não contristes o Espírito Santo, com morosidade, quando Ele te convida a tanta felicidade com maternal amor e tão elevada e perfeita doutrina.

Maria Santíssima rainha

CAPÍTULO 2

SÃO JOÃO EVANGELISTA, MARIA E O APOCALIPSE. NO CAPÍTULO 21 FALA, LITERALMENTE, DA VISÃO QUE RECEBEU AO VÊ-LA DESCER DO CÉU.

São João Evangelista, secretário de Maria santíssima

10. Com amor de predileção, nosso Salvador crucificado dera ao apóstolo São João o sobreexcelente ofício e dignidade de filho de Maria Santíssima. Era conseqüente a esta obrigação, tornar-se secretário dos inefáveis mistérios da grande Rainha, que a outros permaneciam mais ocultos. Por isto, foram-lhe revelados muitos dos que Nela se realizaram, e foi testemunha ocular do misterioso segredo especial que sucedeu no dia da Ascensão do Senhor aos céus.

Foi concedido a esta águia sagrada ver subir o sol, Cristo nosso bem, com luz sete vezes mais intensa, como diz Isaias (**30, 26**), e a lua com luz como a do sol, tão semelhante lhe era. Viu-a o feliz Evangelista subir e permanecer à destra de seu Filho, e com grande admiração viu-a também descer. Conheceu como voltava ao mundo, renovada e transformada, depois que recebera a inefável glória do céu, com tantos influxos da Divindade e participação de seus atributos.

Prometera nosso Salvador Jesus aos Apóstolos que, antes de subir ao céu, providenciaria para que sua Mãe Santíssima permanecesse com eles na Igreja, para seu consolo e instrução como ficou dito no fim da segunda parte [3]. O Apóstolo João, porém, com o gozo e admiração de ver a grande Rainha à direita de Cristo nosso Salvador, esqueceu-se por um momento daquela promessa. Absorto naquela tão inesperada novidade, chegou a recear que a divina Mãe ficasse lá na glória que gozava. Nesta dúvida, padeceu São João, apesar do júbilo que sentia, outros amorosos delíquios que muito o afligiram, até que tornou a se recordar das promessas de seu Mestre e Senhor, e viu sua Mãe Santíssima descer novamente à terra.

Os mistérios de Maria e sua oportunidade

11. Os mistérios desta visão ficaram impressos na memória de São João e jamais os esqueceu, como também os demais que lhe foram revelados sobre a grande Rainha dos anjos. Desejava ardentemente, o sagrado Evangelista, deixar notícias deles na Igreja. A humildade prudentíssima de Maria, Senhora nossa, impediu-o de os manifestar, enquanto Ela vivia na terra.

Deveria conservá-los escondidos no coração, até o Altíssimo ordenar de outro modo, porque naquela época não

3 - 2ª parte, nº 1505

convinha torná-los conhecidos no mundo. Obedeceu o Apóstolo à vontade da divina Mãe. Ao chegar o tempo oportuno, de acordo com a disposição divina, o Evangelista, antes de morrer, enriqueceu a Igreja com o tesouro destes ocultos sacramentos.

Foi ordem do Espírito Santo que os escrevesse em metáforas e inigmas, tão difíceis de entender, como a própria Igreja reconhece. Foi conveniente que não ficassem claros para todos, mas fechados e selados como a pérola e o nácar no interior da concha, ou como o ouro oculto nos veios da terra, para que a Igreja com nova luz e operosidade, os extraísse quando fosse necessário. Enquanto isso, permaneceriam em depósito na obscuridade das sagradas Escrituras, especialmente no livro do Apocalipse, assim como declaram os santos Doutores.

Perigo da idolatria

12. A respeito da providência que usou o Altíssimo em esconder a grandeza de sua Mãe Santíssima na primitiva Igreja, já falei alguma coisa no decurso desta divina História (**2ª parte, nº 413**). Não me dispenso de repetir aqui a mesma advertência, pela admiração que vai sentir quem agora a for conhecendo.

Para tirar a dúvida, se alguém a tiver, ajudará muito considerar o que diversos santos e Doutores advertem, sobre o fato de ter Deus ocultado aos judeus o corpo e a sepultura de Moisés (**Dt 34, 6**). Foi para evitar que aquele povo, tão inclinado à idolatria, prestasse adoração ou algum outro culto supersticioso e vão, ao corpo do Profeta que tanto haviam estimado.

Dizem que, pela mesma razão, quando Moisés descreveu a criação do mundo e de todas as criaturas, ainda que os anjos eram a parte mais nobre delas, o Profeta não os designou com palavras claras, mas subentendeu sua criação, naquela frase: Deus criou a luz (**Gn I, 3**). Nesta expressão, deixou possibilidade para se entender a luz material, que ilumina este mundo visível e, por metáfora, também aquelas luzes substanciais e espirituais, os santos anjos, de quem, naquela ocasião, não era oportuno deixar mais clara notícia.

Chegou o tempo de exaltar Maria

13. A idolatria sempre contagiara os hebreus, pelo contato e proximidade com os gentios, tão inclinados e cegos em atribuir divindade a todas as criaturas que lhes pareciam grandes, poderosas ou superiores em algum poder. Muito maior perigo havia para os próprios gentios, se ao começar lhes pregar o Evangelho e a fé em Cristo nosso Salvador, se lhes propuses-

se, ao mesmo tempo, a excelência de sua Mãe santíssima.

Como prova desta verdade basta o testemunho de São Dionisio Areopagita.[4] Sábio filósofo, através da natureza chegou ao conhecimento da Deus. Apesar disso, chegando, quando cristão, a ver e falar com Maria santíssima, declarou que se a fé não lhe ensinara ser Ela pura criatura, tê-la-ia considerado e adorado como divindade.

Neste perigo incorreriam os pagãos ignorantes e confundiriam a divindade do Redentor, em que deveriam crer, com a grandeza de sua Mãe puríssima, se ambas lhes fosse propostas ao mesmo tempo. Pensariam que também Ela era Deus como seu Filho, já que eram tão semelhantes na santidade.

Este perigo agora cessou. Arraigou-se profundamente na Igreja a fé do Evangelho, ilustrada com a doutrina dos sagrados Doutores e com tantas maravilhas operadas por Deus, para manifestação do Redentor. Com toda esta luz, sabemos que só Ele é Deus e homem verdadeiro, cheio de graça e de verdade (**Jo 1,14**); que sua Mãe é pura criatura e, sem ter divindade, foi cheia de graça, imediata a Deus e superior a todo o resto das criaturas.

Nesta época, esclarecida pelas verdades divinas, sabe o Senhor, quando e como convém aumentar a glória de sua Mãe santíssima, revelando os enigmas e segredos das sagradas Escrituras, onde a conserva encerrada.

Maria no Apocalipse

14. O mistério de que vou falando, com outros muitos de nossa grande Rainha, foi descrito sob metáforas pelo Evangelista, no capítulo 21 do Apocalipse, em particular quando chamou Maria Santíssima cidade santa de Jerusalém, e a descreveu em todo aquele capítulo.

Na primeira parte desta História, expliquei-o mais por extenso, em três capítulos, aplicando-o, conforme me foi dado a entender, ao mistério da Imaculada Conceição da Mãe santíssima. Agora, será comentado para explicar a descida da Rainha dos Anjos do céu à terra, depois da Ascensão de seu Filho santíssimo.

Não se pense, por isto, haver contradição entre estas interpretações. Ambas estão contidas no texto sagrado, pois não há dúvida que a divina Sabedoria pode, na mesma letra, encerrar perfeitamente muitos mistérios. Disse David (**Sl 61, 12**) que numa palavra se podem entender duas coisas, como realmente as entendeu, sem confusão nem engano. E esta é uma das causas da dificuldade da Sagrada Escritura e necessário, para que a obscuridade a faça mais fecunda e estimável, e seja tratada pelos fiéis com maior humildade, atenção e reverência. Tal estilo, cheio de mistério e metáforas, é adequado para significar melhor muitos mistérios, sem forçá-los dentro dos limites de termos mais restritos.

Dois mistérios num só texto

15. Isto se entenderá melhor no mistério de que falamos: Diz o Evangelista que viu descer do céu a cidade santa de Jerusalém nova e adornada, etc. (**Ap 21, 2**). Não há dúvida que a metáfora de cidade convém realmente a Maria santíssima; agora desceu do céu, depois de ter a ele subido com seu bendito Filho. Antes, na sua concepção imaculada, também desceu da mente divina, onde foi formada como novo céu e nova terra, segundo ficou explicado na primeira parte.

Quando a viu descer corporalmente, na ocasião que vamos descrevendo, o Evangelista abrangeu ambos os mistérios,

4 - S. Dion. in epis. ad Paulum

e os encerrou naquele capítulo. Agora será explicado neste sentido e, ainda que se repita a letra do sagrado texto, será com mais brevidade, pelo que já ficou dito na primeira explicação. Desta vez, falarei em nome do Evangelista para me cingir mais ao texto.

O novo céu e a nova terra

16. "Vi, diz São João, um céu novo e terra nova, porque já passou o primeiro céu e a primeira terra, e o mar não mais existe (**Ap 21, 1**)". Céu novo e terra nova significam a humanidade santíssima do Verbo Incarnado e sua divina Mãe. Céu pela habitação, novo pela renovação. Em Cristo Jesus nosso Salvador habita a divindade (**Cl 2, 9**) em unidade de pessoa pela união substancial e indissolúvel. Depois de Cristo, a divindade habita em Maria, por modo singular, de graça.

Agora, após a ressurreição e a ascenção, estes céus são novos. A Humanidade passível, chagada, morta e sepultada, S. João a viu elevada e colocada à destra de seu eterno Pai, coroada dos dotes da glória, merecidos por sua vida e morte. Viu também a Mãe que lhe deu este ser passível e cooperou na redenção da linhagem humana, assentada à destra de seu Filho (**Sl 44, 10**). Absorta no oceano da divina e inacessível luz, participando da glória de seu Filho pelo título de Mãe e pelo justo mérito de suas obras de inefável caridade.

Chamou também céu novo e terra nova a pátria dos viventes, renovada com a lâmpada do Cordeiro (**Ap 21, 23**), com os despojos de seu triunfo e com a presença de sua Mãe. Reis verdadeiros, ao tomarem posse do reino eterno, renovaram-no pelo novo gozo que comunicaram a seus antigos moradores. Esta alegria procedeu da sua presença e dos novos filhos de Adão que trouxeram para povoar o céu, como cidadãos e familiares que jamais o perderão.

Com esta novidade, terminou o primeiro céu e a primeira terra, por diversos motivos. O céu da Humanidade santíssima de Cristo e o de Maria, onde Cristo viveu como num primeiro céu, subiram às eternas moradas, levando a elas a terra da natureza humana. Por sua vez os homens passaram do antigo céu e terra da natureza passível, aos novos do estado da impassibilidade. Foram-se os rigores da justiça e chegou o descanso. Passou o inverno dos sofrimentos (**Ct 2, 11**) e chegou o verão do eterno gozo e alegria.

Acabou também a primeira terra e céu dos mortais, porque entrando Cristo, nosso bem, com sua Mãe Santíssima na celestial Jerusalém, quebraram-se as fechaduras e cadeados que a conservavam fechada há cinco mil duzentos e trinta e três anos. Neste tempo os mortais nela não podiam entrar, enquanto a divina justiça não fosse satisfeita pela reparação do pecado.

Maria, novo céu e nova terra

17. Maria santíssima, em particular, foi novo céu e nova terra, ao subir ao céu com seu Filho e Salvador Jesus. Ai tomou posse, à sua destra, na glória da alma e do corpo, sem haver passado pela morte comum a todos os filhos dos homens. Em sua condição humana, Ela já era céu onde, por modo especialíssimo, vivia a Divindade. Agora, por ordem admirável, passou a ser novo céu e nova terra, onde habitava Deus com suma glória entre todas as criaturas.

Por esta renovação, nesta terra habitada por Deus, não existia mar. Para Ela, Maria, teriam terminado as amarguras e tormentos dos trabalhos se aceitasse

permanecer, desde aquela hora, naquele felicíssimo estado. Para os outros que, em alma e corpo ou só em alma, ficaram na glória, tampouco houve mar de borrascas e perigos, como havia na primeira terra do estado mortal.

As riquezas da graça em Maria

18. "E eu, João - prossegue o Evangelista - vi a cidade santa de Jerusalém que descia do céu e de Deus, adornada como a esposa para o seu esposo (**Ap 21, 2**)".

- A mim, indigno Apóstolo de Jesus Cristo, foi revelado este oculto mistério, para manifestá-lo ao mundo. Vi a Mãe do Verbo humanado, verdadeira e mística cidade de Jerusalém, visão de paz, que descia do trono de Deus à terra. Vinha revestida de divindade, adornada com nova participação de seus atributos - sabedoria, poder, santidade, imutabilidade, amabilidade - e toda semelhante a seu Filho. Vinha como instrumento da onipotente destra, como vice-deus, por nova participação. Privando-se, voluntariamente, do gozo da visão beatífica, vinha à terra para trabalhar em benefício dos fiéis.

Por este motivo, determinou o Altíssimo enviá-la preparada e guarnecida com todo o seu poder. Quis suprir o estado da visão beatífica que Ela deixara, com outra participação e visão de sua incompreensível divindade. Compatível com o estado de viadora, esta visão era tão divina e elevada que excedia a todo humano e angélico entendimento.

Para isto adornou-a, por sua mão, com todos os dons possíveis, e a deixou preparada como esposa para seu esposo, o Verbo humanado. Nenhuma graça e excelência, das que Ele pudesse lhe desejar, n'Ela faltou. Nem por estar ausente de seu trono, este Esposo deixou de permanecer com Ela e n'Ela como em céu e trono proporcionado. Como a esponja se embebe do licor onde mergulha, enchendo com ele todos seus espaços, assim também, a nosso modo de entender, ficou esta grande Senhora repleta da influência e comunicação da divindade.

Por Maria, Deus permanece com os homens

19. Prossegue o texto: "Ouvi uma grande voz que saía do trono e dizia: Olha o tabernáculo de Deus com os homens; habitará com eles, serão seu povo e ele será seu Deus. (**Ap 21, 3**)".

Esta voz que saiu do trono, atraiu toda minha atenção, com divinos efeitos de suavidade e gozo. Entendi como, ainda em vida mortal, a grande Senhora recebia a posse da recompensa futura, por singular favor e prerrogativa, devida somente a Ela entre todos os mortais.

Ainda que nenhum dos que chegam a receber esta recompensa, tem poder ou liberdade para voltar a este mundo, a esta esposa única foi concedida tal graça, para exaltação de sua grandeza. Tendo chegado à posse da glória do céu, reconhecida e aclamada por seus cortesãos, como legítima Rainha e Senhora, livremente desceu à terra, para ser serva de seus próprios vassalos e criá-los e dirigi-los como filhos.

Por esta imensa caridade, mereceu novamente ter a todos os mortais como seu povo, sendo-lhe confirmada a posse da Igreja militante, onde voltava a ser habitante e governadora. Assim, mereceu também que Deus permanecesse com os homens, misericordioso e propício, porque no peito de Maria puríssima esteve sacramentado todo o tempo que Ela viveu na Igreja, depois que desceu do céu. Para ficar com

Ela, ainda que não houvesse outras razões, seu Filho ter-se-ia sacramentado. Em suma, pelos méritos e súplicas de sua Mãe, estava Ele com os homens, por graça e novos favores.

Maria, alegria do mundo

20. Por isso acrescenta: "E enxugará as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais morte, nem pranto nem clamor (**Ap 21, 4**)".

Vindo esta grande Senhora como Mãe da graça, da misericórdia, do gozo e da vida, Ela enche o mundo de alegria e enxuga as lágrimas que o pecado de nossa mãe Eva ocasionou. Ela transformou o luto em regozijo, o pranto em novo júbilo, os clamores em louvor e glória, e a morte do pecado em vida, para quem a Ela recorrer. Já se acabou a morte do pecado, os clamores dos réprobos e sua dor irremediável.

Se, a tempo, os pecadores procurarem refúgio neste sagrado tabernáculo, nele acharão perdão, misericórdia e consolo. Os primeiros séculos que não possuíram Maria, a Rainha dos anjos, já se foram e passaram com a dor. Terminaram também os clamores dos que a desejaram e não a viram. Agora, o mundo a possui para seu remédio e amparo, pois Ela detém a justiça divina e solicita misericórdia para os pecadores.

Maria, tipo da santidade evangélica

21. "O que estava no trono disse: Presta atenção, que faço novas todas as coisas (**Ap 21, 5**)". Esta voz foi do Eterno Pai que me deu a conhecer como fazia tudo novo: nova Igreja, nova lei, novos Sacramentos. Tendo feito tantos favores aos homens, com dar-lhes seu Filho unigênito (**Jo 3, 16**), fazia-lhes outro singularíssimo: enviava-lhes sua Mãe, toda renovada com admiráveis dons, e com poder para distribuir os tesouros da redenção. Seu Filho depôs em suas mãos para os derramar sobre os homens, conforme sua prudentíssima vontade. Por isto, de seu real trono a enviou à Igreja, renovada com a imagem de seu Unigênito, marcada pelos atributos da Divindade. Fiel cópia daquele original, quanto em pura criatura era possível, seria tipo da santidade da nova Igreja evangélica.

Em Cristo e Maria, Deus tudo deu aos homens

22. " E disse-me: Escreve, porque estas palavras são fidelíssimas e verdadeiras. E me disse também: já está feito. Eu sou o princípio e o fim, e ao sedento darei gratuitamente a beber da fonte da vida. Quem vencer possuirá estas coisas, serei Deus para ele e ele será filho para mim (**Ap 21, 5-7**)".

De seu trono, o próprio Senhor me mandou escrever este mistério, para testemunho da fidelidade e verdade de suas palavras, e das admiráveis obras que realizou com Maria Santíssima, em cuja grandeza e glória empenhou sua onipotência. Por serem estes mistérios tão ocultos e elevados, eu os escrevi em símbolos e enigmas.

No tempo marcado pelo Senhor, seriam manifestados ao mundo, e se entenderia que já estava realizado todo o possível e conveniente para o remédio e salvação dos homens. Dizendo que estava feito, os responsabilizava de todos estes benefícios: enviara seu Unigênito para redimilos com sua Paixão e morte, e instruí-los com sua vida e doutrina; deu-lhes sua Mãe, enriquecida para socorrer e amparar

a Igreja; mandara o Espírito Santo para a propagar, ilustrar, confirmar e fortalecer com seus dons, como lhes prometera. E, porque não teve mais o que dar, o Eterno Pai disse: "já está feito".

Era como se dissesse: Dei todo o possível à minha onipotência e o conveniente à minha equidade e bondade, como princípio e fim que sou de tudo o que tem ser. Como princípio, dou-o a todas as coisas pela onipotência de minha vontade; como fim, as recebo, ordenando por minha sabedoria os meios para chegarem a conseguir este fim.

Os meios se resumem em meu Filho e sua Mãe, minha dileta e única entre os filhos de Adão. Neles se encontram as águas puras e vivas da graça. Nesta fonte e origem, bebem todos os mortais que, sedentos da salvação eterna, vierem buscá-las (**Jo 7, 37**). Para eles serão concedidas gratuitamente pois não as podem merecer. Foram merecidas pela vida de meu Filho humanado e por sua feliz Mãe que as obtém e merece para os que a Ela recorrem.

Para quem vencer a si mesmo, ao mundo e ao demônio, que pretendem impedir estas águas de vida eterna, serei Deus liberal, amoroso e onipotente. Este vencedor possuirá todos os seus bens e quanto lhe preparei por meio de meu Filho e sua Mãe. Adotá-lo-ei por filho e herdeiro de minha eterna glória.

A segunda e eterna morte

23. "Quanto aos tímidos, aos incrédulos, execráveis, homicidas, fornicadores, feiticeiros, idólatras e a todos os mentirosos, sua parte será o tanque de fogo e enxofre, que é a segunda morte (**Ap 21, 8**)".

A todos os filhos de Adão dei o meu Unigênito por Mestre, Redentor e Irmão. Dei-lhes sua Mãe para amparo, medianeira e poderosa advogada junto a Mim. Como tal, a devolvo ao mundo para todos entenderem ser meu desejo que se valham de sua proteção.

Aos que, porém, não venceram a covardia da carne em padecer, ou não creram nos testemunhos e maravilhas que realizei a seu favor e estão testificados em minhas Escrituras; aos que, apesar de terem acreditado, se entregaram às torpes impurezas dos deleites carnais; aos feiticeiros, idólatras que abandonaram meu verdadeiro poder e divindade, para seguir o demônio; a todos os que praticaram a mentira e a maldade; não os aguarda outra herança, mais do que aquela que eles mesmos escolheram. Será o formidável fogo do inferno, o tanque de enxofre que arde sem claridade, com abominável odor.

Ali haverá para os réprobos, diversidade de penas e tormentos correspondentes às abominações de cada um, ainda que todas tenham a mesma duração eterna, e a privação da visão divina que beatifica aos Santos. Será a segunda morte sem remédio, porque não se aproveitaram daquele que lhes foi oferecido para a primeira morte do pecado. Teriam podido resgatá-lo e recuperado a vida da graça, por virtude do Redentor e de sua Mãe.

Os castigos no fim dos tempos

24. Prosseguindo a visão, diz o Evangelista: "Veio um dos sete anjos que tinham sete taças cheias dos sete últimos castigos, e falou comigo dizendo: Vem, e eu te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro (**Ap 21, 9**)".

Conheci que estes anjos eram dos supremos e mais próximos do trono da

beatíssima Trindade. Foi-lhes dado especial poder, para castigar a ousadia dos homens que cometessem os referidos pecados, depois de realizado no mundo o mistério da Redenção, vida, doutrina e morte de nosso Salvador. E depois de disporem de sua Mãe Santíssima, para remediar aos pecadores que a invocam de todo o coração.

Na sucessão dos tempos, estes sacramentos iriam sempre mais se manifestando, com milagres e luz a favor do mundo, com os exemplos e vida dos santos, em particular os fundadores dos institutos de vida religiosa, e tantos mártires e confessores.

Por estas razões, os pecados dos homens, nos últimos séculos, serão mais graves e detestáveis. Na medida de tantos benefícios, a ingratidão será mais pesada e digna de maiores castigos. Em conseqüência, merecerão maior indignação da justiça e ira divina. Assim, nos tempos futuros - que para nós é o presente - Deus castigará os homens rigorosamente, com pragas excessivas, porque serão as últimas e as mais próximas ao juízo final. (Veja-se na primeira parte o número 266).

Maria, a Jerusalém celeste

25. "E o anjo transportou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus (**Ap 21, 10**)".

Com a força do poder divino, fui elevado a um alto monte de suprema inteligência e luz de ocultos sacramentos. Com o espírito iluminado, vi a noiva do Cordeiro, sua Esposa, como a cidade santa de Jerusalém. Noiva do Cordeiro, pela semelhança e amor com Aquele que tirou os pecados do mundo (**Jo 1, 29**). Esposa, porque O acompanhou, inseparavelmente, em todas suas obras e maravilhas. Por Ela desceu do seio de seu eterno Pai, e veio ter suas delícias com os filhos dos homens (**Pv 8, 31**), visto serem irmãos desta Esposa, e por Ela, também irmãos do mesmo Verbo humanado (**Mt 28, 10: Jo 20, 17**).

Vi-a como cidade de Jerusalém, hospedando em si e dando espaçosa habitação a quem os céus e a terra não podem conter (**2ª Parte 6,18**). Nesta cidade, Ele pôs o templo e propiciatório onde quis ser procurado, para se mostrar propício e liberal com os homens. Vi-a como cidade de Jerusalém, porque vi encerradas em seu interior todas as perfeições da Jerusalém triunfante, e todo o fruto da redenção humana. Ainda que, na terra, Ela se humilhava e se prostrava a nossos pés, vi-a nas alturas, elevada ao trono à direita de seu Unigênito (**Sl 44,10**), donde descia à Igreja, próspera e enriquecida para favorecer aos seus filhos e fiéis.

CAPÍTULO 3

CONTINUAÇÃO DA EXPLICAÇÃO DO CAPÍTULO 21 DO APOCALIPSE.

A imensa glória de Maria

26. Esta cidade santa de Jerusalém, Maria, Senhora nossa - diz o Evangelista - "tinha a claridade de Deus e seu resplendor era semelhante a uma pedra preciosa de jaspe, transparente como cristal (**Ap 21, 11**).

Desde o instante em que Maria Santíssima recebeu a existência, sua alma foi repleta e banhada de uma participação da Divindade, nunca vista nem concedida a outra criatura. Única, só Ela era a claríssima aurora que participava dos resplendores do sol, Cristo, Deus e homem verdadeiro, que d'Ela haveria de nascer. A divina luz foi crescendo até Maria chegar ao supremo estado, à destra de seu Filho unigênito, no trono da beatíssima Trindade. Vestida com a variedade de todos os dons, graças, méritos, virtudes e glória, ultrapassou todas as criaturas (**Sl 44,10**).

Quando a vi naquele lugar e luz inacessível, pareceu-me que tinha a própria claridade de Deus. N'Ele encontrava-se como na fonte e origem, e em Maria por participação. Por meio da humanidade de seu Filho unigênito, a mesma luz se via na Mãe e no Filho, diferenciando-se apenas pelo grau de intensidade. Na substância, porém, parecia a mesma, e não era vista em qualquer outro bem-aventurado, nem em todos eles reunidos. Pela cintilação parecia jaspe, pelo valor era preciosa, e pela beleza da alma e do corpo, era cristal banhado e transformado na mesma claridade e luz.

Maria, inexpugnável cidade de refúgio.

27. "Tinha a cidade um grande e alto muro com doze portas e nelas doze anjos, e escritos os nomes das doze tribos de Israel: três portas ao Oriente, três ao Setentrião, três ao Meio-dia e três ao Ocidente (**Ap 21, 12-13**)". [5]

O muro que defendia e cercava esta cidade santa de Maria Santíssima, era tão alto e grande quanto o é o mesmo Deus, com sua onipotência infinita e todos seus atributos. Todo seu poder e grandeza divina, toda sua sabedoria imensa ele empregou em guarnecer esta grande Senhora, para fortificá-la e defendê-la dos inimigos que a poderiam assaltar.

Esta invencível defesa foi duplicada, quando Ela desceu ao mundo para nele viver sozinha, sem a presença de seu Filho santíssimo, a fim de estabelecer a nova Igreja do Evangelho. Para esta missão dis-

5 - Setentrião : Norte
Meio Dia : Sul
Oriente : Leste
Ocidente : Oeste

pôs, à sua vontade, de todo o poder de Deus contra os inimigos da Igreja, visíveis e invisíveis.

Depois que o Altíssimo fundou esta cidade de Maria, franqueou liberalmente seus tesouros. Por Ela quis chamar todos os mortais ao seu conhecimento e à eterna felicidade, sem fazer acepção entre gentios, judeus e bárbaros, nem entre diferentes nações e estados. Por este motivo, construiu esta cidade santa com doze portas, distribuídas igualmente pelas quatro partes do mundo. Nelas colocou doze anjos, que chamassem e convidassem a todos os filhos de Adão, para despertar em todos a devoção e piedade por sua Rainha.

Estas portas traziam os nomes das doze tribos, para que ninguém se considere excluído do sagrado refúgio desta Jerusalém divina. Todos devem entender que Maria Santíssima leva seus nomes gravados no coração e nos mesmos privilégios que recebeu do Altíssimo, para ser Mãe de clemência e misericórdia, e não de justiça.

Rainha e mestra dos Apóstolos

28. "O muro desta cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam escritos os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro **(Ap 21, 14)**".

Quando nossa grande Mãe e Mestra esteve à destra de seu Filho e Deus verdadeiro, no trono de sua glória, ofereceu-se para voltar ao mundo e trabalhar pela Igreja. Nesta ocasião, o Senhor encarregou-a do particular cuidado pelos Apóstolos e gravou seus nomes no puríssimo e ardente coração desta divina Mestra. Se fosse possível, nele os veríamos escritos. Ainda que então, os Apóstolos eram só onze, no lugar de Judas foi escrito São Matias que, de antemão, recebeu esta sorte.

Do amor e sabedoria desta Senhora procedeu a doutrina, o ensinamento, a firmeza e toda a organização com que nós, os doze Apóstolos e São Paulo, fundamos a Igreja e a estabelecemos no mundo. Por isto, os nomes de todos foram escritos nesta mística cidade de Maria Santíssima, apoio e alicerce em que se firmaram os princípios da Santa Igreja e de seus fundadores, os Apóstolos.

Com sua doutrina nos instruiu, com sua sabedoria nos esclareceu, com sua caridade nos inflamou, com sua paciência nos tolerou. Sua mansidão nos atraía, seus conselhos nos orientavam, seus avisos nos preveniam, e com o poder divino que dispunha nos livrava dos perigos. A todos acudia, como a cada um em particular, e a cada um como a todos juntos.

Para nós, os Apóstolos, as doze portas desta cidade santa estiveram mais franqueadas que a todos os outros filhos de Adão. Enquanto viveu, nossa Mestra e amparo jamais se esqueceu de algum de nós, mas em todo o tempo e lugar nos teve presentes, e usufruímos de sua defesa e proteção, sem que Ela nos faltasse em necessidade e trabalho algum.

Desta e por esta grande e poderosa Rainha, participamos e recebemos todos os benefícios, graças e dons que nos comunicou o braço do Altíssimo, para sermos idôneos ministros do Novo Testamento **(2Cor 3,6)**. Por todas estas razões, estavam nossos nomes gravados nos fundamentos desta cidade mística, Maria Santíssima.

Maria excede a todos os anjos e santos

29. "O que falava comigo tinha uma medida de cana de ouro para medir a cidade, suas portas e o muro. A cidade é quandrangular, tão comprida quanto lar-

ga; e mediu a cidade com a cana de ouro até doze mil estádios; o seu comprimento, a sua altura e a sua largura são iguais. (**Ap 21, 15-16**)''.

Para que eu entendesse a magnitude imensa desta cidade santa de Deus, aquele que me falava mediu-a em minha presença. Para medi-la trazia na mão uma cana ou vara de ouro, símbolo da humanidade deificada na pessoa do Verbo, com seus dons, graças e merecimentos. Esta vara de ouro simbolizava a fragilidade do ser humano e terreno, e a imutabilidade preciosa e inestimável do ser divino que sublimava a humanidade e seus méritos.

Não obstante esta medida exceder tanto ao que era medido, não se encontrava outra, nem no céu nem na terra, para medir Maria Santíssima e sua grandeza. Fora de seu Filho e Deus verdadeiro, todas as criaturas humanas e angélicas eram inferiores e sem proporção para poder calcular e medir esta mística e divina cidade. Medida, porém, por seu Filho, era proporcionada a Ele, como sua digna Mãe, sem lhe faltar coisa alguma para esta proporcionada dignidade.

Sua extensão continha doze mil estádios no comprimento e na altura de cada um dos quatro lados do muro. Deste modo, era exatamente quadrangular. Tal era a grandeza, imensidade e harmonia dos dons e excelências desta grande Rainha.

Se os demais Santos receberam a medida de cinco ou dois talentos (**Mt 25, 15**), Ela recebeu a de doze mil, excedendo-nos a todos com imensa magnitude. Esta medida já lhe fôra concedida ao passar da não existência ao ser, em sua imaculada conceição, como preparação para vir a ser Mãe do Verbo Eterno.

Agora, quando desceu do céu para plantar a Igreja, foi medida outra vez à proporção de seu Unigênito glorificado à destra do Pai. Recebeu a justa dimensão, tanto para receber a bem-aventurança celeste, como para voltar à Igreja e nela exercer o ofício de seu próprio Filho e Redentor do mundo.

O exterior e o interior de Maria

30. ''O muro era construído de pedra de jaspe; e a mesma cidade era de ouro finíssimo, semelhante ao vidro puro e límpido. Seus fundamentos estavam adornados com todo gênero de pedras preciosas (**Ap 21, 18-19**)''.

As ações e o procedimento exterior de Maria Santíssima vistos por todos, como o muro que circunda a cidade, eram de grande e admirável beleza. Só o seu exemplo, cativava e abria os corações de todos os que a viam, ou com Ela tratavam. Sua presença afugentava os demônios e desvanecia suas fantasiosas miragens. Por isto, o muro desta cidade santa era de jaspe.

Com sua atividade exterior, nossa Rainha operou maiores maravilhas e obteve mais numerosos frutos que todos os apóstolos e santos daquele século. O interior, porém, desta divina cidade era finíssimo ouro de inexplicável caridade, participada daquela de seu Filho, e tão imediata a do Ser infinito que parecia um raio desta. Não só de ouro preciosíssimo era a cidade, mas também de vidro claro, puro e transparente; era o espelho imaculado onde se refletia a Divindade, sem outra qualquer coisa além desta divina imagem.

Além disso, era uma tábua cristalina onde se gravara a lei do Evangelho, para que nela, e por ela, fosse ostentada ao mundo todo. Por isso era de cristal transparente e não de pedra opaca (**Ex 31, 18**), como a de Moisés destinada para um só povo.

Os fundamentos do muro desta grande cidade eram todos de pedras preciosas, porque foi fundada pela mão do Altíssimo. Rico e poderoso sem limites, alicerçou-a sobre o mais precioso, estimável e sólido de seus dons, privilégios e favores, significados nas pedras de maior valor, riqueza e formosura que se conhecem entre as criaturas. (Veja-se o capítulo 19 do primeiro livro).

Maria, caminho da felicidade

31. "Cada porta desta cidade era de uma pérola. Doze portas, doze pérolas. A praça era de ouro puro como vidro translúcido. Nela não havia templo, porque seu templo é o próprio Deus onipotente e o Cordeiro (**Ap 21, 22**)".

Quem chega a esta cidade santa de Maria e nela entra pela fé, esperança, veneração, piedade e devoção, achará a preciosa pérola de sua proteção que o tornará feliz, rico e próspero nesta vida, e na outra bem-aventurada. Não sentirá medo de entrar nesta cidade de refúgio, porque suas portas são amáveis e cobiçáveis como preciosas e ricas pérolas. Nenhum dos mortais terá desculpa, se não se valer de Maria Santíssima e sua dulcíssima piedade pelos pecadores, pois nela nada houve que deixasse de os atrair a si e ao caminho da eterna vida.

Se as portas são tão ricas e belas, mais o será o interior, a praça desta admirável cidade. É de finíssimo e brilhante ouro de ardentíssimo amor e desejo de receber a todos, e enriquecê-los com os tesouros da felicidade eterna. Para isto, se manifesta a todos, com sua claridade e luz; e ninguém encontrará nela trevas de falsidade e engano.

Nesta cidade santa de Maria encontrava-se, por especial modo, Deus e o Cordeiro, seu Filho sacramentado. Por isto, nela não vi outro templo, nem propiciatório, além do mesmo Deus onipotente e o Cordeiro. Tampouco era necessário que nesta cidade houvesse templo, onde orar e pedir com ações e cerimônias, como se faz nos outros templos. O próprio Deus e seu Filho eram seu templo, atentos e propícios para atender todas orações e rogos que oferecia pelos fiéis da Igreja.

Permanência eucarística em Maria

32. "Não tinha necessidade da luz do sol ou da lua, porque a claridade de Deus a iluminava e sua lâmpada é o Cordeiro (**Ap 21, 23**)".

Depois que da destra de seu Filho Santíssimo nossa Rainha voltou ao mundo seu espírito não foi ilustrado pelo modo comum dos outros santos, nem como o que gozava antes da Ascensão. Em recompensa da clara visão e fruição que renunciava para voltar à Igreja militante, foi-lhe concedida outra visão abstrativa e permanente da Divindade, correspondente, na devida proporção, à fruição celeste. Por este especial modo, participava do estado dos compreensores, não obstante encontrar-se no de viadora.

Além deste privilégio, recebeu também em seu peito, o da permanência sacramental de seu Filho, sob as espécies do pão, como em seu legítimo sacrário. Estas espécies não se consumiam até receber outras novamente. Deste modo, enquanto viveu no mundo, depois que desceu do céu, sempre teve consigo seu Filho e Deus verdadeiro sacramentado.

Por uma particular visão, contemplava-o em Si mesma, sem precisar procurar sua real presença fora de si. Possuia-o em seu peito, para dizer com a Esposa (**Ct 3, 4**):"Possuo-o e não o largarei". Com tais

favores, não pôde haver noite nesta cidade santa, não precisava a luz da graça para iluminá-la como a lua, nem teve necessidade de outros raios do sol da justiça. Possuía a plenitude, e não apenas uma parte, como os demais santos.

Nossa Senhora, Mãe da Igreja

33. ''As nações caminharão à sua luz e os reis da terra lhe trarão sua glória e a sua honra (**Ap 21, 24**).

Nenhuma excusa terão os desterrados filhos de Eva se, com a divina luz que Maria Santíssima trouxe ao mundo, não caminharem à verdadeira felicidade. Para iluminar sua Igreja em suas origens, enviou-a do céu seu Filho e Redentor e a deu a conhecer aos primogênitos desta Igreja santa. Em seguida, na sucessão dos tempos foi manifestando sua grandeza e santidade por meio dos maravilhosos benefícios que esta grande Rainha operou a favor dos homens.

Nestes últimos séculos, os atuais, aumentará sua glória, dando novo esplendor ao seu conhecimento. Isto porque a Igreja terá grande necessidade de sua poderosa intercessão e amparo, para vencer o mundo, o demônio e a carne. Por culpa dos mortais, estes inimigos conquistaram maior domínio e força para impedir-lhes a graça, e fazê-los mais indignos da glória.

Contra esta nova malícia de Lúcifer e seus sequazes, quer o Senhor opor os méritos e súplicas de sua Mãe puríssima, e a revelação que envia ao mundo de sua vida e poderosa intercessão. Ela será o sagrado refúgio dos pecadores, para todos irem a Ele por este caminho tão reto, seguro e cheio de luz.

Senhora de todos os Povos

34. Se os reis e príncipes da terra caminharem com esta luz, e levarem sua honra e glória a esta cidade santa de Maria, e empregarem a grandeza, poder e riquezas de seus Estados para exaltar seu nome e o de seu Filho: tenham certeza de que, se orientarem por este norte, merecerão ser guiados no exercício de seus cargos, pela proteção desta suprema Rainha. Com grande acerto governarão seus Estados ou monarquias.

Para renovar esta confiança em nossos príncipes católicos, professantes e defensores da santa fé, torno-lhes manifesto o que agora, no decurso desta História, me foi dado a entender a fim de o escrever. O supremo Rei dos reis e Reparador das monarquias, deu a Maria Santíssima o especial título de Patrona, Protetora e Advogada dos reinos católicos.

Com este singular benefício, deter-

minou o Altíssimo prevenir o remédio das calamidades e tribulações que ao povo cristão, por causa de seus pecados, haviam de sobrevir nos tempos presentes, como dolorosamente o experimentamos.[6]

O dragão infernal voltou sua sanha e furor contra a santa Igreja, notando o descuido das cabeças e membros deste corpo místico, ocupados no amor da vaidade e do prazer. A maior parte destas culpas e de seu castigo cabe aos católicos, cujas ofensas, como de filhos, são mais graves. Sabendo a vontade de seu Pai celestial não a querem cumprir mais do que os estranhos.

Sabendo também que o reino dos céus é obtido por esforço e violência (Mt 11, 12), entregaram-se ao ócio e ao prazer, contemporizando com o mundo e a carne. Este perigoso erro diabólico, o justo juiz castiga por meio do próprio demônio, permitindo-lhe, por seus justos juízos, que aflija a santa Igreja e açoite rigorosamente os seus filhos.

A intercessão de Maria suspende os castigos

35. Apesar disso, o Pai das misericórdias que está nos céus, não quer que as obras de sua clemência pereçam completamente. Para conservá-las, nos oferece o remédio oportuno da proteção de Maria Santíssima. Seus contínuos rogos, intercessão e súplicas, constituem algum título e motivo conveniente, para a justiça divina suspender o rigoroso castigo que nos ameaça e merecemos.

Dele não escaparemos se não procurarmos a intercessão desta grande Rainha e Senhora do céu. Ela aplaca seu Filho santíssimo, justamente indignado, e nos alcança a emenda dos pecados com que provocamos sua justiça e nos fazemos indignos de sua misericórdia.

Não percam a oportunidade os príncipes católicos e os habitantes destes reinos, quando Maria Santíssima lhes oferece os dias de salvação e o tempo mais aceitável de seu amparo (**2Cor 6, 2**). Levem a esta Senhora sua honra e glória, dando-a toda a seu Filho Santíssimo e a Ela, pelo benefício de terem recebido a fé católica, e de lhe ser conservada até agora tão pura, em suas monarquias.

Assim foi provado ao mundo o amor tão singular que Filho e Mãe dedicam a estes reinos, e que novamente lhes manifestam com este salutar aviso. Procurem, pois, empregar seu poder e grandeza em dilatar a glória e exaltação do nome de Cristo e de Maria Santíssima por todas as nações. Creiam que será o meio eficacíssimo para atrair a benevolência do Filho e para exaltar a Mãe com digna reverência, levando seu conhecimento e veneração a todas as nações.

Maria, porta do céu

36. Para maior testemunho e prova da clemência de Maria Santíssima, acrescenta o Evangelista: "As portas desta Jerusalém divina não estão fechadas, nem de dia, nem de noite, para que todas as nações levem a ela sua glória e honra "(**Ap 21, 25-26**).

Ninguém, por pecador e negligente que tenha sido, infiel ou pagão, chegue com desconfiança às portas desta Mãe de misericórdia. Quem se quis privar da glória que gozava à destra de seu Filho, para vir socorrer-nos, não poderá fechar a porta de sua piedade a quem vier, com devoto coração, procurar seu remédio. Quer chegue durante a noite da culpa, quer chegue no dia da graça, a qualquer hora da vida,

6 - Esta missão da Mãe de Deus foi atualmente, no século XX, claramente lembrada pelas aparições e mensagens de N.Sra. de Todos os Povos na Holanda. (N.T.)

sempre será recebido e socorrido.

Se aquele que à meia-noite bate à porta do amigo, que realmente o é, e o obriga, ou pela necessidade ou pela importunação, a se levantar para o socorrer e lhe dar os pães que pede (**Lc 11, 8**); que não fará quem é Mãe, e tão piedosa, que chama, espera e convida com o remédio? Não espera que sejamos importunos, porque é pronta em atender aos que a invocam, serviçal em responder, toda suave e dulcíssima em favorecer, e liberal em enriquecer. É o estímulo da misericórdia, razão para o Altíssimo usá-la, e porta do céu para que entremos na glória, por seus rogos e intercessão. "Nela nunca entrou coisa contaminada ou mentirosa".(**Ap 21, 27**). Nunca se alterou por ódio ou indignação contra os homens, jamais se encontrou nela engano, culpa ou defeito. Nada lhe falta de quanto se pode desejar para socorro dos mortais. Não temos desculpa, se não nos aproximarmos com humilde gratidão, pois com sua pureza também nos purificará. Ela possui a chave das fontes do Redentor, da qual Isaias nos diz para tirarmos água(**Is 12, 3**). Inclinada por nossos rogos, sua intercessão gira a chave e as águas correm para nos lavar perfeitamente. Assim seremos admitidos em sua felicíssima companhia e na de seu Filho e Deus verdadeiro, por toda a eternidade.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA DOS ANJOS.

Maria deseja ajudar-nos

37. Minha filha, quero te dizer, para consolo teu e de meus servos, que escreveste os mistérios deste capítulo, com agrado e aprovação do Altíssimo. É sua vontade que o mundo conheça o que Eu fiz pela Igreja, voltando do céu empíreo para nela ajudar aos fiéis. Conheçam também o desejo que tenho de socorrer aos católicos que se valerem de minha intercessão e amparo, como o Altíssimo me encarregou e Eu, com maternal afeto, ofereço a todos.

Os Santos, em particular meu filho João, também sentiram especial gozo por teres declarado a alegria que todos receberam quando, na Ascensão, acompanhei meu Filho e meu Senhor ao céu. Já é tempo que os filhos da Igreja conheçam, mais expressamente, a grandeza dos benefícios a que me elevou o Todo-poderoso, e cresçam eles na esperança, sabendo melhor quanto posso e quero favorecê-los. Mãe amorosa, compadeço-me por ver meus filhos tão enganados pelo demônio e oprimidos por sua tirania, à qual cegamente se entregam.

Outros grandes mistérios foram encerrados por meu servo João nos capítulos 12 e 21 do Apocalipse, a respeito das graças que me fez o Altíssimo. Nesta História declaraste os que agora os fiéis podem conhecer para se beneficiarem de minha intercessão, e para a frente escreverás mais.

Renovar-se é aperfeiçoar-se

38. Desde já, porém, deves colher para ti o fruto de tudo o que entendeste e escreveste. Em primeiro lugar, deves aumentar o cordial afeto e devoção que me tens, e a firmíssima confiança de que eu serei teu amparo em todas as tribulações e guiar-te-ei em todos teus empreendimentos. As portas de minha clemência estarão abertas para ti e para todos quantos me encomendares, se fores tal como Eu te quero.

Para isto, aviso-te caríssima, que assim como eu fui renovada no céu para

voltar à terra, e nela agir com novo modo e perfeição, também quer o Senhor que sejas renovada no céu de teu interior, a fim de, no retiro da parte superior de teu espírito e na soledade dos exercícios a que te recolheste, escrever o resto de minha vida. Deves entender que tudo foi ordenado com especial providência, como compreenderás ponderando o que se realizou em ti, antes de dar princípio a esta terceira parte, conforme escreveste.

Agora, pois, solitária e livre do governo e da solicitude por tua casa, te dou esta doutrina; é razão que, mediante o auxílio da divina graça, te renoves na imitação de minha vida e na prática, quanto for possível, do que conheces em Mim. Esta é a vontade de meu Filho Santíssimo, a minha e teus próprios desejos.

Ouve, pois, meu ensinamento e cinge-te de fortaleza (**Prov 31, 17**); sê atenta, fervorosa, oficiosa, constante e diligentíssima no agrado de teu Esposo e Senhor. Acostuma-te a não perdê-lo de vista, quando desceres à comunicação com as criaturas e às atividades de Marta. Eu serei tua Mestra, os anjos te acompanharão para que, com eles e suas iluminações, louves continuamente ao Senhor. Ele te dará sua força para combateres as batalhas contra os seus e teus inimigos. Não te faças indigna de tantos bens e favores.

CAPÍTULO 4

MARIA SANTÍSSIMA, TRÊS DIAS APÓS DESCER DO CÉU, MANIFESTA-SE EM SEU ESTADO NORMAL E FALA AOS APÓSTOLOS. É VISITADA POR CRISTO, NOSSO SENHOR. OUTROS MISTÉRIOS ATÉ A VINDA DO ESPÍRITO SANTO.

Maria depois da Ascensão de Jesus

39. Advirto novamente aos que lerem esta História, não estranhem os ocultos privilégios de Maria Santíssima aqui descritos, nem os considerem inacreditáveis pelo fato de, até agora, o mundo os ter ignorado. Todos cabem, digna e convenientemente, nesta Rainha, embora a santa Igreja, até este tempo, não tenha tido narrações autênticas das obras maravilhosas que ela realizou depois da Ascensão de seu Filho Santíssimo.

Não podemos negar que seriam muitas e grandiosas, pois ficava por Mestra, protetora e Mãe da lei evangélica, que se introduzia no mundo sob seu amparo e proteção. Se, para este ministério, o Altíssimo Senhor a preparou e n'Ela empregou todo o resto de sua onipotência, uma vez que não contradiga à verdade católica, nenhum dom e graça, por grande que seja, se deve negar àquela que foi única e singular.

Maria com os sinais da glória

40. Três dias esteve Ela no céu, gozando da visão beatífica, como eu disse no primeiro capítulo. Desceu à terra no dia que corresponde ao domingo depois da Ascensão e que a santa Igreja denomina, domingo dentro da oitava da festa.

No Cenáculo passou outros três dias, usufruindo os efeitos da visão da divindade, enquanto iam se moderando os esplendores com que viera das alturas, mistério que só o Evangelista João conhecia. Por enquanto não convinha manifestar o segredo aos demais apóstolos, nem tinham capacidade para isso. Ainda que a Senhora estava entre eles, se lhes encobria a refulgência, que nesses três dias ainda a revestia. Foi necessário, pois o próprio João, a quem se concedeu vê-la assim, caiu por terra ao chegar em sua presença, apesar de ter sido confortado com especial graça para essa visão.

Não convinha também que, repentinamente, o Senhor privasse nossa grande Rainha da refulgência e demais efeitos, externos e internos, com que vinha da glória. A ordem de sua infinita sabedoria foi que, aqueles favores tão divinos, fossem cessando aos poucos, e o virginal corpo voltasse ao estado visível, comum, em que pudesse conviver com os apóstolos e os outros fiéis da santa Igreja.

Maria reza com os fiéis

41. Deixo também explicado acima (nº 3) que este prodígio de Maria Santíssima ter estado pessoalmente no céu, não contradiz o que está escrito nos Atos dos Apóstolos (**At 1, 14**): Os apóstolos e as santas mulheres perseveravam unânimes em oração, com Maria Mãe de Jesus, e seus irmãos.

A concordância desta passagem com o que eu disse é clara. São Lucas escreveu aquela história conforme o que ele e os apóstolos viram no Cenáculo de Jerusalém, ignorando o mais. O corpo puríssimo de Maria estava em ambos os lugares, ainda que o uso das potências e sentidos fosse mais perfeito e real no céu. Estava com os apóstolos e todos a viam.

Além disto, era exatíssimo que Maria Santíssima perseverava com eles na oração. No céu, também os via e unia as próprias orações e súplicas às de todos os que se encontravam no Cenáculo. Através de seu Filho Santíssimo, as apresentou a Deus e lhes alcançou a perseverança e outros grandes favores do Altíssimo.

Maria reza com os fiéis

Grandeza e humildade da Virgem

42. Nos três dias que esta grande Senhora esteve no Cenáculo, gozando dos efeitos da glória, e enquanto iam decrescendo, ocupou-se em inflamados afetos de amor, de agradecimento e de inefável humildade. Não há palavras para explicar o que conheci, embora ainda seja muito menos que toda a realidade.

Admirou aos mesmos anjos e serafins que a assistiam. Perguntavam-se entre si, qual seria a maior maravilha: ter o poder do Altíssimo elevado uma pura criatura a tanta grandeza; ou depois de ter sido assim enriquecida de graça e glória, acima de todas as criaturas, ela se humilhar a ponto de se considerar a menor de todas.

Entendi que os serafins estavam suspensos de admiração - a nosso modo de entender - contemplando os atos de sua Rainha, e comentavam uns com os outros: Se os demônios, antes da queda, tivessem visto este raro exemplo de humildade, não fôra possível que se alçassem em tanta soberba. Esta nossa grande Senhora é que, sem defeito, sem falhas nem lacunas, mas com toda a plenitude, encheu os vazios da humildade, que todas as criaturas não souberam preencher.

Só Ela ponderou, dignamente, a majestade e sobreeminente grandeza do Criador e a pequenez da criatura. Sabe quando e como deve ser obedecido e venerado, e como o sabe o faz. É possível que, entre os espinhos semeados pelo pecado nos filhos de Adão, a terra produzisse este puríssimo lírio, de tanto agrado para seu Criador, e perfume para os mortais (**Ct 2-6,2**)?

Que do deserto do mundo, ermo e arenoso, se levantasse tão divina criatura, repleta das divinas delícias do Todo-poderoso (**ídem, 8, 5**)? Seja eternamente louvado em sua sabedoria e bondade, por ter formado criatura tão perfeita e admirável, para santa emulação de nossa natureza e exemplo e glória humana.

E tu, bendita entre as mulheres, escolhida entre todas as criaturas, sê abençoada, conhecida e louvada por todas as gerações (**Lc 1, 48**). Goza por toda a eternidade da excelência que te deu teu Filho e nosso Criador. Tenha em ti seu agrado e complacência, pela formosura de tuas obras e prerrogativas. Nelas fique saciada a imensa caridade com que Ele deseja a justificação de todos os homens. Tu lhe dás satisfação por todos e vendo a ti só, não sentirá pesar de haver criado os outros ingratos. Se eles o irritam, tu o aplacas e o tornas propício e terno. Não nos admiramos de que Ele beneficie tanto os filhos de Adão, pois tu, Rainha e Senhora nossa, vives com eles e fazes parte de teu povo.

Maria reza pelos fiéis

43. Com estes louvores e muitos outros cânticos, os santos anjos celebraram a humildade e obras de Maria Santíssima depois que Ela desceu do céu. Respondendo, Ela participou em alguns destes louvores.

Passados três dias, depois que desceu do céu, Ela conheceu que era tempo de tratar com os fiéis. Assim o fez, atendendo aos apóstolos e discípulos com grande ternura de piedosa Mãe. Acompanhou-os na oração, ofereceu-os a seu Filho Santíssimo e rogou por eles e por todos os que, nos séculos futuros, receberiam a santa fé católica e a graça.

Desde aquele dia, sem omitir nenhum em que viveu na santa Igreja, pediu ao Senhor que apressasse o tempo para celebrar as festividades de seus mistérios, como no céu lhe fôra manifestado. De igual modo, suplicou enviasse ao mundo ho-

mens de grande santidade para converter os pecadores.

Nestas súplicas, era tão intenso o ardor de sua caridade pelos homens que, naturalmente, teria perdido a vida. Para fortalecê-la e moderar a força destes desejos, muitas vezes seu Filho Santíssimo enviava um dos mais elevados serafins lhe dizer que seus desejos seriam atendidos, explicando-lhe a ordem que a divina Providência nisso observaria, para o maior bem dos mortais.

Maria sente saudades do Filho

44. Com a visão da Divindade que gozava, por modo abstrativo, como tenho dito (nº 32), era tão inefável o incêndio de amor naquele puríssimo coração que ultrapassava, sem comparação, aos mais inflamados serafins imediatos ao trono da Divindade.

Se às vezes descia um pouco dessa divina chama, era para contemplar a humanidade de seu Filho Santíssimo, pois em seu interior não permanecia qualquer imagem de coisas visíveis, a não ser no momento em que tratava com as criaturas, por meio dos sentidos.

Nessa lembrança de seu amado Filho, sentia alguma natural saudade de sua presença, ainda que moderada e perfeitíssima, como de Mãe tão prudente. No coração do Filho, porém, ecoava este amor e se deixava ferir pelos desejos de sua Mãe querida. Cumpria-se à letra o que disse nos Cânticos (6,4): os olhos de sua querida Mãe e Esposa o atraiam e o faziam voar à terra.

Jesus visita sua Mãe Santíssima

45. Aconteceu isto muitas vezes, como direi adiante. A primeira, foi dentro dos seis dias depois que Ela desceu do céu, antes da vinda do Espírito Santo. Desceu Cristo nosso Salvador, em pessoa, para visitá-la e enchê-la de novos dons e inefáveis consolações.

Estava a inocentíssima pomba enferma de amor, e naqueles delíquios produzidos pela caridade bem ordenada na oficina do Rei (**Ct 2, 45**). Aproximando-se dela, Jesus reclinou-a em seu peito, à esquerda de sua humanidade deificada, e com a direita da divindade a iluminou, enriqueceu e a banhou toda de novas influências, com as quais a vivificou e fortaleceu (**Ct 2, 6**).

Ali repousaram as ânsias amorosas desta cerva ferida (**Sl 1, 2**), bebendo à saciedade nas fontes do Salvador (**Sl 12, 3**); foi desalterada e fortalecida, para inflamar-se mais ainda nas chamas de seu amoroso fogo que jamais se extinguiu (**Ct 8, 7**). Curou-se, ao ficar mais enferma dessa ferida, e recebeu vida para mais entregar-se à morte de amor, pois esta espécie de doença não tem, nem aceita outro remédio.

Quando à amorosa Mãe o Senhor concedeu alento na parte sensitiva, Ela prostrou-se diante do Filho Santíssimo, com profunda humildade, pediu-lhe a bênção e deu fervorosas graças pelo favor de sua visita.

Humildade da Mãe de Deus

46. A prudentíssima Senhora não esperava este favor, tanto porque fazia pouco tempo que ficara sem a presença humana de seu Filho, como por Ele não lhe ter dito quando a visitaria. Sua altíssima humildade não lhe permitia pensar que a dignação divina se inclinaria a lhe dar aquela consolação. Tendo sido esta a primeira vez que a recebeu, a surpresa suspendeu-a de admiração e a deixou mais humilhada e aniquilada na própria estimação.

Passou cinco horas gozando a presença e carinhos de seu Filho Santíssimo.

Nenhum dos Apóstolos soube desta graça, ainda que pelo semblante e algumas ações da Rainha, suspeitaram de alguma extraordinária novidade. Ninguém, todavia, se atreveu a fazer-lhe perguntas pelo temor e reverência que lhe tinham.

Para despedir-se de seu Filho, ao perceber que chegara o momento d'Ele voltar ao céu, prostrou-se novamente em terra, pedindo sua bênção. Rogou-lhe também permitisse a Ela reconhecer em sua presença os defeitos que cometia no agradecimento e correspondência a seus favores. Fez este pedido porque o Senhor lhe prometeu visitá-la outras vezes, e também porque, quando viviam juntos, a humilde Mãe tinha esse costume: prostrava-se diante de seu Filho, verdadeiro Deus, reconhecendo-se indigna de seus favores, incapaz de os retribuir. Na segunda parte, n° 698 e outros, assim ficou dito.

Quem era Mãe da santidade, não podia cometer culpa alguma, nem dela se acusar. Tampouco, erradamente, acreditou que a tinha, pois era a Mãe da sabedoria. O Senhor, porém, permitia que sua humildade, amor e ciência lhe desse digna compreensão da dívida que, como pura criatura, contraía com Deus, o supremo Senhor e Criador. Com este altíssimo conhecimento e humildade, parecia-lhe pouco tudo quanto fazia para retribuir tão soberanos benefícios. Atribuía-se esta incapacidade, e ainda que esta não constituía culpa, queria confessar a inferioridade do ser terreno, comparado à divina excelência.

Maria orienta os fiéis no Cenáculo

47. Entre os inefáveis mistérios e favores que ela recebeu, desde o dia da Ascensão de seu Filho Jesus, nosso Salvador, foi admirável a atenção que esta prudente Mestra dedicou aos Apóstolos e demais discípulos, para se prepararem dignamente à vinda do Espírito Santo. Compreendia a grande Rainha quão estimável e divino era o dom que o Pai das luzes lhes enviaria. Conhecia também a natural saudade que os apóstolos sentiam da humanidade de seu Mestre Jesus, e que o sentimento de tristeza os embaraçava um tanto.

Para corrigir esta falha e melhorá-los em tudo, como piedosa Mãe e poderosa Rainha, ao chegar ao céu com seu Filho Santíssimo, enviou um de seus anjos ao Cenáculo para transmitir sua vontade e a de seu Filho: Deviam, os discípulos ultrapassar-se e permanecer mais onde amavam, do que onde animavam, mais em Deus pela fé, do que em si pelos sentidos. Não deviam ficar presos à visão da humanidade, mas esta lhes serviria de porta para passar à divindade, onde se encontra a total satisfação e repouso. Mandou a divina Rainha ao santo anjo que inspirasse tudo isso aos apóstolos, e depois que Ela desceu das alturas, consolou-os em sua tristeza e procurou levantar-lhes o ânimo.

Todos os dias passava uma hora, falando-lhes dos mistérios da fé que seu Filho Santíssimo lhe ensinara. Não o fazia em forma de magistério, mas em forma de palestra. Aconselhou-os que, entre si, passassem outra hora recordando os avisos, promessas, doutrinas e ensinamentos de seu divino Mestre Jesus.

Noutra parte do dia, rezariam vocalmente o Pai nosso e alguns salmos. O resto do tempo, passariam em oração mental, à tarde tomariam uma refeição de pão e peixe e à noite moderado sono. Com esta oração e jejum, iriam se preparando para receber o Espírito Santo.

Maria, Mestra dos fiéis

48. Estando à direita de seu Filho Santíssimo, no céu, cuidava a vigilante

Mãe de sua ditosa família. Descendo à terra continuou, mas de modo a praticar a perfeição em supremo grau. Por isto, só falava aos apóstolos quando São Pedro ou São João lhe mandavam. Pediu e obteve de seu Filho Santíssimo que assim inspirasse a eles, para Ela obedecer-lhes como a seus vigários e sacerdotes. Tudo era disposto segundo o desejo da Mestra da humildade, que depois obedecia como serva, dissimulando a dignidade de Rainha e Senhora, sem assumir autoridade ou superioridade alguma, mas agindo como inferior a todos.

Nesse estilo, falava com os apóstolos e os outros fiéis. Naqueles dias, explicou-lhes o mistério da Santíssima Trindade com termos muito elevados, mas inteligíveis e acomodados à compreensão de todos. Em seguida, expôs o mistério da união hipostática, os que se referiam à Encarnação e outros mistérios da doutrina que ouviram de seu Mestre, cuja maior compreensão receberiam mediante a iluminação do Espírito Santo que estavam aguardando.

Oração mental, ação de graças, adoração

49. Ensinou-lhes a rezar mentalmente, explicando-lhes a excelência e necessidade desta oração. Para a criatura racional, o principal ofício e mais nobre ocupação é elevar-se, pelo entendimento e vontade, acima de toda a criação, até ao conhecimento de Deus e de seu amor. Nenhuma outra coisa ou ocupação se deve antepor, nem interpor, de modo a privar a alma deste bem que é o supremo da vida e princípio da felicidade eterna.

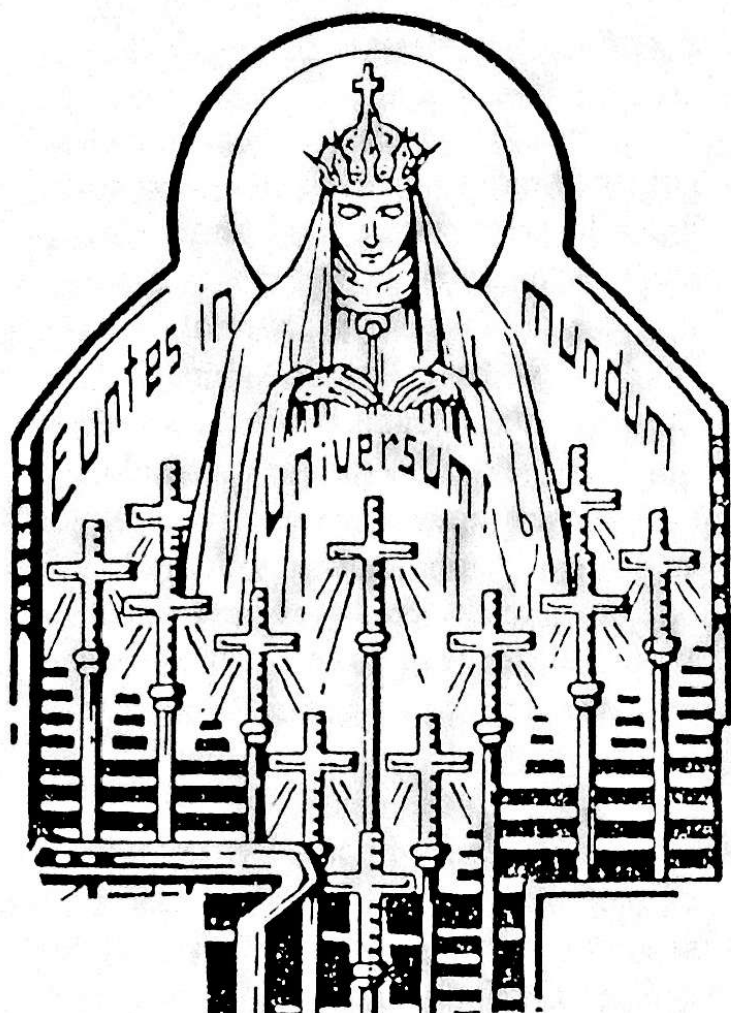
Ensinou-lhes também como deviam agradecer ao Pai das misericórdias, por ter dado seu Unigênito para nosso Redentor e Mestre, e pelo amor com que este nos havia redimido à custa de sua Paixão e morte. Que agradecessem ainda, de os ter escolhido entre os homens, para seus apóstolos, companheiros e fundamentos de sua Igreja.

Com estas exortações e ensinamentos, a divina Mãe iluminou o coração dos onze apóstolos e dos outros discípulos, afervorando-os para que estivessem preparados à recepção do Espírito Santo e seus divinos efeitos. Penetrando-lhes os corações e conhecendo o temperamento e disposições de cada um, acomodava-se à necessidade de todos, segundo a graça e espírito de cada um, para que com alegria e fortaleza praticassem as virtudes. Aconselhou-lhes que fizessem atos de humildade, prostrações e outros atos de culto e reverência, adorando a majestade e grandeza do Altíssimo.

Reverência de Maria pelos apóstolos

50. Todos os dias, pela manhã e à tarde, pedia a bênção aos apóstolos: primeiro a São Pedro como chefe, depois a São João e em seguida aos demais, por ordem de antigüidade.

A princípio todos queriam se esquivar desta cerimônia com Maria Santíssima, por que a veneravam como sua Rainha e Mãe de seu Mestre Jesus. A prudentíssima Senhora, porém, os obrigou a abençoá-la, como sacerdotes e ministros do Altíssimo, explicando-lhes a suprema dignidade deste ofício e a suma reverência e respeito que lhes eram devidos.

Nesta competição de se humilhar, a Mestra da humildade era quem sempre vencia, enquanto os discípulos lucravam a lição de seu exemplo. As palavras de Maria Santíssima eram tão doces, ardentes e eficazes para tocar os corações daqueles primeiros fiéis que, com divina e suave força, os esclarecia e levava a praticar o

mais santo e perfeito das virtudes.

Reconhecendo eles estes admiráveis efeitos, admirados, comentavam entre si: Realmente, nesta pura criatura encontramos o mesmo ensinamento, doutrina e consolo que nos faltou com a ausência de seu Filho, nosso Mestre. Suas obras e palavras, seus conselhos e convívio cheio de mansidão e doçura, nos instrui e arrasta como sentíamos com nosso Salvador, quando falava e vivia conosco. Nossos corações se abrasam agora com a doutrina e exortações desta admirável criatura, como nos acontecia com as palavras de Jesus, nosso Salvador.

Não há dúvida, que o Deus onipotente depositou sabedoria e divina virtude na Mãe de seu Unigênito. Podemos enxugar as lágrimas, pois para nosso ensinamento e consolação nos deixou tal Mãe e Mestra. Concedeu-nos ter conosco esta arca viva do Testamento, onde depositou sua lei, a vara dos prodígios e o maná suavíssimo para nossa vida e alegria (**Hb 2, 4**).

Maria, Mestra dos Apóstolos

51. Se os santos apóstolos e demais filhos da primitiva Igreja nos tivessem deixado escrito, como testemunhas oculares, o que viram e conheceram da eminente sabedoria de Maria Santíssima: o que dela ouviram, o que com Ela falaram e trataram durante tão longo tempo; por estes testemunhos teríamos notícia mais expressa da santidade e heróicas obras da Imperatriz das alturas. Saber-se-ia que na doutrina que ensinava e nos efeitos que operava, recebera de seu Filho Santíssimo uma espécie de virtude divina, semelhante a d'Ele. No Senhor se encontrava como em sua fonte e origem, enquanto em sua Mãe estava como na represa e canal, por onde se comunicava, e ainda se comunica a todos os mortais.

Os Apóstolos tiveram a felicidade de beber as águas do Salvador, e a doutrina de sua Mãe puríssima na própria fonte. Receberam-nas pelos sentidos, como convinha ao ministério de que foram investidos: a fundação da Igreja e o estabelecimento da fé do Evangelho por todo o orbe.

São Pedro começa a exercer o governo da Igreja

52. Pela traição e morte do mais infeliz entre os nascidos, Judas, o seu bispado, como disse David (**Sl 108, 8**), ficara vago e era necessário preenchê-lo com alguém digno do apostolado. Era vontade do Altíssimo que, para a vinda do Espírito Santo, estivesse completo o número dos doze, como o divino Mestre havia reunido ao escolhê-los (**Lc 6, 13**).

Numa das palestras que lhes fazia, Maria Santíssima transmitiu-lhes esta ordem do Senhor. Todos aceitaram a proposta e lhe suplicaram que, sendo Mãe e Mes-

tra, Ela nomeasse aquele que achasse mais digno e idôneo para o grupo apostólico.

A divina Senhora não o ignorava, porque levava gravado no coração o nome dos doze, entre eles São Matias, como eu disse no segundo capítulo. Com sua humildade e profunda sabedoria, porém, entendeu que convinha deixar aquele ato a São Pedro, para que ele começasse a exercer na Igreja o ofício de pontífice e cabeça, vigário de Cristo, seu Fundador e Mestre. Ordenou ao apóstolo fazer esta eleição, na presença de todos os fiéis, para que o vissem agindo como suprema cabeça da Igreja. Assim o fez São Pedro.

O lugar de Judas deverá ser preenchido

53. São Lucas, no capítulo primeiro dos Atos dos Apóstolos (v. 15), refere como se realizou esta eleição. Diz que, naqueles dias, entre a Ascensão e a vinda do Espírito Santo, o apóstolo São Pedro reuniu os cento e vinte discípulos, que estiveram presentes à subida do Senhor aos céus, e lhes dirigiu uma alocução: disse que na traição de Judas se cumprira a profecia de David no Salmo (**40,10**); que tendo sido eleito para o grupo dos doze apóstolos, infelizmente prevaricou, fazendo-se cabeça dos que prenderam Jesus; o preço pelo qual o vendeu, foi empregado na compra de uma campo que, em vernáculo, chamava-se Hacéldama; finalmente, achando-se indigno da misericórdia divina enforcou-se, arrebentando pelo meio e derramando as entranhas, como era sabido por quantos se encontravam em Jerusalém.

Convinha pois, que fosse escolhido outro em seu lugar, para testemunhar a Ressurreição do Salvador, de acordo com outra profecia de Davi (**Sl 108, 8**). Deveria ser escolhido entre os que haviam seguido o Mestre na pregação, desde o batismo de São João.

Eleição de São Matias

54. Terminada esta prática, e concordando todos na eleição do duodécimo apóstolo, remeteram a São Pedro determinar o modo da eleição. Determinou o apóstolo que se nomeassem dois, entre os setenta e dois discípulos: José, apelidado o justo e Matias. Depois tirariam a sorte e o que fosse sorteado, seria o escolhido.

Aprovaram todos este modo que, então, era seguro, pois a virtude divina operava grandes prodígios para fundar a Igreja. Em duas cédulas, foi escrito o nome de cada um dos candidatos, mais a especificação: "discípulo e apóstolo de Jesus". Colocadas num recipiente, todos fizeram oração, pedindo a Deus escolhesse conforme sua santíssima vontade, pois sendo Senhor, conhecia o coração de todos (**At 1, 25**).

São Pedro retirou uma das cédulas e leu: Matias discípulo e apóstolo de Jesus. Com alegria geral, foi reconhecido por legítimo apóstolo. Os onze o abraçaram; Maria Santíssima, que estava presente, pediu-lhe a bênção e imitando-a, fizeram o mesmo os demais fiéis. Feito isso, todos continuaram a oração e jejum, até a vinda do Espírito Santo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Favores são dívidas

55. Minha filha, com razão admiraste os ocultos e soberanos favores que recebi da destra de meu Filho, da humildade com que os recebia e agradecia, da caridade e atenção que, ao mesmo tempo, dedicava aos apóstolos e fiéis da santa Igreja. Já é tempo, caríssima, que para ti colhas o fruto desta ciência. Agora não

poderias entender mais, e minha vontade é ter em ti uma filha fiel que me imite com fervor, e uma discípula que me ouça e siga de todo o coração. Acende, pois, a luz de tua viva fé, sabendo quanto sou poderosa para te ajudar e beneficiar. Confia em mim que irei além de teus desejos, e serei liberal, sem parcimônia, em te cumular de grandes bens.

Para recebê-los, humilha-te abaixo da terra e toma o último lugar entre as criaturas, pois por ti mesma és mais inútil que o mais desprezível pó, e nada tens além de tua miséria e incapacidade. Nesta verdade, pondera bem quanta e qual é contigo a clemência e dignação do Altíssimo, e em que grau deverá ser tua gratidão e correspondência. Se quem paga totalmente o que deve, nada tem do que se gloriar, é justo que te humilhes, porque, incapaz de satisfazer tão grande dívida, sempre ficarás devedora, por muito que trabalhes. Que será, então, se fores remissa e negligente?

O trato com Deus exige reverência

56. Com esta prudente atenção, conhecerás como deves imitar-me na fé viva, na esperança certa, na caridade fervorosa, na humildade profunda e no culto e reverência devida à infinita grandeza do Senhor. Aviso-te novamente que a astúcia da serpente é vigilantíssima contra os mortais, para desviá-los da veneração e culto que devem a seu Deus. Quer levá-los à vã ousadia de desprezarem esta virtude e as outras que dela procedem.

Nos mundanos e viciosos incute estultíssimo esquecimento das verdades católicas, para que a fé divina não lhes inspire o temor e veneração que se deve ao Altíssimo. Com isto, se tornam muito semelhantes aos pagãos, que não conhecem a verdadeira divindade. A outros, que desejam a virtude e praticam algumas boas obras, inspira-lhes o inimigo uma tibieza e negligência perigosa, para não perceberem quanto perdem em não serem fervorosos.

Aos que tratam de mais perfeição, pretende este dragão enganá-los com grosseira confiança nos favores que recebem, ou na clemência que conhecem. Julgam-se muito familiares do Senhor, e se descuidam da humilde veneração e temor com que hão de estar na presença da Majestade, diante de quem tremem as potestades do céu (Prefácio da Missa), como a santa Igreja ensina. Como em outras ocasiões já te adverti deste perigo, agora basta recordá-lo.

Exercício do dom da piedade

57. De tal modo, porém, quero que sejas fiel e pontual na prática desta doutrina, que em todo teu exterior, sem afetação ou exageros, a testemunhes e pratiques. Que teu exemplo e palavras ensinem a todos com quem tratares, o temor santo e a veneração que as criaturas devem ao Criador. Quero que, especialmente às tuas religiosas, advirtas e ensines esta ciência, para não ignorarem a humildade e reverência com que hão de tratar com Deus.

Para ti o mais eficaz ensinamento é o exemplo que deres no cumprimento de teu dever. Tais atos não os deves omitir, nem esconder por temor de vaidade. Esta obrigação é maior para quem governa outros, porque é dever de seu ofício exortar, estimular e guiar os súditos no santo temor de Deus. Isto se faz, mais eficazmente, com o exemplo do que com palavras.

Em particular admoesta-as à veneração pelos sacerdotes, os ungidos do Senhor. E tu, à minha imitação, pede-lhes sempre a bênção quando fores falar com

eles, e quando deles te despedires. Quanto mais favorecida te vires pela bondade divina, volta os olhos para as necessidades e aflições do próximo, para o perigo em que se acham os pecadores, e roga por todos com viva fé e confiança. Não é verdadeiro o amor de Deus aquele que se contenta só em gozar e se esquece dos irmãos.

Deves pedir que aquele sumo Bem que conheces, e do qual participas, se comunique a todos. A ninguém exclui, porque todos necessitam de sua comunicação e auxílio divino. Na minha caridade vês tudo o que deves imitar.

CAPÍTULO 5

DESCIDA DO ESPÍRITO SANTO SOBRE OS APÓSTOLOS E OUTROS FIÉIS. MARIA SANTÍSSIMA VIU-O INTUITIVAMENTE. OUTROS OCULTÍSSIMOS MISTÉRIOS QUE ENTÃO SUCEDERAM.

Expectativa no Cenáculo

58. Os doze apóstolos e demais discípulos e fiéis, alegremente permaneciam na companhia da grande Rainha do céu, esperando no Cenáculo o que prometera o Salvador e a Mãe Santíssima confirmava: que lhes enviaria das alturas o Espírito Consolador para lhes ensinar todas as coisas que tinham ouvido em sua doutrina (**Jo 14, 26**).

Estavam unânimes e tão unidos na caridade que, naqueles dias nenhum teve pensamento, desejo ou gesto contra os outros; eram um só coração e uma só alma no sentir e no agir. Apesar de haver ocorrido a eleição de São Matias, não surgiu entre estes novos filhos da Igreja, o menor movimento de discórdia. É para admirar, pois em tais ocasiões, os diferentes pareceres arrastam a vontade, ainda dos mais atentos. Todos fazem questão de seguir a própria opinião e não ceder à dos outros.

Naquela santa congregação a discórdia não teve entrada. Estavam unidos na oração, no jejum e à espera do Espírito Santo que não permanece nos corações em desarmonia. Esta união de caridade teve grande força, não só para os dispor a receber o Espírito Santo, como também para reprimir e afugentar os demônios.

No inferno, onde se encontravam aterrados depois da morte de nosso Salvador Jesus, sentiram nova opressão e pavor com as virtudes dos habitantes do Cenáculo. Ainda que não as conheceram em particular, percebiam que dali vinha aquela força que os amedrontava. Concluíam que seu império seria destruído por aqueles discípulos de Cristo, que começavam a praticar no mundo sua doutrina e exemplo.

No céu, Cristo pede ao Pai a missão do Espírito Santo

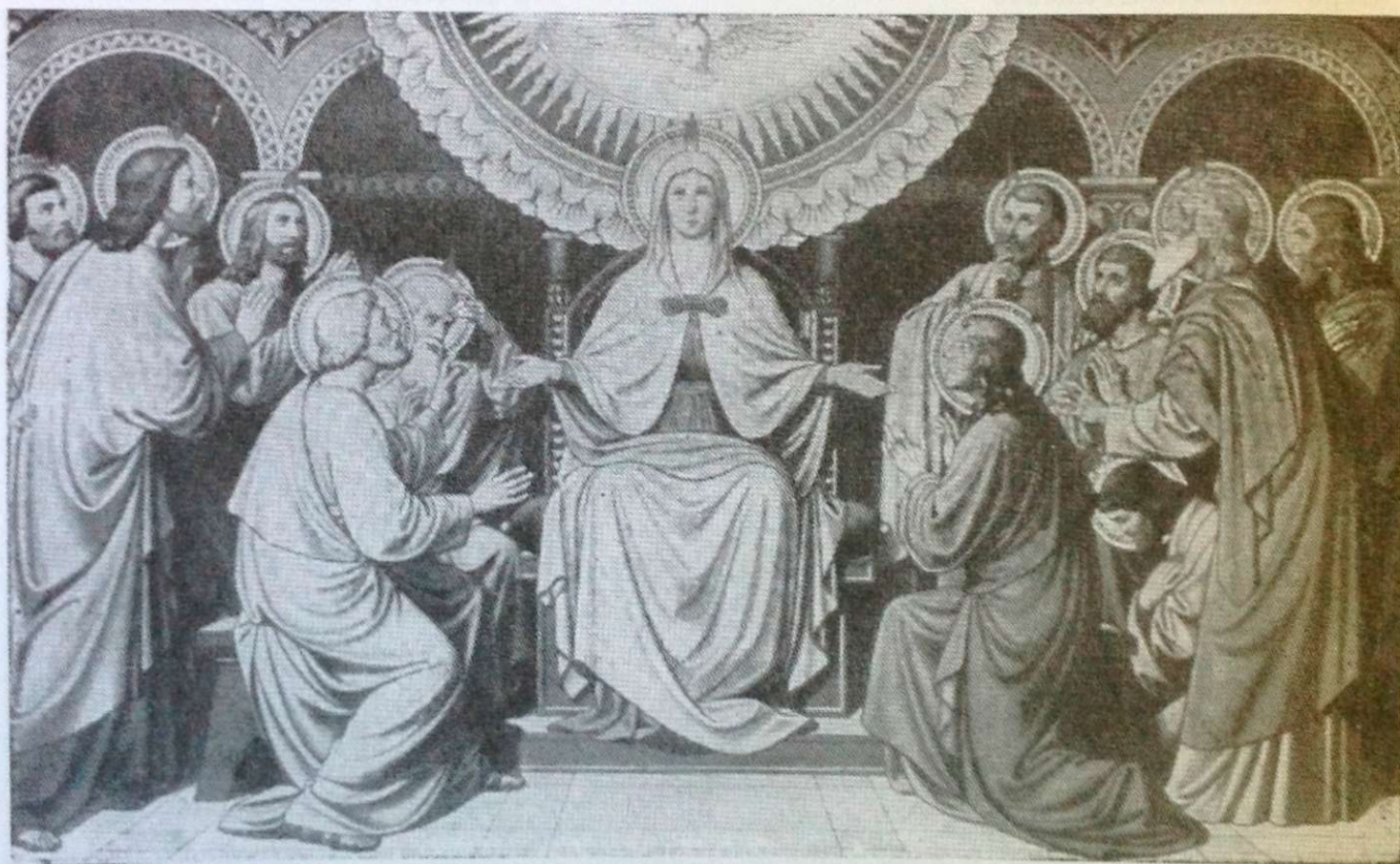
59. A Rainha dos anjos Maria Santíssima, com plenitude de sabedoria e graça, conheceu o dia e a hora determinados pela divina vontade, para enviar o Espírito Santo sobre o colégio apostólico.

Completados os dias de Pentecostes (**At 2, 1**), a saber, cinqüenta dias depois da ressurreição de nosso Redentor, a Mãe beatíssima teve a seguinte visão: Viu no céu a humanidade da Pessoa do Verbo recordar ao eterno Pai a promessa que o mesmo Salvador fizera aos seus apóstolos, de lhes enviar o divino Espírito consolador (**Jo 14, 26**); e que já se completava o tempo determinado por sua infinita sabedoria, para conceder este favor à santa Igreja e ser

estabelecida a fé, que o mesmo Filho havia ensinado, com os demais dons que havia merecido.

Jesus apresentou também os méritos que, na vida mortal havia adquirido com sua santíssima Vida, Paixão e Morte; os mistérios que realizara para a salvação da linhagem humana; seu ofício de mediador, advogado e intercessor entre o eterno Pai e os homens; a presença entre eles de sua querida Mãe, em quem as divinas Pessoas se compraziam.

O Pai e o Filho enviam o Espírito Santo

60. Este pedido, feito por nosso Redentor no céu, foi acompanhado na terra por sua Mãe Santíssima e os fiéis, na forma que lhes competia. Estando prostrada em terra em forma de cruz, com profunda humildade, a Senhora conheceu que no consistório da santíssima Trindade era aceita a petição do Salvador do mundo. Para concedê-la e executá-la, a nosso modo de entender, as pessoas do Pai e do Filho,

O Salvador pediu também que o Espírito Santo descesse ao mundo em forma visível, além da graça e dons invisíveis. Era conveniente para honrar, à vista de todos, a lei do Evangelho; para reanimar e confortar os apóstolos e fiéis que deveriam pregar a palavra divina; para aterrorizar os inimigos do Senhor que, em sua vida, o haviam desprezado e perseguido até lhe dar a morte.

princípio do qual procede o Espírito Santo, ordenaram a missão ativa da terceira Pessoa, porque às duas primeiras se atribui enviar a terceira, que delas procede. A terceira, o Espírito Santo, aceitou sua missão e vinda ao mundo.

As três pessoas divinas e suas operações tem uma só vontade infinita e eterna, sem desigualdade nenhuma. As potências, que nas três Pessoas são indi-

viduais e iguais, têm certas operações *ad intra* numa Pessoa, sem as ter nas outras. Deste modo, o entendimento engendra no Pai e não no Filho que é engendrado; a vontade no Pai e no Filho expira, e não no Espírito Santo que é expirado. Por esta razão, ao Pai e ao Filho se atribui, como princípio ativo, enviar o Espírito Santo *ad extra*, enquanto a este se atribui ser enviado, como passivamente.

Descida do Espírito Santo

61. No dia de Pentecostes pela manhã, a prudentíssima Rainha preveniu os apóstolos, discípulos e piedosas mulheres, ao todo cento e vinte pessoas (**At 1, 15**), que orassem e aguardassem com maior fervor, pois logo seriam visitados pelo divino Espírito.

Estando assim todos reunidos, rezando com a celestial Senhora, à hora tércia ouviu-se grande ruído como de forte trovoada, acompanhado de impetuoso vento e grande resplendor semelhante ao fogo e relâmpago. Desceu sobre a casa do Cenáculo, enchendo-a de luz e esplendor aquela santa assembléia (**At 2, 2**).Sobre a cabeça de cada uma das cento e vinte pessoas, apareceram línguas daquele fogo em que vinha o Espírito Santo. Encheu a todos de suas divinas influências e soberanos dons. Ao mesmo tempo, efeitos muito diferentes dos produzidos no Cenáculo, produziram-se em toda Jerusalém conforme a diferença dos indivíduos.

Maria e o Pentecostes

62. Em Maria Santíssima foram divinos, e admiráveis para os cortesãos do céu, pois nós somos demais ignorantes para entendê-los e explicá-los.

Ficou a puríssima Senhora toda elevada e transformada no altíssimo Deus; viu intuitiva e claramente o Espírito Santo, e por algum tempo, de passagem, gozou a visão beatífica da divindade. Ela, sozinha, recebeu mais dons e efeitos divinos do que todo o resto dos Santos. Durante aquele tempo, sua glória ultrapassou a dos anjos e bem-aventurados. Só Ela deu ao Senhor mais glória, louvor e agradecimento, do que todos eles juntos, pela graça do Senhor ter enviado seu divino Espírito sobre a santa Igreja, e por se comprometer a tornar a enviá-lo muitas vezes, e com sua assistência governá-la até o fim do mundo.

Os atos que Maria Santíssima realizou nesta ocasião, tanto agradou à beatíssima Trindade, que se considerou como paga e satisfeita pelo favor que fazia ao mundo. Não apenas se sentiu o Altíssimo satisfeito, mas como obrigado, por nele encontrar esta criatura única, que o Pai olhava como filha, o Filho como a Mãe e o Espírito Santo como esposa. A nosso

Os grandes milagres do primeiro Pentecostes: a vinda do Espírito Santo em línguas de fogo sobre os Apóstolos, que falavam em várias línguas à multidão, da qual três mil pessoas se converteram e foram batizadas.

modo de entender, julgava-se obrigado a visitá-la e a enriquecê-la, depois de a ter escolhido para tão alta dignidade. Na digna e feliz Esposa, renovaram-se todos os dons e graças do Espírito Santo, com novos efeitos e operações que somos incapazes de compreender.

Os apóstolos e o Pentecostes

63. Diz São Lucas que os apóstolos foram repletos do Espírito Santo (**At 2, 4**), porque receberam admirável aumento da graça justificante, e só os doze foram nela confirmados para não perdê-la. Foram-lhes infundidos hábitos dos sete dons: sabedoria, entendimento, ciência, piedade, conselho, fortaleza e temor, todos em grau convenientíssimo. Esta graça tão grandiosa quão admirável e nova no mundo, transformou os doze apóstolos, os fez idôneos ministros do Novo Testamento (**2Cor 3, 6**) e fundadores da Igreja do Evangelho em todo o mundo.

Estes dons lhes comunicaram uma força divina que, com eficaz e suave energia, os inclinava ao mais heróico das virtudes e à suprema santidade. Com esta força rezavam e realizavam, pronta e facilmente, todas as coisas, por árduas e difíceis que fossem. E isto, não com tristeza ou constrangimento, mas com gozo e alegria (**2Cor 9, 7**).

Os discípulos e fiéis no Pentecostes

64. Nos demais discípulos e fiéis que receberam o Espírito Santo no Cenáculo, o Altíssimo operou os mesmos efeitos, na devida proporção, menos a confirmação na graça, concedida só aos doze apóstolos. Conforme a disposição de cada um, foi-lhes comunicada a graça e dons, na medida correspondente ao ministério de que seriam investidos na Igreja.

A mesma proporção foi observada com os apóstolos. São Pedro e São João foram privilegiados nesses dons, por causa dos seus elevados ofícios: o primeiro, de governar a Igreja como chefe, e o segundo de assistir e servir à Rainha e Senhora do céu e da terra, Maria Santíssima.

O texto sagrado de São Lucas diz que o Espírito Santo encheu toda a casa onde se encontrava aquela feliz assembléia (**At 2, 2**), não só porque seus habitantes ficaram cheios do divino Espírito e seus inefáveis dons, mas também porque a própria casa cobriu-se de admirável luz e resplendor. Esta plenitude de maravilhas e prodígios, transbordou e se comunicou a outros, fora do Cenáculo, entre os moradores e vizinhos de Jerusalém, com diferentes efeitos.

Todos os que, com alguma piedade se compadeceram do Redentor em sua Paixão e morte, apiedando-se de seus acerbos tormentos e reverenciando sua adorável pessoa, foram visitados interiormente com nova luz e graça, que os dispôs para depois aceitar a doutrina dos apóstolos. Os que se converteram no primeiro sermão de São Pedro eram muitos destes; a compaixão pela morte do Senhor começou a lhes merecer tal felicidade. Outros justos que estavam em Jerusalém, fora do Cenáculo, receberam também grande consolação interior, que os dispôs a receber do Espírito Santo novos efeitos de graça, segundo a própria capacidade.

O Pentecostes e os inimigos do Senhor

65. Não menos prodigiosos, ainda que mais ocultos, foram outros efeitos completamente contrários dos que ficam ditos, operados pelo mesmo Espírito nesse

dia em Jerusalém. O fragoroso trovão, o violento ciclone e os relâmpagos que acompanharam a vinda do Espírito Santo, apavorou os inimigos do Senhor em Jerusalém, conforme a perfídia e maldade de cada um.

O castigo foi mais terrível para todos quantos cooperaram, com mais ódio e malícia, na morte de nosso Redentor. Todos estes caíram de ponta cabeça em terra e assim ficaram por três horas. Os que açoitaram o Salvador, morreram de repente afogados no próprio sangue, pelo que tão impiamente fizeram derramar. O insolente que deu a bofetada em Jesus, não só morreu repentinamente, mas foi lançado em corpo e alma no inferno. Outros judeus, ainda que não morreram, foram punidos com intensas dores e certas enfermidades repugnantes que, com o sangue de Cristo que sobre si imprecaram, passaram aos seus descendentes; ainda hoje podem ser vistos, imundos e horrorosos.

Este castigo foi notório em Jerusalém, ainda que os pontífices e fariseus procuraram com grande diligência desmenti-lo, como o fizeram com a Ressurreição. Não sendo assunto tão importante, nem os apóstolos nem os Evangelistas o escreveram, e a agitação da cidade levou a multidão a logo esquecer.

Pentecostes e o inferno

66. O castigo e o pânico chegou até o inferno, onde os demônios o sentiram com nova confusão e opressão que lhes durou três dias, como as três horas da prostração dos judeus. Naqueles dias, Lúcifer e seus demônios davam tremendos rugidos, que encheram os condenados de nova pena e angústia de desesperada dor.

Oh! inefável e poderoso Espírito! A santa Igreja vos chama dedo de Deus porque procedeis do Pai e do Filho, como o dedo procede do braço e do corpo; nesta ocasião compreendi, que tendes o mesmo poder infinito com o Pai e o Filho.

Com vossa real presença abalaram-se, ao mesmo tempo, céu e terra com efeitos tão diversos para seus habitantes, efeitos muito semelhantes aos que se darão no dia do juízo. Aos santos e justos enchestes de vossa graça, dons e consolação inefável, enquanto aos ímpios e soberbos castigastes, enchendo-os de confusão e penas.

Verdadeiramente, vejo aqui realizado o que dissestes por Davi: Que sois o Deus das vinganças. Com absoluta liberdade, dais a retribuição aos maus, a fim de que não se gloriem em sua malícia, nem digam em seu coração que não vereis nem entendereis para argüir e castigar seus pecados (**Sl 93, 1**).

O Espírito Santo e a justiça

67. Entendam, pois, os insipientes do mundo, e saibam os estultos da terra, que o Altíssimo conhece os vãos pensamentos dos homens, e se com os justos é liberal e suavíssimo, com os ímpios e maus é inflexível e justiceiro para castigá-los (**Sl 93, 1**).

Competia ao Espírito Santo fazer ambas as coisas nesta ocasião, porque procedia do Verbo que se incarnou pelos homens, morreu para redimi-los, padeceu tantos opróbrios e tormentos sem abrir a boca (**Is 53, 7**), nem retribuir estas desonras e desprezos. Descendo ao mundo, era justo que o Espírito Santo zelasse pela honra do Verbo humanado. Ainda que não castigou todos seus inimigos, punindo aos mais ímpios mostrava o que mereciam todos os que, com obstinada perfídia, o haviam desprezado, caso não se conver-

tessem à verdade, com verdadeira penitência.

Aos poucos que haviam recebido o Verbo humanado, ouvindo-o e seguindo-o como Redentor e Mestre, e aos que haviam de pregar sua fé e doutrina, era justo recompensá-los e prepará-los com as graças convenientes ao ministério de estabelecer a Igreja e lei evangélica.

À Maria Santíssima era como devida a visita do Espírito Santo. O apóstolo escreveu que, deixar o homem seu pai e sua mãe (**Ef 5, 31**) para unir-se com sua esposa, como disse Moisés (**Gn 2, 24**), era grande sacramento que exprime a união de Cristo com a Igreja (**Ef 5, 32**). Ele desceu do seio do Pai para se unir com ela em a natureza humana que assumiu.

Se Cristo, portanto, desceu do céu para ficar com sua esposa a Igreja, parecia coerente que o Espírito Santo descesse para estar com Maria Santíssima, não menos esposa sua que a Igreja o é de Cristo, nem menos amada pelo divino Espírito, do que a Igreja pelo Verbo humanado.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DO CÉU E SENHORA NOSSA

O Pentecostes é sempre atual

68. Minha filha, pouco atentos e agradecidos são os filhos da Igreja ao Altíssimo, pelo favor que lhes fez enviando o Espírito Santo, depois de lhes ter enviado seu Filho por Mestre e Redentor. Tão grande foi a dileção com que os amou e quis atrair a Si, e fazê-los participantes de suas divinas perfeições, que primeiro enviou o Filho (**Jo 3, 16**) que é a Sabedoria; depois o Espírito Santo que é seu mesmo Amor, para que ficassem enriquecidos por estes atributos, no modo em que todos fossem capazes de os receber.

A primeira vinda do Espírito divino sobre os Apóstolos e os que os acompanhavam, foi testemunha e penhor de que faria o mesmo favor aos demais filhos da Igreja e do Evangelho, comunicando seus dons a todos que se dispusessem para recebê-los. Como prova desta verdade, Ele descia sobre muitos crentes em forma e com efeitos visíveis (**At 8, 17; 10, 44; 11, 15**), porque eram verdadeiramente servos fiéis, humildes, sinceros, de coração puro e preparado para o receber.

Também agora, continua a vir ás almas justas, ainda que sem os sinais tão manifestos daquele tempo, porque agora não é necessário nem conveniente. Os efeitos e dons interiores, porém, são da mesma natureza, e comunicados no grau correspondente à disposição de quem os recebe.

Disposições para acolher o Espírito Santo

69. Feliz a alma que suspira por alcançar este favor e participar deste fogo que a abrasa, ilumina e consome todo o terrestre e carnal; purificando-a, eleva-a a novo ser, pela união e participação com Deus. Esta felicidade, minha filha, desejo-a para ti, como verdadeira e amorosa Mãe. Para a conseguires com plenitude, novamente te admoesto a preparares teu coração, esforçando-te por conservá-lo em imperturbável tranqüilidade e paz, em qualquer coisa que te suceder.

Deseja a divina clemência elevar-te a estado muito alto e seguro, onde se pacifiquem as tormentas de teu espírito, e não cheguem os assaltos do mundo e do inferno; onde o Altíssimo descanse em teu repouso, e encontre em ti digna habitação e templo para sua glória. Não te faltarão assaltos e tentações do dragão, e todas de refinada astúcia.

Vive prevenida para não te perturbares e não deixares entrar agitação no interior de tua alma. Guarda teu tesouro em segredo e goza das delicias do Senhor, dos suaves efeitos de seu casto amor, e das influências de sua ciência. Nisto Ele te destinguiu e escolheu entre muitas gerações, sendo liberalíssimo contigo.

A liberdade humana permanece

70. Considera, pois, a tua vocação e tem certeza que o Altíssimo te oferece novamente a participação e comunicação de seu Divino Espírito e seus dons. Advirto-te, todavia, de que quando os concede, não tira a liberdade da vontade. Sempre a deixa livre, para escolher o bem ou o mal. Assim, convém, confiada no fervor divino, tomares firme resolução de me imitar em todos os atos que de minha vida conheces, e não impedir os efeitos e a virtude dos dons do Espírito Santo. Para melhor entenderes esta doutrina, explicar-te-hei a prática de todos os sete.

Os dons da Sabedoria, Entendimento e Fortaleza

71. O primeiro dom, a Sabedoria, comunica o conhecimento e sabor das coisas divinas, para suscitar o cordial amor que nelas deves exercitar, cobiçando e apetecendo em tudo, o bem, o melhor e mais perfeito e agradável ao Senhor. Deves colaborar com este impulso, entregando-te toda à vontade divina e desprezando tudo quanto te possa impedir nisso, ainda que seja extremamente amável à vontade e desejável ao apetite. Para isto ajuda o segundo dom, o Entendimento, que dá especial luz para penetrar profundamente o objeto apresentado à inteligência.

Deves cooperar com este dom, afastando a atenção e a reflexão de pensamentos estranhos e inúteis que o demônio, por si ou por meio de outras criaturas, oferece para distrair o entendimento e o impedir de penetrar bem a verdade das coisas divinas. Isso atrapalha muito, porque estas duas inteligências são incompatíveis. A capacidade humana é reduzida, e dividida entre muitas coisas, compreende e atende menos a cada uma, do que se uma só a ocupasse. Nisto se experimenta a verdade do Evangelho: Ninguém pode servir a dois senhores (**Mt 6, 24**).

Quando a alma fica inteiramente atenta à inteligência do bem que compreende, precisa da Fortaleza, o terceiro dom, para resolutamente executar tudo o que o entendimento conheceu como o mais santo, perfeito e agradável ao Senhor. As dificuldades e impedimentos que surgirem, devem ser vencidos com a fortaleza, expondo-se a criatura a padecer qualquer trabalho e pena, para não se privar do verdadeiro e sumo Bem que conhece.

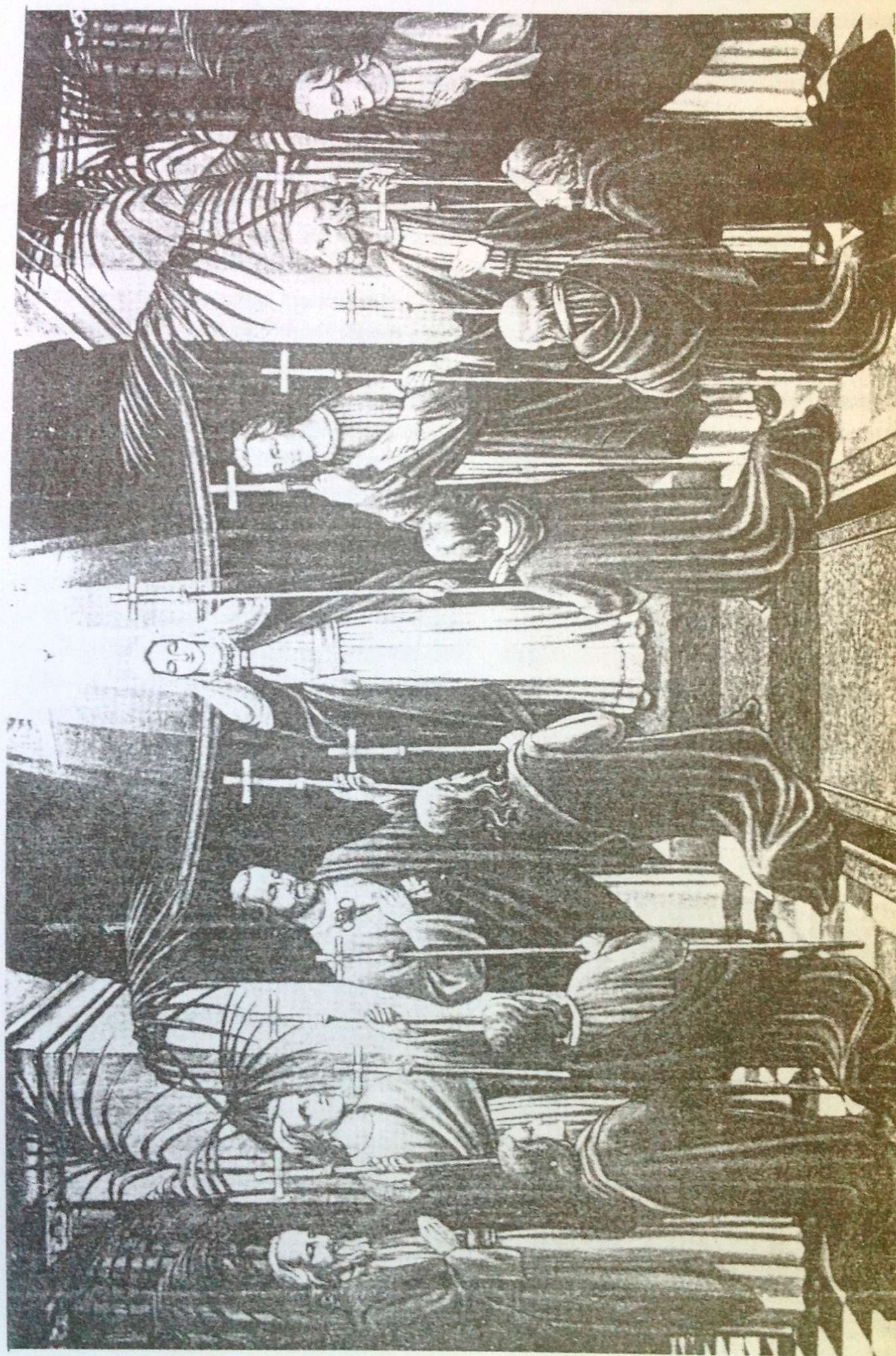
Os dons da Ciência, Piedade, Conselho e Temor de Deus

72. Muitas vezes acontece que, pela natural ignorância e incerteza, mais a tentação, a criatura não consegue chegar às conclusões ou conseqüências da verdade divina que conhece, e se vê embaraçada para melhor agir. Para não se cair no vicioso arbítrio da prudência da carne, nos é concedido o quarto dom, a Ciência. Ela dá luz para inferir umas coisas boas de outras, e ensina o mais certo e seguro a ser seguido, se for o caso.

A este dom, se une o quinto, a Piedade. Ele inclina a alma, com forte suavidade, a tudo o que é verdadeiramente do

agrado e serviço do Senhor, e bem espiritual da criatura, para o praticar não por alguma paixão natural, mas sim por motivo santo, perfeito e virtuoso.

Para em tudo se orientar com alta prudência, serve o sexto dom, o Conselho. Dirige a razão para agir com acerto e sem temeridade. Pesa os meios e refletindo, para si e para os outros, com discrição, escolhe os meios mais proporcionados, para fins honestos e santos.

A todos estes dons segue o último, o Temor, que é o guarda e remate de todos. Este dom inclina o coração a fugir e se guardar de qualquer imperfeição, e de tudo o que discorda das virtudes e perfeições da alma. Deste modo, vem a servir de muro que a defende. É necessário, porém, entender a matéria e modo deste temor santo, para que a criatura nele não se exceda, e venha a temer onde não há razão para isso. A ti muitas vezes tem acontecido assim, por astúcia da serpente que, em torno do temor santo, procurou insuflar-te o temor desordenado pelos favores do Senhor. Com esta doutrina, ficas instruída como deverás praticar os dons do Altíssimo e proceder com eles. Lembro-te que a ciência de temer é efeito próprio dos favores que Deus comunica. Concede-o à alma juntamente com suavidade, paz, doçura e tranqüilidade para ela saber estimar e apreciar o que recebe. Nenhum dom do Altíssimo é pequeno. O temor não deve impedir reconhecer seu valor, mas sim a agradecer-lhe com todas as forças e profunda humildade. Conhecendo estas verdades com certeza, e afastando o temor servil, ficará o filial. Com este norte navegarás, com segurança, neste vale de lágrimas.

Os Apóstolos se preparam para a evangelização

CAPÍTULO 6

OS APÓSTOLOS SAEM DO CENÁCULO E PREGAM À MULTIDÃO. DOM DAS LÍNGUAS. CONVERSÃO DE TRÊS MIL PESSOAS. O QUE FEZ MARIA SANTÍSSIMA.

Pentecostes inaugura a Igreja

73. Os sinais tão visíveis e notórios com que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, comoveram toda a cidade de Jerusalém. Seus moradores estavam pasmados com a novidade jamais vista. Rapidamente propagou-se a notícia de quanto fôra visto sobre a casa do Cenáculo e o povo, em multidão, acorria para saber do sucesso (**At 2, 6**).

Celebrava-se naquele dia uma das grandes festas dos hebreus. Tanto por este motivo, como por especial disposição do céu, a cidade se encontrava repleta de forasteiros e estrangeiros, de todas as nações do mundo. Queria o Altíssimo revelar-lhes por aquele prodígio, os princípios da pregação e estabelecimento da nova lei da graça que o Verbo humanado, nosso Redentor e Mestre, instituíra para a salvação dos homens.

O milagre das línguas

74. Os santos apóstolos, inflamados em caridade pelos dons do Espírito Santo, vendo que toda Jerusalém acorria às portas do Cenáculo, pediram licença à sua Rainha e Mestra para saírem e começarem a pregar. Tanta graça que tinham recebido, não devia ficar ociosa sequer um momento, sem ser usada para o bem das almas e nova glória de seu Autor.

Saíram todos da casa, e à vista da multidão puseram-se a pregar os mistérios da fé e salvação eterna. Como até aquela hora tinham estado escondidos e tímidos, os ouvintes ficaram atônitos com aquela surpreendente coragem, e com as palavras que lhes saíam da boca, quais raios de luz e fogo. Admirados de tão estranha novidade, nunca vista nem ouvida no mundo, olhando uns para os outros perguntavam assombrados: Que estamos vendo? Por acaso não são galileus todos estes que falam? Como, pois, cada um de nós os ouve falar na própria língua em que nascemos? Os judeus e prosélitos, os romanos, latinos, gregos, cretenses, árabes, partos, medos, e os outros das demais partes do mundo, todos os ouvimos falar e os entendemos em nossos idiomas (**At 2, 7**)!

Oh! grandezas de Deus! Como é admirável em suas obras!

Razão do milagre das línguas

75. Os estrangeiros de tantas nações e tão diferentes línguas que se

encontravam em Jerusalém, ouvindo os apóstolos falarem a língua de cada um dos ouvintes, encheram-se de assombro, tanto pelo prodígio como pela doutrina que pregavam.

Advirto que os apóstolos, com a plenitude de ciência e dons gratuitos que receberam, ficaram sábios e capazes de falar em todas as línguas, porque assim foi necessário para lhes pregar o Evangelho. Nesta ocasião, porém, falaram só a língua usada na Palestina e articulando apenas esta, cada ouvinte os entendia na própria língua, como se eles as estivessem falando. A voz de cada um dos apóstolos, que eles articulavam no idioma hebreu, chegava ao ouvido dos assistentes na língua própria de sua nação.

Deus operou este milagre, para que os apóstolos fossem melhor entendidos e aceitos por aqueles numerosos e diferentes povos.

São Pedro não repetia a pregação em cada língua dos que ali estavam, mas pregando uma só vez, todos entendiam, cada qual na própria língua. O mesmo aconteceu aos demais apóstolos. Se cada um falasse na língua de quem os ouvia, teria sido necessário repetir, pelo menos, dezessete vezes, número das nações que se encontravam no auditório, segundo a narração de São Lucas (**At 2, 9 e seg.**).Para tanto se gastaria mais tempo do que se colige do texto sagrado, e produziria grande confusão e fadiga. Para nós, o milagre não teria sido tão evidente, como o foi no modo pelo qual se operou.

Efeitos da pregação apostólica

76. Os diversos povos que ouviram os apóstolos não entenderam o prodígio, embora tenham se admirado de ouvi-los cada qual no próprio idioma. São Lucas diz que os apóstolos começaram a falar em várias línguas (**At 2, 4**), porque no mesmo instante as entenderam e puderam falá-las, e logo falaram, como direi adiante (n° 83). Os que, naquele dia vieram ao Cenáculo e os ouviram na própria língua, admiraram-se, mas com diferentes efeitos e pareceres, conforme a disposição de cada um. Os que ouviam devotamente, entendiam muito sobre Deus e a Redenção humana, matéria em que os apóstolos falavam, altíssima e fervorosamente. A força de suas palavras despertava e movia os ouvintes em vivos desejos de conhecer a verdade. Com a divina luz eram iluminados e compungidos, para chorar seus pecados e pedir misericórdia por eles. Chorando, clamavam aos apóstolos e pediam ensinar-lhes o que deviam fazer, para alcançar a vida eterna.

Outros, duros de coração, indignavam-se contra os apóstolos, nada captando das grandezas divinas que pregavam. Em lugar de as aceitar, acoimavam-nos de comediantes e aventureiros. Muitos dos judeus, mais ímpios na perfídia e inveja, acusavam os apóstolos de embriagados e dementes (**At 2, 13**). Alguns destes eram dos que haviam caído ao fragor produzido pelo Espírito Santo. Levantaram-se mais obstinados e rebeldes contra Deus.

Sermão de São Pedro

77. Para refutar esta blasfêmia, São Pedro, como cabeça da Igreja, tomou a palavra e disse em alta voz (**At 2, 14 em diante**): Varões judeus e os que residis em Jerusalém, ouvi minhas palavras, e ficai sabendo que estes meus companheiros não estão embriagados com vinho, como estais pensando. Ainda não passou a hora de meio-dia, na qual os homens costumam se entregar a tal desordem.

Sabei todos que neles se cumpriu

o que Deus prometeu pelo profeta Joel (**Jl 2, 28**): "Em tempos futuros, derramarei meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; os jovens e anciãos terão visões e sonhos sobrenaturais. Darei meu Espírito a meus servos e servas; farei prodígios no céu e maravilhas na terra, antes que chegue o grande e ostensivo dia do Senhor. Quem invocar o nome do Senhor será salvo".

Ouvi, pois, israelitas minhas palavras: Vós tirastes a vida de Jesus Nazareno pela mão dos inimigos, sendo Ele homem santo, aprovado por Deus com poder, prodígios e milagres que operou entre o povo. De tudo estais cientes e sois testemunhas. Deus ressuscitou-o dentre os mortos, conforme as profecias de Davi (**Sl 15, 8**) que não falava de si mesmo, pois vós tendes o sepulcro onde se encontra o corpo deste santo rei.

Como profeta, falou de Cristo, e nós somos testemunhas de o ter visto ressuscitado e depois subindo ao céu, por seu próprio poder, para sentar-se à direita do Pai, o que Davi também deixou profetizado (**Sl 109, 1**). Entendam os incrédulos estas palavras e verdades, que a malícia de sua perfídia quer negar. A eles se oporão as maravilhas do Altíssimo que se ostentará em nós, seus servos, em testemunho da doutrina de Cristo e de sua admirável Ressurreição.

Conversão de três mil pessoas

78. Saiba, portanto, toda a casa de Israel, e conheça com certeza, que este Jesus a quem crucificastes, Deus o constituiu seu Cristo, ungido e Senhor de tudo, ressuscitando-o dos mortos ao terceiro dia.

Ouvindo estas palavras, muitos dos que ali estavam compungiram-se em seus corações, e em grande pranto, perguntaram a São Pedro e aos outros apóstolos, o que poderiam fazer para se salvarem (**At 2, 37**).

Disse-lhes São Pedro (**At 1, 38**): Fazei verdadeira penitência e recebei o Batismo em nome de Jesus, com o que serão perdoados os vossos pecados, e depois recebereis o Espírito Santo. Esta promessa foi feita para vós, para vossos filhos e para os outros, mais afastados, que o Senhor chamará. Agora, pois, procurai aproveitar-vos do remédio e ser salvos, afastando-vos desta perversa e incrédula geração.

Outras muitas palavras de vida lhes pregou São Pedro, deixando confusos os judeus obstinados e outros incrédulos. Como nada puderam responder retiraram-se do Cenáculo. Os que aceitaram a verdadeira fé e doutrina de Jesus Cristo foram quase três mil (**At 2, 41**). Reuniram-se aos apóstolos e foram batizados por eles, en-

chendo de temor toda Jerusalém, porque os prodígios que os apóstolos realizavam produziam grande espanto e medo aos que não acreditavam.

Os convertidos

79. Os três mil que se converteram nesse dia, com o primeiro sermão de São Pedro, pertenciam a todas as raças que então se encontravam em Jerusalém. Logo de inicio o fruto da redenção atingiu todas as nações e de todas nascia uma Igreja e se estendia na graça do Espírito Santo. Sem ser excluído nenhum povo e nação, de todos seria composta a Igreja universal.

Muitos judeus haviam assistido com piedade e compaixão a Paixão e Morte de Cristo nosso Salvador, conforme eu disse acima (**2ª parte, nº 1387**). Dos que nela tinham participado, apenas alguns se converteram, porque não se dispuseram; se o fizessem, seriam todos recebidos pela misericórdia e perdoados de seus erros.

Naquela tarde, terminado o sermão, os apóstolos retiraram-se ao Cenáculo, com grande parte da multidão dos novos filhos da Igreja. Foram comunicar à Mãe de misericórdia, Maria puríssima, tudo o que acontecera, levando os novos convertidos para a conhecerem e venerarem.

Maria e a primeira pregação dos apóstolos

80. A grande Rainha dos anjos nada ignorava de quanto havia sucedido. De seu retiro, ouvira a pregação dos apóstolos e conhecera até o menor pensamento dos ouvintes, sendo-lhe patentes os corações de todos. A piedosíssima Mãe manteve-se prostrada, com o rosto apegado ao pó, pedindo com lágrimas a conversão de todos os que aceitaram a fé no Salvador, e para os demais, se quisessem cooperar com os auxílios e graça do Senhor.

Para ajudar os apóstolos naquela grande obra do começo da pregação, e auxiliar os ouvintes a recebê-la, Maria Santíssima enviou muitos anjos dos que a acompanhavam para que, atentamente, assistissem a uns e outros com santas inspirações. Aos santos apóstolos, deviam inspirar grande coragem e fervor, para pregarem os mistérios ocultos da divindade e humanidade de Cristo, nosso Redentor.

Obedeceram os anjos ao que lhes ordenava sua Rainha que, nesta ocasião, usou de poder e santidade à altura da grandeza de tão novo prodígio, e da matéria de que se tratava. Quando os apóstolos chegaram à sua presença, com aquela copiosa primícia de sua pregação e do Espirito Santo, recebeu a todos com indizível alegria e suavidade de verdadeira e piedosa Mãe.

São Pedro apresenta Maria aos primeiros fiéis

81. Dirigindo-se aos neo-convertidos, disse o apóstolo São Pedro: Irmãos meus e servos do Altíssimo, esta é a Mãe do nosso Redentor e Mestre Jesus, cuja fé recebestes, reconhecendo-o por Deus e Homem verdadeiro. Ela lhe deu forma humana, concebendo-o em seu seio e permanecendo virgem antes do parto, no parto e depois do parto. Recebei-a por Mãe, amparo e medianeira, pois por Ela recebemos, vós e nós, luz, consolo e remédio de nossos pecados e misérias.

Com esta exortação do apóstolo e à vista de Maria Santíssima, aqueles novos fiéis receberam admiráveis efeitos de interior luz e consolação. Desde que Ela estivera no céu, à direita de seu Filho Santíssimo, fôra-lhe aumentado o privilégio de conce-

der muitas graças interiores aos que a olhassem com piedade e veneração. Como todos aqueles crentes receberam estas influências da presença da grande Senhora, prostraram-se a seus pés, e com lágrimas lhe pediram a mão e a bênção.

A humilde e prudente Rainha esquivava-se, por se encontrarem presentes os apóstolos que eram sacerdotes e São Pedro, o vigário de Cristo, até que o mesmo apóstolo lhe disse: Senhora, não recuseis a estes fiéis, o que piedosamente pedem para consolo de suas almas. Obedeceu Maria Santíssima ao chefe da Igreja, e com humilde serenidade de Rainha abençôou aos novos convertidos.

Exortação de Maria

82. O amor que se apossou de seus corações, moveu-os a desejar que a divina Mãe lhes dirigisse algumas palavras de conforto, enquanto a humildade e reverência os retraía para lho suplicar. Percebendo a obediência que Ela prestava a São Pedro, voltaram-se para ele e pediram que rogasse à Senhora não despedi-los de sua presença, sem lhes dizer alguma palavra de encorajamento.

São Pedro achou que convinha consolar aquelas almas que haviam renascido em Cristo, pela pregação sua e a dos outros apóstolos. Como, porém, sabia que a Mãe da Sabedoria não ignorava o que devia fazer, disse-lhe apenas estas palavras: Senhora, atende aos rogos destes vossos servos e filhos.

A grande Senhora obedeceu imediatamente, e disse aos convertidos: Meus caríssimos irmãos no Senhor, dai graças e louvai de todo o coração ao Deus onipotente, porque entre todos os homens vos chamou e trouxe ao verdadeiro caminho da eterna vida, com o conhecimento da santa fé que recebestes.

Conservai-vos firmes nela, para confessá-la de todo o coração e para ouvir e crer tudo o que contém a lei da graça, como a instituiu e ensinou seu verdadeiro Mestre, Jesus, meu Filho e vosso Redentor. Ouvi e obedecei a seus apóstolos que vos catequizarão, e pelo Batismo sereis marcados com o sinal e caráter de filhos do Altíssimo.

Ofereço-me por serva de todos, para ajudar-vos em tudo o que for necessário para vosso consolo. Rogarei por vós a meu Filho e Deus eterno, e lhe pedirei que vos olhe como Pai, e vos mostre a alegria de sua face, na felicidade verdadeira. E agora vos comunique sua graça.

Os dons das línguas e milagres

83. Esta doce exortação deixou aqueles novos filhos da Igreja confortados, cheios de luz, veneração e admiração pela Senhora do mundo. Pedindo-lhe novamente a bênção, retiraram-se de sua presença renovados e melhorados, com admiráveis dons do Altíssimo.

Desde aquele dia, os apóstolos e discípulos continuaram, sem interrupção, a pregação. Durante aquela oitava catequizaram, não só os três mil que se converteram no dia de Pentecostes, mas também a outros muitos que todos os dias aderiam à fé. Como estes procediam de diversas nações, os apóstolos falavam e os catequizavam nos próprios idiomas deles.

Por isto, eu disse acima (nº 76) que, a partir daquela hora, eles falaram em várias línguas. E não só os apóstolos receberam esta graça. Embora neles tenha sido em maior intensidade, também os discípulos a tiveram, e os cento e vinte, mais as santas mulheres que estavam no Cenáculo

e receberam o Espírito Santo.

Naquela ocasião foi necessário, por causa da grande multidão dos que abraçavam a fé. Ainda que os homens em geral, e mulheres em grande número, dirigiam-se aos apóstolos, muitas destas, depois de ouvi-los, procuravam Madalena e suas companheiras que as catequizavam e instruíam.

Convertiam outras que vinham atraídas pela fama dos milagres que faziam, pois esta graça foi comunicada também às santas mulheres. Só com o impor as mãos sobre a cabeça dos pacientes, curavam todas as enfermidades; davam vista aos cegos, fala aos mudos, pés aos entrevados e vida a muitos mortos.

Embora estes prodígios fossem operados principalmente pelos apóstolos, uns e outros puseram Jerusalém em assombro. Nela não se falava de outra coisa, a não ser das maravilhas e da pregação dos apóstolos de Jesus, de seus discípulos, e seguidores de sua doutrina.

Comunhão de bens espirituais e temporais

84. A fama desta novidade atravessou os limites da cidade. Não havia enfermo que não ficasse curado. Estes milagres eram necessários, não só para confirmação da nova lei e fé em Cristo, Senhor nosso, mas também porque o desejo natural da vida e saúde corporal servia-lhes de incentivo. Procurando a melhora do corpo, ouviam a palavra divina e voltavam sãos de alma e corpo, como acontecia geralmente com os curados pelos apóstolos.

Deste modo, cada dia multiplicava-se o número dos crentes, cujo fervor na fé e na caridade era tão intenso, que todos começaram a imitar a pobreza de Cristo. Desprezavam as riquezas e propriedades, oferecendo e depondo quanto possuíam aos pés dos apóstolos, sem nada reservar como coisa sua (**At 2, 45**).

Tudo era comum entre os fiéis. Desejavam libertar-se do perigo das riquezas e viver em pobreza, simplicidade, humildade e contínua oração, livres de qualquer solicitude, a não ser a eterna salvação. Todos se consideravam irmãos, filhos de um só Pai que está nos céus (**Mt 23, 9**).

A fé, a esperança, a caridade, os Sacramentos, a graça e a vida eterna que aspiravam, eram as mesmas para todos. Por isto, parecia-lhes perigoso haver desigualdade entre os cristãos, filhos do mesmo Pai, herdeiros de seus bens e seguidores de sua lei. Era-lhes dissonante que, havendo tanta união no mais importante e essencial, fossem uns ricos e outros pobres, sem partilhar os bens temporais como os da graça, pois tudo procede do mesmo Pai, para todos seus filhos.

Perfeição da nascente Igreja

85. Este foi o século dourado, o feliz princípio da Igreja do Evangelho. A impetuosidade do rio alegrou a cidade de Deus (**Sl 45, 5**), e a correnteza da graça e dons do Espírito Santo fertilizou o novo paraíso da Igreja, recém plantada pelas mãos de nosso Salvador Jesus, tendo no meio dele a árvore da vida, Maria Santíssima.

Naqueles dias a fé era viva, a esperança firme, a caridade ardente, a sinceridade pura, a humildade verdadeira, a justiça retíssima. Os fiéis não conheciam a avareza, não seguiam a vaidade, pisavam o fausto, ignoravam o luxo, a soberba e a ambição que depois prevaleceram tanto, entre os que professam a fé e se declaram

seguidores de Cristo, mas com as obras o negam.

Alegaremos que, então, receberam as primícias do Espirito Santo (**Rm 8, 23**) e os fiéis eram menos numerosos; que os tempos agora são diferentes, e que naquela época vivia na santa Igreja a Mãe da sabedoria e da graça, Maria Santíssima Senhora nossa; que sua presença, orações e amparo, os defendiam e confirmavam para crer e agir heroicamente.

A tibieza dos cristãos não tem desculpa

86. A esta desculpa responderei no decurso desta História, onde se entenderá ter sido por culpa dos fiéis que se introduziram tantos vícios na Igreja: fizeram tantas concessões ao demônio que ele próprio, em sua soberba e malícia, não imaginava poder conseguir dos cristãos.

Por agora digo, apenas, que a virtude e graça do Espírito Santo não se esgotaram naquelas primícias: é sempre a mesma, e na Igreja seria tão eficaz para muitos, até a consumação dos tempos, como o foi para os poucos em seu princípio. A condição é que estes muitos fossem tão fiéis como aqueles poucos.

É verdade que os tempos mudaram: trocaram as virtudes pelos vícios e o bem pelo mal. Como se vê, tal mudança não veio da alteração dos céus e dos astros, mas dos homens que se desviaram do caminho da vida eterna para o da perdição. Não falo agora dos pagãos e hereges que desatinaram completamente, não só da luz da verdadeira fé, como da mesma razão natural. Refiro-me aos fiéis que se prezam de ser filhos da luz, contentando-se apenas com esse título, do qual às vezes se valem para dar cor de virtude aos vícios e disfarce aos pecados.

Maria na Igreja primitiva

87. Das maravilhas e portentosas obras que a grande Rainha realizou na Igreja primitiva, não será possível, nesta terceira parte, escrever a menor delas. Poder-se-á deduzir, do que vou escrever sobre os anos que Ela viveu na terra depois da Ascensão.

Não descansou, não perdeu momento nem oportunidade em que pudesse fazer algum singular favor à Igreja, tanto em particular, como em geral. Rogava a seu Filho Santíssimo e tudo obtinha; exortava, ensinava, aconselhava e por muitos modos derramava sobre os filhos do Evangelho a divina graça, de que era tesoureira e distribuidora.

Entre os ocultos mistérios que, sobre este poder de Maria Santíssima, me foram manifestados, entendi que naqueles anos em que viveu na santa Igreja, foram muito poucos os que se condenaram. Salvaram-se mais do que nos séculos que viriam depois, comparando-se um século com aqueles poucos anos.

Maria sempre ama a Igreja

88. Confesso que a felicidade daquele mais que venturoso século, poderia causar santa inveja a nós que nascemos na luz da fé, nos últimos e piores tempos. A passagem dos anos, porém, não diminuiu o poder, a caridade e clemência desta suprema Imperatriz.

É verdade que não tivemos a dita de vê-la e ouvi-la corporalmente, e nisto foram mais bem-aventurados que nós aqueles primeiros filhos da Igreja. Saibamos, entretanto, que na divina ciência e caridade, desta piedosa Mãe, estivemos presentes desde aquele tempo [1]. Viu-nos e conheceu-nos na ordem e sucessão da Igreja

1 - 2ª parte, nº 789.

e por todos rezou, como pelos que então viviam com Ela

Agora no céu, não é menos poderosa do que quando estava na terra, e tão Mãe nossa como o foi dos primeiros filhos. Doloroso é que nossa fé, fervor e devoção sejam tão diferentes. Não foi Ela que mudou. Sua caridade, intercessão e amparo não seriam menores, se nestes difíceis tempos recorrêssemos a Ela reconhecidos, humilhados e fervorosos, depositando nossa sorte em suas mãos, certos de receber socorro, como aqueles devotos e primeiros fiéis.

Deste modo, sem dúvida alguma, toda a Igreja católica, em seus últimos tempos, sentiria a mesma proteção que a Rainha lhe dispensou em seu princípio.

Solicitude da Virgem pelos primeiros fiéis

89. Voltemos à solicitude que a piedosa Mãe dedicava aos apóstolos e recém-convertidos, atendendo ao consolo e necessidade de todos em geral, e de cada um em particular. Exortou e animou os apóstolos e ministros da divina palavra, a sempre melhor reconhecerem o poder e demonstrações tão prodigiosas, com que seu Filho Santíssimo começava a estabelecer a fé em sua Igreja; a virtude que o Espírito Santo lhes comunicara para fazê-los seus idôneos ministros, e a assistência que sempre receberam do poder do Altíssimo.

Reconhecidos, deviam louvá-lo como o autor de todas aquelas obras e maravilhas, dar-lhe humildes ações de graças e, com grande confiança, prosseguir na pregação e instrução dos fiéis, e na exaltação do nome do Senhor, para que fosse louvado, conhecido e amado de todos.

Era a primeira a praticar esta doutrina e admoestação feita ao colégio apostólico, com prostrações, atos de humildade, louvor e cânticos ao Altíssimo. Tudo realizava com tal plenitude, que não deixou de oferecer agradecimentos e fervorosas súplicas ao eterno Pai, em nome de cada um dos convertidos. A todos conservava distintamente presentes em sua memória.

Favores de Maria à primitiva Igreja

90. Não só fazia por eles estes atos, mas a todos recebia, ouvia, confortava com palavras de vida e luz. Naqueles dias, depois da vinda do Espírito Santo, muitos lhe falaram particularmente, abrindo-lhe as consciências, e também mais tarde, à medida em que surgiam novos convertidos em Jerusalém.

Nada ignorava a grande Rainha, porque conhecia os corações, com suas inclinações e disposições. Com esta divina ciência e sabedoria, acomodava-se às necessidades de cada um, aplicando-lhes a salutar medicação que a enfermidade espiritual exigia. Por este modo, Maria Santíssima prodigalizou tantos, especiais e grandes favores a inumeráveis almas, que não se podem conhecer nesta vida.

Oração de Maria pelos fiéis

91. Nenhum dos que a divina Mestra catequizou e instruiu na fé se condenou, apesar de terem sido muitos os agraciados por esta feliz sorte. Na ocasião em que abraçaram a fé, e durante o resto de suas existências, ela rezou especialmente por eles, e todos foram inscritos no livro da vida.

Para mais empenhar seu Filho Santíssimo, dizia-lhe: Senhor meu e vida de minha alma, por vossa vontade e agrado

voltei ao mundo para ser Mãe de vossos filhos e irmãos, os fiéis de vossa Igreja. Não cabe em meu coração que se perca o fruto de vosso sangue, infinitamente precioso, nestes filhos que suplicam minha intercessão; nem sejam infelizes por se terem valido deste humilde bichinho da terra, para inclinar vossa clemência. Admiti-os, meu Filho, para vossa glória, em o número de vossos predestinados e amigos.

A estas súplicas, o Senhor logo lhe respondeu que faria quanto lhe pedia. Creio que agora sucede o mesmo, para os que merecem a intercessão de Maria Santíssima e a invocam de todo o coração. Se esta Mãe puríssima dirige a seu Filho Santíssimo semelhantes súplicas, como se pode pensar que Ele lhe recusará este pouco, quando a Ela deu todo o seu próprio ser, para o revestir da carne e natureza humana, criando-o e alimentando-o com seu leite?

Reverência de Maria pelos Apóstolos

92. Muitos daqueles novos fiéis, depois de ver e ouvir a grande Senhora, dela concebiam tão alto conceito, que voltavam para lhe oferecer jóias, riquezas e grandes presentes. As mulheres, em particular, despojavam-se de seus adornos para oferecê-los à divina Mestra.
Agradecia-lhes a humilde Mãe, mas não recebia, nem aceitava qualquer dessas coisas.

Se convinha receber alguma daquelas dádivas, inclinava os doadores a se dirigirem aos apóstolos, para que eles se encarregassem de repartir entre os fiéis mais pobres e necessitados, com justiça e caridade. Aos pobres e enfermos recebia com inefável clemência, e a muitos curava de doenças, sofridas há longo tempo. Por intermédio de São João, acudiu muitas necessidades ocultas, atendendo a tudo, sem omitir ato algum de virtude.

Como os apóstolos e discípulos se ocupavam todo o dia na pregação e conversão dos que abraçavam a fé, a grande Rainha cuidava de lhes prevenir o necessário para sua alimentação. Chegada a hora, servia pessoalmente, de joelhos, aos sacerdotes, pedindo-lhes a mão para beijar, com incrível humildade e reverência.

Isto fazia especialmente com os apóstolos, cujas almas via confirmadas na graça, ornadas com os dons do Espírito Santo e com a dignidade de sumos sacerdotes e fundamentos da Igreja (**Ef 2, 20**). Algumas vezes via-os resplandecentes de luz, o que lhe aumentava a reverência e veneração.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DOS ANJOS.

A Salvação é oferecida a todos

93. Minha filha, no que entendeste sobre os sucessos deste capítulo, encontrarás muitas das razões do oculto mistério da predestinação das almas. Adverte como a Redenção humana foi poderosa e superabundante (**Rm 5, 20**). A todos quantos ouviram a pregação, e chegaram ao conhecimento dos efeitos da vinda de meu Filho ao mundo, foi proposta a palavra da verdade divina. Além desta pregação exterior e conhecimento da redenção, a todos foram dadas inspirações e auxílios interiores para a aceitarem e procurarem.

Apesar disto, te admiras de que o primeiro sermão do apóstolo convertesse três mil pessoas, entre a grande multidão que se encontrava em Jerusalém. Maior admiração poderia causar o fato de agora se converterem tão poucos ao caminho da

eterna salvação, quando o Evangelho se acha mais propagado, a pregação mais freqüente, muitos os ministros, a luz da Igreja mais visível e a notícia dos mistérios divinos mais expressa. Com todas estas vantagens, os homens são mais cegos, os corações mais endurecidos, a soberba mais insolente, a avareza sem rebuços e todos os vícios sem temor de Deus nem pejo.

Misericórdia e justiça divina

94. Nesta perversidade e infelicíssima sorte, não podem os mortais se queixar da altíssima e justíssima providência do Senhor. A todos e a cada um Ele oferece sua paternal misericórdia, e mostra o caminho da vida e o da morte. Se deixa um coração se endurecer, é com retíssima justiça.

Os réprobos se queixarão de si próprios quando, sem remédio e sem tempo, souberem o que deviam e podiam saber, quando tiveram oportunidade para isso. Na curta vida que lhes é concedida para merecerem a eterna, cerram os ouvidos e os olhos à verdade e à luz. Escutam o demônio, entregam-se inteiramente à sua depravada vontade, e abusam da bondade e clemência do Senhor.

Que desculpas podem alegar? Não sabem perdoar uma injúria, e por qualquer pequena ofensa planejam crudelíssimas vinganças; para aumentar a riqueza, transgridem toda ordem da razão e da natural fraternidade; por um torpe deleite, esquecem-se da pena eterna; e sobretudo desprezam as inspirações, auxílios e avisos de Deus, para que temam a perdição e não se precipitem nela.

Como poderão se queixar da divina misericórdia? Desenganem-se, pois, os mortais prevaricadores: sem penitência não há graça, sem emenda não há remissão e sem perdão não há glória. Assim como a nenhum indigno o perdão será concedido, tampouco será negado ao que dele for digno. Jamais faltou ou faltará misericórdia, para quem a quiser merecer.

Docilidade ao Espírito Santo

95. De todas estas verdades quero, minha filha, que tires os salutares ensinamentos que te convêm. O primeiro seja, receber com atenção qualquer santa inspiração que tiveres, qualquer aviso ou instrução que ouvires, ainda que venha do mais humilde ministro do Senhor, ou de qualquer criatura.

Com prudência, deves considerar que não é por acaso, e sem divina disposição, que chegam ao teu conhecimento, pois é certo que tudo é ordenado pela providência do Altíssimo para te despertar. Deves recebê-lo com humilde gratidão, e refletir para atender qual virtude podes e deves praticar com aquela inspiração. E, assim como a compreenderes, deves praticá-la. Nada desprezes ainda que for coisa pequena, pois aquele bom ato te dispõe para outros, de maior méritos e virtude.

Em segundo lugar lembra do prejuízo que causa às almas, desprezar tantos auxílios, inspirações, chamamentos e outros benefícios do Senhor. A ingratidão que nisto se comete, vai dando razão à justiça, com que o Altíssimo acaba por deixar muitos pecadores em seu endurecimento.

Se para todos este perigo é tão grande, quanto o seria para ti, se inutilizasses tão abundantes graças e favores que recebeste da divina clemência, e excedem aos de muitas gerações? Tudo é ordenado por meu Filho Santíssimo para teu bem e o de outras almas. Por isto quero que, imitan-

do-me, se desperte em teu coração, cordialíssimo afeto de ajudar aos filhos da Igreja, e a todos quantos puderes.

Clama ao Altíssimo, do íntimo do coração, suplicando-lhe olhe a todas as almas com olhos de misericórdia e as salve. Para que cheguem a conseguir esta felicidade, oferece-te para sofrer, se for necessário. Lembra-te quanto custou a meu Filho e teu Esposo, derramar o sangue e dar sua vida para resgatá-los, e também do que Eu fiz pela Igreja. Imponho-te a obrigação de pedir, continuamente, à divina misericórdia que esta redenção seja aproveitada.

Os primeiros cristãos entregavam seus bens para serem repartidos entre todos os irmãos.

O Apóstolo Pedro falando à multidão

CAPÍTULO 7

REÚNEM-SE OS APÓSTOLOS E DISCÍPULOS PARA RESOLVER ALGUMAS DÚVIDAS, EM PARTICULAR SOBRE A FORMA DO BATISMO. É ADMINISTRADO AOS NOVOS CATECÚMENOS. SÃO PEDRO CELEBRA A PRIMEIRA MISSA. PROCEDIMENTO DE MARIA SANTÍSSIMA NESSAS OCORRÊNCIAS.

Advertência da Escritora

96. Não pertence à finalidade desta História, narrar os atos apostólicos na ordem em que os escreveu São Lucas, nem referir tudo o que fizeram depois da vinda do Espírito Santo. É certo, que de tudo teve conhecimento a grande Rainha e Mestra da Igreja, mas muita coisa foi feita, não estando Ela presente. Não é necessário referi-las aqui, nem seria possível explicar o modo como a Senhora participava em cada uma das atividades dos apóstolos e discípulos, pois para tanto seriam necessários inúmeros livros.

Para minha intenção, e para continuar a composição desta História, do que diz o Evangelista nos Atos dos Apóstolos, tomarei apenas o que for necessário ao meu assunto. Daqui se verá, o muito que ele omitiu a respeito de nossa Rainha e Senhora, por não fazer parte de seu escopo, e porque não convinha escrevê-lo naquela ocasião.

Maria reza pela Igreja

97. Continuando os apóstolos a pregar e fazer milagres em Jerusalém, crescia também o número dos crentes. Aos sete dias depois da vinda do Espírito Santo, chegaram a cinco mil, como diz São Lucas no capítulo IV (**Atos v. 4**). Iam-nos catequizando para lhes dar o batismo, ocupando-se nisto principalmente os discípulos. Os apóstolos ocupavam-se na pregação e nas controvérsias com os fariseus e saduceus.

Neste sétimo dia, estando a Rainha dos anjos retirada em seu oratório, e considerando como ia crescendo a pequena grei de seu Filho Santíssimo, multiplicou suas súplicas apresentando-as ao Senhor. Pediu-lhe desse luz a seus ministros, os apóstolos, para que começassem organizar o necessário governo, para a mais acertada direção dos novos filhos da fé.

Prostrada em terra, adorou o Senhor e disse: Altíssimo Deus eterno, este vil bichinho vos louva e enaltece pelo imenso amor que tendes pela raça humana, e porque tão liberalmente mostrais vossa paternal misericórdia, chamando tantos homens à fé e conhecimento de seu Filho Santíssimo, glorificando e estendendo a honra de vosso santo nome pelo mundo. Suplico a Vossa Majestade, Senhor meu, esclareçais vossos apóstolos, meus se-

nhores, em tudo o que convém à vossa Igreja, para que possam ordenar o que for necessário, para sua propagação e conservação.

Resposta de Deus e pedido de Maria

98. Na visão que gozava da divindade, a Mãe prudentíssima conheceu que o Senhor se mostrava muito propício, respondendo a seus rogos: Maria, minha esposa, que quereis me pedir? Tua voz e teus anseios soaram docemente aos meus ouvidos (**Ct 2, 14**). Pede o que desejas, minha vontade está ao dispor de teus rogos.

Respondeu Maria Santíssima: Meu Deus e Senhor, dono de todo o meu ser, meus desejos e gemidos não são ocultos à vossa infinita sabedoria (**Sl 37, 10**). Quero, procuro e peço vosso maior agrado e beneplácito, vossa maior glória, e exaltação de vosso nome na santa Igreja. Apresento-vos estes novos filhos, que tão depressa multiplicastes, e meu desejo de que recebam o batismo, pois já estão instruídos na santa fé.

Se for de vossa vontade e serviço, desejo também que os apóstolos, vossos sacerdotes e ministros, comecem a consagrar o corpo e sangue de vosso Filho e meu. Com este novo e admirável sacrifício, vos dará graças e louvores pelo favor da redenção humana e dos benefícios que, através dela, fizestes ao mundo.

E, sendo vossa vontade, nós os filhos da Igreja, recebamos este alimento de vida eterna. Sou pó e cinza, mulher, e a menor das servas dos fiéis. Não me atrevo a propô-lo a vossos sacerdotes, os apóstolos. Inspirai, Senhor ao coração de Pedro, vosso vigário para que ordene o que quereis.

Maria, Mãe da Eucaristia

99. A Igreja nascente ficou devendo a Maria Santíssima mais este benefício: por sua prudentíssima solicitude e intercessão, começou-se a consagrar o corpo e sangue de seu Filho Santíssimo, e celebrou-se a primeira Missa na Igreja, após a Ascensão e vinda do Espírito Santo. Era justo que, por sua diligência, se começasse a distribuir o Pão da vida (**Jo 6, 35**) entre seus filhos, pois Ela era a rica e próspera embarcação que o trouxe dos céus (**Pv 31, 14**).

Respondeu-lhe o Senhor: Amiga e pomba minha, faça-se como tu pedes e desejas. Meus apóstolos, com Pedro e João, virão falar contigo, e por eles ordenarás que se execute o que desejas. Logo vieram todos à presença da grande Rainha, que os recebeu com a reverência que costumava, de joelhos e pedindo-lhes a bênção.

Deu-lha São Pedro, como chefe dos apóstolos. Falou em nome de todos, expondo a Maria Santíssima: os novos convertidos já estavam instruídos na fé e mistérios do Senhor; seria justo dar-lhes o batismo e assinalá-los por filhos de Cristo, agregados ao grêmio da Santa Igreja. Pedia à divina Mestra que ordenasse o que fosse mais acertado, e do beneplácito do Altíssimo.

Deliberações sobre o batismo

100. Respondeu a prudente Mãe: Senhor, vós sois a cabeça da Igreja e vigário de meu Filho Santíssimo. Tudo o que ordenardes em seu nome, sua vontade santíssima aprovará, e a minha é a dele como a vossa. São Pedro então ordenou que no dia seguinte (que correspondia ao domingo da Santíssima Trindade) fossem

batizados os catecúmenos que se tinham convertido naquela semana.

Nossa Rainha e os demais apóstolos aprovaram, mas surgiu a dúvida se deveriam receber o batismo de São João Batista, ou o de Cristo nosso Salvador. Alguns eram de parecer que lhes fosse dado o batismo de São João, que era o da penitência. Seria a porta para entrar à fé e à justificação das almas.

Outros, pelo contrário, disseram que pelo batismo de Cristo e sua morte, ficara abolido o batismo de São João. Este era para preparar os corações a receber o Redentor, e o batismo do Senhor dava graça para justificar e lavar todos os pecados, de quem estivesse nas condições requeridas. Era necessário estabelecê-lo, sem demora na Igreja.

O batismo de João e o de Jesus

101. Este parecer foi aprovado por São João e São Pedro, e confirmado por Maria Santíssima. Ficou resolvido, que logo se adotasse o batismo de Cristo Senhor nosso, e fosse recebido pelos novos convertidos e pelos mais que se agregassem à Igreja.

Quanto à matéria e forma deste batismo, não houve dúvida entre os apóstolos. Todos concordaram em que a matéria seria água natural, e a forma: Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Estas foram a matéria e a forma determinadas pelo Salvador, que deste modo administrou o batismo, quando o fez pessoalmente. Desde esse dia observa-se esse modo de batizar.

Quando nos Atos dos Apóstolos se diz que batizavam em nome de Jesus (**At 2, 38**), não se entende da forma, mas do autor do Batismo, que era Jesus, para distingui-lo do batismo de São João. Batizar em nome de Jesus, significava batizar com o batismo de Jesus.

A forma tinha sido expressa pelo próprio Senhor, nomeando as três pessoas da Santíssima Trindade (**Mt 28, 19**), como fundamento e princípio de toda fé e verdade católica. Resolveram os apóstolos reunir no dia seguinte, no Cenáculo, todos os catecúmenos para serem batizados. Os setenta e dois discípulos se encarregariam de os avisar.

Maria exorta os Apóstolos a celebrarem a Eucaristia

102. Depois disto, a grande Senhora pediu licença para falar e disse: Senhores meus, o Redentor do mundo, meu Filho e Deus verdadeiro, pelo amor que teve aos homens, ofereceu ao eterno Pai o sacrifício de seu sagrado corpo e sangue, consagrando-se a Si mesmo, sob as espécies de pão e vinho. Assim quis ficar na santa Igreja, para que seus filhos tenham sacrifício e alimento de vida eterna, penhor seguríssimo da que esperam receber nos céus. Por este sacrifício, que contém os mistérios da vida e morte do Filho, se há de aplacar o Pai; n'Ele e por Ele a Igreja lhe dará as graças e louvores, que lhe deve como a Deus e benfeitor.

Vós sois os sacerdotes e ministros, a quem só pertence oferecê-lo. Meu desejo, se for de vossa vontade, é que comeceis a oferecer este incruento sacrifício, e consagreis o corpo e sangue de meu Filho Santíssimo, para agradecermos o benefício da Redenção, e o de ter enviado o Espírito Santo à Igreja. Recebendo-o, comecem os fiéis a gozar deste pão de vida e de seus divinos efeitos. Entre os que forem batizados, poderão ser admitidos à comunhão do sagrado corpo, aqueles que parecerem mais capazes e estiverem prepa-

rados, pois o batismo é a primeira disposição para o receber.

São Pedro, celebrante da primeira Missa

103. Os apóstolos e discípulos concordaram com o desejo de Maria Santíssima e lhe agradeceram a advertência e a instrução. Ficou determinado que no dia seguinte, depois do batismo dos catecúmenos, consagrassem o corpo e sangue de Cristo, sendo São Pedro o celebrante, pois era o chefe da Igreja.

O santo apóstolo aceitou, e antes de se dissolver a reunião apresentou outra dúvida, a respeito do uso e distribuição que deviam fazer das esmolas e bens que os convertidos lhes ofereciam. Expôs o assunto com as seguintes palavras:

Pobreza cristã

104. Caríssimos irmãos, sabeis que nosso Redentor e Mestre Jesus, com seu exemplo, doutrina e preceitos, nos ensinou e ordenou a verdadeira pobreza (**Mt 8, 20; Lc 14, 33**). Deveríamos viver, desprendidos e livres de preocupações com dinheiro e propriedades, sem cobiçar e sem ajuntar riquezas nesta vida.

Além desta salutar doutrina, temos diante dos olhos, o recente e tremendo exemplo da perdição de Judas. Era apóstolo como nós, e por avareza e cobiça do dinheiro infelizmente se perdeu, caindo da dignidade do apostolado, no abismo da maldade e condenação eterna.

Devemos afastar de nós este perigo, e ninguém deverá possuir e lidar com dinheiro, para imitar e seguir, em completa pobreza, nosso guia e Mestre. Vejo que todos vós desejais o mesmo, entendendo que para evitarmos este contágio, o Senhor nos colocou diante dos olhos seu perigo e castigo.

Para que, de agora em diante, fiquemos livres do embaraço que nos acarretam as dádivas e esmolas que os fiéis nos oferecem, é necessário fazer um regulamento para esta matéria. Convém que agora determineis o modo e ordem, que se há de observar no receber e distribuir o dinheiro e dádivas que nos oferecerem.

O problema da pobreza

105. O colégio dos apóstolos e discípulos se viu um tanto embaraçado para resolver a questão, e foram sugeridos vários expedientes. Alguns disseram que se nomeasse um administrador que recebesse todo o dinheiro e oferendas e o distribuísse e gastasse, provendo as necessidades de todos. O exemplo de Judas, porém, não deu coragem àquela comunidade de pobres, discípulos do Mestre da pobreza, para seguir este método.

Outros sugeriram que se entregasse tudo a pessoa de confiança, mas não do número do colégio apostólico; que ficasse como proprietária dos bens e empregasse a renda nas necessidades dos fiéis. Com esta e outras sugestões, ainda continuaram em dúvida.

A grande Mestra da humildade, Maria Santíssima, ouviu a todos sem dizer palavra, por reverência aos apóstolos, pois se dissesse logo o seu parecer, ninguém mais manifestaria a própria opinião. Ainda que era Mestra de todos, sempre se comportava como discípula, ouvinte e aprendiz. São Pedro e São João vendo a diversidade das sugestões propostas, suplicaram à divina Mãe que os esclarecesse naquela dúvida, declarando o que seria mais agradável a seu Filho Santíssimo.

Exortação de Maria sobre a pobreza

106. A Senhora obedeceu prontamente e falou a todos os presentes: Senhores e irmãos meus, Eu estive na escola de nosso verdadeiro Mestre, meu Filho Santíssimo, desde a hora que nasceu de meu seio, até sua morte e subida ao céu. No decurso de sua vida, jamais ouvi ou soube que tocasse dinheiro, nem aceitasse dádiva de muito valor.

Quando, recém-nascido, recebeu os dons que ao adorá-lo lhe ofereceram os reis do Oriente (**Mt 2, 11**), foi por causa do mistério que significavam, e para não decepcionar as piedosas intenções daqueles reis, que eram as primícias dos gentios. Todavia, sem demora, estando em meus braços, ordenou-me distribuir aqueles dons entre os pobres e o templo, e assim o fiz.

Durante sua vida, muitas vezes me disse que, entre os fins para que veio ao mundo em forma humana, um deles foi exaltar a pobreza e ensiná-la aos mortais que a desprezavam. Em sua conversação, doutrina e vida santíssima, sempre me deu a entender que a santidade e perfeição que vinha ensinar, fundava-se na pobreza voluntária e desprezo das riquezas. Quanto maior ela fosse na Igreja, tanto mais crescia sua santidade em todos os tempos, e assim será verificado nas décadas futuras.

Solução da questão dos bens temporais

107. Cumprindo-nos seguir os passos de nosso verdadeiro Mestre, e por em prática sua doutrina, para imitá-lo e nela fundar sua Igreja, é necessário abraçarmos a mais alta pobreza, venerando-a e honrando-a como à mãe legítima das virtudes e santidade. Parece-me que todos devem afastar o coração do amor e cobiça pelas riquezas e pelo dinheiro, e abstenhamonos de receber, movimentar, e aceitar dádivas de muito valor.

Para que ninguém seja atingido pela avareza, podem se escolher seis ou sete pessoas, de vida honesta e virtude sólida, para receberem as ofertas, esmolas e o mais de que os fiéis querem se despojar, afim de mais seguros seguir a Cristo, meu Filho e seu Redentor, sem o embaraço de propriedades.

Tudo isto tenha nome de esmola e não de renda, capital ou juros. Seja empregado para as necessidades comuns e de nossos irmãos pobres, necessitados ou enfermos. Ninguém, em nossa Igreja, considere qualquer coisa mais sua do que dos outros. Se estas esmolas, oferecidas pelo amor de Deus não bastarem para todos, pedi-la-ão em seu Nome, os que para isto forem encarregados.

Entendamos todos que nossa vida deverá depender da altíssima providência de meu Filho Santíssimo, e não da cobiça, nem do dinheiro, nem de adquiri-lo e ajuntá-lo com o pretexto de prover ao sustento; para isto só empregaremos a confiança em Deus e o discreto peditório, quando for necessário [1].

Pobreza, alicerce da perfeição cristã

108. Nenhum dos apóstolos, nem dos outros fiéis contestou a determinação da grande Rainha. Todos acolheram sua doutrina, reconhecendo que Ela era a singular e legítima discípula do Senhor e Mestre da Igreja. A prudente Mãe, por disposição divina, não quis deixar a cuidado de nenhum dos apóstolos apresentar este ensinamento, e estabelecer na Igreja o sólido alicerce da perfeição evangélica e cristã. Obra tão importante e difícil pedia o

1 - Nossa Senhora não se refere ao trabalho, por ser uma condição mais do que evidente. Em outros lugares ela fala claramente que, só depois de se empregar os próprios esforços e atividade, recorra-se à mendicância, se for preciso. N.T.

magistério e o exemplo de Cristo e de sua Mãe. Foram eles os inventores e artífices desta nobilíssima pobreza, os primeiros que a honraram e professaram.

Esta forma de pobreza durou muitos anos, até que, pela fragilidade humana e malícia do inimigo, passou a ser abraçada só pelos eclesiásticos que livremente quisessem. Com a passagem do tempo, também entre estes, surgiram dificuldades para manter esse estilo de pobreza. Por este motivo suscitou Deus o estado religioso onde, em diferentes institutos, se renovou e revive a primitiva pobreza, em diferentes graus. Assim se conservará na Igreja até o fim, e os que a seguem gozam dos privilégios desta virtude, na medida em que a praticam, honram e amam.

Nenhum estado de vida, aprovado pela santa Igreja, está excluído de sua respectiva perfeição, e nenhum tem desculpa de não aspirar a nela crescer. Como, entretanto, na casa de Deus há muitas mansões (**Jo 14, 2**), também existem ordens e graus. Cada qual mantenha aquele correspondente ao gênero de seu estado. Mas, entendamos todos, que o primeiro passo na imitação e seguimento de Cristo é a pobreza voluntária. Quem mais despojado a seguir, pode mais rapidamente alargar os passos e se aproximar de Cristo, participando com abundância das outras virtudes e perfeições.

Maria prepara a celebração da primeira Missa e batismos

109. Com a determinação de Maria Santíssima, encerrou-se a assembléia do colégio apostólico e foram nomeados seis homens prudentes, para receber e distribuir as esmolas. A grande Senhora pediu a bênção dos apóstolos. Eles saíram para prosseguir seu ministério, e os discípulos foram prevenir os catecúmenos para o Batismo no dia seguinte.

A Rainha, acompanhada pelos anjos e pelas outras Marias, dirigiu-se à sala onde seu Filho Santíssimo celebrara a última ceia, afim de prepará-la para a celebração do dia seguinte. Com as próprias mãos limpou-a e varreu-a. Pediu ao dono da casa tudo o que tinham usado na ceia da quinta-feira (como fica dito em seu lugar: livro VI nºs. 1158, 1181), e o devoto hospedeiro lhe ofereceu tudo com grande veneração. Preparou o pão delgado [2] e o vinho necessário para a consagração, com o mesmo prato e cálice que o Salvador usara. Para o Batismo, preveniu água pura e bacia, a fim de ser administrado com facilidade e decoro.

Terminados estes arranjos, a piedosa Mãe retirou-se e passou aquela noite em fervorosíssima oração, com prostrações, ação de graças e outros exercícios. Ofereceu ao eterno Pai tudo quanto, em sua altíssima sabedoria, entendeu que devia fazer para se preparar dignamente para a comunhão, e também para que os demais comungantes a recebessem com agrado de sua divina Majestade. O mesmo pediu pelos que iriam ser batizados.

Exortação de São Pedro antes da celebração

110. No dia seguinte, o oitavo depois de Pentecostes, reuniram-se de manhã na casa do Cenáculo, todos os fiéis e catecúmenos com os apóstolos e discípulos. São Pedro fez uma prédica, explicando-lhes a virtude e excelência do sacramento do Batismo, a necessidade que dele tinham e os efeitos divinos que por ele receberiam: ficariam marcados com o cará-

2 - Pão delgado: pouco espesso, achatado, em forma de bolacha. N.T.

ter de membros do corpo místico da Igreja; seriam filhos de Deus, herdeiros de sua glória, pela graça santificante e remissão dos pecados.

Exortou-os a guardarem a divina lei, a que se obrigavam por livre vontade, e ao humilde agradecimento deste benefício, e de todos os mais que receberiam do Altíssimo. Explicou-lhes também a verdade do sacrossanto mistério da Eucaristia que seria celebrado, a consagração do verdadeiro corpo e sangue de Jesus Cristo, que todos deveriam adorar, e estivessem preparados os que iriam recebê-lo depois do Batismo.

Celebração do Batismo

111. Este sermão afervorou os novos convertidos, porque estavam verdadeiramente bem dispostos; as palavras do apóstolo eram vivas, penetrantes, e a graça divina muito abundante. Os apóstolos começaram o Batismo, com muita ordem e devoção de todos. Os catecúmenos entravam por uma das portas do Cenáculo, eram batizados e saiam por outra, sem desordem, guiados pelos discípulos e outros fiéis.

De um canto do Cenáculo, Maria Santíssima assistia a celebração e por todos faziam oração e cânticos de louvor. Conhecia os efeitos produzidos pelo Batismo em cada um, e o maior ou menor grau das virtudes que lhes eram infundidas. Via que todos eram renovados, lavados no sangue do Cordeiro e que suas almas recebiam uma pureza e alvura divina.

Em testemunho desta realidade, à vista de todos os presentes, descia claríssima luz sobre cada um que acabava de se batizar. Com este prodígio, Deus quis autorizar o princípio deste grande sacramento em sua Igreja, e consolar àqueles primeiros filhos que, por esta porta, nela entravam. Nós, que tivemos a mesma felicidade, sejamos mais advertidos e menos ingratos pelo que devemos.

Celebração da Eucaristia

112. Mais de cinco mil pessoas foram batizadas nesse dia. Terminada a cerimônia, enquanto os novos fiéis davam graças pelo admirável favor, os apóstolos com todos os discípulos e outros fiéis, permaneceram uns momentos em oração. Todos se prostraram em terra, confessando e adorando ao Senhor Deus infinito e imutável, e protestando a própria indignidade para o receber no augustíssimo Sacramento do Altar. Esta profunda humildade e adoração foi a preparação próxima para comungarem.

Em seguida, recitaram as mesmas orações e salmos que Cristo, Senhor nos-

so, havia dito antes de consagrar, imitando em tudo o que, naquela ação, tinham visto o divino Mestre fazer. São Pedro tomou nas mãos o pão ázimo que estava preparado, e elevando os olhos ao céu, com profunda reverência, pronunciou sobre o pão as palavras da consagração do corpo santíssimo de Cristo, como as tinha dito o mesmo Senhor Jesus (**1 Cor 11, 24**).

Naquele instante, o Cenáculo ficou repleto de resplendor, com imensa multidão de anjos. Todos notaram que a luz envolvia, com mais intensidade, a grande Rainha do céu e da terra. São Pedro consagrou o cálice, e fez as mesmas cerimônias que nosso Salvador, elevando o sagrado corpo e sangue para que todos o adorassem.

Em seguida, recebeu a comunhão e a deu aos onze apóstolos, conforme a Senhora lhe havia dito. Chegara a vez da divina Mãe. Ela aproximou-se do altar, fazendo três profundas prostrações até tocar com a face em terra, e acompanhada, com inefável reverência, pelos espíritos celestes que ali se encontravam, recebeu a comunhão das mãos de São Pedro.

A Comunhão de Maria e dos fiéis

113. A Virgem voltou ao seu lugar e não é possível manifestar, por palavras, os efeitos que a Eucaristia produziu nesta sublime criatura. Ficou toda elevada, transformada e absorta no divino incêndio do amor de seu Filho Santíssimo. Ficou transportada e abstraída, mas os santos anjos, por vontade de sua Rainha, encobriram parte desses efeitos, para que dele os circunstantes notassem apenas o que lhes convinha ver.

Depois de nossa Rainha, comungaram os discípulos e os outros que já eram fiéis antes de Pentecostes. Dos cinco mil batizados, porém, naquele dia comungaram só dois mil, porque nem todos estavam bastante preparados para receber o Senhor, com o conhecimento e disposição atenta, como pede este grande Sacramento e mistério do altar.

Neste dia, Maria Santíssima e as cento e vinte pessoas sobre as quais desceu o Espírito Santo, comungaram sob ambas espécies de pão e vinho. Os recembatizados comungaram só nas espécies de pão. Esta diferença não foi por considerarem os novos fiéis menos dignos, mas porque os apóstolos estavam cientes de que, em qualquer das espécie, recebiam a mesma coisa, Deus sacramentado, sem divisão.

Preceito ou necessidade de comungar em ambas espécies não havia, e tratando-se de multidão era grande o perigo de irreverência e outros graves inconvenientes, comungar sob as espécies do sangue. O mesmo não acontecia para um pequeno número de comungantes.

Entendi que desde a primitiva Igreja, começou o costume de dar a comunhão só sob a espécie de pão para os simples fiéis. Houve também algum tempo em que muitos, sem ser sacerdotes, comungavam em ambas espécies.

Com o crescimento da Igreja e sua propagação em todo o mundo, governada pelo Espírito Santo, ela ordenou que os leigos e os que não consagram na Missa, comungassem apenas o corpo sagrado. Só os que celebram o divino banquete, os sacerdotes, comungam em ambas espécies que consagram. Esta é a disciplina da Santa Igreja[3].

Encerramento da primeira Missa

114. Distribuída a santa comu-

3 - Na renovação litúrgica feita pelo Concílio Vaticano II, a Igreja concede a comunhão sob ambas espécies para os simples fiéis, em algumas circuntâncias particulares e especiais (N.T.)

nhão, São Pedro encerrou os sagrados mistérios com algumas orações e salmos em ação de graças e súplicas, feitas por ele e pelos outros apóstolos. Não estavam ainda determinados outros ritos, cerimônias e orações que mais tarde, em diversas épocas, foram se acrescentando para antes e depois da consagração e comunhão. Hoje, santa e sabiamente, a Igreja romana já tem ordenado tudo o que se refere a este mistério, na Missa que os sacerdotes do Senhor celebram.

Terminada a celebração, os apóstolos permaneceram algum tempo em oração, e sendo já tarde, saíram para cuidar de outras coisas e fazer a refeição. Nossa grande Rainha e Senhora agradeceu ao Altíssimo por todos, e a divina vontade, complacentemente, aceitou os pedidos de sua amada, pelos filhos da santa Igreja, presentes e ausentes.

DOUTRINA QUE ME DEU A SENHORA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Amor de Maria pelos homens

115. Minha filha, na vida presente não podes penetrar a profundidade do amor que Eu tive e sempre tenho pelos homens. Além do que entendeste, quero que advirtas, para tua maior instrução, o seguinte: Quando, no céu o Altíssimo me deu o título de Mãe e Mestra da santa Igreja, infundiu-me inefável participação de sua infinita caridade e misericórdia pelos filhos de Adão. Foi graça tão imensa que, sendo Eu pura criatura, teria perdido muitas vezes a vida natural, se milagrosamente o poder divino não ma conservasse.

Estes efeitos Eu sentia muitas vezes, quando via as almas entrarem na Igreja ou na glória. Só Eu compreendia o que significava esta felicidade, e segundo esta compreensão agradecia-a ao Altíssimo, com imenso fervor e humildade. Estes intensos afetos, porém, levavam-me quase a desfalecer, quando pedia a conversão dos pecadores ou conhecia que alguns dos fiéis se perdia.

Nestas e outras ocasiões, quer pela dor, quer pelo gozo, padeci muito mais que os mártires em todos os seus tormentos, porque para cada alma agia com intensidade sobreexcelente e sobrenatural. Tudo isto me devem os filhos de Adão, pelos quais ofereci a vida tantas vezes. Se agora não me encontro naquele estado para oferecê-la, o amor com que solicito sua salvação eterna não é menor, senão mais elevado e perfeito.

Maria e a comunhão

116. Se o amor de Deus produziu em mim tal caridade para com o próximo, daqui entenderás qual seria o amor que Eu sentia pelo mesmo Senhor, ao recebê-lo sacramentado. A respeito, revelo-te um segredo do que me aconteceu a primeira vez que O recebi das mãos de São Pedro. Nesta ocasião, o Altíssimo deixou que a violência do meu amor chegasse a abrir realmente meu coração, para ali entrar meu Filho sacramentado e nele permanecer, como rei em seu legitimo trono e ostensório.

Com isto entenderás, caríssima, que se na glória que gozo pudesse sofrer alguma dor, a maior seria ver a formidável grosseria e atrevimento dos homens, ao receber o sagrado corpo de meu Filho Santíssimo: uns imundos e abomináveis, outros sem veneração e respeito, e quase todos sem atenção e sem consciência de quanto vale aquele alimento, que não é menos que o próprio Deus, e pode levar à eterna vida ou à eterna morte.

Irreverência e reparação

117. Teme, ó minha filha, este temerário perigo. Chora-o em tantos filhos da Igreja, pede ao Senhor o remédio. Com a doutrina que te dou, torna-te digna de conhecer e ponderar profundamente este mistério de amor. Quando chegares a recebê-lo, sacode e varre de teu entendimento toda imagem de coisa terrena. A nenhuma atendas, além do pensamento que vais receber o mesmo Deus infinito, incompreensível. Excede-te no amor, na humildade, na gratidão, pois tudo será menos do que deves, e do que pede tão venerável mistério.

Para te dispores melhor, será teu modelo e espelho o que Eu fazia nestas ocasiões. Quero que me imites principalmente no sentimento interior, como o fazes nas três prostrações corporais. Agrada-me também a quarta, que acrescentaste para venerar a porção de meu corpo e sangue que, na encarnação, administrei a meu Filho santíssimo, e com meu leite cresceu e se desenvolveu. Continua sempre esta devoção, pois na hóstia consagrada se encontra realmente parte de meu próprio corpo e substância, conforme entendeste.

Pelo amor que tens, sentirias grande dor se visses o sagrado Corpo e Sangue cair e ser pisado por alguém, com desprezo e insulto. O mesmo deves sentir, com amargura e lágrimas, sabendo como o tratam hoje tantos filhos da Igreja, com irreverência, sem nenhum temor e decoro. Chora, pois, esta infelicidade, porque há poucos que a lamentam, e porque são frustrados os fins pretendidos pelo imenso amor de meu Filho Santíssimo.

Para teu maior sentimento, faço-te saber que como na primitiva Igreja eram muitos os que se salvavam, agora são muitos os que se condenam. Não te mostro o que nisso acontece cada dia, porque se tiveres verdadeira caridade e o entenderes, morrerias de dor. Esta desgraça acontece porque os filhos da fé seguem as trevas, amam a vaidade, cobiçam as riquezas e desejam o deleite sensível e enganoso que cega e obscurece o entendimento, cria densas trevas que impedem a luz para se distinguir o bem do mal, e não permite penetrar a verdade e a doutrina evangélica.

CAPÍTULO 8

EXPLICAÇÃO DO MILAGRE PELO QUAL AS ESPÉCIES SACRAMENTAIS CONSERVAVAM-SE EM MARIA SANTÍSSIMA, DE UMA COMUNHÃO À OUTRA. MODO DE SUAS OPERAÇÕES DEPOIS QUE DESCEU DO CÉU À IGREJA.

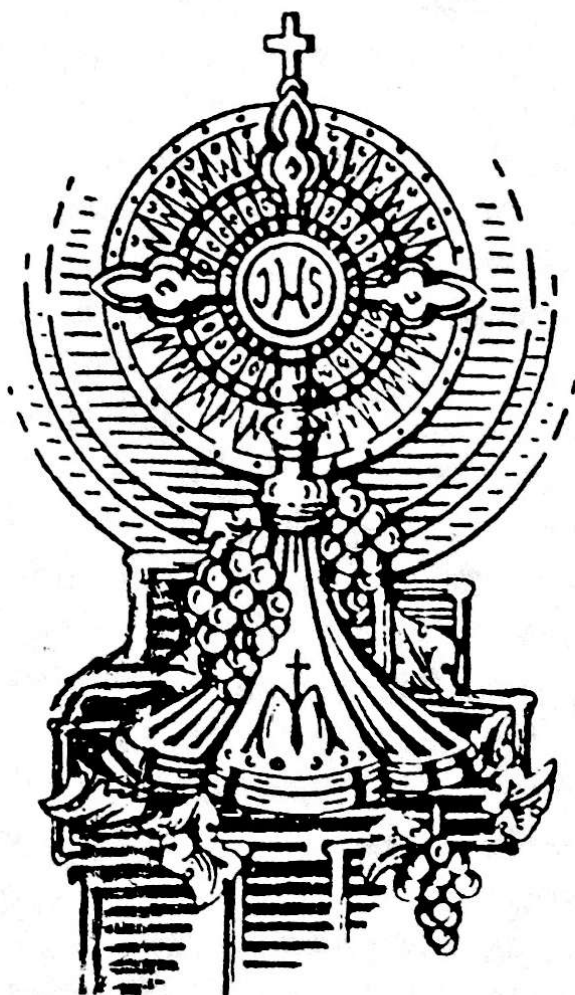
A permanência eucarística em Maria Santíssima

118. Até agora me referi a essa graça muito de passagem (nº s 19, 32), reservando sua explicação para este lugar. Tão grande prodígio do Senhor, em favor de sua Mãe santíssima, não pode ficar nesta História sem o conhecimento que nossa piedade pode desejar. Minha incapacidade para explicar aflige-me, pois não só ignoro infinitamente mais do que entendo, como ainda o que entendo explico medrosa e insatisfeita dos termos e razões, que não exprimem inteiramente o meu conceito.

Apesar disso, não me atrevo a deixar em silêncio os benefícios que nossa grande Rainha recebeu da poderosa destra de seu Filho Santíssimo, desde que de lá desceu para amparar sua Igreja. Se antes foram grandiosos e inefáveis, desde essa ocasião cresceram, com formosa diversidade, manifestando ser infinito o poder que os prodigalizava, e imensa a capacidade de quem os recebia: a criatura singular e escolhida entre todas.

A Mãe de Deus tem direito a todos os privilégios

119. Este raro e prodigioso privilégio, consistia na conservação permanente das espécies sacramentais do sagrado corpo, no peito de Maria Santíssima. Para este, assim como para os demais favores que Deus concedeu a esta grande Senhora, não se deve procurar outra razão senão sua vontade santa e sua infinita sabedoria, que sempre age na medida e peso que a tudo convém (Sb 11-21).

Para a piedade e prudência cristã basta saber, que só a esta pura criatura

Deus teve por Mãe natural, e que só Ela foi digna de o ser, entre todas as criaturas. Sendo esta maravilha única e sem semelhante, seria crassa ignorância procurar exemplos, para nos persuadir que o Senhor deu à sua Mãe o que não deu, nem dará a outras almas. Só Maria ultrapassa o nível comum a todas.

Não obstante tudo isto ser verdade, quer o Altíssimo que, com a luz da fé e outras ilustrações, compreendamos as razões de conveniência e justiça, que levaram seu poder a operar estas maravilhas em sua Mãe digníssima. Tal conhecimento nos levará a louvá-lo, n'Ela e por Ela; e entendermos quão seguro é colocar nossa esperança e nossa sorte, nas mãos de tão poderosa Rainha, em quem depositou seu Filho todo seu amor. De acordo com estas verdades, direi o que me foi dado entender sobre o mistério de que vou falando.

Maria e a presença corporal de Jesus

120. Viveu Maria Santíssima trinta e três anos na companhia de seu Filho e Deus verdadeiro. Desde a hora que nasceu de seu virginal seio, nunca o deixou, até sua morte na cruz. Criou-o, serviu-o, acompanhou-o, seguiu-o, imitou-o, agindo em tudo e sempre como Esposa, Mãe, Filha e serva fidelíssima e amiga; gozou de sua presença, convívio, doutrina e dos favores que, com todos estes méritos, recebeu na vida mortal.

Cristo subiu aos céus, e o amor e a razão obrigaram-no a levar consigo sua Mãe amantíssima, para não ficar no céu sem Ela, nem Ela no mundo sem a presença e companhia do Filho. Todavia, a caridade ardentíssima que ambos nutriam pelos homens, quebrou de certo modo aquele laço e união. Obrigou nossa amorosa Mãe a voltar ao mundo, para auxiliar a fundação da Igreja; e a seu Filho enviá-la, e consentir na ausência que se interpunha entre ambos, durante esse tempo.

O Filho de Deus, porém, tinha poder para, de algum modo, compensar sua amada por esta privação. Vinha a ser dívida de amor, que não ficaria tão provado se recusasse acompanhar sua Mãe puríssima na terra, quando Ele ficava glorioso à destra de seu eterno Pai. Além disto, o amor ardentíssimo da bem-aventurada Mãe, acostumado com a presença de seu Filho puríssimo, sofreria intolerável violência se, durante tantos anos que ficou na santa Igreja, não o tivera presente, no modo possível.

Presença sacramental de Jesus em Maria

121. A tudo isto satisfez Cristo, nosso Salvador, permanecendo sacramentado no coração de sua feliz Mãe, enquanto Ela viveu na Igreja e Jesus no céu. Com esta sacramental presença, compensou, até com vantagem, sua presença corporal. Quando com Ela vivia no mundo, muitas vezes se ausentava para os trabalhos de sua missão redentora, e nestas ocasiões afligiam-na o temor do que aconteceria a seu Filho Santíssimo: se voltaria ou não, e de qualquer modo, nunca podia esquecer a paixão e morte de cruz que O esperava, embora esta dor, às vezes se moderasse pelo gozo de O ter consigo.

Passada a tormenta da Paixão, estando à destra do eterno Pai, aquele seu mesmo Senhor e Filho permanecia sacramentado em seu virginal peito, e a divina Mãe podia gozar de sua vista, sem receios e angústias. No Filho, tinha presente a toda a Santíssima Trindade, por aquele modo de visão que expliquei acima (nº 32). Então se cumpria à letra o que esta grande Rainha disse nos Cânticos (**Ct 3, 4**):

Tenho-o e não o largarei; eu o prenderei e não o deixarei, até trazê-lo à casa de minha mãe, a Igreja (Ct 8, 2). Aí eu lhe darei a beber vinho perfumado e licor de minhas romãs.

Maria, sacrário do Santíssimo Sacramento

122. Neste favor para Maria Santíssima, o Senhor cumpriu a promessa que fizera à sua Igreja, na pessoa dos apóstolos, que estaria com eles até a consumação dos tempos (**Mt 28, 20**). Cumpriu-a antecipadamente, pois na hora em que a declarou, no momento de subir ao céu, já se encontrava sacramentado no peito de sua Mãe, como dissemos na segunda parte (nº 1505).

A promessa não se teria cumprido, se não estivesse na Igreja por este novo milagre, pois naqueles primeiros anos os apóstolos não dispunham de templos para guardar, permanentemente, a sagrada Eucaristia. Consumiam-na cada vez que celebravam. Só Maria Santíssima foi o templo e sacrário em que, por alguns anos, se conservou o santíssimo Sacramento, para que o Verbo humanado não ficasse ausente da Igreja um só momento, desde que subiu ao céu, até o fim do mundo.

Ainda que não estava aí para uso dos fiéis, estava-o para seu proveito, e para outros fins muito perfeitos. No templo de si mesma, a grande Rainha rezava e pedia por todos os fiéis. Adorava a Cristo sacramentado, em nome de toda a Igreja, e mediante esta Senhora e a presença n'Ela, estava presente e unido, por aquele modo, ao corpo místico dos fiéis.

Esta grande Senhora, com seu Filho e Deus sacramentado no peito, tornou o seu tempo mais feliz do que agora, em que Ele permanece em tantas custódias e sacrários. No de Maria Santíssima sempre foi adorado, com suma reverência e culto; nunca foi ofendido, como agora o é nos templos; teve em Maria a plenitude das delícias (**Pr 8, 31**) que, desde a eternidade, desejou ter com os filhos dos homens; ordenando-se para este fim a permanência perpétua de Cristo em sua Igreja, nunca foi realizado, tão adequadamente, como quando esteve sacramentado no coração de sua Mãe puríssima.

Ela era o mais legítimo receptáculo do amor divino e como a atmosfera própria e centro do seu repouso. Fora de Maria Santíssima, e comparados com Ela, todas as demais criaturas eram como estranhas e inadequadas, para aquele incêndio da divindade que sempre arde em infinita caridade.

O amor de Cristo por Maria

123. Pelas inteligências que recebi deste mistério, atrevo-me a dizer: se o Salvador não tivesse ficado com sua Mãe Santíssima sob as espécies consagradas, o amor que Ele lhe dedicava, e a correspondência d'Ela, tê-lo-ia obrigado a voltar da destra do seu Pai ao mundo (adiante nº 680), para lhe fazer companhia durante o tempo que a Senhora viveu na Igreja. Se fosse necessário, para isso, privar a morada celeste e seus habitantes da presença de sua santíssima humanidade por aquele tempo, daria preferência à companhia de sua Mãe.

Não é exagero, pois temos de confessar que na santíssima Virgem o Senhor encontrava uma espécie de amor mais semelhante ao seu, do que em todos os bem-aventurados reunidos; em conseqüência, amava-a mais do que a todos eles.

O pastor da parábola evangélica (**Mt 18, 12**) deixou noventa e nove ovelhas para ir procurar uma só que faltava, e não

diremos que deixou o mais pelo menos. Não causaria admiração no céu, se este divino pastor Jesus deixasse nele todo o resto dos santos, para descer e ficar na companhia daquela cândida ovelha, que o vestiu de sua própria natureza, criou-o e alimentou-o com ela.

Não há dúvida, que os olhos desta amada Esposa e Mãe tê-lo-iam constrangido a voar das alturas (**Ct 6, 4**) e voltar à terra, onde já viera para sofrer e salvar os filhos de Adão, menos obrigado, ou para dizer melhor, desobrigado pelos pecados. Se descesse para viver com sua querida Mãe, não seria para sofrer e morrer, mas para receber o gozo de a ter Consigo. Não foi, entretanto, necessário abandonar o céu, pois descendo sacramentado, satisfazia a seu amor e ao de sua bem-aventurada Mãe. No coração dela descansava este verdadeiro Salomão (**Ct 3, 7**), como em seu tálamo, sem deixar a destra de seu eterno Pai.

Eucaristia, extensão da Encarnação

124. O modo como o Altíssimo operava este milagre era o seguinte: quando Maria Santíssima comungava, as espécies sacramentais retiravam-se do estômago onde se modificam os alimentos, para que, com o pouco que às vezes a grande Senhora comia, não se misturasse, nem se alterasse pela digestão.

O Santíssimo Sacramento colocava-se no coração de Maria, como retribuição pelo sangue que ele administrara na Encarnação do Filho de Deus, para a formação daquela humanidade santíssima, com a qual o Verbo se uniu hipostáticamente, conforme expliquei na segunda parte [4].

A comunhão da sagrada Eucaristia chama-se extensão da Encarnação. Era justo que a feliz Mãe que, por modo milagroso e singular, concorrera para a própria Encarnação do Verbo eterno, participasse também, por novo e especial modo, de sua extensão na Eucaristia.

Permanência eucarística em Maria

125. O calor do coração nos seres vivos é muito grande. No homem não será menor, por sua maior excelência, nobreza e longa duração de existência. Por isto, a natureza providencia que o ar tempere aquele ardor inato, fonte do calor em os seres animados. Sendo isto assim, e sendo perfeito o organismo de nossa Rainha, o calor de seu coração era intenso, aumentado ainda pelos atos de seu inflamado amor. Apesar disso, não se alteravam nem consumiam as espécies sacramentais unidas ao seu coração. Ainda que para conservá-las, era necessário multiplicar milagres, não se hão de regateá-los a esta singular criatura, prodígio e conjunto de todos os milagres. Esta graça começou desde a primeira comunhão que Ela recebeu na ceia [5].

Conservaram-se aquelas primeiras espécies, até que recebeu a segunda comunhão das mãos de São Pedro, no oitavo dia de Pentecostes [6]. Aconteceu. então, que as antigas espécies consumiram-se, para dar lugar às novas. Por este modo milagroso, desde aquele dia até a última hora de sua vida terrena, foram-se sucedendo as espécies sacramentais, umas às outras, sem que jamais faltasse em seu peito a presença de seu Filho e Deus sacramentado.

Maria e o sentido da vida

126. Com este favor e o da contínua visão abstrativa da divindade, que acima disse (nº 23), ficou Maria Santíssima

4 - 2ª parte, nº 137.

5 - Como em seu lugar se disse 2ª parte, nº 1297.

6 - acima, nº 112.

tão divinizada, suas operações e potências tão acima de todo humano pensamento, que é impossível compreender nesta vida mortal. Não existem comparações para explicar, nem encontro palavras que traduzam o pouco que me foi manifestado.

Depois que desceu do céu, ficou toda transformada, e com novo modo de usar os sentidos corporais, por dois motivos: eles não tinham mais o objeto em que, quase unicamente se ocupavam, o seu Filho santíssimo, enquanto a presença sacramental em seu coração, atraía-lhe toda a atenção ao interior, onde sabia e sentia que Ele estava.

Desde o dia que desceu do céu, fez novo ajuste com os olhos, e teve o poder de permitir entrar por eles, somente as imagens do que era necessário para guiar os filhos da Igreja, e entender o que devia fazer e providenciar para isso. Não precisava dessas imagens para raciocinar, nem recorria à memória para servir o entendimento, como acontece conosco.

Por espécies infusas, e pela ciência que a visão abstrativa da divindade lhe comunicava, conhecia as coisas ao modo que os bem-aventurados as conhecem em Deus. Naquele espelho voluntário vêem o que Ele lhes deseja manifestar em Si mesmo, ou por outra visão ou ciência das criaturas em si mesmas. Assim, entendia nossa Rainha tudo o que devia fazer, de acordo com a divina vontade, em qualquer caso. Em conseqüência, não precisava usar da vista para saber as coisas, mas com um simples olhar, apenas via por onde andava, e as pessoas com quem tratava.

Ouvido, olfato, gosto e tato

127. Do sentido do ouvido usava um pouco mais, porque precisava ouvir e responder aos fiéis e aos apóstolos, quando vinham lhe falar a respeito das almas, da Igreja e de suas necessidades. Entretanto, de tal modo regia este sentido, que não permitia entrar por ele palavra ou som que destoasse da perfeição altíssima de sua dignidade, ou que não fosse necessário ao exercício da caridade para com o próximo. Do olfato não usava para sentir qualquer odor desta terra, mas por intervenção dos anjos, sentia outro celestial, que lhe inspirava amorosos louvores ao Criador.

Quanto ao sentido do gosto, entendeu que, depois que esteve no céu, poderia viver sem alimento. Não lhe foi vedado tomá-lo, tinha liberdade para fazê-lo ou não. Comia raramente e muito pouco, só quando São Pedro ou São João lhe pediam que comesse, ou para não chamar a atenção e causar admiração, se nunca se alimentasse. Deste modo, comia por obediência ou por humildade, e não percebia o sabor comum do alimento, nem distinguia o gosto, como se comesse um corpo aparente ou glorioso.

O tato era também por esse modo, porque distinguia por ele muito pouco do que tocava, nem sentia impressões de deleite. Sentia, porém, o contato das espécies sacramentais no coração, com admirável suavidade e júbilo, e nisto punha sua atenção.

Semelhança de Maria com os bem-aventurados

128. Estes privilégios no uso dos sentidos, lhe foram concedidos a seu pedido. Quis novamente consagrá-los, com todas suas potências, à maior glória do Altíssimo e para exercitar a mais eminente virtude, perfeição e santidade.

Desde sua concepção imaculada, por toda a vida, havia cumprido o dever de fiel serva **(Mt 25, 20)** e prudente adminis-

tradora da plenitude de sua graça e dons, como em todo o decurso desta História se tem dito. Mas, depois que subiu ao céu com seu Filho, foi melhorada em todos, e sua onipotência lhe concedeu novo modo de operar. Sendo viadora, ainda não gozava da visão beatífica como compreensora. Todavia, as operações de seus sentidos tinham maior participação e semelhança com as dos santos glorificados, do que com as dos outros viadores.

Não há outra comparação para se explicar o estado tão feliz, singular e divino de nossa grande Rainha e Senhora, quando voltou do céu para governar a santa Igreja.

Maria ultrapassa os Anjos

129. A este modo de operar com as potências sensitivas, correspondia a sabedoria e ciência interior. Conhecia a vontade e decretos do Altíssimo, em tudo o que devia ou queria fazer; o tempo, modo, ordem e oportunidade em que se devia fazer cada coisa, e com que palavras e circunstâncias. Deste modo, excedia os próprios anjos que nos assistem, sem perder a visão do Senhor. A grande Rainha das virtudes agia com tão elevada sabedoria, que os deixava admirados, porque viam que nenhuma outra pura criatura poderia excedê-la, nem chegar àquele cume de santidade e perfeição.

Uma das coisas que lhe dava grande alegria, era a adoração e reverência que os espíritos celestes prestavam a seu Filho sacramentado em seu peito. O mesmo fizeram os Santos no céu, quando Ela subiu em companhia de seu Filho santíssimo, levando-o também encerrado em seu coração, nas espécies sacramentais. Para todos os bem-aventurados esta vista produziu novo gozo e alegria.

O prazer que a grande Senhora sentia com a reverência dos anjos ao santíssimo sacramento em seu peito, procedia de conhecer a grosseria e baixeza dos mortais, em venerar o consagrado corpo do Senhor. Para compensar esta falta que todos nós iríamos cometer, oferecia a Jesus o culto e reverência que lhe davam os anjos. Eles conheciam melhor este mistério, e o veneravam sem ignorância ou descuido.

Maria, céu da Divindade

130. Às vezes, Ela via o corpo glorioso de seu Filho santíssimo dentro de si mesma; em outras, com a natural beleza de sua humanidade santíssima, e quase continuamente, conhecia os milagres contidos no augustíssimo sacramento e mistério da Eucaristia.

De todas essas maravilhas, e de muitas outras que não podemos entender nesta vida mortal, gozava Maria Santíssima, umas vezes manifestadas em si mesmas, em outras na visão abstrativa da divindade. Assim como lhe foram dadas espécies da divindade, deram-lhe também de todas as coisas que deveria fazer, para si e para a Igreja.

O mais estimável para Ela, era conhecer o gozo e agrado de seu Filho santíssimo, em permanecer sacramentado em seu puríssimo coração. Sem dúvida, pelo que me foi dado a entender, este gozo era maior do que Ele sentia na companhia dos bem-aventurados.

Oh! singular e poderosa obra do poder infinito ! Só tu foste para teu Criador, céu mais agradável do que o supremo empíreo, que Ele fez para habitar (**Sl 113, 16**). Aquele que não cabe nos espaços sem medida (**3 Rs 8, 27**), encerrou-se em ti e encontrou um trono digno, não só em teu virginal seio, mas também no espaço imenso de tua capacidade e amor.

Só tu nunca deixaste de ser céu, nem Deus esteve sem ti desde que te deu o ser, e com plena complacência, repousará em ti por todos os séculos de sua intérmina eternidade. Todas as nações te conheçam, todas as gerações te bendigam (Lc 1, 48), e todas as criaturas te enalteçam. Em ti louvem seu verdadeiro Deus e Redentor que, só por ti, nos visitou e reparou nossa infeliz queda (Lc 1, 68).

Grandeza e poder de Maria

131. Qual dos mortais ou dos anjos, pode explicar o incêndio de amor que ardia no puríssimo coração desta grande Rainha da sabedoria? Quem poderá compreender o ímpeto da correnteza do rio da divindade, que inundou e absorveu esta cidade de Deus? (Sl 45, 5). Que afetos, que arroubos, que atos faria de todas as virtudes e dons que recebeu sem medida, agindo sempre com toda a energia destas incomparáveis graças? Que orações, que súplicas faria pela santa Igreja? Qual sua caridade para conosco? Que bens nos alcançou e conquistou?

Somente o Autor desta prodigiosa maravilha o sabe. Nós, porém, dilatemos nossa esperança, fortifiquemos nossa fé, avivemos o amor para com esta piedosa Mãe; solicitemos sua intercessão e amparo. Nada lhe negará para nós, aquele que sendo seu Filho e nosso irmão, fez por Ela tais demonstrações de amor, como tenho dito, e ainda direi mais para a frente.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DOS ANJOS, MARIA SANTÍSSIMA.

A comunhão bem feita

132. Minha filha, com tudo o que até agora te manifestei, estás bem informada sobre minha vida e minhas obras. Fora de Mim, em pura criatura, não há outro modelo por onde possas copiar a maior santidade e perfeição que desejas. Declaraste, agora, o supremo estado das virtudes que Eu tive na vida mortal. Com este benefício, aumento mais tua obrigação para renovares teus desejos e usares toda a atenção de tuas potências, na perfeita imitação do que te ensino. Já é tempo e razão, caríssima, que te entregues totalmente à minha vontade.

Para mais te animares a conseguir este bem, advirto-te o seguinte: quando meu Filho Santíssimo sacramentado entra naqueles que o recebem com veneração e fervor, tendo-se preparado quanto lhes foi possível, para recebê-lo com pureza de coração e fervor; nestas almas, ainda que se consumam as espécies sacramentais, permanece o Senhor por outro especial modo de graça com que as assiste, enriquece e governa, em retribuição da boa hospedagem que lhe deram.

Poucas almas alcançam este favor, porque muitas o ignoram. Aproximam-se do Santíssimo sem esta disposição, maquinalmente ou por costume, sem preparar-se com a veneração e temor santo que deviam. Tu, porém, estando a par deste segredo, quero que todos os dias (pois em todos o recebes por obediência a teus superiores) vás preparada dignamente, para não te ser recusado este grande benefício.

Preparação para a Comunhão

133. Para isto deves te lembrar do que Eu fazia, e por aí regular teus desejos, fervor, veneração e amor, todos os atos com que deves preparar teu peito, como templo e morada de teu Esposo e sumo Rei. Trabalha, pois, em recolher todas tuas for-

ças interiormente, e antes e depois de o receber, guarda a fidelidade de esposa. Em particular, põe cadeado em teus olhos, e porta custodiada (**Sl 140, 3**) a todos teus sentidos, para que no templo do Senhor não entre imagem profana e estranha. Guarda teu coração puro e vazio, porque no impuro e ocupado não pode entrar a plenitude da divina luz e sabedoria (**Sb 1, 4**). Entenderás tudo na luz que Deus te concedeu, se só atenderes a ela, com inteira retidão de intenção.

Supondo que não possas evitar completamente o trato com as criaturas, convém que tenhas grande domínio sobre teus sentidos, e por eles não acolhas imagem alguma de coisa sensível, que não te possa ajudar para o mais santo e puro das virtudes. Distingue o precioso do vil (**Jr 15, 19**), a verdade do erro. Para nisto me imitares perfeitamente, quero que desde já advirtas a escolha que deves fazer em todas as coisas, grandes e pequenas, para não errares, pervertendo a ordem da razão e da luz divina.

A razão deve ser guiada pela graça

134. Considera, pois, com atenção, o comum engano dos mortais e os lamentáveis prejuízos que sofrem. Para determinar a vontade, ordinariamente se movem apenas pelo que percebem através dos sentidos e seus objetos; logo resolvem o que fazer, sem outra consulta ou reflexão. Como a sensibilidade logo põe em ação as paixões e inclinações animais, os atos que ela produz, forçosamente, não se guiarão pelo sadio julgamento da razão, mas sim pelo ímpeto das paixões excitadas pelos sentidos e seus objetos.

Por isto, quem consulta a injúria apenas com a dor que ela lhe produziu, logo se inclinará para a vingança. O que segue apenas o apetite da coisa alheia que cobiçou, acaba por praticar a injustiça. Por este sistema agem tantos e tão infelizes, quantos são os que seguem a concupiscência dos olhos, as inclinações da carne e a soberba da vida, que o mundo e o demônio lhes oferecem, porque não tem outra coisa para lhes dar (**1Jo 2, 16**). Neste engano, que não advertem, seguem as trevas como se fossem luz (**Jo 3, 19**), o amargo como se fosse doce, o mortal veneno como se fosse remédio de suas paixões, e a cega ignorância, como se fosse sabedoria, sendo como é diabólica e terrena.

Tu, porém, minha filha, guarda-te desse pernicioso erro, e nunca te determines, nem te orientes em coisa alguma, só pelo sensível e por teus sentidos, nem pelas conveniências que eles te sugerem. Pondera e regula teus atos, em primeiro lugar, com a consciência e luz interior que Deus te comunicou, para não agires às cegas, que para isto nunca te será negada. Em seguida, procura o conselho de teu prelado e diretor, se te for possível, antes de resolver o que tens de fazer.

Se, no entanto, não for possível recorrer ao superior, pede conselho a outro inferior, pois isto é mais seguro do que agir pela própria vontade, que pode estar perturbada e obscurecida pelas paixões. Observarás este procedimento, principalmente nos atos exteriores, agindo com reserva e discrição, conforme o exigirem as ocasiões e a caridade para com o próximo. É necessário não perder o norte da luz interior, no arriscado golfo e navegação do trato com as criaturas, onde sempre há perigo de perecer.

CAPÍTULO 9

MARIA SANTÍSSIMA TEVE O CONHECIMENTO DE QUE LÚCIFER SE LEVANTAVA PARA PERSEGUIR A IGREJA. O QUE ELA FEZ CONTRA ESTE INIMIGO, AMPARANDO E DEFENDENDO OS FIÉIS.

Vigilância de Maria pela Igreja

135. Do cume da graça e santidade, possíveis a pura criatura, a grande Senhora do mundo olhava, com sua divina ciência, a pequena grei da Igreja, que todos os dias ia se multiplicando. Vigilantíssima Pastora e Mãe, do alto do monte em que a colocou a destra de seu Filho onipotente, observava se às ovelhinhas do seu rebanho sobrevinha algum perigo ou ataque dos carniceiros lobos infernais, cujo ódio contra os novos filhos do Evangelho bem conhecia.

Este cuidado da Mãe da luz, defendia aquela santa família que a piedosa Rainha considerava sua, e estimava como herança e propriedade de seu Filho Santíssimo, porção eleita do Altíssimo, escolhida entre todo o resto dos mortais.

A pequena embarcação da nova Igreja, caminhou prosperamente por alguns dias, conduzida pela divina Mestra, graças aos conselhos que lhes dava, as doutrinas e advertências com que a instruía e as orações e súplicas que, incessantemente, oferecia por ela. Não perdia ocasião nem momento para atender a tudo, animando os apóstolos e os outros fiéis.

Oração de Maria pela Igreja

136. Poucos dias depois da vinda do Espírito Santo, estando em oração disse ao Senhor: Meu Filho, verdadeiro Deus de amor, sei, meu Senhor, que a pequena grei de vossa santa Igreja, da qual me fizestes Mãe e defensora, vale o infinito preço de vossa vida e sangue com que a redimistes do poder das trevas (**Cl 1, 13**). É justo que eu também vos ofereça minha vida e tudo o que sou, para conservação e crescimento do que é tão estimável à vossa santa vontade. Se for necessário, morra eu, para que vosso nome seja exaltado e vossa glória estendida por todo o mundo.

Recebei, Filho meu, o sacrifício de meus lábios e da minha vontade, que ofereço com vossos próprios méritos. Atendei piedoso a vossos fiéis, guiai aos que só em vos esperam e se entregam à vossa santa fé. Iluminai a Pedro, vosso vigário, para que ele governe com acerto as ovelhas que lhe encomendastes. Guardai a todos os apóstolos, vossos ministros e meus senhores. Cobri-os com vossa feliz bênção (**Sl 20, 4**), para que todos cumpramos vossa vontade perfeita e santa.

Resposta de Cristo

137. A estes pedidos de nossa Rainha, respondeu o Altíssimo: Minha amiga e esposa, escolhida entre as criaturas para meu total agrado, estou atento a teus desejos e súplicas. Já sabes, porém, que minha Igreja deverá seguir meus passos e doutrina, imitando-me no caminho do sofrimento e da minha cruz. Meus apóstolos e discípulos, todos os meus íntimos amigos e seguidores, deverão abraçá-la, pois não o poderão ser, sem trabalhar e padecer (**Mt 10, 38**).

Também é necessário que o barco de minha Igreja carregue o lastro das perseguições, para se manter firme no meio da prosperidade do mundo e de seus perigos. Assim determina minha altíssima providência, para com os fiéis e predestinados. Atende, pois, e vê a ordem com que isto se fará.

Lúcifer sai do inferno

138. Logo, numa visão, a grande Rainha viu Lúcifer, seguido por multidões de demônios, levantar-se das cavernas infernais onde se encontravam oprimidos, desde que haviam sido derrotados e precipitados do monte Calvário, como ficou dito (2ª Parte, nº 1421).

O dragão, com sete cabeças, subia como se saísse do mar, seguido pelos outros. Vinha muito enfraquecido, semelhante a um convalescente que mal pode se ter em pé; na soberba e raiva mostrava-se com implacável indignação e arrogância, maiores que sua fortaleza, como disse Isaias (**Is 16, 6**). Por um lado, mostrava a prostração que lhe causara a vitória que nosso Salvador na cruz obtivera sobre ele; por outro, ostentava um vulcão de ódio e fúria contra a santa Igreja e seus filhos.

Chegado a terra, rodeou-a, examinou-a e dirigiu-se a Jerusalém para estrear nas ovelhas de Cristo sua furibunda indignação. Começou por observá-las à distância, espreitando e rodeando aquele humilde, porém, fortíssimo rebanho para sua arrogante malícia.

O demônio espreita a Igreja

139. Viu o dragão quantas pessoas tinham abraçado a fé, e a toda hora iam recebendo o sagrado Batismo; que os apóstolos pregavam e operavam tantas maravilhas em benefício das almas; que os convertidos renunciavam e desprezavam as riquezas; e todos os princípios da santidade autêntica com que se fundava a nova Igreja.

Esta novidade aumentou-lhe o furor, e dava formidáveis bramidos remoendo a própria malícia. Enfurecia-se contra si próprio, pela fraqueza que sentia contra Deus, e para tragar as águas puras do Jordão (**Jó 40, 18**); esforçava-se para se aproximar da congregação dos fiéis e não podia, porque estavam todos unidos em perfeita caridade. Esta virtude, com a fé, a esperança e a humildade, era uma fortaleza inexpugnável para o dragão e seus ministros de maldade.

Rodeava e espreitava, para ver se alguma ovelhinha do rebanho de Cristo se descuidava, a fim de atacá-la e devorá-la. Procurava muitos meios e ciladas para tentá-los, e conseguir que algum lhe desse a mão e entrada, por onde escalar a fortaleza das virtudes que via em todos. Encontrava, porém, tudo guarnecido e armado com a vigilância dos apóstolos, com a força da graça e ainda mais com a proteção de Maria Santíssima

Maria levanta-se em defesa da Igreja

140. Quando a grande Mãe viu Lúcifer, e seu numeroso exército de demônios, levantar-se com tanta malícia e raiva contra a Igreja do Evangelho, seu coração foi ferido por uma flecha de dolorosa compaixão. Conhecia, de uma parte a fraqueza e ignorância dos homens, e de outra a maliciosa astúcia e fúria da antiga serpente.

Para deter e refrear sua soberba, Maria Santíssima enfrentou-a, dizendo: Quem como Deus, que habita nas alturas? (Sl **112, 5**). Ó estulto e insolente inimigo do Onipotente ! O mesmo que te venceu na cruz e esmagou tua arrogância, resgatando a linhagem humana de tua cruel tirania, te domine agora. Seu poder te aniquile e sua sabedoria te confunda e te lance aos abismos. E Eu, em seu nome o faço, para que não impeças a exaltação e glória que todos os homens lhe devem prestar, como a seu Deus e Redentor.

Continuou suas rogativas a piedosa Mãe e falando com o Senhor, lhe disse: Altíssimo Deus e Pai meu, se o poder de vosso braço não detém e destrói a cólera que vejo no dragão infernal e em seus demônios, sem dúvida perderá e arrasará toda a terra e seus moradores. Sois Deus de misericórdia e clemência para vossas criaturas; não permitais, Senhor, que esta serpente venenosa derrame sua peçonha sobre as almas redimidas e lavadas com o sangue do Cordeiro (**Ap 7, 14**), vosso Filho e Deus verdadeiro. É possível que elas se entreguem a tão cruenta besta e mortal inimigo? Como sossegará meu coração, se vejo cair em tão lamentável desgraça, as almas que receberam o fruto deste sangue?

Oxalá, só contra mim se voltasse a ira deste dragão, e vossos redimidos sejam salvos! Eu, Senhor eterno, combaterei as vossas batalhas contra vossos inimigos. Vesti-me de vossa fortaleza, para humilhar e esmagar sua altiva soberba.

O demônio instiga os judeus contra os cristãos

141. Em virtude desta oração e resistência da poderosa Rainha, Lúcifer se

amedrontou muito e não se atreveu a atacar alguém da santa congregação dos fiéis. Não desistiu, contudo, de seu ódio e resolveu valer-se dos escribas, dos fariseus e de outros judeus que viu obstinados em sua perfídia. Dirigiu-se para eles, e por meio de muitas sugestões os encheu de inveja e de ódio, contra os apóstolos e fiéis da Igreja.

A perseguição que não pôde fazer pessoalmente, conseguiu por meio dos incrédulos. Pôs-lhes na imaginação que a pregação dos apóstolos e discípulos lhes acarretava o mesmo, e talvez maior prejuízo do que a de seu Mestre, Jesus Nazareno, cujo nome queriam estabelecer e celebrar, à face deles, dizendo que o haviam crucificado como malfeitor. Isto redundava em grande desonra para eles, os judeus.

Os discípulos, tão numerosos, e operando tantos milagres entre o povo, iam arrastar tudo atrás de si. Os mestres e sábios da lei seriam desprezados e não tirariam os lucros que costumavam, porque os novos discípulos e crentes davam tudo aos novos pregadores que seguiam. Este prejuízo, para os antigos mestres, começava a crescer rapidamente, com o grande número que já seguia os apóstolos.

Prisão de São Pedro e São João

142. Estes conselhos de maldade, eram bem ajustados à cega cobiça e ambição dos judeus. Acolheram-nos por muito razoáveis e de acordo com seus desejos. Daqui resultaram as reuniões que fariseus, saduceus, magistrados e sacerdotes fizeram contra os apóstolos, como refere São Lucas nos Atos (**4, 5**). A primeira foi quando São Pedro e São João, na porta do templo, curaram o paralítico de nascença (**At 3, 6**), de quarenta anos de idade e conhecido em toda Jerusalém.

Este milagre, tão evidente e admirável, atraiu verdadeira multidão da cidade, deixando a todos assombrados e fora de si (**At 3, 11**). São Pedro lhes fez longo sermão (**At 3, 12**), provando que não havia salvação fora do nome de Jesus, em cuja virtude, ele e São João tinham curado aquele paralítico, doente há tantos anos.

Por causa deste milagre, no dia seguinte reuniram-se os sacerdotes (**At 4, 5**) e chamaram os dois apóstolos para deporem diante deles. Como, porém, o milagre era por demais notório e o povo glorificava a Deus, os iníquos juizes sentiram-se atrapalhados e não se atreveram a castigar os dois apóstolos. Contentaram-se em lhes ordenar que não pregassem, nem ensinassem mais ao povo, em nome de Jesus Nazareno (**At 4, 18**).

Corajosamente, lhes replicou São Pedro que não podiam obedecer aquela ordem, porque Deus lhes mandava o contrário, e não era justo desobedecer a Deus para obedecer aos homens (**At 4, 19**). Com aquela ameaça, deram liberdade aos apóstolos, que logo foram contar à Rainha Santíssima tudo o que se havia passado, ainda que ela não o ignorasse, tendo presenciado em visão. Puseram-se em elevada oração e, durante ela, desceu outra vez sobre todos o Espírito Santo, com sinais visíveis.

Ananias e Safira

143. Dentro de poucos dias, aconteceu o extraordinário castigo de Ananias e de sua mulher Safira (**At 5, 5**) que, tentados pela cobiça, pretenderam enganar São Pedro. Levaram-lhe parte do preço, pelo qual venderam uma herdade, escondendo outra parte e mentindo ao apóstolo. Pouco antes, Barnabé, também chamado José, levita e natural de Chipre, vendera outra propriedade e levara todo o preço aos apóstolos (**At 4, 37**).

Para mostrar a todos que deveriam agir com lealdade, foram castigados Ananias e Safira, morrendo um depois do outro, aos pés de São Pedro. Este assustador milagre atemorizou os jerosolimitanos, e os apóstolos tiveram maior liberdade para pregar. Os magistrados e saduceus, porém, indignaram-se contra eles e os prenderam no cárcere público (**At 5, 18**), onde estiveram pouco tempo, porque a grande Rainha os libertou, como logo direi.

Maria detém os demônios

144. Não quero passar em silêncio a causa da queda de Ananias e Safira. Conheceu a grande Senhora do céu que Lúcifer e seus demônios provocavam os sacerdotes e magistrados, para impedirem a pregação dos apóstolos. Por estas sugestões, tinham citado São Pedro e São João perante o tribunal, depois da cura do paralítico, mandando-lhes que não mais pregassem em nome de Jesus.

Considerando a piedosa Mãe o obstáculo que se criava à conversão das almas, se não fosse desviada essa malícia, enfrentou de novo o dragão. Conforme se oferecera ao Senhor, Ela assumiu a causa como sua, com maior coragem do que Judite se encarregara da causa de Israel.

Voltou-se ao cruel tirano e lhe disse: Inimigo do Altíssimo, como te atreves e podes te insurgir contra suas criaturas, quando em virtude da Paixão e Morte de meu Filho e Deus verdadeiro foste vencido e despojado de teu tirano império? Que podes tu, venenoso basilisco, atado e encarcerado nas penas infernais por toda a eternidade? Não sabes que estás sujeito ao infinito poder do Altíssimo e não podes contrariar sua irresistível vontade? Ele te ordena, e Eu, em seu nome e poder te mando, imediatamente desceres com os teus ao abismo, donde saíste para perseguir os filhos da Igreja.

Despeito de Lúcifer

145. Não pôde o dragão infernal resistir a esta ordem da poderosa Rainha porque, para maior terror dos demônios, seu Filho Santíssimo permitiu que eles o vissem sacramentado no peito da invencível Mãe, como em trono de sua onipotência e majestade. O mesmo aconteceu noutras ocasiões, em que Maria santíssima confundia Lúcifer, como direi adiante (nº 490).

Desta vez, ele se precipitou nos abismos, com todas as legiões que o acompanhavam. Caíram vencidos e subjugados pela virtude divina que sentiam emanar daquela singular mulher. Estiveram algum tempo aterrados, soltando pavorosos rugidos, enfurecendo-se contra si próprios, pela sua infeliz e irremediável sorte, e porque não tinham esperança de vencer a poderosa Rainha e aqueles que Ela recebesse sob sua proteção.

Com este furibundo despeito, disse Lúcifer a seus demônios: Que desgraça a minha! Dizei-me, que farei contra esta inimiga que assim me atormenta e repele? Ela sozinha me faz maior guerra que todo o resto das criaturas juntas. Deixarei de persegui-la, para que não acabe de destruir-me? Sempre saio derrotado, e Ela vitoriosa! Reconheço que minhas forças vão diminuindo, e pouco a pouco acabará de aniquilá-las e nada poderei fazer contra os seguidores de seu Filho. Como hei de suportar tão injusta ofensa? Que é feito de meu altivo poder? Hei de sujeitá-lo a uma mulher de condição tão inferior e vil, comparada com a minha? Entretanto, agora não me atrevo a pelejar com Ela. Procuremos derribar al-

gum de seus filhos que seguem sua doutrina, e com isto se aliviará minha vergonha e ficarei satisfeito.

Castigo de Ananias e Safira

146. Permitiu o Senhor que o dragão e os seus voltassem a tentar e experimentar os fiéis. Averiguaram as disposições que tinham, as grandes virtudes com que estavam guarnecidos e não encontravam entrada, nem podiam arrastá-los às mentiras e ilusões que lhes apresentavam. Examinando-lhes o temperamento e inclinações por onde, infelizmente, sempre nos fazem crua guerra, acharam que Ananias e Safira eram mais inclinados ao dinheiro, e sempre o haviam procurado com certa avareza.

Por este lado fraco o demônio os feriu, lançando-lhes na imaginação que reservassem parte do preço de uma herdade, que estavam vendendo, para oferecer aos apóstolos, dos quais tinham recebido a fé e o Batismo. Deixaram-se vencer por este vil engano porque concordava com sua baixa inclinação, pretendendo enganar São Pedro. Teve o santo apóstolo revelação do pecado dos dois, e castigou-os com a morte repentina, a seus pés. Primeiro foi Ananias e depois Safira que, sem saber do que acontecera ao marido, veio pouco depois e mentindo como ele, também morreu na presença dos apóstolos.

Maria lamenta a queda de Ananias e Safira

147. Nossa Rainha teve conhecimento do que Lúcifer ia tramando desde o princípio, e como Ananias e Safira acolhiam suas malignas sugestões. Cheia de compaixão e dor, a piedosa Mãe se prostrou na divina presença e com íntimo clamor disse: Ái de mim, Filho e Senhor meu! Como este dragão sangrento devora estas singelas ovelhinhas de vosso rebanho? Como, Deus meu, suportará meu coração, ver que o contágio da cobiça e mentira atinja as almas que custaram vosso sangue e vossa vida? Se este crudelíssimo inimigo nelas introduzir esse contágio, sem uma punição exemplar, o mal se propagará com o mau exemplo e a fraqueza humana. Uns seguirão os outros na queda. Eu, Senhor, perderei a vida nesta dor, sabendo o que pesa o pecado em vossa justiça, e principalmente os dos filhos, mais do que os dos estranhos. Remediai, pois, amado meu, este mal que me destes a conhecer.

Respondeu-lhe o Senhor: Minha escolhida e minha Mãe, não se aflija vosso coração onde Eu repouso, pois deste mal, permitido por minha providência, tirarei muitos bens para minha Igreja. O castigo que infligirei a essa culpa, servirá de exemplo para os demais fiéis da Igreja; temam, e no futuro se guardem da mentira e da cobiça do dinheiro. Quem cometer o mesmo pecado estará ameaçado, por minha indignação e pelo mesmo castigo. Minha justiça contra os rebeldes à minha vontade é sempre a mesma, como ensina minha santa lei.

Resposta de Deus

148. Esta resposta consolou Maria Santíssima, ainda que muito se compadeceu do castigo que a justiça divina impôs aos dois delinqüentes, Ananias e Safira. Enquanto sucediam estes fatos, fez altíssimas orações pelos demais fiéis para não serem enganados pelo demônio. A estes, enfrentou novamente, aterrou-os e expulsou-os, para que não irritassem mais os judeus contra os apóstolos.

Em virtude desta força que os detinha, é que gozavam de tanta paz e tranqüilidade os filhos da primitiva Igreja. Aquela felicidade e a proteção da grande Rainha e Senhora, sempre teriam continuado se os homens não as tivessem desprezado, entregando-se aos mesmos erros e a outros piores, como fizeram Ananias e Safira.

Oh! Se os fiéis temessem aquele exemplo e imitassem o dos apóstolos! Na prisão, de que falei acima (nº 143), invocaram o socorro de Deus e de sua Rainha e Mãe, e quando Ela conheceu, na luz divina, que estavam presos, prostrada em cruz na divina presença, fez por eles esta oração:

Maria reza pelos apóstolos

149. Altíssimo Senhor meu, Criador do universo, de todo o coração submeto-me à vossa divina vontade. Reconheço, Deus meu, ser conveniente, conforme vossa infinita sabedoria dispõe e ordena, que os discípulos sigam seu Mestre, a Vós, verdadeira luz e guia de vossos escolhidos. Assim o confesso, meu Filho, porque viestes ao mundo em forma e com veste de humildade, para exaltar a esta e destruir a soberba; para ensinar o caminho da cruz, pela paciência nos trabalhos e desprezos dos homens. Conheço também que vossos apóstolos e discípulos hão de seguir esta doutrina e estabelecê-la na Igreja.

Não obstante, Bem de minha alma, se for possível que, por ora tenham vida e liberdade para fundar vossa santa Igreja, e pregar vosso nome soberano levando o mundo à verdadeira fé; suplico-vos, Senhor meu, me deis licença para ajudar vosso vigário Pedro, a meu filho e vosso amado João e a todos que por astúcia de Lúcifer, se encontram na prisão. Não se glorie este inimigo de triunfar de vossos servos, nem levante a cabeça contra os demais filhos da Igreja. Quebrai, Senhor meu, sua soberba e fique humilhado em vossa presença.

Os anjos inspiram os juizes. Gamaliel

150. A esta súplica respondeu o Altíssimo: Esposa minha; faça-se como queres, pois essa é minha vontade. Envia teus anjos para aniquilar a ação de Lúcifer. Minha fortaleza está contigo.

Com esta permissão, a Rainha dos anjos enviou um dos de sua guarda, de jerarquia das mais elevadas, ao cárcere onde estavam detidos os apóstolos, para os libertar. Este foi o anjo referido por São Lucas, no capítulo 5º dos Atos dos Apóstolos (**v. 19**), que de noite libertou da prisão os apóstolos, ainda que não tenha declarado o segredo do milagre. Os apóstolos viram o anjo cheio de resplendor e beleza, e ouviram-no dizer que era enviado por sua Rainha para tirá-los da prisão, a fim de continuarem a pregar.

Após este anjo, enviou outros com a incumbência de afastar dos magistrados e sacerdotes, Lúcifer e seus demônios que os irritavam contra os apóstolos. Os anjos deveriam dar-lhes santas instruções, para não os perseguirem nem lhes impedir a pregação. Obedeceram os santos espíritos, cumpriram sua missão e dela resultou o que diz São Lucas, no mesmo capítulo: a intervenção do venerável Gamaliel, doutor da lei (**At 5, 34**).

Os juizes achavam-se confusos, não sabendo o que fariam com os apóstolos. Tinham-nos encarcerado, e eis que estavam livres, pregando no templo, sem saberem como e por quem tinham sido libertados. Nesta altura, Gamaliel aconselhou aos sacerdotes que não se envolves-

sem com aqueles homens, e os deixassem pregar. Se aquela obra era de Deus, ninguém poderia impedi-la; se não era, logo desapareceria, como naquela época acontecera com dois falsos profetas, aparecidos na Palestina e em Jerusalém pregando novas seitas. Um foi Teodas e o outro Judas Galileu. Ambos haviam perecido com todos seus seguidores.

Alegria da Virgem

151. Este conselho de Gamaliel foi inspirado pelos santos anjos de nossa grande Rainha, que também inclinaram os demais juizes a aceitá-lo. Não obstante, estes ordenaram aos apóstolos que não pregassem mais Jesus Nazareno, pois comprometia-lhes a própria reputação. Depois de castigar os apóstolos os despediram, pois os tinham prendido novamente depois que, milagrosamente saíram do cárcere e foram pregar no templo.

Vinham os apóstolos contar a Maria Santíssima, sua Mãe e Mestra, todas as peripécias que lhes sucediam. A prudentíssima Rainha os recebia com maternal afeto e alegria de os ver tão constantes no sofrimento, e tão cheios de zelo pela salvação das almas.

Dizia-lhes: Agora, Senhores meus, me pareceis verdadeiros imitadores e discípulos de vosso Mestre, pois, pelo seu nome padeceis afrontas e injúrias, e com alegria de coração o ajudais a levar a cruz. Sois dignos ministros, cooperando para que o fruto de seu sangue seja aproveitado pelos homens, por cuja salvação o derramou. Sua destra poderosa vos abençôe e vos comunique sua força divina. Isto lhes dizia, ajoelhada e beijando-lhes a mão. Depois os servia, como dissemos acima (nº 92).

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA

Maria sempre vela pelos homens

152. Minha filha, do que entendeste e escreveste neste capítulo, podes tirar muitas e importantes advertências, para a salvação tua e de todos os fiéis, filhos da santa Igreja. Em primeiro lugar, deve-se ponderar a solicitude e desvelo com que Eu cuidava da salvação eterna de todos os crentes, sem omitir nem esquecer a menor de suas necessidades ou perigo. Instruía na verdade, rezava incessantemente, animava-os nas dificuldades, inclinava o Altíssimo a assisti-los, e além de tudo isso, defendia-os dos demônios, de seus enganos e furiosa indignação.

Todos estes benefícios faço-os agora do céu. Se nem todos os experimentam, não é porque deixo de os solicitar, mas porque são muito raros os fiéis que me chamam de todo o coração, e os que se dispõem para merecer o fruto de meu maternal amor. A todos Eu defenderia do dragão, se todos me invocassem, e se temessem os enganos tão perniciosos, com que ele os enreda e aprisiona para sua eterna condenação.

Para que os mortais se convençam deste tremendo perigo, faço-lhes agora nova advertência. Asseguro-te, minha filha, que todos os que se condenam, depois da morte de meu Filho Santíssimo e dos favores que por minha intercessão concede ao mundo, sofrem no inferno maiores tormentos, do que aqueles que se perderam antes do Senhor e Eu estarmos no mundo. De igual modo, os que agora entendem estes mistérios, e os desprezarem para sua perdição, serão réus de maiores e novas penas.

Luta contra o inferno

153. Devem também lembrar da estima que hão de ter às suas próprias almas, pois tanto fiz e faço todos os dias por elas, depois que meu Filho santíssimo as redimiu com sua Paixão e Morte. Este esquecimento dos homens é muito censurável e digno de tremendo castigo. Em que juízo ou razão pode caber que um homem que tem fé, trabalhe tanto por um momentâneo gosto dos sentidos, que por muito que dure terminará com a morte? E de sua alma imortal faça tão pouco caso e apreço, e a esqueça tanto, como se fosse acabar como as coisas visíveis?

Não advertem que, quando tudo perece, então começa para a alma o gozo ou sofrimento eterno, sem fim. Conhecendo tu esta verdade e a perversidade dos mortais, não te admires de que o dragão infernal esteja, atualmente, com tanto poder sobre os homens. Onde se trava contínuo combate, quem vence, ganha as forças perdidas pelo vencido.

Isto se verifica ainda mais na cruel e contínua luta com os demônios. Se as almas o vencem, elas ficam fortes e eles enfraquecidos, como quando meu Filho e Eu os derrotamos. Se esta serpente, porém, prevalece sobre os homens, levanta a cabeça de sua soberba e se recupera da fraqueza, cobrando novos brios e maior domínio, como o que hoje tem no mundo. Isto porque os amadores de sua vaidade a ele se entregam, militando sob sua bandeira e falsas fabulações. Com este dano, o inferno alargou a boca, e quantos mais engole, mais insaciável se torna sua fome, desejando sepultar nas cavernas infernais todos os homens.

Vigilância e fidelidade

154. Teme, ó caríssima, este perigo que conheces, e vive em contínuo cuidado, para não abrir teu coração aos enganos desta crudelíssima besta. Tens o exemplo de Ananias e Safira, cujas almas o demônio assaltou e venceu, pela brecha da inclinação da cobiça pelo dinheiro. Não quero que apeteças qualquer coisa da vida mortal. De tal modo quero que reprimas e extingas em ti todas as paixões da natureza imperfeita, que nem o demônio, com todo seu empenho, possa rastrear em ti algum movimento desordenado de soberba, cobiça, vaidade, ira, ou qualquer outra inclinação.

Esta é a ciência dos santos, sem ela ninguém vive seguro na carne mortal, e por ignorá-la perecem inumeráveis almas. Aprende-a tu com diligência, e ensina-a às tuas religiosas, para que cada uma seja vigilante sentinela de si mesma. Com isto, viverão em paz e caridade verdadeira e não fingida.

Cada uma, e todas juntas, unidas na quietude e tranqüilidade do divino Espírito, armadas com o exercício de todas as virtudes, serão um castelo inexpugnável para os inimigos. Lembra-te e traz à memória de tuas religiosas o castigo de Ananias e Safira, e exorta-as a que sejam muito observantes da Regra e Constituições, e assim merecerão minha proteção e especialíssimo amparo.

A divina pastora das almas

CAPÍTULO 10

FAVORES QUE MARIA SANTÍSSIMA, POR MEIO DE SEUS ANJOS, FAZIA AOS APÓSTOLOS. SALVAÇÃO QUE ALCANÇOU PARA UMA MULHER NA HORA DA MORTE. OUTROS FATOS SOBRE ALGUNS QUE SE CONDENARAM.

Solicitude de Maria pelas almas

155. Com a propagação da nova lei da graça em Jerusalém, cada dia aumentava o número dos fiéis e crescia a Igreja do Evangelho (**At 5, 14**). No mesmo passo, crescia também a solicitude de sua grande Rainha e Mestra, Maria Santíssima, pelos novos filhos que os apóstolos, através da pregação, geravam em Cristo (**1 Cor 4, 15**).

Sendo estes, os fundamentos da Igreja (**Ef 2, 20**), quais pedras inabaláveis sobre as quais tinha que se apoiar a firmeza deste admirável edifício, a prudente Mãe zelava, com especial vigilância, pelo colégio apostólico. Esta santa atenção aumentava-lhe, ao conhecer a indignação de Lúcifer contra os seguidores de Cristo, e mais do que todos, contra os santos apóstolos, ministros da salvação eterna dos outros fiéis.

Nesta vida, nunca será possível conhecer nem explicar, os favores e benefícios que prodigalizou ao corpo da Igreja e a cada um de seus místicos membros, em particular aos apóstolos e discípulos. Segundo me foi dado a entender não passou dia, nem hora, em que não fizesse por eles um ou muitos prodígios.

Neste capítulo, narrarei alguns fatos de grande instrução para nós, pelos segredos da oculta providência do Altíssimo que eles encerram. Destes, se poderá coligir qual seria a vigilantíssima caridade e zelo de Maria Santíssima pelas almas.

Trabalho dos apóstolos fora de Jerusalém

156. Aos apóstolos amava e servia com indizível afeto e veneração, tanto pela grande santidade deles, como pela dignidade de sacerdotes, e a missão de fundadores e pregadores do Evangelho. Quando estavam juntos em Jerusalém servia-os, aconselhava e orientava como fica dito acima (nº 89, 92, 102). Com o crescimento da Igreja, foi necessário começarem a sair de Jerusalém, para batizar e receber na fé muitos que, dos lugares circunvizinhos, se convertiam. Logo, porém, voltavam à cidade porque, intencionalmente, não haviam se separado nem saído de Jerusalém, esperando ordem para fazer.

Nos Atos dos Apóstolos consta que São Pedro foi à Lídia e a Jope onde ressuscitou Tabita (**At 9, 38-40**), fez outros milagres e voltou a Jerusalém. Ainda que São Lucas fala sobre estas viagens depois da morte de Santo Estêvão, da qual falarei no capítulo seguinte, durante o tem-

po que precedeu a este fato, houve muitas conversões noutros lugares da Palestina. Foi necessário que os apóstolos os instruíssem e confirmasse na fé, depois do que voltavam e relatavam tudo à sua divina Mestra.

Perseguição diabólica

157. Nestas viagens e pregações, o demônio procurava impedir a palavra divina e seu fruto, suscitando muitas oposições dos incrédulos contra os apóstolos e seus ouvintes e convertidos. Nestas perseguições, sofriam todos os dias muitos embaraços e sobressaltos. Parecia ao dragão infernal poder atacá-los com mais êxito, estando eles ausentes e distantes da defesa de sua Protetora e Mestra.
Esta grande Rainha dos anjos era tão temível aos demônios que, com ser tão eminente a santidade dos apóstolos, Lúcifer pensava que Maria não estando presente, os surpreenderia desarmados, para atacá-los com tentações. Tal é a soberba e ódio deste dragão que, como disse Jó (**41, 18-19**), ao mais duro ferro reputou por uma palhinha e ao bronze como se fora um pau podre. Não teme as flechas nem a funda, porém teme tanto a Maria Santíssima que, para tentar os apóstolos, aguarda que estejam longe d'Ela.

Vigilância e proteção de Maria

158. Mas nem por isto lhes faltou sua proteção. Da atalaia de sua altíssima sabedoria, a grande Senhora atingia todas as distâncias, e como vigilantíssima sentinela descobria as ciladas de Lúcifer, e acudia em socorro de seus filhos e ministros do Senhor.

Logo que os sabia em dificuldades, enviava seus santos anjos para os confortar, animar, prevenir, e às vezes mandava-lhes afugentar os demônios que os perseguiam. Os espíritos celestiais prontamente faziam tudo quanto sua Rainha lhes ordenara. Às vezes procediam ocultamente, por meio de inspirações e consolações interiores que davam aos Apóstolos. Mais comumente lhes apareciam em corpos brilhantes e belíssimos e transmitiam tudo o que sua Mestra lhes queria dizer.

Este modo era freqüente, por causa da santidade e pureza dos apóstolos, e da necessidade que então havia de ajudá-los com especiais auxílios. Nunca se viram em perigo ou tribulação, sem que a amorosa Mãe deixasse de os socorrer, além das contínuas orações, súplicas e ações de graças que por eles oferecia. Era a mulher forte, cujos domésticos estavam providos de vestes duplas, e a mãe de família que a todos distribuía alimentos, e com o fruto de suas mãos plantava a vinha do Senhor (**Pv 31, 15, 16**).

Caridade da Virgem

159. Na devida proporção, tinha o mesmo cuidado por todos os outros fiéis. Ainda que fossem muitos em Jerusalém e na Palestina, conhecia a todos e os favorecia em suas necessidades e aflições, tanto corporais como espirituais, sem falar nos muitos que curava de gravíssimas enfermidades. Aos que sabia não ser conveniente dar saúde, servia-os pessoalmente, visitando-os e consolando-os. Tinha predileção pelos mais pobres e, muitas vezes, com as próprias mãos dava-lhes de comer, arrumava-lhes as camas, lavava-os, como se fôra serva de cada um.

Tanta era a humildade, caridade e solicitude da grande Rainha do mundo,

que não recusava nenhum ofício ou obséquio a seus filhos, os fiéis, por mais trivial e humilde que fosse o trabalho. A todos enchia de alegria e consolação, tornando-lhes suaves os sofrimentos. Aos que, por se encontrarem longe, não podia acudir pessoalmente, ajudava-os ocultamente por meio dos anjos, ou com orações e súplicas lhes obtinha favores espirituais e outros auxílios.

Maria e os moribundos

160. Sua maternal piedade distinguia-se, principalmente, com os agonizantes. Assistia a muitos no último combate e os ajudava, até deixá-los com a garantia da vida eterna. Pelos que iam para o purgatório fazia fervorosas orações e algumas penitências, como prostrações em cruz, genuflexões e outros exercícios, com o que satisfazia por eles. Em seguida, enviava um dos seus anjos para tirar do purgatório as almas, cujas dívidas havia satisfeito. Ordenava ao celeste mensageiro que as levasse ao céu, e em seu nome as apresentasse a seu Filho Santíssimo, como propriedade e fruto de seu sangue redentor.

No tempo em que a Senhora do céu viveu na terra, muitas almas receberam esta felicidade. Não penso que agora Ela a recuse para as que se dispõem, durante a vida, a merecer sua presença na hora da morte, como em outro lugar deixo escrito. (2ª Parte, nº 929).

Seria necessário prolongar muito esta História, se tivesse que referir os benefícios que fez a muitos, ajudando-os na hora da morte. Não posso deter-me nisto, mas narrarei o caso de uma jovem, a quem livrou da boca do dragão infernal. Por ser tão extraordinário e útil à nossa advertência, não é justo recusá-lo a esta História e à nossa instrução.

A doente enganada pelo demônio

161. Certa jovem de Jerusalém, filha de pais humildes e pobres, converteu-se entre os primeiros cinco mil fiéis que receberam o Batismo. Esta pobre moça, estando a cuidar dos trabalhos domésticos ficou doente, e assim continuou por muitos dias, sem melhorar. Por esta causa, como costuma acontecer a outras almas, foi resfriando o primeiro fervor e descuidando-se, cometeu algumas culpas e perdeu a graça batismal. Lúcifer, porém, não se descuidava, e sedento de devorar alguma daquelas almas, atacou a esta, com suma crueldade. Permitiu-o Deus para maior glória sua e de Maria Santíssima.

O demônio apareceu à jovem, na forma de outra mulher para enganá-la e, entre muitos afagos, aconselhou-a que se afastasse daquela gente que pregava o Crucificado e não lhes desse crédito, porque a enganavam em tudo que diziam. Se não os deixasse, seria castigada pelos sacerdotes e juizes, assim como tinham crucificado o Mestre daquela nova e falsa lei que lhe haviam ensinado. Com este remédio ficaria boa, e depois viveria contente e sem perigo.

Respondeu a moça: Farei o que me dizes, mas com aquela Senhora, que vi com aqueles homens e mulheres, e me parece tão linda e boa, como devo proceder? Amo-a muito. Replicou-lhe o demônio: Essa é a pior de todas, a primeira que deves aborrecer, e o mais importante para ti é fugir de seus enganos.

São João não consegue convertê-la

162. Este mortal veneno da antiga serpente, infeccionou a alma daquela ingênua pombinha, e em vez de melhorar na saúde foi piorando, aproximando-se da

morte do corpo e da alma.

Um dos setenta e dois discípulos que andavam visitando os fiéis, soube da grave enfermidade daquela mulher. Um dos vizinhos disse-lhe que ali se encontrava agonizante, uma das mulheres de sua seita. O discípulo entrou para vê-la e animá-la com santas palavras. A doente, porém, estava tão dominada pelos demônios, que não quis recebê-lo, nem ouvi-lo, e enquanto ele lhe falava, virava-se e cobria-se para não escutar.

Reconheceu o discípulo, por aqueles sinais, a perdição da enferma, ainda que ignorasse a causa. Imediatamente foi comunicar ao apóstolo São João que, sem demora, foi visitar a moça, admoestando-a com palavras de vida eterna. Aconteceu-lhe o mesmo que ao discípulo; a ambos resistiu com obstinação. O apóstolo viu, ao chegar, muitas legiões de demônios rodeando a enferma. Fugiram, mas não cessavam de forcejar para voltar e lhe insuflar as mentiras de que já estava cheia.

O anjo também não é atendido

163. Vendo sua obstinação, o apóstolo, muito aflito, foi dar notícia a Maria Santíssima e pedir-lhe remédio. A grande Rainha dirigiu sua visão interior à enferma e conheceu o infeliz e perigoso estado daquela alma, e como o inimigo a tinha dominado.

Compadeceu-se a piedosa Mãe daquela ovelhinha, enganada pelo infernal e sanguinário lobo, e prostrada em terra rezou e pediu a conversão da mísera jovem. O Senhor, porém, nada respondeu a este pedido de sua Mãe Santíssima, não porque seus rogos não lhe fossem agradáveis, mas por isso mesmo. Fez-se de surdo para continuar ouvindo seus clamores, e para nos mostrar qual era a caridade e prudência da grande Mestra e Mãe, nas ocasiões em que precisava delas usar.

Deixou-a no estado ordinário, sem lhe acrescentar especial luz sobre o que lhe pedia. Nem por isto Ela desistiu, nem esfriou sua caridade ardentíssima, entendendo que o silêncio do Senhor não era motivo para faltar a seu ofício de Mãe, enquanto não sabia expressamente a vontade divina. Com esta prudência orientou-se naquele caso.

Ordenou a um de seus santos anjos fosse ajudar aquela alma; que a de-

fendesse dos demônios e a exortasse com santas inspirações a deixar seus enganos, convertendo-se a Deus. Desempenhou o Anjo esta embaixada, com a rapidez com que obedecem a vontade do Altíssimo. Não obstante, com todas suas diligências angélicas, foi incapaz de convertê-la. A semelhante estado pode chegar uma alma que se entrega ao demônio.

Maria reza pela pecadora

164. Voltou o anjo à sua Rainha e lhe disse: Minha Senhora, volto de cumprir o que vós, Mãe de misericórdia me ordenastes; procurei ajudar aquela jovem que se encontra em perigo de condenação, mas a sua dureza é tanta que não aceita, nem escuta as santas inspirações que lhe dou.

Alterquei com os demônios para defendê-la, mas eles resistem alegando o direito que aquela alma, voluntariamente lhes deu, e livremente assim persiste. O poder da divina justiça não cooperou comigo, como eu desejava para fazer vossa vontade, e não posso, minha Senhora, dar-vos o consolo que desejais.

A piedosa Mãe muito se afligiu com esta resposta, porém, sendo Mãe do amor, da ciência e da santa esperança (**Ecl 24, 24**), não pôde perder o que a todos nós mereceu e ensinou. Retirou-se de novo para pedir a salvação daquela alma enganada.

Prostrou-se em terra e disse: Senhor meu e Deus de misericórdia, aqui está este vil bichinho da terra; castigai-me, afligi-me a mim, mas não veja Eu que esta alma, assinalada com as primícias de vosso sangue, enganada pela serpente, torne-se despojo da sua maldade e do ódio que tem contra vossos fiéis.

A Virgem, pessoalmente, socorre a pecadora

165. Maria Santíssima permaneceu algum tempo nesta oração, mas para provar seu generoso coração e caridade para com o próximo, o Senhor não lhe respondeu. Considerou a prudentíssima Virgem o que sucedeu ao profeta Eliseu (**4 Rs 3, 34**) para ressuscitar o filho da Sunamita, sua hospedeira. Não bastou para lhe dar vida, o báculo do profeta aplicado por seu discípulo Giesi. Foi necessário que Eliseu, pessoalmente, tocasse o defunto, se medisse e ajustasse a ele, para assim lhe restituir a vida.

O anjo e o apóstolo não foram capazes de ressuscitar do pecado e do engano de Satanás aquela miserável mulher. Resolveu, pois, a grande Senhora ir pessoalmente socorrê-la. Propôs esta resolução ao Senhor, na oração que fez por ela. Ainda que não teve resposta de Deus, mas sendo o caso tão legítimo, levantou-se para sair do aposento, e ir com São João à casa da doente, que era um pouco longe do Cenáculo.

Ao dar os primeiros passos, entretanto, os anjos a detiveram. Tinham ordem do Senhor para levá-la. Perguntou-lhes a divina Mãe porque a detinham. Responderam-lhe que não era razão deixá-la caminhar pela cidade, quando eles a poderiam levar com maior decoro. Logo a colocaram num trono de refulgente nuvem e transportaram-na até o aposento da doente. Pobre e sem fala, todos a tinham abandonado e só os demônios a rodeavam, esperando que expirasse para levar-lhe a alma.

Maria afugenta os demônios

166. No instante em que a Rainha

dos anjos chegou, os espíritos malignos fugiram como relâmpagos, atropelando-se uns aos outros com terríveis rugidos. A poderosa Senhora lhes ordenou descer ao abismo, até que lhes permitisse dele sair. Sem poderem lhe resistir, assim fizeram.

A Mãe piedosíssima aproximou-se da enferma, chamou-a pelo nome, tomou-lhe a mão e lhe dirigiu confortadoras palavras de vida, que a reanimaram e fizeram voltar a si. Respondeu a Maria Santíssima: Senhora minha, uma mulher que me visitou, persuadiu-me que os discípulos de Jesus me enganavam, e que me separasse deles e de Vós, porque me aconteceria grande mal se abraçasse a lei que me ensinavam.

Replicou a Rainha: Minha filha, essa que te pareceu mulher, era o demônio teu inimigo. Venho dar-te, da parte do Altíssimo, a vida eterna. Volta, pois, à verdadeira fé que antes recebeste e confessa-o, de todo o coração, por teu verdadeiro Deus e Redentor que, pela tua salvação e de todo o mundo, morreu na cruz. Adora-o, invoca-o e pede-lhe perdão de teus pecados.

Conversão e morte da pecadora

167. Tudo isso - respondeu a enferma - eu acreditava, antes de me dizerem que Ele é muito mau e que me castigarão se n'Ele crer. Replicou-lhe a divina Mestra: Amiga minha, não temas esse engano, mas adverte que o castigo e penas que se devem temer são as do inferno, para onde te querem levar os demônios. Estás muito perto da morte e podes alcançar a salvação que te ofereço, se me dás crédito, livrando-te do fogo eterno que te ameaça.

Com esta exortação e a graça que Maria Santíssima lhe obteve, a pobrezinha desatou em pranto de arrependimento, e lhe pediu protegê-la daquele perigo, estando pronta a fazer tudo o que lhe mandasse. A grande Senhora a fez protestar a fé em Cristo, nosso Senhor, e fazer um ato de contrição para se confessar e receber os Sacramentos, chamando os Apóstolos para os administrar.

A feliz mulher, repetindo atos de contrição e amor, invocando a Jesus e à sua Mãe, que a assistia, expirou nas mãos de sua Protetora, que com ela permanecera duas horas, para que o demônio não voltasse a enganá-la.

Tão eficaz foi este socorro, que não só a converteu ao caminho da vida eterna, mas ainda lhe alcançou tantos auxílios, que aquela feliz alma partiu livre de culpa e de pena. Enviou-a ao céu por alguns dos doze anjos, que traziam no peito a divisa da Redenção, com palmas e coroas nas mãos, para socorrer os devotos de sua grande Rainha.

Sobre estes anjos falamos na primeira parte, capítulo 14, número 202, e capítulo 18, número 273, e não é necessário repetir agora. Apenas advirto que, ao confiar a estes anjos diferentes incumbências, a Rainha os escolhia conforme as graças e capacidades que possuíam para beneficiar os homens.

O poder de Maria

168. Socorrida aquela alma, os demais anjos levaram a Rainha de volta para seu oratório, na mesma nuvem em que a tinham trazido. Aí chegando, humilhou-se e prostrou-se em terra adorando o Senhor, e agradecendo-lhe o favor de haver tirado aquela alma da boca do dragão infernal, e por ela fez um cântico em louvor ao Altíssimo.

A divina Sabedoria dispôs esta maravilha, para que os anjos, os santos do

céu, os apóstolos e os mesmos demônios compreendessem o incomparável poder de Maria Santíssima. Assim como era Senhora de todos, também era mais poderosa do que todos juntos. Nada lhe seria negado, de quanto pedisse para os que a amassem, servissem e chamassem.

Exemplo foi aquela feliz jovem que, pelo amor que tivera a esta divina Senhora, não foi excluída da salvação, enquanto os demônios ficaram vencidos, confusos e sem esperança de poder prevalecer sobre o que Maria quer e pode para seus devotos. Outras coisas se poderiam notar neste exemplo, para nossa instrução, mas as remeto à consideração e prudência dos fiéis.

Dois cristãos infiéis

169. Não aconteceu o mesmo a outros dois cristãos, que desmereceram a eficaz proteção de Maria Santíssima. Como este caso pode servir também de exemplo e lição, como o de Ananias e Safira, para conhecer a astúcia de Lúcifer em tentar e derribar os homens, vou escrevê-lo como o entendi, com as advertências que encerra, para se temer, como Davi, os justos juízos do Altíssimo (**Sl 118, 120**).

Depois do milagre referido, os demônios tiveram permissão para voltar ao mundo e tentar os fiéis, porque assim convinha para mérito dos justos e predestinados. Com maior sanha contra estes, Lúcifer saiu do inferno e começou sondar por onde lhe dariam entrada. Rastreou as más inclinações de cada um, como agora o faz. A experiência convenceu-o de que nós, os filhos de Adão, inadvertidos, ordinariamente mais seguimos as inclinações e as paixões do que a razão e a virtude.

A Igreja ia crescendo em número, e como a multidão não pode ser muito perfeita em todas suas partes, o fervor da caridade de alguns começou a se entibiar. Tinha o demônio mais campo onde semear sua cizânia.

Notou, entre os fiéis, dois homens que, antes de se converterem eram de más inclinações e ambiciosos das boas graças de alguns príncipes dos judeus, dos quais esperavam receber algumas vantagens temporais de honra e dinheiro. Com esta cobiça, que sempre foi raiz de todos os males (**1 Tm 6, 10**), tergiversavam bajulando os grandes, cujo favor ambicionavam.

Apostasia dos dois cristãos

170. Julgou o demônio que com estes achaques espirituais, aqueles fiéis estavam fracos na fé e na virtude, e que poderia derribá-los por meio dos judeus, de quem se faziam dependentes. Como pensou, assim executou a serpente. Lançou muitas sugestões ao coração incrédulo dos sacerdotes judeus, para que repreendessem e ameaçassem os convertidos, por terem abraçado a fé em Cristo e recebido seu Batismo.

Assim o fizeram, com grande aspereza e autoritarismo. A indignação dos poderosos amedronta aos de coração fraco, como o eram aqueles dois convertidos, apegados a seus próprios interesses temporais. Resolveram apostatar da fé, para não cair no desagrado daqueles judeus poderosos, em quem depositavam infeliz e falsa confiança. Retiraram-se completamente do grêmio dos fiéis, e deixaram de comparecer à pregação e santos exercícios que os demais praticavam. Assim ficou notória sua queda e perdição.

Aflição de Maria

171. Os apóstolos muito se con-

tristaram pela ruína daqueles fiéis, e pelo escândalo que tão pernicioso exemplo, nos princípios da Igreja, dava aos outros cristãos. Conferiam entre si, se dariam notícia do fato a Maria Santíssima, porque temiam a tristeza e a dor que lhe causaria.

O apóstolo São João, porém, lhes advertiu que a grande Senhora estava ao par de todas as coisas da Igreja, e seria inútil querer ocultar aquele caso à sua vigilantíssima atenção e caridade. Foram então participar-lhe o que se passava com aqueles dois apóstatas, a quem tinham exortado a voltar para a verdadeira fé.

A piedosa e prudente Mãe não escondeu sua dor, pois não podia ficar impassível, diante da perda de almas que já se tinham agregado à Igreja. Convinha também que os apóstolos avaliassem, pelo sentimento da grande Senhora, a estima que deviam ter pelos filhos da Igreja, e o ardente zelo com que deviam procurar conservá-los na fé, e encaminhá-los à salvação.

Retirou-se nossa Rainha a seu oratório e, prostrada em terra como costumava, fez profunda oração por aqueles dois apóstatas, derramando por eles copiosas lágrimas de sangue.

Revelação dos desígnios de Deus

172. Para consolar um pouco sua dor, com o conhecimento dos ocultos juízos do Altíssimo, disse-lhe Ele: Minha esposa, escolhida entre todas as criaturas, quero que conheças meus justos juízos a respeito dessas duas almas pelas quais me pedes, e de outras que entrarão em minha Igreja.

Estes dois, que apostataram da verdadeira fé, seriam de mais dano do que proveito para os outros fiéis, se continuassem no convívio deles. São de costumes muito depravados e tornaram-se piores em suas más inclinações. Minha ciência infinita sabe que serão réprobos, e assim convém afastá-los do rebanho dos fiéis, e amputá-los do corpo místico de minha Igreja, para que não infeccionem os outros com seu contágio.

É necessário, minha querida, de acordo com minha altíssima providência, que em minha Igreja entrem predestinados e prescitos; uns se condenarão por suas culpas, e outros por minha graça e suas boas obras se salvarão.

Minha doutrina e Evangelho (**Mt 13, 47**) será como a rede que recolhe toda espécie de peixes, bons e maus, os prudentes e os néscios. Também o inimigo semeará sua cizânia entre o grão puro da verdade, para que os justos se justifiquem mais, e os imundos, se quiserem por sua malícia, se tornem mais imundos (**Ap 22, 11**).

A dor se mede pelo conhecimento e amor

173. Esta foi a resposta que, naquela oração, o Senhor deu a Maria Santíssima, renovando-lhe a participação em sua divina ciência. Seu aflito coração aliviou-se ao conhecer a equidade da justiça divina ao condenar os que, por própria malícia, se faziam réprobos, indignos da amizade de Deus e de sua glória.

Todavia, como a divina Mãe tinha a balança do santuário, em sua eminentíssima sabedoria e ciência, só Ela, entre todas as criaturas, pesava e compreendia perfeitamente o que significa uma alma perder a Deus eternamente, e ser condenada aos tormentos eternos, na companhia dos demônios. Na medida desta compreensão, era sua dor.

Sabemos que os anjos e santos do céu, que conhecem em Deus este mistério, não podem sentir dor ou pena, por-

que esta é incompatível com seu estado felicíssimo. Se pudessem senti-la, sua dor seria de acordo com o conhecimento que têm do dano que vem a ser a condenação, porque os amam com caridade perfeita, e desejariam tê-los em sua companhia na glória.

Maria sofre pela perda das almas

174. A pena e dor que os bem-aventurados não podem sofrer pela condenação dos homens, sofreu-a Maria Santíssima em grau tão superior a que teriam aqueles, quanto esta divina Senhora os excedia em sabedoria e caridade. Para sentir a dor estava no estado de viadora, e para conhecer a causa tinha ciência de compreensora.

Quando gozou da visão beatífica, conheceu o ser de Deus e seu amor pela salvação dos homens, amor procedente de bondade infinita, e quanto se doeria com a perdição de uma alma, se Ele pudesse sofrer. Conhecia a fealdade dos demônios, o ódio que têm dos homens, o horror das penas infernais na eterna companhia dos demônios e condenados.

Tudo isto, e o que não consigo pensar. Que dor, que pena e compaixão causaria a um coração tão sensível, tão amoroso e terno como o de nossa amantíssima Senhora, ao saber que aquelas duas almas, e outras inumeráveis da santa Igreja, se perderiam? Lamentava esta infelicidade e muitas vezes repetia: É possível que uma alma, voluntariamente, se prive eternamente de ver a face de Deus, e escolha ver a de tantos demônios no fogo eterno?

São João evangelista procura consolar Maria

175. A prudentíssima Rainha reservou para si o segredo da reprovação daqueles apóstatas, sem nada revelar aos apóstolos. Mas, quando estava assim aflita, entrou o evangelista São João para visitá-la e saber se precisava de alguma coisa. Vendo-a tão desolada, o apóstolo perturbou-se, e pedindo permissão para falar, disse: Senhora minha e Mãe de meu Senhor Jesus Cristo, desde que Ele morreu nunca vi vosso semblante tão aflito e doloroso como agora, com vossos olhos e rosto banhado de sangue. Dizei-me, Senhora, se for possível, a causa de tanta dor e sentimento, e se poderei aliviar-vos ainda que for à custa de minha própria vida.

Respondeu Maria Santíssima: Meu filho, estou chorando por essa mesma causa. Pensou São João que a lembrança da Paixão tinha renovado na piedosa Mãe tão acerba dor, e replicou: Minha Senhora, já podeis moderar as lágrimas, pois agora vosso Filho e Redentor nosso está glorioso e triunfante nos céus, à direita do eterno Pai. Ainda que não é razão esquecermos o que sofreu pelos homens, também é justo vos alegrardes, com os bens que sua Paixão e Morte produziram.

São João chora com Maria

176. Respondeu Maria Santíssima: Se depois que meu Filho morreu, querem crucificá-lo outra vez os que o ofendem, negam e tornam inútil o inestimável fruto de seu sangue, justo é que eu chore, como quem conhece seu ardentíssimo amor pelos homens. Estaria pronto a sofrer pela salvação de cada um, o que sofreu por todos.

Vejo tão mal agradecido este imenso amor, e a perdição eterna de tantos que deveriam conhecê-lo, que não é possível moderar minha dor, nem viver, se o mesmo Senhor que me deu a vida não a conservar.

Ó filhos de Adão, formados à imagem de meu Filho e Senhor, em que pensais? Onde tendes o juízo e a razão para não avaliar vossa desdita, se perderdes a Deus eternamente?

Replicou São João; Mãe e Senhora minha, se vossa dor é por causa dos que apostataram, bem sabeis que, entre tantos filhos, há de haver servos infiéis, pois em nosso grupo de apóstolos, Judas prevaricou na mesma escola de nosso Redentor e Mestre.

Ó João - respondeu a Rainha - se a perdição de algumas almas fosse determinada pela vontade de Deus, eu poderia me consolar um pouco. Mas, ainda que permita a condenação dos réprobos, porque eles querem se perder, não era esta a absoluta vontade da divina bondade, que a todos quereria salvar (**1 Tm 2, 4**), se eles com seu livre arbítrio não lhe resistissem.

A meu Filho Santíssimo custou suar sangue, o ver que nem todos seriam predestinados e não aproveitariam o que Ele derramava por sua salvação. Se agora no céu, pudesse sentir dor por qualquer alma que se perde, sem dúvida a teria maior do que padecer por ela. Para Mim, que conheço esta verdade e vivo em carne passível, é razão que sinta o que meu Filho tanto deseja e não consegue. Estas e outras palavras da Mãe de misericórdia, comoveram São João até as lágrimas, e acompanhou-a no pranto durante longo tempo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Orar pela salvação das almas

177. Minha filha, neste capítulo entendeste, especialmente, a incomparável dor e amargura com que Eu chorei a perda das almas. Por aqui aprenderás o que deves fazer pela tua e pelas outras, para me imitares na perfeição que de ti desejo. Para salvar a qualquer um dos que se condenam, Eu não teria recusado nenhum tormento, nem mesmo a morte se fôra necessário. Tudo isso, para minha ardentíssima caridade, teria sido como descanso.

Já que esta dor não te causa a morte, pelo menos não escuses padecer tudo o que o Senhor ordenar por esta intenção. Não deixes também de rezar por elas e trabalhar, com todas tuas forças, para evitar que teus irmãos caiam em culpa, se a puderes impedir. Quando não conseguires logo, e não sentires que o Senhor te ouve, nem por isto percas a confiança.

Pelo contrário, reforça-a e persevera, pois esta insistência nunca desagrada, pois mais do que tu, Ele deseja a salvação de todos os redimidos. Se, todavia, ainda não fores ouvida e não alcançares o que pedes, usa os meios que a prudência e a caridade aconselham, e volta a rezar com mais instância.

O Altíssimo sempre se comove por esta caridade pelo próximo, e pelo amor que procura impedir o pecado que O ofende. Ele não quer a morte do pecador (**Ez 33, 11**). Conforme escreveste, não foi sua vontade absoluta e determinante perder alguma de suas criaturas, pelo contrário, quis salvar a todas. Se permite, em sua justiça, que algumas se percam, permite o que é de seu desagrado, para respeitar a liberdade humana. Não tenhas receio de suplicar a salvação das almas; para as coisas temporais, porém, apresenta-as a Deus pedindo-lhe que se cumpra sua santa vontade no que convém.

Zelo da própria salvação

178. Se, pela salvação de teus

irmãos quero que trabalhes com tanto fervor de caridade, considera o que deves fazer pela tua, e em que estima deves ter tua própria alma, por quem se ofereceu infinito preço. Quero-te fazer esta admoestação de Mãe: quando a tentação ou tuas paixões te inclinarem a cometer alguma culpa, por levíssima que seja, lembra-te da dor e lágrimas que me custou conhecer os pecados dos mortais, e o desejo que tive de impedi-los.

Não queiras, tu, caríssima, dar-me o mesmo desgosto. Se bem agora não possa ter aquela pena, me privarás do gozo acidental que receberei, se fores minha filha e discípula perfeita. Dignei-me ser tua Mãe e Mestra para te instruir em minha escola. Se nisto fores infiel, frustrarás os muitos desejos que tenho, de que em tudo sejas agradável a meu Filho Santíssimo, e O deixes cumprir em ti sua santa vontade, com toda a plenitude.

Pondera, com a luz infusa que recebes, quão graves seriam tuas culpas, se alguma cometeres depois de ter sido tão beneficiada pelo Senhor e por Mim. Enquanto viveres não te faltarão perigos e tentações. Em todas, porém, lembra-te de meus ensinamentos, de minhas dores e lágrimas. Não esqueças o que deves a meu Filho Santíssimo, que é tão liberal em te favorecer e em te aplicar o fruto de seu sangue, para em ti encontrar gratidão e correspondência.

A Virgem Maria, sacrário vivo da Eucaristia

Maria Santíssima e os Apóstolos

CAPÍTULO 11

A PRUDÊNCIA DE MARIA SANTÍSSIMA NA DIREÇÃO DOS PRIMITIVOS FIÉIS. COMO PROCEDEU DURANTE A VIDA E A MORTE DE SANTO ESTÊVÃO, E OUTROS FATOS.

Maria, Mãe e Mestra da Igreja

179. Confiara o Senhor a Maria Santíssima o ministério de Mãe e Mestra da santa Igreja. Era conseqüente dar-lhe ciência e luz proporcionadas a tão alto ofício. Devia conhecer todos os membros daquele corpo místico, de cujo governo espiritual iria cuidar, e exercitar seu magistério conforme a condição, capacidade e necessidade de cada um.

Nossa Rainha recebeu esta ciência e luz com extraordinária abundância de sabedoria divina, como se colige de tudo quanto vou escrevendo. Conhecia todos os fiéis que entravam na Igreja, penetrava suas inclinações naturais, o grau de graça e virtude que possuíam, o mérito de suas obras, as intenções de cada um. Nada ignorava de quanto se referia à Igreja, a menos que o Senhor, às vezes, lhe ocultasse algum segredo que depois, oportunamente, vinha a saber.

Toda esta ciência não era estéril e despida, mas revestida da caridade de seu Filho Santíssimo, com a qual amava a todos que via e conhecia. Ao mesmo tempo, penetrava o mistério da vontade divina, e com esta sabedoria regulava os afetos da caridade interior. Não dava mais a quem devia menos, nem menos ao que merecia ser mais amado e estimado, falha em que nós, ignorantes filhos de Adão, ordinariamente caímos, ainda no que nos parece mais evidente.

Prudência de Maria

180. A Mãe do amor bem ordenado e da ciência, não faltava à justiça distributiva nos afetos (**Ct 2, 4**). Concedia-os à luz do Cordeiro que a iluminava, e dava seu íntimo amor a cada qual como merecia, ainda que nunca deixava de ser Mãe piedosa e amantíssima, sem tibieza, mesquinhez ou esquecimento. Nas demonstrações exteriores, porém, governava-se por outras regras de suma prudência. Evitava a parcialidade, para não dar motivos a ciúmes e invejas que costumam nascer nas comunidades, famílias e sociedades, onde há grande número de pessoas para presenciar e julgar os atos em público.

Em todos é natural e comum a paixão de querer ser estimado, principalmente pelos grandes. Quase não se encontrará quem não se considere com méritos iguais ou maiores que os outros, para serem tanto ou mais estimados. Não escapam a esta fraqueza, nem os de mais elevado estado e mesmo virtude, como se viu no

colégio apostólico quando, por mero indício, se despertou a suspeita e surgiu entre eles a questão da precedência na dignidade, como a propuseram a seu Mestre (**Mt 18, 1; Lc 9, 46**).

Imparcialidade

181. Para evitar estas questiúnculas, a grande Rainha era cuidadosíssima em ser imparcial nos favores e demonstrações que fazia a todos, em público, na Igreja. Este proceder, não só foi digno de tal Mestra, mas também muito necessário nos princípios de sua organização. Tornou-se ensinamento na Igreja para os prelados que a governariam.

Naqueles felizes inícios, resplandeciam com milagres e outros dons divinos, os apóstolos, discípulos e outros fiéis; nos séculos mais recentes, salientam-se na ciência e cultura adquiridas. Convinha ensinar a todos que, nem por aqueles grandes dons, nem por estes menores, deveria alguém se elevar, julgando-se merecedor de mais honra e favor de Deus e de sua Mãe Santíssima, nas coisas exteriores. Baste ao justo ser amado pelo Senhor e estar em sua amizade; se não tiver isto, pouco lhe aproveita a honra e estima externa.

Justiça

182. Esta reserva, porém, não levava a grande Rainha a faltar com a veneração e honra que, por justiça, era devida aos apóstolos e aos fiéis, segundo a dignidade e ministério de cada um. Nesta veneração, em coisas obrigatórias, era também modelo para todos, como era nas coisas livres, ensinando a reserva e moderação. Em tudo, foi tão admirável e prudente nossa grande Rainha, que jamais houve quem se queixasse do seu tratamento, quer com razão, quer sem ela, ou chegasse a negar-lhe a estima e respeito.

Todos a amavam e bendiziam cheios de gozo, reconhecendo-se devedores de seu favor e piedade maternal. Ninguém precisou recear de que Ela faltasse à sua necessidade ou lhe negasse consolo. Ninguém suspeitou não ser por Ela amado, ou sê-lo menos que outros, nem encontrou motivo para fazer tais comparações. Tanta era a discrição e sabedoria desta Rainha, e tão exatamente equilibrada a balança do amor exterior, pelo fiel da prudência. Além de tudo, não quis, pessoalmente, distribuir ofícios e dignidades entre os fiéis, nem intercedia para que fossem dados a alguém. Tudo remetia à decisão dos apóstolos, cujo acerto alcançava do Senhor, em segredo.

Equilíbrio entre as virtudes

183. Este modo de agir tão sabiamente, era-lhe inspirado também por sua profundíssima humildade, que todos reconheciam, pois sabiam que era a Mãe da sabedoria que nada ignorava, nem podia errar no que fizesse. Quis deixar este raro exemplo na santa Igreja, para que ninguém presumisse da própria ciência, prudência e virtude, ainda menos em matérias importantes.

Entendessem que o acertar depende da humildade e conselho, enquanto a presunção apega-se ao próprio ditame, a não ser quando haja obrigação de se guiar só por ele. Sabia também que, interceder e favorecer os outros em coisas temporais, cria certa presunção de dominação, que cresce com a complacência no receber os agradecimentos dos beneficiados.

Todas estas imperfeições na vir-

tude eram muito alheias à suprema santidade de nossa divina Mestra. Ensinou-nos o modo de praticá-la, sem prejudicar o mérito e sem impedir a maior perfeição. Não obstante, de tal modo exercia esta discrição que, nem por isso, recusava conselho aos apóstolos na orientação de seus ofícios e obrigações, pois muito freqüentemente a consultavam. O mesmo fazia com os demais discípulos e fiéis da Igreja, pois em tudo agia com plenitude de sabedoria e caridade.

Santo Estêvão

184. Entre os santos que tiveram a felicidade de merecer especial amor da grande Rainha do céu, um deles foi Santo Estêvão que fazia parte dos setenta e dois discípulos. Desde que ele começou a seguir Cristo nosso Senhor, Maria Santíssima lhe dedicou um dos primeiros lugares em sua estima.

Teve conhecimento de que o Mestre escolhera este santo para lhe defender a honra e santo nome, e por Ele dar a vida. Além disto, o generoso discípulo era de caráter suave e aprazível. Com esta boa índole natural, a graça o tornou ainda mais amável ao próximo, e dócil para a santidade. Esse temperamento era muito agradável à Mãe dulcíssima, pois quando encontrava alguém manso e pacífico, costumava dizer que se assemelhava a seu Filho Santíssimo.

Por estas qualidades e heróicas virtudes de Santo Estêvão, amava-o ternamente, abençoava-o e agradecia ao Senhor por tê-lo criado, chamado e escolhido para primícia de seus mártires. Seu Filho Santíssimo lhe havia revelado este segredo, e a previsão do martírio do santo, fazia-o intimamente muito amado pela grande Senhora.

O primeiro mártir cristão

185. O ditoso santo correspondia, com delicada e fiel atenção e veneração, as graças que recebia de Cristo nosso Salvador e de sua bem-aventurada Mãe, porque não só era pacífico, mas humilde de coração. Os que verdadeiramente o são, mostram-se muito gratos aos benefícios, ainda que não sejam tão grandes como os que o santo discípulo Estêvão recebia.

Concebeu sempre altíssimo conceito da Mãe de misericórdia, e este apreço e fervorosa devoção atraia-lhe as graças da Senhora. Fazia-lhe muitas perguntas sobre os mistérios sagrados, porque era muito sábio e cheio do Espírito Santo e de fé, como disse São Lucas (**At 6, 8**). A grande Mestra lhe respondia a tudo, confortando-o e animando-o a que, corajosamente, zelasse pela honra de Cristo.

Para mais confirmá-lo em sua grande fé, Maria Santíssima anunciou-lhe o martírio, dizendo-lhe: Vós, Estêvão, sereis o primogênito dos mártires que meu filho Santíssimo e Senhor gerou com o exemplo de sua morte. Seguireis seus passos, como esforçado discípulo a seu Mestre, corajoso soldado a seu capitão, e na milícia do martírio sereis o porta-estandarte da cruz. Para isto convém que vos armeis de fortaleza com o escudo da fé, e crede que a força do Altíssimo vos assistirá no combate.

Os judeus perseguem Estêvão

186. Este aviso da Rainha dos anjos inflamou o coração de Santo Estêvão no desejo do martírio, como se colige do que dele refere o livro dos Atos dos Apóstolos. Diz que era cheio de graça e fortaleza, e que fazia grandes prodígios em Jerusalém. Com exceção dos apóstolos São Pedro e São João, só de Estêvão se diz que disputava com os judeus e os confundia (**At 6, 9**). Não podiam resistir a seu espírito e sabedoria, porque com intrépido coração pregava e os repreendia, distinguindo-se nesta coragem, entre todos os discípulos.

Tudo isto fazia Santo Estêvão, abrasado no desejo do martírio que a grande Senhora lhe garantiu receber. Como se algum outro estivesse a lhe disputar esta coroa, expunha-se mais do que todos às discussões com os rabinos e mestres da lei de Moisés, procurando oportunidade para defender a honra de Cristo e por Ele dar a vida.

A maligna atenção do dragão infernal, chegou a conhecer o desejo de Santo Estêvão, e voltou contra ele toda a sanha, pretendendo impedir que o invicto discípulo conseguisse o martírio publicamente, e desse testemunho da fé em Cristo nosso bem. Para tanto, incitou os judeus mais incrédulos a matar Santo Estêvão ocultamente. A virtude e coragem do santo atormentou Lúcifer. Temeu que, com tais disposições, faria grandes coisas em vida e na morte, aumentando o crédito da fé e doutrina de seu Mestre. Com o ódio que os judeus nutriam contra o santo discípulo, facilmente os persuadiu a lhe tirarem a vida secretamente.

Maria protege Santo Estêvão

187. Muitas vezes tentaram matá-lo, no breve tempo que transcorreu entre a vinda do Espírito Santo e seu martírio. A grande Senhora do mundo, porém, conhecendo a malícia e enredos de Lúcifer e dos judeus, livrou Santo Estêvão das suas ciladas, até chegar o momento de morrer apedrejado, como logo direi.

Por três vezes, a Rainha enviou um de seus anjos para tirar Estêvão de uma casa onde queriam assassiná-lo por afogamento. O anjo livrou-o deste perigo de modo invisível aos judeus, mas não ao santo que viu o anjo, que o levou ao Cenáculo junto de sua Rainha e Senhora. Outras vezes, pelo mesmo anjo, avisava-o para não ir a determinada rua e casa, onde o esperavam para o liquidar, ou não o deixava sair do Cenáculo, porque sabia que o espreitavam para o matar.

Armavam-lhe estas traições e ciladas, não só quando à noite deixava o Cenáculo para ir para sua residência, mas também em outras casas que Santo Estêvão, com ardente zelo e caridade, visitava para socorrer fiéis necessitados. Não temia estes perigos de morrer, mas os desejava e pedia. Como não sabia quando o Senhor lhe concederia essa grande felicidade, e via que tantas vezes a divina Mãe o livrava dos perigos, costumava queixar-se amorosamente com ela dizendo-lhe: Senhora e am-

paro meu, quando há de chegar o dia e a hora em que eu pague a meu Deus e Mestre a dívida de minha vida, sacrificando-me pela honra e glória de seu santo nome?

Santidade de Estêvão

188. Estas queixas de amor por Cristo eram de incomparável gozo para Maria Santíssima. Com maternal e doce carinho, costumava responder a Estêvão: Meu filho e servo fiel do Senhor, chegará o tempo determinado por sua altíssima sabedoria, e não sereis decepcionado em vossas esperanças. Por enquanto, trabalhai em sua santa Igreja, pois vossa coroa está garantida, e dai contínuas graças ao Senhor que vô-la preparou.

A pureza e santidade de Santo Estêvão eram de nobre e eminente perfeição, de modo que os demônios só a grande distância dele podiam se aproximar. Era muito amado por Cristo e sua Mãe Santíssima, e os apóstolos ordenaram-no diácono. Sua virtude e santidade heróica mereceram-lhe ser o primeiro, após a paixão do Senhor, a receber a palma do martírio. Para melhor manifestar a santidade deste grande e primeiro mártir, acrescentarei aqui o que entendi, e de acordo com o que refere São Lucas no capítulo 6° dos Atos dos Apóstolos.

Questão entre gregos e hebreus

189. Surgiu em Jerusalém uma questãozinha entre os fiéis: os gregos queixavam-se dos hebreus dizendo que, no ministério cotidiano prestado aos convertidos, as viúvas dos gregos não eram consideradas como as dos hebreus (**At 6, 1**). Tanto uns como outros eram judeus israelitas; chamavam gregos os nascidos na Grécia, e hebreus os naturais da Palestina. Ministério cotidiano era a distribuição das esmolas e ofertas, para o sustento dos fiéis.

Deste trabalho foram encarregados seis homens de confiança, por conselho de Maria Santíssima, como se disse no capítulo 7°, n° s 107, 109. Crescendo, porém, o número dos crentes, foi preciso encarregar também algumas mulheres, viúvas e de idade madura, para trabalharem no mesmo ministério, cuidando principalmente da assistência à mulheres e aos enfermos. Nisto gastavam o que os seis esmoleres lhes davam. Como estas viúvas eram dos hebreus, pareceu aos gregos que era falta de confiança não terem escolhido das suas, e disso se queixavam aos apóstolos.

Os sete diáconos

190. Para resolver a questão, os apóstolos reuniram todos os fiéis e disseram: Não é justo que nós, os apóstolos, deixemos a pregação da palavra de Deus para acudir ao sustento dos irmãos na fé. Escolhei entre vós sete homens, sábios e cheios do Espírito Santo, e os encarregaremos deste cuidado, enquanto nós nos ocuparemos da oração e pregação. A eles recorrereis nas dúvidas e questões que surgirem a respeito da alimentação dos fiéis (**At 6, 2 e sg**).

Todos aprovaram este parecer e, sem diferença de nacionalidades, escolheram sete que São Lucas refere. O primeiro e principal foi Santo Estêvão, cuja fé e sabedoria era conhecida por todos. Estes sete ficaram supervisores dos seis primeiros e das viúvas empregadas no mesmo ministério, sem excluir as gregas, porque não olhavam nacionalidade, mas a virtude de cada uma.

Quem mais concorreu para dissipar a discórdia foi Santo Estêvão, com sua admirável sabedoria e santidade. Acabou com a queixa dos gregos, e convenceu aos hebreus para entrarem em acordo, como filhos de Cristo nosso Salvador e Mestre, procedendo com sinceridade e caridade, sem acepção de pessoas. Assim o fizeram, pelo menos durante os meses que Estêvão viveu.

Prisão de Estêvão

191. Esta nova tarefa não impediu Santo Estêvão de continuar a pregação e disputas com os judeus incrédulos. Estes, não podendo dar-lhe a morte secretamente, nem resistir à sua sabedoria em público, cheios de ódio mortal levantaram-lhe falso testemunho (**At 6, 11**). Acusaram-no de blasfemo contra Deus e contra Moisés; que não cessava de falar contra o templo santo e a lei, assegurando que Jesus Nazareno destruiria tanto a um como a outra.

Estes depoimentos das falsas testemunhas agitaram o povo, pelo que os judeus prenderam Estêvão, e o levaram à sala onde se encontravam os sacerdotes, juizes da causa. O que presidia mandou-o depor diante de todos (**At 7, 1**). Falou o santo com altíssima sabedoria, provando pelas Escrituras que Cristo era o verdadeiro Messias nelas prometido. Concluiu o sermão, repreendendo-lhes a dureza e incredulidade, com tanta eficácia que, não sabendo eles o que responder, taparam os ouvidos e rangeram os dentes contra Estêvão.

Maria envia-lhe um anjo

192. No mesmo instante em que a Rainha do céu teve notícia da prisão de Santo Estêvão, e antes que ele começasse a disputar com os pontífices, enviou-lhe um de seus anjos, que em nome d'Ela o animasse, para o combate que o esperava. Pelo mesmo anjo, Santo Estêvão lhe respondeu que ia, cheio de alegria, confessar a fé em seu Mestre, e com coragem dar a vida pela mesma fé, como sempre havia desejado; pedia-lhe, como Rainha e Mãe clementíssima, o ajudasse e que só sentia não ter podido pedir-lhe a bênção para morrer, mas que a mandasse de seu retiro.

Este último pedido encheu de compaixão o maternal coração de Maria Santíssima, pelo amor e apreço que tinha a Santo Estêvão. Desejava assisti-lo, pessoalmente, naquela ocasião em que iria dar testemunho de seu Deus e Redentor, oferecendo-lhe a vida. A prudente Mãe, porém, pensava na dificuldade em sair, percorrer as agitadas ruas de Jerusalém, e chegar a falar com Santo Estêvão.

Os anjos conduzem Maria junto de Estêvão

193. Prostrou-se em oração, pedindo o auxílio divino para seu amado discípulo, e apresentou ao Senhor o desejo de o amparar naquela última hora. A clemência do Altíssimo, que está sempre atenta aos pedidos e desejos de sua Esposa e Mãe, e querendo também tornar mais preciosa a morte de seu fiel servo e discípulo, enviou do céu multidão de anjos que, reunidos aos de Maria Santíssima, a conduzissem prontamente onde se encontrava o santo.

Imediatamente foi executada a ordem do Senhor. Os santos anjos colocaram sua Rainha numa refulgente nuvem, e a levaram onde estava Santo Estêvão, no tribunal dos sacerdotes. Esta visão foi

oculta para todos. Só Santo Estêvão viu a grande Rainha diante dele, no ar, cheia de esplendor e glória, acompanhada pelos anjos que a sustentavam sobre a nuvem.

Esta incomparável graça aumentou-lhe a chama do amor divino e o ardente zelo pela honra de Deus. Além da alegria que recebeu com a visita de Maria Santíssima, os resplendores da grande Rainha refletiam-se no rosto do santo, nele derramando admirável luz e beleza.

Maria conforta Santo Estêvão

194. Daqui resultou o que diz São Lucas, no capítulo 6º dos Atos dos Apóstolos: Os judeus olharam para Estêvão e viram seu rosto como o de um anjo; sem dúvida era mais do que simples homem. Deus não quis ocultar este efeito da presença de sua Mãe Santíssima, para maior confusão daqueles pérfidos judeus se, com um milagre tão evidente, não se convertessem à verdade que Santo Estêvão pregava.

Não conheceram, entretanto, a causa daquela beleza sobrenatural do santo, porque não eram dignos de conhecê-la, nem convinha então manifestá-la. Por esta última razão também, é que São Lucas não a revelou.

Maria Santíssima dirigiu a Santo Estêvão palavras de vida e de admirável consolo, e o assistiu com sua bênção, pedindo ao eterno Pai que o enchesse de novo com o seu divino espírito. Tudo se cumpriu como a Rainha pediu, como prova a indomável coragem e sabedoria com que Santo Estêvão falou aos príncipes dos judeus. Provou a vinda de Cristo, como Salvador e Messias, começando o discurso pela vocação de Abraão até os reis e profetas de Israel, citando testemunhos irrefutáveis de toda a antiga Escritura.

Visão de Santo Estêvão

195. No fim deste sermão, pelas orações da Rainha presente, e em recompensa do ardente zelo de Estêvão, apareceu-lhe o Salvador no céu, em pé à direita do Pai, assistindo o Santo para ajudá-lo no combate. Santo Estêvão, levantando os olhos, disse: vejo os céus abertos, sua glória e nela Jesus à direita de Deus (**At 7, 55**).

À obstinada perfídia dos judeus, estas palavras soaram como blasfêmias. Taparam os ouvidos para não escutá-la, e como a pena do blasfemo, segundo a lei, era morrer apedrejado, a ela condenaram Santo Estêvão. Quais lobos investiram contra ele, com grande violência e desordem, para tirá-lo da cidade.

Quando isto começava a se executar, Maria Santíssima deu-lhe a bênção, e animando-o despediu-se do santo com grande carinho. Mandou todos os anjos de sua guarda o acompanhassem e o assistissem no martírio, até apresentar sua alma na presença do Senhor. Ficou apenas um dos anjos custódios da Senhora e, com os outros que tinham vindo do céu para trazê-la no tribunal, levaram-na de volta para o Cenáculo.

Martírio de Santo Estêvão

196. Por especial visão, a grande Senhora presenciou daí o martírio de Santo Estêvão e tudo o que acontecia (**At 7, 57**). Levaram-no fora da cidade, com grande violência e gritaria, chamando-o blasfemo e digno de morte. Saulo era um dos mais exaltados, como zeloso da lei de Moisés, cuidando das vestes dos que as largaram para apedrejar Santo Estêvão. As pedras choviam sobre ele, algumas cravaram-se

na cabeça do mártir, como que engastadas no esmalte de seu sangue.

Grande e sensível foi a compaixão de nossa Rainha por martírio tão cruel, maior porém foi o gozo de que Santo Estêvão o tivesse sofrido com tanta grandeza. A piedosa Mãe acompanhava-o com suas lágrimas e orações, e quando o invicto mártir sentiu-se próximo a expirar, disse: Senhor, recebei meu espírito (**At 7, 58**). Em seguida, de joelhos e em alta voz, exclamou: Senhor, não imputeis a estes homens este pecado (**At 7, 59**).

Maria Santíssima o acompanhou nestas súplicas, com grande alegria, vendo o fiel discípulo imitar tão perfeitamente a seu Mestre, orando pelos inimigos e malfeitores, e entregando o espírito nas mãos de seu Criador e Redentor.

A alma de Santo Estêvão coroada no céu

197. Expirou Santo Estêvão esmagado pelas pedradas dos judeus, que ficaram ainda mais endurecidos em sua perfídia. Aquela puríssima alma foi levada, pelos anjos da Rainha, à presença de Deus, para ser coroada de honra e glória. Recebeu-a Cristo, nosso Salvador, com aquelas palavras de seu Evangelho e doutrina: Amigo, sobe mais para cima (**Lc 14, 10**); vem, servo fiel, pois que foste fiel no pouco e momentâneo, Eu te recompensarei com muito (**Mt 25, 21-23**); confessar-te-ei diante de meu Pai por meu fiel servo e amigo, porque me confessaste diante dos homens (**Mt 10, 32**).

Todos os anjos, patriarcas, profetas e demais bem-aventurados receberam especial gozo acidental naquele dia, e felicitaram o invicto mártir, reconhecendo-o como primícias da Paixão do Salvador e capitão dos que o seguiriam no martírio.

Aquela alma felicíssima foi colocada em lugar de glória muito elevada, próxima à santíssima humanidade de Cristo, nosso Salvador. A divina Mãe, em visão, participava deste gozo, entoando, com os anjos, cânticos em louvor do Altíssimo. Os que levaram Santo Estêvão ao céu, de lá voltaram e agradeceram à Senhora os favores que fizera ao Santo, até colocá-lo na felicidade eterna que gozava.

Sepultura do Mártir

198. Santo Estêvão morreu nove meses depois da Paixão de Cristo nosso Redentor, a 26 de Dezembro, dia em que a santa Igreja celebra seu martírio. Naquele mesmo dia completava trinta e quatro anos de idade, sendo também o ano trinta e quatro do nascimento do Salvador. Ao morrer tinha, portanto, a mais que o Salvador, só os nove meses decorridos desde a morte de Cristo até a sua. Seu martírio, porém, foi no mesmo dia de seu nascimento, assim me foi dado a entender.

A oração de Maria Santíssima e a de Santo Estêvão mereceram a conversão de Saulo, como direi adiante (n° 263). Para que esta fosse mais extraordinária, permitiu o Senhor que, desde esse dia Saulo se encarregasse de perseguir a Igreja, distinguindo-se entre todos os judeus na perseguição que levantaram contra os crentes, depois da morte de Santo Estêvão, como direi no capítulo seguinte.

Os discípulos recolheram o corpo do generoso mártir (**At 8, 2**) e o sepultaram com grande pranto, por ficarem privados de homem tão sábio e grande defensor da lei da graça. Alonguei-me um tanto na sua história, por ter conhecido a insigne santidade deste primeiro mártir, e por ter sido tão devoto e beneficiado por Maria Santíssima.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DOS ANJOS.

A carne não pode compreender o espírito

199. Minha filha, os mistérios divinos, apresentados aos sentidos terrenos dos homens, impressionam pouco, quando os encontram distraídos, acostumados às coisas visíveis e com o interior impuro e mergulhado nas trevas do pecado. A capacidade humana, por si mesma, é pesada e curta para se elevar às coisas altas e celestiais. Se, além disso, ainda se embaraça em só atender e amar o aparente, distancia-se sempre mais das coisas verdadeiras, e acostumada à obscuridade se desnorteia com a luz.

Por este motivo é que os homens, terrenos e animais, fazem tão errado e baixo conceito das maravilhosas obras do Altíssimo (**1 Cor 2, 14**), e também das que Eu fiz e continuo, todos os dias, a fazer por eles. Pisam as pérolas e não distinguem o pão dos filhos, do grosseiro alimento dos brutos irracionais. Tudo o que é celestial e divino lhes parece insípido, porque não lhes sabe ao gosto dos deleites sensíveis. Nesta disposição, tornam-se incapazes para entender as coisas elevadas, e aproveitar da ciência da vida, e do pão do entendimento que nelas se encerram.

O sacrifício é inseparável da existência

200. Caríssima, quis o Altíssimo preservar-te deste perigo. Deu-te ciência e luz, aperfeiçoou teus sentidos e potências. Habilitados e robustecidos com a força da divina graça, podes sentir e apreciar, sem engano, os mistérios que te manifesto. Não obstante Eu te haver dito, muitas vezes, que na vida mortal não os poderás compreender e penetrar inteiramente, podes e deves, segundo tuas forças, fazer digno apreço deles para tua instrução e imitação de minha vida.

Toda minha existência, mesmo depois de ter voltado da destra de meu Filho santíssimo no céu, foi tecida por diversidade de penas e desconsolos. Daqui entenderás que a tua, para me seguir como à Mãe, deverá ser da mesma espécie, se quiseres ser minha discípula e encontrar felicidade.

Na prudente e humilde igualdade com que Eu dirigia os Apóstolos e fiéis, sem parcialidade, tens a forma de como proceder com tuas súditas. Com mansidão, modéstia, humilde severidade, acima de tudo sem fazer acepção de pessoas. Não faças preferências com alguma, no que a todas é devido e pode ser comum.

Isto facilita a verdadeira caridade e humildade dos que governam. Se agissem com estas virtudes, não seriam tão absolutistas no mandar, nem tão presunçosos do próprio parecer. Não se perverteria a ordem da justiça, com tanto prejuízo, como hoje sofre a cristandade. A soberba, a vaidade, o interesse, o amor próprio e o da carne e do sangue são os motivos de quase todos os atos e obras do governar. Por isto, tudo vai errado, e as injustiças e a confusão enchem as nações.

O exemplo de Maria

201. Meu zelo ardentíssimo pela honra de meu Filho e Deus verdadeiro; o desejo de que fosse pregado e defendido seu santo nome; a alegria que eu gozava ao ver que nisto se ia realizando sua divina vontade, e com a propagação da Igreja era aplicado às almas o fruto de sua Paixão e Morte; os favores que eu concedi ao glo-

rioso mártir Estêvão, por ser o primeiro que oferecia a vida por esta causa: em tudo isto, minha filha, encontrarás grandes motivos de louvor ao Altíssimo, por obras divinas, dignas de veneração e glória. Será também exemplo para me imitares e bendizer a imensa bondade do Senhor, pela sabedoria que me comunicou, a fim de proceder em tudo com plenitude de santidade, para seu prazer e beneplácito.

Santo Estevão

... E, levando-o para fora da cidade, o apedrejaram. Os acusadores, que, segundo a lei mosaica, deviam atirar as primeiras pedras, depuzeram as capas aos pés de um moço, de nome Saulo que, depois de se converter, veio a ser São Paulo

CAPÍTULO 12

PERSEGUIÇÃO QUE A IGREJA SOFREU DEPOIS DA MORTE DE SANTO ESTÊVÃO; O QUE NELA FEZ NOSSA RAINHA; E COMO POR SUA INICIATIVA, OS APÓSTOLOS COMPUSERAM O SÍMBOLO DA FÉ CATÓLICA.

Início da perseguição

202. No mesmo dia em que Santo Estêvão foi apedrejado e morto, diz São Lucas (**At 8, 1**), levantou-se grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém. Põe em evidência que Saulo a devastava (**v. 3**), procurando por toda a cidade os seguidores de Cristo, para prendê-los ou denunciá-los aos magistrados. Assim fez com muitos fiéis que foram presos, maltratados e alguns até mortos.

Terrível foi a perseguição por causa do ódio que os príncipes dos sacerdotes haviam concebido contra os seguidores de Cristo, e porque Saulo se mostrava, entre todos, o mais acérrimo defensor da lei de Moisés, como ele mesmo o diz na Epístola aos Gálatas (**Gl 1, 13**). Esta indignação judaica, porém, tinha outra causa oculta, da qual sentiam os efeitos, mas ignoravam a origem.

Ação diabólica

203. Esta causa procedia de Lúcifer e seus demônios. O martírio de Santo Estêvão abalou-os, e provocou-lhes a diabólica indignação contra os fiéis, e ainda mais contra a Rainha e Senhora da Igreja, Maria Santíssima. O Senhor permitira a este dragão, para confundi-lo e humilhá-lo, que visse os anjos levando-a à presença de Santo Estêvão.

Desta graça tão extraordinária, e da constância e sabedoria de Santo Estêvão, Lúcifer suspeitou que a poderosa Rainha faria o mesmo com outros mártires que se entregariam à morte pelo nome de Cristo. Pelo menos, Ela os ajudaria e assistiria com sua proteção, para não temerem os tormentos e a morte, aos quais se entregariam com invencível coração.

Os tormentos e dores eram o expediente que a diabólica astúcia havia cogitado, para atemorizar os fiéis, e desviá-los do seguimento de Cristo, nosso Salvador. Pareceu-lhe que os homens, amando tanto a vida, temendo a morte e as cruciantes dores, negariam a fé ou não a abraçariam para escapar dos suplícios e da morte. A serpente continuou a usar este meio contra a Igreja, mas se enganou em sua malícia, como havia acontecido com o chefe dos santos, Cristo Senhor nosso, o primeiro a derrotá-la.

Perplexidade e novas maquinações do demônio

204. Nesta ocasião, entretanto,

como a Igreja estava em seu princípio, ficou perplexo. Irritou os judeus contra Santo Estêvão, mas quando o viu morrer com tanto valor, reuniu os demônios e lhes disse: Estou perturbado com a morte deste discípulo, e com o favor que recebeu daquela Mulher, nossa inimiga. Se Ela fizer o mesmo com outros discípulos e seguidores de seu Filho, não poderemos vencer nem derribar nenhum, por meio dos tormentos e da morte. O exemplo de uns animarão os outros a padecer e morrer com seu Mestre, e pelo caminho que intencionamos destruí-los, viremos a ficar vencidos e oprimidos. Para nosso tormento, o maior triunfo que podem obter sobre nós, é dar a vida pela fé que desejamos extinguir.

Vamos errados por este caminho, mas não encontro outro, nem atino com o jeito de perseguir este Deus humanado, à sua Mãe e aos seus seguidores. É possível que os homens sejam tão pródigos da vida que tanto apetecem, e que tão sensíveis ao padecer, se entreguem às torturas por imitar seu Mestre?

Mas, nem por isto se aplaca minha justa cólera. Farei que outros aceitem a morte por meus enganos, como estes fazem por seu Deus. Além disso, nem todos merecerão o auxílio daquela invencível mulher, nem todos serão tão corajosos para sofrer os desumanos tormentos que eu inventarei. Vamos e aticemos os judeus, nossos amigos, para destruírem esta gente, e apagar da terra o nome de seu Mestre.

O demônio atiça os judeus contra os fiéis

205. Imediatamente Lúcifer pôs em execução seu danado projeto, e com multidão inumerável de demônios, dirigiu-se aos príncipes e magistrados judeus, e a indivíduos do povo, que viu mais incrédulos. Encheu-os de confusão e furiosa inveja contra os seguidores de Cristo e, com sugestões e mentiras, lhes inflamou o falso zelo pela lei de Moisés, e antigas tradições de seus antepassados. Não era difícil para o demônio semear esta cizânia, em corações tão pérfidos e estragados por outros muitos pecados.

Efetivamente, estes homens lhes deram ouvidos com pleno consentimento e, em muitas reuniões e conferências, trataram como liquidar com todos os discípulos e seguidores de Cristo. Uns diziam que os desterrassem de Jerusalém; outros acrescentavam: de todo o reino de Israel. Estes sugeriam matar a todos, para extinguir de uma vez aquela seita; aqueles, finalmente, eram de parecer que fossem torturados com rigor, para exemplo e terror dos demais; que logo fossem detidos e confiscados seus bens, antes que os alienassem entregando-os aos apóstolos.

Tão grave foi esta perseguição, como diz São Lucas, (**At 8, 1**), que os setenta e dois discípulos fugiram de Jerusalém, espalhando-se por toda a Judéia e Samaria, sem perder a oportunidade de ir pregando a fé com valor e coragem. Em Jerusalém ficaram os apóstolos, com Maria Santíssima e outros muitos fiéis. Estes se sentiam amedrontados, e muitos se escondiam para escapar às investigações de Saulo, que os procurava para prender.

Sepultura de Santo Estêvão

206. A divina Mãe, que a tudo estava presente e atenta, em primeiro lugar deu ordem para que o santo corpo de Estêvão fosse recolhido e sepultado, pedindo que lhe trouxessem uma cruz que o Mártir levava consigo. Ele a tinha feito para imitar a Senhora que, depois da vinda do Espírito Santo, começou a usar uma. Se-

guindo seu exemplo, os fiéis da primitiva Igreja geralmente também a levavam.

Recebeu a cruz de Santo Estêvão com particular veneração, por ter pertencido ao Mártir. Deu-lhe o nome de santo, e mandou recolher o que fosse possível de seu sangue, para ser guardado com estima e reverência, como de um mártir já glorificado. Na presença dos apóstolos e de muitos fiéis louvou sua santidade e constância para, com seu exemplo, os consolar e animar naquela tribulação.

Prodigiosas capacidades de Maria

207. Para entendermos um pouco a magnanimidade de coração que nossa Rainha demonstrou, nesta perseguição e nas demais que a Igreja sofreu durante sua vida santíssima, é necessário recapitular os dons que lhe comunicou o Altíssimo, como participação de seus divinos atributos. Esta participação foi tão especial e inefável, quanto era mister para Ele confiar, de todo o coração, nesta mulher forte (**Pr 31, 11**), entregando a seu cuidado todas as obras ad extra realizadas com sua onipotência.

O modo de Maria Santíssima agir, sem dúvida transcendia toda a capacidade das criaturas, e se assemelhava ao do próprio Deus, cuja imagem e retrato parecia. Nenhuma ação ou pensamento dos homens lhe era oculto, e penetrava todos os intentos e maquinações dos demônios.

Nada ignorava de quanto convinha ser feito na Igreja; e ainda que tudo estava em sua mente, não se agitava pela atenção a tantas coisas; não se embaraçava com a diversidade delas; não se confundia nem se agitava ao executá-las; não se cansava pela dificuldade; não se abatia com a quantidade; por acudir aos presentes, não se esquecia dos ausentes; sua prudência não tinha falhas nem imperfeições; parecia imensa, sem limites, e assim atendia a tudo, como a cada coisa em particular, e a cada um como se fora o único a atender.

Semelhante ao sol que sem incômodo, nem cansaço nem esquecimento, tudo ilumina, vivifica e aquece, sem nada diminuir de si mesmo; assim nossa grande Rainha na Igreja: escolhida como o sol, governava, animava e vivificava a todos seus filhos, sem excluir nenhum.

Maria socorre a Igreja perseguida

208. Quando viu a Igreja tão perseguida e aflita com a perseguição dos demônios e dos homens por eles irritados, voltou-se aos autores do mal e ordenou imperiosamente a Lúcifer e seus ministros que descessem ao abismo. No mesmo instante, sem poder resistir, entre bramidos, despenharam-se, e assim ficaram durante oito dias, como que atados e encarcerados, até que lhes foi permitido levantar novamente.

Depois disto, a Senhora chamou os apóstolos, animou-os e consolou-os para que fossem constantes, esperando o socorro divino naquela tribulação. Graças a esta exortação, nenhum saiu de Jerusalém. Os discípulos, sendo muitos, retiraram-se porque não podiam se esconder, como então convinha. Foram todos despedir-se de sua Mãe e Mestra para partir com sua bênção. Ela os admoestou, encorajou e ordenou que, por medo da perseguição, não desanimassem nem deixassem de pregar a Cristo crucificado, como de fato o fizeram em Jerusalém, na Samaria e noutros lugares.

Nas dificuldades que encontraram, confortou-os e socorreu-os por ministério dos santos anjos, que enviava para

animá-los e transportá-los, quando era necessário. Assim aconteceu com Filipe, no caminho para a cidade de Gaza, quando batizou o etíope, servo da rainha Cándace, como refere São Lucas (**At 8, 29**). Para socorrer os fiéis agonizantes, também enviava os anjos para ajudá-los, e logo sufragava as almas que iam ao purgatório.

Orienta e conforta os apóstolos

209. Os cuidados e trabalhos dos apóstolos nesta perseguição, foram maiores do que os dos outros fiéis. Sendo os mestres e fundadores da Igreja, convinha que a assistissem, tanto em Jerusalém, como fora da cidade. Apesar de estarem repletos da ciência e dons do Espírito Santo, a situação era tão árdua e a perseguição tão forte que, muitas vezes, se não tivessem o conselho e orientação de sua Mestra, ter-se-iam sentido perplexos e deprimidos. Por isto, consultavam-na freqüentemente.

Ela os chamava, determinava as reuniões e os assuntos que deviam discutir, conforme as ocasiões e as necessidades que ocorriam, porque só Ela penetrava as coisas presentes e previa, com certeza, as futuras. Por sua ordem, saíam e voltavam a Jerusalém, para o que fosse necessário acudir. Assim, São Pedro e São João foram à Samaria, quando souberam que lá se pregava a fé (**At 8, 14**).

Por entre estas ocupações pessoais e as necessidades dos fiéis, que amava e cuidava como a filhos, permanecia a grande Senhora em tranqüilidade inalterável e plena serenidade de espírito.

Oração e perfeições de Maria

210. Ela dispunha suas tarefas, de modo a lhe sobrar tempo para muitas vezes se retirar a sós. As ações exteriores não a impediam de orar, mas quando sozinha, fazia muitas práticas que reservava só para sua intimidade. Prostrava-se em terra, apegava-se ao pó, suspirava e chorava pela salvação dos mortais, e por causa da queda de tantos no estado de reprovação.

Em seu coração puríssimo trazia a lei evangélica e a vida da Igreja, com os trabalhos e tribulações que os fiéis teriam que sofrer. A respeito de tudo, conferia com o Senhor e consigo mesma, para dispor todas as coisas na divina luz e ciência da santa vontade do Altíssimo.

Esta oração, renovava sua participação no ser de Deus e de suas perfeições, participação que necessitava para o exercício de tão divinas obras, como as que fazia no governo da Igreja. A todas acudia sem falta, com tal plenitude de sabedoria e santidade, que parecia mais do que pura criatura.

Nos pensamentos, era sublime; na sabedoria, profunda; nos conselhos, prudentíssima; no julgar, retíssima e justa; nas ações santíssima; nas palavras verdadeira e simples; e, em tudo o que era bom, perfeita e singular. Para os fracos, piedosa; para os humildes, terna e suave; para os soberbos, de severa majestade. A própria grandeza não a desvanecia, a adversidade não a alterava, os trabalhos não a abatiam. Em todas as ações era o retrato de seu Filho santíssimo.

Solicitude de Maria pela doutrina

211. Considerou a prudentíssima Senhora que, ao se espalharem os discípulos para pregar o nome e fé do Salvador, não levavam uma norma expressa e definida para a uniformidade da pregação, a fim de que, sem diferença nem contradição, os

fiéis recebessem e cressem as mesmas verdades ensinadas. Entendeu também ser necessário os apóstolos se espalharem por todo o orbe para, com sua pregação, fundar e propagar a Igreja. Convinha que fossem unânimes na doutrina, sobre a qual seria fundada a vida e perfeição cristã.

Para este fim, a prudente Mãe da sabedoria julgou conveniente fazer um breve resumo de todos os mistérios divinos, que os apóstolos deviam pregar e os fiéis crer. Estas verdades, compiladas em poucos artigos, estariam mais ao alcance de todos, constituiriam a essência da unidade da Igreja, e as colunas imutáveis sobre as quais se levantaria o edifício espiritual da nova Igreja do Evangelho.

Maria, medianeira entre Cristo e os homens

212. Para tratar desta questão, cuja importância avaliava, Maria santíssima apresentou seus desejos ao Senhor que os inspirava, e por mais de quarenta dias perseverou nessa oração com jejuns, prostrações e outros exercícios. Para Deus dar a lei escrita, foi conveniente que Moisés jejuasse e orasse durante quarenta dias no monte Sinai (**Êx 34, 28**), como mediador entre Deus e o povo. De igual modo, aconteceu para a lei da graça, por Cristo nosso Salvador, autor e mediador entre o Pai eterno e os homens. Agora, era por Maria Santíssima, medianeira entre os homens e seu Filho Santíssimo, que a Igreja ia receber esta nova lei gravada em seus corações, condensada nos artigos da fé, imutáveis por serem verdades divinas e indefectíveis.

Num destes dias falou ao Senhor: Altíssimo Senhor e Deus eterno, Criador e Governador de todo o universo, por vossa inefável clemência destes princípio à magnifica obra de vossa santa Igreja. Não é, Senhor meu, conforme à vossa sabedoria, deixar imperfeitas as obras de vossa poderosa destra; conduzi, pois, à perfeição esta obra que com tanta glória começastes.

Não sejam impedimento, Deus meu, os pecados dos mortais, quando sobre sua malícia está clamando o sangue e morte de vosso e meu Unigênito, pois estes clamores não pedem vingança, como o sangue da Abel (**Gn 4, 11**), mas o perdão para os mesmos que o derramaram. Olhai os novos filhos que vos gerou, e aos que vossa Igreja terá nos futuros séculos. Dai vosso divino Espírito a Pedro, vosso vigário, e aos demais apóstolos, para que acertem a compilar, numa ordem conveniente, as verdades nas quais se há de apoiar vossa Igreja. E saibam seus filhos o que todos devem crer, sem diferença.

Jesus respondeu à oração de Maria

213. Para responder a estas súplicas da Mãe, seu Filho desceu pessoalmente do céu e aparecendo-lhe com imensa glória, lhe disse: Minha Mãe e pomba minha, acalmai vossas afetuosas ânsias e saciai, com minha presença e vista, a viva sede que tendes de minha glória e do crescimento de minha Igreja. Eu posso e o quero dar; e vós, minha Mãe, sois quem de Mim o pode obter, e nada recusarei aos vossos pedidos e desejos.

Durante estas palavras, Maria Santíssima esteve prostrada em terra, adorando a divindade e humanidade de seu Filho e Deus verdadeiro. Ele a levantou e encheu de inefável gozo, dando-lhe sua bênção e, com ela, novos dons e favores de sua onipotência. Esteve assim algum tempo, gozando de seu Filho e Senhor, em altíssimos e misteriosos colóquios, com

que se moderaram as ânsias que sofria pelos cuidados da Igreja. Para esta, prometeu-lhe Jesus grandes benefícios e favores.

Cristo declara as proposições do Credo

214. Em resposta à súplica que a Rainha fazia pelos apóstolos, além do Senhor prometer que os assistiria, para acertarem na composição do símbolo da fé, declarou à sua Mãe Santíssima os termos e proposições que nele deviam constar. A prudentíssima Senhora estava instruída em tudo, como dissemos na segunda parte mais por extenso [7]. Agora, porém, ao chegar o tempo de se executar o que de tão longe havia entendido, quis o Senhor renovar tudo no puríssimo coração de sua Virgem Mãe, e da própria boca de Cristo saíram as verdades infalíveis, sobre as quais se funda sua Igreja.

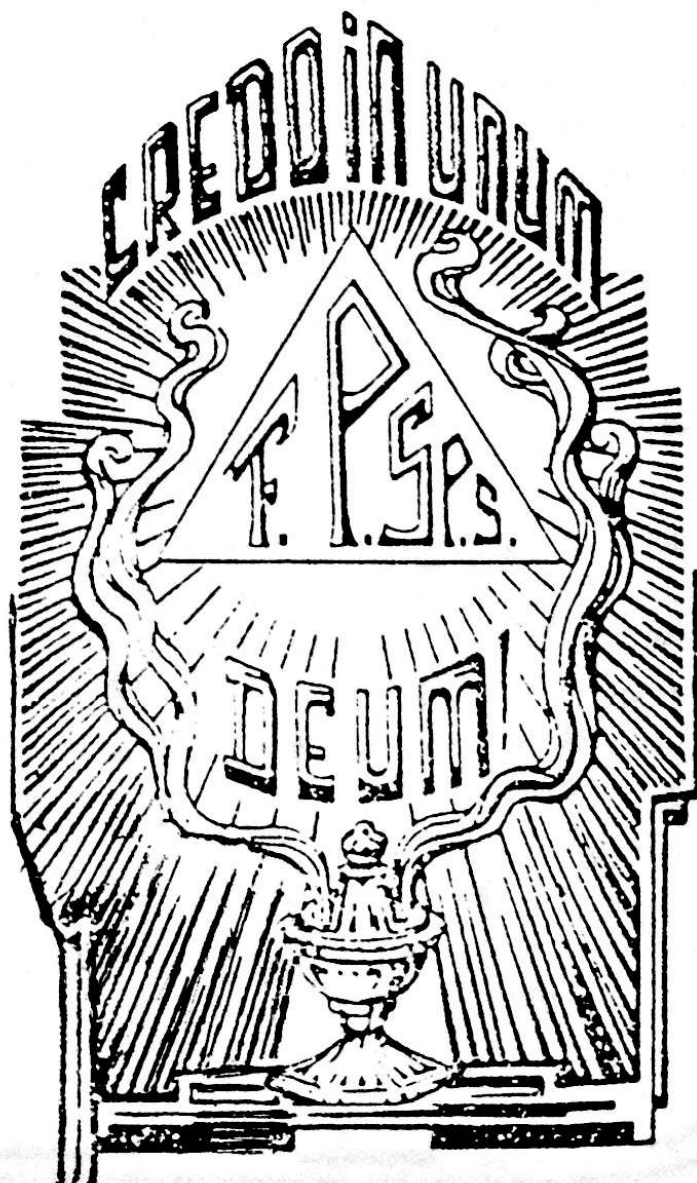
Foi também conveniente prevenir a humildade da grande Senhora, em se conformar com a vontade de seu Filho Santíssimo. No Credo iria ser nomeada Mãe de Deus e sempre virgem, estando ela ainda neste mundo, entre aqueles que haviam de pregar e crer essas verdades. Não era preciso temer, porém, que ouvisse pregar sua tão singular excelência, aquela cuja humildade (**Lc 1, 48**) mereceu que Deus a olhasse, para nela realizar o maior de seus prodígios. Ser e saber que é Mãe e Virgem, é mais do que ouvi-lo pregar na Igreja.

Os apóstolos se preparam para compor o Símbolo

215. Jesus despediu-se de sua santa Mãe e voltou à destra de seu eterno Pai. Inspirou ao coração de seu vigário, São Pedro, e aos outros, ordenarem o Símbolo da fé universal da Igreja. Com esta idéia, foram conferir com a divina Mestra as conveniências e necessidades que havia nessa resolução. Determinou-se então que jejuassem dez dias contínuos e perseverassem na oração como pedia tão árduo negócio, para que nele fossem iluminados pelo Espírito Santo.

Terminados estes dez dias, e os quarenta em que a Rainha tratava com o Senhor sobre a mesma matéria, reuniram-se os doze apóstolos na presença da grande Mãe e Mestra. São Pedro fez a seguinte exortação:

Exortação de São Pedro

216. Meus caríssimos irmãos, a divina misericórdia, por sua infinita bondade, e pelos merecimentos de nosso Salvador e Mestre Jesus, quis beneficiar sua santa Igreja, começando a multiplicar seus filhos tão gloriosamente, como em poucos

7 - 2ª parte, nº 733 e segs.

dias todos vimos. Para isto, seu poder operou e renova cada dia, tantas maravilhas e prodígios por nosso ministério.

Escolheu-nos, ainda que indignos, para ministros de sua divina vontade nesta obra de suas mãos, e para glória e honra de seu santo nome. Junto com estes favores nos enviou tribulações e perseguições do demônio e do mundo, para imitarmos nosso Salvador e chefe, e para que a Igreja, com este lastro, caminhe mais segura ao porto do descanso e felicidade eterna.

Os discípulos, ameaçados pela indignação dos príncipes dos sacerdotes, espalharam-se pelas cidades circunvizinhas e pregam por toda parte a fé do Redentor, Cristo nosso Senhor. Nós também, logo precisaremos ir pregá-la por todo o mundo, como nos ordenou o Senhor antes de subir ao céu (**Mt 28, 19**).

Para que todos ensinemos uma só doutrina, e os fiéis tenham uma só fé, como um só é o Batismo (**Ef 4, 5**) no qual a receberam; convém que juntos, reunidos no Senhor, determinemos agora as verdades e mistérios que aos crentes de todas as nações se hão de propor expressamente.

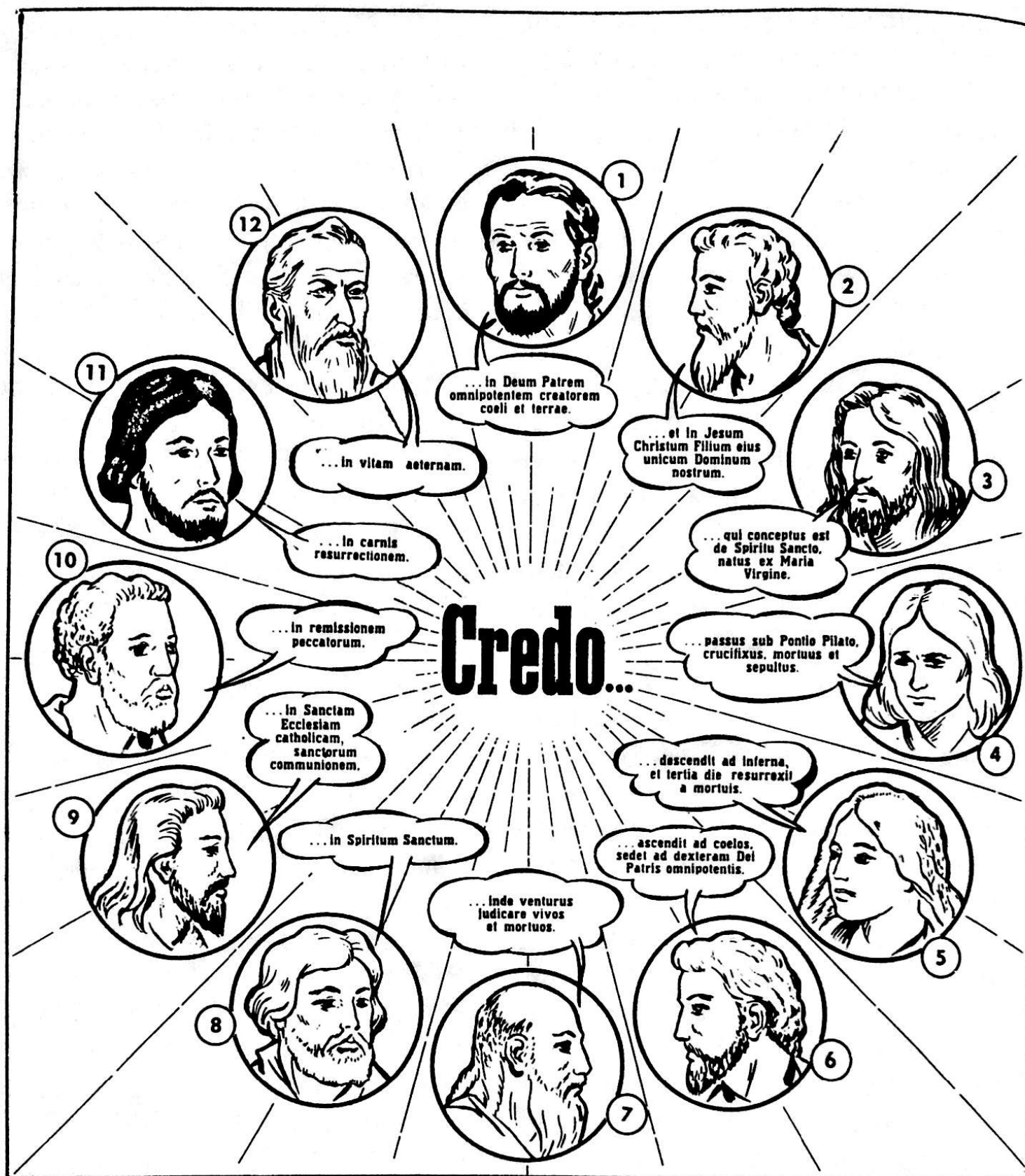
É promessa infalível de nosso Salvador que onde se reunirem dois ou três em seu nome, estará entre eles (**Mt 18, 20**). Sob esta palavra, esperamos firmemente que nos assistirá agora com seu divino Espírito, para que em seu nome entendamos e declaremos sob forma imutável, os artigos da fé. Serão a base da santa Igreja, sobre a qual se apoiará até o fim do mundo, pois subsistirá enquanto ele durar.

Composição do Símbolo

217. Os Apóstolos aprovaram esta proposição de São Pedro. O santo celebrou a Missa na qual todos, com Maria Santíssima, receberam a comunhão. Terminada, prostraram-se em terra, invocando o Espírito Santo. Havendo orado algum tempo, ouviu-se um trovão, como quando o Espírito Santo viera a primeira vez sobre os fiéis. O Cenáculo encheu-se de admirável luz e resplendor, e todos foram cheios do Espírito Santo. Maria Santíssima pediu então que cada um enunciasse um mistério, conforme o divino Espírito os inspirasse. A começar por São Pedro, os outros continuaram nesta ordem:

- São PEDRO - Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra.
- Santo ANDRÉ - E em Jesus Cristo, seu único Filho nosso Senhor.
- São TIAGO MAIOR - Que foi concebido por obra do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem.
- São JOÃO - Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado.
- São TOMÉ - Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia.
- São TIAGO MENOR - Subiu ao céu, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso.
- São FILIPE - De onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
- São BARTOLOMEU - Creio no Espírito Santo.
- São MATEUS - Na santa Igreja católica, na comunhão dos Santos.
- São SIMÃO - Na remissão dos pecados.
- São TADEU - Na ressurreição da carne.
- São MATIAS - Na vida eterna. Amém.

Maria, a primeira a professar o Símbolo

218. Este Símbolo, que vulgarmente denominamos Credo, foi composto pelos apóstolos depois do martírio de santo Estêvão, e antes de se completar um ano da morte de nosso Salvador. Mais tarde,

A composição do Símbolo dos Apóstolos

para refutar Ario e outros hereges, a santa Igreja explicou, em seus concílios, os mistérios contidos no Símbolo dos apóstolos e compôs o Símbolo usado na celebração da Missa[8]. Em substância, porém, ambos são iguais, contendo os catorze artigos que a doutrina cristã nos propõe ao catequizar-nos na fé, e temos obrigação de os crer, para sermos salvos.

No momento em que os apóstolos terminaram de pronunciar o Símbolo, o Espírito Santo aprovou, com estas palavras que todos ouviram: Determinastes bem. A grande Rainha com os apóstolos deram graças ao Altíssimo, por terem merecido a assistência do divino Espírito e falado como seus instrumentos, com tanto acerto para a glória do Senhor e bem da Igreja.

Para maior confirmação e exemplo aos fiéis, a prudente Mestra se ajoelhou aos pés de São Pedro e professou a santa fé católica, como estava expressa no Símbolo que tinha acabado de pronunciar.

Fez isto por Si e por todos os filhos da Igreja, dirigindo a São Pedro estas palavras: Senhor meu, a quem reconheço por vigário de meu Filho Santíssimo, em vossas mãos, em meu nome e no de todos os fiéis da Igreja, confesso e protesto tudo o que determinastes, por verdades divinas e infalíveis da fé católica; nelas bendigo e louvo o Altíssimo de quem procedem. Beijou a mão do Vigário de Cristo e dos apóstolos, sendo a primeira a protestar a santa fé da Igreja, depois que seus artigos foram definidos.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Importância do Credo

219. Minha filha, além do que escreveste neste capítulo quero, para tua maior instrução, manifestar-te outros segredos de minha vida. Depois que os Apóstolos compilaram o Credo, Eu o repetia muitas vezes por dia, de joelhos e com profunda reverência. E quando chegava a pronunciar o artigo - nasceu de Maria Virgem - prostrava-me em terra com tal humildade, gratidão e louvor do Altíssimo, que nenhuma criatura o pode compreender. Nestes atos, tinha presentes todos os mortais, para reparar e suprir a irreverência com que pronunciariam tão veneráveis palavras.

Foi minha intercessão que levou o Senhor a inspirar à Santa Igreja repetir tantas vezes no Ofício divino o Credo, a Ave Maria e o Pai nosso; que na vida religiosa tenham o costume de rezá-los com inclinação, e que todos dobrem o joelho na Missa às palavras: e se incarnou etc. Assim, a Igreja mostra, de algum modo, a gratidão que deve ao Senhor por lhe ter dado o conhecimento de mistérios tão dignos de reverência e agradecimento, como os contidos no Símbolo.

O Pai nosso, a Ave Maria e a doutrina cristã

220. Muitas vezes os santos anjos costumavam cantar-me o Credo, com celestial e suave harmonia, alegrando meu espírito no Senhor. Outras vezes cantavam a Ave Maria até as palavras "bendito o fruto do vosso ventre, Jesus". Quando pronunciavam este santíssimo nome, ou o de Maria, faziam profundíssima inclinação, despertando-me novos afetos de amorosa humildade, com que me apegava ao pó, ao comparar o ser de Deus com o meu ser terreno.

Oh! minha filha, fica pois atenta à reverência com que deves recitar o Credo,

8 - Símbolo de Nicéia, nome da cidade onde se realizou o concílio no qual foi composto. N.T.

o Pai nosso e a Ave Maria, e não incorras na inadvertida grosseria que cometem muitos fiéis. Não se lhes deve perder a reverência por causa da freqüência com que a Igreja diz estas orações e divinas palavras. Este atrevimento resulta de as pronunciarem só com os lábios, sem meditarem no que contêm e significam.

Para ti, quero que sejam matéria de contínua meditação, e por isto o Altíssimo te deu a estima que tens pela doutrina cristã. Agrada ao Senhor e a Mim que a tragas contigo, para lê-la muitas vezes conforme costumas e de novo te recomendo. Aconselha o mesmo a tuas súditas, porque esta é jóia que adorna as esposas de Cristo, e mesmo todos os cristãos a deviam trazer consigo.

Zelo no serviço de Deus

221. Seja também lição para ti, o cuidado que tive para que o Símbolo da fé fosse escrito, assim que a Igreja dele necessitou. É tibieza muito repreensível saber o que convém à glória e serviço do Altíssimo, e ao bem da própria consciência, e não o por logo em prática, ou pelo menos fazer as diligências possíveis para o conseguir.

Os homens deveriam sentir grande confusão por essa inconseqüência. Quando lhes falta alguma coisa temporal, querem consegui-la imediatamente, sem demora clamam e pedem a Deus que lha envie como a desejam. Assim acontece quando lhes vem a faltar a saúde, os frutos da terra e até outras coisas menos necessárias, supérfluas e até perigosas. Ao mesmo tempo, conhecendo as próprias obrigações, a vontade e agrado do Senhor, não se dão por entendidos, ou as vão adiando com menosprezo e desamor.

Atende, pois, a esta desordem para não cometê-la. Assim como Eu fui tão solícita em fazer o que convinha para os filhos da Igreja, procura tu imitar-me e ser pontual, em tudo o que entenderes ser vontade de Deus, quer para o bem de tua alma, quer para o bem dos outros.

CAPÍTULO 13

MARIA SANTÍSSIMA ENVIA O SÍMBOLO DA FÉ AOS DISCÍPULOS E A OUTROS FIÉIS; COM ELE FORAM OPERADOS MUITOS MILAGRES; OS APÓSTOLOS ESPALHARAM-SE PELO MUNDO; OUTROS TRABALHOS DA GRANDE RAINHA.

A Virgem providencia a divulgação do Símbolo

222. No governo de sua família, a santa Igreja, era a prudentíssima Senhora diligente, vigilante e prestimosa. Era a mãe e a mulher forte, de quem disse o Sábio (**Pr 31, 27**), que considerou as sendas e caminhos de sua casa, para não comer o pão ociosa. Considerou-os e conheceu-os com plenitude de ciência; e como estava adornada e vestida com a púrpura da caridade e a alvura de sua incomparável pureza, assim como nada ignorava, também nada omitia de quanto necessitavam seus filhos e domésticos, os fiéis.

Logo que foi composto o Símbolo dos apóstolos, escreveu inúmeras cópias, com a assistência de seus anjos que lhe serviam de secretários, para sem demora enviá-las a todos os discípulos que andavam pregando, dispersos pela Palestina.

A cada um remeteu algumas cópias para que as distribuíssem, acompanhadas de uma carta dando-lhes notícia do modo e forma como os apóstolos haviam composto aquele Símbolo, que se devia pregar e ensinar a todos os que se convertessem à fé.

O Símbolo é espalhado entre os fiéis

223. Encontravam-se os discípulos em diferentes cidades e lugares, uns longe, outros mais perto. Aos mais próximos, remeteu o Símbolo e a carta com instruções por outros fiéis, que os entregavam em mãos. Aos mais distantes enviou pelos seus anjos, que apareceram e falaram ao maior número dos discípulos; a outros, não se manifestaram, e invisivelmente lhes deixaram a folha nas mãos, comunicando-lhes ao coração admiráveis efeitos. Por estes e pela carta da Rainha, conheciam o modo pelo qual os recebiam.

Além destas diligências pessoais, Maria Santíssima ordenou aos apóstolos que em Jerusalém e noutros lugares, distribuíssem o Símbolo; que informassem todos os crentes sobre a veneração que lhes deveriam ter, pelos altíssimos mistérios que continha: por ter sido composto pelo próprio Senhor, enviando o Espírito Santo para inspirá-lo e aprová-lo; e tudo o mais que fosse necessário, para todos entenderem que aquela era a fé única, invariável e certa que se deveria crer, professar e pregar na Igreja, para se receber a graça e a vida eterna.

Miraculoso poder do Credo

224. Com esta instrução e diligência, em poucos dias o credo dos apóstolos foi distribuído entre os fiéis da Igreja,

com grande veneração e devoção. O Espírito divino que o ordenara para a firmeza da Igreja, logo o foi confirmando com novos milagres e prodígios, não só por meio dos apóstolos e discípulos, mas também por outros crentes.

Muitos que o acolheram com especial veneração e afeto, receberam o Espírito Santo em forma visível; vinha sobre eles numa luz divina que os envolvia exteriormente, e os enchia de ciência e celestiais efeitos. Esta maravilha despertava em outros o ardente desejo de possuir e venerar o Símbolo.

Outros fiéis, colocando o credo sobre as pessoas, davam saúde a enfermos, ressuscitavam mortos, e expulsavam demônios de possessos. Certo dia, aconteceu que um judeu incrédulo ouviu um católico lendo devotamente o Credo. Irritou-se contra o fiel com grande violência e quis arrancar-lhe o Símbolo das mãos, mas antes de o fazer caiu morto aos pés do cristão.

Os milagres na primitiva Igreja

225. O dom das línguas continuava freqüente, não só aos que o receberam no dia de Pentecostes, mas também a muitos outros fiéis que o receberam depois, e ajudavam na pregação e catequese dos convertidos. Quando falavam e pregavam a muitas pessoas reunidas e de diversas nacionalidades, cada uma entendia no próprio idioma, apesar do pregador falar só na língua hebraica. E, quando ensinavam aos de um só idioma, falavam-lhes nele, como acima explicamos (nº 83), na vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Além destes milagres, os apóstolos faziam outros muitos. Quando impunham as mãos sobre os crentes, ou os confirmavam na fé, vinha sobre eles o Espírito Santo. Foram tantos os milagres e prodígios que o Altíssimo operou naqueles inícios da Igreja, que seriam necessários muitos volumes para escrevê-los todos. Nos Atos dos Apóstolos foram escritos, em particular os que convinha, para que a Igreja não os ignorasse; e, generalizando, diz que eram muitos (**At 2, 43**), porque não poderiam ser todos descritos em tão concisa história.

Razões das teofanias na primitiva Igreja

226. Ao entender e escrever isto, muito me admirou a liberalíssima bondade do Todo-poderoso em enviar tão freqüentemente o Espírito Santo, em forma visível, sobre os fiéis da primitiva Igreja. A esta admiração foi-me respondido o seguinte: Era a prova de quanto a sabedoria, bondade e poder de Deus, desejava trazer os homens à participação de sua divindade e felicidade na glória eterna. Como para conseguir este fim, o Verbo eterno desceu do céu em carne visível e passível, assim também a terceira Pessoa desceu noutra forma visível sobre a Igreja, no modo que convinha. Veio tantas vezes assim, para estabelecê-la com solidez e demonstrações da onipotência divina e do amor que lhe tem.

Outro motivo consistia em que, naqueles inícios, eram muito recentes os méritos da Paixão e Morte de Cristo, com as súplicas e intercessão de sua Mãe Santíssima. A nosso modo de entender, agiam com mais força na aceitação do eterno Pai, porque não se haviam interposto os muitos e gravíssimos pecados, que depois os próprios filhos da Igreja têm cometido. Tais pecados são tantos outros obstáculos aos favores do Senhor e de seu divino Espírito, que agora não se manifestam aos homens, tão familiarmente como na primitiva Igreja.

Preparação dos apóstolos para a evangelização

227. Passado um ano da morte de nosso Salvador, trataram os apóstolos, por inspiração divina, de se dispersarem pelo mundo para pregar a fé. Já era tempo de pregar aos povos o nome de Deus, e lhes ensinar o caminho da salvação eterna.

Por conselho da Rainha, decidiram orar e jejuar durante dez dias contínuos, para conhecer a vontade do Senhor, na distribuição das regiões para cada um evangelizar. Desde que, depois da Ascensão, tinham se preparado daquele modo para a vinda do Espírito Santo, conservaram este costume, quando precisavam decidir as questões mais importantes e difíceis.

No último dos dez dias, o Vigário de Cristo celebrou a Missa e os onze Apóstolos com Maria Santíssima comungaram, como fizeram ao compor o Símbolo, segundo ficou dito no capítulo precedente. Depois da missa e comunhão, permaneceram com a Senhora em altíssima oração, invocando especialmente o Espírito Santo, para que os assistisse e manifestasse sua santa vontade naquela ocorrência.

Oração dos apóstolos com São Pedro

228. Em seguida, disse-lhes São Pedro: Caríssimos irmãos, prostremo-nos todos juntos na presença de Deus e, com suma reverência, de todo o coração, confessemos a nosso Senhor Jesus Cristo por verdadeiro Deus, Mestre e Redentor do mundo. Protestemos sua santa fé, com o Símbolo que nos deu pelo Espírito Santo, oferecendo-nos ao cumprimento de sua santa vontade.

Assim fizeram. Recitaram o Credo e prosseguiram com São Pedro: Altíssimo Deus eterno, estes vis bichinhos e pobres homens, a quem nosso Senhor Jesus Cristo, só pela dignação de sua clemência, elegeu ministros para ensinar sua doutrina, pregar sua santa lei e fundar sua Igreja em todo o mundo; prostramo-nos em vossa presença, com um só coração e uma só alma.

Para o cumprimento de vossa eterna e santa vontade, oferecemo-nos a padecer e a sacrificar nossa vida na confissão de vossa santa fé, ensinando-a e pregando-a em todo o mundo, como nosso Senhor e Mestre Jesus nos ordenou. Não queremos evitar trabalho, sacrifício ou tribulação que for necessário para isso, e mesmo padecer até a morte. Temendo, porém, nossa fragilidade, vos suplicamos, Senhor e Deus altíssimo, enviai sobre nós o vosso divino Espírito, para dirigir e guiar nossos passos pelo caminho reto da imitação de nosso Mestre, e nos revestir de nova fortaleza. Agora, que Ele nos manifeste em quais nações e províncias será mais agradável a vosso beneplácito, irmos pregar vosso santo nome.

O Espírito Santo confirma a autoridade de São Pedro

229. Terminada esta oração, desceu no Cenáculo uma admirável luz que os envolveu, e se ouviu uma voz que disse: Pedro, meu Vigário, designará as regiões para cada um. Eu o dirigirei e assistirei com minha luz e espírito.

O Senhor remeteu esta nomeação a São Pedro para, naquela ocasião, confirmar novamente o poder que lhe havia confiado, como cabeça e pastor universal da Igreja. Os demais apóstolos entenderam que a deveriam estabelecer em todo o mundo, sob a obediência de São Pedro e seus sucessores. A estes a Igreja deveria

ficar sujeita, como aos vigários de Cristo. Assim compreenderam eles, e a mim foi dado a conhecer que esta foi a vontade do Altíssimo.

Ao ouvir aquele mandato, Pedro começou a designação por si, e disse: Eu, Senhor, ofereço-me a sofrer e morrer seguindo meu Redentor e Mestre, pregando seu nome e fé, agora em Jerusalém e depois no Ponto, Galácia, e Capadócia, províncias da Ásia; residirei primeiro em Antioquia e depois em Roma, onde estabelecerei a cátedra de Cristo, nosso Salvador e Mestre, e ali esteja a sede de sua santa Igreja.

São Pedro declarou isto, porque tinha ordem do Senhor para designar a Igreja romana para sede e cabeça da Igreja universal. Sem esta ordem, São Pedro não teria tomado decisão tão árdua e importante.

São Pedro marca os territórios para a missão dos apóstolos

230. Prosseguiu São Pedro: O servo de Cristo, nosso caríssimo irmão André, seguí-lo-á pregando a santa fé nas províncias da Scitia da Europa, Epiro e Trácia; da cidade de Patras na Acáia, governará aquela região e o mais que puder.

O servo de Cristo, nosso irmão caríssimo Tiago, o Maior, o seguirá na pregação da fé na Judéia, Samaria e Espanha, donde voltará a esta cidade de Jerusalém e pregará a doutrina de nosso Senhor e Mestre.

O caríssimo irmão João obedecerá a vontade que nosso Salvador e Mestre lhe manifestou na cruz: cumprirá o ofício de filho de nossa grande Mãe e Senhora. Servi-la-á e acompanhará, com reverência e fidelidade filial. Administrar-lhe-á o sagrado mistério da Eucaristia, e cuidará também dos fiéis de Jerusalém, em nossa ausência. Quando nosso Deus e Redentor levar consigo ao céu sua bem-aventurada Mãe, seguirá o Mestre na pregação da Ásia Menor, cuidando daquelas igrejas, e da ilha de Patmos, para onde será exilado.

O servo de Cristo e nosso irmão caríssimo Tomé o seguirá, pregando na Índia, Pérsia e aos partos, medos, hircanos, bracmanes, e bactrios. Batizará aos três Reis magos, e lhes dará notícia de tudo que esperam; eles mesmos o procurarão pela fama de sua pregação e milagres.

O servo de Cristo e nosso caríssimo irmão Tiago o seguirá, sendo bispo em Jerusalém, onde pregará aos judeus, e acompanhará João na assistência e serviço da grande Mãe de nosso Salvador.

O servo de Cristo e nosso caríssimo irmão Filipe o seguirá, pregando e ensinando nas províncias da Frígia e Scitia da Ásia, e na cidade chamada Hierópolis da Frígia.

O servo de Cristo e nosso irmão caríssimo Bartolomeu o seguirá, pregando na Licaônia, parte da Capadócia na Ásia; passará à Índia Citerior e depois à Armênia Menor.

O servo de Cristo e nosso caríssimo irmão Mateus ensinará primeiro aos hebreus, e depois seguirá seu Mestre, pregando no Egito e na Etiópia.

O servo de Cristo e irmão caríssimo Simão, o seguirá pregando na Babilônia, Pérsia e também no reino do Egito.

O servo de Cristo e nosso irmão caríssimo Judas Tadeu seguirá nosso Mestre, pregando na Mesopotâmia e depois se reunirá a Simão para pregar na Babilônia e na Pérsia.

O servo de Cristo e nosso caríssimo irmão Matias o seguirá, pregando sua santa fé na Etiópia interior, na Arábia e depois voltará à Palestina.

O Espírito do Altíssimo guie a todos, nos dirija e assista, para que em todo o tempo e lugar façamos sua vontade per-

feita e santa. Agora nos dê sua bênção, e em seu nome vô-la dou a todos.

Nova infusão do Espírito santo

231. No mesmo instante em que São Pedro terminou de falar, ouviu-se forte trovão e o Cenáculo se encheu de luz. No meio dela se ouviu o Espírito Santo dizendo: Aceite cada um a parte que lhe tocou. Todos se prostraram em terra e disseram a uma só voz: Senhor Altíssimo, à vossa palavra e à de vosso Vigário, obedecemos com prontidão e alegria de coração; nosso espírito está cheio de gozo e de vossa suavidade por vossas admiráveis obras.

Esta obediência tão dócil e pronta dos apóstolos ao Vigário de Cristo nosso Salvador, ainda que era efeito da caridade ardentíssima com que desejavam morrer por sua santa fé, nesta ocasião lhes mereceu receber de novo o Espírito Santo que lhes confirmou a graça e dons que antes haviam recebido, acrescentando-lhes outros novos.

Receberam nova luz e ciência, a respeito de todas as nações e províncias que São Pedro lhes havia marcado, e cada um conheceu os povos, condições e costumes das regiões que lhes tocavam. Conheceram a posição delas na terra, como se gravassem mentalmente um mapa muito exato e minucioso.

Deu-lhes o Altíssimo novo dom de fortaleza para vencer as dificuldades; agilidade para percorrer as distâncias, ainda que muitas vezes fossem auxiliados pelos anjos. Interiormente ficaram abrasados como serafins na chama do divino amor, ultrapassando as limitadas condições da natureza.

Ciência de Maria

232. A santíssima Rainha dos anjos estava presente, e via tudo quanto o poder divino operava nos apóstolos e n'Ela também, pois participou das influências da Divindade mais do que todos juntos, por se encontrar em plano super-eminentíssimo a todas as criaturas. Por este motivo, o aumento de seus dons tinha que ser em proporção e superar a todos, sem medida.

Renovou o Altíssimo, no puríssimo espírito de sua Mãe, a ciência infusa de todas as criaturas e, em particular, de todas as nações onde os apóstolos iriam. Ela conheceu o que eles conheciam, e mais ainda porque teve notícia individual de todas as pessoas a quem, em todas as regiões, pregariam a fé em Cristo. Nesta ciência, ficou tão informada sobre todo o orbe e seus habitantes, quanto o estava a respeito de seu oratório particular, e de cada uma das pessoas que ali a procuravam.

Finalidade da ciência de Maria

233. Esta ciência estava à altura de sua missão de primeira Mestra, Mãe, Governadora e Senhora da Igreja, que o Todo-poderoso colocara em suas mãos, como acima fica dito [1], e para a frente será forçoso referir muitas vezes. Tinha de cuidar de todos, desde o mais santo ao mais imperfeito, e até dos míseros pecadores filhos de Eva. Se nenhum receberia qualquer benefício ou favor da mão de seu Filho a não ser pelas de sua Mãe, era necessário que a fidelíssima despenseira da graça conhecesse todos os membros de sua família, de cuja saúde devia cuidar como Mãe, e tal Mãe.

A grande Senhora possuía não só espécies infusas e ciência de tudo o que tenho dito, mas além deste conhecimento tinha outro atual, quando os discípulos e apóstolos andavam pregando. Eram-lhe manifestos seus trabalhos e perigos, as ciladas que o demônio armava, as orações de todos eles e dos outros fiéis, que unia às suas para socorrê-los. Acudia-os, por Si ou por meio de seus anjos, como em muitos fatos veremos adiante [2]

Perfeição da ciência de Maria

234. Quero advertir também que, além desta ciência infusa de todas a coisas, com as espécies de cada uma, que nossa Rainha possuía, conhecia-as de outro modo em Deus, na visão abstrativa em que, de modo permanente, contemplava a Divindade. Todavia, entre estes dois modos de ciência havia uma diferença: quando via, em Deus, os trabalhos dos apóstolos e dos fiéis da Igreja, como aquela visão tinha certa participação do gozo da bem-aventurança, não sentia dor e compaixão sensível, como quando a piedosa Mãe via estas tribulações só em si mesma; então as sentia e chorava, com materna compaixão.

Para que não lhe faltasse este mérito e perfeição, concedeu-lhe o Altíssimo esta ciência, por todo o tempo em que foi viadora. Com esta plenitude de espécies e ciências infusas, tinha o domínio de suas potências [3], para não acolher outras espécies ou imagens exteriores adquiridas, fora das necessárias à vida, à prática da caridade ou à perfeição das virtudes.

Contemplada pelos anjos e santos com este ornato e beleza, era-lhes a divina Senhora objeto de admiração e louvor, com o qual glorificavam ao Altíssimo, vendo dignamente empregados em Maria todos os divinos atributos.

Maria, intercessora dos apóstolos

235. Nesta ocasião, fez profundíssima oração pela perseverança e fortaleza dos apóstolos na evangelização do mundo. O Senhor lhe prometeu que os guardaria e assistiria, para manifestar neles e por eles, a glória de seu nome, e no fim premiar com digna recompensa seus trabalhos e merecimentos. Esta promessa encheu Maria Santíssima de alegria e gratidão.

Exortou os apóstolos que agradecessem de todo o coração, e que partissem contentes e cheios de confiança para converter o mundo. Dirigindo-lhes outras muitas palavras de suavidade e vida, de joelhos, felicitou-os em nome de seu Filho Santíssimo, pela obediência que haviam mostrado.

De sua parte, agradeceu-lhes o zelo que manifestavam pela honra do Senhor e bem das almas, para cuja conversão se sacrificavam. Beijou a mão de cada apóstolo, oferecendo-lhes sua intercessão jun-

1 - 2ª parte, nº 1524.
2 - nºs 318, 324, 339, 567.
3 - que disse acima nº 126.

to ao Senhor, e disponibilidade para servi-los. Conforme costumava, pediu-lhes a bênção, e eles na qualidade de sacerdotes lha deram.

Os apóstolos começaram a sair de Jerusalém

236. Poucos dias depois desta distribuição das regiões para a pregação, começaram a sair de Jerusalém, principalmente os que deviam pregar na província da Palestina. O primeiro a partir foi São Tiago Maior. Outros ficaram mais tempo em Jerusalém, porque o Senhor desejava que a fé em seu santo nome fosse pregada primeiro, e com maior energia e generosidade, aos judeus. Eram os primeiros convidados às bodas evangélicas, se quisessem vir e entrar. Nos benefícios da redenção, aquele povo foi mais favorecido, apesar de mais ingrato que os pagãos.

Os outros apóstolos foram partindo para os lugares que lhes tinham sido designados **(At 13, 46)**, conforme a oportunidade, orientando-se pelo Espírito divino, pelo conselho de Maria Santíssima e pela obediência a São Pedro.

Ao partir de Jerusalém iam visitar os santos lugares: o Horto, o Calvário, o Santo Sepulcro, o lugar da Ascensão, Betânia e os mais que lhes fossem possíveis; veneravam-nos com admirável reverência e emoção, adorando a terra tocada pelo Senhor. Depois iam ao Cenáculo, veneravam-no pelos mistérios aí celebrados e se despediam da grande Rainha do céu, encomendando-se novamente à sua proteção. A divina Mãe despedia-os com palavras dulcíssimas e cheias de força divina.

Uniforme dos apóstolos

237. Admirável foi a maternal solicitude da prudentíssima Senhora, para enviar os apóstolos, como verdadeira Mãe a seus filhos. Em primeiro lugar teceu, para cada um dos doze, uma túnica semelhante a de Cristo, nosso Senhor, de cor cinzenta arroxeada. Para fazê-las valeu-se do auxílio de seus santos anjos. Quis que este uniforme os distinguisse, por imitadores e discípulos de seu Mestre Jesus.

Fez também a grande Senhora, doze cruzes com hastes da altura de cada apóstolo, para a levarem em suas peregrinações e pregação, tanto para testemunho do que pregavam, como para conforto espiritual em seus trabalhos. Todos os apóstolos usaram aquelas cruzes até a morte. Pelo fato de mostrarem tanto apreço pela cruz, alguns tiranos fizeram disso motivo para martirizar na cruz, os que tiveram a felicidade de nela morrer.

Presente de relíquias

238. Além da túnica e da cruz, a piedosa Mãe deu a cada apóstolo um estojinho de metal, que fez para essa finalidade. Em cada um colocou três espinhos da coroa de seu Filho Santíssimo, fragmentos dos panos que envolveram o Senhor quando criança, e outros dos que usou para enxugar seu sangue na Circuncisão e na Paixão.

Guardara esta sagradas relíquias com suma devoção e veneração, como Mãe e depositária dos tesouros do céu. Para dá-las reuniu os doze apóstolos e, com majestade de Rainha e doçura de Mãe, disse que lhes oferecia aquelas prendas como a maior tesouro que possuía, para enviá-los enriquecidos a suas peregrinações.

Nelas teriam a memória viva de seu Filho Santíssimo, e o testemunho certo de quanto o Senhor os amava como a filhos

e ministros do Altíssimo. Entregou-as, e eles as receberam com lágrimas de veneração e alegria. Para agradecer à grande Rainha estes favores, prostraram-se diante dela, adorando aquelas sagradas relíquias. Abraçaram-se mutuamente, desejando-se felicidades, e o primeiro a se despedir foi São Tiago, que inaugurou as missões.

Prodígios a favor dos apóstolos

239. Segundo me foi dado a entender, os apóstolos pregaram, não só nas regiões que São Pedro lhes designou, mas também em outras próximas ou mais distantes daquelas. Não é difícil entender-se isto. Muitas vezes eram levados de uns lugares para outros por ministério dos anjos, não só para pregar, mas também para se consultarem mutuamente. Procuravam principalmente o vigário de Cristo, São Pedro, e ainda mais Maria Santíssima, de cujo auxílio e conselho tiveram necessidade, na difícil empresa de implantar a fé, em terras tão diferentes e nações tão bárbaras.

Se para dar de comer a Daniel, o anjo levou o profeta Habacuc até Babilônia **(Dn 14, 35)**, não é maravilha que se fizesse este milagre para os apóstolos, levando-os onde era necessário pregar a Cristo, dar notícia da Divindade e plantar a Igreja universal, para a salvação de todo gênero humano. Acima (nº 208), fiz menção de como o anjo do Senhor levou Filipe, um dos setenta e dois discípulos, do caminho de Gaza e o deixou em Azoto, como conta São Lucas **(At 8, 40)**.

Todos estes prodígios, e outros inumeráveis que ignoramos, foram convenientes para enviar uns pobres homens a tantos reinos, províncias e nações possuídas pelo demônio, cheias de idolatrias, erros e abominações, como se encontrava o mundo quando o Verbo humanado veio redimi-lo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS.

Deus e a liberdade humana

240. Minha filha, a doutrina que dou para este capítulo é convidar-te a chorar amargamente, com profunda dor de alma e com lágrimas de sangue, se puderes derramá-las, por causa do estado presente da santa Igreja, tão diferente do que teve em seus inícios.

Como se obscureceu o puríssimo ouro da santidade e mudou sua bela cor **(Lm 4, 1)**, perdendo aquela antiga beleza com que a fundaram os apóstolos! Agora procura outros enfeites e falsos coloridos, para encobrir a fealdade e vergonha dos vícios que, tão infelizmente, a obscurecem e enchem de horrorosa deformidade!

A fim de penetrares esta verdade desde o seu fundamento, convém renovar em ti a luz que recebeste, para conhecer o peso e a força com que a divindade se inclina a comunicar sua bondade e perfeição às criaturas. E' tão veemente o ímpeto do Sumo Bem, para derramar sua correnteza nas almas, que só pode ser impedido pela vontade humana. Esta o deverá receber pelo livre arbítrio, que para isto dele recebeu. Quando o homem, com sua liberdade resiste à inclinação e influência da Bondade infinita, cria-lhe, a teu modo de entender, uma situação de violento constrangimento e contrista seu liberalíssimo e imenso amor.

Se, porém, as criaturas não lhe opusessem impedimento e o deixassem livremente agir, inundaria e encheria todas as almas com a participação dos atributos de seu ser divino. Ergueria do pó os caídos, enriqueceria os pobres filhos de Adão, e de sua miséria os levantaria para colocá-los entre os príncipes de sua glória **(Rs 2, 8)**.

Cooperadores de Deus

241. Daqui entenderás, minha filha, duas coisas que a sabedoria humana ignora: Primeira, o agrado e serviço que fazem ao Sumo Bem as almas que, com ardente zelo de sua glória, trabalham solícitas para remover de outras almas o óbice das culpas. Este impede o Senhor de as justificar e lhes comunicar tantos bens de sua imensa bondade, que podem participar, e que o Altíssimo deseja lhes dar.

A complacência que o Senhor sente quando o ajudam neste trabalho, não se pode avaliar na vida mortal. Por isto, é tão grandioso o ministério dos apóstolos, prelados, ministros e pregadores da divina palavra. Neste ofício, sucedem aos que estabeleceram a Igreja, e agora trabalham em sua propagação e conservação. Todos eles são cooperadores e executores do imenso amor que Deus tem pelas almas, criadas para participarem de sua divindade.

A segunda coisa, que deves ponderar, é a abundância dos favores e dons que o poder infinito comunicará às almas que não oferecem impedimento à sua liberalíssima vontade. Logo no início da Igreja evangélica, o Senhor manifestou essa verdade e a comprovou com tantos prodígios e maravilhas, aos primeiros fiéis que nela entravam. Freqüentemente o Espírito Santo descia sobre eles com sinais visíveis; operavam milagres com o Credo, conforme escreveste, além de outros favores ocultos que lhes prodigalizava o Altíssimo.

Os Apóstolos e os Santos

242. Sua bondade e onipotência porém, resplandeceu mais nos apóstolos e discípulos, porque neles não havia obstáculos à divina e eterna bondade. Foram verdadeiros instrumentos e executores do amor divino; imitadores e sucessores de Cristo, seguidores de sua verdade. Por isto, foram elevados à inefável participação dos atributos de Deus, particularmente da ciência, santidade e onipotência. Graças a esta participação, operavam para si e para as almas, tantos prodígios que os mortais nunca poderão dignamente exaltar.

Os apóstolos foram substituídos por outros filhos da Igreja (**Sl 44, 17**), e de geração em geração é transmitida esta divina sabedoria e seus efeitos. Sem falar nos inumeráveis mártires que deram a vida e o sangue pela santa fé, considera os patriarcas da vida religiosa, os grandes santos que nela floresceram, os doutores, bispos, prelados e homens apostólicos, nos quais tanto se manifestou a bondade e a onipotência divina. Não há desculpa se, para os demais ministros da salvação das almas, e o resto dos fiéis, Deus não faz as maravilhas e favores que fez aos primeiros, e continua a fazer para os que encontra idôneos para recebê-las.

Canais da graça

243. Para maior confusão dos maus ministros, que hoje tem a Igreja, quero que entendas o seguinte: determinou o Altíssimo, em sua eterna vontade, comunicar seus tesouros infinitos às almas. Em primeiro lugar, encaminhou-as aos prelados, sacerdotes, pregadores e dispensadores de sua divina palavra. Quanto d'Ele dependia, deveriam ter santidade e perfeição mais angélica que humana, e gozariam de muitos privilégios e isenções na ordem da natureza e da graça, mais do que os outros viventes.

Estes singulares benefícios, ti-

nham o fim de os fazer idôneos ministros do Altíssimo, se não pervertessem a ordem de sua infinita sabedoria, e correspondessem à dignidade para a qual eram escolhidos e chamados.

Esta imensa piedade é a mesma hoje, como na primitiva Igreja. A propensão do Sumo Bem para enriquecer as almas não mudou, nem isto é possível em Deus. Sua liberal dignação não diminuiu. Seu amor pela Igreja é sempre o máximo. Sua misericórdia inclina-se para as misérias, e hoje elas são desmedidas. O clamor das ovelhas de Cristo não pode ser mais forte. Os prelados, sacerdotes e ministros nunca foram tão numerosos.

Pois se tudo isto é realidade, a quem se há de atribuir a perdição de tantas almas, e a ruína do povo cristão, e que hoje os infiéis não entrem na santa Igreja, mas ainda a encham de aflições e tristeza? Que nos prelados e ministros não resplandeça o Cristo, como nos séculos passados e na primitiva Igreja?

Decadência dos sacerdotes

244. Oh! minha filha, convido-te a chorar esta perdição! Considera as pedras do santuário atiradas pelas praças das cidades (**Lm 4, 1**). Vê como os sacerdotes do Senhor se fizeram semelhantes ao povo (**Is 24, 2**), quando deviam tornar o povo santo e semelhante a eles. A dignidade sacerdotal e suas preciosas vestes de virtude, estão manchadas pelo contágio dos mundanos.

Os ungidos do Senhor, consagrados exclusivamente para o seu trato e culto, degradaram-se de sua nobreza e deidade. Perderam o decôro, para se rebaixarem a ações vis, indignas de sua elevada excelência entre os homens.

Afetam a vaidade, seguem a cobiça e avareza, servem ao interesse, amam o dinheiro, põem sua esperança nos tesouros de ouro e prata, sujeitam-se à bajulação e dependência dos mundanos e poderosos, e ainda pior, até das mulheres, e talvez participam de suas reuniões e conselhos de maldade.

Quase nenhuma ovelha do rebanho de Cristo reconhece neles a voz de seu pastor, nem encontra o alimento e pasto sadio da virtude e santidade, de que eles deviam ser mestres. Os pequeninos pedem pão, e não há quem lhes distribua (**Lm 4, 4**). E quando isso é feito só por interesse ou obrigação, se a mão está leprosa como dará salutar alimento ao necessitado e enfermo?

E como o soberano Médico confiará a ela a medicação que dá a vida? Se os que devem ser intercessores e mediadores, se apresentam réus de maiores culpas, como alcançarão misericórdia para os culpados de outras menores ou semelhantes?

Mau uso dos bens da Igreja

245. Estas são as causas porque os prelados e sacerdotes destes tempos, não realizam as maravilhas que fizeram os apóstolos e discípulos da primitiva Igreja, e os demais que imitaram sua vida, com ardente zelo da honra do Senhor e da conversão das almas. Por estes motivos não são aproveitados os tesouros da morte e sangue de Cristo, depositados na Igreja, tanto pelos seus sacerdotes e ministros, como pelos demais mortais. Se eles próprios os desprezam e os esquecem de usar, como os repartirão aos demais filhos desta família?

É por esta razão, que agora os infiéis não se convertem à verdadeira fé, como naquele tempo, ainda que estejam

vivendo tão perto dos chefes eclesiásticos, dos ministros, e pregadores do Evangelho. Mais do que nunca, encontra-se a Igreja enriquecida de bens temporais, rendas e propriedades. Está cheia de homens doutos, cultivadores da ciência; possui grandes prelazias e numerosas dignidades. Todos estes benefícios ela os deve ao sangue de Cristo, e tudo deveria ser usado para seu obséquio e serviço, na conversão das almas, no socorro dos pobres e no sagrado culto e veneração de seu santo nome.

Abusos na pregação

246. Se isto é feito, digam-no os cativos que se redimem com as rendas das igrejas; os infiéis que se convertem, e qual a quantia dos tesouros eclesiásticos, empregada para isso. Di-lo-ão também os palácios que com eles se construíram; os domínios que se fundaram; os moinhos de vento que se levantaram. E o que é mais lamentável, os empregos profanos e torpíssimos em que muitos os consomem. Deste modo desonram o sumo sacerdote Cristo, e vivem tão longe e afastados da imitação d'Ele e dos apóstolos, de quem são os sucessores, como vivem afastados do Senhor os homens mais profanos do mundo.

Se a pregação da palavra divina está morta, e sem virtude para vivificar os ouvintes, a culpa não é da verdade e da doutrina das sagradas Escrituras, e sim do mau uso que dela faz a corrompida intenção dos ministros. Substituem a glória de Cristo, por sua própria honra e vanglória; o bem espiritual, pelo interesse do estipêndio, e conseguindo essas duas coisas, não se preocupam de que sua pregação produza outros frutos.

Suprimem a simplicidade, pureza e, às vezes, até a verdade da sã doutrina, com que foi escrita pelos autores sagrados e explicada pelos santos doutores. Reduzem-na a subtilezas da própria invenção, para produzir mais admiração e gosto do que proveito aos ouvintes. Chegando tão adulterada aos ouvidos dos pecadores, reconhecem-na mais por doutrina do artifício do pregador, do que da caridade de Cristo. Assim, não leva virtude nem eficácia para penetrar os corações, ainda que leve artifício para deleitar o ouvido.

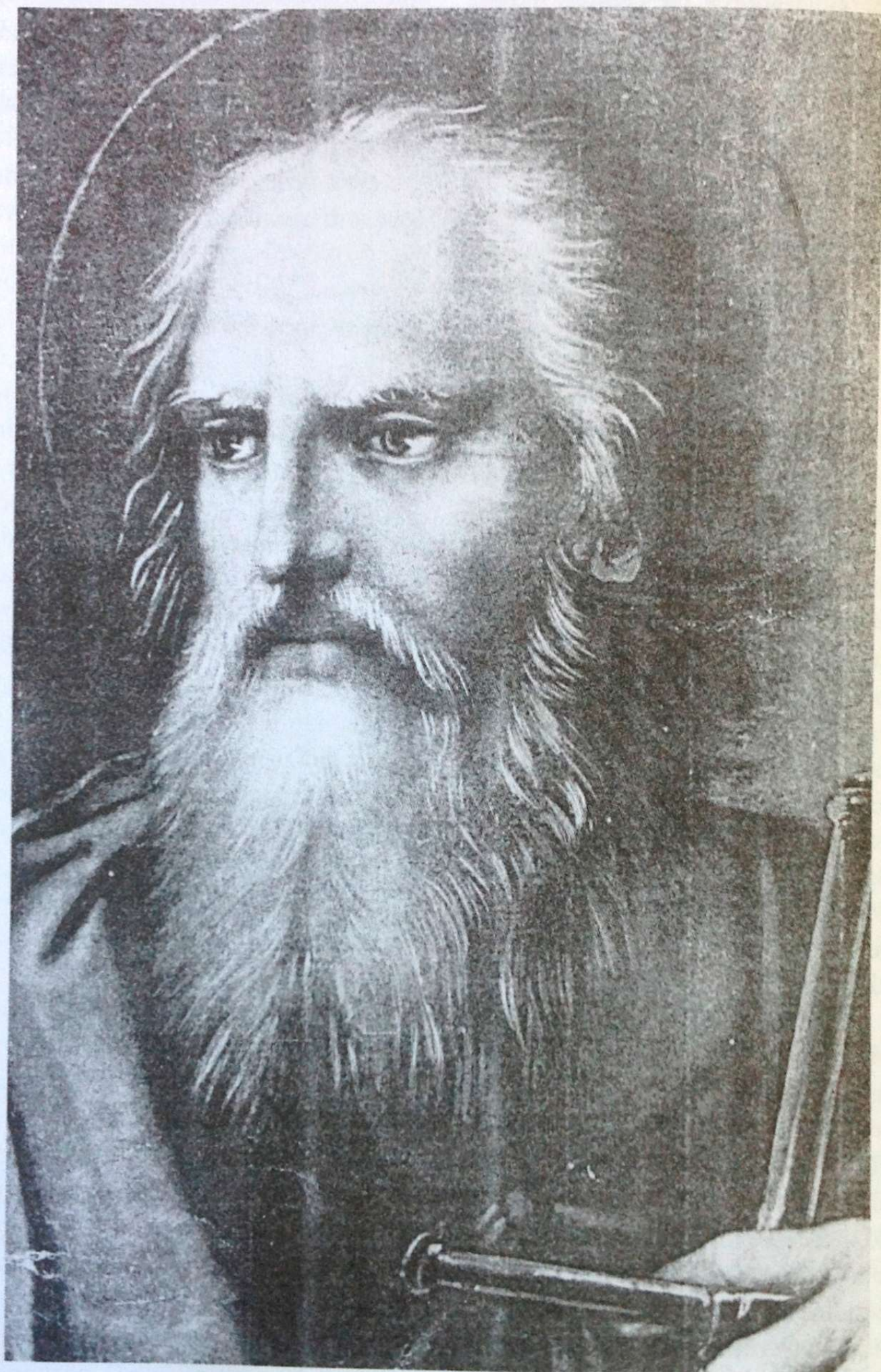
Chorar com a Igreja

247. Em castigo destas vaidades e abusos, e de outros que o mundo não ignora, não te admires, caríssima, de que a justiça divina haja desamparado tanto os prelados, ministros e pregadores de sua palavra, e que a Igreja católica se encontre agora em tão humilhante estado, quando em seu princípio o tinha tão elevado.

E se alguns dos sacerdotes e ministros não estão incluídos nestes vícios tão lamentáveis, isto a Igreja deve a meu Filho Santíssimo, num tempo em que é tão ofendido por todos. Para estes bons ministros Ele é liberalíssimo; são, porém, raros, como prova a ruína do povo cristão, e o descrédito a que chegaram os sacerdotes, pregadores do Evangelho.

Se fossem muitos os perfeitos e zelosos das almas, sem dúvida se emendariam os pecadores, se converteriam muitos infiéis, e todos olhariam e ouviriam com veneração e temor santo aos pregadores, sacerdotes e prelados. Além disso, seriam respeitados por sua dignidade e santidade, e não pela autoridade e fausto com que granjeiam esta reverência, que mais se pode chamar aplauso mundano e sem proveito.

Não tenhas medo por ter escrito tudo isto, porque eles mesmos sabem que

é verdade, e tu não o escreves por tua vontade, mas por minha ordem. Assim o faço para que chores esta calamidade, e convides o céu e a terra a te acompanharem neste pranto, porque poucos têm este sentimento, e esta é a maior ofensa que o Senhor recebe de todos os filhos de sua Igreja.

São Paulo, apóstolo

CAPÍTULO 14

MARIA SANTÍSSIMA E A CONVERSÃO DE SÃO PAULO. OUTROS MISTÉRIOS OCULTOS.

A conversão de São Paulo, milagre da graça

248. Nossa Mãe Igreja, governada pelo Espírito Santo, celebra a conversão de São Paulo como um dos maiores milagres da lei da graça, e consolo dos pecadores. De perseguidor, insultador e blasfemo do nome de Cristo, como o mesmo Paulo o diz, (**1 Tm 1, 13**), alcançou misericórdia e foi transformado em apóstolo, pela divina graça.

Como nossa grande Rainha concorreu, em grande parte, para ele alcançá-la, não se pode deixar de referir nesta história, tão rara maravilha do Onipotente. Para se entender melhor sua grandeza, é preciso conhecer as condições de Paulo quando se chamava Saulo e era perseguidor da Igreja, como também as causas que o fizeram notável e acérrimo defensor da lei de Moisés, e perseguidor da de Cristo nosso bem.

Saulo no judaísmo

249. São Paulo distinguiu-se no judaísmo por dois princípios: um foi o seu próprio temperamento, e o outro a ação do demônio que dele se aproveitou. Por temperamento natural, Saulo era de coração grande, magnânimo, nobilíssimo, serviçal, ativo, eficaz e perseverante no que empreendia. Tinha muitas virtudes morais adquiridas. Prezava-se de fiel seguidor da lei de Moisés, de estudioso e ilustrado nela, ainda que na realidade era ignorante - como ele o confessou a Timóteo, seu discípulo - porque sua ciência era humana e terrena.

Entendia a lei, como outros muitos israelitas, só na superfície, sem espírito e a luz divina necessária para entendê-la corretamente e penetrar seus mistérios. Como, porém, sua ignorância tinha aparência de verdadeira sabedoria, e era apegado às próprias idéias, mostrava-se grande zelador das tradições dos rabinos (**Gl 1, 14**).

Julgava coisa indigna e dissonante para ele e Moisés, fosse publicada uma nova lei, inventada por um Homem crucificado como criminoso, enquanto Moisés havia recebido sua lei do próprio Deus, sobre o monte (**Êx 34**). Com este julgamento, concebeu grande desgosto e desprezo por Cristo, sua lei e seus discípulos.

Convencia-se deste engano com suas próprias virtudes morais, se podem ser chamadas virtudes, sem a verdadeira caridade. Por as ter, presumia que acertava

quando errava, como acontece a muitos filhos de Adão: satisfeitos consigo mesmos por praticarem alguma ação virtuosa, com esta auto-complacência, não cuidam em reformar outros vícios morais.

Nesta ilusão vivia e agia Saulo, muito apegado à antiga lei mosaica, ordenada por Deus, cuja honra lhe pareceu que defendia. Não entendeu que aquela lei, e suas cerimônias eram figuras, não era eterna, mas apenas temporária. Necessariamente tinha que vir outro legislador, mais poderoso e sábio que Moisés, como ele mesmo disse (**Dt 18, 15**).

O demônio serve-se de Saulo

250. Ao indiscreto zelo de Saulo e ao seu impetuoso temperamento, associou-se a malícia de Lúcifer e seus ministros, para irritar e lhe aumentar o ódio à lei de Cristo, nosso Salvador. No decurso desta História, falei muitas vezes [4] dos malvados conluios e planos infernais que este dragão fabricava contra a santa Igreja.

Um deles era procurar, com grande cuidado, homens que, por inclinações e costumes, fossem mais apropriados para instrumentos e executores de sua maldade. Por si, e por seus demônios, Lúcifer tenta as almas, mas não pode se ostentar publicamente, como chefe ou cabeça de alguma seita ou partido contra Deus. Para isto precisa se valer de alguma pessoa, a quem outros sigam na mesma cegueira.

Este cruel inimigo enfurecia-se de ver os felizes princípios da santa Igreja; temia seus progressos, e ardia em desmedida inveja de que os homens, de natureza inferior à sua, fossem elevados à participação da divindade e glória que sua soberba tinha desmerecido. Examinando as inclinações de Saulo, seus costumes e estado de consciência, pareceu-lhe que quadrava perfeitamente com seus planos de destruir a Igreja de Cristo, no que seriam ajudados por outros incrédulos.

Maléficas sugestões do demônio

251. Lúcifer estudou o caso com outros demônios, num conciliábulo que reuniu especialmente para isso. De comum acordo, saiu decretado que o próprio dragão, com outros demônios, acompanhassem Saulo sem deixá-lo um momento, fornecendo-lhe sugestões e motivos acomodados à indignação que nutria contra os apóstolos e todo o rebanho de Cristo. Ele as acolheria, pois seriam matéria para obter triunfos, disfarçados com alguma cor de virtude, falsa e aparente.

Sem perder tempo nem ocasião, o demônio pôs em prática todo este acordo. Desde que nosso Salvador começou a pregar sua doutrina, Saulo se desgostou e era-lhe contrário. Não obstante, enquanto Jesus vivia neste mundo, Saulo não se declarou tão ardente zelador da lei de Moisés, e adversário da do Senhor.

Foi na morte de Santo Estêvão que revelou a indignação, com que o dragão infernal já começava a irritá-lo, contra os seguidores de Cristo. Como nesta ocasião o inimigo encontrou o coração de Paulo tão preparado, para executar as más sugestões que lhe lançava, sua malícia ficou tão ufana que lhe pareceu não ter mais o que desejar, e que aquele homem não se recusaria a maldade alguma que lhe fosse proposta.

Saulo não consente em todas as diabólicas sugestões

252. Com esta ímpia confiança, Lúcifer pretendeu levar Saulo a, pessoal-

4 - 2ª parte desde o nº 1425 e acima nº 204.

mente, tirar a vida dos apóstolos, e o mais tremendo, que fizesse o mesmo a Maria Santíssima. A tal insânia chegou a soberba deste crudelíssimo dragão.

Enganou-se, porém, porque o caracter de Saulo era mais nobre e generoso. Refletindo, pareceu a Saulo indigno de sua honra e pessoa, cometer aqueles crimes como um bandido, quando com razão e dentro da justiça, como a ele parecia, podia destruir a lei de Cristo.

Sentiu ainda maior horror em atentar contra a vida de sua bem-aventurada Mãe, pelo decôro devido a seu sexo. Tendo-a visto, tão modesta e constante, nos sofrimentos da Paixão de Cristo, pareceu a Saulo que era mulher de valor e digna de veneração. Prestou-lhe esta consideração, com alguma compaixão de suas penas e aflições, que todos reconheciam ter sido muito grandes. Por isto não aceitou a desumana sugestão, que o demônio lhe propôs contra Maria Santíssima.

Esta compaixão pelos padecimentos da Rainha, ajudou muito para apressar a conversão de Saulo. Contra os apóstolos, também não admitiu a traição, ainda que Lúcifer a pintava com aparentes razões, e como ação digna de seu destemido ânimo. Não obstante desprezar estas idéias de maldade, resolveu ultrapassar qualquer judeu, em perseguir a Igreja e o nome de Cristo, até acabar com ele.

A sabedoria divina aniquila os planos diabólicos

253. Contentou-se o dragão e seus ministros com esta resolução de Saulo, já que não podiam conseguir mais. Para que se conheça o ódio que têm contra Deus e suas criaturas, desde aquele dia fizeram outro conciliábulo, para estudar como conservariam a vida daquele homem, tão ajustado à execução de suas maldades.

Bem sabem estes mortais inimigos, que não possuem poder sobre a vida dos homens, e não a podem dar ou tirar se Deus não lhes permite, em algum caso particular. Apesar disto, quiseram fazer-se médicos e tutores da vida e saúde de Saulo, para conservá-la o quanto lhes fosse possível. Moviam sua imaginação para se guardar do que era nocivo, usando o que era mais saudável, e de outros meios naturais para conservar a saúde.

Mas com todas estas diligências, não puderam impedir que a graça divina trabalhasse em Saulo, o quanto a Deus aprouvesse. Os demônios estavam longe de pensar e recear que Saulo aceitaria a lei de Cristo, e que a vida que eles procuravam conservar e prolongar, serviria para sua própria ruína e tormento.

Assim dispõe os acontecimentos a sabedoria do Altíssimo: deixa o demônio enganar-se na própria maldade, cair na cova e no laço que arma contra Deus (**Sl 56, 79**), e todas suas maquinações vêm a servir à divina vontade, sem lhe poder resistir.

Saulo pede autorização para perseguir a Igreja

254. Por este plano da altíssima Sabedoria, dispunha o Senhor que a conversão de Saulo fosse mais admirável e gloriosa. Permitiu que, incitado por Lúcifer, na ocasião da morte de Santo Estêvão, Saulo se dirigisse ao príncipe dos sacerdotes. Respirando fogo e ameaças contra os discípulos do Senhor, que se haviam espalhado fora de Jerusalém, pediu autorização para trazê-los presos a Jerusalém, de qualquer lugar onde os encontrasse (**At 9, 1**).

Para esta empresa, Saulo ofereceu sua pessoa, seus bens e sua vida; à própria custa, sem salário, faria aquela vi-

agem em defesa da lei de seus antepassados, para que não prevalecesse a outra, pregada pelos discípulos do Crucificado. Este oferecimento estimulou ainda mais o ânimo do sumo sacerdote e de seus conselheiros. Imediatamente deram a Saulo a comissão que pedia, principalmente para Damasco, onde corria o boato que alguns discípulos tinham se refugiado.

Preparou a viagem, com funcionários da justiça e alguns soldados para o acompanhar. Maior e mais aparatoso acompanhamento era o de muitas legiões de demônios que, para o assistir nesta empresa, saíram do inferno. Parecia-lhes que, com tantas precauções, acabariam com a Igreja, e que Saulo a sangue e fogo a devastaria. Realmente, era esta a intenção administrada por Lúcifer e seus ministros, a Saulo e a todos que o seguiam. Agora, porém, deixemo-lo a caminho de Damasco, onde pretendia encarcerar, nas sinagogas daquela cidade, todos os discípulos de Cristo.

Maria e o procedimento de Saulo

255. Nenhum destes fatos era oculto à grande Rainha do céu. Além da ciência e visão com que penetrava até o mínimo pensamento dos homens e dos demônios, os apóstolos lhe participavam tudo o que se fazia contra os seguidores de Cristo. Sabia também, há muito tempo, que Saulo seria apóstolo do Senhor, pregador dos gentios e grande e admirável homem da Igreja, conforme a informara seu Filho santíssimo, como fica dito na segunda parte desta História (nº 734).

Entretanto, a perseguição crescia; não aparecia o fruto que Saulo iria produzir para o nome cristão, com tanta glória do Senhor; enquanto isso, os discípulos de Cristo, que ignoravam o desígnio do Altíssimo, se afligiam e amedrontavam com a fúria de Saulo em os perseguir.

Esta situação foi motivo de grande sofrimento para a piedosa Mãe da graça. Refletindo, com sua divina prudência, a importância daquela conversão, revestiu-se de novo esforço e confiança para pedi-la e socorrer a Igreja. Prostrada na presença de seu Filho fez esta oração:

Oração de Maria

256. Altíssimo Senhor, Filho do eterno Pai, Deus vivo e verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado de sua mesma e indivisa substância, e pela inefável dignação de vossa infinita bondade, meu Filho e vida de minha alma. Como poderá viver esta vossa escrava, a quem confiastes vossa amada Igreja, se a perseguição que lhe movem seus inimigos prevalece, e vosso poder imenso não a vence?

Como suportará meu coração, ver desprezado e pisado o preço de vossa morte e sangue? Meu Senhor, se me dais por filhos os que gerais em vossa Igreja, e eu os amo e olho com amor de mãe, como poderei me consolar de os ver oprimidos e aniquilados, porque confessam vosso santo nome e vos amam com sincero coração? Vosso é o poder (**1 Par. 29, 11**) e a sabedoria; não é justo que se glorie contra vós o dragão infernal, inimigo de vossa glória, caluniador de meus filhos e vossos irmãos.

Confundi, meu Filho, a antiga soberba desta serpente que, orgulhosa, se levanta novamente contra Vós, derramando seu ódio contra as singelas ovelhinhas de vossa grei. Vede como tem enganado Saulo, a quem escolhestes para vosso apóstolo. Já é tempo, Deus meu, de agirdes com vossa onipotência, e converterdes aquela alma, de quem e em quem tanta glória há de resultar a vosso santo nome,

e tantos bens para todo o universo.

Jesus vem ouvir sua Mãe

257. Perseverou Maria nesta oração, por longo tempo, oferecendo-se a padecer e morrer se fosse necessário, pelo socorro da santa Igreja e pela conversão de Saulo. Como a sabedoria infinita de seu Filho Santíssimo tinha determinado operar este prodígio, por meio das súplicas de sua Mãe amantíssima, desceu do céu em pessoa, e lhe apareceu no Cenáculo, onde Ela orava em seu retiro.

Falou-lhe Jesus, com amor e carinho de Filho, como costumava, e lhe disse: Minha amiga e minha Mãe, em quem achei a complacência e agrado de minha perfeita vontade, qual é vosso pedido? Dizei-me o que desejais.

Prostrou-se de novo em terra a humilde Rainha, de acordo com seu hábito, na presença de seu Filho Santíssimo. Adorou-o como verdadeiro Deus, e disse: Senhor meu Altíssimo, de muito longe conheceis os pensamentos e o coração das criaturas, e meus desejos estão diante de vossos olhos.

Minha súplica é de quem conhece vossa infinita caridade pelos homens, e de quem é Mãe da Igreja, advogada dos pecadores e vossa escrava. Se tudo recebi de vosso imenso amor, sem merecê-lo, não posso recear que desprezareis meus desejos por vossa glória. Peço, meu Filho, que olheis a aflição de vossa Igreja, e como Pai amoroso apresseis o socorro de vossos filhos, gerados pelo vosso preciosíssimo sangue.

Maria suplica a conversão de Paulo

258. Desejava o Senhor ouvir a voz e os amorosos clamores de sua amantíssima Esposa e Mãe, deixando-se rogar mais nesta ocasião, como se estivesse regateando o que desejava conceder, pois a tais méritos e caridade nada devia recusar. Com este artifício de amor divino, trocaram-se alguns diálogos entre Cristo, nosso bem, e sua Mãe dulcíssima, pedindo-lhe Ela remediasse aquela perseguição e convertesse Saulo.

Nesta conferência, disse-lhe Jesus: Minha Mãe, como satisfazer minha justiça, para minha misericórdia se inclinar a usar de clemência com Saulo, quando ele se encontra no ápice da incredulidade e malícia, merecendo minha justa indignação e castigo, servindo de boa mente a meus inimigos, para destruir minha Igreja e riscar meu nome do mundo?

A esta argumentação, tão concludente em termos de justiça, não faltou à Mãe da sabedoria e da misericórdia, solução e resposta. Replicou: Senhor e Deus eterno, Filho meu, para eleger Paulo por vosso apóstolo e vaso de eleição na aceitação de vossa mente divina, e para gravá-lo em vossa memória eterna, suas culpas não foram impedimento, e estas águas não extinguiram o fogo de vosso amor divino (**Ct 8, 7**), como Vós mesmo me revelastes. Maior poder e eficácia tiveram vossos infinitos merecimentos, em cuja virtude estabelecestes vossa amada Igreja.

Não peço o que Vós mesmo não determinastes. Sinto porém, Filho meu, que aquela alma vá caminhando para maiores precipícios, e para a perdição sua e de outras, e que se retarde a glória de vosso nome, a alegria dos anjos (**Lc 15, 10**) e santos, o consolo dos justos, a confiança que se despertará nos pecadores e a confusão de vossos inimigos.

Não desprezeis, pois, meu Filho e Senhor, os rogos de vossa Mãe; realizem-se vossos divinos decretos, e eu veja engrandecido vosso nome; já é tempo e oca-

são oportuna, e meu coração não pode sofrer que se retarde tanto bem para a Igreja.

Jesus atende a súplica de Maria

259. Nesta oração, inflamou-se a chama da caridade no castíssimo peito da grande Rainha e Senhora. Sem dúvida, teria consumido sua vida natural se o Senhor, com milagrosa intervenção, não a conservasse. Mas, para se obrigar mais a atender tão excessivo amor em pura criatura, permitiu que, nesta ocasião, a bem-aventurada Mãe chegasse a sofrer alguma dor sensível, e certo desfalecimento corpóreo.

Seu Filho que, a nosso modo de entender, não pôde mais resistir à força de tal amor a ferir seu coração, a consolou, reanimou e cedeu aos seus rogos. Minha Mãe, disse-lhe - eleita entre todas as criaturas, faça-se vossa vontade, sem demora. Farei com Saulo o que pedis, e o porei em condições de, prontamente, se tornar defensor da minha Igreja que persegue, fazendo-se pregador de minha glória e de meu nome. Vou reduzi-lo à minha amizade e graça.

Aparição de Cristo a Saulo

260. Cristo desapareceu, continuando sua Mãe Santíssima em oração, com visão muito clara do que ia acontecendo. Dentro de alguns momentos, o Senhor apareceu a Saulo perto da cidade de Damasco, para onde se dirigia apressado, adiantando-se mais na indignação contra Jesus do que propriamente no caminho.

O Senhor apareceu-lhe com imensa glória, numa nuvem de admirável resplendor. Saulo foi, interior e exteriormente, invadido por aquela divina luz, que lhe venceu o coração e sentidos (**At 9, 4**). Sem poder resistir a tanta força, caiu do cavalo e ouviu uma voz do alto que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Respondeu apavorado: Quem és tu, Senhor? Replicou a voz: Sou Jesus, a quem persegues; dura coisa é para ti resistir ao aguilhão de meu poder. Com maior tremor e temor, retrucou Saulo: Senhor, que me ordenas, e que queres fazer de mim?

Os que estavam presentes, acompanhantes de Saulo, ouviram estas perguntas e respostas, mas não viram a Cristo nosso Salvador; viram, porém, a luz que envolvia Saulo, ficando espavoridos, cheios de grande temor e espanto, por sucesso tão inesperado, e assim estiveram algum tempo atônitos.

Conversão de Saulo, vitória de Deus

261. Esta maravilha nunca vista no mundo, foi mais extraordinária espiritualmente, do que em seus efeitos sensíveis.

Corporalmente, Saulo ficou prostrado, cego e de tal modo alquebrado que, se o poder divino não o sustentasse, teria morrido logo. Interiormente, porém, mudou-se em outro homem, mais radicalmente do que quando passou do nada para a existência. Ficou mais longe de suas primeiras disposições, do que a luz das trevas, e do que o supremo céu ao ínfimo da terra, porque passou da imagem e semelhança de um demônio, a de um supremo e abrasado serafim.

Foi desígnio da sabedoria e onipotência divina, com esta milagrosa conversão, triunfar de Lúcifer e seus demônios. Foi divina vontade que, em virtude da Paixão e Morte de Cristo, o dragão, com sua malícia, ficasse vencido por meio da natureza humana, contrapondo, num homem, os efeitos da graça e Redenção, aos do pecado de Lúcifer e seus efeitos.

Assim como em poucos momentos, por sua soberba, Lúcifer passou de anjo a demônio, também a virtude de Cristo, pela graça, fez Saulo passar de demônio a anjo. Em a natureza angélica desceu à suma fealdade; em a natureza humana, a maior fealdade subiu à perfeita beleza. Das suprema alturas do céu, Lúcifer desceu ao profundo da terra, inimigo de Deus; um homem subiu da terra ao supremo céu, amigo de Deus.

Onde abundou o pecado, superabundou a graça

262. Esta vitória não seria tão magnífica, se o Vencedor não desse ao homem, mais de quanto Lúcifer perdera. Por isto, quis o Onipotente acrescentar esta grandeza ao triunfo que, em Saulo, obtinha sobre o demônio.

Lúcifer, ainda que caiu de uma graça muito superior, não perdeu a visão beatífica pois nunca a tivera, porque não mereceu nem se dispôs a merecê-la, pelo contrário, a desmereceu. Paulo, entretanto, no momento que se dispôs para ser justificado e recebeu a graça, foi-lhe comunicada também a glória, e viu claramente a Divindade, ainda que de passagem.

Oh! insuperável virtude do poder divino! Oh! eficácia infinita dos méritos da vida e morte de Cristo! Justo e razoável era, certamente, que se a malícia do pecado, num instante mudou o anjo em demônio, fosse mais forte a graça de nosso Redentor. Esta superabundou ao pecado (**Rm 5, 20**), levantando dele um homem e colocando-o não só em tanta graça, mas ainda em tanta glória.

Este prodígio foi maior do que ter criado os céus e a terra, com todas suas criaturas; maior que dar vista a cegos, saúde a enfermos e ressuscitar mortos. Nós pecadores, felicitemo-nos pela esperança que esta maravilhosa justificação nos desperta, pois temos por redentor, pai e irmão o mesmo Senhor que justificou Paulo. E não é menos santo, nem menos poderoso para nós, do que foi para ele.

Revelações recebidas por Paulo

263. Durante o tempo que Paulo esteve caído no solo, contrito de seus pecados, todo renovado com a graça justificante e outros dons infusos, foi iluminado e preparado em suas potências interiores como convinha. Assim preparado, foi elevado ao céu empíreo, que ele denominou terceiro céu, confessando também não saber, se este rapto foi no corpo ou só em espírito (**2 Cor 12, 2**). Ali viu, intuitiva e claramente a Divindade, com extraordinária visão, ainda que de passagem.

Além do ser de Deus, e seus atributos de infinita perfeição, conheceu o mistério da Incarnação, Redenção humana, todos os da lei da graça e estado da Igreja. Conheceu o incomparável benefício de sua justificação, a oração que Santo Estêvão fez por ele, e muito mais a que Maria Santíssima fizera. Compreendeu que, por Ela, esse favor lhe foi antecipado e, em virtude de seus merecimentos, depois dos de Cristo, fôra-lhe preparado na aceitação divina.

Desde esse momento, ficou agradecido e com íntimo afeto de veneração e devoção à grande Rainha do céu, cuja dignidade lhe foi revelada. Sempre a reconheceu por sua restauradora. Conheceu também o ofício de apóstolo para o qual era chamado, e o que nele teria que trabalhar e sofrer até a morte. Com estes mistérios, lhe foram revelados outros muitos arcanos que, ele mesmo afirmou, não lhe era permitido manifestar (**2 Cor 12, 4**).

Não obstante, para tudo quanto compreendeu ser da vontade divina, ofereceu-se para cumprir, sacrificando-se totalmente para executá-la, como depois o fez. A beatíssima Trindade aceitou o sacrifício e oferta de seus lábios, e em presença de todos os cortesãos do céu, constituiu-o pregador e doutor das gentes, vaso de eleição, para levar pelo mundo o santo nome do Altíssimo.

Contrição de Saulo

264. Este dia foi de grande gozo e alegria acidental para os bem-aventurados, que fizeram novos cânticos de louvor, exaltando o poder divino em tão rara e nova maravilha. Se a conversão de qualquer pecador lhes traz alegria (**Lc 15, 7**), que seria a que assim manifestava a grandeza e misericórdia do Senhor, e revertia em tanto benefício dos mortais e glória da santa Igreja?

Saulo voltou do rapto transformado em São Paulo. Levantou-se do solo, mas parecia-lhe estar cego, sem poder ver a luz do sol. Levaram-no a Damasco, na casa de um seu conhecido onde, com admiração de todos, permaneceu três dias, sem comer e beber, mas em altíssima oração. Prostrou-se em terra, e como estava em estado de chorar suas culpas, apesar de já perdoado, com dor e arrependimento da vida passada, disse: Ái de mim, em que trevas e cegueira vivi, como caminhava tão apressado à eterna perdição!

Oh! amor infinito! Oh! caridade sem medida! Oh! suavidade da bondade eterna! Quem, Senhor meu e Deus imenso, vos inclinou a tal demonstração com este vil inseto, com este blasfemo e inimigo vosso? Quem poderia obrigar-vos, senão Vós mesmo e os rogos de vossa Mãe e Esposa?

Quando eu, cego nas trevas, vos perseguia, Vós, Senhor piedosíssimo, saístes ao meu encontro! Quando ia derramar sangue inocente, que sempre ficaria clamando contra mim, Vós, que sois Deus de misericórdia, me lavais e purificais com o vosso, e me fazeis participante de vossa inefável divindade!

Como cantarei eternamente tão inauditas misericórdias? Como chorarei minha vida tão odiosa a vossos olhos? Preguem os céus e a terra vossa glória. Eu pregarei vosso santo nome, e o defenderei no meio de vossos inimigos. Estas e outras razões repetia São Paulo em sua oração, com incomparável contrição e outros atos de ardentíssima caridade, profunda humildade e gratidão.

O discípulo Ananias

265. Ao terceiro dia, depois da conversão de Saulo, falou o Senhor em

visão a um discípulo chamado Ananias, que se encontrava em Damasco (**At 9, 10 sgs**). Chamando-o pelo nome como a servo e amigo, mandou-o à casa de um homem chamado Judas; indicou-lhe o bairro em que morava, e que nessa casa perguntasse por Saulo de Tarso, que encontraria em oração. Ao mesmo tempo Saulo teve visão do Senhor, na qual viu o discípulo Ananias que se aproximava e, impondo-lhe as mãos sobre a cabeça, lhe restituiu a vista.

Ananias, porém, ignorando esta visão de Saulo, respondeu ao Senhor: Estou informado, Senhor, que este homem perseguiu vossos santos em Jerusalém, e fez grande estrago entre eles. Não satisfeito com isto, veio a esta cidade com requisitórias dos príncipes dos sacerdotes, para prender a quantos invocam vosso nome. A uma pobre ovelhinha como eu, ordenais que vá procurar o lobo que a quer devorar?

Replicou o Senhor: Vai, porque este mesmo que julgas meu inimigo, é meu vaso de eleição, que levará meu nome a todos os povos, reinos, e aos filhos de Israel. E Eu mostrarei tudo o que ele há de sofrer por meu nome. O discípulo viu então tudo o que havia acontecido.

Saulo recupera a vista e as forças

266. Confiado nesta palavra do Senhor, obedeceu Ananias; foi logo à procura de Saulo (**At 9, 17 e sgs.**) que encontrou orando, e lhe disse: Irmão Saulo, nosso Senhor Jesus Cristo que te apareceu no caminho, me envia para que recebas a vista, e sejas cheio do Espírito Santo. Recebeu também a sagrada Comunhão da mão de Ananias, reanimou-se e começou a se recuperar. Por todos estes benefícios, deu graças ao Altíssimo de cuja mão os recebia, e alimentou-se corporalmente, o que há três dias não fazia.

Ficou alguns dias em Damasco, pondo-se em contato com os discípulos do Senhor que ali residiam. Prostrando-se a seus pés lhes pediu perdão, rogando-lhes que o aceitassem por servo e irmão, apesar de ser o menor e mais indigno de todos. Com o parecer e conselho deles, saiu logo em público e começou a pregar a Cristo como Redentor e Messias, com tal sabedoria e zelo que confundia aos judeus incrédulos que viviam em Damasco, onde tinham muitas sinagogas.

Admiraram-se todos da novidade, e assombrados diziam: Por acaso, não é este o homem que em Jerusalém tem perseguido, a fogo e sangue, todos os que invocam este nome? E não veio a esta cidade para levá-los presos aos príncipes dos sacerdotes? Pois que novidade é esta que estamos vendo com ele?

Época da conversão de São Paulo

267. São Paulo ia se recuperando, e pregando cada dia mais (**At 9, 20**), convencendo judeus e gentios, de maneira que resolveram tirar-lhe a vida, e aconteceu o que adiante vamos referir, de passagem.

A miraculosa conversão de São Paulo deu-se um ano e um mês depois do martírio de Santo Estêvão, a vinte e cinco de Janeiro, dia em que a santa Igreja a celebra. Era o ano trinta e seis do nascimento de Cristo, porque Santo Estêvão, como fica dito no capítulo 12, morreu completado o ano de trinta e quatro, e no primeiro dia do ano trinta e cinco. A conversão de São Paulo foi no primeiro mês do ano trinta e seis. Nesse tempo, São Tiago andava pregando, como direi em seu lugar[5].

5 - Adiante, nº 319.

Maria agradece a Deus a conversão de São Paulo

268. Voltemos à nossa grande Rainha e Senhora dos anjos que, com a ciência e visão, de que muitas vezes falei[6], conheceu tudo o que se passou com Saulo: seu primeiro e infeliz estado, sua fúria contra o nome de Cristo, sua queda no caminho e a causa dela, sua mudança, conversão, e principalmente o singular favor de ter sido levado ao céu empíreo onde viu claramente a Divindade, e tudo o mais que em Damasco acontecia.

Era conveniente, e como devido à piedosa Mãe, que lhe fosse manifestado este grande mistério, por ser Mãe do Senhor e de sua santa Igreja, e por ter sido instrumento de tão grande prodígio. Além disso, só Ela foi capaz de apreciá-lo dignamente, mais do que o próprio São Paulo, e do que todo o corpo místico da Igreja.

Não seria justo que um favor tão singular, e obra tão prodigiosa do Onipotente, ficasse sem o agradecimento que lhe deviam os mortais. Isto realizou, com plenitude, Maria Santíssima. Foi a primeira a celebrar a solenidade deste milagre, com reconhecimento correspondente ao que todo o gênero humano teria podido oferecer.

A grande Mãe convidou todos os seus anjos, com outros inumeráveis que vieram do céu à sua presença. Com estes coros de espíritos celestes, fez um cântico de louvor a Deus, para a glória e exaltação do poder, sabedoria e liberal misericórdia que havia manifestado com São Paulo. Fez outro cântico aos méritos de seu Filho santíssimo, em cuja virtude se havia operado aquela conversão, cheia de prodígios e maravilhas. Este agradecimento e fidelidade de Maria Santíssima agradou o Altíssimo, e o deixou, a nosso modo de entender, como pago pelo que havia concedido a São Paulo, em benefício de sua Igreja.

São Paulo pensa em Maria Santíssima

269. Não deixemos passar em silêncio, as apreensivas cogitações do novo apóstolo sobre a piedosa Mãe: se teria lugar em sua afeição, e o que dele teria pensado, quando era inimigo e perseguidor de seu Filho Santíssimo e de seus discípulos, tencionando aniquilar a Igreja.

Estes pensamentos de São Paulo não procediam tanto de ignorar o que desejava saber, como da humildade e veneração com que considerava a Mãe de Jesus. Por então, não sabia que a grande Senhora estava a par de tudo o que lhe acontecia. Depois que a conheceu em Deus, como medianeira de sua conversão, compreendeu também sua maternal piedade. Não obstante, a fealdade de sua vida passada o retraía, humilhava e lhe suscitava receios de ser indigno da graça de tal Mãe, cujo Filho perseguira tão cega e violentamente.

Parecia-lhe que para perdoar tão graves culpas, era mister misericórdia infinita, e a Mãe era pura criatura. Por outro lado, animava-se lembrando que perdoara aos que crucificaram seu Filho, e que faria outro tanto com ele. Os discípulos falavam-lhe de quão piedosa e terna era para os pecadores e necessitados, e com isto aumentavam-lhe os desejos de vê-la.

Propunha lançar-se a seus pés, e beijar o solo que pisavam. Logo, porém, se confundia com o acanhamento de se pôr na presença da verdadeira Mãe de Jesus, que vivia em carne mortal, e estaria muito ofendida. Pensava pedir-lhe que o castigasse, como para lhe oferecer alguma satisfação, mas também achava esta vingança dissonante, para a clemência daquela que havia pedido e alcançado tão liberal misericórdia para ele.

6 - nº 179

Maria envia-lhe saudação e bênção

270. Entre estas e outras cogitações, permitiu o Senhor que São Paulo padecesse algumas dolorosas, mas doces penas. Por fim, falando consigo, disse: Cria coragem, homem vil e pecador, que sem dúvida te receberá e perdoará quem rogou por ti, por ser Mãe verdadeira daquele que morreu por tua salvação. Ela procederá como Mãe de tal Filho, pois ambos são misericórdia e clemência e não desprezam o coração contrito e humilhado (**Sl 50, 19**).

Não eram ocultos à divina Mãe os pensamentos e temores do coração de Paulo, pois tudo conhecia com sua altíssima ciência. Sabia também que tão breve, o novo apóstolo não poderia vir vê-la pessoalmente, e com maternal afeto e compaixão, não quis que se adiasse tanto o consolo que São Paulo desejava.

Para enviá-lo de Jerusalém, onde se encontrava, a Senhora chamou um de seus santos anjos e lhe disse: Espírito celeste e ministro de meu Filho e Senhor, compadeço-me da dor e apreensão que São Paulo sofre em seu humilde coração. Suplico-vos, meu anjo, ide logo a Damasco e consolai-o em seus temores. Dai-lhe parabéns por sua feliz sorte, e adverti-o da gratidão que eternamente deve à clemência com que meu Filho e Senhor chamou-o à sua amizade e graça, escolhendo-o para seu apóstolo. A nenhum homem, jamais fez igual misericórdia como a ele.

De minha parte lhe direis que, em todos seus trabalhos, o ajudarei como Mãe e o servirei como serva, assim como sou de todos os apóstolos e ministros que pregam e santo nome e doutrina de meu Filho. Em meu nome dar-lhe-eis a bênção, e dizei-lhe que a envio, em nome daquele que se dignou incarnar-se em minhas entranhas e alimentar-se com meu leite.

Embaixada do anjo e resposta de São Paulo

271. O Santo anjo cumpriu prontamente a embaixada de sua Rainha, chegando prontamente á presença de São Paulo, que continuava em oração, pois isto aconteceu no dia seguinte ao de seu batismo, o quarto dia de sua conversão.

Apareceu-lhe o anjo, em forma humana visível, com admirável luz e formosura e lhe referiu tudo o que Maria Santíssima lhe ordenou. Ouviu São Paulo a mensagem com incomparável humildade, reverência e alegria de seu espírito. Respondeu ao anjo: Ministro soberano do onipotente e eterno Deus, eu vilíssimo entre os homens vos suplico, espírito amabilíssimo e divino que, assim como conheceis minha dívida, e a dignação da infinita misericórdia que em mim manifestou suas riquezas, dai-lhe graças e dignos louvores, porque sem eu o merecer, me assinalou com o caracter e luz divina de seus filhos.

Quando eu, cada vez mais, me afastava de sua bondade imensa, Ele me seguiu; quando fugia, saiu a meu encontro; quando, cegamente me entregava à morte, deu-me a vida; e quando o perseguia como inimigo, elevou-me à sua graça e amizade, pagando as maiores injúrias com os maiores benefícios. Ninguém se fez tão odioso quanto eu, e ninguém foi tão liberalmente perdoado e favorecido (**1 Tm 1, 13**). Tirou-me da boca do leão, para me tornar uma das ovelhas de seu rebanho. De tudo vós sois testemunha, ajudai-me, portanto, a ser eternamente agradecido.

À Mãe de misericórdia e minha Senhora, rogo-vos dizer-lhe que este seu indigno escravo está prostrado a seus pés, adorando a terra que pisam, e de coração contrito lhe suplico, perdoe quem foi tão ousado em pretender destruir o nome e a honra de seu Filho e verdadeiro Deus; que

esqueça minha ofensa, e proceda com este pecador blasfemo como mãe que, sempre virgem, concebeu, deu à luz e alimentou o mesmo Senhor que a criou, e para isto a escolheu entre as criaturas.

Mereço o castigo e vingança de tantos erros, e estou pronto para aceitá-lo; que eu sinta, porém, a clemência de seu piedoso olhar e não me expulse de sua graça e proteção. Receba-me por filho da Igreja que tanto ama. Para seu crescimento e defesa, sacrifico meus desejos e meu sangue, e em tudo obedecerei à vontade daquela que reconheço por minha salvação e Mãe da graça.

Alegria da Virgem Mãe

272. Voltou o santo anjo com esta resposta à presença de Maria Santíssima, e ainda que sua sabedoria não a ignorava, o celeste embaixador lha transmitiu. Ouviu-a com especial júbilo, e de novo deu graças e louvores ao Altíssimo, pelas obras de sua divina destra a favor de São Paulo, e pelo benefício que delas resultava a toda a Igreja e seus filhos.

Da confusão e derrota que sofreram os demônios, na maravilhosa conversão de São Paulo, e de outros muitos segredos que me foram manifestados sobre a malícia deste dragão, falarei o que for possível, no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Acolher a graça e cooperar com ela

273. Minha filha, nenhum dos fiéis deve ignorar, que o Altíssimo teria podido converter São Paulo e justificá-lo, sem operar tantas maravilhas, como seu poder infinito realizou nesse fato milagroso. Realizou-as, porém, para provar aos homens quão propensa é sua bondade para perdoá-los, e levantá-los à sua amizade e graça. Quis também instruí-los de como devem cooperar e responder a seus chamados, a exemplo deste grande apóstolo.

A muitos, o Senhor desperta e convida, com a força de suas inspirações e auxílios, e muitos dão resposta, se justificam e recebem os sacramentos da santa Igreja. Contudo, nem todos perseveram, e menor número ainda progride e caminha para a perfeição, porque, começando pelo espírito, vão deslizando e acabam na carne.

O motivo de não perseverarem na graça, e logo recair em suas culpas, é não terem dito em sua conversão, o mesmo que São Paulo: ''Senhor que quereis de mim e que eu faça por vós? ''(**At 9, 6**). Se alguns o pronunciam com os lábios, não é de todo o coração. Nele sempre reservam algum amor de si próprios, da honra, do dinheiro, do prazer e deleite e da ocasião do pecado, em que logo tornam a tropeçar e cair.

São Paulo, modelo de verdadeira conversão

274. O apóstolo São Paulo, porém, foi um vivo e verdadeiro modelo de convertido à luz da graça. Não só porque passou do extremo das culpas ao de admirável graça e favores, senão também porque cooperou com sua vontade a esta vocação: abandonou totalmente seu mau estado e sua própria vontade, entregando-se completamente à disposição da vontade divina. Esta renuncia de si, e submissão ao querer de Deus, estão contidas naquelas palavras: ''Senhor, que quereis que eu

faça?'' Nisto consistia todo o seu remédio, o quanto dependia dele. Tendo-as dito de todo o coração, contrito e humilhado, despojou-se inteiramente da própria vontade.

Entregou-se à do Senhor, determinando não ter potências e sentidos, daí em diante, para servirem aos perigos da vida natural e sensível, em que havia errado. Entregou-se à obediência do Altíssimo para executá-la, sem réplica ou delongas, por qualquer meio ou caminho que a conhecesse. E assim cumpriu logo o mandato do Senhor, entrando na cidade e obedecendo ao discípulo Ananias, em tudo quanto lhe ordenou.

O Altíssimo, que perscruta o fundo do coração humano **(Jr 17, 10)**, conheceu a sinceridade com que Paulo correspondia à sua vocação e como se entregava incondicionalmente à vontade e disposição divina. Por isto, não só o recebeu com tanto agrado, como nele multiplicou tantas graças, dons e favores milagrosos. Paulo não os teria merecido, nem recebido, se não estivesse tão resignado ao querer do Senhor, e nisto consistiu sua disposição para os receber.

Docilidade a Deus

275. De acordo com estas verdades, quero minha filha, que procedas com toda a plenitude, que muitas vezes te exortei e mandarei: renuncia e afasta-te de todas as criaturas, e esquece o visível, aparente e falso. Repete muitas vezes, mais com o coração do que com os lábios: ''Senhor, que quereis que eu faça?'' Por que, se quiseres fazer ou consentir em alguma ação ou movimento de tua própria vontade, não será verdade que desejas, somente e em tudo, a vontade do Senhor.

O instrumento não tem outro movimento nem ação, fora daquele que lhe imprime a mão do artífice; se o tivesse por si mesmo, poderia resistir e contrariar a vontade de quem o maneja. O mesmo acontece entre Deus e a alma: se ela tem algum querer, sem aguardar que Deus a movimente, contraria o beneplácito do Senhor. Como Ele respeita a liberdade que lhe deu, deixa-a errar; já que ela quer assim e não espera a moção de seu artífice.

Obediência aos representantes de Deus

276. Na vida mortal, não convém que os atos das criaturas sejam, milagrosamente, controlados pelo poder divino. E para que os homens não aleguem ignorância, Deus gravou-lhes no coração sua lei, e em seguida a deixou em sua santa Igreja. Por ela chegarão ao conhecimento da vontade divina, para a cumprir e por ela se governar. Além disto, colocou em sua Igreja os superiores e ministros. Ouvindo-os e obedecendo-lhes como ao mesmo Deus que os assiste **(Lc 10, 16)**, as almas teriam a certeza de neles obedecer ao Senhor.

Tudo isto, caríssima, está à tua disposição com grande abundância, para não teres movimento, raciocínio, desejo, nem pensamento algum, procedentes de tua própria vontade. Assim, nada faças fora da vontade e obediência de quem se encarrega de tua alma. A ele o Senhor te envia, como enviou Paulo a seu discípulo Ananias. Tua obrigação é ainda maior, porque além de tudo isso, o Altíssimo te olhou com especial amor e graça. Quer que sejas em sua mão, instrumento para mover, assistir e governar por Si mesmo, por Mim e pelos santos anjos. Ele tudo faz com fidelidade, atenção e continuidade, como tu sabes.

Considera, pois, como é razoável que morras a todo teu querer. Em ti só permaneça o querer divino, para só ele ser

a alma e a vida de todos teus movimentos e operações. Corta, pois, todos teus raciocínios e adverte que, se teu entendimento abrangesse a sabedoria dos maiores doutos, o conselho dos mais prudentes, e toda a inteligência que os anjos possuem por sua natureza - com tudo isto não acertarias a cumprir a vontade de Deus, nem chegarias de muito longe a conhecê-la, como acertarás abandonando-te inteiramente a seu beneplácito.

Só Ele conhece o que convém, e com amor eterno o deseja. Escolheu teus caminhos e te conduz por eles. Deixa-te levar e guiar por sua divina luz. Não percas tempo em discutir sobre o que terás de fazer, porque nisto está o perigo de errar, enquanto em meu ensino está toda tua segurança e acerto. Grava-o em teu coração e põe-no em prática, para mereceres minha intercessão que te conduzirá ao Altíssimo.

CAPÍTULO 15

EXPOSIÇÃO SOBRE A INVISÍVEL GUERRA DOS DEMÔNIOS CONTRA AS ALMAS. MODO COMO O SENHOR AS DEFENDE, POR SI, POR SEUS ANJOS E POR MARIA SANTÍSSIMA. CONCILIÁBULO NO INFERNO CONTRA A RAINHA DA IGREJA DEPOIS DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO.

A Sagrada Escritura prova a ação diabólica

277. Graças à copiosa doutrina das sagradas Escrituras[7] e depois a dos santos doutores e mestres, a Igreja católica está instruída, e seus filhos avisados, da malícia e crueldade vigilantíssima com que os persegue o inferno, trabalhando este com sua astúcia para levar a todos, se lhe fosse permitido, aos tormentos eternos.

Pelas mesmas Escrituras, sabemos como o infinito poder do Senhor nos defende, e se quisermos nos valer de seu invencível poder e proteção, caminharemos seguros até conseguir a felicidade eterna, que nos preparou pelos merecimentos de Cristo nosso Salvador, se nós tivermos cooperado para merecê-la.

Foi para nos garantir esta segurança, e nos consolar com essa confiança, diz-nos São Paulo, que se escreveram todas as santas Escrituras **(Rm 15, 4)**, e para que não fosse vã nossa esperança, a não ser que recusemos ajuntar-lhe nossas obras. Por isto, o apóstolo São Pedro uniu as duas coisas. Depois de dizer que ponhamos no Senhor toda nossa solicitude, porque Ele cuida de nós, **(1 Pd 5, 7)**, acrescentou: Sede sóbrios e vigilantes, porque vosso adversário o diabo, como um leão a rugir vos rodeia, procurando a quem devorar **(Idem, v.8)**.

Chamada aos homens

278. Estes e outros avisos da Sagrada Escritura, são comuns e gerais. Da contínua experiência, os filhos da Igreja poderiam descer aos particulares, e fazer prudente juízo das ciladas e perseguições dos demônios para os perder. Os homens, porém, terrenos e animais, acostumados somente ao que percebem pelos sentidos, não elevam o pensamento a coisas mais elevadas **(1Cor 2, 14)**. Vivem com falsa segurança, ignorando a desumana e oculta crueldade com que os demônios procuram, e conseguem sua perdição. Ignoram também a proteção divina com que são defendidos e sustentados, e como ignorantes e cegos, nem agradecem este favor, nem temem aquele perigo.

Ai da terra, disse São João no Apocalipse **(Ap 12, 12)**, porque desceu até vós Satanás, com a grande indignação de sua ira! Esta dolorosa exclamação, o Evangelista ouviu no céu, onde, se pudesse existir dor, os santos a sentiriam, vendo a traiçoeira guerra que tão poderoso, furibundo e mortal inimigo vinha fazer aos

7 - Gn 3, 1 ; Par 21, 1; Jó 1, 2 ; Zc 3, 1 ; Mt 13, 19 ; Lc 8, 13; 13, 16; At 5, 3; 2 Cor 14, 4; 11, 14; Ef 6, 11; 1 Ts 2, 18; 1 Pd 5, 8; Ap 2, 10, etc.

homens. Todavia, ainda que os santos não possam se afligir com este perigo, assim mesmo se compadecem de nós, enquanto que nós, com esquecimento e indiferença tremenda, nem nos afligimos, nem temos compaixão de nós mesmos.

Foi para despertar deste torpor, aos leitores desta História, que em todo o decurso dela, me foi concedida compreensão dos ocultos conluios de maldade que fizeram e fazem os demônios, contra os mistérios de Cristo, contra a Igreja e seus filhos. Assim, deixei escrito em diversos lugares, alguns segredos da invisível guerra que nos fazem os espíritos malignos, para nos atrair à sua servidão.

Neste lugar, por se ter tratado do que aconteceu na conversão de São Paulo, o Senhor me explicou melhor esta verdade para escrevê-la. Conhecer-se-á o contínuo combate e altercação que, acima da esfera de nossas almas, nossos anjos travam com os demônios para as defender. Ver-se-á o modo como os vence o poder divino, por intermédio dos bons anjos, de Maria Santíssima, de Cristo nosso Senhor ou por Si mesmo, o Todo-poderoso.

Combates entre os bons e os maus anjos

279. Na sagrada Escritura há claros testemunhos das altercações que os santos anjos têm com os demônios, para defender-nos de sua inveja e malícia. Para meu escopo basta supô-las, sem transcrevê-las. É sabido o que o apóstolo São Judas Tadeu diz em sua epístola (**Judas 9**): São Miguel altercou com o diabo, porque este inimigo queria descobrir o corpo de Moisés, quando o santo Arcanjo, por ordem do Altíssimo, o havia sepultado em lugar oculto aos judeus.

Lúcifer pretendia que o encontrassem, para induzir o povo a adorá-lo com sacrifícios, pervertendo em idolatria o culto prescrito pela lei. São Miguel se opunha, a fim de o sepulcro não ser descoberto. A inimizade de Lúcifer e seus demônios pelos homens é tão antiga, quanto a rebelião desta serpente, e tão cheia de raiva e crueldade, quanto de soberba e ódio contra Deus.

Esta soberba começou no céu, quando Lúcifer conheceu que o Verbo eterno queria assumir carne humana, e

nascer daquela Mulher que viu vestida de sol (**Ap 12, 1**), como falamos um pouco na primeira parte (nº 90, 91). Por reprovar estes desígnios da eterna sabedoria e não sujeitar sua cerviz, nasceu neste soberbo anjo o ódio contra Deus e suas criaturas. E, como não pode atingir a Deus, vinga-se nas obras do Senhor.

Por sua natureza angélica, o demônio é irreversível na determinação de sua vontade. Embora mude as formas de perseguir os homens, não muda o sentimento. Pelo contrário, seu ódio sempre cresce, ao ver os favores que Deus concede aos justos e santos da Igreja, e ao sofrer as derrotas, que lhe inflige a descendência daquela Mulher, sua inimiga. Apesar de lhe armar suas ciladas diabólicas, Ela lhe esmagaria a cabeça (**Gn 3, 15**) conforme a pena que Deus lhe cominou.

A vida mortal é um combate

280. Espírito intelectual, este inimigo não se cansa, e madruga tanto em nos perseguir, que inicia o bombardeio desde o instante em que começamos a existir, no seio de nossa mãe. O combate não termina até a alma se despedir do corpo, verificando-se o que disse o santo Jó: a vida do homem é uma luta sobre a terra (**Jó 7, 1**).

Esta batalha não consiste apenas em sermos concebidos no pecado original, e lhe herdarmos o *fomes peccati* e paixões desordenadas que nos inclinam ao mal; mas além desta guerra e contradição, que sempre trazemos em nossa própria natureza, o demônio também nos combate, com a maior violência. Vale-se de toda sua astúcia, do poder que lhe é permitido, e ainda de nossos próprios sentidos, potências, inclinações e paixões.

Procura, também, aproveitar-se de outras causas naturais, para nos tirar a vida e com ela a salvação eterna; se não consegue tanto, procura ao menos perverter-nos e arrebatar-nos a graça. Não deixa de atentar contra nós, nenhum dos males e danos de quantos forja em seu entendimento, alvejando-nos desde o momento de nossa concepção, até o último da vida, e até esse temos de combater.

Os demônios e a concepção humana

281. Tudo isto se passa, principalmente entre os filhos da Igreja, da seguinte maneira. Logo que o demônio conhece que houve a geração natural de um corpo humano, observa primeiro a intenção dos pais: se estão em pecado ou na graça, se excederam ou não no uso da geração; qual o tipo de seus organismos, de cujas qualidades, ordinariamente, os corpos concebidos participam. Observam também as causas naturais, tanto gerais como particulares, que concorrem à geração e organização dos corpos humanos.

Com estes dados, mais a longa experiência que têm, rastream quanto podem a compleição ou inclinações que terá o concebido, e desde já vão fazendo prognósticos para o futuro. Se o prevêem bom, procuram, quanto lhes é possível, impedir a última geração ou infusão da alma, tentando às mães e induzindo-as a se exporem a perigos, para que abortem dentro dos quarenta ou oitenta dias da concepção, prazo que decorre até a infusão da alma.

Conhecendo, porém, que Deus cria e infunde a alma, enfurecem-se estes dragões e procuram que a criança não chegue a nascer, nem a receber o batismo, se nasce onde a possam logo batizar. Para tanto, assaltam as mães com sugestões e tentações, para praticarem desordens e excessos, que produzam o aborto da criança, ou sua morte no seio materno. Entre os

católicos e hereges que usam o Batismo, contentar-se-iam os demônios de impedir que o recebam, para que não se justifiquem no limbo, onde não verão a Deus. Com os pagãos e idólatras não se preocupam tanto, porque ali a condenação será certa.

Deus limita o poder do demônio

282. Providenciou o Altíssimo a proteção e defesa contra esta maldade do dragão, por diversos modos. O comum é o da geral e grande providência com que governa as causas naturais, para que produzam seus efeitos nos tempos oportunos, sem que o poder dos demônios as possam impedir ou perverter. Para isto, limitou-lhes o poder, com o qual massacrariam o mundo, se o Senhor o deixasse à disposição de sua implacável malícia.

A bondade do Criador não permite, nem quer entregar suas obras, o governo das coisas inferiores, e muito menos dos homens, a seus jurados e mortais inimigos. No universo, eles servem apenas como vis carrascos num país bem ordenado; e mesmo nisso, só fazem o que lhes é mandado ou permitido.

Se os homens, por sua depravação, não dessem a mão a estes inimigos, aceitando suas mentiras e cometendo culpas que merecem castigo, toda a natureza guardaria sua ordem, nos efeitos próprios das causas comuns e particulares. Não haveria desgraças e males entre os fiéis, como acontecem nas produções da terra, nas doenças, nas mortes imprevistas, e em tantos malefícios que o demônio inventou. Todos estes males, os maus sucessos na concepção e nascimento das criaturas humanas, porque viciados por desordens e pecados, a conivência com o demônio, são motivos para merecermos ser castigados por sua malícia, pois a ela nos entregamos.

Proteção dos anjos aos concebidos

283. A esta providência geral, acrescenta-se a particular da proteção dos santos anjos, a quem como diz David, o Altíssimo ordenou que nos levassem em suas mãos, para não tropeçarmos nos laços de Satanás (**Sl 90, 12**); em outro lugar declara que enviará seu anjo que, com sua defesa, nos rodeará e livrará dos perigos (**Sl 33, 8**).

Começando a perseguição, começa também esta defesa, desde o seio materno onde recebemos a existência, e dura até nossa alma se apresentar no tribunal de Deus, e ali receber definitivamente o estado e sorte que houver merecido.

No momento em que a criatura é concebida, Deus ordena aos anjos que guardem a ela e à mãe; depois, no tempo oportuno, nomeia um anjo em particular, para ser seu custódio, como se disse na primeira parte (nº 114). Deste modo, desde a geração, os anjos têm grandes altercações com os demônios, em defesa das criaturas confiadas à sua proteção.

Os demônios alegam que têm direito sobre a criança, por estar concebida em pecado, ser filha da maldição, indigna da graça divina, escrava dos mesmos demônios. O anjo defende-a, refutando que ela foi concebida pela ordem das causas naturais, sobre as quais o inferno não tem autoridade; que, se tem pecado original, contraiu-o através da mesma natureza, por culpa dos primeiros pais, e não de sua vontade pessoal; e que, não obstante o pecado, Deus a cria para que o conheça, louve, sirva, e em virtude dos méritos de sua Paixão, possa merecer a glória. Estes fins não se hão de impedir, só por vontade do demônio.

Altercações entre os demônios e os anjos

284. Alegam ainda os inimigos que, na geração do filho, os pais não tiveram reta intenção, nem a finalidade que deviam ter, e que excederam e pecaram no uso da geração. Este direito é o maior que o inimigo pode ter sobre a criança no seio materno, pois não há dúvida que os pecados desmerecem muito a proteção divina, e podem impedir a geração.

Ainda que isto acontece muitas vezes, e alguns concebidos não chegam a nascer, em geral são protegidos pelos anjos. Se forem filhos legítimos, alegam que seus pais receberam o Sacramento e bênção da Igreja, apresentando também algumas virtudes que possuem, como a prática da piedade, da esmola, de outras devoções e boas obras. De tudo se valem os anjos, como de armas contra os demônios, para defender seus protegidos.

Quanto aos filhos ilegítimos torna-se maior a contenda, porque o inimigo tem mais direito sobre a geração, na qual Deus é tão ofendido, e por justiça os pais merecem rigoroso castigo. Assim, Deus manifesta muito mais sua liberal misericórdia, no defender e conservar os filhos ilegítimos. Os santos anjos a alegam, acrescentando também que são efeitos de causas naturais, como disse acima (nº 283).

Quando os pais não têm méritos nem virtudes, mas culpas e vícios os anjos apresentam, a favor da criança, os merecimentos que encontram em seus ascendentes, avós ou irmãos, as orações dos amigos e protegidos dos anjos. Acrescentam que a criança não tem culpa de que os pais sejam pecadores, ou hajam se excedido na geração. Alegam também que aquelas crianças, vivendo, poderão chegar a grandes virtudes e santidade, e o demônio não tem direito de privar as crianças, de chegarem a conhecer e amar seu Criador.

Algumas vezes, Deus revela aos anjos que a criança é escolhida para alguma grande missão na Igreja. Então, eles aumentam a vigilância em sua defesa, enquanto o demônio recrudesce na raiva e perseguição, pois da solicitude dos anjos bons, conjectura o valor daquela alma humana.

Armas dos anjos

285. Estas altercações, e outras de que falaremos, são espirituais, como o são seus protagonistas, anjos e demônios. Espirituais são também as armas com que pelejam os anjos e o mesmo Senhor. As mais ofensivas contra os espíritos malignos, são as verdades divinas dos mistérios da Divindade e Santíssima Trindade; de Cristo nosso Salvador; da união hipostática; da Redenção e do amor imenso com que nos ama, enquanto Deus e enquanto homem, procurando nossa eterna salvação. Em seguida, vêm a santidade e pureza de Maria Santíssima, seus mistérios e merecimentos.

De todos estes sacramentos, Deus e os santos anjos dão novas espécies aos demônios, compelindo-os a considerá-los e a entendê-los. Acontece, então, o que disse São Tiago, que os demônios crêem e tremem **(Tg 2, 19)**. Estas verdades os aterram e atormentam, de tal modo, que para delas desviar a atenção, precipitam-se nos abismos. Costumam pedir a Deus que lhes tire aquelas espécies, principalmente as da união hipostática, que os atormentam mais do que o fogo que padecem, por causa do ódio que nutrem aos mistérios de Cristo.

Por isto, nestas batalhas, os anjos repetem muitas vezes: Quem como Deus? Quem como Cristo Jesus, Deus e homem verdadeiro, que morreu pelo gêne-

ro humano? Quem como nossa Rainha, Maria Santíssima, isenta de todo o pecado e que deu carne e forma humana ao Verbo eterno em seu seio, sendo e permanecendo sempre Virgem?

Proteção dos anjos aos recém-nascidos e privilégios dos batizados

286. Nascendo a criança, continua a perseguição dos demônios e a defesa dos anjos. Aqui é que recrudesce o ódio mortal desta serpente, pelas crianças que podem receber a água do batismo, trabalhando muito, por todos os modos, para lhes impedir esse favor. A inocência do infante parece clamar ao Senhor, como disse Ezequias: Responde, Senhor, por mim, pois sofro violência (**Is 38, 14**).

Os anjos assim o fazem, em nome das crianças. Guardam-nas, naquela idade, com grande cuidado, porque já estão fora das mães, não podem defender-se por si mesmas, e o desvelo de quem as cria, por grande que seja, não pode prever e acudir tantos perigos que naquela idade ocorrem. Muitas vezes os anjos suprem esta falta; guardam-nas quando estão dormindo ou sozinhas, e noutras ocasiões em que pereceriam muitas crianças, se não fossem defendidas por eles.

Nós, que chegamos a receber o Batismo e a Confirmação, temos nestes Sacramentos poderosa defesa contra o inferno, pelo caráter com que somos marcados por filhos da Igreja;.pela justificação com que somos regenerados, como filhos de Deus e herdeiros de sua glória; pelas virtudes da fé, esperança, caridade e outras que nos adornam e fortalecem para fazer o bem; pela participação nos demais sacramentos e sufrágios da Igreja, onde nos são aplicados os méritos de Cristo, de seus Santos e outros grandes benefícios que nós, fiéis, confessamos. Se nos valêssemos de tais armas, venceríamos o demônio, e ele não teria parte em nenhum dos filhos da santa Igreja.

Ao chegar o uso da razão

287. Lamentável é que sejam raros os que, em chegando ao uso da razão, não percam a graça do Batismo e não passem ao partido do demônio, contra Deus! Aqui, parece que seria justiça Ele nos desamparar, e recusar-nos a proteção de sua providência e de seus santos anjos. Não o faz, porém; pelo contrário, quando começamos a desmerecer, alarga sua clemência, para manifestar em nós a riqueza de sua infinita bondade.

Não se pode explicar com palavras, qual e quanta seja a malícia, a astúcia e diligência do demônio, para induzir os homens, e derribá-los em algum pecado, no momento em que começam a ter o uso da razão. Para obter este resultado, começam a trabalhar com grande antecedência e procuram que, durante os primeiros anos da infância, se acostumem a muitos atos viciosos; que ouçam e vejam semelhantes atos em seus pais, ou em quem os cria, ou em companheiros de mais idade e mais viciosos; que os pais se descuidem de lhes evitar este mau exemplo, naqueles primeiros anos.

Nesta época, como em cera branda e tábua rasa, se imprimem nas crianças tudo o que percebem pelos sentidos, e por aqui o demônio lhes excita as inclinações e paixões, pelas quais geralmente as criaturas humanas se deixam guiar, se não forem assistidas com especial auxílio. Daqui resulta que, chegado ao uso da razão, seguem as inclinações ou fantasia. Fazendo-os cair em algum pecado, o demônio logo toma posse de suas almas, adquirindo di-

reito para trazê-los a outros pecados, como infelizmente e de ordinário acontece a todos.

Defesa dos anjos

288. Não é menor a diligência e cuidado dos santos anjos, em prevenir este mal defendendo-nos do maligno. Para isto, dão muitas inspirações santas aos pais: que cuidem da criação de seus filhos; que os instruam na lei de Deus; que os acostumem à vivência cristã e a algumas devoções; que as afastem de todo mal e comecem a se exercitar nas virtudes. As mesmas inspirações envia às crianças, de acordo com seu desenvolvimento e com a luz que lhes dá o Senhor, para o que deseja realizar em suas almas.

Nesta defesa, surgem grandes altercações entre anjos e demônios. Estes malignos espíritos alegam todos os pecados que tenham os pais, e os atos errados que os filhos cometem. Se bem estes não sejam culpáveis, o demônio diz que são atos que lhe pertencem, e lhe dão direito de prosseguir trabalhando naquela alma. Se ela, com o uso da razão começa a pecar, é mais forte a resistência que fazem, para que os santos anjos não as retirem do pecado.

Alegam os bons anjos as virtudes dos pais e antepassados, e as boas ações das próprias crianças, ainda que seja apenas pronunciar o nome de Jesus e de Maria, quando lhes ensinam. Alegam que já começaram a honrar o santo nome do Senhor e de sua Mãe. Reforçam sua defesa, se as crianças têm outras devoções, se sabem e rezam as orações cristãs. De tudo se valem os anjos, como de armas do próprio homem, pois com qualquer ato bom, tiramos ao demônio o direito que adquiriu sobre nós pelo pecado original, e ainda pelos pecados atuais.

Resistência dos demônios à criatura humana

289. Quando chega ao uso da razão, torna-se mais renhida a batalha entre os anjos e os demônios. Desde o momento em que cometemos alguns pecados, esta serpente põe extrema solicitude em que percamos a vida antes de fazermos penitência, e assim nos condenemos. Para nos fazer cair em novos delitos, enche de ciladas e perigos todos os caminhos, em qualquer estado de vida, embora os perigos sejam diferentes para cada caso.

Se os homens conhecessem este segredo, que realmente acontece, e vissem as redes e tropeços que, por culpa dos próprios homens, o demônio semeia, andariam todos temendo, muitos mudariam seu estado de vida ou não o adotariam, outros deixariam os postos, ofícios e dignidade que ambicionam. Como, porém, ignoram o risco, vivem na insegurança, porque não entendem nem acreditam senão o que percebem pelos sentidos.

Por isto, não temem os enredos e covas que, para sua infeliz ruína, o demônio lhes prepara. Em tais condições, são tantos os néscios, e poucos os sensatos e verdadeiramente sábios; muitos os chamados, e poucos os escolhidos; os viciosos e pecadores inumeráveis, e raros os virtuosos e perfeitos.

À medida que os pecados de cada um se multiplicam, o demônio vai adquirindo atos positivos de posse sobre a alma. Se não pode tirar a vida daquele que tem por seu escravo, procura, pelo menos, tratá-lo como vil servo. Alega que cada dia é mais seu, que a alma assim o quer, e não é justo roubar-lha nem lhe dar auxílios, pois a alma não os aceita; nem lhe aplicar os méritos de Cristo, que despreza, nem a intercessão dos Santos, que esquece.

Caridade dos anjos

290. Com estas e outras razões, que não é possível referir aqui, pretende o demônio privar do tempo para a penitência aos que considera seus. Se não consegue isto, procura impedir os caminhos por onde possam chegar a justificar-se, e o consegue com muitas almas. Mas a ninguém falta a proteção divina e a defesa dos santos anjos que, infinitas vezes, nos livram do perigo de morte. Isto é tão certo, que quase todos o puderam experimentar no decurso da vida.

Os anjos enviam-nos contínuas inspirações e chamamentos; movem todas as causas e meios convenientes para nos avisar e despertar. Ainda mais: defendem-nos da fúria e sanha dos demônios, e alegam contra eles a favor de nossa defesa, tudo quanto a inteligência de um anjo e bem-aventurado pode encontrar, e tudo aquilo que sua ardentíssima caridade e poder consegue abranger.

Tanto assim é necessário, muitas vezes, com algumas ou com muitas almas que se entregam à jurisdição do demônio, e só para esta temeridade usam de sua liberdade e potências.

Não falo dos pagãos, idólatras e hereges. A estes os anjos custódios defendem, dão boas inspirações e movem, para que façam boas obras morais, que depois alegam em sua defesa.

O que mais comumente fazem é defender-lhes a vida, para que Deus justifique mais sua causa, tendo-lhes dado tanto tempo para se converterem. Os anjos também procuram impedir que cometam todas as culpas que os demônios pretendem. A caridade dos anjos vai até a desejar que não mereçam tantas penas, enquanto a malícia do demônio deseja que elas sejam sempre maiores.

Cristãos em graça: os santos e os imperfeitos

291. No corpo místico da Igreja, são maiores as porfias entre os anjos e demônios, segundo os diferentes estados das almas. A todos protegem com a defesa comum, e com armas também comuns que são: o sagrado Batismo com o caracter que imprime, a graça, as virtudes, boas obras e merecimentos, quando os têm; as devoções aos santos, as orações dos justos que pedem por eles, e qualquer bom impulso que tiverem em toda sua vida.

Para os justos, esta defesa é poderosíssima. Como estão na graça e amizade de Deus, os anjos possuem maior direito contra os demônios. Não só os repelem, mas ainda lhes mostram as almas justas e santas como temíveis para o inferno. Só por este privilégio, deveríamos estimar a graça acima de tudo o que existe.

Há muitas almas tíbias e imperfeitas que ora caem no pecado, ora se levantam. Sobre estas, os demônios alegam mais direito, para submetê-las à sua crueldade. Os santos anjos, porém, as defendem e trabalham muito para que a cana rachada, como diz Isaias, não se acabe de quebrar, e a mecha fumegante não se apague de todo (**Is 42**).

Os pecadores inveterados

292. Existem almas tão infelizes e depravadas que, depois que perderam a graça do Batismo, durante toda a vida não fizeram quase nenhum bem; e se alguma vez se levantaram do pecado, voltam e permanecem nele, com tanta indiferença que parecem ter fechado as contas com Deus! Vivem e agem sem esperança da outra vida, sem temor do inferno, nem escrúpulos de qualquer pecado.

Nestas almas, não há ação vital de graça, nem impulso de verdadeira virtude, e os santos anjos nelas não encontram algo de bom, para alegar em sua defesa. Os demônios clamam: Esta, pelo menos, de qualquer modo é nossa, está sujeita a nosso poder, e a graça não tem parte nela. E, representam aos anjos todos os pecados, maldades e vícios daquela alma, que voluntariamente serve a tão mau patrão.

Aqui é incrível e indizível o que se passa entre os demônios e os anjos. Os inimigos se opõe furiosamente que a ela sejam dadas inspirações e auxílios, mas como não podem resistir ao poder divino, empregam enorme esforço para que a alma não atenda aos chamados do céu.

Com tais almas acontece, geralmente, este fato surpreendente: todas as vezes que Deus, por Si ou por meio de seus anjos, lhes envia alguma santa inspiração, outras tantas é necessário afugentar os demônios, para que ela perceba a inspiração, e aquelas aves de rapina não venham logo devorar a boa semente (**Lc 8, 12**).

A defesa destas almas, ordinariamente, é feita pelos anjos, com aquelas palavras que disse acima (nº 285): Quem como Deus que habita nas alturas? Quem como Cristo que está à destra do eterno Pai? Quem como Maria Santíssima?; e outras semelhantes. Delas fogem os dragões infernais, e às vezes caem nos abismos, ainda que depois, como não se lhes acaba a raiva, voltam ao combate.

Os anjos pedem a intervenção de Maria

293. Procuram também os inimigos, com todo o esforço, que os homens multipliquem os pecados, para completarem logo o número de suas iniquidades, esgotarem o tempo da penitência e da vida, e assim os levarem aos seus tormentos. Os santos anjos, porém, que se alegram com a conversão do pecador (**Lc 15, 10**), não podendo consegui-la por si, trabalham muito em colaboração com todos os filhos da Igreja,(**Gl 6, 10**) em evitar-lhes inúmeras ocasiões de pecar, para que nelas não se detenham e pequem menos.

Quando, com todas estas diligências e outras que os mortais desconhecem, não podem tirar do pecado a tantas almas, valem-se da intercessão de Maria Santíssima, e lhe pedem interpor-se como medianeira junto ao Senhor, encarregando-se de confundir os demônios. E para que os pecadores tenham, pelo menos, qualquer coisa para atrair a clementíssima piedade da Senhora, os anjos incitam a lhe terem alguma especial devoção, e a lhe oferecerem algum obséquio.

É verdade, que todas as boas obras feitas em pecado são mortas, e armas fraquíssimas contra o demônio. Não obstante, sempre possuem alguma congruência, ainda que remota, pela honestidade de seus objetos e boas finalidades. Com elas, o pecador está menos indisposto do que sem elas. Além disto, quando apresentadas pelos anjos, e ainda mais por Maria Santíssima, estas obras adquirem certos vislumbres de vida, de modo que o Senhor as olha muito diferentemente do que ao vê-las no pecador. E, ainda que não as leve em consideração por si mesmas, recebe-as em atenção de quem lhas oferece.

O poder de Maria

294. Por este caminho, incontáveis almas livram-se do pecado e das unhas do dragão, intervindo Maria Santíssima, quando não basta a defesa dos anjos. Não tem número as almas que che-

gam a tão tremendo estado, que só o braço poderoso desta grande Rainha lhes pode valer. Os demônios se exasperam de raiva, quando vêm que algum pecador chama ou se lembra desta grande Senhora. Já sabem a piedade com que Ela acode e que, encarregando-se de sua causa, não lhes fica esperança nem ânimo para resistir, antes logo se dão por vencidos.

Muitas vezes acontece que, quando o Altíssimo quer operar alguma especial conversão, a Rainha ordena aos demônios que se retirem daquela alma e se lancem no abismo, o que sempre acontece quando Ela assim manda. Outras vezes, sem a Senhora os expulsar, Deus lhes mostra os mistérios, poder e santidade que nela se encerram. Aterrados e vencidos eles fogem, e deixam as almas livres para responder e cooperar com a graça, que a Senhora lhes alcança de seu Filho Santíssimo.

Intervenção da humanidade de Cristo e da divindade

295. Poderosa é a intercessão desta grande Rainha; formidável seu poder sobre os demônios; e em qualquer favor que o Altíssimo faz à Igreja e às almas, intervém Maria Santíssima. Apesar de tudo isto, em muitas ocasiões peleja por nós a humanidade do Verbo encarnado, e nos defende de Lúcifer e seus sequazes declarando-se, com sua Mãe, a nosso favor, e aniquilando os demônios. Tão grande é o amor que tem aos homens, e com o qual procura sua salvação eterna.

Isto acontece não somente quando as almas se justificam por meio dos sacramentos. Então sentem os inimigos contra si a virtude de Cristo e seus merecimentos mais imediatamente. Em conversões extraordinárias, porém, lhes dá espécies particulares. Apresenta aos malignos alguns, ou muitos mistérios seus, como disse acima (nº258), deixando-os aterrados e confundidos.

Neste modo foi a conversão de São Paulo, da Madalena e de outros santos. O mesmo se dá quando é necessário defender a Igreja, ou algum país católico, das traições e maldades, que contra eles fabrica o inferno para destrui-los.

Em semelhantes casos, não só a humanidade santíssima, mas também a divindade infinita, com poder que se atribui ao Pai, declara-se imediatamente contra os demônios, pelo modo explicado: dando-lhes novo conhecimento e espécies dos mistérios e onipotência com que os quer oprimir, vencer e despojar da presa que fizeram ou tencionam fazer.

Pecados desmerecem a proteção divina

296. Quando o Altíssimo interpõe estes meios tão poderosos contra o dragão infernal, todo aquele reino de confusão fica apavorado nos abismos durante muitos dias, dando horrendos rugidos, sem se poderem mover daquele lugar, até que o Senhor lhes dá permissão de voltar ao mundo.

Assim que a percebem, voltam a perseguir as almas com seu antigo ódio. Parece que não se ajusta com a soberba e arrogância, voltar a porfiar contra quem os venceu e derribou. Apesar disso, a inveja que têm dos homens poderem chegar a gozar de Deus, e a cólera com que deseja impedir-lhes, prevalece nos demônios para não desistirem de nos perseguir até o fim da vida.

Se os pecados dos homens não houvessem ofendido, tão desmedidamente, a misericórdia divina, entendi que Deus empregaria muitas vezes seu poder infinito, em defesa das almas, ainda que fosse

por modo milagroso. Faria semelhantes favores, principalmente em defesa do corpo místico da Igreja, e de alguns países católicos, aniquilando os planos do inferno, com os quais procura destruir a cristandade, como nestes infelizes tempos vemos com nossos olhos.

Não merecemos que o poder divino nos defenda, porque todos, em geral, irritamos sua justiça, e o mundo se confederou com o inferno. Deus permite que se entreguem ao poder diabólico, já que cega e obstinadamente os homens porfiam em cometer essa loucura.

A conversão de São Paulo

297. Foi esta a proteção que o Altíssimo dispensou a São Paulo, e operou sua conversão. Em sua mente divina escolheu-o, como ele diz (**Gl 1, 15**), desde o seio de sua mãe, assinalando-o por seu apóstolo e vaso de eleição. No decurso de sua vida, até perseguir a Igreja, não dava indícios desta vocação, e assim o demônio iludiu-se, como lhe acontece com muitas almas.

Não obstante, desde que foi concebido, o inimigo o observou, previu seu temperamento, e reparou no cuidado com que os anjos o defendiam e guardavam. Começou o ódio do dragão, que desejou acabar com ele, desde os primeiros anos. Não o conseguiu, e quando o viu perseguir a Igreja, procurou conservar-lhe a vida, como disse acima (nº 253).

Para arrancar do erro a quem, tão ardorosamente, se entregara aos demônios, não bastou o poder dos anjos, e foi necessário a intervenção da poderosa Rainha, que tomou a causa por sua conta. Por Ela, Cristo e o eterno Pai intervieram, com a virtude divina, e com seu poder arrebataram Saulo das unhas do dragão. A presença de Cristo, num instante, precipitou nas profundezas do inferno o dragão, e todos os demônios que acompanhavam e instigavam Saulo no caminho de Damasco.

Lamúrias de Lúcifer

298. Nesta ocasião, Lúcifer e seus demônios sentiram o açoite da onipotência divina. Apavorados, permaneceram alguns dias arrasados, no fundo das cavernas infernais. Mas no momento em que o Senhor lhes retirou as espécies com as quais os tinha confundido, voltaram a respirar e retomar sua ira.

O grande dragão convocou os outros e lhes falou: Como posso ter sossego, com tantas ofensas, que todos os dias recebo desse Verbo humanado, e daquela Mulher que o concebeu e deu à luz? Onde está minha fortaleza? Para onde foram meu poder e minha cólera, e os grandes triunfos que obtive sobre os homens, depois que, sem razão, Deus me precipitou do céu neste abismo? Parece, meus amigos que o Onipotente quer fechar as portas deste inferno, e deixar abertas as do céu. Nosso império será aniquilado e falharão meus planos de trazer a estes tormentos todo o resto dos homens.

Se além de os ter redimido com sua morte, Deus ainda lhes faz tais favores; se lhes manifesta tanto amor, e com seu poder e maravilhas os conquista e traz à sua amizade; ainda que tenham ânimo de fera e coração de pedra, deixar-se-ão vencer por amor e benefícios tão grandes. Todos o amarão e seguirão. Se não forem mais rebeldes e obstinados que nós, que alma será tão insensível que não se mostre agradecida a este Deus-Homem que, com tal ternura, procura sua glória?

Saulo era nosso amigo, instrumento de meus planos, sujeito à minha vontade e império, inimigo do Crucificado,

e eu o tinha destinado a receber crudelíssimos tormentos neste inferno. No meio de tudo isto, inesperadamente mo tirou das mãos, e com sua força e poder elevou um homenzinho terreno, a tão subida graça e benefícios, que nós, sendo seus inimigos, ficamos admirados. Que obras praticou Saulo para receber tão grande felicidade? Não estava a meu serviço, executando minhas ordens e ofendendo a Deus?

Pois, se com ele foi tão liberal, que não fará com os menos pecadores? Mesmo que não os chame e converta a Si com tantos milagres, os conquistará pelo Batismo e outros Sacramentos, como acontece todos os dias. O extraordinário exemplo de Saulo arrastará todo o mundo para Deus, quando eu pretendia, com o mesmo Saulo, extinguir a Igreja, que agora ele vai defender com todas as forças.

É possível que eu veja a baixa natureza humana, elevada à felicidade e graça que perdi, e que ela entre nos céus, donde eu fui expulso? Isto me atormenta mais que o fogo, em meu próprio furor; enfureço e enlouqueço por não me poder aniquilar; faça-o Deus e não me deixe nesta pena.

Já que isto não acontecerá, dizei, meus vassalos, que faremos contra este Deus tão poderoso? A Ele não podemos atingir, mas nestes homens, que Ele tanto ama, podemos tomar vingança, pois nisto contrariamos sua vontade. Minha grandeza está ainda mais ofendida e indignada contra aquela Mulher, nossa inimiga, que lhe deu o ser humano.

Quero tentar novamente destruila e vingar a injúria de nos ter tirado Saulo, e nos ter lançado neste inferno. Não sossegarei enquanto não a vencer. Para isto, vou atacá-la com todos os meios que minha ciência inventou contra Deus e contra os homens, depois que desci ao abismo. Vinde todos ajudar-me nesta demanda e obedecei à minha vontade.

Lúcifer decide perseguir a Igreja e Maria Santíssima

299. A esta exortação e decisão de Lúcifer, alguns demônios lhe disseram: Nosso chefe e capitão, estamos prontos para te obedecer, sabendo o quanto nos atormenta esta Mulher, nossa inimiga. É possível, porém, que Ela nos resista, e despreze nossas diligências e tentações, como já sabemos ter feito noutras ocasiões, mostrando-se superior a tudo.

O que Ela sentirá mais é tocarmos nos seguidores de seu Filho, porque os ama e cuida muito deles como Mãe. Levantemos perseguição contra os fiéis, que para isto está de nosso lado todo o Judaísmo, irritado contra esta nova Igreja do Crucificado. Por meio dos pontífices e fariseus, conseguiremos tudo o que intentamos contra estes fiéis, e então voltarás tua sanha contra essa Mulher inimiga.

Aprovou Lúcifer este conselho, dando-se por satisfeito com a proposta dos demônios. Ficou combinado que iriam destruir a Igreja por mão de outros, como haviam tentado por meio de Saulo. Deste decreto resultou o que direi adiante, e a peleja que Maria Santíssima travou com o dragão e seus demônios, conquistando grandes vitórias para a santa Igreja, conforme citação que fiz na primeira parte, capítulo dez.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA DOS ANJOS.

Tática diabólica

300. Minha filha, por meio de

palavras nunca chegarás, na vida mortal, a explicar inteiramente a inveja que Lúcifer e seus demônios têm dos homens; a malícia, astúcia, dolo e engano com que sua indignação os persegue, para levá-los ao pecado e depois às penas eternas.

Ele procura impedir tudo quanto de bom os homens possam fazer e, se fazem, deturpa suas ações e trabalha por pervertê-las e destrui-las. Sua malícia pretende incutir nas almas, todas as maldades que consegue forjar.

Contra esta suma iniquidade é admirável a proteção divina, da qual os homens sempre gozariam, se de sua parte cooperassem e correspondessem. Para isto lhes admoestou o Apóstolo (**Ef 5, 15-16**) que, entre os perigos e ciladas dos inimigos, atendam a viver com cautela; não como insipientes, mas como sábios, redimindo o tempo; porque os dias da vida mortal são maus e cheios de perigos. Noutra parte (**Cor. 15, 58**) diz que sejam firmes e constantes, repletos de todas as boas obras, pois seu trabalho não será inútil diante do Senhor.

O inimigo conhece e teme esta verdade e procura, com grande malícia, desalentar as almas quando estas cometem alguma culpa. Deste modo, perdem a confiança, enchem-se de despeito e abandonam as boas obras. Era o que o demônio procurava, porque assim lhes tira as armas, de que os santos anjos se valem para combater em defesa dos homens.

Ainda que as obras do pecador não têm a vida da caridade, nem mérito de graça e glória, não deixam de ser de grande proveito para quem as pratica. Algumas vezes acontece, que o bom hábito de as praticar, inclina a divina bondade a lhes dar mais eficazes auxílios. Chegam assim a fazê-las com fervor, arrependimento do pecado e verdadeira caridade, com que conseguem a justificação.

O bem, arma para os bem-aventurados. O mal, arma para os demônios

301. De qualquer bem que a criatura faz, nós os bem-aventurados, nos servimos como argumento para defendê-la de seus inimigos, e para pedir à misericórdia divina que a olhe e tire do pecado. Os santos também acodem, quando são invocados de todo o coração, nos perigos e necessidades, e assim respondem à afetuosa devoção que se tem por eles.

Se os santos, pela caridade que possuem, são tão inclinados a favorecer os homens, entre os perigos e contradições que os demônios lhes suscitam; não te admires, caríssima, que Eu seja tão piedosa com os pecadores, que me chamam e recorrem à minha clemência, para obterem a salvação. Eu a desejo infinitamente mais que eles mesmos.

Não se podem contar os que Eu arranquei ao dragão infernal, por me terem tido devoção, ainda que fosse apenas rezar uma Ave-Maria, ou dizer uma só palavra para me honrar ou invocar. Tanta é minha caridade por eles que, se a tempo, sinceramente me chamassem, ninguém pereceria. Os pecadores e réprobos, porém, não fazem isso. As feridas espirituais do pecado, não sendo sensíveis ao corpo, não os incomodam, e quanto mais repetidas, menos dor e sentimento produzem. Depois do primeiro pecado, o segundo já é ferimento em corpo morto, que não sabe temer, evitar, nem sentir o dano que recebe.

Desprezo das oportunidades de salvação

302. Esta duríssima insensibilidade produz nos homens o esquecimento de sua eterna condenação, e da sanha com que os demônios os procuram para suas vítimas. Sem se perguntar em que baseiam

esta falsa segurança, dormem e descansam em seu próprio mal, quando deveriam temê-lo e fazer séria ponderação da eterna morte que os ameaça tão de perto. Assim, pelo menos, recorreriam ao Senhor, a Mim e aos Santos, para pedir o remédio.

Não obstante, nem isto, que custa pouco, sabem fazer, até o tempo que não o podem obter, porque o pedem sem as condições convenientes para lhes ser concedido. Para alguns, alcanço a salvação no último instante, porque sei quanto custou a meu Filho Santíssimo redimi-los. Este privilégio, todavia, não pode ser regra geral para todos, e assim condenam-se tantos filhos da Igreja.

Ingratos e insipientes, desprezam tantos e tão eficazes meios, como lhes oferece a divina clemência no mais oportuno tempo. Ser-lhes-á grande remorso ter conhecido a misericórdia do Altíssimo, a piedade com que os quero socorrer, e a caridade dos santos para interceder por eles. Não quiseram dar glória a Deus; nem a Mim e aos anjos e Santos o gozo que teríamos em salvá-los, se nos tivessem chamado de todo o coração.

Ressonância do bem e do mal, no céu e no inferno

303. Quero, minha filha, manifestar-te ainda outro segredo. Já sabes o que meu Filho e Senhor diz no Evangelho (**Lc 15, 10**): Os anjos alegram-se no céu quando algum pecador faz penitência, e se converte ao caminho da vida eterna, por meio da justificação. O mesmo acontece, a seu modo, quando os justos praticam atos de verdadeira virtude, merecendo novos graus de glória.

Assim como isto acontece no céu, por causa da conversão dos pecadores e méritos dos justos, também se alegram os demônios no inferno, quando os justos pecam, ou quando os pecadores cometem novas culpas. Qualquer falta, por pequena que seja, que os homens cometam, produz satisfação para os demônios e para o inferno.

Os que andam a tentá-los, logo dão aviso aos que estão naqueles eternos calabouços, para se alegrarem com a notícia daqueles novos pecados, para guardá-los como em registro, a fim de acusar os delinqüentes na presença do justo Juiz; e para saberem que adquiriram maior domínio e direito sobre os infelizes pecadores que se lhes submeteram, mais ou menos, conforme a gravidade do pecado cometido.

Tal é o ódio que nutrem contra os homens, e a traição que lhes fazem, quando os enganam com algum deleite momentâneo e aparente. O Altíssimo, porém, justo em todas as suas obras, ordenou também, em castigo desta aleivosia, que a conversão dos pecadores e boas obras dos justos, servissem igualmente de particular tormento para estes inimigos que, com suma iniquidade, se alegram com a perdição humana.

Conversão: festa para o céu, tormento para o inferno

304. Este açoite da divina Providência atormenta grandemente a todos os demônios. Não apenas os humilha e oprime no ódio mortal que têm pelos homens, mas ainda com as vitórias dos santos e dos pecadores convertidos, tira-lhes o Senhor grande parte da força que haviam adquirido pelos que se deixam vencer por seus enganos, e pecam contra seu verdadeiro Deus.

Com o novo tormento, que nestas ocasiões recebem os demônios, estes ator-

mentam também os condenados. E, assim como há novo gozo no céu pelas obras santas e pela penitência dos pecadores, há escândalo e nova confusão no inferno. Os rugidos e despeito dos demônios produzem novas penas acidentais, para todos os que vivem naqueles calabouços de confusão e horror. Deste modo, com tão contrários efeitos, projetam-se até o céu e o inferno, a conversão e justificação do pecador.

Quando as almas se justificam por meio dos Sacramentos, em particular a confissão feita com verdadeira contrição, acontece muitas vezes que os demônios não se atrevem a se aproximar do penitente. Por muitas horas, não têm coragem nem de olhá-lo, se ele mesmo não lhes der forças. Isto acontece quando, ingrato, volta aos perigos e ocasiões de pecado, e assim os demônios perdem o medo que a verdadeira penitência e justificação lhes infundira.

A única tristeza no céu

305. No céu não pode existir tristeza e dor. Mas, se fosse possível, nenhum acontecimento do mundo contristaria os santos, a não ser a recaída de um convertido na privação da graça, ou no afastamento dela, tornando o pecador sempre mais incapacitado para recuperá-la. Tão violenta é a natureza do pecado para comover o céu com dor e pena, como o é a virtude e penitência para atormentar o inferno.

Atende, pois, caríssima, em que perigosa ignorância destas verdades vivem comumente os mortais. Privam o céu do gozo que lhe dá a justificação de qualquer alma; recusam a Deus e glória exterior que esta lhe proporciona, e ao inferno poupam a pena e castigo que receberiam os demônios, que passam a se alegrar com a queda e perdição dos homens.

Como fiel e prudente serva, com a ciência que recebes, desejo que trabalhes em reparar estes males. Procura aproximar-te da confissão sempre com fervor, estima, veneração e íntima contrição de tuas culpas. Este remédio é de grande terror para o dragão, que se esforça muito em atrapalhar e enganar astutamente as almas, induzindo-as a receber este Sacramento com tibieza, por costume, sem contrição e as demais condições convenientes. Este empenho do demônio é, não só para perder as almas, como também para evitar o tormento que sente ao ver um verdadeiro penitente justificado, tormento que o oprime e humilha na malignidade de sua soberba.

Erro e mentira, caminhos da perdição

306. Acima de tudo, te advirto minha amiga, do seguinte: É verdade certa, que estes dragões infernais são autores e mestres da mentira; sua ação sobre os homens é para os enganar em tudo, e com duplicada astúcia pretendem sempre infundir-lhes o espírito do erro, para levá-los à perdição.

Não obstante, quando estes inimigos, em seus conciliábulos, conferem entre si as fraudulentas decisões para enganar os mortais, discutem algumas verdades que conhecem e não podem negar. Entendem e examinam todas, não para ensiná-las aos homens, mas sim para obscurecê-las, misturando-lhes erros e falsidades que servem de porta para introduzir suas maldades.

E, porque, neste capítulo e em toda esta História, declaraste tantos conciliábulos e segredos da malícia destas malignas serpentes, estão indignadíssimas contra ti. Julgam que estes segredos jamais teriam chegado ao conhecimento dos homens, e que sempre ficaria ignorado o que

contra eles maquinam, em sua reuniões e conferências. Por este motivc, procuram se vingar com a indignação que conceberam contra ti.

O Altíssimo, porém, te assistirá, se o chamares, quando procuras esmagar a cabeça do dragão. Pede também à divina clemência que dê aos mortais sua divina luz, a fim de se aproveitarem destes avisos e doutrinas que te dou. Empenha-te em ser a primeira a corresponder a eles, com toda a fidelidade, como a mais obrigada entre todos os filhos deste século. Recebendo mais, seria horrenda tua ingratidão, e maior o triunfo de teus inimigos, os demônios, se conhecendo sua malignidade, não te esforçares por vencê-los, mediante a proteção do Altíssimo e dos anjos.

Eternidade: paraíso ou inferno.
Felicidade ou desgraça para sempre.

CAPÍTULO 16

MARIA SANTÍSSIMA CONHECEU OS PLANOS DO DEMÔNIO EM PERSEGUIR A IGREJA; PEDE, NO CÉU, À SANTÍSSIMA TRINDADE QUE A SOCORRA; AVISA OS APÓSTOLOS; SÃO TIAGO VAI PREGAR NA ESPANHA E ALI RECEBE, UMA VEZ, A VISITA DE MARIA SANTÍSSIMA.

Maria conhece os planos infernais

307. Quando Lúcifer e seus príncipes infernais, depois da conversão de São Paulo, estavam tramando a vingança, que desejam tomar de Maria Santíssima e dos filhos da Igreja - como fica dito no capítulo passado - não imaginaram que o conhecimento da grande Rainha e Senhora do mundo penetrava aquelas obscuras e profundas cavernas infernais, e o mais secreto de seus conselhos de maldade. Nesta ilusão prometiam-se aqueles cruentíssimos dragões, vitória certa na execução de seus decretos, contra Ela e os discípulos de seu Filho Santíssimo.

A bem-aventurada Mãe, porém, no seu retiro, e na claridade de sua divina ciência, via tudo quanto discutiam e resolviam estes inimigos da luz. Conheceu os fins e os meios que planejaram para alcançá-los; o ódio que nutriam contra Deus e contra Ela, e a mortal indignação contra os apóstolos e demais fiéis da Igreja.

Considerava também a prudentíssima Senhora, que os demônios nada podem fazer, sem a permissão do Senhor. Mas, como na vida mortal a luta é inevitável, os homens fracos e, em geral, ignorantes da maliciosa astúcia com que os demônios procuram sua perdição, encheu-se de cuidado e dor, ao ver os aleivosos planos dos demônios para destruir os fiéis.

Caridade de Maria Santíssima

308. Com esta ciência e caridade eminentíssima, participada tão imediatamente da do próprio Senhor, foi-lhe comunicado um modo de atividade infatigável, semelhante ao Ser divino, que sempre age como ato puríssimo. A diligente Mãe permanecia continuamente em amor e solicitude atual, pela glória do Altíssimo e socorro e consolo de seus filhos. Em seu casto e prudentíssimo peito, conferia os soberanos mistérios; relacionando o passado com o presente e o futuro, prevenia tudo com discrição e providência super-humana.

O ardentíssimo desejo da salvação de todos os filhos da Igreja, a compaixão maternal de seus trabalhos e perigos, fazia-a sentir, como suas, todas as tribulações que os ameaçavam. Quanto dependia de seu amor, desejava padecê-las por todos, se fosse possível; que os demais seguidores de Cristo trabalhassem na Igreja com gozo e alegria, ficando só para Ela as penas e tribulações.

Embora isto não concordasse com

a equidade e providência divina, ficamos devendo à caridade de Mãe Santíssima este raro e maravilhoso desejo. E, pode ser que a vontade de Deus, às vezes, condescendeu realmente com ele, para satisfazer as ânsias de seu amor, sofrendo Ela por nós e merecendo-nos grandes favores.

Maria recorre a Deus

309. Não conheceu, em particular, o que os inimigos maquinavam contra Ela naquele conciliábulo; só entendeu ser o alvo da maior cólera deles. Foi disposição divina ocultar-lhe algo do que tramavam, para depois ser mais glorioso o triunfo que sobre o inferno ia obter, como adiante diremos [8].

Tampouco era necessário à invencível Rainha, ser prevenida para as tentações e perseguições como aos demais fiéis que não possuíam coração tão elevado e magnânimo. Dos trabalhos e tribulações deles teve mais expresso conhecimento.

Como em todos os acontecimentos, recorria à oração para tratá-los com Deus, segundo aprendera pela doutrina e exemplo de seu Filho Santíssimo, logo se dirigiu a seu retiro e, com admirável reverência e fervor, prostrada em terra como costumava, disse ao Senhor:

Oração de Maria

310. Altíssimo Senhor e Deus eterno, incompreensível e santo, aqui está prostrada em vossa presença esta humilde serva, e vil bichinho da terra. Suplico-vos, Pai eterno, por vosso Unigênito, e meu Senhor Jesus Cristo, não desprezeis as súplicas e gemidos, que do íntimo de minha alma apresento diante de vossa caridade imensa, da qual fizestes participante a vossa escrava.

Em nome de toda vossa santa Igreja, de vossos apóstolos e fiéis servos, apresento, Senhor meu, o sacrifício da morte e sangue de vosso Unigênito; o de seu corpo sacramentado; as súplicas e orações que vos ofereceu no tempo de sua vida mortal e passível, a vós tão agradáveis e aceitas; o amor com que tomou a forma de homem em meu seio, para redimir o mundo; o tê-lo trazido nele nove meses e alimentado com meu leite; tudo vos apresento, meu Deus, para me permitirdes pedir o que deseja meu coração, que está aberto a vossos olhos.

Jesus intercede por sua Mãe

311. Nesta oração, a grande Rainha foi elevada em divino êxtase, no qual viu seu Unigênito pedindo ao eterno Pai, em cuja destra estava, conceder o que sua Mãe Santíssima pedia, pois todas suas súplicas mereciam ser aceitas e ouvidas; era sua verdadeira Mãe, e em tudo agradável à sua complacência.

Via também como o eterno Pai se comprazia em seus rogos, e olhando-a com sumo agrado, lhe dizia: Maria, minha filha, sobe mais para cima. A esta palavra do Pai, desceu do céu inumerável multidão de anjos, de diferentes ordens; chegando à presença de Maria Santíssima, levantaram-na da terra, onde estava com a face prostrada. Levaram-na em corpo e alma ao céu empíreo, e a colocaram ante o trono da beatíssima Trindade, que se lhe manifestou em visão altíssima, ainda que não intuitiva, mas por espécies.

Prostrou-se ante o trono, adorou o ser de Deus nas três divinas Pessoas, com profundíssima humildade e reverência; deu graças a seu Filho Santíssimo por

8 - nº 512 seg.

ter apresentado seu pedido ao eterno Pai, e lhe suplicou o fizesse novamente. Jesus Cristo, o divino Rei, que à direita do Pai reconhecia a Rainha dos céus por sua digna Mãe, não quis esquecer a obediência que na terra lhe havia prestado (**Lc 2, 51**). Diante de toda a côrte celeste, renovou este reconhecimento filial, e apresentou ao Pai os desejos e rogos de sua bem-aventurada Mãe. Respondeu o Pai eterno:

O eterno Pai ouve a Jesus e a Maria

312. Meu Filho, em quem minha vontade santa encontra a plenitude de meu agrado (**Mt 17, 5**); meus ouvidos estão atentos aos clamores de vossa Mãe, e minha clemência inclinada a todos os seus desejos e pedidos.- Voltando-se para Maria Santíssima, prosseguiu: Minha filha e amiga, escolhida entre milhares para meu beneplácito, és o instrumento de minha onipotência e a depositária de meu amor. Descansa de teus cuidados e diz-me, filha, o que pedes, que minha vontade se inclina a teus desejos e súplicas agradáveis a meus olhos.

Com este beneplácito, disse Maria Santíssima: Eterno Pai meu e Deus altíssimo, que dais o ser e conservação a tudo o que existe, meus desejos e súplicas são pela vossa santa Igreja. Atendei piedoso, que ela é a obra de vosso Unigênito feito homem, adquirida e fundada com seu próprio sangue (**At 20, 28**). Contra ela se levanta novamente o dragão infernal com todos vossos inimigos, seus aliados, pretendendo a ruína e perdição de vossos fiéis, fruto da redenção de vosso Filho e meu Senhor.

Confundi os planos de maldade desta antiga serpente, e defendei a vossos servos, os apóstolos e aos outros fiéis da Igreja. Para que eles sejam poupados das ciladas e fúrias destes inimigos, voltem-se todas contra mim, se for possível. Eu, Senhor, sou apenas uma pobre, e vossos servos muitos; gozem eles de vossos favores e tranqüilidade, para trabalharem por vossa exaltação e glória, e sofra eu as tribulações que os ameaça. Eu lutarei com vossos inimigos, e vós com o poder de vosso braço os vencereis e humilhareis em sua maldade.

São revelados à Virgem os desígnios da Providência

313. Minha Esposa e minha querida - respondeu o eterno Pai - teus desejos são aceitos a meus olhos, e concederei o que pedes, na medida possível. Defenderei meus servos, o quanto for conveniente para minha glória, e deixá-los-ei padecer o que for necessário para sua recompensa.

Para entenderes as razões de minha sabedoria em ordenar assim estes mistérios, quero que subas a meu trono, onde tua ardente caridade te reserva lugar no consistório de nosso grande conselho, e a singular participação de nossos divinos atributos. Vem, minha amiga, e entenderás nossos segredos no governo e crescimento da Igreja, e tu farás tua vontade que será a nossa, como agora vamos te revelar.

Na força desta suavíssima voz, Maria Santíssima conheceu que era elevada ao trono da Divindade e colocada à direita de seu unigênito Filho, com admiração e júbilo de todos os bem-aventurados, que ouviram a voz do Todo-poderoso. Foi realmente coisa nova e admirável para os anjos e santos, ver uma mulher em carne mortal, chamada e elevada ao trono do grande conselho da beatíssima Trindade, para conhecer mistérios ocultos aos outros, e encerrados no peito divino, para o governo de sua Igreja.

Maria, membro do conselho da Santíssima Trindade

314. Em qualquer cidade do mundo, ter-se-ia por grande maravilha chamar uma mulher para tomar parte em assembléias do governo público. Maior novidade seria introduzi-la nos recintos dos supremos conselhos, onde se estudam e resolvem os negócios públicos, de maior dificuldade e importância para os países e seus governos.

Com razão, esta novidade pareceria pouco segura, pois declarou Salomão **(Ecl 7, 28-29)**, que andou procurando a verdade e a razão entre as criaturas: entre mil homens encontrou um que as possuía, e entre as mulheres nenhuma. São tão poucas as que têm firmeza e retidão de juízo, por sua natural fragilidade, que em regra geral, de nenhuma se espera tanto. Mesmo que hajam algumas, não fazem número para tratar negócios de grande reflexão, se não receberem outra luz, mais do que a natural.

Nossa grande Rainha e Senhora, porém, não estava incluída nesta lei. Nossa mãe Eva, ignorante, começou a demolir a casa deste mundo, que Deus havia edificado, mas Maria Santíssima, sapientíssima e Mãe da Sabedoria **(Eclo 24, 24)**, a reedificou e renovou com sua incomparável prudência. Foi digna de participar no conselho da Santíssima Trindade, onde se tratava desta restauração.

Maria é ouvida pela Santíssima Trindade

315. Ali, foi-lhe perguntado novamente o que desejava para Si, para a santa Igreja e, em particular, para os apóstolos e discípulos do Senhor. A Mãe prudentíssima declarou outra vez seus fervorosos anseios, pela glória e exaltação do santo nome do Altíssimo, e o alívio dos fiéis na perseguição que, contra eles, tramavam os inimigos do Senhor. Ainda que Deus, em sua infinita sabedoria nada ignorava, mandou à grande Senhora o propusesse, para aprová-lo, comprazer-se nisso e pô-la mais a par de novos mistérios da divina sabedoria e da predestinação dos escolhidos.

Para explicar um pouco, do que me foi dado a entender sobre este sacramento, lembro que a vontade de Maria Santíssima era retíssima, santa, em tudo e por tudo perfeitamente ajustada e agradável à beatíssima Trindade. Parece, a nosso modo de entender, que Deus não podia querer alguma coisa contra a vontade desta prudentíssima Senhora, a cuja inefável santidade estava inclinado, e como cativo dos cabelos e dos olhos de tão dileta Esposa **(Ct 4, 9)**, única entre todas as criaturas.

Tratando-a o eterno Pai como Filha, o Filho como a Mãe e o Espírito Santo como Esposa, e tendo-lhe as três divinas Pessoas entregue a Igreja, pondo n'Ela a confiança de seu coração **(Pv 31, 11)**; por todos estes títulos, não queriam as divinas Pessoas ordenar coisa alguma, sem o beneplácito desta Rainha da criação.

Revelações concedidas a Maria

316. Para que a vontade do Altíssimo e a de Maria Santíssima fossem idênticas nestes decretos, foi necessário que, antes, a grande Senhora recebesse nova participação da divina ciência, e ocultíssimos desígnios de sua providência, pela qual, com peso e medida, dispõe todas as coisas de suas criaturas **(Sb 11, 21)**, seus fins e meios, com suma equidade e conveniência.

Por isto, foi dada a Maria

Santíssima, naquela ocasião, nova e claríssima luz de tudo o que, na Igreja militante, o poder divino iria realizar. Conheceu as secretas razões de todas estas obras; quais e quantos apóstolos iriam morrer, antes que Ela deixasse esta vida; os trabalhos que convinha padecerem pelo nome do Senhor; as razões que para isto havia, conforme os ocultos juízos do Senhor e a predestinação dos santos; que assim estabelecessem a Igreja, derramando o próprio sangue, como fizera seu Mestre e Redentor, ao fundá-la por sua Paixão e Morte.

Entendeu também, que aquele antecipado e doloroso conhecimento, do quanto os apóstolos e seguidores de Cristo iriam sofrer, compensaria, por sua compaixão, o muito que Ela desejava sofrer, mas não era conveniente. Para eles, era inevitável o momentâneo sacrifício, que os levaria ao prêmio eterno que os esperava (**2 Cor 4, 17**).

Para que a grande Senhora tivesse ainda maior mérito, ao saber que São Tiago morreria brevemente e que São Pedro seria preso, não lhe foi revelada a libertação deste pelo anjo. Entendeu também que, a cada um dos apóstolos e fiéis, o senhor pediria a espécie de sofrimento e martírio, de acordo com as forças de sua graça e espírito.

Maria prepara a Igreja para a perseguição

317. Para satisfazer, em tudo, a ardentíssima caridade desta Mãe prudentíssima, concedeu-lhe o Senhor pelejasse novamente com os dragões infernais, e lhes infligisse as derrotas, que os outros mortais não eram capazes de alcançar: que lhes esmagasse a cabeça e humilhasse sua arrogância, enfraquecendo-lhes os ataques contra os filhos da Igreja. Para estas batalhas, lhe renovaram os dons e participação nos divinos atributos, e as três Pessoas abençoaram a grande Rainha.

Os santos anjos trouxeram-na de volta ao oratório do Cenáculo, da mesma forma que a tinham levado ao céu empíreo. Assim que saiu do êxtase, prostrou-se em terra em forma de cruz, e apegada ao pó com incrível humildade, derramando ternas lágrimas, deu graças ao Todo-poderoso, por aquele novo favor com que a distinguira, sem esquecer as delicadezas de sua incomparável humildade. Durante algum tempo, tratou com os anjos sobre os mistérios e necessidades da Igreja, para acudir pelo ministério deles ao que, no momento, era mais necessário.

Pareceu-lhe conveniente prevenir os apóstolos de algumas coisas, encorajá-los para as penalidades que o comum inimigo lhes causaria, pois contra eles estava preparado o mais forte ataque. Falou com São Pedro, São João e aos outros que se encontravam em Jerusalém, prevenindo-os de muitas coisas que aconteceriam a eles e à santa Igreja. Confirmou a notícia que haviam tido da conversão de São Paulo, referindo-lhes o zelo com que ele pregava a lei de seu Mestre e Senhor.

Avisos aos apóstolos e discípulos

318. Aos apóstolos e discípulos que estavam fora de Jerusalém, enviou anjos para lhes participar a conversão de São Paulo, e os prevenir com os mesmos avisos que dera aos de Jerusalém. Ordenou a um dos santos anjos, em particular, fosse prevenir São Paulo das ciladas que o demônio tramava contra ele, que o encorajasse e o firmasse na esperança do auxílio divino em suas tribulações.

Obedecendo à sua grande Rainha e Senhora, os anjos desempenharam

estas embaixadas com sua rapidez natural manifestando-se em forma visível aos apóstolos e discípulos, a quem eram enviados. Foi de incrível conforto e encorajamento para todos, este singular favor de Maria Santíssima.

Pelos mesmos embaixadores, com humilde gratidão, todos responderam que estavam dispostos a morrer com alegria, por seu Redentor e Mestre. Nesta resposta distinguiu-se São Paulo. A devoção e desejos de ver e agradecer à sua Protetora, ditaram-lhe maiores manifestações de respeitosa consideração. Encontrava-se ele em Damasco, pregando e disputando com os judeus das sinagogas da cidade, ainda que depois foi pregar na Arábia; dali voltou novamente a Damasco, como direi adiante (nº 375).

São Tiago vai à Espanha

319. Dos apóstolos, São Tiago Maior era o que estava mais longe, tendo sido o primeiro que saiu de Jerusalém para pregar, como se disse acima (nº 236), e tendo pregado alguns dias na Judéia, veio para a Espanha, embarcando no porto de Jope, agora Jafa. Era o ano 35 do Senhor, pelo mês de agosto que se chamava Sextil, um ano e cinco meses depois da Paixão de Jesus, oito meses depois do martírio de Santo Estêvão e cinco antes da conversão de São Paulo, conforme dissemos nos capítulos 11 e 14 desta terceira parte.

De Jafa, Tiago veio à Sardenha e, sem se demorar nessa ilha, chegou logo à Espanha, desembarcando no porto de Cartagena, onde começou a pregação nesses reinos. Ficou poucos dias em Cartagena e, conduzido pelo Espírito do Senhor, encaminhou-se para Granada, onde viu que a messe era abundante, e a ocasião oportuna para sofrer por seu Mestre, como realmente aconteceu.

Maria Santíssima e São Tiago

320. Antes de começar a narração sobre o nosso grande apóstolo São Tiago, advirto que ele foi dos caríssimos e mais íntimos da grande Senhora do mundo. Exteriormente, Ela não lhe mostrava muito esta predileção, pela igualdade com que, prudentemente, tratava a todos, como se disse no capítulo 11 (nº 180). São Tiago era seu parente, irmão de São João. Com este, além do mesmo parentesco, havia outras razões para Maria Santíssima lhe externar

maior afeição, porque todo o colégio apostólico sabia que Jesus, na cruz, o nomeara por filho de sua Mãe puríssima (Jo 19, 26). Não assim com São Tiago ou outro dos apóstolos.

Interiormente, porém, Ela dedicava especial amor a São Tiago[9], e manifestou-o com singularíssimas graças que lhe fez, durante toda a vida até seu martírio.

9 - A respeito falamos um pouco na segunda parte, nº 1084.

São Tiago mereceu-as, pela singular e piedosa afeição por Maria Santíssima, distinguindo-se muito em sua íntima devoção e veneração.

Necessitou bem da proteção desta grande Rainha, porque era de generoso e magnânimo coração, de fervoroso espírito, e se expunha aos trabalhos e perigos, com indomável coragem. Por isto, foi o primeiro que saiu em missão, para pregar a fé e sofrer o martírio, antes de todos os apóstolos. No tempo que andou peregrinando e pregando, foi verdadeiramente raio e filho do trovão, apelativo que lhe foi dado ao entrar no colégio apostólico (**Mc 3, 17**).

A pregação de São Tiago

321. Na evangelização da Espanha, ele encontrou incríveis dificuldades e perseguições movidas pelo demônio, através de judeus incrédulos. Não foram pequenas as que depois sofreu na Itália e na Ásia Menor, para onde voltou a pregar, encontrando o martírio em Jerusalém. Em poucos anos percorreu muitas e longínquas terras.

Não é nosso escopo referir tudo o que São Tiago padeceu, em tão diversas viagens, mas só direi o que interessa a esta História. No mais, entendi que a grande Rainha do céu teve especial interesse e afeição a São Tiago, pelas razões que eu disse (nº 320), e por meio de seus anjos o defendeu, e livrou de grandes e muitos perigos.

Consolou-o e confortou-o muitas vezes, dando-lhe notícias e avisos particulares, pois, como viveria pouco tempo, disso tinha mais necessidade. Muitas vezes, o próprio Cristo, nosso Salvador, do céu enviou anjos para defender seu grande apóstolo, e o transportar de uns lugares a outros, guiando-o em sua peregrinação evangelizadora.

São Tiago em Granada

322. Entre os favores que São Tiago recebeu de Maria Santíssima, enquanto andou pelos reinos da Espanha, dois foram muitos especiais, porque a grande Rainha veio pessoalmente visitá-lo, e defendê-lo dos perigos e tribulações. Uma destas aparições foi em Saragoça, tão certa quanto célebre no mundo, e que hoje não poderia ser negada, sem destruir uma verdade tão piedosa, confirmada com grandes milagres e testemunhos, por mais de mil e seiscentos anos. Deste prodígio falarei no capítulo seguinte.

A outra, foi a primeira, e talvez não haja memória dela, porque foi oculta e aconteceu em Granada, conforme entendi. Foi do seguinte modo: Tinham os judeus naquela cidade algumas sinagogas, desde os tempos que vieram da Palestina à Espanha. A região era fértil, mais próxima do Mediterrâneo, e em conseqüência mais propícia para seus contatos com Jerusalém.

Quando São Tiago chegou em Granada, já tinham notícia do que, em Jerusalém, havia acontecido com Cristo nosso Redentor. Alguns desejavam se informar de sua doutrina, e saber que fundamento teria. Outros, mais numerosos, já tinham sido preparados pelo demônio, com ímpia incredulidade, para que não a aceitassem, nem permitissem fosse pregada aos gentios; era contrária aos ritos judaicos e a Moisés, e se os gentios abraçassem aquela lei, acabariam com o judaísmo. Com este diabólico engano, os judeus punham obstáculo à conversão dos gentios. Sabendo estes que Cristo, nosso Senhor era judeu, e vendo que os de sua nação e religião o

rejeitavam como falso e impostor, não se inclinavam facilmente a segui-lo, nos princípios da Igreja.

Perseguição dos Judeus

323. Chegando a Granada e pondo-se a pregar, os judeus começaram a oposição, publicando-o por aventureiro, impostor, inventor de falsas seitas, feiticeiro e mágico. São Tiago levava doze discípulos consigo, à imitação de seu Mestre. Como todos persistissem na pregação, crescia contra eles o ódio dos judeus, e de outros que a estes se agregaram. Resolveram acabar com os pregadores e, de fato, tiraram a vida de um dos discípulos de São Tiago que, com ardente zelo, enfrentou os judeus.

O Santo apóstolo e seus discípulos não temiam a morte, mas até a desejavam sofrer pelo nome de Cristo; assim continuaram com maior coragem a pregação de sua santa fé. Trabalharam muitos dias e converteram grande número de infiéis naquela cidade e comarca. A fúria dos judeus não se conteve mais. Prenderamnos e os arrastaram amarrados para fora da cidade. Amarraram-lhes os pés, para não fugirem com suas artes mágicas, e os iam degolar.

O santo apóstolo não cessava de invocar o auxílio do Altíssimo e de sua Virgem Mãe. Dirigindo-se a Ela, disse: Santa Maria, Mãe de meu Senhor e Redentor Jesus, ajudai nesta hora a vosso humilde servo. Rogai, Mãe dulcíssima e clementíssima, por mim e por estes fiéis, confessores da santa fé.

Se for vontade do Altíssimo que demos aqui a vida pela glória de seu santo nome, pedi Senhora, que receba minha alma na presença de sua divina face. Lembrai-vos de mim, Mãe piedosíssima, e abençoai-me em nome de quem vos escolheu, entre todas as criaturas. Recebei o meu sacrifício, de não ver mais os vossos olhos misericordiosos, se esta é a última hora de minha vida. Ó Maria, ó Maria!

Maria deseja socorrer São Tiago

324. São Tiago repetiu estas últimas palavras muitas vezes, e a grande Rainha as ouviu no oratório do Cenáculo onde presenciava, em visão muito clara, tudo o que acontecia com seu querido apóstolo.

O materno coração de Maria Santíssima comoveu-se de compaixão pela tribulação do seu servo, e afligiu-se de se encontrar tão longe. Sabia que nada era difícil ao poder divino, mas sentiu algum desejo de ajudar e defender o apóstolo naquela dificuldade. O saber que ele seria o primeiro a dar a vida por seu Filho Santíssimo, aumentou a compaixão da clemente Mãe.

Apesar de tudo, não pediu ao Senhor, nem aos anjos, que a levassem onde São Tiago estava. Com sua admirável prudência, compreendia que a divina Providência não faltaria ao que fosse necessário; para pedir estes milagres, ajustava seus desejos à vontade do Senhor, com suma discrição e medida, quando vivia em carne mortal.

Maria socorre São Tiago

325. Seu Filho e verdadeiro Deus, que atendia a todos os desejos de tal Mãe, santos, justos e cheios de piedade, no mesmo instante mandou os mil anjos que a assistiam, cumprir o desejo de sua Rainha e Senhora. Apareceram-lhe todos em forma humana, e lhe disseram o que ordenara

o Senhor. Sem mais demora, colocaram-na no trono de uma formosa nuvem e a trouxeram à Espanha, no campo onde estavam presos São Tiago e seus discípulos.

Os inimigos já haviam desembainhado os alfanjes para os degolar. Só o apóstolo viu a Rainha do céu, e da nuvem Ela lhe falou carinhosamente: Tiago, meu filho e caríssimo de meu senhor Jesus Cristo, tende coragem e sede bendito eternamente por Aquele que vos criou e chamou à sua divina luz. Vamos, servo fiel do Altíssimo, levantai-vos e ficai livre de vossas cadeias.

Do modo que lhe foi possível, por estar todo amarrado, o apóstolo prostrou-se na presença de Maria. À voz da poderosa Rainha, desataram-se as prisões, dele e dos discípulos, ficando todos livres. Os judeus, que estavam de arma nas mãos, caíram por terra, e ali ficaram sem sentidos, algumas horas. Os demônios que os instigavam foram precipitados no abismo.

São Tiago e seus discípulos deram graças ao Todo-poderoso por este favor. O apóstolo agradeceu particularmente à divina Mãe, com incomparável humildade e júbilo de alma. Os seus discípulos reconheceram o milagre, mas não viram a Rainha e os anjos. Seu mestre os informou, o quanto convinha para confirmá-los na fé, na esperança e na devoção a Maria Santíssima.

Atividades de São Tiago na Espanha

326. De grande importância foi este favor da Rainha. Não só impediu a morte de São Tiago, para que toda a Espanha fosse beneficiada com sua pregação e doutrina, mas ainda organizou sua missão. Mandou a cem anjos de sua guarda que acompanhassem o apóstolo, e o fossem guiando de uns lugares a outros. Que defendessem, a ele e a seus discípulos, de todos os perigos, e depois de terem percorrido toda a Espanha, os encaminhassem para Saragoça. Estes cem anjos, fizeram tudo o que sua Rainha lhes ordenou, e os outros a trouxeram de volta para Jerusalém.

Com esta guarda celestial, peregrinou São Tiago por toda a Espanha, com mais segurança do que os israelitas no deserto. Deixou em Granada alguns dos discípulos que trazia, os quais ali sofreram o martírio, e com os outros que já levava ou que ia conquistando, prosseguiu as viagens, pregando em muitos lugares da Andaluzia. Veio depois a Toledo, daí passou a Portugal à Galícia e a Astorga, e percorrendo diversos lugares, chegou a Rioja; por Logronho passou a Tudela e Saragoça, onde aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

Em toda esta peregrinação, foi São Tiago deixando discípulos, como bispos, em diferentes cidades da Espanha, implantando a fé e culto divino. Seus milagres foram tantos e tão prodigiosos, que não devem parecer incríveis os que se conhecem, pois são muito mais os que se ignoram. O fruto da sua pregação foi imenso, em relação ao tempo que esteve na Espanha. Tem sido errado dizer ou pensar que converteu muito poucos, pois em toda parte por onde passou neste Reino, deixou plantada a fé, com bispos para governar os filhos que gerou em Cristo.

Advertência da Escritora

327. Para terminar este capítulo quero advertir que, por diversos meios, conheci as diferentes opiniões de historiadores eclesiásticos, sobre muitas coisas que vou escrevendo; a saída dos apóstolos de Jerusalém para pregar; o terem repartido por sorte as regiões do mundo; a

composição do Símbolo da fé; a saída de São Tiago e sua morte.

A respeito de todos estes fatos entendi que os escritos variam muito, quanto aos anos em que sucederam, e o modo em concordá-los com os livros canônicos. Quanto a mim, não tenho ordem do Senhor para resolver estas dúvidas e controvérsias. Desde o princípio desta História declarei [10], que Deus me ordenou escrevê-la sem inserir-lhe suposições, para não confundi-las com a verdade.

Se o que escrevo é coerente; se em nada se opõe ao texto sagrado e se corresponde à dignidade da matéria que trato; é o quanto posso dar de autoridade à esta História, e mais não exigirá a piedade cristã. Pelo que escrevo, algumas controvérsias dos historiadores talvez possam ser resolvidas, mas isto o farão os eruditos.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Maria subiu ao céu muitas vezes

328. Minha filha, descreveste como o poder infinito me elevou ao seu trono real, para me fazer participante dos decretos de sua divina sabedoria e vontade. Esta maravilha é tão grande e singular, que excede a qualquer entendimento humano na vida terrena. Só na pátria e visão beatífica conhecerão os homens este mistério, com especialíssimo júbilo de glória acidental. Este benefício e admirável favor foi efeito e recompensa da caridade ardentíssima com que Eu amava o Sumo Bem, e da humildade com que me reconhecia sua escrava.

Estas virtudes me levantaram ao trono da Divindade, e ali me colocaram, quando ainda vivia em carne mortal. Quero que tenhas maior conhecimento deste mistério que, sem dúvida, foi dos mais elevados que operou em Mim a onipotência divina, e de maior admiração para os anjos e santos. Quanto à tua admiração, quero que a convertas em vigilantíssimo cuidado, e em vivos afetos de me seguir e imitar, nas virtudes que me atraíram tais favores.

Participação de Maria no poder da Santíssima Trindade

329. Adverte, pois caríssima, que não uma só, mas muitas vezes fui elevada, em carne mortal, ao trono da Santíssima Trindade, desde a vinda do Espírito Santo até quando, depois de minha morte, lá subi para gozar eternamente a glória que possuo.

No resto de minha vida, que ainda tens de escrever, entenderás outros segredos a respeito desse favor. Sempre, porém, que Deus mo concedeu, recebi copiosíssimos efeitos de graça e dons, por diferentes modos, possíveis ao poder infinito e à capacidade que me deu, para a inefável e quase imensa participação das divinas perfeições.

Nestas ocasiões, algumas vezes, me disse o eterno Pai: Filha e esposa minha, teu amor e fidelidade acima de todas as criaturas nos empenha, e nos dá a plena complacência que nossa santa vontade deseja. Sobe a nosso trono, para seres absorta no abismo de nossa divindade, e teres nesta Trindade o quarto lugar, quanto seja possível a pura criatura. Toma posse de nossa glória, cujos tesouros colocamos em tuas mãos.

Teu é o céu, a terra e todos os abismos. Goza na vida mortal dos privilégios de bem-aventurada, mais do que todos os santos. Sirvam-te todas as nações e criaturas a quem demos o ser. Obedeçam-

10 - 2ª Parte, nº 10 e 1115.

te os poderes dos céus, estejam sob tua obediência os supremos serafins, e todos nossos bens estejam a teu dispor, em nosso eterno consistório. Penetra os grandes desígnios de nossa vontade e sabedoria; toma parte em nossos decretos, pois tua vontade é retíssima e fidelíssima. Compreende as razões que temos para o que, justa e santamente, determinamos. A tua e nossa vontade seja a mesma, como também o motivo do que dispomos para nossa Igreja.

Participação de Maria no sofrimento dos homens

330. Com esta dignação, tão inefável como singular, o Altíssimo dirigia minha vontade para conformá-la com a sua. Deste modo, nada era executado na Igreja senão por minha disposição, e esta vinha a ser a do mesmo Senhor, cujas razões, motivos e conveniências eu conhecia em seu eterno desígnio.

Nele vi que, pela ordem normal, não me era possível como eu desejava, padecer todos os trabalhos e tribulações da Igreja, principalmente as dos apóstolos. Este caridoso desejo, ainda que impossível de se realizar, não me afastou da vontade divina. Foi ela que mo inspirou, como sinal e testemunho do amor sem medida com que O amava. E, por amor do mesmo Senhor, Eu tinha tanta caridade pelos homens, que desejava padecer os trabalhos e penalidades de todos.

Quanto de mim dependia, esta caridade era verdadeira, e meu coração estava pronto para executá-la, se fosse possível. Por isto, foi tão aceita aos olhos do Senhor, que me recompensou como se, de fato, a houvesse realizado, pois sofri grande dor de não sofrer por todos. Daqui nascia em Mim a compaixão que senti nos martírios e tormentos dos apóstolos, e dos demais que os sofreram e morreram por Cristo. Em todos, era afligida e atormentada e, de algum modo, morria com eles. Tal foi o amor que tive pelos fiéis, meus filhos. Agora, com exceção do sofrimento, esse amor continua o mesmo, embora eles não o conheçam, nem saibam quanto são obrigados a agradecer minha caridade.

Comunicação entre a Divindade, Cristo e Maria

331. Estes inefáveis benefícios Eu recebia à destra de meu Filho Santíssimo, quando da terra era elevada até Ele, e gozava de suas preeminências e glórias, no modo que era possível comunicá-las à pura criatura. Os ocultos decretos e mistérios da sabedoria infinita manifestavam-se, em primeiro lugar, à humanidade Santíssima de meu Senhor pela sua relação admirável com a divindade, à qual está unida no Verbo eterno.

Em seguida, mediante meu Filho Santíssimo, eram comunicados a Mim por outro modo. A união de sua humanidade com a pessoa do Verbo é imediata, substancial e intrínseca para ela. Assim, participa da Divindade e de seus decretos, no modo correspondente e proporcionado à união substancial e pessoal.

Eu, porém, recebi este favor por outra ordem admirável, e única para um ser de pura criatura sem divindade, embora semelhante à humanidade Santíssima, e depois dela, a mais próxima à Divindade. Não poderás entender mais, nem penetrar este mistério. Os bem-aventurados o conheceram, cada qual no grau correspondente à sua ciência. Todos entenderam, tanto a semelhança como a diferença entre Mim e meu Filho Santíssimo. Para todos foi, e ainda é, motivo para novos cânticos de louvor e glória ao Onipotente, pois esta maravilha foi uma das grandes obras que operou em Mim o seu poder.

Valor dos bons desejos

332. Para expandires tuas forças e a da graça em afetos e desejos santos, ainda que não te seja possível executá-los, revelo-te outro segredo: Quando eu conhecia os efeitos da Redenção na justificação das almas, e a graça que lhes era comunicada, para purificá-las e santificá-las mediante a contrição, o Batismo e outros Sacramentos, fazia tanto apreço daquele benefício, que dele sentia santa inveja e desejo.

Não tendo culpas de que me justificar e purificar, não podia receber aquele favor, no modo que os pecadores o recebiam. Todavia, porque, mais do que todos, chorei suas culpas e agradeci ao Senhor aquele benefício feito às almas, com tão liberal misericórdia, obtive com estes afetos, mais graça do que a que foi necessária para justificar a todos os filhos de Adão. Tanto assim agradava-se o Altíssimo de meus atos, dando-lhes todo esse mérito para acharem graça a seus divinos olhos.

Zelo pela salvação das almas

333. Considera, agora, minha filha, tua obrigação, após teres sido informada e instruída de tão veneráveis segredos. Não guardes ociosos os talentos, nem desprezes e inutilizes tantos bens do Senhor. Segue-me pela imitação perfeita de todas as minhas obras, que te manifesto.

Para mais te abrasares no amor divino, lembra-te continuamente como meu Filho santíssimo e Eu, na vida mortal, estávamos sempre anelando e suspirando pela salvação de todos os filhos de Adão, e chorando a perdição eterna, que tantos procuram para si próprios, nas falsas alegrias. Quero que te distingas e te exercites muito nesta caridade e zelo, como filha e discípula minha, e como esposa fidelíssima de meu Filho que, por esta virtude, entregou-se à morte de cruz.

Se não perdi a vida pela força dessa caridade, foi porque o Senhor milagrosamente a conservou, e foi esta virtude que me obteve lugar no trono e conselho da beatíssima Trindade. Se tu, amiga, fores tão diligente e fervorosa em me imitar, e tão atenta em me obedecer como quero, asseguro-te de que participarás dos favores que fiz a meu servo Tiago. Acudirei a tuas tribulações e te guiarei, conforme te prometi tantas vezes. Além disto, o Altíssimo será contigo muito mais liberal do que quanto puderes desejar.

CAPÍTULO 17

LÚCIFER LEVANTA OUTRA PERSEGUIÇÃO CONTRA A IGREJA; MARIA SANTÍSSIMA A REVELA A SÃO JOÃO, E ESTE DETERMINA SE TRANSFERIREM PARA ÉFESO; APARIÇÃO DE SEU FILHO SANTÍSSIMO QUE LHE ORDENA VIR A SARAGOÇA VISITAR O APÓSTOLO SÃO TIAGO. O QUE ACONTECEU NESTA VISITA.

Novas perseguições do inferno

334. São Lucas, no capítulo 8 dos Atos dos Apóstolos, menciona a perseguição que o inferno levantou contra a Igreja, depois da morte de Santo Estêvão. Chama-a "grande perseguição" porque realmente o foi, até a conversão de São Paulo, por intermédio de quem o dragão infernal a executava. De tudo isto falei no capítulo 12 e 14 desta parte.

De quanto nos capítulos imediatos fica dito, se entenderá que o inimigo de Deus não descansou, nem se deu por vencido, para desistir de atacar a Igreja e Maria Santíssima. Do que o mesmo São Lucas refere no capítulo 12 v.3, a prisão de São Pedro e São Tiago por Herodes, vê-se que depois da conversão de São Paulo houve outra perseguição. Isto se deduz por haver declarado expressamente, que Herodes enviou gente armada para afligir alguns filhos da Igreja (**At 12, 1**).

Para melhor se entender tudo o que fica dito e adiante direi, advirto que estas perseguições eram forjadas pelos demônios que irritavam os perseguidores, como diversas vezes expliquei [1]. Em certos tempos, a Providência divina davalhes esta permissão, e noutros a tirava, lançando-os no abismo, como aconteceu na conversão de São Paulo e noutras ocasiões [2]. Por este motivo, a Igreja primitiva gozava, algumas vezes, de tranqüilidade, como em todos os séculos sucede, enquanto noutros tempos, terminando a trégua, era atacada e afligida.

Paz e combate

335. A paz era conveniente para a conversão dos infiéis, e a perseguição para seu mérito e exercício. Assim as alternava, e alterna sempre, a sabedoria e providência divina. Por estes motivos, depois da conversão de São Paulo, teve alguns meses de tranqüilidade, enquanto Lúcifer e seus demônios ficaram subjugados no inferno, até voltarem a sair, como logo direi (nº336).

Desta serenidade fala São Lucas no capítulo 9 v.31, depois da conversão de São Paulo, dizendo que a Igreja gozava de paz em toda Judéia, Galiléia e Samaria, e ia crescendo, caminhando no temor de Deus e consolação do Espírito Santo. Ainda que o Evangelista tenha feito esta referência após ter escrito a vinda de São Paulo a Jerusalém, este período de paz foi muito anterior.

São Paulo veio a Jerusalém cinco

1 - Acima nºs 141, 186, 205, 250

2 - nºs 208, 297, 325, etc.

anos após sua conversão, como direi adiante (n ° 487). São Lucas, para ordenar sua história, contou-a antecipadamente, em seguida à conversão, como acontece com os Evangelistas em outros muitos fatos; costumam antecipá-los, para dizer o que interessa a seu assunto. Não escrevem tudo por ordem cronológica, embora, no essencial, guardem esta ordem.

Os demônios saem do inferno

336. Entendido tudo isto, prossigo o que disse no capítulo 15 a respeito do conciliábulo de Lúcifer, depois da conversão de São Paulo. Essa conferência infernal durou algum tempo, no qual o dragão e seus demônios deliberaram diversos meios para destruir a Igreja e, se pudessem, derribar a grande Rainha, do altíssimo estado de santidade em que a supunham, ainda que ignoravam infinitamente mais do que sabiam.

Passados estes dias que a Igreja gozou de sossego, saíram do abismo os príncipes das trevas, para por em execução os planos de maldades, que naqueles calabouços tinham forjado. Iam chefiados por Lúcifer, e é coisa digna de atenção que, tanta foi a indignação e raiva desta cruentíssima besta contra a Igreja e Maria santíssima, que tirou do inferno mais de dois terços de seus demônios, para a empresa que tencionava. Sem dúvida, deixaria despovoado aquele reino de trevas, se a malícia não o obrigasse a deixar lá parte destes infernais ministros, para tormento dos condenados.

Além do fogo eterno, procedente da Justiça divina, e do qual nunca podem fugir, não quis o dragão que lhes faltasse a companhia de seus demônios, para que os condenados não recebessem o pequeno alívio de não os ver, durante o tempo que os demônios estivessem fora do inferno. Por esta razão, nunca faltam demônios naquelas cavernas, nem querem dispensar deste açoite aos infelizes réprobos, não obstante a cobiça de Lúcifer em perder todos os mortais que vivem no mundo. A tão ímpio, cruel e desumano senhor servem os desventurados pecadores.

Lúcifer em Jerusalém

337. A raiva deste dragão chegara ao auge inimaginável, por causa dos acontecimentos que via no mundo, depois da morte de nosso Redentor; a santidade de sua Mãe e a proteção que Ela dispensava aos fiéis, como vira no caso de Santo Estêvão, São Paulo e noutras ocorrências. Por isto, Lúcifer se estabeleceu em Jerusalém. Queria, por si mesmo, dirigir o ataque mais forte contra a Igreja, e dali comandar os esquadrões infernais que guardam disciplina só no guerrear e destruir os homens; no mais, não passam de confusão e desordem.

O Altíssimo não lhes deu a permissão que sua inveja desejava, e com a qual teriam estraçalhado e destruído o mundo. Limitou-lhes o poder, quanto convinha para que, afligindo a Igreja, fosse fundada com o sangue e merecimentos dos santos. Lançaria raízes mais profundas e firmes, e nas perseguições e tormentos seria manifestada a virtude e sabedoria do Piloto que governa a barquinha da Igreja.

Lúcifer mandou seus ministros percorrer toda a terra, e averiguar onde andavam os apóstolos e discípulos do Senhor pregando seu nome, e trouxessem notícia de todos. O dragão ficou na cidade santa, o mais longe que pôde dos lugares consagrados com o sangue e mistérios de nosso Salvador. Ele e seus demônios temi-

am esses lugares, e na medida que deles se aproximavam, sentiam que as forças se lhes enfraqueciam, oprimidos pela virtude divina. O mesmo sentem hoje, e sentirão até o fim do mundo.

Grande pena é certamente, que aqueles sagrados lugares estejam hoje, por causa dos pecados dos homens, em poder de inimigos pagãos. Felizes os poucos filhos da Igreja que gozam o privilégio de lá habitar, como os filhos de nosso grande Pai e reformador da Igreja, São Francisco.

Lúcifer organiza a perseguição

338. Cientificou-se o dragão das condições dos fiéis, e de todos os lugares onde se pregava a fé em Cristo, pela relação que lhe trouxeram os demônios. A um grupo destes, ordenou que se ocupassem em persegui-los, designando os mais ou os menos fortes, de acordo com a diferença entre apóstolos, discípulos e fiéis. A outro grupo mandou que servissem de mensageiros, indo e vindo com notícias do que ia acontecendo, e levando ordens para os que atacavam a Igreja.

Lúcifer designou também alguns homens incrédulos, pérfidos, de más condições e depravados costumes, para que seus demônios os irritassem, provocassem e enchessem de raiva e inveja contra os seguidores de Cristo. Entre eles estava o rei Herodes e muitos judeus, pela aversão que tinham ao Senhor que haviam crucificado, e cujo nome desejavam varrer da face da terra dos viventes (**Jr 11, 19**). Valeram-se ainda de gentios, mais cegos e apegados à idolatria, e entre uns e outros investigaram os demônios, cuidadosamente, quais eram os piores e mais perdidos, para servirem de instrumentos à sua maldade.

Por estes meios organizaram a perseguição à Igreja, e esta arte diabólica foi sempre usada pelo dragão infernal, para destruir a virtude e fruto da Redenção e sangue de Cristo. Na primitiva Igreja fez grande estrago entre os fiéis, perseguindo-os por diversos modos, que não estão escritos, nem se sabe na Igreja. O que São Paulo, na carta aos hebreus (**11, 37**), fala dos santos do antigo testamento, vale para os do novo.

Além destas perseguições exteriores, o demônio afligia a todos os justos - apóstolos, discípulos e fiéis - com tentações ocultas, sugestões, ilusões e outras iniquidades, como hoje o faz com todos os que desejam caminhar na divina lei, e seguir a Cristo, nosso Redentor e Mestre. Não é possível nesta vida, conhecer tudo o que na primitiva Igreja fez Lúcifer para extingui-la, e tampouco o que faz agora com o mesmo objetivo.

Maria conhece os planos de Lúcifer

339. Nada, porém, foi oculto à grande Mãe da sabedoria porque, na claridade de sua eminente ciência, conhecia esses tenebrosos conluios, escondidos aos outros mortais. Os golpes e feridas, quando nos encontram prevenidos, não nos magoam tanto. A prudentíssima Rainha estava informada das futuras dificuldades da santa Igreja, e nenhuma lhe era surpresa. Apesar disso, como atingiam aos apóstolos e aos fiéis, feriam-lhe o coração, pelo profundo amor de piedosa Mãe com que os amava. Sua dor era medida por sua quase imensa caridade, e muitas vezes lhe teria custado a vida se, como diversas vezes falei, o Senhor não lha conservasse milagrosamente.

Em qualquer alma justa e perfeita no amor divino, teria impressionado muito

o conhecimento da ira e malícia de tantos demônios, tão vigilantes e astutos, contra uns poucos fiéis, simples, pobres, de condição frágil e cheia de misérias pessoais. Este conhecimento teria feito Maria Santíssima esquecer qualquer outra pena e cuidado de Si, se o tivera, para acudir em socorro e consolo de seus filhos.

Multiplicava por eles suas orações, lagrimas e diligências. Dava-lhes conselhos, avisos e exortações, para preveni-los e encorajá-los, principalmente aos apóstolos e discípulos. Muitas vezes, com seu poder de Rainha, dominava os demônios e lhes arrancava das unhas inúmeras almas que enganavam e pervertiam, e as livrava da eterna morte. Outras vezes, impedia grandes crueldades e ciladas, armadas aos ministros de Cristo; pois Lúcifer pretendeu tirar logo a vida dos apóstolos, como havia procurado por meio de Saulo, conforme se disse acima (n ° 252), e o mesmo aos outros discípulos que pregavam a santa fé.

São João percebe a aflição de Maria

340. A divina Mestra costumava manter exteriormente igualdade de ânimo e serenidade de Rainha, porque a solicitude de Mãe não lhe perturbava a perfeita tranqüilidade interior. Apesar disto, nesta ocasião, as penas de seu coração entristeceram-lhe um pouco o semblante, conservando embora sua compostura e afabilidade.

São João, que a assistia com desvelada atenção e submissão de filho, notou, com seu olhar perspicaz de águia, a pequena mudança no semblante de sua Mãe e Senhora. Muito se afligiu o Evangelista, e depois de refletir consigo, dirigiu-se ao Senhor pedindo-lhe esclarecê-lo. Disse-lhe: Senhor e Deus imenso, redentor do mundo, confesso a obrigação que, sem méritos de minha parte, mas só por vossa benevolência, me confiastes, dando-me por Mãe a quem é verdadeiramente vossa, pois vos concebeu, deu á luz e alimentou com seu leite. Eu, Senhor, com esta graça fiquei enriquecido com o maior tesouro do céu e da terra.

Vossa Mãe e minha Senhora, no entanto, ficou só e pobre sem vossa real presença, que todos anjos e homens não podem suprir, e muito menos este vil bichinho e vosso servo. Hoje, meu Deus e Redentor do mundo, vejo triste e aflita aquela que vos deu forma humana e é a alegria de vosso povo. Desejo consolá-la e aliviá-la de sua pena, mas sou incapaz de o fazer. A razão e o amor mo pedem, mas a veneração e minha fragilidade me detêm. Dai-me, Senhor, virtude e luz do que devo fazer, para vosso agrado e serviço de vossa digna Mãe.

São João deseja saber a causa da aflição da Virgem

341. Depois desta oração, São João ficou por algum tempo em dúvida, se perguntaria ou não, à grande Senhora o motivo de sua tristeza. Por um lado desejava, por outro não se atrevia, pelo sagrado temor e respeito com que a tratava. Chegou três vezes até a porta do oratório onde se encontrava Maria Santíssima, e por três vezes se retirou por retraimento.

A divina Mãe, porém, sabia tudo o que João fazia e pensava, e pelo respeito que a celestial Mestra da humildade tinha ao Evangelista, como sacerdote e ministro do Senhor, interrompeu sua oração, saiu e lhe disse: Senhor, dizei-me o que desejais de vossa serva.

Outras vezes já falei [3] que a grande Rainha dava o nome de senhores, aos

3 - nºs 99, 102, 106, etc.

sacerdotes e ministros de seu Filho Santíssimo. O Evangelista se animou com o gesto de Maria Santíssima, e ainda com algum retraimento respondeu: Senhora minha, a obrigação de vos servir fez-me reparar em vossa tristeza, e pensar que tendes alguma pena, da qual desejo vos aliviar.

Maria Santíssima revela a São João as próximas provações da Igreja

342. São João não prosseguiu, mas a Rainha entendeu que ele desejava conhecer os motivos de sua preocupação. Obediente perfeita, quis fazer a vontade de quem reconhecia por superior, antes que ele lhe manifestasse por palavras.

Maria Santíssima dirigiu-se interiormente ao Senhor dizendo: Meu Deus e meu Filho, deixastes-me vosso servo João em vosso lugar, para me acompanhar e assistir. Eu o recebi por meu superior, a cuja vontade desejo obedecer para, como humilde serva, viver e se orientar sempre por vossa obediência. Peço-vos permissão para manifestar-lhe minhas apreensões, pois ele deseja conhecê-las.

Tendo conhecido o beneplácito da divina vontade, ajoelhou-se aos pés de São João, beijou-lhe a mão, pediu-lhe a bênção e licença para falar. Disse-lhe então: Senhor, a causa de minha aflição é ter o Altíssimo me revelado as tribulações que a Igreja sofrerá, as perseguições movidas contra seus filhos e principalmente aos apóstolos.

Para executar esta maldade no mundo, vi sair das cavernas do abismo o dragão infernal, com inumeráveis legiões de espíritos malignos, cheios de implacável ódio e fúria, para destruir o corpo da santa Igreja.

Esta cidade de Jerusalém será a primeira e a mais atacada; nela tirarão a vida a um dos apóstolos e outros serão presos e maltratados por instigação do demônio. Meu coração se contrista e aflige de compaixão, e pela oposição dos inimigos à honra do santo nome do Altíssimo e à salvação das almas.

São João quer afastar Maria do perigo

343. Este aviso afligiu também o Evangelista, que se perturbou um pouco. Mas, fortalecido pela graça divina, respondeu à grande Rainha: Mãe e Senhora minha, não ignora vossa sabedoria que destes trabalhos e tribulações, o Altíssimo tirará grandes frutos para a Igreja e seus filhos, e os assistirá na tribulação. Nós, os apóstolos, estamos dispostos a sacrificar a vida pelo Senhor, que ofereceu a sua por todo o gênero humano.

Recebemos imensos benefícios, e não é justo que fiquem sem frutificar. Quando éramos pequenos na escola de nosso Mestre e Senhor, procedemos como crianças; mas depois que nos enriqueceu com seu divino Espírito, e acendeu em nós o fogo de seu amor, perdemos a covardia e desejamos seguir o caminho da cruz, que com sua doutrina e exemplo nos ensinou. E sabemos que a Igreja será estabelecida, e crescerá com o sangue de seus ministros e de seus filhos.

Vós, Senhora minha, rogai por nós, e com a força divina e vossa proteção venceremos todos nossos inimigos, para a glória do Altíssimo. Entretanto, se aqui em Jerusalém a perseguição vai ser mais intensa, parece-me, Senhora e Mãe minha, que não é justo aqui permanecerdes. Não aconteça a indignação do inferno, por meio da malícia humana, intentar alguma ofensa ao tabernáculo de Deus.

Resolve ir para Éfeso

344. A grande Rainha e Senhora do céu, pelo amor e compaixão dos apóstolos e dos fiéis, inclinava-se a ficar em Jerusalém para animá-los e confortá-los, na tribulação que os ameaçava. Não expôs, contudo, este desejo, ainda que tão santo, porque procedia de sua vontade. Sujeitou-o à sua humildade, e à obediência ao apóstolo, porque o considerava seu superior. Com esta submissão, não replicou ao Evangelista, e lhe agradeceu a disposição com que desejava sofrer e morrer por Cristo.

Quanto a sair de Jerusalém, lhe disse que ordenasse e providenciasse tudo o que julgasse mais conveniente, que a tudo obedeceria como súdita, pedindo ao Senhor que o dirigisse com sua divina luz, para o apóstolo determinar o que fosse de seu maior agrado e exaltação de seu santo nome.

Com esta submissão, de tanto exemplo e repreensão para nossa desobediência, o Evangelista resolveu que iria para Éfeso, nos confins da Ásia Menor. Assim o propôs a Maria Santíssima: Mãe e Senhora minha, para nos afastarmos de Jerusalém, e ao mesmo tempo termos oportunidade para trabalhar pela exaltação do nome do Altíssimo, parece-me bem partirmos para Éfeso, onde fareis pelas almas o que não se pode esperar em Jerusalém. Eu desejaria ser um dos anjos que assistem ao trono da Santíssima Trindade, para dignamente servir-vos nesta viagem; sou um pobre bichinho da terra, mas o Senhor estará conosco, e em toda a parte o tendes propício, como Deus e Filho vosso.

Maria conhece a vontade de Deus

345. Ficou resolvido partir para Éfeso, assim que providenciassem tudo o que convinha aos fiéis de Jerusalém. A grande Senhora retirou-se ao oratório, onde fez esta oração: Altíssimo e eterno Deus, esta humilde serva se prostra ante vossa real presença, e do íntimo da alma vos suplico, me governeis segundo vosso maior agrado. Farei esta viagem por obediência a vosso servo João, cuja vontade será a vossa.

Não é justo que vossa Mãe e serva, tão devedora à vossa poderosa mão, dê um passo que não seja para maior glória e exaltação de vosso santo nome. Recebei, Senhor meu, meus desejos e súplicas, para que eu faça o mais acertado e justo.

Imediatamente, respondeu-lhe o Senhor: minha pomba e Esposa, minha vontade dispôs esta viagem para meu maior agrado. Obedecei a João e ide para Éfeso, que ali quero manifestar minha clemência com algumas almas, por meio de vossa presença, pelo tempo que for conveniente.

Com esta resposta do Senhor, ficou Maria Santíssima consolada e certa da vontade divina. Pediu a Deus a bênção, e licença para preparar a viagem, quando o apóstolo a determinasse. Repleta do fogo da caridade, inflamava-se no desejo do bem das almas de Éfeso, as quais, como dissera o Senhor, dariam frutos para seu agrado e prazer.

Maria reza por São Tiago

Por vontade de seu Filho, nosso Salvador, Maria Santíssima vem de Jerusalém à Saragoça na Espanha, visitar São Tiago. Data deste acontecimento e de suas ocorrências.

346. Todo o desvelo de nossa grande Mãe e Senhora, Maria Santíssima, era empregado no crescimento e dilatação da santa Igreja, no conforto dos apóstolos,

discípulos e dos outros fiéis, e em defendê-los do infernal dragão e seus demônios, das perseguições e ciladas que estes inimigos lhes armavam, como se disse (n ° 337).

Com sua incomparável caridade, antes de partir de Jerusalém para Éfeso, ordenou e dispôs quanto lhe foi possível, por Si ou por intermédio de seus anjos, prevenindo tudo o que, em sua ausência, lhe pareceu conveniente, pois não sabia quanto tempo levaria para voltar a Jerusalém.

O que de mais valioso dispôs, foi a contínua e poderosa oração a seu Filho Santíssimo, pedindo-lhe que, com seu poder infinito, defendesse seus apóstolos e servos, dominando a soberba de Lúcifer e desfazendo as maldades que, em sua astúcia, maquinava contra a glória do Senhor. A prudente Mãe sabia que o primeiro apóstolo a derramar o sangue por Cristo, nosso Senhor, seria Tiago, e por esta razão, além da grande estima que lhe devotava, como disse acima, (n ° 320), fez especial oração por ele.

Jesus ordena a construção do santuário de Saragoça

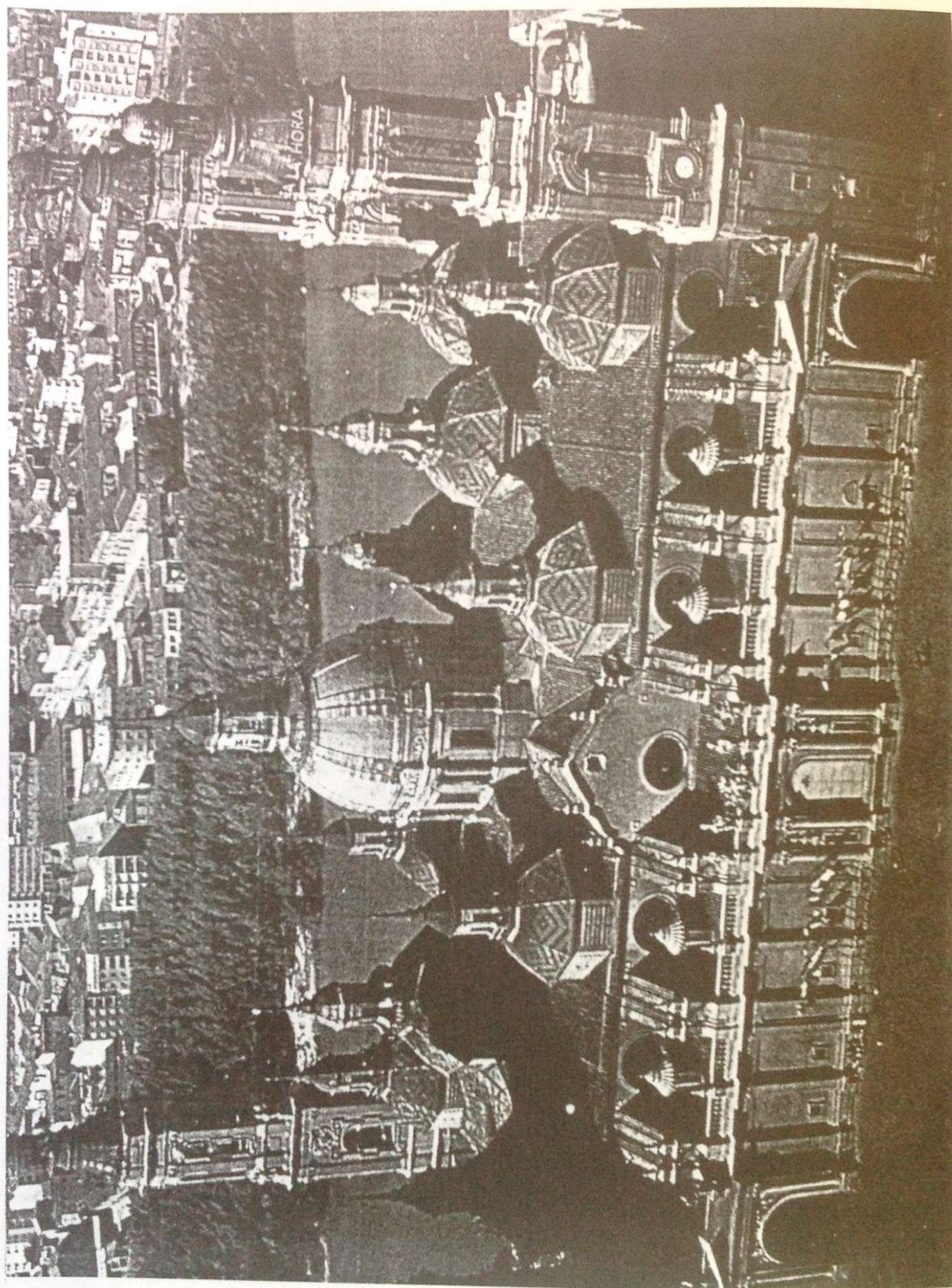
347. Quatro dias antes de partir para Éfeso, estava a divina Mãe nesta oração, quando sentiu em seu castíssimo coração certa suavidade, como lhe acontecia antes de receber algum especial favor. Estas influências são pela Escritura denominadas "Palavras do Senhor". Mestra da ciência, Maria Santíssima compreendeu e disse: Senhor meu, que desejais que eu faça? Falai, meu Deus, que vossa serva ouve.

Viu, então seu Filho Santíssimo em pessoa descer do céu, num trono de inefável majestade. Vinha visitá-la, acompanhado de inumeráveis anjos, de todas as ordens dos coros celestes. Entrou Jesus no oratório de sua bem-aventurada Mãe, e a religiosa e humilde Virgem o adorou, com excelente culto e veneração, do íntimo de sua alma puríssima.

Disse-lhe o Senhor: Minha Mãe amantíssima, de quem recebi o ser humano para salvar o mundo, estou atento às vossas súplicas e santos desejos, agradáveis a meus olhos. Defenderei minha Igreja e meus apóstolos, e serei seu pai e protetor, a fim de que não seja vencida e as portas do inferno não prevaleçam contra ela (**Mt 16, 18**). Já sabeis que para minha glória é necessário que os apóstolos trabalhem, com minha graça e, por fim, me sigam no caminho da cruz e da morte, que sofri para redimir a linhagem humana.

O primeiro a me imitar nisso é Tiago, meu fiel servo, e quero que padeça o martírio nesta cidade de Jerusalém. Para ele vir para cá, e para outros fins de minha e vossa glória, é minha vontade que o visiteis na Espanha, onde está pregando meu santo nome. Quero, minha Mãe, que vades a Saragoça, onde ele se encontra agora, e lhe ordeneis voltar a Jerusalém. Que, antes de partir dessa cidade, edifique um templo em honra e com título de vosso nome, onde sejais venerada e invocada, para benefício daquele reino, e glória e beneplácito de nossa beatíssima Trindade.

Maria pede privilégios para o santuário

348. Recebeu a grande Rainha do céu, com alegria, esta ordem de seu Filho Santíssimo e com digna submissão, respondeu: Meu Senhor e Deus verdadeiro, faça-se vossa santa vontade em vossa serva e Mãe, por toda a eternidade, e n'Ela vos louvem todas as criaturas, pela admirável e imensa piedade que prodigaliza a vossos servos.

A Basílica de Nossa Senhora do Pilar em Saragoça, erguida no local onde, segundo a crença, a *Virgem* apareceu.

Eu vos exalto e bendigo, Senhor meu, e vos dou humildes graças em nome de toda a santa Igreja e meu. Permiti, meu Filho, que para esse templo, que mandais vosso servo Tiago edificar, eu possa prometer, em vosso santo nome, a proteção especial de vosso poder. Que aquele sagrado lugar seja parte de minha herança, para todos os que nele invocarem, com devoção, vosso nome e o favor de minha intercessão, junto de vossa clemência.

Os anjos transportam Maria para Saragoça

349. Respondeu-lhe Cristo, nosso Redentor: Minha Mãe, em quem se compraz minha vontade; dou-vos minha real palavra que olharei com especial clemência e cumularei de graças aos que, com humildade e devoção, me invocarem por meio de vossa intercessão, naquele templo. Em vossas mãos depositei, e por elas tenho distribuído, todos os tesouros. Como Mãe, estais em meu lugar e dispondes de meu poder; podeis enriquecer e privilegiar aquele templo, prometendo nele o vosso favor, e tudo cumprirei como for vossa agradável vontade.

Agradeceu novamente Maria Santíssima esta promessa de seu Filho e Deus onipotente. Logo, por mandato do mesmo Senhor, grande número de anjos que o acompanhavam formaram, de uma nuvem brilhantíssima, um trono real e a colocaram nele, como Rainha e Senhora de toda criação. Cristo, nosso Senhor, deu-lhe a bênção e, com os outros anjos, subiu aos céus.

A Mãe puríssima, carregada pelos serafins, acompanhada pelos seus mil anjos e pelos outros, partiu para Saragoça, na Espanha, em corpo e alma. Ainda que a viagem poderia ser feita em brevíssimo tempo, ordenou o Senhor que fosse mais lentamente, para que os anjos, em coral de suavíssima harmonia, viessem cantando à sua Rainha, louvores de júbilo e alegria.

Cântico dos anjos

350. Uns cantavam a Ave Maria; outros Salve Sancta parens, Salve Regina; Regina Coeli laetare, etc.[4] Alternavam estes cânticos a vários coros, respondendo uns aos outros com tanta harmonia, impossível de ser imaginada pela capacidade humana.

A grande Senhora também participava, referindo toda aquela glória ao Autor que lha dava, com humildade tão grande quanto a sublimidade destes favores. Repetia muitas vezes: Santo, santo, santo, Deus Sabaoth (**Is 6, 3**), tem misericórdia dos míseros filhos de Eva. Tua é a glória, teu o poder e a majestade, tu só o Santo, o Altíssimo e o Senhor de todos os exércitos celestes e da criação. Os anjos respondiam também a estes cânticos, tão agradáveis ao Senhor, e assim chegaram a Saragoça, perto de meia-noite.

Chegada à Saragoça

351. O feliz apóstolo São Tiago estava, com seus discípulos, fora da cidade, apoiado ao muro correspondente às margens do rio Ébro. Para se recolher em oração, tinha se distanciado um pouco, ficando os discípulos, uns dormindo e outros rezando como seu Mestre. Nenhum imaginava a surpresa que os esperava, e para despertar-lhes a atenção, a procissão dos santos anjos aproximava-se devagar, de modo que não só o Santo pudesse ouvir a música de longe, como também os discípulos.

4- Tradução: Salve Santa Mãe, Salve Rainha, Rainha do céu alegrai-vos.

Despertaram os que dormiam, e foram todos invadidos por suavidade e admiração tal, que cheios de celestial consolo, ficaram sem palavras, suspensos, derramando lágrimas de alegria. Viram no ar, luz mais brilhante do que a do sol ao meio dia, na forma de um grande globo. Admirados, não se moveram até que o seu Mestre os chamou. Estes efeitos foram ordenados pelo Senhor, a fim de que estivessem preparados e atentos, para o grande mistério que lhes seria manifestado.

Os santos anjos colocaram o trono de sua Rainha e Senhora à vista do apóstolo, que estava em altíssima oração, e mais do que os discípulos ouvia a música e percebia a luz. Os anjos traziam consigo uma pequena coluna de mármore ou jaspe, e de outra matéria tinham feito uma imagem, de tamanho médio, da Rainha do céu. Esta imagem era trazida por outros anjos, com grande veneração. Com o poder que estes espíritos celestes possuem, tinham feito tudo naquela noite.

Mensagem de Maria

352. A Rainha do céu manifestou-se a São Tiago, da nuvem e trono onde se encontrava, rodeada pelos coros dos anjos, cheios de admirável beleza. A grande Senhora, porém, ultrapassava a todos em tudo. O feliz apóstolo prostrou-se em terra e, com profunda reverência, venerou a Mãe de seu Criador e Redentor, vendo também a imagem e a coluna ou pilar nas mãos dos anjos. A piedosa Rainha lhe deu a bênção em nome de seu Filho Santíssimo e lhe disse:

-Tiago, servo do Altíssimo, bendito sejais; que Ele vos salve e vos mostre a alegria de sua divina face. - Todos os anjos responderam: Amém. Prosseguiu a Rainha do céu: - Meu filho Tiago, este lugar foi destinado pelo altíssimo e onipotente Deus do céu, para consagrardes nele um templo e casa de oração. Sob o título de meu nome, Ele quer que o seu seja aí exaltado, pela concessão dos tesouros de sua divina destra.

Por minha intercessão, derramará liberalmente suas antigas misericórdias sobre todos os fiéis, se as pedirem com verdadeira fé e piedosa devoção. Em nome do Todo-poderoso Eu lhes prometo grandes favores, bênçãos e minha proteção e amparo, pois este será meu templo, minha casa, herança e propriedade. Em testemunho da verdade desta promessa, ficará aqui esta coluna com minha imagem, e este templo durará, com a santa fé, até o fim do mundo.

Começareis logo a edificar esta casa do Senhor, e tendo cumprido esta missão, partireis para Jerusalém. Meu Filho Santíssimo deseja que ali ofereçais o sacrifício de vossa vida, no mesmo lugar em que Ele deu a sua pela Redenção humana.

Nossa Senhora do Pilar, de Saragoça

Fundação do santuário de N. Sra. do Pilar

353. A grande Rainha terminou de falar, e mandou os anjos colocar a coluna e sobre ela sua imagem, no mesmo lugar que hoje se encontram, o que os anjos executaram num momento. Logo que se ergueu a coluna com a santa imagem, os anjos e os apóstolos reconheceram aquele lugar como casa de Deus e porta do céu (**Gn 28, 17**); terra santa, consagrada para templo à glória do Altíssimo, e à invocação de sua bem-aventurada Mãe. Em testemunho, deram culto, adoração e reverência à Divindade.

São Tiago prostrou-se em terra e os anjos, com novos cânticos, foram os primeiros a celebrar a primeira dedicação de Igreja instituída no orbe, depois da Redenção humana, em nome da grande Senhora do céu e da terra.

Esta foi a origem singular do santuário de Nossa Senhora do Pilar de Saragoça que, com justa razão, é chamado câmara angelical, casa de Deus e de sua Mãe puríssima. É digna da veneração de todo orbe e penhor seguro dos benefícios do céu, se nossos pecados não desmerecerem.

Parece-me que nosso grande patrono e apóstolo, o segundo Jacó [5], fundou este santuário, com mais glória do que o primeiro Jacó ao de Betel, quando emigrou para a Mesopotâmia, ainda que a pedra e título que erigiu (**Gn 28, 18**) marcasse o lugar do futuro templo de Salomão.

Lá, Jacó viu em sonhos a escada e os anjos, sombra e figura da verdadeira que nosso Jacó viu com olhos corporais, e coroada de mais anjos do que aquela. Lá foi lançada a pedra do templo que muitas vezes seria destruído e dentro de alguns séculos desapareceu. Aqui, na firmeza desta coluna consagrada, se assegurou o templo, a fé e o culto do Santíssimo, até o fim do mundo; os anjos sobem às alturas com as orações dos fiéis e descem com incomparáveis benefícios e favores, distribuídos por nossa grande Rainha e Senhora aos que, nesse lugar a invocam com devoção e a honram com veneração.

Um anjo guarda o santuário

354. Nosso apóstolo rendeu humildes graças a Maria Santíssima, e lhe pediu a proteção para este reino da Espanha, e especialmente para aquele lugar consagrado ao seu nome e devoção. Tudo lhe concedeu a divina Mãe, e dando-lhe de novo sua bênção, os anjos a levaram de volta para Jerusalém, na mesma ordem com que tinham vindo.

Antes, porém, a seu pedido, ordenou o Altíssimo que ficasse um santo anjo para guardar e defender aquele santuário. Desde aquele dia até agora, ele permanece em sua custódia, e assim continuará enquanto ali ficar a sagrada Imagem com a coluna.

Daqui procede a maravilha reconhecida por todos os fiéis católicos: por mil seiscentos e mais anos, [6] o santuário permanece ileso e intato, apesar da perfídia dos judeus, da idolatria dos romanos, da heresia dos arianos e da bárbara fúria dos mouros e pagãos. A admiração dos cristãos seria ainda maior, se tivessem conhecimento de tudo quanto o inferno tramou, em diversos tempos, para destruir este santuário por mão de todos estes infiéis.

Não me detenho a referir tais sucessos, por não ser necessário, nem pertencer ao meu escopo. Basta dizer que, por estes inimigos de Deus, muitas vezes Lúcifer pretendeu atacar o santuário, mas em todas foi repelido pelo santo anjo que o guarda e defende.

5 - Jacó, o mesmo que Tiago (NT).

Época da Escritora (NT).

Advertência da Escritora[7]

355. Contudo, advirto duas coisas que me foram manifestadas, para aqui deixar escritas. Uma, que as promessas aqui consignadas, tanto de Cristo nosso Salvador como de sua Mãe Santíssima, a respeito da conservação daquele templo e lugar, ainda que pareçam absolutas, implicam condições, como acontece com muitas promessas da Sagrada Escritura, referentes a particulares benefícios da divina graça.

A condição é que, de nossa parte, vivamos de tal modo a não desobrigar a Deus e levá-lo a nos privar do favor e misericórdia que nos promete. No segredo de sua justiça, Ele reserva a medida das ofensas, com as quais chegamos a perder o cumprimento de suas promessas, e por isto não explica essa medida.

Aliás, a santa Igreja nos avisa que não usemos das suas promessas e favores contra o mesmo Senhor, nem pequemos abusando de sua liberal misericórdia, pois nenhuma ofensa mais do que esse abuso, nos torna indignos de sua misericórdia.

Estes reinos, e aquela privilegiada cidade de Saragoça, podem chegar a tais e tantos pecados que enchamos a medida, para merecermos ser privados daquela admirável proteção da grande Rainha e Senhora dos anjos.

Segunda advertência

356. A segunda advertência, não menos digna de consideração, é que Lúcifer e seus demônios, conhecendo estas verdades e promessas do Senhor, sempre pretendeu e pretende, com sua malícia infernal, introduzir maiores vícios e pecados naquela ilustre cidade e em seus moradores do que em outras. Para tanto, emprega maior esforço e astúcia, principalmente com o que mais pode ofender a pureza de Maria Santíssima.

A intenção desta antiga serpente é conseguir duas coisas execráveis: uma que, sendo possível, os fiéis desobriguem a Deus de conservar ali aquele sagrado templo e, por este caminho, Lúcifer alcance o que por outros não pode obter. Outra que, se não puder conseguir isso, pelo menos impeça nas almas a veneração e piedade por aquele templo sagrado, e a conseqüente privação dos grandes benefícios que Maria Santíssima prometeu, aos que devotamente lhe pedirem.

Bem sabe Lúcifer e seus demônios que os habitantes e vizinhos de Saragoça são mais devedores à Rainha dos céus, do que muitas outras cidades e províncias da cristandade. Eles possuem dentro de seus muros a fonte dos benefícios, que outros vêm nela buscar. Se, com a posse de tanto bem, fossem piores e desprezassem a clemência que ninguém lhes pôde merecer, esta ingratidão a Deus e à sua Mãe Santíssima lhes atrairia maior indignação e mais rigoroso castigo da justiça divina.

Com alegria confesso a todos que lerem esta História, que estando a escrevela a pouca distância de Saragoça, considero muito feliz esta vizinhança, e olho aquele santuário com grande carinho, pelo muito que devo à grande Senhora do mundo, como todos reconhecerão. Sinto-me também agradecida à piedade daquela cidade, e em retribuição de tudo isto, quisera em alta voz renovar em seus moradores, a cordial e íntima devoção que devem a Maria Santíssima, os favores que d'Ela podem alcançar, mas com o esquecimento e pouca atenção podem desmerecer.

Considerem-se, pois, mais beneficiados e obrigados que outros fiéis. Estimem seu tesouro, gozem dele e não façam do propiciatório de Deus, casa inútil e

7 - Estas advertências aplicam-se a qualquer santuário católico e a todos os fiéis, em qualquer parte do mundo. N.T.

profana, transformando-a em tribunal de justiça, pois Maria Santíssima a erigiu para fonte e tribunal de misericórdia.

Maria começa a ser invocada pelos fiéis

357. Terminada a visão de Maria Santíssima, São Tiago chamou seus discípulos que estavam absortos pela música e resplendor, embora nada mais tivessem visto ou ouvido. O mestre informou-os do que convinha, para que o ajudassem na construção do sagrado templo que logo começou com muita diligência.

Antes de partir de Saragoça, terminou a pequena capela, onde se encontra a santa Imagem com a coluna, protegidos pelos anjos. No correr do tempo, os católicos edificaram o suntuoso templo, e o mais que adorna e acompanha aquele tão celebrado santuário.

O evangelista São João não soube, na ocasião, desta vinda da divina Mãe à Espanha, nem Ela lhe contou, porque como estas excelências não pertenciam à fé universal da Igreja, Ela as guardava em seu coração. É verdade que declarou outras maiores a São João e aos outros Evangelistas, mas o fez por serem necessárias à instrução e fé dos filhos da Igreja.

Quando São Tiago voltou da Espanha, passando por Éfeso, contou a seu irmão João o que lhe acontecera naquela missão e pregação na Espanha, inclusive as duas visões da Mãe Santíssima com que fôra agraciado. Descreveu-lhe o que sucedera em Saragoça, e o templo que deixou edificado naquela cidade.

Por relação do Evangelista, muitos dos apóstolos e discípulos chegaram ao conhecimento deste milagre, pois quando ele voltou a Jerusalém, narrava-o para confirmar os fiéis na fé, devoção e confiança na proteção da Senhora do céu. Desde esse tempo, os que souberam deste favor feito a Tiago, a invocavam em seus trabalhos e necessidades, e a piedosa Mãe todos socorria, em diversas ocasiões e perigos.

Época do aparecimento de Maria

358. Este milagroso aparecimento de Maria Santíssima em Saragoça, deu-se no início do ano quarenta do nascimento de seu Filho, nosso Salvador, em a noite de dois para três de Janeiro. Haviam passado quatro anos, quatro meses e dez dias, desde que São Tiago saíra de Jerusalém. Ele partiu a vinte de Agosto do ano trinta e cinco, como se disse acima (nº319). Depois da aparição, passou um ano, dois meses e vinte e três dias, a construir o templo, a pregar, e voltou a Jerusalém. Morreu aos vinte e cinco de março do ano quarenta e um.

Quando lhe apareceu em Saragoça, a grande Rainha dos anjos contava de idade cinqüenta e quatro anos, três meses e vinte e quatro dias. Logo que voltou a Jerusalém, ao quarto dia, partiu para Éfeso, como direi no livro e capítulo seguinte.

Por conseguinte, o santuário foi-lhe dedicado muitos anos antes de seu glorioso trânsito, como se verá quando, no fim desta História (nº742), declarar a idade e o ano em que morreu a grande Senhora. Do seu aparecimento até sua morte, passaram-se muitos anos além dos que geralmente se diz. Durante este tempo, na Espanha era venerada com culto público, em templos a Ela dedicados, pois à imitação de Saragoça, logo foram edificados outros, onde se lhe erigiram altares com solene veneração.

A Espanha, pioneira na devoção a Maria

359. Esta excelência, sem contradição, exalta a Espanha acima de qualquer louvor que dela se possa fazer. Ganhou a palma sobre todas as nações e reinos do orbe, na veneração, culto e devoção pública à grande Rainha e Senhora do céu, Maria Santíssima. Vivendo Ela ainda em carne mortal, distinguiu-se em venerá-la e invocá-la, mais do que outras nações a veneram depois que Ela morreu e subiu ao céu para não voltar ao mundo.

Em recompensa desta antiga e geral devoção da Espanha por Maria Santíssima, entendi que a piedosa Mãe enriqueceu tanto estes reinos, com a aparição de tão numerosas imagens suas, e santuários dedicados a seu santo nome, mais do que outros países do mundo.

Com estes singularíssimos favores, quis a divina Mãe fazer-se mais familiar neste reino. Oferece-lhe sua proteção em tantos santuários, fazendo-se encontrar em todas as partes e províncias, para que a reconheçamos por nossa Mãe e Patrona. Quer também confiar a esta nação a defesa de sua honra, e a dilatação de sua glória por todo o orbe.

Exortação à Espanha

360. Humildemente suplico a todos os filhos da Espanha, e em nome desta Senhora os admoesto a despertar a memória, avivar a fé e restaurar a antiga devoção a Maria Santíssima, reconhecendo-se por mais obrigados que outras nações a servi-la. Tenham, especialmente, suma veneração ao santuário de Saragoça, por sua dignidade e excelência sobre todos os outros, onde teve princípio a piedade e veneração da Espanha por esta Rainha.

Saibam todos os que lerem esta História, que os antigos êxitos e grandezas desta monarquia, recebeu-as por Maria Santíssima e pelos serviços a Ela prestados. E se hoje as vemos tão arruinadas e quase perdidas, é conseqüência de nosso descuido, que nos atraiu o desamparo que sofremos.

Se desejamos o remédio de tantas calamidades, podemos alcançá-lo só da mão desta poderosa Rainha, empenhando-a com novos e singulares serviços. E já que o benefício da fé católica, e os outros que referi, nos vieram por intermédio de nosso grande patrono e apóstolo São Tiago, renove-se também sua devoção, para que nos alcance do Todo-poderoso suas graças e prodígios.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Vigilância

361. Minha filha, já notaste não ter sido sem mistério que, no decurso desta História, tantas vezes te manifestei os segredos do inferno contra os homens, os planos e traições que fabrica para perdê-los, e a furiosa indignação e cuidado que nisso emprega. Sem perder um instante e oportunidade, sem deixar pedra por mover, não há caminho, estado e pessoa a quem não atire muitos laços para derrubar.

Ainda mais perigosos e traiçoeiros, porque mais encobertos, usa para os que, zelosos, desejam a vida eterna e a amizade de Deus. Além de todos estes avisos gerais, te mostrei muitas vezes os conciliábulos e projetos que fazem contra ti. É preciso que todos os filhos da Igreja saiam da ignorância em que vivem, a respeito de tão graves perigos de eterna perdição.

Sem saber e advertir que foi castigo do primeiro pecado perder a luz destes segredos; depois, quando podiam merecê-la, se fazem incapazes e mais indignos, pelos pecados pessoais. Deste modo, muitos fiéis vivem tão esquecidos e descuidados, como se não existissem demônios para os perseguir e enganar. Se, às vezes, o advertem, é muito superficialmente e de passagem, para novamente cair no esquecimento que, para muitos, será o preço das penas eternas.

Se em todo tempo e lugar, se em todas as ocasiões e obras, o demônio lhes arma ciladas, seria justo e necessário que nenhum cristão desse um só passo, sem pedir o auxílio divino, para ver o perigo e nele não cair. Como, porém, é tão estulto o esquecimento que disto têm os filhos de Adão, quase nada fazem sem serem prejudicados e feridos pela serpente infernal, e pelo veneno que de sua boca derrama. Acumulam culpas sobre culpas, males sobre males que irritam a justiça divina e desmerecem a misericórdia.

Meios para combater os demônios

362. Em tais perigos, te admoesto, minha filha, que assim como conheceste que o inferno tem contra ti maior indignação e solicitude, a tenhas tu com a divina graça, tão grande e contínua, como convém para vencer este astuto inimigo. Atende ao que Eu fiz quando conheci o intento de Lúcifer para perseguir a Mim e à santa Igreja: multipliquei as súplicas, lágrimas, suspiros e orações.

Apesar dos demônios se valerem de Herodes e dos judeus de Jerusalém, eu poderia permanecer na cidade sem grande temor, e me inclinava a isso. Todavia, retirei-me dela para dar exemplo de cautela e obediência, afastando-me do perigo e agindo pela vontade e ordem de São João.

Tu não és forte, e corres maior perigo. Além disto, és minha discípula, e tens o exemplo de minha vida. Quero, portanto, que ao notares o perigo te afastes dele, e se for necessário, rompe com o que mais te custa, e sempre te apoies na direção de quem te governa, como a norte seguro, e forte coluna para não cair.

Toma cuidado para que, sob pretexto de compaixão, o inimigo não te esconda algum laço; não vás perecer para salvar a outros. Não confies no teu arbítrio, ainda que te pareça bom e seguro. Não faças dificuldades em obedecer, pois Eu, por obediência, parti para peregrinar, com muitos trabalhos e descomodidades.

O primeiro templo cristão em honra de Maria

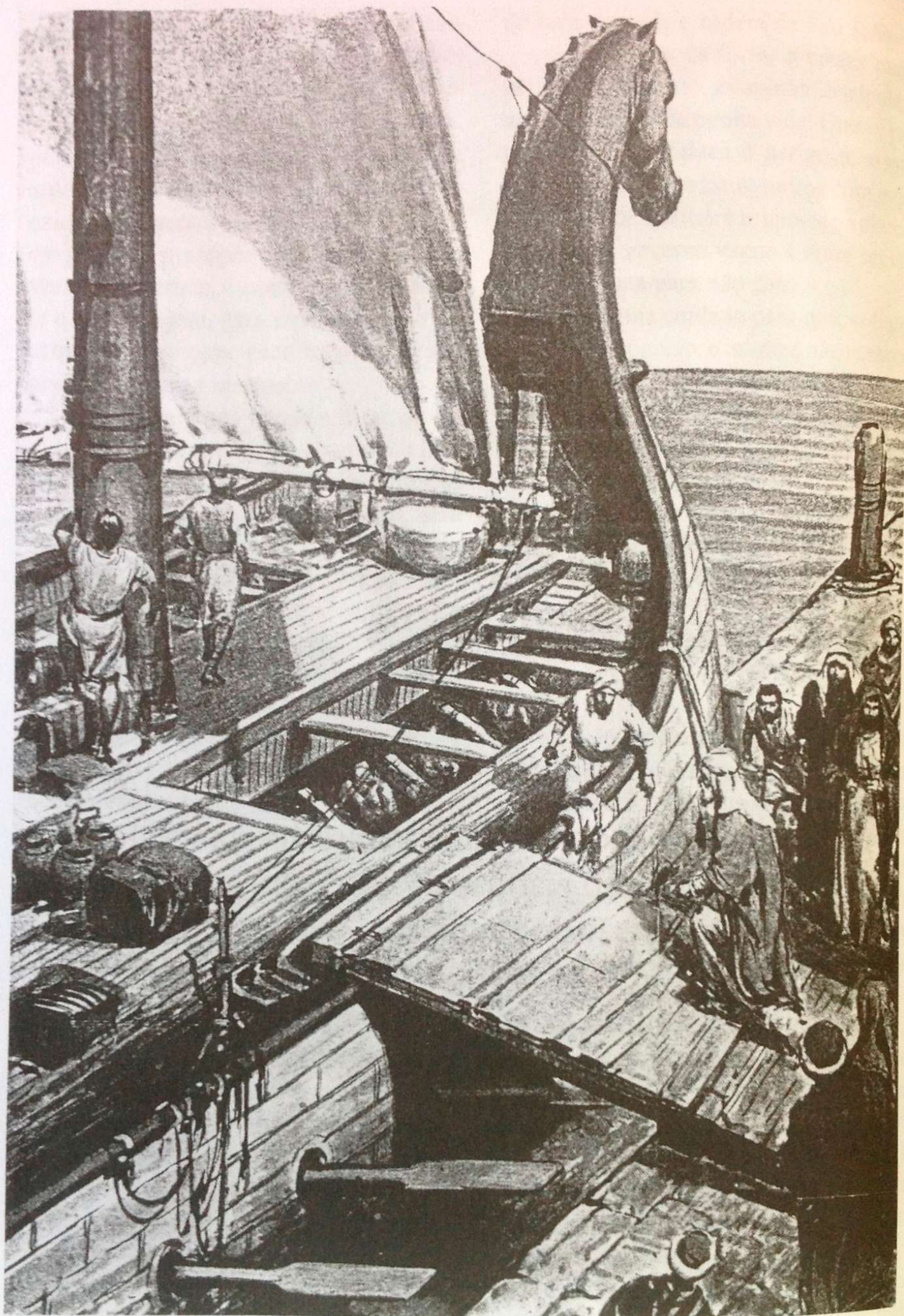
363. Renova também o propósito e desejo de seguir meus passos e imitar-me com perfeição, para prosseguir escrevendo o resto de minha vida, e gravá-la no coração. Corre pelo caminho da humildade e da obediência, após o perfume de minha vida e virtudes. Se me obedeceres, como desejo e tantas vezes te exorto, Eu te assistirei como a filha, em tuas necessidades e tribulações.

Meu Filho Santíssimo cumprirá em ti sua vontade, como o deseja, antes que termines este Trabalho. Serão cumpridas as promessas que muitas vezes te fizemos e serás abençoada por sua poderosa destra. Exalta o Altíssimo pelo favor que fez a meu servo Tiago em Saragoça, e pelo templo que ali edificou em minha honra, ainda antes de meu trânsito, e tudo quanto sobre este prodígio te manifestei. Aquele templo foi o primeiro, na lei evangélica, e de sumo agrado para a Santíssima Trindade.

Fim do 7º Livro

Livro 8º

ÚLTIMO DA TERCEIRA PARTE DESTA DIVINA HISTÓRIA.

CONTÉM: a viagem de Maria santíssima com S. João a Éfeso; o glorioso martírio de São Tiago e morte de Herodes; a destruição do templo de Diana; a volta de Maria santíssima de Éfeso para Jerusalém; instrução que deu aos Evangelistas; sublime estado de sua alma puríssima antes de morrer; seu feliz trânsito, subida ao céu e coroação.

Embarque para Éfeso

CAPÍTULO 1

MARIA SANTÍSSIMA COM SÃO JOÃO EVANGELISTA PARTEM DE JERUSALÉM A ÉFESO. DE DAMASCO SÃO PAULO VEM À JERUSALÉM. SÃO TIAGO VOLTA PARA A MESMA CIDADE. EM ÉFESO VISITA A GRANDE RAINHA. DESCREVE-SE O QUE NESTAS VIAGEM ACONTECEU A TODOS ELES.

Humildade e agradecimento de Maria

365. De Saragoça, transportada pelos anjos, voltou Maria santíssima para Jerusalém, deixando aquela cidade e reino da Espanha, enriquecida com sua presença, proteção e promessas. São Tiago, auxiliado pelos anjos, ficava construindo o templo dedicado ao seu sagrado nome.

No momento em que a grande Senhora do céu e Rainha dos anjos desceu da nuvem ou trono em que a traziam, prostrou-se no solo do Cenáculo. Apegando-se ao pó, louvou o Altíssimo pelos favores e benefícios que seu poder havia concedido a Ela, a São Tiago e àquelas nações, através de sua milagrosa viagem.

Considerando em sua inefável humildade que, vivendo em carne mortal, edificava-se um templo em honra de seu nome, de tal modo se aniquilou na presença divina e se desfez na própria estima, como se completamente esquecera ser verdadeira Mãe de Deus, criatura impecável e superior em santidade aos supremos serafins.

Humilhou-se e agradeceu estes favores, como se Ela fosse um insetozinho, a menor e mais pecadora das criaturas. Refletiu que por esta dívida, cumpria esforçar-se para atingir novos graus de mais elevada santidade. Como o propôs, cumpriu, chegando sua sabedoria e humildade até onde é impossível nossa capacidade compreender.

Viagem para Éfeso

366. Passou os quatro dias seguintes nestes exercícios e em rezar, com grande fervor, pela defesa e aumento da santa Igreja. Enquanto isso, o evangelista São João providenciava a viagem para Éfeso. No quarto dia, a 5 de Janeiro do ano 40, avisou-a que podiam partir, pois já havia embarcação e tudo o mais estava preparado.

A grande Mestra da obediência, sem replicar, prontamente ajoelhou-se, pediu licença ao Senhor para sair do Cenáculo de Jerusalém, e foi despedir-se dos donos da casa e de seus moradores. Bem se pode imaginar o sentimento de todos, cativos como estavam do suavíssimo convívio com a Mãe da graça e dos favores e bens que dela recebiam. Apegados a seu amor e veneração, viam-

se agora privados do consolo e do riquíssimo tesouro do céu, onde encontravam tantos bens.

Ofereceram-se todos para acompanhá-la, mas como isto não era conveniente, lhe pediram, entre muitas lágrimas, que apressasse a volta e não abandonasse de todo aquela casa que há tanto tempo lhe pertencia. Agradeceu a divina Mãe estes devotos e caridosos oferecimentos, com humildes e amáveis demonstrações, e consolou-os com a esperança de sua volta.

Despede-se dos santos lugares

367. Pediu permissão a São João para visitar os santos lugares de nossa Redenção e neles venerar, com adoração e culto, ao Senhor que os consagrou com sua presença e sangue precioso. Acompanhada pelo apóstolo, percorreu estas sagradas estações com indescritível devoção e lágrimas. São João, com a grande consolação de a acompanhar, fez heróicos atos de virtudes.

A bem-aventurada Mãe viu os santos anjos que guardavam os santos lugares, e novamente os encarregou de se oporem a Lúcifer e seus demônios, para não destruírem ou profanarem com irreverência aqueles locais sagrados, como desejavam e tentariam fazê-lo por meio dos judeus incrédulos.

Advertiu aos santos espíritos que os defendessem, desvanecendo, com santas inspirações, os maus pensamentos e diabólicas sugestões com que o dragão infernal procurava induzir os judeus e outros, a apagar a memória de Cristo, nosso Senhor, daqueles lugares.

Encarregou-os deste cuidado para todos os séculos futuros, porque a ira dos espíritos malignos contra os lugares e obras da Redenção duraria para sempre. Os santos anjos obedeceram a tudo quanto lhes ordenou sua Rainha e Senhora.

Despedidas de Jerusalém

368. Depois disto, de joelhos pediu a bênção de São João para se por a caminho, como costumava fazer com seu Filho santíssimo[1]. Estando o discípulo amado em seu lugar, sempre lhe prestou humilde obediência.

Muitos fiéis de Jerusalém lhe ofereceram dinheiro, jóias, condução para chegar até o porto, e o necessário para toda a viagem. A prudentíssima Senhora, com humildade e gratidão, satisfez a todos, mas sem nada aceitar. O caminho até o mar, fê-lo num humilde jumentinho, como Rainha das virtudes e dos pobres.

Lembrava-se das peregrinações que fizera com seu Filho santíssimo e com seu esposo José. Esta lembrança e o amor divino que a levava a peregrinar novamente, despertavam em seu puríssimo coração ternos e devotos sentimentos.

Para ser em tudo perfeitíssima, fez atos de conformidade à vontade divina por lhe faltar, pela glória e exaltação de seu nome, a companhia do Filho e Esposo naquela viagem, quando em outras havia gozado de tão grande consolo. Privava-se também da tranqüilidade do Cenáculo, dos lugares Santos e da companhia de muitos e fiéis devotos. Não deixou, porém, de louvar o Altíssimo, por lhe dar o discípulo amado para acompanhá-la.

Viagem até o porto

369. Para consolo da grande Rainha nesta viagem, ao sair do Cenáculo, se lhe manifestaram todos os seus anjos em

1 - 2ª Parte, nº 698

forma corpórea visível. Rodearam-na, e com a escolta desta celestial esquadra e a companhia de São João, foi até o porto onde se encontrava o navio que partia para Éfeso.

Preencheu esta caminhada, em doces colóquios e cânticos com os celestiais espíritos em louvor do Altíssimo, e às vezes com São João que, solícito e prestativo a servia com admirável reverência, em tudo o que ocorria e o feliz apóstolo via ser preciso.

Maria santíssima agradecia este cuidado de São João com incrível humildade. As virtudes da gratidão e humildade faziam a Rainha considerar muito grandes os benefícios que recebia. Ainda que lhe eram devidos, por tantos títulos de obrigação e justiça, recebia-os como se fossem favores mui gratuitos.

Embarque para Éfeso

370. Chegaram ao porto e embarcaram no navio com outros passageiros. Pela primeira vez, a grande Rainha do mundo entrava no mar. Viu com suma clareza e compreensão todo o vastíssimo Mediterrâneo e a comunicação que tem com o Oceano. Conheceu sua profundidade e altura, sua longitude e latitude, suas cavernas e acidentes invisíveis, suas areias e minerais, fluxos e refluxos, seus animais, baleias, variedades de peixes grandes e pequenos, e quanto aquela portentosa criatura encerra.

Soube também quantas pessoas nele se haviam afogado e perecido, e se lembrou da verdade dita pelo Eclesiástico (**43, 26**): *narrem os perigos do mar aqueles que os navegam.* E o de David (**Sl 92, 4**): *admiráveis são as suas vagas e a soberba de suas empoladas ondas.*

A divina Mãe pôde conhecer tudo isto, tanto por especial graça de seu Filho santíssimo, como também por gozar, em supremo grau, dos privilégios e graças da natureza angélica, além da singular participação dos divinos atributos, à imitação e semelhança da humanidade santíssima de Cristo nosso Salvador.

Com estes dons e privilégios, conhecia não só as coisas como são em si mesmas, sem engano, mas seu conhecimento estendia-se muito mais longe para as penetrar e compreender mais do que os anjos.

Protetora dos navegantes

371. Quando às potências e sabedoria da grande Rainha se ostentou aquele extenso conjunto, no qual se refletiam como em espelho claríssimo a grandeza e onipotência do Criador, elevou seu

espírito com ardente vôo até chegar ao ser de Deus que tanto resplandece em suas admiráveis criaturas. Em todas e por todas, deu-lhe louvor, glória e magnificência.

Piedosa Mãe, compadeceu-se de todos os que têm que enfrentar a indômita força do mar, navegando-o com tanto risco de vida, e fez por eles fervorosa oração. Pediu ao Todo-Poderoso defender naqueles perigos, aos que devotamente pedissem sua proteção, invocando seu nome e intercessão.

Concedeu-lhe, prontamente, o Senhor esta graça e lhe prometeu favorecer, nos perigos do mar, aos que levassem alguma imagem sua, e com devoção chamassem, nas tormentas, à estrela do mar Maria santíssima.

Desta promessa se entenderá que, se os fiéis são mal sucedidos e perecem na navegação, é porque ignoram este favor da Rainha dos anjos, ou porque, por seus pecados, merecem não se lembrar d'Ela nas tormentas que sobrevêm, e em conseqüência não a chamam nem pedem seu socorro com verdadeira fé e devoção. A palavra do Senhor não pode faltar (**Mt 24, 35**), nem a grande Mãe recusaria auxiliar os necessitados e aflitos do mar.

Homenagem dos peixes à Virgem

372. Aconteceu ainda outro prodígio: quando Maria santíssima viu o mar, seus peixes e animais marítimos, abençoou-os, e lhes mandou que, a seu modo, reconhecessem e louvassem seu Criador. Coisa admirável: obedecendo a esta palavra de sua Senhora e Rainha, todos os peixes acudiram prontamente diante do navio, em inumerável multidão, sem faltar nenhuma de suas espécies. Rodeando a nave, punham a cabeça fora d'água, e com movimentos alegres, estiveram longo tempo homenageando a Rainha e Senhora das criaturas, obedecendo-lhe, festejando-a e como agradecendo-lhe de se ter dignado entrar no elemento em que eles habitavam.

Esta maravilha nunca vista surpreendeu a todos os que se encontravam na embarcação. Aquela multidão de peixes de todo o tamanho, apinhados, impedindo o navio de avançar, despertou-lhes a atenção e curiosidade, mas não chegaram a saber a causa da novidade. Só São João a entendeu, e não pôde conter as lágrimas de alegria e devoção.

Passado algum tempo, pediu à divina Mãe que desse a bênção e permissão para os peixes se retirarem, pois tão prontamente lhe haviam obedecido ao convidá-los a louvar o Altíssimo. A doce Mãe assim o fez, e logo desapareceu aquele exército aquático. O mar se tornou sereno, tranqüilo e belo, e prosseguindo a viagem, dentro de poucos dias desembarcaram em Éfeso.

Chegada a Éfeso

373. Desceram à terra e, tanto nela como no mar, a grande Rainha operou extraordinários prodígios: curou enfermos e libertou endemoninhados só com sua presença.

Não me detenho a descrever estes milagres, porque seriam necessários muitos livros e mais tempo, se tivesse que referir todos os que Maria santíssima ia operando, e os favores celestes que espalhava em toda a parte, como instrumento e dispenseira da onipotência do Altíssimo. Escrevo somente os exigidos por esta História e os que bastam para manifestar alguma coisa do que é desconhecido na vida de nossa Rainha e Senhora.

Em Éfeso viviam alguns fiéis vindos de Jerusalém e da Palestina. Eram poucos, mas sabendo da chegada da Mãe de

Cristo, nosso Salvador, foram visitá-la e oferecer-lhe suas residências e posses para servi-la. A grande Rainha das virtudes que não procurava ostentação nem comodidades temporais, escolheu para residir a casa de umas senhoras modestas que viviam retiradas e onde não havia homens. Com caridade e benevolência, por disposição do Senhor, ofereceram-lhe a morada. Escolheram, sob a inspiração dos anjos, um aposento bem retirado para a Rainha e outro para São João. Ali ficaram hospedados todo o tempo que estiveram em Éfeso.

Oração de Maria

374. Agradeceu Maria santíssima este favor às donas da casa e logo se retirou a seu aposento. Estando só, prostrou-se em terra, conforme costumava para fazer oração, e adorou ao ser imutável do Altíssimo, oferecendo-se em sacrifício para servi-lo naquela cidade. Disse: Senhor e Deus onipotente, com a imensidade e grandeza de vossa divindade encheis os céus e a terra (**Jer. 23, 24**).

Eu, vossa humilde serva, desejo fazer em tudo, e perfeitamente, vossa vontade em qualquer ocasião, lugar e tempo no qual vossa divina providência me colocar, pois Vós sois todo meu bem e minha vida; só a vós se dirigem meus desejos e afetos de minha vontade. Governai, altíssimo Senhor, todos meus pensamentos, palavras e ações, para que todas sejam de vosso agrado e beneplácito.

Conheceu a prudente Mãe que o Senhor aceitou esta súplica e oferta, e respondia a seus desejos, com virtude divina para assisti-la e guiá-la sempre.

Envia os anjos para proteger a igreja

375. Prosseguiu a oração pedindo pela santa Igreja e organizando o que desejava fazer em auxílio dos fiéis. Chamou os santos anjos e enviou alguns em socorro dos apóstolos e discípulos que estavam mais atribulados, com as perseguições que os demônios lhes moviam por meio dos infiéis.

Naqueles dias, São Paulo fugiu de Damasco por causa da perseguição que aí lhe faziam os judeus, como ele refere na segunda carta aos Coríntios (**2 Cor 11, 33**), quando o desceram pela muralha da cidade. Para defender o Apóstolo destes perigos e dos que Lúcifer lhe preparava durante a viagem que fazia para Jerusalém, a grande Rainha enviou anjos para o acompanhar e guardar.

A cólera do inferno irritava-se e se enfurecia mais contra São Paulo, do que contra os outros apóstolos. Esta viagem de São Paulo é a que ele refere na epístola aos Gálatas (**Gl 1, 18**), feita depois de três anos, subindo de Jerusalém para se encontrar com São Pedro.

Estes três anos não devem ser contados imediatamente após à conversão de São Paulo, mas depois dele ter voltado da Arábia para Damasco. É o que se deduz do texto de São Paulo, pois acabando de dizer que voltou da Arábia a Damasco, acrescenta logo que, depois de três anos subiu a Jerusalém. Se estes três anos fossem colocados antes de ter ido à Arábia, o texto ficaria muito confuso.

São Paulo em Jerusalém

376. Isto fica provado, com maior clareza, pelo cômputo que se fez acima (nº 198), desde a morte de Santo Estevão, e desta viagem de Maria santíssima a Éfeso. Santo Estevão morreu terminado o ano de trinta e quatro de Cristo, contando os anos a começar pelo dia do nascimento. Contando-os a partir do dia da Circuncisão, como

agora faz a santa Igreja, Santo Estevão morreu sete dias antes de terminar o ano de trinta e quatro, dias que faltavam até o primeiro de Janeiro. A conversão de São Paulo foi no ano de trinta e seis, aos vinte e cinco de Janeiro.

Se viesse a Jerusalém três anos depois, ali teria encontrado Maria santíssima e São João. No entanto, ele mesmo diz (**Gl 1, 19**) que, em Jerusalém, não viu outros apóstolos fora de São Pedro e São Tiago o menor, chamado Alfeu. Se a Rainha e São João estivessem em Jerusalém, São Paulo não deixaria de nomear, pelo menos, São João, mas assegura que não o viu.

O motivo foi porque São Paulo veio a Jerusalém terminado o ano quarenta, o quarto de sua conversão, e um mês e pouco depois que Maria santíssima partiu para Éfeso. Começava o quinto ano desde a conversão do Apóstolo, quando os outros apóstolos, fora dos dois que viu, estavam fora de Jerusalém, cada qual em sua região, pregando o Evangelho de Jesus Cristo.

São Paulo apresenta-se em Jerusalém

377. Conforme a este cálculo, São Paulo passou o primeiro ano de sua conversão, ou a maior parte dele, na viagem e pregação na Arábia, e os três seguintes em Damasco.

Por isto, o evangelista São Lucas no capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos (**v. 23**), ainda que não se refira à viagem de São Paulo à Arábia, diz que depois de muitos dias após sua conversão, os judeus de Damasco conspiraram para lhe tirar a vida. Entendeu por estes "muitos dias", os quatro anos que haviam passado. Em seguida, acrescentou (**At 9, 24-25**) que, descobertas as ciladas dos judeus, os discípulos à noite o desceram pelo muro da cidade e ele veio a Jerusalém.

Os dois apóstolos que ali estavam, e outros novos discípulos, conheciam o fato de sua milagrosa conversão. Apesar disto, receavam que não perseverasse, tendo ele sido tão acérrimo inimigo de Cristo, nosso Salvador. Com este receio, a princípio se esquivavam de São Paulo, até que São Barnabé o levou à presença de São Pedro, São Tiago e de outros discípulos (**At 9, 26**).

São Paulo prostrou-se aos pés do Vigário de Cristo, nosso Senhor, beijou-os e, entre lágrimas, pediu-lhe perdão de seus erros e pecados, e quisesse admiti-lo em o número de seus súditos, seguidores do Mestre, cujo santo nome e fé desejava pregar até derramar o próprio sangue.

Pregação de São Paulo em Jerusalém

378. Deste receio de São Pedro e São Tiago Alfeu pela perseverança de São Paulo, se colige também que, quando ele veio a Jerusalém, ali não estavam Maria santíssima nem São João. Se estivessem, ele teria se apresentado primeiro a Ela, dissipando o temor dos outros. Teriam também consultado a divina Mãe, para saber se podiam confiar em São Paulo. A prudente Senhora não deixaria de tudo prevenir, atenta e diligente como era ao consolo e acerto dos apóstolos, e principalmente de São Pedro.

Como, porém, a grande Senhora já estava em Éfeso, não tiveram quem lhes garantisse a constância de São Paulo, até que São Pedro a verificou, vendo-o prostrado a seus pés. Então o recebeu com grande alegria, o mesmo acontecendo com os demais discípulos.

Deram todos humildes e fervorosas graças ao Senhor, e ordenaram que São

Paulo saísse a pregar em Jerusalém, como ele o fez, enchendo de admiração aos judeus que o conheciam. Suas palavras eram setas de fogo que penetravam o coração de quantos o ouviam.

Ficaram assombrados, e em dois dias, toda Jerusalém se comoveu com a notícia da vinda e transformação de São Paulo, que já iam conhecendo por experiência.

Os demônios erguem-se contra São Paulo

379. Lúcifer e seus demônios não cochilavam, e ao entrar São Paulo em Jerusalém, sentiram estes dragões infernais, o açoite do Todo-Poderoso, através da virtude divina que havia no apóstolo e lhes aumentava o tormento oprimindo-os e subjugando-os.

Com a soberba e malícia que nunca se extinguirá (**Sl 73, 23**), enquanto eternamente durarem estes inimigos, logo que sentiram o ataque dessa violenta força, irritaram-se mais contra São Paulo, de quem ela procedia.

Com indizível sanha, Lúcifer convocou muitas legiões de demônios e os exortou a se animarem e empregarem toda a força de sua malícia na empresa de aniquilar São Paulo, de qualquer modo, sem deixar de mover pedra, em Jerusalém e em todo o mundo.

Sem demora, os demônios puseram em prática este acordo, servindo-se do ardente zelo com que o Apóstolo começou a pregar em Jerusalém, para irritar contra ele Herodes e os judeus.

São Paulo deixa Jerusalém

380. A grande Senhora que estava em Éfeso, teve conhecimento de tudo, pois além de sua admirável ciência, os anjos que Ela enviara para socorrer São Paulo, trouxeram-lhe notícia de quanto que se passava com ele.

A bem-aventurada Mãe, considerando a agitação de Jerusalém por malícia de Herodes e dos judeus, e por outro lado, a importância de ser conservada a vida de São Paulo para a exaltação do nome do Altíssimo e propagação do Evangelho, preocupou-se com o perigo que o apóstolo corria em Jerusalém, e por Ela estar ausente da Palestina, onde poderia ajudar os apóstolos mais de perto.

Assim o fez, de Éfeso, com a eficácia de suas contínuas orações e súplicas, multiplicando-as sem cessar, entre lágrimas e gemidos, e com outras diligências por meio dos santos anjos.

Para aliviá-la nestes cuidados, um dia na oração, o Senhor lhe respondeu que seu pedido a favor de São Paulo seria satisfeito. Ele o defenderia daquele perigo e ciladas do demônio e conservaria sua vida.

Assim aconteceu. Estando São Paulo, certo dia, orando no templo, teve admirável êxtase em que recebeu altíssimas iluminações com grande júbilo espiritual.

Mandou-lhe o Senhor que saísse logo de Jerusalém, para salvar sua vida do ódio dos judeus que não aceitariam sua doutrina e pregação.

Maria, medianeira das graças

381. Por este motivo, nesta ocasião São Paulo permaneceu em Jerusalém apenas quinze dias, como ele mesmo o diz, no capítulo primeiro de sua carta aos Gálatas (**v. 18**). Depois de alguns anos, ao voltar de Mileto e Éfeso a Jerusalém, onde foi preso, refere este êxtase recebido no templo e a ordem do Senhor para sair de Jerusalém,

conforme é narrado no capítulo 12 dos Atos dos Apóstolos (v. 17-18).

São Paulo comunicou esta visão e ordem do Senhor a São Pedro, chefe dos apóstolos, e em vista do perigo em que se achava a vida de São Paulo, enviaram-no secretamente a Cesaréia e Tarso (At 9, 30), para pregar aos gentios, como o fez.

De todos estes favores Maria santíssima era o instrumento e medianeira, por cuja intercessão seu Filho santíssimo os operava. De tudo logo recebia notícia e dava graças, em seu nome e no de toda a Igreja.

São Tiago volta da Espanha

382. Garantida, por então a vida de São Paulo, a piedosa Mãe encomendava à divina Providência seu sobrinho São Tiago a quem dedicava especial atenção. Ele continuava em Saragoça, auxiliado pelos cem anjos que Ela lhe deixara em Granada, por companhia e defesa, como se disse[2]. Estes espíritos celestes iam e voltavam, muitas vezes, à presença de Maria santíssima, com os pedidos de nosso apóstolo e avisos de nossa grande Rainha. Por este meio, São Tiago teve notícia da transferência da grande Senhora a Éfeso.

Quando a capela do Pilar de Saragoça estava em condições convenientes, confiou-a ao Bispo e discípulo que deixava naquela cidade, como em outras da Espanha. Feito isso, passados alguns meses, desde que a grande Rainha lhe aparecera, São Tiago partiu de Saragoça, percorrendo e pregando por muitos lugares. Chegando às costas da Catalunha, embarcou para a Itália, onde não ficou muito tempo. Prosseguiu a viagem, sempre a pregar, até embarcar para a Ásia, ansioso de lá se encontrar com Maria santíssima sua Senhora e amparo.

2 - nº 326

Encontro com Maria

383. Teve esta felicidade, e chegando a Éfeso, prostrou-se aos pés da Mãe de seu Criador, derramando copiosas lágrimas de alegria e veneração.

Com estes vivos sentimentos, deu-lhe humildes graças pelos incomparáveis favores que, por seu intermédio, recebera de Deus na pregação pela Espanha; por tê-lo visitado com sua real presença e todos os favores que nestas visitas lhe dispensou.

A divina Mãe, mestra de humildade, levantou do solo o santo Apóstolo e lhe disse: lembrai-vos, senhor, que sois ungido do Senhor, seu ministro, e Eu um humilde bichinho. Com estas palavras, a grande Senhora ajoelhou-se e pediu a benção de São Tiago, como sacerdote do Altíssimo.

O apóstolo ficou alguns dias em Éfeso, na companhia de Maria santíssima e de seu irmão João, a quem narrou tudo quanto lhe acontecera na Espanha. Com a prudentíssima Mãe, manteve naqueles dias altíssimos colóquios e conferências, dos quais basta referir os seguintes:

São Tiago pede a proteção de Maria

384. Preparando a despedida de Tiago, disse-lhe um dia Maria santíssima: Tiago, meu filho, estes serão os últimos dias de vossa vida. Já sabeis quanto vos amo no Senhor, desejando levar-vos ao íntimo de sua caridade e amizade eterna, para a qual vos criou, redimiu e chamou. No que vos resta de vida, desejo manifestar-vos este amor e vos ofereço tudo o que, com a divina graça, puder por vós, como verdadeira Mãe.

A este favor tão inefável, respondeu Tiago com indizível veneração: Se-

nhora minha e Mãe de meu Deus e Redentor, do fundo de minha alma vos dou graças por este novo benefício, digno somente de vossa caridade sem medida.

Peço, Senhora minha, que me deis vossa bênção para ir sofrer o martírio por vosso Filho e meu verdadeiro Deus e Senhor. Se for vontade sua e para sua glória, minha alma vos suplica não me abandonardes no sacrifício de minha vida, mas que naquela passagem, meus olhos vos contemplem e me ofereçais como hóstia agradável em sua divina presença.

Maria prepara-o para o martírio

385. Respondeu Maria santíssima que apresentaria este pedido ao Senhor e o cumpriria, se a divina vontade se dignasse assim dispor pela sua glória. Com esta esperança e outras palavras de vida eterna confortou o apóstolo e o animou para o martírio que o esperava.

Entre outras coisas, lhe disse o seguinte: Meu filho Tiago, que tormentos ou que penas parecerão difíceis para entrar no eterno gozo do Senhor? Qualquer violência é suave, e o mais terrível será amável e desejável para quem conheceu o infinito e sumo Bem que conquistará por momentânea dor (**2 Cor 4, 17**).

Dou-vos, senhor meu, parabéns por vossa felicíssima sorte, e por estardes tão perto de sair das prisões da carne mortal para, como compreensor, gozar do Bem infinito e ver a alegria de sua divina face. Nesta felicidade me levais o coração, porque tão brevemente conseguireis o que minha alma deseja, dando vossa vida temporal pela indefectível posse do eterno descanso. Dou-vos a bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e que as três Pessoas, numa só essência, vos assistam na tribulação, e vos guiem em vosso desejo; com o meu vos acompanharei em vosso glorioso martírio.

São Tiago despede-se de Maria

386. Além destas exortações, disse a grande Rainha outras de admirável sabedoria e grande consolação, para se despedir de São Tiago. Ordenou-lhe também que, quando chegasse à visão beatífica, louvasse à Santíssima Trindade em nome d'Ela, de todas as criaturas e pedisse pela santa Igreja.

Prontificou-se São Tiago a fazer quanto lhe ordenava, pedindo-lhe novamente sua proteção na hora do martírio. A divina Mãe confirmou sua promessa.

Nas últimas palavras de despedida, disse São Tiago: Senhora minha, bendita entre as mulheres, vossa vida e vossa intercessão é o apoio em que a santa Igreja, agora e por todos os séculos, há de permanecer segura entre as perseguições e tentações dos inimigos do Senhor, e vossa caridade será o instrumento de vosso singular martírio. Lembrai-vos sempre, como amorosa mãe, do reino da Espanha onde foi plantada a santa Igreja e fé de vosso Filho santíssimo e meu Redentor. Recebei-o sob vosso especial amparo e conservai nele vosso sagrado templo e a fé que eu, indigno, preguei, e dai-me vossa santa bênção.

Maria santíssima prometeu-lhe cumprir seus pedidos e desejos e dando-lhe a bênção o despediu.

Despede-se de São João

387. Despediram-se São Tiago e São João entre muitas lágrimas, não tanto de tristeza como de alegria, pela ventura do irmão mais velho, o primeiro a receber a palma do martírio e a felicidade eterna.

São Tiago partiu diretamente para Jerusalém, onde pregou alguns dias antes de morrer, como direi no capítulo seguinte.

A grande Senhora ficou em Éfeso, atenta a tudo quanto acontecia a São Tiago e aos demais apóstolos, sem perde-los de sua vista interior e sem interromper sua oração por eles e por todos os fiéis da Igreja.

A ocorrência do martírio que São Tiago ia sofrer pelo nome de Cristo, despertou no inflamado coração da Mãe puríssima tantos incêndios de amor e desejos de dar sua vida pelo Senhor, que mereceu mais coroas do que o apóstolo e do que todos juntos. Participou neles de tal modo que, em cada um padecia muitos martírios de amor, mais sensíveis para seu castíssimo e ardentíssimo coração, do que as torturas de cutelos e fogo para os corpos dos Mártires.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Humildade e adoração

388. Minha filha, nas advertências deste capítulo, encontrarás muitas regras de perfeição para agir com retidão. Assim como Deus é princípio e origem do ser e das capacidades das criaturas, assim também, conforme a ordem da razão, deve ser o alvo de todas elas. Se tudo recebem sem o merecer, tudo devem a quem lho deu gratuitamente; e se lho deram para traduzir em obras, estas são devidas a seu Criador e não à própria criatura ou a qualquer outro.

Esta verdade que eu entendia perfeitamente e meditava no coração, levava-me ao exercício que muitas vezes, com admiração, escreveste: prostrava-me em terra, apegava-me a ela, para adorar ao imutável ser de Deus, com profunda reverência, veneração e culto. Considerava como fôra criada do nada e formada da terra, e na presença do Ser divino me aniquilava. Reconhecia-o como Criador que me transmitia vida e movimento (**At 13,28**) e que sem Ele nada seria, e tudo lhe devia como a único princípio e fim de toda a criação. Ponderando esta verdade, parecia-me pouco tudo quanto fazia e sofria. Apesar de nunca cessar de fazer o bem, sempre anelava e suspirava por fazer e padecer mais. Meu coração nunca se saciava, porque me considerava sempre mais devedora, pobre e obrigada.

Esta ciência está muito ao alcance da razão natural, e ainda mais à luz da fé, se os homens atendessem a ela, já que a dívida é de todos e muito notória. Em seu geral esquecimento, quero, minha filha, que sejas atenta para me imitar nos exercícios que te manifestei. Advirto-te, especialmente, que te apegues ao pó e te aniquiles, na medida em que o Altíssimo te elevar aos favores de suas mais íntimas carícias.

Tens o exemplo disto em minha humildade, quando recebia algum benefício singular, tal como ordenar o Senhor que, ainda em minha vida mortal, me fosse dedicado um templo para ser invocada e honrada com veneração e culto. Este favor e outros humilharam-me acima de toda a ponderação humana. Se eu procedia assim, apesar de possuir tantos méritos, considera tu o que deves fazer, sendo o Senhor tão liberal contigo e tua correspondência tão escassa.

Pobreza

389. Quero também minha filha, que me imites em ser muito circunspecta e pobre de espírito, ao atender tuas necessidades. Não aceites muitas comodidades, ainda que tuas monjas e os que te estimam

tas ofereçam. Escolhe, ou aceita sempre o mais pobre, reduzido, desprezível e humilde. De outro modo não podes imitar-me, nem seguir o espírito com que recusei todas as comodidades, ostentação e fartura que os fiéis me ofereceram em Jerusalém. Também em Éfeso, para minha viagem e residência, só aceitei o mínimo suficiente. Nesta virtude estão encerradas muitas outras que tornam feliz a criatura, enquanto o mundo, iludido e cego, se atira a tudo o que é contrário a esta virtude e verdade.

Apegos

390. Com todo o cuidado, guarda-te também deste outro geral engano. Deveriam os homens reconhecer que todos seus bens de corpo e de alma pertencem ao Senhor; apesar disso, aferradamente apropriam-se deles. Não os oferecem a seu Criador e Senhor, e se alguma vez lhes são tirados, lamentam-se como se fossem ofendidos e como se Deus lhes estivesse fazendo injustiça. Assim, desordenadamente, costumam os pais amar aos filhos, os filhos aos pais, os maridos às mulheres, estas àqueles, e todos ao dinheiro, à honra, à saúde e outros bens temporais.

Outras almas apegam-se aos bens espirituais e se estes lhes faltam enchem-se de dor e sentimento. Mesmo no caso de ser impossível recuperar o que desejam, vivem inquietas e desconsoladas, deslizando do sentimento sensível à desordem da razão e à injustiça. Com este vício, não só condenam as disposições da Divina Providência, como perdem o grande mérito que alcançariam, oferecendo e sacrificando ao Senhor o que, afinal, é d'Ele mesmo. Dão também a entender que teriam por suma felicidade, possuir e gozar aqueles bens transitórios que perderam, e viveriam contentes muitos séculos, só com aquele bem aparente, caduco e perecível.

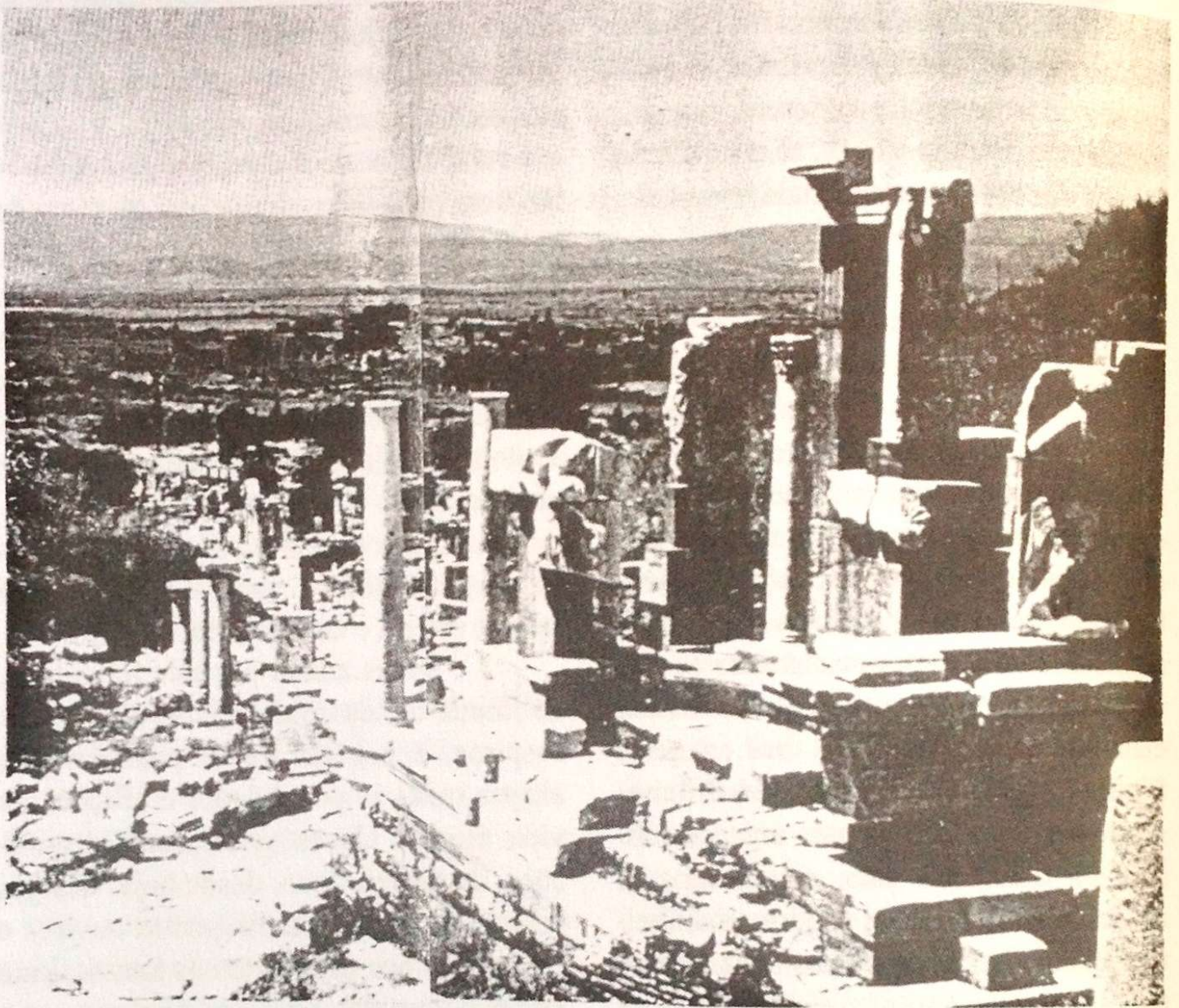
O puro amor de Deus

391. Nenhum dos filhos de Adão jamais pôde amar tanto qualquer coisa visível, quanto Eu amei a meu Filho santíssimo e a meu esposo José. Vivendo em companhia de ambos, com este amor tão bem ordenado, ofereci ao Senhor, de todo o coração, a privação de seu trato e convivência todo o tempo que sem eles vivi no mundo. Quero que imites esta conformidade e resignação, quando te faltar alguma coisa das que amas em Deus, pois a não ser n'Ele, não tens licença de amar nenhuma.

Tuas ânsias e contínuos desejos só devem aspirar a visão de Deus, para amá-lo inteira e eternamente na pátria.

Deves anelar por esta felicidade, do íntimo de teu coração, com lágrimas e suspiros, e por ela deves padecer com alegria todas as penalidades e aflições da vida mortal. Deves viver nestas aspirações, de maneira que, desde hoje, desejes vivamente padecer tudo quanto ouvires e entenderes que padeceram os Santos, para assim te tornares digna do Senhor.

Adverte, porém, que estes desejos de padecer e as aspirações e anseios de ver a Deus sejam de modo, que sofras por não padecer e por não merecer o que tanto desejas. Nos desejos pela visão beatífica, não deve misturar o motivo de te livrares das penalidades da vida. Desejar o Sumo Bem para fugir do trabalho, não é amor de Deus, mas de si mesmo e do próprio comodismo, que não merece recompensa aos olhos do Onipotente que tudo pesa e penetra. Se, como fiel serva e esposa de meu Filho, praticares retamente e com plenitude de perfeição estas coisas, desejando vê-lo

para amá-lo e louvá-lo e não mais o ofender; se só para este fim cobiçares os trabalhos e tribulações crê sem dúvida, que nos agradarás muito e chegarás ao grau de amor que sempre desejas. Para isto é que somos tão liberais contigo.

Ruínas do Éfeso atualmente

CAPÍTULO 2

O GLORIOSO MARTÍRIO DE SÃO TIAGO; MARIA SANTÍSSIMA O ASSISTE E LEVA SUA ALMA AO CÉU; SEU CORPO É TRAZIDO À ESPANHA. PRISÃO DE SÃO PEDRO E SUA LIBERTAÇÃO DO CÁRCERE; O QUE ACONTECEU NESTA OCORRÊNCIA.

São Tiago combatido pelos judeus

392. Quando nosso grande apóstolo São Tiago chegou em Jerusalém, toda a cidade agitava-se contra os discípulos e seguidores de Cristo, nosso Senhor. Esta nova indignação fôra fomentada, ocultamente, pelos demônios que infeccionavam, com seu venenoso hálito, o coração dos pérfidos judeus. Excitava neles o zelo de sua lei e a rivalidade contra a nova lei do Evangelho, despertada pela pregação de São Paulo. Ainda que este permaneceu em Jerusalém apenas quinze dias, a virtude divina agiu tanto por seu intermédio, que converteu muitos e assombrou a todos. Quando São Paulo deixou Jerusalém, os judeus se acalmaram um pouco, mas logo chegou São Tiago não menos cheio de sabedoria e zelo pelo nome de Cristo, nosso Redentor, e com isto voltaram a se alterar.

Lúcifer, que não ignorava a vinda de São Tiago, atiçava a raiva dos pontífices, sacerdotes e escribas, para que o novo pregador lhes constituísse motivo para maior oposição e combate.

Chegou São Tiago pregando fervorosamente o nome do Crucificado, sua misteriosa Morte e Ressurreição, e nos primeiros dias converteu a alguns judeus. Entre estes, distinguiram-se Hermógenes e Fileto, ambos magos feiticeiros que tinham pacto com o demônio. Hermógenes era mais douto na magia e Fileto era seu discípulo. Os judeus deles quiseram se valer contra o apóstolo: que o vencessem em disputa, ou se isto não conseguissem, que lhe tirassem a vida por meio de algum malefício de suas artes mágicas.

Conversão de Fileto

393. Esta maldade era maquinação dos demônios que se serviam dos judeus como instrumentos de sua iniquidade pois não podiam, por si mesmos, se aproximar do apóstolo, repelidos pela divina graça que nele sentiam.

Chegando à disputa com os dois magos, veio primeiro Fileto para argüir com São Tiago. Se não conseguisse vencê-lo, entraria em cena Hermógenes, mestre e mais perito na ciência da magia.

Propôs Fileto seus falsos e sofisticados argumentos que o santo apóstolo desvaneceu, como os raios do sol desterram as trevas. Falou com tanta sabedoria e eficácia que Fileto se converteu à verdadeira fé de Cristo, fazendo-se daí em diante

defensor do apóstolo e de sua doutrina.

Temendo seu mestre Hermógenes, pediu a São Tiago o protegesse dele e das artes diabólicas com que o perseguiria. O santo apóstolo deu a Fileto um lenço recebido de Maria santíssima, e com aquela relíquia, o novo convertido se defendeu dos malefícios de Hermógenes por alguns dias, até que este foi, por sua vez, discutir com o apóstolo.

Conversão de Hermógenes

394. Hermógenes temia São Tiago, mas não pôde esquivar-se da disputa, pelo compromisso que assumira com os judeus. Procurou reforçar seus erros com maiores argumentos do que seu discípulo Fileto, mas este esforço foi inútil contra o poder e sabedoria celeste que do sagrado apóstolo emanava qual impetuosa torrente. Afogou Hermógenes e obrigou-o a confessar a fé em Cristo e seus mistérios, como acontecera com Fileto, seu discípulo, e ambos creram na santa fé e doutrina pregada por Tiago.

Os demônios enraiveceram-se contra Hermógenes, e com o domínio que sobre ele haviam tido, maltrataram-no por causa de sua conversão. Sabendo que Fileto deles se defendera com a relíquia do lenço que o santo apóstolo lhe deu, Hermógenes lhe pediu o mesmo favor contra os inimigos infernais.

São Tiago lhe deu o bastão que usava em suas peregrinações, e com ele o convertido afugentou os demônios, livrando-se de seus ataques.

Queda de Fileto e Hermógenes

395. Para estas conversões e outras que São Tiago obteve em Jerusalém, concorreram as orações e súplicas que a grande Rainha do céu fazia no seu oratório em Éfeso, de onde, como noutras partes fica dito[1], conhecia por visão, tudo o que faziam os apóstolos e fiéis da Igreja. Além disso, dedicava particular cuidado ao seu querido apóstolo tão próximo do martírio.

Hermógenes e Fileto perseveraram algum tempo na fé em Cristo, mas depois retrocederam e quando estavam na Ásia a abandonaram. Assim consta na segunda epístola a Timóteo (**2 Tim 1, 15**), onde o Apóstolo o avisa de que Figelo, ou Fileto, e Hermógenes dele se tinham separado.

A semente da fé nasceu naqueles corações, mas não aprofundou raízes para resistir às tentações do demônio, a quem tão longo tempo haviam servido e tratado amigavelmente. Permaneceram neles restos das más raízes dos vícios, que afinal prevaleceram, derribando-os do estado da fé que haviam abraçado.

Prisão de São Tiago

396. Quando, porém, os judeus viram seu plano frustrado pela conversão de Hermógenes e Fileto, encheram-se de maior ódio contra o apóstolo São Tiago e decidiram liquidá-lo tirando-lhe a vida.

Para isto, subornaram Demócrito e Lísias, centuriões da milícia romana e, secretamente, combinaram que, com seus subalternos prendessem o apóstolo. Para dissimular a cilada, fingiram um motim onde ele estivesse pregando, e então o entregariam às suas mãos.

A execução desta maldade ficou a cargo de Abiatar, sumo sacerdote naquele ano, e de Josias escriba, do mesmo espírito que o sacerdote. Como planejaram, assim fizeram.

Estava São Tiago pregando ao povo o mistério da Redenção humana, provando-o com admirável sabedoria e

1 - n^os 80, 158, 324, 380 etc

testemunhos das antigas Escrituras, de modo que o auditório se compungiu até as lágrimas. O sumo sacerdote e o escriba se inflamaram em furor diabólico. Deram sinal aos romanos e Josias prendeu São Tiago. Lançou-lhe uma corda ao pescoço, acusando-o de perturbador da nação e inventor de nova religião contra o império romano.

São Tiago é condenado à morte

397. Neste momento, chegaram Demócrito e Lísias com sua gente e prenderam o apóstolo. Levaram-no à Herodes, filho de Arquelau que também estava prevenido, interiormente pela astúcia de Lúcifer, e exteriormente pela malícia e ódio dos judeus.

Incitado por estes estímulos, Herodes tinha suscitado contra os discípulos do Senhor a quem aborrecia, a perseguição que São Lucas diz no capítulo 12 dos Atos dos Apóstolos (v. 1). Enviou soldados para afligi-los, prendê-los e sentenciou São Tiago à morte por degolação, como os judeus lhe pediam.

Foi indizível a alegria de nosso grande apóstolo vendo-se prender e amarrar à semelhança de seu Mestre, e que chegara o momento de passar desta vida mortal à eterna através do martírio, como a Rainha do céu lhe havia dito [2].

Fez humildes e fervorosos atos de agradecimento por este favor, e publicamente confessou novamente a santa fé em Cristo, nosso Senhor. E, lembrando-se do pedido que, em Éfeso, fizera à Senhora para o assistir na morte, invocou-a do íntimo da alma.

Maria atende à oração do apóstolo

398. De seu oratório, ouviu Maria santíssima estas súplicas de seu amado apóstolo e sobrinho, como quem estava atenta a tudo quanto lhe acontecia, acompanhando-o com sua eficaz oração. A grande Senhora viu descer do céu grande multidão de anjos de todas as jerarquias, e que uma parte deles dirigiu-se a Jerusalém rodeando o santo apóstolo, quando o conduziam ao lugar do suplício.

Outros anjos foram a Éfeso onde estava a Rainha, e um dos mais elevados lhe disse: Imperatriz das alturas e Senhora nossa, o altíssimo Deus e Senhor dos exércitos diz para irdes logo a Jerusalém confortar seu grande servo Tiago, assisti-lo na morte e satisfazer seus santos e piedosos desejos.

Maria santíssima aceitou este favor, com alegria e gratidão, e louvou ao Altíssimo pela providência com que defende e ampara os que confiam e vivem sob sua proteção. Neste ínterim o apóstolo era conduzido ao martírio, e pelo caminho fez muitos milagres, curando enfermos e libertando alguns possessos do demônio. Tendo-se divulgado a notícia de que Herodes o mandara degolar, acorriam muitos necessitados à procura do remédio, antes que lhes faltasse quem os socorria.

Maria vai assistir São Tiago

399. Nesse mesmo tempo, os anjos receberam sua grande Rainha e Senhora num trono refulgentíssimo, como em outra ocasião disse [3], e a transportaram para Jerusalém, no lugar onde São Tiago chegava para ser executado.

Ajoelhou-se em terra o santo apóstolo para oferecer a Deus o sacrifício de sua vida, e quando levantou os olhos para o céu, viu diante de si, no ar, a Rainha que invocava em seu coração. Viu-a revestida de divino esplendor, com grande beleza, acompanhada pela multidão de

2 - nº 385

3 - nºs 165, 193, 325, 349

anjos que a serviam.

Este admirável quadro inflamou-o em ardores de júbilo e caridade, moveu seu coração e potências. Quis, em alta voz, proclamar Maria santíssima por Mãe de Deus e Senhora de todas as criaturas. Um dos anjos, porém, o deteve naquele fervor e lhe disse: Tiago, servo do nosso Criador, guardai em vosso peito estes preciosos afetos, e não os manifesteis aos judeus a presença e favor de nossa Rainha. Não são dignos nem capazes de compreender, e mais lhe excitarão ódio do que reverência.

Com este aviso se conteve o apóstolo e, em silêncio apenas movendo os lábios, falou à Rainha:

Morte de São Tiago

400. Mãe de meu Senhor Jesus Cristo, Senhora e amparo meu, consolo dos aflitos, refúgio dos necessitados, dai-me, Senhora, vossa bênção tão desejada por minha alma nesta hora. Oferecei, por mim, a vosso Filho e Redentor do mundo o sacrifício de minha vida em holocausto, abrasado no desejo de morrer pela glória de seu santo nome. Sejam hoje vossas mãos puríssimas a ara de meu sacrifício, para que o receba com agrado, quem por mim se ofereceu na santa cruz. Em vossas mãos, e por elas, nas de meu Criador encomendo meu espírito.

Ditas estas palavras, tendo os olhos sempre elevados para Maria santíssima que lhe falava ao coração, foi o santo apóstolo degolado. A grande Senhora e Rainha do mundo, - oh! admirável dignação! - recebeu a alma de seu amantíssimo apóstolo a seu lado, no trono onde se encontrava, e a levou ao céu empíreo, onde a apresentou a seu Filho santíssimo.

Entrou Maria santíssima na côrte celestial com esta oferenda, causando a todos os habitantes do céu novo júbilo e glória acidental. Deram-lhe os parabéns, com novos cânticos e louvores, enquanto o Altíssimo recebeu a alma de Tiago e a colocou em eminente lugar de glória entre os príncipes de seu povo.

Maria santíssima, prostrada ante o trono da infinita Majestade, fez um cântico de louvor em ação de graças, pelo triunfo do primeiro apóstolo mártir. Nesta ocasião, a grande Senhora não viu intuitivamente a Divindade, mas com visão abstrativa, de que outras vezes tenho falado. Não obstante, a santíssima Trindade encheu-a de novas bênçãos e favores para Ela e a santa Igreja, pela qual Ela fez grandes súplicas. Os santos também a bendisseram, e com isto os anjos a trouxeram de volta ao seu oratório em Éfeso, onde um anjo esteve representando sua pessoa durante sua ausência.

Chegando, a Mãe das virtudes prostrou-se em terra como costumava, agradecendo mais uma vez ao Altíssimo, por tudo o que se passara.

O corpo de São Tiago

401. Os discípulos de São Tiago, naquela noite, recolheram seu santo corpo e, secretamente, o levaram ao porto de Jope, onde por disposição divina embarcaram e o trouxeram para a Galícia na Espanha. A divina Senhora enviou um anjo para guiá-los até onde era vontade de Deus que aportassem. Não viram o santo anjo, mas sentiram sua proteção, porque os defendeu durante toda a viagem, muitas vezes milagrosamente.

Deste modo, a Espanha deve a Maria santíssima também o tesouro do sagrado corpo de São Tiago que possui

para sua proteção e defesa, como em sua vida o teve para ensinamento da santa fé que tão arraigada deixou no coração dos espanhóis.

São Tiago morreu no ano do Senhor de quarenta e um, a vinte e cinco de março, cinco anos e sete meses depois que partiu de Jerusalém para vir à Espanha. Conforme este cálculo e os que acima declarei [4], o martírio de São Tiago foi sete anos depois da morte de Cristo, nosso Salvador.

Cronologia da morte e comemoração de São Tiago

402. Que seu martírio foi pelo fim de março, consta no capítulo 12 dos Atos dos Apóstolos, onde São Lucas diz (**v. 3**) que, pela satisfação que a morte de São Tiago deu aos judeus, Herodes encarcerou São Pedro com intenção de o degolar também, ao passar a Páscoa (**v. 4**) que era a do Cordeiro e dos Ázimos, celebrada pelos judeus a catorze da lua de março.

Desta citação conclui-se que a prisão de São Pedro foi nesta Páscoa ou muito próxima a ela, e que a morte de São Tiago havia sido poucos dias antes. Naquele ano de quarenta e um, o dia catorze da lua de Março ocorreu nos últimos dias deste mês, de acordo com o cômputo solar dos anos e meses que nós usamos.

De acordo com isto, a morte de São Tiago foi no dia vinte e cinco, antes dos catorze da lua e depois destes, sucedeu a prisão de São Pedro e a Páscoa dos judeus. A santa Igreja não celebra o martírio de São Tiago no seu dia, por comemorar no mesmo a Encarnação, e geralmente os mistérios da Paixão. Transferiu-se para vinte e cinco de julho, dia em que o corpo do santo apóstolo foi transladado para a Espanha.

4 - n°s 198, 376

Prisão de São Pedro

403. A rapidez com que Herodes executou São Tiago, animou a impiíssima crueldade dos judeus, parecendo-lhes que a sevícia do iníquo Rei lhes serviria de instrumento, para se vingarem dos seguidores de Cristo, nosso Senhor.

A mesma suposição fez Lúcifer e seus demônios. Estes com sugestões, os judeus com rogos e lisonjas, persuadiram-no a mandar prender São Pedro. Assim o fez para agradar aos judeus, cuja simpatia desejava para alcançar vantagens temporais.

Os demônios temiam grandemente o Vigário de Cristo, pela força que dele emanava e os reprimia, e assim apressaram sua prisão. Nela o encadearam muito bem, à espera que passasse a Páscoa para ser executado (**At 12, 4**).

O invicto coração do apóstolo

estava tão despreocupado e sereno, como se estivesse em liberdade, mas não assim a Igreja de Jerusalém. Os discípulos e fiéis afligiram-se muito, sabendo que Herodes determinara justiçá-lo sem demora. Multiplicaram as orações e súplicas ao Senhor (**At 12, 5**) para que guardasse seu vigário e chefe da Igreja, cuja morte a ameaçaria de grande ruína e tribulação. Invocaram também o socorro e poderosa intercessão de Maria santíssima, de quem todos esperavam remédio.

Maria reza pela Igreja

404. Esta provação da Igreja não era ignorada pela divina Mãe, embora se encontrasse em Éfeso. Dali, seus olhos clementíssimos, por visão claríssima, presenciava tudo quanto se passava em Jerusalém. A piedosa Mãe acudia com rogos, prostrações e lágrimas de sangue, pedindo a libertação de São Pedro e a defesa da santa Igreja.

Esta oração de Maria penetrou os céus e feriu o coração de seu filho Jesus, nosso Salvador. Para lhe responder, desceu em pessoa ao oratório onde Ela estava prostrada com a face apegada ao pó. Entrou o soberano Rei e erguendo-a do solo, disse-lhe com carinho: Minha Mãe, moderai vossa dor e dizei tudo o que desejais que vos concederei e achareis graça a meus olhos.

Jesus vem atender Maria

405. Com a presença e carinho do Senhor, a divina Mãe se reanimou, pois os sofrimentos da Igreja eram o instrumento de seu martírio. Ver São Pedro no cárcere condenado à morte, afligia-a mais do que podemos imaginar, prevendo o que isto poderia acarretar à primitiva Igreja.

Renovou seus pedidos na presença de Cristo nosso Redentor, e disse: Senhor, Deus verdadeiro e meu Filho, vós conheceis a tribulação de vossa santa Igreja, e seus clamores chegam a vossos ouvidos e penetram o íntimo de meu aflito coração. Querem tirar a vida de seu Pastor, vosso Vigário. Se vós o permitirdes, Senhor meu, dispersarão vossa pequena grei e os lobos infernais triunfarão de vosso nome, como desejam.

Senhor e Deus meu, vida de minha alma, para que Eu possa viver, ordenai ao mar e à tempestade e logo sossegarão os ventos e as ondas que combatem esta barquinha. Defendei vosso Vigário e sejam confundidos vossos inimigos. Se for de vossa vontade e para vossa glória, voltem-se as tribulações contra mim, que eu padecerei por vossos filhos e fiéis, e com o auxílio de vosso poder, pelejarei com os inimigos invisíveis em defesa de vossa Igreja.

Maria rechaça os demônios

406. Respondeu seu Filho santíssimo: Minha Mãe, com o poder que de Mim recebestes, quero que façais o que quiserdes. Fazei e desfazei tudo o que à minha Igreja convém. E, adverti que os demônios vão dirigir toda sua fúria contra vós.

Agradeceu a Mãe prudentíssima, oferecendo-se para as guerras do Senhor, lutando pelos filhos da Igreja, e falou: Altíssimo Senhor meu, esperança e vida de minha alma, o coração e o ânimo de vossa serva está preparado para trabalhar pelas almas que custaram vosso sangue e vossa vida. Ainda que sou pó inútil, vós tendes infinita sabedoria e poder, e com vosso divino auxílio não temo o dragão infernal. Já que, em vosso nome, quereis que eu faça

O anjo liberta São Pedro da prisão.

por vossa Igreja o que convém, ordeno a Lúcifer e a todos seus ministros de maldade que perturbam a Igreja em Jerusalém, desçam ao abismo e ali fiquem imóveis, enquanto vossa divina providência não lhes permitir voltar à terra.

Esta palavra da grande Rainha do mundo foi tão eficaz que, no instante em que a pronunciou em Éfeso, os demônios que estavam em Jerusalém precipitaram-se nas cavernas infernais, sem poder resistir à virtude divina que operava por meio de Maria santíssima.

Envia um anjo libertar São Pedro

407. Conheceram, Lúcifer e seus ministros, que aquele açoite procedia de nossa Rainha a quem eles chamavam sua "inimiga", porque não se atreviam a lhe pronunciar o nome. Permaneceram no inferno confusos e aterrados, como noutras ocasiões de que já falei [5], até que lhes foi permitido se levantarem para fazer guerra à Senhora, como direi adiante [6]. Durante este tempo, estiveram estudando os meios a usar nesse combate.

Alcançada esta vitória contra o demônio, restavam Herodes e os judeus. Disse Maria santíssima a Cristo, nosso Salvador: Agora, Filho e Senhor meu, se for vossa vontade, irá um de vossos santos anjos libertar da prisão vosso servo Pedro.

Aprovou Cristo, nosso Senhor, a sugestão de sua Virgem Mãe e pela ordem de ambos, como supremos reis, foi um dos celestes espíritos que ali se encontravam, libertar o apóstolo São Pedro, tirando-o do cárcere de Jerusalém.

O anjo liberta São Pedro

408. Imediatamente obedeceu o anjo a esta ordem e, chegando ao cárcere, encontrou São Pedro ligado com cadeias a dois soldados que o guardavam, além dos outros que montavam guarda à porta. Já havia passado a Páscoa, e era a noite do dia seguinte em que seria executada sua sentença de morte. Apesar disso, o apóstolo estava tão tranqüilo que ele e os guardas dormiam profundamente (At 12, 6).

Chegou o anjo e foi necessário sacudir São Pedro para o despertar, e estando ainda sonolento, lhe disse o anjo: levanta-te depressa; põe teu cinto, as sandálias, veste a capa e segue-me. São Pedro viu-se livre das cadeias, e sem entender o que acontecia, seguiu o anjo, ignorando que visão era aquela.

Tendo-o levado por algumas ruas, o anjo explicou-lhe como Deus onipotente o havia libertado, pela intercessão de sua Mãe santíssima, e desapareceu.

São Pedro, voltando a si, conheceu o mistério e o favor, e deu graças ao Senhor.

São Pedro deixa Jerusalém

409. São Pedro considerou que, antes de se pôr a salvo, era bem participar tudo aos discípulos, a Tiago menor, e agir com o conselho de todos. Apressando o passo dirigiu-se para a casa de Maria, Mãe de João também chamado Marcos (At 12, 12). Era a casa do Cenáculo onde se encontravam, reunidos e aflitos, muitos discípulos. São Pedro bateu à porta e uma criada, chamada Rode foi ver quem chamava. Conheceu a voz de Pedro, mas não abriu, e os outros disseram: estás louca. Ela, porém, insistia que era Pedro.

Eles que, de modo algum pensavam em tal possibilidade, julgaram que talvez fosse o anjo do Apóstolo. Enquanto assim discutiam, São Pedro estava na rua continuando a bater na porta, até que lha

5 - nºs 298, 325, 208, etc.
6 - nº 451 e segs.

abriram. Viram, então, com imensa alegria, o santo apóstolo, chefe da Igreja, livre da tribulação do cárcere e da morte.

Narrou-lhes tudo o que sucedera e como o anjo o tinha conduzido, para que avisassem Tiago e os demais irmãos, com muita cautela. Prevendo que Herodes logo o procuraria com muita diligência, determinaram que, na mesma noite, saísse de Jerusalém para não ser preso novamente.

São Pedro fugiu e quando Herodes mandou buscá-lo na prisão e não o encontrou, fez castigar os guardas e se enfureceu contra os discípulos.

Por sua soberba e ímpio proceder, Deus lhe embargou os passos, castigando-o severamente, como direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Maria, protege os agonizantes

410. Minha filha, comoveu-te o singular favor que minha piedade concedeu a meu servo Tiago, na hora de sua morte. Aproveito a ocasião para te manifestar um meu privilégio que o Altíssimo confirmou, quando lhe apresentei a alma do Apóstolo no céu. Apesar de outras vezes eu ter falado neste segredo, agora o entenderás melhor, para seres minha verdadeira filha e devota.

Quando levei ao céu a feliz alma de Tiago, disse-me o eterno Pai, diante de todos os bem-aventurados: Filha e pomba minha, escolhida entre todas as criaturas para meu agrado, saibam todos os meus cortesãos, anjos e santos: para a exaltação de meu nome, para tua glória e bem dos mortais, dou-te minha palavra que, se na hora da morte, te invocarem de coração como meu servo Tiago; se pedirem tua intercessão junto a Mim, inclinarei para eles minha clemência e os olharei com olhos de piedoso Pai; defendê-los-ei dos perigos daquela última hora; afastarei de sua presença os cruéis inimigos que se esforçam para fazer as almas perecerem naquele transe; darei a elas, por teu meio, grandes auxílios para lhes resistirem e se porem na minha graça, se de sua parte colaborarem; e tu me apresentarás suas almas para receberem a generosa recompensa de minha liberalidade.

Apresenta as almas no tribunal divino

411. Por este privilégio, toda a Igreja triunfante, e Eu com ela, fizemos um cântico de louvor e ação de graças ao Altíssimo.

Ainda que os Anjos tenham por ofício apresentar as almas no tribunal do justo Juiz, quando saem do cativeiro da vida mortal, o mesmo privilégio foi dado a Mim, de modo mais elevado que quaisquer outros concedidos pelo Onipotente às demais criaturas. Tenho-os por outro título, em grau especial e eminente, e muitas vezes uso destes dons e privilégios, como o fiz com alguns dos apóstolos.

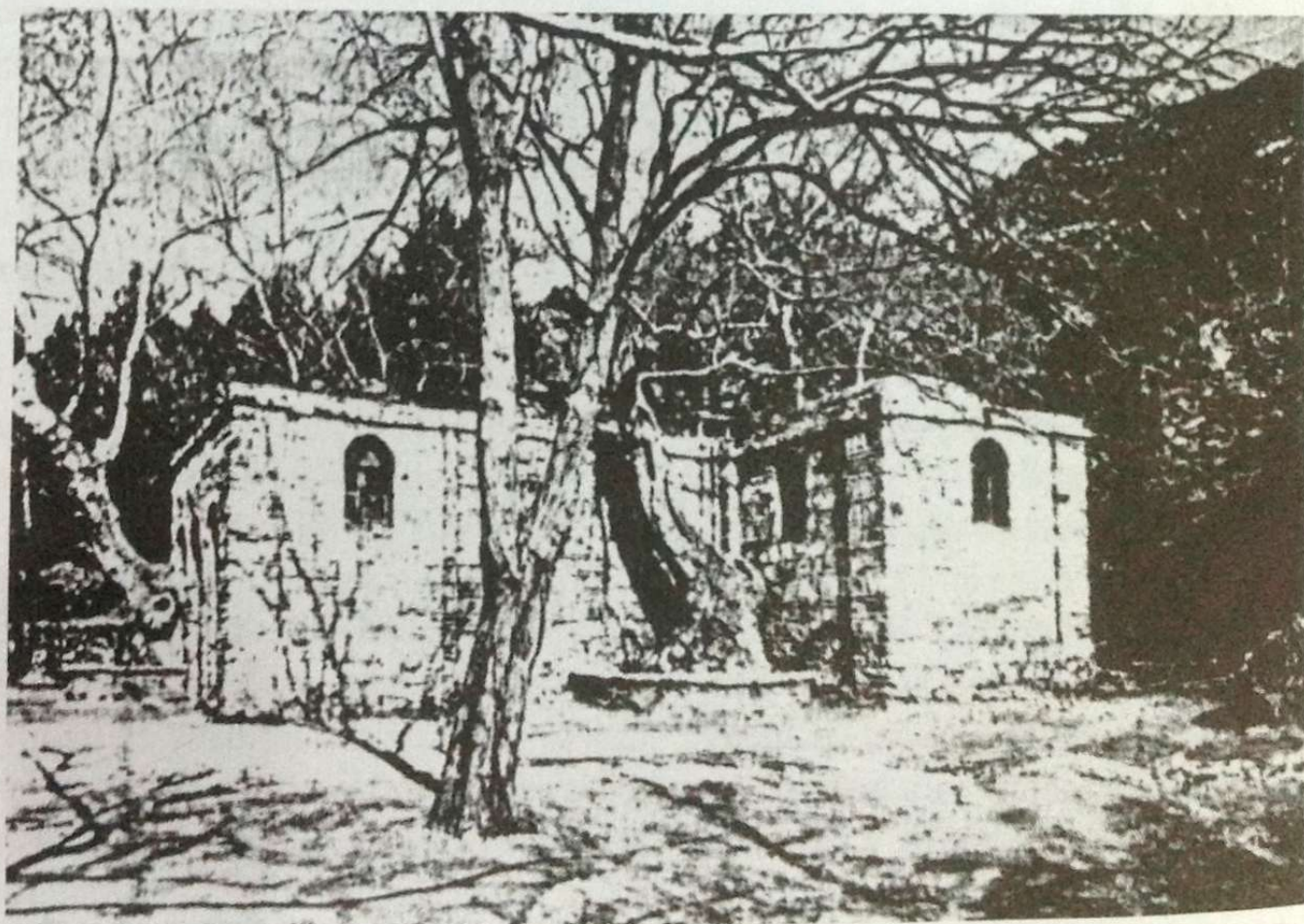
Vendo-te desejosa de saber como alcançarás de Mim este favor, tão digno de ser ambicionado por todos, respondo ao teu piedoso afeto: antes de tudo, procura não desmerece-lo por ingratidão e esquecimento. Em primeiro lugar, o obterás com a pureza inquebrantável, o que mais desejo em ti e nas demais almas. O grande amor que devo e tenho a Deus obriga-me a desejar, com íntima caridade e afeto, que todas as criaturas guardem sua santa lei, e nenhuma perca sua amizade e graça. Isto é o que deves estimar mais do que a vida, e antes morrer do que pecar contra teu Deus e sumo bem.

Condições para merecer a assistência de Maria na hora da morte

412. Em seguida, quero que me obedeças, pratiques minha doutrina e trabalhes com todo empenho por imitar o que de Mim conheces e escreves; que não faças interrupções no exercício do amor, nem esqueças um momento o cordial afeto que deves à liberal misericórdia do Senhor; que sejas agradecida ao que deves a Ele e a Mim, que é mais do que quanto podes compreender na vida mortal. Sê fiel em lhe responder, fervorosa na devoção, pronta em praticar o mais elevado e perfeito.

Alarga teu coração e não o acanhes covardemente, como de ti pretende o demônio. Emprega as mãos em coisas grandes e árduas (**Prov 31, 19**), com a confiança que deves ter no Senhor. Não te acabrunhes nem desanimes na adversidade, nem impeças que se realize a vontade de Deus em ti e nos altíssimos desígnios de sua glória.

Nas maiores dificuldades e tentações tem viva fé e esperança. Para tudo isto te ajudará o exemplo de meus servos Tiago e Pedro, e o conhecimento que te comuniquei sobre a feliz segurança que gozam os que vivem sob a proteção do Altíssimo. Com esta confiança e minha devoção, alcançou Tiago o especial favor que lhe fiz em seu martírio, e venceu imensos trabalhos até chegar a ele. Com igual confiança, encontrava-se Pedro tão sossegado e tranqüilo na prisão, sem perder a serenidade de seu interior, merecendo que meu Filho santíssimo e Eu tivéssemos tanto cuidado de sua conservação e liberdade.

Os mundanos, filhos das trevas, desmerecem estes favores, porque colocam toda sua confiança nas coisas visíveis e na astúcia diabólica e terrena. Eleva teu coração, minha filha, e esvazia-o destes enganos. Aspira ao mais puro e santo, e contigo estará o poderoso braço que em Mim fez tantas maravilhas.

Santuário de Nossa Senhora nos arredores de Éfeso, construído no século passado em memória da permanência de Maria com o Apóstolo S. João

CAPÍTULO 3

O QUE ACONTECEU COM MARIA SANTÍSSIMA NA MORTE E CASTIGO DE HERODES; SÃO JOÃO PREGA EM ÉFESO E SE REALIZAM MUITOS MILAGRES; LÚCIFER LEVANTA-SE PARA FAZER GUERRA À RAINHA DO CÉU.

Natureza e efeitos do amor

413. No coração da criatura racional o amor produz alguns efeitos semelhantes aos da força da gravidade sobre a pedra. Esta se inclina e move para o centro, onde a arrasta seu próprio peso. Assim, o amor é o peso do coração que o arrasta a seu centro, aquilo que ama. Se alguma vez, por necessidade ou inadvertência põe atenção noutra coisa, a propensão do amor permanece de tal modo tensa, que semelhante à mola, fá-lo voltar logo a seu objeto.

Este peso e atração do amor, parece que, de algum modo, tira a liberdade do coração, porque o sujeita e faz servo do que ama. Enquanto dura, o amor compromete a vontade a não fazer nada contra o que ele apetece e ordena.

A felicidade ou a desgraça da criatura, portanto, nasce de empregar o seu amor no bem ou no mal, pois entrega-se ao objeto amado, como a seu dono. Se este dono é mau e vil, tiraniza e avilta a criatura; se é bom, enobrece-a e torna-a feliz, na medida da excelência e nobreza do bem que ama.

Com esta filosofia, eu quisera aplicar um pouco do que entendi, sobre o estado em que vivia Maria santíssima. Seu progresso fôra contínuo, sem interrupções nem retrocessos, desde o momento de sua Conceição até chegar a ser compreensora estável na visão beatífica.

O amor em Maria santíssima

414. Se todo o amor santo dos anjos e dos homens fosse reunido, seria menor que o de Maria santíssima. Se, de todos fizéssemos um conjunto, é claro que resultaria um incêndio que, apesar de não ser infinito, assim nos pareceria, por exceder sobremaneira nossa capacidade. Logo, se a caridade de nossa grande Rainha ultrapassava tudo isto, só a Sabedoria infinita podia medir o amor desta criatura e o peso com que a mantinha cativa, inclinada e atraída à Divindade.

Nós, porém, devemos entender que, naquele coração castíssimo e tão inflamado, não havia outra sujeição, outra força, outro móvel, nem outra liberdade, senão para amar sumamente ao infinito Bem, e em grau tão imenso para nossa curta capacidade, que mais o podemos crer do que entender, e mais o confessar do que penetrar.

Esta caridade, que avassalava o

coração de Maria puríssima, despertava-lhe ardentíssimos desejos de contemplar a face do sumo Bem ausente e, ao mesmo tempo, de socorrer à santa Igreja que tinha presente. As ânsias por estas duas causas empolgavam-na inteiramente, mas sua grande sabedoria dominava de tal maneira estes dois sentimentos, que não se excluíam mutuamente. Por se entregar a um, não abandonava o outro e se dava inteiramente a ambos, com admiração dos santos e plena complacência do Santo dos Santos.

Maria e o rei Herodes

415. Neste sublime estado de santidade e eminente perfeição, Maria santíssima muitas vezes meditava consigo mesma sobre a situação da primitiva Igreja confiada a seus cuidados, e como trabalharia por sua paz e crescimento.

Em meio à sua solicitude e anelos, foi-lhe de algum alívio e conforto a libertação de São Pedro que, como chefe, acudiria ao governo dos fiéis. Outro tanto quando Lúcifer e seus demônios expulsos de Jerusalém, privados por então de sua tirania, permitindo aos seguidores de Cristo respirar um pouco ao se acalmar a perseguição.

A divina Sabedoria, porém, que com medida e peso (**Sb 11, 21**) distribui a pena e o descanso, quis que a prudente Mãe, por esse tempo, recebesse mui claro conhecimento das más condições de Herodes. Viu a fealdade abominável daquela infelicíssima alma, seus desmedidos vícios e repetidos pecados que irritavam a indignação do Todo-Poderoso e justo Juiz.

Conheceu também que, pela má semente que os demônios haviam semeado no coração de Herodes e dos judeus, depois da fuga de São Pedro, estavam furiosos contra Jesus, nosso Redentor, e seus discípulos. O iníquo Rei tinha intenção de acabar com todos os fiéis que encontrasse na Judéia e Galiléia, e empregaria nisto todo seu poder e autoridade.

Não obstante Maria santíssima conhecer esta determinação de Herodes, ainda não lhe foi manifestado o fim que ele teria. Vendo, porém, que dispunha de poder e tinha alma tão depravada, sentiu grande horror de seu mau estado, e excessiva dor pelo ódio que ele nutria aos seguidores da fé.

Maria deverá condenar Herodes

416. Entre estes cuidados e a confiança no favor divino, nossa Rainha trabalhou incessantemente, rogando ao Senhor com lágrimas, atos e súplicas, como tenho dito em outras ocasiões. Conduzida por sua altíssima prudência falou a um dos supremos anjos que a assistiam: Ministro do Altíssimo e obra de suas mãos, o cuidado da santa Igreja me leva a procurar, com todas as forças, seu bem e progresso. Suplico-vos irdes à presença do trono real do Altíssimo e lhe apresenteis minha aflição. De minha parte, pedi-lhe conceder-me padecer por seus servos apóstolos e fiéis, e não permita que Herodes faça contra eles, o que determinou para acabar com a Igreja.

Imediatamente foi o santo anjo desempenhar esta embaixada junto ao Senhor, ficando a Rainha do céu como outra Ester, orando pela liberdade e salvação d'ela e de seu povo.

Neste ínterim, voltou o celeste embaixador enviado pela Santíssima Trindade com esta resposta: Princesa dos céus, o Senhor dos exércitos diz que vós sois Mãe, Senhora e Governadora da Igreja e, investida de seu poder, estais em seu lugar, enquanto sois viadora. Deseja que, como Rainha e Senhora do céu e terra, fulmineis a sentença contra Herodes.

Herodes é obstinado

417. Esta resposta perturbou um pouco a humilde Senhora. Cheia de caridade, replicou ao santo anjo: Como? hei de fulminar sentença contra a obra e imagem de meu Senhor? Depois que d'Ele recebi o ser, conheci muitos réprobos entre os homens, mas nunca pedi vingança contra eles. Quanto dependia de mim sempre desejei sua salvação, se fosse possível, e não apressar sua pena.

Voltai ao Senhor, meu anjo, e dizei-lhe que meu tribunal e poder é inferior e dependente do seu, e não posso sentenciar ninguém à morte, sem nova consulta do superior. Se for possível trazer Herodes ao caminho da salvação eterna, Eu padecerei todos os sofrimentos do mundo, como sua divina Providência ordenar, para que esta alma não se perca.

Voltou o anjo ao céu, com esta segunda embaixada de sua Rainha e a apresentou no trono da Santíssima Trindade. A resposta foi a seguinte: Senhora e Rainha nossa, diz o Altíssimo que Herodes é do número dos prescitos por estar tão obstinado em suas maldades, que não aceitará aviso, admoestação ou conselho; não cooperará com os auxílios que lhe derem; não se aproveitará do fruto da Redenção, nem da intercessão dos santos, nem do que vós, Rainha e Senhora minha, fizerdes por ele.

Maria reluta em condenar Herodes

418. Pela terceira vez, enviou Maria santíssima o santo príncipe com esta embaixada ao trono do Altíssimo: Se convém que Herodes morra para livrar a Igreja da perseguição, dizei, meu anjo, ao Todo-Poderoso, que sua dignação de infinita caridade concedeu-me, quando Ele vivia em carne mortal, que Eu fosse Mãe e refúgio dos filhos de Adão, advogada e intercessora dos pecadores.

Meu tribunal seria de piedade e clemência para receber e socorrer aos que apelassem à minha intercessão. Valendo-se dela, em nome de meu Filho, lhes ofereceria o perdão dos pecados. Pois, se tenho entranhas e amor de mãe aos homens, obras de suas mãos, preço de sua vida e sangue, como vou ser juiz severo com algum deles?

Nunca fui encarregada da justiça, mas sempre da misericórdia à qual meu coração está sempre inclinado. Agora ele se perturba entre a piedade do amor e a obediência de executar a rigorosa justiça. Apresentai, meu anjo, novamente este cuidado ao Senhor, e perguntai se Ele consentiria na morte de Herodes sem que Eu o condene.

Maria declara a sentença de morte

419. Subiu o santo mensageiro com esta terceira embaixada que a Santíssima Trindade ouviu, com grande agrado e complacência, pela piedosa caridade de sua Esposa. Voltou o santo anjo e informou à piedosa Senhora: Rainha nossa, Mãe de nosso Criador e Senhora minha, Sua Majestade onipotente diz que vossa misericórdia é para os mortais que se quiserem valer de vossa poderosa intercessão e não para os que a desprezam, como fará Herodes. Vós sois Senhora da Igreja com todo o poder divino, e assim vos pertence usar dela na forma que convém. Herodes deve morrer, e há de ser por vossa sentença e ordem.

Respondeu Maria santíssima: Justo é o Senhor e retos são os seus juízos (**Sl 118, 137**). Eu padeceria muitas vezes a morte para resgatar a alma de Herodes se

ele, voluntariamente, não se fizesse réprobo indigno de misericórdia. É obra da mão do Altíssimo (**Jó 10, 8**), feita à sua imagem e semelhança (**Gn 1, 27**), redimida pelo sangue do Cordeiro que lava os pecados do mundo (**Ap 1, 5**).

Não por estas razões, mas porque se fez pertinaz inimigo de Deus, indigno de sua amizade eterna, Eu, com sua retíssima justiça, condeno-o à morte que merece, e não chegue a praticar as maldades que pretende, e assim não mereça maiores tormentos no inferno.

O poder de julgar dado a Maria

420. O Senhor operou esta maravilha para a glória de sua Mãe santíssima e em testemunho de a ter constituído Senhora, assemelhando-se nisto a seu Filho santíssimo. Não poderei explicar melhor este mistério, do que com as palavras de Jesus no capítulo 5 de São João (**v. 19**), onde fala de Si mesmo: *Não pode o Filho fazer algo que o Pai não o Faça; faz o mesmo porque o Pai o ama; se o Pai ressuscita mortos, o Filho também ressuscita aos que quer; o Pai deu ao Filho o poder de julgar a todos, para que todos honrem ao Filho, assim como honram ao Pai.*

Mais abaixo acrescenta, que lhe deu este poder de julgar porque era Filho do homem, ou da natureza humana que recebeu de sua Mãe santíssima. Sabendo-se a semelhança que a divina Mãe teve com seu Filho, da qual muitas vezes falei, entender-se-á a correspondência entre Mãe e Filho, como entre o Filho e o Pai, neste poder de julgar.

Não obstante Maria santíssima ser Mãe de misericórdia e clemência, para todos os filhos de Adão que a invocarem, o Altíssimo quer nos demonstrar que Ela possui também pleno poder para julgar. Quer que a honrem como honram seu Filho e Deus verdadeiro. Como à sua verdadeira Mãe, Ele lhe deu o mesmo poder que tem, no grau e proporção dos direitos de Mãe, embora pura criatura.

Morte de Herodes

421. Com este poder, a grande Senhora mandou o anjo à Cesaréia, onde estava Herodes, e como ministro da justiça divina lhe tirasse a vida. Prontamente executou o anjo a sentença, conforme diz São Lucas (**At 12, 23**): o anjo do Senhor o feriu, e devorado pelos vermes morreu o infeliz Herodes, temporal e eternamente.

Esta ferida foi interna, donde lhe resultou a infecção e os vermes que miseravelmente o consumiram.

Do mesmo texto consta que, depois de ter degolado São Tiago e da fuga de São Pedro, Herodes desceu de Jerusalém à Cesaréia (**At 12, 19**), onde resolveu algumas questões com os habitantes de Tiro e Sidônia. Depois de alguns dias, vestido de púrpura real, sentado no trono, fez uma peroração ao povo, exibindo grande eloquência. O povo, por lisonja, pôs-se a aplaudir e a aclamá-lo por Deus (**At 12, 22**), e o torpíssimo Herodes envaidecido e louco, aceitou aquela bajulação popular.

Nesta hora, diz São Lucas, por não ter dado honra a Deus, mas por a ter usurpado com vã soberba, o anjo do Senhor o feriu. Este pecado foi o último que encheu a medida de sua maldade, mas não foi só por ele que mereceu castigo, e sim por todos os que antes cometera: perseguiu os Apóstolos, zombou de Cristo nosso Salvador (**Lc 23, 11**), degolou o Batista (**Mc 6, 27**), viveu em escandaloso adultério com sua cunhada Herodíades (**Mc 6, 17**), e outras inúmeras abominações.

Crescimento da Igreja

422. Voltou o santo anjo a Éfeso e participou a Maria santíssima a execução de sua sentença contra Herodes. A piedosa Mãe chorou a perdição daquela alma, mas louvou os juízos do Altíssimo e lhe agradeceu o benefício concedido à Igreja.

Conforme diz São Lucas (**At 12, 24**), a Igreja crescia com a palavra de Deus, não só na Galiléia e Judéia que se viram livres de Herodes, mas também em Éfeso onde, com a proteção da bem-aventurada Mãe, São João começou a plantar a Igreja do evangelho.

A ciência do santo Evangelista era como a de um Querubim, e seu casto coração inflamado qual supremo Serafim, tendo consigo por mãe e mestra à Senhora da sabedoria e da graça.

Com estes ricos privilégios, o Evangelista pôde empreender grandes obras e realizar extraordinários prodígios, para fundar a lei da graça em Éfeso e em toda aquela região da Ásia, nos confins da Europa.

Apostolado de São João e Maria santíssima em Éfeso

423. Chegando a Éfeso, começou o Evangelista a pregar na cidade, batizando aos que convertia à fé de nosso Salvador, e confirmando a pregação com milagres e prodígios nunca vistos por aqueles gentios. Nas escolas dos gregos havia muitos filósofos e sábios em suas ciências humanas, ainda que cheias de erros. O santo apóstolo os convencia e instruía na verdadeira ciência, empregando não só milagres e sinais, mas também argumentos da razão, com que fazia mais crível a fé cristã.

A todos que se convertiam, logo enviava a Maria santíssima e Ela catequizava a muitos. Como lhes conhecia o íntimo e inclinações, falava-lhes ao coração e os enchia de influências da luz divina. Fazia muitos milagres, libertando endemoninhados, curando enfermos, socorrendo os pobres e necessitados. Trabalhava com suas próprias mãos, visitava doentes e hospitais, curando-os e servindo-os pessoalmente. Em sua casa, a piedosa Rainha reservava roupas para os mais pobres e necessitados. Assistia a muitos moribundos e, naquele perigoso transe, conquistou muitas almas arrancando-as da tirania do demônio e encaminhando-as ao seu Criador.

Foram tantas as que trouxe ao caminho da verdade e da vida eterna, e as obras prodigiosas que fez para este fim, que muitos livros não bastariam para descrevê-las. Não se passava um só dia em que não aumentasse o cabedal do Senhor

com os abundantes frutos das almas que lhe conquistava.

Reação do demônio

424. O crescimento que, todos os dias, a primitiva Igreja ia alcançando, por intermédio da santidade e trabalhos da grande Rainha, punha os demônios em furioso despeito e confusão. Apesar de se alegrarem com a condenação de cada alma que arrastavam às suas trevas, a morte e perdição de Herodes lhes causou tormento. Seguros de sua obstinação em seus abomináveis pecados, queriam mantê-lo vivo para lhes servir de excelente arma no combate aos seguidores de Cristo, nosso bem.

Permitiu a divina Providência que Lúcifer e seus dragões infernais se levantassem do fundo do inferno, onde os derribara Maria santíssima, como disse no capítulo passado [1]. Depois de terem passado aquele tempo a forjar e preparar tentações para enfrentar a invencível Rainha dos anjos, resolveu Lúcifer apresentar reclamações ante o Senhor contra Maria santíssima, de modo semelhante como fez contra o santo Jó (**Jó 1, 9**), mas com muito maior indignação. Com este pensamento, disse a seus ministros:

Lamúrias e pretensões de Lúcifer

425. Se não vencermos esta Mulher, nossa inimiga, receio que, sem dúvida, destruirá meu império. Todos experimentamos a virtude mais que humana que dela procede. Aniquila-nos e oprime, quando e como quer, e até agora não encontramos meio para lhe resistir e derribá-la.

Isto me é intolerável. Se fosse Deus que, dando-se por ofendido de meus altos pensamentos e oposição, me vencesse, isto não me causaria tanta confusão, porque Ele tem poder infinito para nos aniquilar.

Esta mulher, todavia, ainda que seja Mãe do Verbo humanado, não é Deus e sim pura criatura, de baixa natureza. Não suportarei mais que me trate com tanta dominação e me arruine a seu capricho. Vamos todos combatê-la e queixemo-nos ao Onipotente, como resolvemos.

Foi o dragão alegar, ante o Senhor, seus falsos direitos: sendo ele anjo, de natureza tão superior, Deus elevava com sua graça e dons a quem era terra e pó, não a deixando em sua simples condição, para os demônios a perseguirem e tentarem.

Advirto aqui, que estes inimigos não se apresentam diante do Senhor na visão de sua divindade, pois não a podem receber. Tendo, porém, ciência do ser de Deus e fé, ainda que reduzida e forçada, nos mistérios sobrenaturais, por meio deste conhecimento se lhes concede que falem com Deus. É o que se quer significar, quando se diz que estão em sua presença e se queixam, ou mantém algum diálogo com o Senhor.

Combate entre Lúcifer e Maria santíssima

426. Deu permissão o Onipotente a Lúcifer para pelejar com Maria santíssima, mas não lhe foram concedidas todas as condições que pedia, porque eram injustas. A cada um concedeu a divina Sabedoria, só a força que convinha, para que a vitória de sua Mãe fosse gloriosa, esmagando a cabeça da antiga e venenosa serpente (**Gn 3, 15**).

1 - nº 406

Esta batalha e seu triunfo continha mistérios, como veremos nos capítulos seguintes. Está descrita no capítulo 12 do Apocalipse, com outros mistérios de que falei na primeira parte desta História[2] quando expliquei esse capítulo.

Agora, noto apenas que a providência do Altíssimo ordenou este fato, não só para maior glória de sua Mãe santíssima e exaltação do poder e sabedoria divina, mas também para ter justo motivo de aliviar a Igreja das perseguições que contra ela forjaram os demônios.

A bondade infinita queria obrigar-se, dentro da equidade, a derramar na Igreja os benefícios e favores merecidos por estas vitórias de Maria santíssima, as quais só Ela podia conquistar.

O Senhor continua sempre a usar deste método em sua Igreja. Chama e prepara algumas almas escolhidas, membros da Igreja, para travarem combate com o dragão. Se, com a divina graça o vencem, estas vitórias redundam em benefício de todo o corpo místico dos fiéis, e o inimigo perde o direito e a força que possuía sobre eles.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Decadência religiosa

427. Minha filha, enquanto descreves minha vida, insisto muitas vezes no estado lamentável do mundo, no da santa Igreja em que vives, e no maternal desejo de que me imites e sigas. Entende, caríssima, que tenho grande razão para te fazer participante de meu sentimento. Chora pelo que Eu chorava na vida mortal, e que ainda agora me afligiria, se pudesse sofrer. Asseguro-te que virão épocas nas quais verterás lágrimas de sangue sobre as calamidades dos filhos de Adão. Não podes conhecer tudo de uma vez, por isto te renovo a notícia do que, do céu vejo, em todo o orbe e entre os que professam a santa fé.

Volta, pois, o olhar para eles e vê a maior parte dos filhos de Adão nas trevas e erros da infidelidade onde, sem esperança de remédio, correm à condenação eterna. Vê também os filhos da fé e da Igreja, como vivem descuidados e indiferentes a este mal, sem haver quem por isso se aflija. Desprezando a própria salvação, nem lembram da alheia. Estando neles morta a fé e extinto o amor divino, não lhes dói que se percam as almas criadas por Deus e redimidas pelo sangue do Verbo feito homem.

Relaxamento dos pastores

428. Todos são filhos de um Pai que está nos céus (**Mt 23, 9**), e é obrigação de cada um cuidar de seu irmão, na medida que lhe for possível socorrê-lo. Esta obrigação compete mais aos filhos da Igreja, que o podem fazer com súplicas e orações.

Maior ainda é para os chefes e para os que, por meio da fé cristã se sustentam e são mais beneficiados pela liberalidade do Senhor. Estes que, por causa da lei de Cristo gozam tantas comodidades temporais, e as convertem em satisfação e deleites da carne, são os poderosos que vão ser poderosamente atormentados (**Sb 6, 7**).

Se os pastores e autoridades da casa do Senhor só cuidam em viver regaladamente, sem assumirem suas obrigações, causam a ruína do rebanho de Cristo e são culpados do estrago que nele fazem os lobos infernais. Oh! minha filha, em que lamentável estado deixaram cair o povo cristão, os potentados, os pastores e maus ministros que Deus, por seus secretos desígnios, lhe deu! Oh! que castigo e con-

2 - 1ª Parte, nº 94 e seg.

fusão os espera! No tribunal do justo Juiz não terão excusa, pois a verdade católica que professam os esclarece, a consciência os repreende, mas a tudo se fazem surdos.

Perdição dos rebanhos

429. A causa de Deus e de sua honra está abandonada e sem defensor. Seu patrimônio, as almas, sem verdadeiro alimento. Quase todos só cuidam do próprio interesse e subsistência, cada qual com sua diabólica astúcia e razão de estado[3].

A verdade está obscurecida e oprimida, a lisonja exaltada, a cobiça desenfreada, o sangue de Cristo pisado, o fruto da Redenção desprezado. Ninguém quer arriscar a própria comodidade e interesse, para impedir que o Senhor perca o que custou sua Paixão e Morte. Até os amigos de Deus faltam neste ponto, porque não usam de caridade e da santa liberdade com o zelo que devem. O maior número se deixa vencer pela covardia, ou se contenta de trabalhar apenas para si, sem se interessar pela causa das outras almas.

Com isto, minha filha, entenderás que para a Igreja evangélica plantada pelas mãos de meu Filho santíssimo, fertilizada com seu próprio sangue, chegaram os infelizes tempos de que se queixou o mesmo Senhor por seus profetas: o gafanhoto comeu o que tinha ficado da lagarta, o pulgão comeu o que tinha ficado do gafanhoto, e a ferrugem consumiu o resto do pulgão. (**Jl 1, 4**). E. para colher o fruto de sua vinha, anda o Senhor como quem, depois da vindima, procura algum cacho de resto, ou alguma azeitona que o demônio não tenha sacudido e levado (**Is 24, 13**).

Chorar e combater pela salvação das almas

430. Dize-me agora, minha filha, como será possível, se tens verdadeiro amor a meu Filho santíssimo e a Mim, gozar de consolo, descanso e sossego de coração, à vista de tão triste dano das almas? Ele as redimiu com seu sangue, e Eu com minhas lágrimas que, muitas vezes, foram de sangue, para conseguir sua salvação. Se hoje pudesse derramá-las, o faria com novo pranto e compaixão. Não me sendo possível chorar agora as tribulações da Igreja, quero que tu o faças e não aceites consolação humana, num século tão calamitoso e digno de ser deplorado.

Chora, pois, amargamente, e não percas o mérito desta dor; seja ela tão viva, que não admitas outro alívio senão afligir-se pelo Senhor a quem amas. Adverte o que Eu fiz para impedir a condenação de Herodes, e para evitá-la aos que se quiserem valer de minha intercessão. Na visão beatífica, rogo continuamente pela salvação de meus devotos.

Não te amedrontem os trabalhos e tribulações que te enviar meu Filho santíssimo, para ajudares teus irmãos e assim zelares de seu patrimônio. Entre as injúrias que lhe fazem os filhos de Adão, trabalha tu para repará-las de algum modo, com a pureza de tua alma, que desejo seja mais de anjo do que de mulher terrena. Peleja as guerras do Senhor contra seus inimigos. Em seu nome, e no meu, esmaga-lhes a cabeça, domina sua soberba e precipita-os nos abismos. Quando falares com os ministros de Cristo, aconselha-os a que façam o mesmo, usando o poder que receberam, com viva fé, para defender as almas, e nelas, a honra e glória do Senhor. Mediante a virtude divina os vencerão e dominarão.

3 - Razão de estado - Princípio político e social baseado no interesse público. Espécie de nosso "laicismo" que não leva em consideração os motivos de fé e os direitos e interesses de Deus (N.T.).

CAPÍTULO 4

O TEMPLO DE DIANA EM ÉFESO É DESTRUÍDO POR MARIA SANTÍSSIMA. OS ANJOS LEVAM-NA AO CÉU EMPÍREO, ONDE É PREPARADA PELO SENHOR PARA ENTRAR EM BATALHA COM O DRAGÃO INFERNAL E VENCÊ-LO. O DUELO COMEÇA COM TENTAÇÕES DE SOBERBA.

As glórias de Éfeso

431. Situada no limite ocidental da Ásia, Éfeso é muito celebrada na história, pelas grandes coisas que, nos séculos passados, fizeram-na ilustre e famosa em todo o orbe. Sua maior excelência e grandeza, porém, foi ter hospedado a suprema Rainha do céu e terra, por alguns meses, como se dirá adiante.

Este singular privilégio tornou-a muito feliz, porque suas outras excelências verdadeiramente a tinham feito infeliz e infame até aquele tempo, pois o príncipe das trevas nela havia colocado seu trono.

Nossa grande Senhora e Mãe da graça, hospedando-se nesta cidade, agradecida aos seus moradores que generosamente a receberam e lhe ofereceram alguns dons, quis, em sua ardentíssima caridade, pagar-lhes a hospedagem com maiores benefícios, como a benfeitores e mais próximos do que os estranhos. Se, com todos era liberalíssima, com os de Éfeso sê-lo-ia com maiores demonstrações e favores.

A gratidão inspirava-lhe estes sentimentos, julgando-se devedora e na obrigação de recompensar todo aquele país. Fez particular oração por ele, pedindo fervorosamente a seu Filho santíssimo derramar suas bênçãos sobre os habitantes, e como piedoso Pai os iluminar e chamar à sua verdadeira fé e conhecimento.

Éfeso merece castigo

432. Respondeu-lhe o Senhor que, como Senhora e Rainha da Igreja e de todo o mundo, podia usar de seu poder para tudo quanto quisesse. Advertisse, entretanto, o grande impedimento que havia naquela cidade, para receber os dons da misericórdia divina. Suas antigas e atuais abominações nos pecados que cometiam, tinham posto cadeados nas portas da clemência. Mereciam o rigor da justiça que já teriam experimentado, se o Senhor não tivera determinado que ali viesse residir a Rainha. As maldades de seus habitantes chegara ao cúmulo, e o castigo estava suspenso, por causa da presença da Senhora.

Compreendeu Maria santíssima que, junto com esta resposta, a divina justiça lhe pedia consentimento para destruir aquele povo idólatra, em Éfeso e suas imediações.

O apóstolo S. João prega em Éfeso

Muito se afligiu o piedoso coração da amável Mãe, mas não renunciou à sua quase imensa caridade. Multiplicando as súplicas, replicou ao Senhor:

Maria intercede pela cidade

433. Rei altíssimo, justo e misericordioso, bem sei que o rigor de vossa justiça se exerce, quando não haja lugar para misericórdia. Para esta vos contentais com qualquer motivo que vossa sabedoria sabe encontrar, ainda que da parte dos pecadores seja pequeno. Vêde, pois, Senhor meu, como esta cidade me acolheu para nela viver, em cumprimento de vossa vontade; como seus moradores me socorreram, oferecendo seus bens a Mim e a vosso servo João.

Moderai, Deus meu, vosso rigor; voltai-o contra Mim, que padecerei pela salvação destes infelizes. Sendo todo-poderoso, de bondade e misericórdia infinitas para vencer o mal com o bem, podeis afastar o obstáculo, para que possam se aproveitar de vossos benefícios, e assim não vejam meus olhos perecer tantas almas, obras de vossas mãos e preço de vosso sangue.

A esta rogativa, respondeu o Altíssimo: Minha Mãe e minha pomba, quero que conheças expressamente a causa de minha justa ira, e quanto a merecem estes homens por quem pedes. Prestai atenção e o vereis.

Logo, por visão claríssima, se manifestou à Rainha tudo o que segue:

Conciliábulo contra o estado religioso

434. Muitos séculos antes da Incarnação do Verbo em seu virginal seio, entre os muitos conciliábulos que Lúcifer convocou para maquinar a destruição dos homens, houve um no qual assim falou a seus demônios: Pelo que eu soube, quando estava no céu em meu primitivo estado, pelas profecias que Deus revelou aos homens e pelos favores que concedeu a muitos amigos seus, deduzi que será muito agradável a Deus que criaturas humanas, de ambos os sexos, nos tempos futuros, se abstenham de muitos vícios que desejo manter no mundo. Renunciarão especialmente aos deleites carnais e às riquezas e sua cobiça, e desta, até o que lhes seria lícito.

Para assim procederem, contra meus desejos, Deus lhes dará muitos auxílios com que, de livre vontade, serão castos, pobres e obedientes, sujeitando a própria vontade a de outros homens. E, se com estas virtudes nos vencerem, merecerão grandes recompensas e favores de Deus, como percebi em alguns que têm sido castos, pobres e obedientes. Meus planos fracassarão muito por estes meios, se não tratarmos de remediar este dano e compensá-lo por todos os caminhos possíveis à nossa astúcia.

Considero também que, se o Verbo divino tomar carne humana, como temos entendido, será extremamente casto e puro, ensinando a muitos que o sejam, não só a homens mas também a mulheres que, não obstante sua maior fraqueza, costumam ser mais persistentes. Isto seria para mim de maior tormento, tendo eu derribado a primeira mulher.

Além de tudo isto, as Escrituras dos antigos prenunciam os favores que o Verbo, ao se incarnar, concederá aos homens, elevando e enriquecendo com seu poder a natureza humana.

O inferno parodia a vida religiosa

435. Para me opor a tudo isto - prosseguiu Lúcifer - quero vosso conse-

lho e colaboração, e tratemos desde já de impedir que os homens consigam tantos bens.

Assim de tão longe, vêm,o ódio e os planos do inferno contra a perfeição evangélica professada pelos sagrados institutos religiosos. Discutiu-se longamente o assunto entre os demônios, e concordaram nas seguintes decisões: multidões de demônios ficariam preparados para chefiar as legiões, destinadas a tentar aos que tratassem de viver em castidade, pobreza e obediência; desde logo, para irrisão, especialmente da castidade, ordenariam uma espécie de falsas virgens, mentirosas e hipócritas que, sob esse falso título, se dedicassem ao obséquio de Lúcifer e seus demônios.

Pensaram os inimigos que, por este meio, não só arrastariam com maior triunfo estas almas para eles, mas ainda desacreditariam a vida religiosa e casta que segundo previam, seria ensinada pelo Verbo humanado e sua Mãe.

Para o bom êxito e maior aceitação, desta falsa congregação religiosa planejada pelo inferno, determinaram fundála com fartura de todas as coisas materiais e deleitáveis à natureza, enquanto consentiriam que, às ocultas, vivessem licenciosamente, sob a aparência da castidade dedicada aos falsos deuses.

Servos e servas do demônio

436. Surgiu a dúvida se tal congregação seria masculina ou feminina. Alguns demônios queriam que fosse de homens, porque seriam mais constantes e a instituição viria a ser perpétua. A outros parecia que aos homens, não era tão fácil enganar como às mulheres. Aqueles raciocinam com mais força da razão e podiam chegar a conhecer o engano mais depressa. Com mulheres não havia tanto risco, porque são de julgamento superficial, fáceis para crer e ardentes no que amam e empreendem, e mais a propósito para se conservarem naquele engano.

Este parecer prevaleceu e foi aprovado por Lúcifer, ainda que não excluiu completamente os homens. Acharia alguns que abraçariam aquelas falácias, por causa do crédito que lhes trariam. Os demônios os ajudariam em suas ficções e embustes, para não perderem a vã estima dos outros homens. A estes Lúcifer ganharia com sua astúcia, e por eles conservaria por muito tempo na hipocrisia e ilusão aos que se sujeitassem a seu serviço.

Falsa virgindade

437. Neste infernal conselho, determinaram os demônios criar uma congregação de supostas virgens pela seguinte razão, exposta pelo próprio Lúcifer: Ainda que terei muito prazer em possuir virgens dedicadas a meu culto e reverência, como Deus as quer ter, a castidade e pureza do corpo me ofendem tanto, que não as poderei suportar, mesmo quando dedicadas à minha grandeza.

Por isto, precisamos procurar que estas virgens sejam objeto de nossas torpezas. Se alguma quiser ser casta no corpo, a encheremos de imundos pensamentos e desejos interiores, de sorte que nenhuma seja realmente casta, ainda que por sua vã soberba queira guardar continência. E, sendo impura nos pensamentos, procuraremos conservá-la na vanglória de sua virgindade.

As amazonas

438. Para começar esta falsa congregação, percorreram os demônios todas

as nações do orbe, e lhes pareceu que umas mulheres chamadas amazonas, eram a propósito para a execução de seu diabólico plano.

Estas amazonas haviam descido da Scítia para a Ásia onde viviam. Eram belicosas, superando a fragilidade do sexo com arrogância e soberba. Pela força das armas apoderaram-se de vastas regiões, e estabeleceram sua corte em Éfeso. Por muito tempo governaram-se por si mesmas, dedignando-se sujeitar-se aos homens e viver em sua sociedade, o que elas, com pretensiosa altivez, chamavam escravidão.

Como a história fala muito deste assunto, ainda que com muitas versões diferentes, não me detenho a tratar delas. Para minha finalidade, basta dizer que sendo estas amazonas soberbas, ambiciosas da honra vã, e refratárias aos homens, Lúcifer encontrou nelas boa disposição para enganá-las, sob o falso pretexto da castidade. Incutiu-lhes na mente que, por este meio, tornar-se-iam famosas e admiradas como os homens, e alguma poderia alcançar a dignidade e veneração de deusa.

Com a extrema ambição desta honra mundana, reuniram-se muitas amazonas, virgens verdadeiras ou não, e começaram a falsa congregação de virgens na cidade de Éfeso.

Diana e seu templo

439. Em pouco tempo aumentou muito o número destas virgens mais que tolas, com admiração e aplauso do mundo, que os demônios se encarregavam de despertar.

Entre elas houve uma que se distinguia pela formosura, nobreza, inteligência, castidade e outras qualidades. Chamava-se Diana, tornou-se admirada e famosa. A veneração que gozava e a multidão de companheiras que tinha, deram origem ao célebre templo de Éfeso, considerado uma das maravilhas do mundo. Sua construção levou muitos séculos, mas foi dedicado à Diana, que a cegueira dos gentios começou a venerar como deusa. Em muitos outros lugares, foram edificados templos semelhantes, sob o título da mesma deusa.

Para aumentar a fama desta falsa virgem, o demônio se comunicava com ela, e enchia-a de diabólicas ilusões. Muitas vezes, revesti-a de falsos resplendores e lhe revelava segredos para que os vaticinasse.

Ensinou-lhes algumas cerimônias e cultos, semelhantes aos que o povo de Deus usava, para com estes ritos ser venerado por Diana e pelos outros.

As demais virgens veneravam-na como deusa, e o mesmo fizeram os demais pagãos, tão pródigos quanto cegos, em atribuir divindade a tudo o que lhes despertasse admiração.

Destruição e reconstrução do templo

440. Perdurou este diabólico engano e, quando os reinos vizinhos dominaram as amazonas e passaram a governar Éfeso, conservaram o templo como coisa divina e sagrada, continuando aquela congregação de virgens loucas.

Em certa ocasião, um homem do povo pôs fogo no templo, mas a cidade o reedificou com grande contribuição das mulheres. Isto se passou uns trezentos anos, mais ou menos, antes da Redenção do gênero humano. Assim, quando Maria santíssima estava em Éfeso, o templo não era o primitivo, mas o reconstruído, e nele viviam estas virgens em diversos apartamentos.

Como no tempo da Encarnação e

Morte de Cristo a idolatria se encontrava tão estabelecida no mundo, aquelas diabólicas mulheres não tinham melhorado e sim piorado nos costumes. Quase todas tinham abominável trato com os demônios e cometiam outros feíssimos pecados, enganando o mundo com embustes e adivinhações, com as quais Lúcifer mantinha a todos na loucura.

Oração de Maria

441. Tudo isto e muito mais, Maria santíssima viu próximo de si, em Éfeso. A dor de seu castíssimo coração foi tão viva que teria sido mortal, se o Senhor não lhe sustentasse a vida. Tendo visto que Lúcifer usava por assento e cátedra de maldade o ídolo de Diana, prostrou-se em terra na presença de seu Filho e lhe disse:

Senhor e Deus altíssimo, digno de toda a reverência e louvor; estas abominações praticadas durante tantos séculos, é razão que tenham fim e remédio. Não pode meu coração tolerar que se preste a uma infeliz e abominável mulher, o culto da verdadeira Divindade que só Vós, Deus infinito, mereceis, nem que o nome da castidade fique tão profanado e oferecido aos demônios. Vossa dignação infinita me fez guia e Mãe das virgens, como parte nobilíssima de vossa Igreja, o mais estimável fruto de vossa Redenção e a Vós muito agradável.

O título de castidade deve ficar consagrado a Vós, nas almas que forem minhas filhas; não posso, de hoje em diante, consentir ser usado pelas adúlteras. Queixo-me de Lúcifer e do inferno, pelo atrevimento de ter usurpado injustamente este direito. Peço, meu Filho, que o castigueis com a pena de resgatar de sua tirania estas almas, e que todas se retirem de sua escravidão para a liberdade da fé e luz verdadeira.

Resposta do Senhor

442. Respondeu o Senhor: - Minha Mãe, aceito vosso pedido, porque não é justo se dedique a meus inimigos a virtude da castidade, ainda que seja só de nome, virtude que em Vós se enobreceu tanto, e a Mim é tão agradável.

Muitas destas virgens, porém, são precitas, reprovadas por suas abominações e obstinação e não aceitarão o caminho da salvação eterna. Algumas apenas, aceitarão cordialmente a fé que se lhes ensinar.

Neste momento São João chegou ao oratório de Maria santíssima, sem saber o mistério em que se ocupava a Senhora do céu, nem conhecer a presença de seu Filho nosso Senhor. A verdadeira Mãe dos humildes quis unir suas súplicas às do discípulo amado e, pedindo interiormente licença ao Senhor para falar a São João, disse-lhe: - João, meu filho, contristado está meu coração, por ter conhecido os grandes pecados que se cometem contra o Altíssimo nesse templo de Diana, e minha alma deseja que tenham fim e remédio.

Respondeu o santo Apóstolo: Senhora minha, vi um pouco do que se passa nesse abominável lugar, e não posso conter a dor e as lágrimas, ao ver que o demônio seja venerado com o culto que se deve somente a Deus. Ninguém poderá acabar com tantos males, se Vós, minha Mãe, disso não vos encarregardes.

Maria expulsa os demônios

443. Ordenou Maria santíssima ao Apóstolo acompanhá-la na oração, pedindo ao Senhor sanar aquele mal. São João foi para seu aposento, ficando a Rainha no seu, com Cristo nosso Salvador. Prostrou-se novamente em terra, na pre-

Destruição do templo de Diana

sença do Senhor, derramando copiosas lágrimas e persistiu em sua oração com ardentíssimo fervor, quase agonizando de dor. Para confortá-la, seu Filho santíssimo respondeu a seus pedidos e desejos, dizendo-lhe: Mãe e pomba minha, faça-se o que pedis, sem demora. Ordenai, com vosso poder de Senhora, tudo o que vosso coração deseja.

Com esta permissão, inflamou-se o zelo de Maria santíssima pela honra da Divindade e com império de Rainha mandou a todos os demônios que estavam no templo de Diana, se precipitassem imediatamente no abismo, e abandonassem aquele lugar que tinham possuído durante tantos anos.

Muitas eram as legiões que ali estavam, enganando o mundo com superstições e profanando aquelas almas. Num abrir e fechar de olhos, caíram todos no inferno, pela força das palavras de Maria santíssima. De tal modo se aterrorizaram que, ao mover seus virginais lábios para a primeira palavra, não esperaram pela segunda, porque já estavam no inferno, parecendo-lhes vagarosa sua natural velocidade para fugir da Mãe do Onipotente.

Maria ordena a destruição do templo de Diana

444. Nas profundas cavernas procuravam os lugares mais distantes daquele da terra, onde se encontrava a Rainha do céu. Só puderam sair quando assim lhes foi permitido para, com o grande dragão, travarem batalha com a Senhora, como logo direi.

Advirto que nesta vitória, de tal maneira Maria santíssima venceu o demônio, que ele não podia voltar ao mesmo lugar e senhorio de que era despojado. Esta hídria infernal, porém, era e é tão venenosa que, ao lhe cortar uma cabeça lhe renasciam outras, voltando a suas maldades com novas maquinações contra Deus e sua Igreja.

Com o consentimento de Cristo nosso Salvador, a grande Senhora do mundo prosseguiu em seu triunfo. Mandou um de seus santos anjos destruir o templo de Diana, sem deixar pedra sobre pedra. Das mulheres que ali viviam, poupasse apenas as nove que lhe indicou, ficando as demais mortas e sepultadas na ruína do edifício. Eram réprobas e suas almas desceriam com os demônios a quem adoravam e obedeciam, sendo sepultadas no inferno, antes que cometessem mais pecados.

O anjo destrói o templo

445. O anjo do Senhor executou a ordem de sua Rainha e Senhora. Em alguns momentos, com assombro dos habitantes de Éfeso, derribou o famoso e rico templo de Diana edificado durante séculos. Salvou as nove mulheres indicadas por Maria santíssima e conforme havia determinado nosso Salvador, porque só estas se converteram à fé, como depois direi[1]. As demais pereceram na ruína, sem delas ficar memória.

Os cidadãos de Éfeso fizeram investigação para encontrar o autor da tragédia, mas não conseguiram indício algum, ao contrário do que acontecera no incêndio do primeiro templo, cujo delinqüente se revelou por ambição de popularidade.

São João evangelista aproveitou do acontecimento, para pregar com mais energia a verdade divina e retirar os efésios do erro e engano em que os mantinha o demônio.

O Evangelista e a Rainha do céu deram graças e louvores ao Altíssimo, pelo

1 - nº461

triunfo que haviam obtido sobre Lúcifer e a idolatria.

Concordância com os Atos dos Apóstolos

446. A quem ler o que deixo escrito, é necessário advertir que não confunda com o que os Atos dos Apóstolos referem no capítulo 19, quando depois de alguns anos, São Paulo foi pregar naquela cidade. São Lucas fala no templo de Diana, narrando que um grande artífice de Éfeso, chamado Demétrio, fabricante de imagens de prata da deusa, com outros comerciantes congêneres, conspirou contra São Paulo que, em toda a Ásia pregava não serem deuses os fabricados por mãos humanas.

Demétrio persuadiu a seus colegas que, com esta doutrina, São Paulo não só lhes faria perder o lucro de sua indústria, como também traria descrédito ao templo da grande Diana, tão venerado na Ásia e em todo o mundo. Esta conspiração agitou os fabricantes, e eles com toda a cidade se puseram a bradar: Grande é a Diana dos efésios - E aconteceu o mais que São Lucas narra naquele capítulo.

Para se entender que não contradiz o que deixo escrito, acrescento que este templo de que fala São Lucas, foi outro menos suntuoso que os efésios voltaram a construir, depois que Maria santíssima voltou à Jerusalém. Quando São Paulo chegou para pregar já estava reedificado.

Do texto de São Lucas, se colige quão arraigada estava a idolatria e o falso culto de Diana, em Éfeso e em toda a Ásia. Para tanto concorrera os longos séculos passados naquele erro e a fama que a cidade granjeara, em todo o mundo, com essa veneração e templos de Diana.

Levados por estes enganos e vaidade, parecia aos seus habitantes não poderem viver sem sua deusa e sem fazer-lhe templos na cidade, como cabeça e origem desta superstição que os demais reinos haviam imitado.

Tanto pôde, entre os gentios, o desconhecimento da verdadeira Divindade, que foram necessários muitos apóstolos e muitos anos para arrancar a cizânia da idolatria, principalmente entre os romanos e os gregos que se consideravam os mais sábios e civilizados entre todas as nações do mundo.

Maria é levada ao céu

447. Destruído o templo de Diana, cresceram em Maria santíssima os desejos de trabalhar pela exaltação do nome de Cristo e a dilatação da santa Igreja, colhendo os frutos da vitória que obtivera sobre os inimigos.

Multiplicando, nessa intenção, suas orações e súplicas, aconteceu um dia que os santos anjos, aparecendo em forma visível, lhe disseram: Rainha e Senhora nossa, o grande Deus dos exércitos celestes manda-nos levar-vos ao seu trono real no céu, onde vos chama.

Respondeu Maria santíssima: Aqui está a escrava do Senhor, faça-se em mim sua vontade santíssima. - Os anjos colocaram-na num trono de luz, [(2)] e a levaram ao céu empíreo na presença da Santíssima Trindade.

Nesta ocasião, não se lhe manifestou por visão intuitiva, mas sim abstrativa. Prostrou-se ante o trono e adorou ao ser imutável de Deus, com profunda humildade e reverência.

Disse-lhe o eterno Pai: Minha filha e mansíssima pomba, teus abrasados desejos e clamores pela exaltação de meu santo nome chegaram a meus ouvidos, e teus rogos pela Igreja são aceitos a meus olhos e me obrigam a usar de misericórdia

2 - Como em outras vezes disse, nº 399.

e clemência. Em retribuição de teu amor, quero dar-te novamente meu poder, para com ele defenderes minha honra e glória, triunfando de meus inimigos e de sua antiga soberba. Humilha-os, pisa sua cerviz e, com tuas vitórias, ampara minha Igreja e conquista novos favores e dons para seus filhos fiéis e teus irmãos.

Maria, guerreira de Deus

448. Respondeu Maria santíssima: Aqui está, Senhor, a menor das criaturas, de coração preparado para tudo o que for de vosso beneplácito, pela exaltação de vosso nome inefável e maior glória; faça-se em mim vossa divina vontade.

O eterno Pai prosseguiu: Saibam todos os cortesãos do céu que eu nomeio Maria para comandante e chefe de todos meus exércitos e, vencedora de todos meus inimigos, deles triunfe gloriosamente.

O Filho e o Espírito Santo confirmaram a nomeação, e todos os anjos e bem-aventurados responderam: - Faça-se vossa santa vontade, Senhor, nos céus e na terra.

Em seguida, o Senhor mandou a dezoito dos mais elevados serafins que, por ordem, adornassem, preparassem e equipassem sua Rainha para a batalha contra o infernal dragão. Misteriosamente cumpriu-se nesta ocasião o que está escrito no livro da Sabedoria (**5, 18**): *O Senhor armará a criatura para vingança de seus inimigos*; e o mais que ali se diz.

Os seis primeiros serafins adornaram Maria santíssima com uma espécie de lúmen, semelhante a impenetrável armadura que manifestava aos bem-aventurados a santidade e justiça de sua Rainha. Tão invencível e impenetrável para os demônios se assemelhava à fortaleza do próprio Deus. Por esta maravilha, todos os anjos e santos deram graças ao Onipotente.

Maria é armada com a participação da Divindade

449. Outros seis serafins, a mandado do Senhor, deram outra nova iluminação à grande Rainha. Era como um reflexo da Divindade em seu rosto virginal, de modo que os demônios não podiam fitá-lo. Em virtude deste dom, ainda que os inimigos se aproximaram para tentá-la [3], jamais puderam olhar sua face tão divinizada, nem o consentiu o Senhor, por meio deste grande favor.

Ordenou o Senhor aos últimos seis serafins, que dessem armas ofensivas a quem assumia, por sua conta, a defesa da

3 - Como veremos, nº 470

Divindade e sua honra. Cumprindo esta ordem, os anjos comunicaram às potências de Maria santíssima novas qualidades e virtude divina, correspondente a todos os dons com os quais o Altíssimo a tinha adornado.

Com este benefício, foi concedido à grande Senhora poder para, à sua vontade, impedir e deter até os mais íntimos pensamentos e tentativas dos demônios. Todos ficaram sujeitos à vontade e ordem de Maria santíssima, sem poderem resistir ao que Ela mandasse. Deste poder, Ela usa muitas vezes a favor dos fiéis e devotos seus.

Este adorno e o que significava foi confirmado pelas três divinas Pessoas. Declararam a participação de Maria nos divinos atributos que se apropriam a cada uma das Pessoas, para que com eles voltasse à Igreja e nela vencesse os inimigos do Senhor.

A Virgem volta do céu

450. As três divinas Pessoas deram sua bênção a Maria santíssima para despedi-la, e a grande Senhora as adorou com altíssima reverência. Os anjos trouxeram-na de volta ao oratório, e admirados das obras do Altíssimo, diziam: Quem é esta que tão deificada, próspera e rica, desce do supremo céu ao mundo para defender a glória do nome do Senhor? Quão ornada e formosa vem para pelejar suas batalhas! Ó eminentíssima Senhora e Rainha, caminhai e atendei prosperamente com vossa beleza, procedei e reinai (**Sl 44, 5**) sobre as criaturas, e todas o louvem e enalteçam, porque tão liberal e poderoso se manifesta nos benefícios e favores que vos concedeu. Santo, Santo, Santo é o Deus de Sábaot, dos exércitos celestes (**Is 6, 3**), e em Vós o bendirão todas as gerações humanas!

Chegando ao oratório, Maria santíssima prostrou-se e deu humildes graças ao Onipotente, apegada ao pó, como costumava ao receber estes favores [4]

Começa a luta com os demônios

451. A Mãe prudentíssima esteve, por algum tempo, a considerá-los, preparando-se para a luta que a esperava contra os demônios. Estando nesta reflexão, viu que subia das profundezas da terra um dragão vermelho e assustador com sete cabeças. De cada uma expelia fogo e fumaça com furibunda cólera, e era acompanhado por outros muitos demônios com a mesma figura.

Tão horrível era esta visão, que nenhum outro vivente a teria suportado sem morrer. Foi necessário que Maria santíssima além de ser invencível, estivesse prevenida, para aceitar combate com aquelas crudelíssimas bestas infernais.

Dirigiram-se todas para onde estava a grande Rainha e, com furioso ódio e bramidos, ameaçavam dizendo: Vamos aniquilar esta nossa inimiga; temos licença do Todo-Poderoso para tentá-la e lhe fazer guerra; desta vez liquidemos com ela e vinguemo-nos dos agravos que nos tem feito e de nos ter expulsado do templo de nossa Diana, deixando-o destruído. Destruamos também a Ela. Não passa de mulher e pura criatura, enquanto nós somos espíritos sábios, astutos e poderosos. Não há que temer uma criatura terrena.

Tentação de soberba

452. Todo aquele exército de dragões infernais, chefiados por Lúcifer, apre-

4 - nº 4, 317, 400

sentou-se ante a invencível Rainha, provocando-a para a a batalha. Sendo a soberba o mais forte veneno desta serpente, e a porta por onde, ordinariamente, introduz outros vícios com que derriba inumeráveis almas, pareceu-lhe bem começar por este vício, colorindo-o de acordo com o estado de santidade que imaginava em Maria santíssima.

O dragão e seus ministros transformaram-se em anjos de luz e, nesta figura, lhe apareceram, pensando que não os havia visto em sua própria forma de demônios.

Começaram com louvores e adulações, dizendo-lhe: És poderosa, Maria, grande e valorosa entre as mulheres; todo o mundo te louva e te celebra pelas tuas grandiosas virtudes e pelas prodigiosas maravilhas que com elas realizas. És digna desta glória, pois ninguém te iguala em santidade: nós o sabemos mais do que todos, e por isso o confessamos e cantamos a grandeza de tuas façanhas.

Enquanto Lúcifer dizia estes mal intencionados louvores, procurava lançar na imaginação da humilde Rainha, indignos pensamentos de soberba e presunção. Mas, em vez de incliná-la a alguma complacência ou consentimento, foram vivas flechas de dor para seu veríssimo coração. Todos os tormentos dos mártires não lhe teriam sido tão sensíveis, quanto estas diabólicas lisonjas.

Rebateu-as com atos de humildade, aniquilando-se por modo tão admirável e profundo, que o inferno não o pôde suportar, nem permanecer mais em sua presença. Fugiram todos com formidáveis bramidos a clamar: Vamos para o abismo, que aquele lugar nos atormenta menos do que a invencível humildade desta mulher!

Deixaram-na por então, e a prudentíssima Senhora agradeceu ao Onipotente esta primeira vitória.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA DO CÉU.

Inveja do demônio

453. Minha filha, a soberba do demônio alimenta uma ambição, que ele mesmo reconhece inatingível: desejaria ser servido e obedecido como Deus o é pelos justos e santos, e nisto ser semelhante a Deus. Impossível, porém, é conseguir tal coisa, pois ela implica contradição irredutível. A essência da santidade consiste em a criatura ajustar-se à regra da divina vontade, amando a Deus sobre todas as coisas, sujeita à sua obediência. O pecado consiste em separar-se desta ordem, amando outra coisa e obedecendo ao demônio.

A honestidade da virtude é tão conforme à razão, que nem o próprio demônio a pode negar. Por isto ele quisera, se fosse possível, derribar os bons, invejoso e indignado por não poder servir-se deles. Pelo mesmo motivo, anseia impedir a glória de Deus em seus santos, o que não pode conseguir.

Em conseqüência, porfia tanto em derribar a seus pés, algum cedro do Líbano de elevada santidade, para fazer escravos seus, aos que eram servos do Altíssimo. Nisto emprega toda sua indústria, sagacidade e atenção. Com a mesma finalidade, procura que lhe dediquem algumas virtudes morais, ainda que o sejam só na aparência, como fazem os hipócritas, e faziam as virgens de Diana.

Com isto, parece-lhe que toma parte no que Deus ama e quer, e que mancha e perverte as virtudes que o Senhor estima para, através delas, comunicar sua pureza às almas.

Astúcia diabólica

454. Atende, minha filha, quantos são os rodeios, maquinações e ciladas que arma esta serpente para derribar os justos.

Sem especial favor do Altíssimo, não podem as almas conhecê-las, muito menos vencê-las e escapar de tantas redes e armadilhas. Para alcançar sua proteção, quer o Senhor que a criatura não se descuide, não confie em si mesma, não cesse de pedir e desejar seu auxílio. Não há dúvida que, por si só nada pode e logo perecerá.

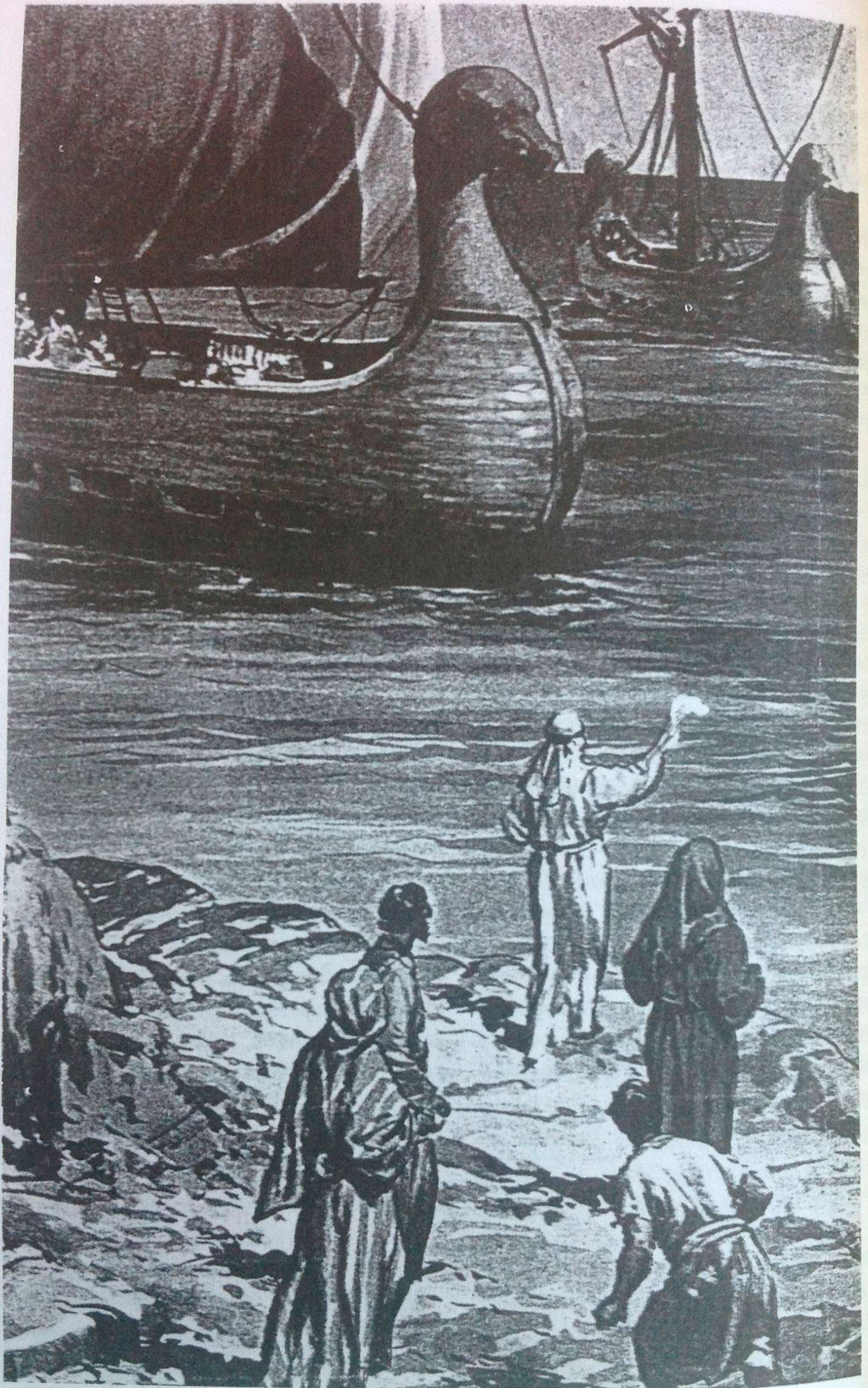
O que muito inclina a divina clemência é o fervor de coração, a pronta devoção nas coisas divinas, acima de tudo a perseverante humildade e obediência que ajudam a firmeza e coragem em resistir ao inimigo. Quero que fiques advertida, não para teu consolo, mas para te acauteleres, que são muito raras as boas obras dos justos, nas quais esta serpente não derrama um pouco de seu veneno para infeccioná-las.

Ordinariamente procura, com refinada subtileza, despertar alguma paixão ou inclinação terrena que, quase imperceptivelmente desvia ou atrapalha a intenção da criatura. Leva-as a não agir puramente por Deus, legítima finalidade da virtude e, com outras intenções, seus atos tornam-se viciosos, ou inteiramente, ou em parte. Visto que esta cizânia mistura-se com o trigo, é difícil conhecê-la no princípio, se as almas não se despojam de todo afeto terreno, examinando suas obras à luz divina.

Discernimento de espírito

455. Bem avisada estás, minha filha, deste perigo e do desvelo que o demônio tem contra ti, mais do que contra outras almas. Não seja menor o teu contra ele, não confies apenas em tua boa intenção. Não obstante deva ser sempre boa e reta, por si só não basta, e a criatura nem sempre a percebe. Muitas vezes, sob a aparência de boa intenção, o demônio a engana. Propõe-lhe algum bem presumível e muito distante, para levá-la a algum perigo próximo. Acontece que cai logo no perigo, e não chega àquele bom fim com que o demônio a enganou.

Outras vezes, apesar da boa intenção, deixa de examinar certas circunstâncias que levam a agir sem prudência e viciosamente. Outras ainda, com alguma intenção que parece boa, deixa agir as inclinações e paixões terrenas que se escondem no coração.

O remédio para tantos perigos, é examinar tuas boas obras à luz que o Senhor te infunde na parte superior da alma. Então compreenderás como separar o precioso do vil (**Jr 15, 19**), a mentira da verdade, o amargor das paixões da doçura da razão. Com isto, a divina luz que está em ti não será obscurecida pelas trevas, e teu olho será simples e purificará todo o corpo de tuas ações (**Mt 6, 22**). Deste modo, serás toda e em tudo agradável a teu Senhor e a Mim.

Volta de Éfeso

CAPÍTULO 5

A CHAMADO DO APÓSTOLO SÃO PEDRO, MARIA SANTÍSSIMA VOLTA DE ÉFESO PARA JERUSALÉM; CONTINUA A LUTA CONTRA OS DEMÔNIOS; GRANDE TEMPESTADE NO MAR DURANTE A VIAGEM ; SÃO DECLARADOS OUTROS SEGREDOS ACONTECIDOS NA OCASIÃO.

A Igreja prossegue em seu desenvolvimento

456. Depois do justo castigo e condenação do infeliz Herodes, a primitiva Igreja em Jerusalém recobrou alguma tranqüilidade durante muitos dias, frutos dos méritos da grande Senhora do mundo, conquistado por suas orações e solicitude materna.

Nesse tempo, São Barnabé e São Paulo, com grande êxito, pregavam nas cidades da Ásia Menor, Antioquia, Listra, Perge e outras muitas, como refere São Lucas nos capítulos 13 e 14 dos Atos dos Apóstolos, descrevendo os prodígios que São Paulo realizava naquelas cidades e províncias.

O apóstolo São Pedro, ao ser libertado do cárcere, fugiu de Jerusalém em direção à Ásia, para sair das zonas sob a jurisdição de Herodes. De lá, atenderia os novos fiéis que se convertiam na Ásia e os que estavam na Palestina.

Todos o reconheciam e lhe obedeciam como Vigário de Cristo e chefe da Igreja, que tudo quanto fazia e ordenava na terra era confirmado no céu.

Com esta firmeza de fé recorriam a ele, como a supremo Pontífice, nas dúvidas e questões que surgiam. Entre outras, avisaram-no da questão que alguns judeus haviam suscitado com São Paulo e São Barnabé, tanto em Antioquia como em Jerusalém, a respeito da observância da circuncisão e da lei de Moisés. Adiante falarei sobre isto, de acordo com o que refere São Lucas no capítulo 15 dos Atos dos Apóstolos.

Os fiéis pedem a volta de São Pedro e Maria para Jerusalém

457. Por este motivo, os apóstolos e discípulos de Jerusalém pediram a São Pedro voltar à cidade santa para resolver aquelas controvérsias e dispor o que convinha, para não se entravar a pregação da fé. Com a morte de Herodes, os judeus já não tinham quem os apoiasse, e a Igreja gozava de mais paz e tranqüilidade em Jerusalém.

Pediram também que insistisse com a Mãe de Jesus para, por estas mesmas

razões, Ela voltar à cidade, onde os fiéis a desejavam de todo o coração. Com sua presença, receberiam grande consolação no Senhor, e tudo na Igreja prosperaria.

Ao saber de tudo isto, São Pedro resolveu partir logo para Jerusalém, e antes de sair, escreveu à Rainha santíssima a seguinte carta:

Carta de São Pedro para Maria santíssima

À Virgem Maria, Mãe de Deus, Pedro apóstolo de Jesus Cristo, servo vosso e dos servos de Deus.

458. Senhora, entre os fiéis surgiram algumas dúvidas e diversidades de opiniões sobre a doutrina de vosso Filho e nosso Redentor e se, com ela, há de se guardar a antiga lei de Moisés. Querem saber de nós o que se deve fazer, e que digamos o que ouvimos da boca de nosso divino Mestre. Para consultar meus irmãos, os apóstolos, sigo logo para Jerusalém e vos pedimos que, para consolação de todos e pelo amor que tendes à Igreja, volteis à mesma cidade. Depois da morte de Herodes os hebreus estão mais calmos, e os fiéis gozam de maior segurança. A multidão dos seguidores de Cristo vos deseja rever e se consolar com vossa presença. Chegando a Jerusalém, avisaremos as outras cidades e, com vossa assistência, se determinará o que mais convém em matéria da santa fé e da grandeza da lei da graça.

Maria recebe a carta de São Pedro

459. Este foi o teor da carta, comumente observado pelos apóstolos. Escreviam primeiro o nome da pessoa ou pessoas a quem se dirigiam, e depois o de quem escrevia, ou ao contrário, como se vê nas epístolas de São Pedro, de São Paulo e de outros apóstolos.

Dar à Rainha o nome de Mãe de Deus, foi acordo entre os apóstolos depois que compuseram o Credo; chamá-la-iam também Virgem e Mãe pela importância que havia para a santa Igreja, de arraigar no coração dos fiéis o artigo da virgindade e maternidade desta grande Senhora.

Alguns outros fiéis a chamavam **Maria de Jesus** ou **Maria, a de Jesus Nazareno**; outros de menos capacidade, nomeavam-na **Maria, filha de Joaquim** e **Ana**. De todos estes nomes, usavam os primeiros filhos da fé para falar de nossa Rainha.

A santa Igreja, porém, usando mais daquele que lhe davam os apóstolos, chama-a **Virgem Mãe de Deus**, ajuntando a este outros muitos títulos ilustres e cheios de significado.

Um portador entregou a carta de São Pedro à Senhora, dizendo-lhe que era do Apóstolo. Recebeu-a e venerando o Vigário de Cristo, pôs-se de joelhos, beijou a carta, mas não a abriu, porque São João estava na cidade pregando.

Logo que o Evangelista chegou, a Senhora de joelhos, como costumava, lhe pediu a bênção e entregou a carta, dizendo que era de São Pedro o Pontífice de todos. São João perguntou-lhe o que continha na carta, e a Mestra das virtudes respondeu: Vós, Senhor, a vereis primeiro e me direis o que contém. Assim o fez o Evangelista.

Humildade e obediência de Maria

460. Não posso conter minha admiração e também confusão, diante da humildade e obediência que, nesta ocasião, mostrou Maria santíssima, ainda que o fato pareça de pouca importância. Só a

sua divina prudência pôde entender que, sendo Mãe de Deus e a carta do Vigário de Cristo, era maior humildade e submissão não a abrir e ler pessoalmente, mas sim entregá-la ao ministro que tinha presente, para obedecer-lhe e se orientar por sua vontade.

Este exemplo serve de repreensão e ensino à presunção dos súditos, que andam procurando desculpas e razões, para trapacear a humildade e obediência que se deve aos superiores. Em tudo foi Maria santíssima mestra de santidade, tanto nas coisas pequenas como nas maiores.

Lendo o Evangelista a carta de São Pedro para a grande Senhora, pediu seu parecer a respeito do que lhe dizia o Vigário de Cristo.

Ainda nisso, não quis mostrar-se superior ou igual, mas obediente. Respondeu a São João: Filho e Senhor meu, ordenai o que mais convém, que aqui está vossa serva para obedecer. O Evangelista disse que lhe parecia bem obedecer a São Pedro e voltar logo para Jerusalém. Respondeu Maria puríssima: é justo e devido obedecer à Cabeça da Igreja; preparai logo a partida.

As discípulas de Maria

461. Com esta decisão, São João foi logo procurar embarcação para a Palestina e providenciar o necessário para partirem com brevidade.

Enquanto o Evangelista tratava desses pormenores, Maria santíssima chamou as discípulas que formara em Éfeso, para delas se despedir e instruí-las do que deviam fazer para conservar a fé. Eram setenta e três mulheres, muitas delas virgens, inclusive as nove que, como disse acima, foram salvas da ruína do templo de Diana [1]. A estas e a outras muitas, Maria santíssima havia, pessoalmente catequizado e convertido à fé, reunindo-as com as donas da casa onde se hospedara.

Com esta comunidade, a divina Senhora começou a oferecer reparação pelos pecados e abominações que, durante tantos séculos, se cometeram no templo de Diana. Assim, deu princípio à guarda da castidade em comunidade, na mesma cidade de Éfeso, onde o demônio a havia profanado.

De tudo tinha informado suas discípulas, ainda que não ficaram sabendo que fôra a grande Senhora que destruíra o templo. Convinha guardar segredo deste fato para que, nem os judeus tivessem motivo de crítica contra a piedosa Mãe, nem os gentios se indignassem contra Ela, pelo estulto amor que dedicavam à sua Diana.

Deste modo, ordenou o Senhor que o sucesso da destruição fosse julgado casual e logo esquecido, motivo pelo qual os outros autores profanos não o escreveram, como o fizeram do primeiro incêndio.

Conselhos da Virgem a suas discípulas

462. Com palavras cheias de doçura e amor, Maria santíssima procurou consolar estas discípulas em sua ausência. Deixou-lhes escritas, de próprias mãos, as seguintes exortações: Minhas filhas, pela vontade do Senhor Todo-Poderoso, preciso voltar para Jerusalém. Em minha ausência, tereis presente a doutrina que de Mim recebestes e que Eu ouvi da boca do Redentor do mundo. Reconhecei-o sempre por Senhor, Mestre e Esposo de vossas almas, servindo-o e amando-o de todo o coração. Conservai na memória os mandamentos de sua santa lei, e neles sereis instruídas por seus ministros e sacerdotes. A estes prestai grande veneração e obedecei às suas ordens, com humildade,

1 - nº 445

sem ouvir nem aceitar outros mestres que não sejam discípulos de Cristo, meu Filho santíssimo. Eu cuidarei de que eles sempre vos assistam e amparem, e não me esquecerei jamais de vós e de vos apresentar ao Senhor.

Em meu lugar fica Maria a Antiga; a ela obedecereis em tudo, respeitando-a e amando-a, e Ela cuidará de vós com o mesmo amor e desvelo. Guardareis permanente recolhimento nesta casa e jamais entre nela homem algum; se for necessário falar com algum, seja na porta, estando três de vós presentes. Vivei em contínua oração, recitando as que vos deixo escritas, no aposento que ocupei. Guardai silêncio e mansidão e não façais aos outros o que não desejais que vos façam. Falai sempre a verdade e tende continuamente presente a Cristo crucificado em todos vossos pensamentos, palavras e ações. Adorai-o e confessai-o por Criador e Redentor do mundo. Em seu nome, vos dou sua bênção e peço que permaneça em vossos corações.

Últimas recomendações e lembranças de Maria

463. Estes e outros conselhos deixou Maria santíssima, àquela comunidade que dedicara a seu Filho e Deus verdadeiro. A que nomeou para superiora, era uma das proprietárias da casa que a hospedou. Era mulher de capacidade administrativa, com quem a Rainha tivera mais contato e que instruíra melhor sobre a lei de Deus e seus mistérios.

Chamavam-na Maria a Antiga, porque a muitas mulheres a divina Senhora dera seu nome no batismo, comunicando-lhes sem ciúmes, como diz a Sabedoria (**7, 13**), a excelência de seu nome. Como esta Maria foi a primeira em Éfeso que se batizou com este nome, chamavam-na Antiga, para distingui-la das outras Marias mais recentes.

A divina Mestra deu-lhes escritos o Creio, o Pai nosso, os dez Mandamentos, e outras orações para rezarem vocalmente. Para fazerem estes e outros exercícios, deixou no seu oratório uma grande cruz, feita a seu mandado, com grande rapidez, pelos santos anjos. Depois, para mais empenhá-las, como piedosa Mãe, lhes distribuiu as alfaias e objetos que usou, pobres de valor humano, mas ricas de inestimável preço, por serem prendas suas e testemunhos de seu maternal carinho.

Maria despede-se de suas discípulas

464. Despediu-se de todas com muito sentimento de as deixar sozinhas, por tê-las gerado em Cristo. Todas se prostraram a seus pés em grande pranto, como quem perdia de repente, o consolo, refúgio e alegria de seus corações.

Com o cuidado que a bem-aventurada Mãe sempre teve daquela sua devota comunidade, todas as setenta e três perseveraram no temor de Deus e na fé em Cristo, nosso Senhor, não obstante as grandes perseguições que o demônio lhes moveu, por si e pelos habitantes de Éfeso.

Prevendo tudo isto, antes de partir, a prudente Rainha fez por elas fervorosa oração, pedindo a seu Filho santíssimo as guardasse, conservasse e destinasse um anjo para defender aquele pequeno rebanho.

Tudo lhe foi concedido pelo Senhor. De Jerusalém, as confortou muitas vezes, e encarregou aos discípulos e apóstolos que foram a Éfeso, de cuidar daquelas Virgens e mulheres recolhidas. Isto fez a grande Senhora durante todo o tempo que viveu.

Partida de Éfeso

465. Chegou o dia da partida. A mais humilde de todos os humildes pediu a bênção de São João e, juntos, dirigiram-se para a embarcação. Tinham ficado em Éfeso dois anos e meio. Ao sair de casa, manifestaram-se à grande Senhora seus mil anjos em forma humana visível, mas ordenados em esquadrão, armados para batalha. Esta novidade lhe deu a entender que se preparasse, para continuar a luta com o grande dragão e seus aliados. Antes de chegar ao mar, viu grande multidão de legiões infernais que vinham a Ela em diversas figuras horrendas e assustadoras. Atrás delas vinha um dragão com sete cabeças, maior que um grande navio, tão horrível e disforme, que só vê-lo, tão furioso e abominável, era causa de grande tormento.

Para enfrentar estas espantosas visões, preveniu-se a invencível Rainha com ferventíssima fé, caridade, com as palavras dos Salmos e outras que ouviu da boca de seu Filho santíssimo. Aos santos anjos ordenou que a assistissem, porque aquelas figuras tão terríveis lhe causaram algum temor e horror natural e sensível.

O Evangelista, por então, nada soube desta batalha, até que recebeu compreensão de tudo, quando a divina Senhora lhe revelou.

Tempestade no mar

466. A divina Princesa e o Santo embarcaram, o navio partiu, mas a pouca distância do porto aquelas fúrias infernais, com a permissão que tinham, desencadearam tão violenta tempestade, qual nunca se vira antes, nem se viu até agora. Com esse extraordinário fato, quis o Onipotente glorificar seu poder e a santidade de sua Mãe. Por isto, deu permissão aos demônios para, nesta batalha, empregarem todas suas forças e malícia.

Com assustador estrondo, entumeceram-se as ondas, erguendo-se de tal modo, que pareciam querer ultrapassar os ventos e chegar até as nuvens.

Entre umas e outras, levantavam montanhas de água e espuma como se estivessem a se precipitar, para romper os cárceres em que estão encerrados **(Sl 103, 9)**. O navio era lançado e açoitado de uma ponta a outra, de maneira que a cada golpe parecia maravilha não se reduzir a migalhas. Umas vezes era levantado até o céu; noutras descia até as areias do fundo; em muitas tocava com as gáveas e antenas na espuma das ondas. Em alguns ímpetos desta tormenta, foi necessário que os santos anjos sustentassem o navio no ar, imóvel, enquanto o mar se entrechocava, pois naturalmente haveria de submergi-lo e levá-lo à pique.

Levantou-se um vento de tempestadade, e empolaram-se as ondas.

Pânico dos navegantes

467. Os tripulantes e passageiros percebiam esta proteção, mas ignoravam donde procedia. Em pânico, perderam o próprio controle e gritavam chorando a ruína que lhes parecia inevitável.

Os demônios agravaram esta aflição porque, tomando forma humana, berravam com toda a força, como se estivessem em outros navios que seguiam o mesmo roteiro, a pequena distância. Gritavam para os tripulantes daquele em que ia a grande Senhora, que deixassem perecer a embarcação e se salvassem nos outros. É verdade que todos sofriam a tempestade, mas a indignação dos dragões visava só ao que levava sua inimiga; os outros não eram tão batidos pelas ondas, embora o perigo fosse geral.

Só Maria santíssima conheceu esta malícia dos demônios. Os marinheiros acreditaram que tais gritos vinham realmente dos outros navegantes, e neste engano, abandonaram a direção do próprio navio, na confiança de se salvarem nos outros.

Este erro e deslealdade, foi acudida pelos anjos que acompanhavam a grande Rainha. Quando os marinheiros largaram o navio, para que se esfacelasse e fosse à pique, os anjos tomaram-lhe a direção, guiando-o e governando-o.

Sofrimento e tranqüilidade de Maria

468. No meio de tanta tribulação e desespero, Maria santíssima estava extremamente tranqüila, gozando da serenidade do oceano de sua magnanimidade e virtudes das quais ia fazendo atos heróicos, como a ocasião e sua sabedoria pediam.

Nesta viagem tão procelosa, conheceu os perigos da navegação por experiência, como na vinda para Éfeso havia conhecido por revelação.

Sentiu nova compaixão por todos os que navegam e renovou a oração e súplica que antes fez por eles, como acima se disse (2). Admirou-se também a prudentíssima Virgem da indômita força do mar, e nela considerou a indignação da justiça divina que aquela criatura insensível tanto sugeria.

Passando desta consideração à dos pecados dos mortais que chegaram a merecer a ira do Onipotente, fez grandes súplicas pela conversão do mundo e crescimento da Igreja. Nesta intenção, ofereceu os sacrifícios daquela navegação que, não obstante a tranqüilidade de sua alma, muito a fez padecer no corpo. Sofria ainda mais, por saber que todos que ali viajavam, estavam sendo envolvidos na perseguição que, por causa d'Ela, o demônio levantara.

Aflição de São João

469. São João evangelista, além do sofrimento pessoal, tinha o da responsabilidade de velar por sua verdadeira Mãe e Senhora. Para ele a pena era dobrada, pois não estava a par do que se passava no íntimo da bem-aventurada Virgem. Procurou algumas vezes consolá-la e encorajar-se a si mesmo, falando com Ela.

Ainda que a navegação de Éfeso à Palestina costuma levar seis dias, desta vez durou quinze e a tempestade catorze.

Certo dia, São João muito aflito com a persistência da tormenta e, sem poder conter-se, disse a Maria santíssima: Senhora minha, que é isto? Teremos de perecer aqui? Pedi a vosso Filho que nos olhe com olhos de Pai e dos defenda nesta tribulação.

---

2 - nº 371

Respondeu-lhe Maria santíssima: Não vos perturbeis meu Filho, pois é tempo de pelejar as guerras do Senhor e vencer seus inimigos, com fortaleza e paciência. Estou a pedir que nenhum dos que vão conosco pereça, e o guarda de Israel não dorme nem dormita (**Sl 120, 4**). Os fortes de sua corte nos assistem e defendem. Padeçamos por Ele que, pela salvação de todos, se entregou à cruz - Com estas palavras, São João recobrou a coragem que estava precisando.

O demônio nada consegue

470. Lúcifer e seus demônios sempre mais furiosos, ameaçavam a poderosa Rainha, garantindo-lhe que pereceria naquela tormenta e não se salvaria do mar. Estas e outras ameaças não passavam de insignificantes flechas, e a prudentíssima Mãe as desprezava sem lhes dar atenção, sem olhar para os demônios, nem lhes dirigir uma só palavra. Eles tampouco lhe puderam ver a face, pela virtude que n'Ela derramou o Altíssimo, como disse acima (3)

Quanto mais esforço empregavam, menos conseguiam e tanto mais eram atormentados por aquelas forças ofensivas com as quais o Senhor revestiu sua Mãe santíssima. O Senhor não lhe manifestou quando este longo combate terminaria, e embora estivesse sempre ali com Ela, também não se mostrou por nenhuma visão das que ordinariamente ela costumava gozar.

Fim da tempestade, chegada na Palestina

471. Depois de catorze dias dessa tormentosa navegação, seu Filho santíssimo dignou-se visitá-la em pessoa. Apareceu-lhe e lhe disse: Minha Mãe caríssima, estou convosco na tribulação.

Ainda que, em qualquer ocasião, a visita e as palavras do Senhor lhe proporcionavam inefável consolação, nesta provação foi mais estimável para a bem-aventurada Mãe, porque o socorro nas horas mais difíceis é mais oportuno.

Adorou seu Filho e Deus verdadeiro e lhe respondeu: Deus meu, único bem de minha alma, sois Aquele a quem o mar e os ventos obedecem (**Mt 8, 27**); olhai, Filho meu, nossa aflição, não pereçam as obras de vossas mãos. Disse-lhe o Senhor: Minha Mãe e minha pomba, de Vós recebi a forma humana que tenho, e por isto quero que todas as minhas criaturas obedeçam ao vosso império; ordenai-lhes como sua Senhora, pois à vossa vontade estão sujeitas.

Desejava a Mãe prudentíssima que o Senhor apaziguasse as ondas, como o fizera na tempestade que os apóstolos sofreram no mar da Galiléia (**Mt 8, 26**). A ocasião, porém, era diferente, e ali não havia outra pessoa que pudesse mandar aos ventos e às águas.

Obedeceu Maria santíssima, e em virtude de seu Filho, primeiro mandou Lúcifer e seus demônios que imediatamente saíssem do mar Mediterrâneo. No mesmo instante o deixaram e foram para a Palestina, porque Ela não os mandou descer ao abismo, por não estar terminada a luta com eles.

Em seguida, ordenou ao mar e aos ventos que se acalmassem. Num momento obedeceram, e dentro em pouco estava perfeitamente sereno, com assombro dos navegantes que não sabiam a causa de tão repentina mudança. Cristo, nosso Salvador, despediu-se de sua Mãe santíssima, deixando-a repleta de bênçãos e alegria, com a ordem de no dia seguinte descer à terra. Assim aconteceu. Aos quinze dias

---
3 - nº 449

do embarque, chegaram com bonança ao porto e desembarcaram.

Nossa Rainha e Senhora deu graças ao Onipotente por aqueles favores. Fez um cântico de louvor por ter livrado a Ela, e aos outros, de tão grandes perigos. O santo Evangelista fez o mesmo. A divina Mãe lhe agradeceu a companhia, pediu-lhe a bênção e dirigiram-se para Jerusalém.

Chegada ao Cenáculo

472. Os santos anjos acompanhavam sua Rainha e Senhora em ordem de batalha, como quando saíram de Éfeso [4], pois os demônios também a esperavam em terra para continuar a luta. Com incrível fúria, atacaram-na com sugestões e tentações contra todas as virtudes, mas estes projeteis retrocediam contra eles, sem arranhar sequer a torre de Davi, da qual disse o Esposo, tinha mil escudos, todas as armas dos fortes **(Ct 4,4)** e o muro edificado com baluartes de prata **(Cânt 8, 9)**.

Antes de chegar a Jerusalém, a piedade e devoção do coração da grande Senhora inclinava-a a visitar os lugares consagrados pela nossa Redenção, antes de ir para casa, assim como fôra a última coisa que fizera ao sair da cidade. Mas, como São Pedro estava à espera, sendo sábia Mestra na ordem de praticar as virtudes, determinou antepor a obediência ao Vigário de Cristo à sua própria devoção.

Assim, dirigiu-se diretamente à casa do Cenáculo, onde se encontrava São Pedro. Pôs-se de joelhos em sua presença, pediu-lhe a bênção e desculpas por não haver cumprido antes a sua ordem. Beijou-lhe a mão, como a sumo Sacerdote, e não se justificou da tardança, falando da tempestade nem de qualquer outra coisa. Só pela relação que depois São João fez, teve São Pedro conhecimento das dificuldades que haviam sofrido durante a viagem.

O Vigário de Cristo, nosso Salvador, todos os discípulos e fiéis de Jerusalém receberam sua Mestra e Senhora com indizível gozo, veneração e carinho; prostraram-se a seus pés, agradecendo-lhe por ter vindo enchê-los de alegria e consolo, onde a podiam ver e servir.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA MARIA SANTÍSSIMA.

Humildade e obediência

473. Minha filha, quero que relembres continuamente a advertência que te fiz, desde que principiaste a escrever estes veneráveis segredos de minha vida. Não é minha vontade que sejas apenas o instrumento para manifestá-los à Igreja, mas antes de todos, sejas a primeira em aproveitar deste benefício, praticando pessoalmente minha doutrina e o exemplo de minhas virtudes. Para isto foste chamada pelo Senhor, e por Mim escolhida como filha e discípula.

Reparaste em minha humildade ao não querer abrir a carta de São Pedro, sem conhecimento de meu filho João. Quero manifestar-te melhor a doutrina encerrada neste meu procedimento. A humildade e a obediência são o fundamento da perfeição cristã, e nelas não há coisa pequena. Tudo o que é feito sob a influência destas virtudes, é de sumo agrado ao Altíssimo e merece copiosa remuneração de sua liberal misericórdia e justiça.

A desobediência no mundo

474. Adverte, pois caríssima, que assim como nada há mais difícil, à condição

4 - nº 465

humana, do que sujeitar-se alguém à vontade de outro, assim também nada há mais necessário para domar sua altiva cerviz, que o demônio se esforça por levantar em todos os filhos de Adão. Por esta razão trabalham os inimigos, com sumo cuidado, para levar os homens a se apoiarem em sua própria opinião e vontade. Com este ardil, obtém muitos triunfos e perde inumeráveis almas, pelos mais diversos caminhos.

Em todos os estados e condições dos mortais, derrama este veneno, instigando ocultamente a todos, para que cada qual siga o próprio parecer; que o súdito e inferior não se sujeite às leis e vontade do superior, mas as despreze e transgrida, pervertendo a boa ordem que a divina Providência estabeleceu em todas as coisas. E, porque todos transgridem esta ordem do Senhor, o mundo está cheio de trevas, todas as coisas desordenadas, governado-se cada qual pelo próprio capricho, sem atenção nem respeito a Deus e às suas leis.

A desobediência nos religiosos

475. Embora este mal seja geral e odioso aos olhos do Supremo Governador e Senhor, é muito mais grave nos religiosos. Estando atados pelos votos de seus institutos, andam forcejando por afrouxar estes laços e soltar-se deles. Nem falo agora dos que, ousadamente, os quebram e faltam aos votos no pouco e no muito, pois isto é horrível temeridade que acarreta a condenação eterna.

Para não chegarem a este perigo, aos que na vida religiosa querem assegurar a salvação Eu admoesto: guardem-se de procurar opiniões e argumentos para mutilar e afrouxar a obediência que devem a Deus e a seus superiores. Não examinem até onde podem chegar sem pecar contra o voto, fazendo sua própria vontade e dispondo do pouco ou do muito sem licença, e por seu próprio parecer. Tais cálculos nunca levam a guardar os votos, senão a quebrá-los fazendo-se surdos à consciência que remorde.

Advirto-lhes que o demônio procura que engulam estes mosquitos venenosos para, pouco a pouco, levá-los a tragar os camelos de culpas maiores, depois de se terem acostumado às menores. E, os que sempre querem esticar a corda até as fronteiras do pecado mortal, o menos que merecem é que o justo Juiz examine e esquadrinhe suas consciências, para recompensá-los o menos que puder, já que passaram a vida estudando em fazer o menos possível para O servir.

Artifícios da obediência imperfeita

476. Tais doutrinas, de procurar alargar a lei de Deus para o deleite da carne, são muito aborrecíveis a meu Filho santíssimo e a Mim. É grande falta de amor obedecer a sua divina lei, só até quando limita com o pecado. Aí só age o temor do castigo e não o amor por quem manda, e se não houvesse ameaça de castigo, nada se faria.

Muitas vezes, para não se humilhar e pedir licença ao superior menor, o súdito recorre aos superior maior. Talvez pede uma licença ampla, a quem está menos a par do perigo que corre quem lha está solicitando. Não se pode alegar que esteja fora da obediência, mas também é certo que todos estes rodeios são para fugir de suas exigências.

Esta liberdade extorquida, só lhe trará perigo e diminuição do mérito, pois sem dúvida, há maior merecimento em sujeitar-se à autoridade inferior e menos acomodada ao próprio juízo e gosto de quem

obedece. Não foi esta a doutrina que aprendi e pratiquei na escola de meu Filho santíssimo. Para todas as coisas pedia licença aos que tinha por superiores, e jamais deixei de os ter, conforme já viste. Para abrir e ler a carta de São Pedro, chefe da Igreja, esperei a vontade do inferior que, junto a Mim, era o ministro imediato.

A obediência perfeita

477. Não quero minha filha, que sigas a doutrina dos que procuram liberdade e licenças a seu gosto, mas te escolho e te conjuro a me imitar e seguir pelo caminho seguro da perfeição.

A busca de larguezas e interpretações, perverteu o estado da vida religiosa e cristã. Deverás sempre te humilhar e viver sujeita à obediência, e não te desculpes por ser Superiora, pois tens confessores e superiores. Se alguma vez estiverem ausentes e não puderes recorrer à sua obediência, pede conselho e obedece a alguma de tuas súditas e inferiores no ofício. Para ti, todos hão de ser superiores, e não te pareça muito, pois és a menor dos nascidos. Coloca-te neste lugar, humilhando-te abaixo de todos, para seres minha verdadeira imitadora, filha e discípula.

Além disto, serás pontual em dizer-me tuas culpas duas vezes ao dia, e pede-me licença, todas as vezes, para o que precisares fazer, confessando-te cada dia das faltas que cometeres. Por Mim e pelos ministros do Senhor, Eu te admoestarei e mandarei o que te convém. Não temas dizer a muitos tuas culpas ordinárias, para que, em tudo e com todos, te humilhes diante dos olhos do Senhor e dos meus. Quero que aprendas e ensines a tuas monjas esta ciência desconhecida do mundo. Ensino-a a ti como recompensa do trabalho em escrever minha vida.

Por esta notícia e importante doutrina, deves entender que, para me imitares como desejo, não deverás ter relações, nem falar, agir, escrever ou receber carta, ou ter qualquer pensamento (se for possível) sem minha obediência e de quem te governa.

Os mundanos e carnais chamam estas virtudes impertinências e formalismos, mas esta soberba ignorância receberá seu castigo, quando na presença do justo juiz se apurarem as verdades. Ali se verá quem foram os ignorantes e os sábios. Então, serão premiados os que, como servos verdadeiros, foram fiéis no pouco e no muito (**Mt 25, 21**), enquanto os estultos, quando já não houver remédio, conhecerão o mal que se fizeram com a prudência carnal.

Maria, superiora e Mãe da Comunidade

478. Sentiste alguma emulação em saber que Eu, pessoalmente, governava aquela comunidade de mulheres em Éfeso. Advirto-te que não as invejes. Lembra que tu e tuas monjas me elegeram por Prelada e especial Patrona, para vos governar como Rainha e Senhora. Quero que entendam que aceitei e me constituo como tal para sempre, sob a condição de que sejam perfeitas em sua vocação e muito fiéis a seu Senhor, meu Filho santíssimo que as escolheu para esposas suas.

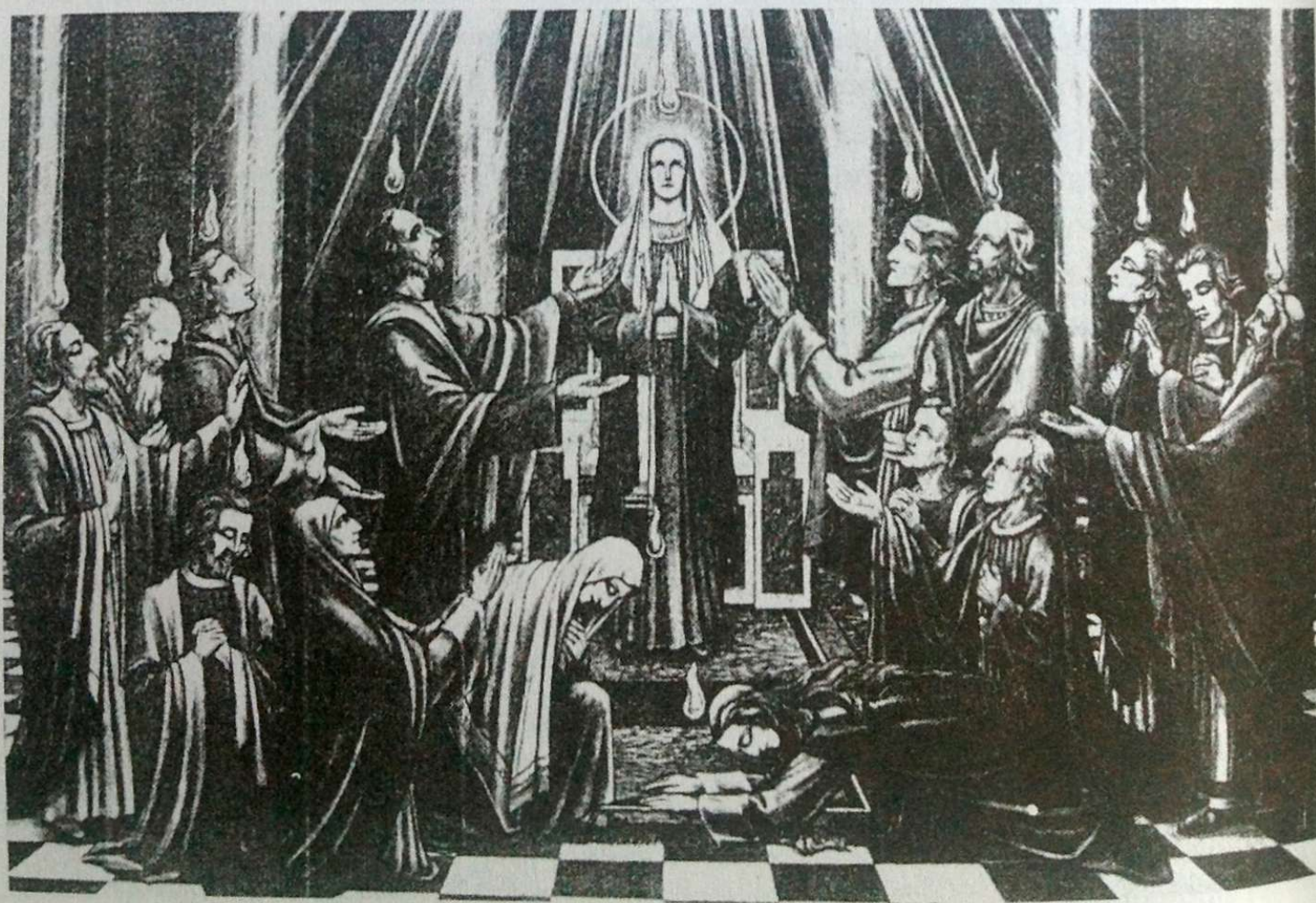
Adverte-lhes isso, muitas vezes, para que se guardem e se retirem do mundo, desprezando-o de todo o coração; que guardem recolhimento e se conservem em paz e não degenerem de filhas minhas; que sigam e pratiquem a doutrina que dei, nesta História, para ti e para elas; que a estimem com suma veneração e agradecimento gravando-a em seus corações. Dando-lhes minha vida para modelo e guia de suas

almas, escrita por tua mão, cumpro o ofício de Mãe e Prelada para que elas, como súditas e filhas, sigam meus passos, imitem minhas virtudes e correspondam à minha fidelidade e amor.

Não culpar os superiores

479. Outra advertência importante: quando aos obedientes imperfeitos surge algum contratempo no que lhes foi mandado, logo se contristam, afligem e perturbam. Para justificar sua impaciência, culpam a quem os mandou e os desacreditam junto aos superiores ou aos iguais. Isto supõe que, quem manda, estivesse obrigado a desculpar os sucessos contingentes do súdito, ou poder controlar todas as coisas do mundo para dispô-las segundo o gosto do inferior. Este engano é completamente absurdo. Muitas vezes, em recompensa da sujeição do obediente, Deus lhe envia dificuldades, para lhe aumentar o mérito e coroa. Outras vezes, acontece que o castiga pela repugnância e má vontade com que obedece.

O Senhor disse apenas: ''*Quem a vós ouve e obedece, a Mim ouve e obedece* **(Lc 10, 16)**''. O sacrifício que resulta de obedecer, sempre é em benefício do obediente; e se não aproveita, a culpa não é de quem lhe manda.

Eu não culpei São Pedro por me ter mandado voltar de Éfeso para Jerusalém, ainda que padeci tanto na viagem. Pelo contrário, pedi-lhe perdão por não haver cumprido sua ordem com mais brevidade. Nunca sejas pesada e difícil para teus superiores, pois isto é feia liberdade e tira o mérito da obediência. Olha-os com reverência, como os que estão no lugar de Cristo, e será copioso o mérito de lhes obedecer. Segue minhas pegadas, exemplo e doutrina que te dou, e em tudo serás perfeita.

CAPÍTULO 6

MARIA VISITA OS SANTOS LUGARES; OBTÉM MISTERIOSOS TRIUNFOS SOBRE OS DEMÔNIOS; VIU NO CÉU A DIVINDADE COM VISÃO BEATÍFICA; CONCÍLIO CELEBRADO PELOS APÓSTOLOS; OCULTOS SEGREDOS ACONTECIDOS EM TUDO ISSO.

Impossível explicar a perfeição da Virgem

480. Os esforços de nossa capacidade são de todo impotentes, para explicar a plenitude de perfeição de todas as ações de Maria santíssima. Ficamos sempre vencidos pela grandeza de qualquer pequena virtude - se alguma foi pequena quanto à matéria - que a grande Senhora praticava. Entretanto, sempre será muito feliz a nossa porfia, não presumida em esquadrinhar o oceano da graça, mas sim humilde, para glorificar e enaltecer n'Ela a seu Criador, descobrindo sempre mais o que admirar e imitar.

Sentir-me-ei muito ditosa, manifestando os favores que Deus fez à nossa Rainha, e dando a conhecer aos filhos da Igreja algo do que não posso explicar com termos próprios e adequados, porque não os encontro. Procurarei, apesar disso, fazelo como rude, balbuciante e pobre no espírito e na devoção.

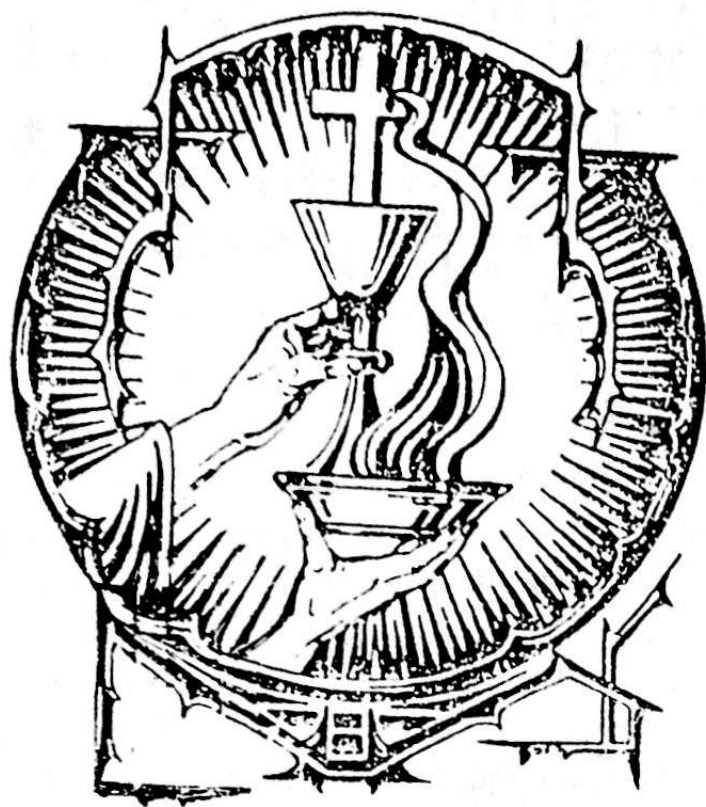
Admiráveis foram os fatos que, para este e os capítulos seguintes, me foram dados a conhecer. Deles direi o que puder, e será apenas uma indicação do que a fé e a piedade cristã poderá chegar a entender.

Maria visita os santos lugares

481. Depois que Maria santíssima cumpriu com a obediência a São Pedro, como no capítulo precedente fica dito, pareceu-lhe que podia satisfazer sua piedosa devoção, visitando os sagrados lugares de nossa Redenção. Ordenava os atos das virtudes com tal prudência, que nada omitia. Dava a cada uma seu lugar, para não lhes faltar nenhuma das circunstâncias devidas, de modo a terem toda a perfeição possível. Com esta sabedoria, fazia primeiro o que era mais importante, e depois o secundário; mas uma e outra coisa, perfeitas, conforme cada qual exigia.

Saiu do Cenáculo para visitar os Santos Lugares, acompanhada por seus anjos. Lúcifer e seus demônios também a seguiam, prosseguindo a batalha. A bateria destes dragões era terrível na exibição, ameaças e horrendas figuras; deste modo eram também suas sugestões e tentações.

Quando a grande Senhora chegou a um dos locais de nossa Redenção, os demônios ficaram de longe, detidos pela força divina. Sentiam-se dominados pela força que o Redentor comunicara àqueles locais, pelos mistérios de nossa Redenção.

Lúcifer porfiava em se aproximar, acossado pela temeridade de sua soberba.

Tendo permissão de perseguir e tentar à Senhora das virtudes desejava, se pudesse, obter sobre Ela alguma vitória, naqueles mesmos lugares onde ele fora vencido. Pelo menos, queria estorvá-la de os venerar, com o culto e reverência como fazia.

Continua o combate com os demônios

482. O Altíssimo, porém, quis que seu poder contra Lúcifer e seus demônios, através da Rainha, e que os mesmos atos que eles pretendiam estorvar, fossem o cutelo para os degolar e vencer.

Assim aconteceu. A devoção e veneração com que a divina Mãe adorou seu Filho santíssimo, a renovação da memória da Redenção e o agradecimento por ela, foram de tão grande terror para os demônios, que não puderam tolerar. Sentiram emanar de Maria uma força que os repelia, oprimia e atormentava, obrigando-os a fugir para longe desta invencível Rainha.

Davam espantosos bramidos que só Ela ouvia, e diziam: Fujamos desta Mulher, nossa inimiga, que tanto nos confunde e oprime com suas virtudes. Pretendíamos apagar a memória e veneração destes lugares em que os homens foram redimidos, e nós despojados de nosso senhorio; mas, esta Mulher, sendo pura criatura, impede nossos planos e renova o triunfo que seu Filho e Deus, na cruz, ganhou sobre nós.

Jesus visita sua Mãe santíssima

483. Prosseguiu Maria percorrendo os Lugares santos em companhia de seus anjos. Ao chegar ao monte Olivete, o último, e estando no local onde seu Filho santíssimo subiu ao céu, dele desceu Jesus, com inefável beleza e glória, para visitar sua Mãe puríssima. Manifestou-se-lhe com carinhos de Filho, e ao mesmo tempo como Deus infinito e poderoso. De tal modo a deificou e elevou acima do ser terreno com os favores que lhe fez que, por muito tempo, esteve como abstraída de todas as coisa visíveis. Não deixava de acudir aos trabalhos exteriores, mas foi necessário fazer-se maior força do que noutras vezes, para atender a eles, porque ficou toda espiritualizada e transformada em seu Filho santíssimo.

Disse-lhe o Senhor que parte daqueles favores, eram recompensa de sua humildade e obediência a São Pedro, executando prontamente suas ordens, antepondo-as não só à devoção, mas também à sua comodidade. Deu-lhe também pala-

vra de assisti-la na batalha com os demônios, e cumprindo logo esta promessa, dispôs que Lúcifer, e seus ministros, vissem em Maria santíssima uma nova manifestação de seu poder contra eles.

Derrota e lamúrias de Lúcifer

484. Voltou a Rainha ao Cenáculo, e quando os demônios tentaram prosseguir em suas tentações, sentiram como se um fortíssimo jato de vento se chocasse contra um muro de bronze, retrocedendo com toda a violência para o ponto donde tinha partido. Assim aconteceu a estes insolentes inimigos. Retrocederam da vista de Maria santíssima, com mais raiva contra si mesmos, do que a ira que os lançara contra Ela.

Redobraram seus uivos contra Ela e, coagidos, confessavam muitas verdades, dizendo: Oh! desventurados de nós, ante a felicidade da natureza humana! A que grau de excelência e dignidade se elevou nesta pura criatura! Que ingratos e estultos serão os homens, se não aproveitam os bens que recebem por esta filha de Adão!

Ela é seu remédio e nossa ruína. Seu Filho lhe concede grandes coisas, mas Ela não as desmerece. Cruel açoite é para nós, sermos obrigados a confessar estas verdades. Oh! se Deus nos ocultasse esta Mulher cuja vista aumenta os tormentos de nossa inveja! Como havemos de vencela, se só a sua vista nos é insuportável? Consolemo-nos, porém, os homens perderão muito do que esta Mulher lhes conquista e a desprezarão estultamente. Neles vingaremos os agravos que sofremos, neles satisfaremos nosso ódio, enchê-los-emos de mentiras e erros porque, se considerarem este exemplo, todos se valerão desta Mulher e seguirão suas virtudes.

Isto, porém, não basta para meu consolo - acrescentou Lúcifer - porque, para Deus, o amor de sua Mãe pesa mais do que os pecados daqueles que pervertemos. E ainda que assim não fosse, não posso tolerar que a natureza humana seja sublimada numa pura criatura e fraca mulher. Esta ofensa é insuportável. Voltemos a persegui-la.

Façamos o furor de nossa inveja mais forte que nossa pena, e ainda que a padeçamos não desanime nossa soberba, que conseguiremos obter alguma vitória desta inimiga.

Maria reza pela Igreja

485. Maria santíssima ouvia estas furiosas ameaças mas, como Rainha das virtudes, as desprezava. Sem mudar o semblante, recolheu-se ao seu oratório para refletir a sós com sua altíssima prudência, os mistérios do Senhor naquela batalha com o dragão, e as importantes questões que a Igreja tratava: abolir a circuncisão e cerimônias da antiga lei. Para tudo isto trabalhou a Rainha dos anjos, passando alguns dias em recolhimento, preenchendo o tempo em contínua oração, súplicas, lágrimas e prostrações.

Para Si, pedia ao Senhor reprimir com sua onipotência a Lúcifer, e dar a Ela vitória contra ele e seus demônios. Não obstante saber que o Altíssimo era a seu favor e que não a desamparava na tribulação, não cessava de lhe pedir o auxílio, como se fora a mais frágil das criaturas. Quis nos ensinar o que devemos fazer no tempo da tentação, nós que estamos tão sujeitos a ser vencidos e a cair.

Para a santa Igreja, pediu ao Senhor, que estabelecesse a lei evangélica, pura, limpa, sem as rugas das antigas cerimônias.

Questões sobre a observância da antiga e nova Lei

486. Fez esta súplica com ardentíssimo fervor, porque conheceu que Lúcifer e todo o inferno pretendiam, por meio dos judeus, conservar a lei da Circuncisão com o Batismo, e os ritos figurativos de Moisés com a realidade do Evangelho, prevendo que, com este erro, muitos judeus ficariam obstinados em sua velha lei, pelos séculos futuros da Igreja.

Um dos triunfos que nossa grande Senhora obteve nesta batalha com o dragão foi que logo se proibisse a Circuncisão, como aconteceu no concílio de que falarei. Daí em diante, deveriam separar o grão puro da verdade evangélica, das palhas e gravetos secos e sem fruto das cerimônias mosaicas, como hoje o faz nossa santa Igreja.

A bem-aventurada Mãe ia preparando tudo isto com seus merecimentos e orações, enquanto esperavam São Paulo e São Barnabé. Vinham de Antioquia a Jerusalém, enviados pelos fiéis, para resolverem com São Pedro e os outros, as questões que, sobre o mesmo assunto, os judeus haviam suscitado, conforme narra São Lucas no capítulo XV dos Atos dos Apóstolos.

São Paulo e São Barnabé encontram-se com a Virgem

487. São Paulo e São Barnabé chegaram, sabendo que a Rainha do céu já se encontrava em Jerusalém. Com o desejo que São Paulo tinha de vê-la, foram diretamente onde Ela estava e se lançaram a seus pés com abundantes lágrimas de alegria. Não foi menor gozo da divina Mãe, ao ver os dois apóstolos que amava, no Senhor, com especial afeição, pelo muito que trabalhavam na exaltação de seu Nome e dilatação da fé.

Desejava a Mestra dos humildes que se apresentassem primeiro a São Pedro e aos demais, ficando Ela por último, julgando-se a menor entre as criaturas. Eles, porém, ordenaram bem a veneração e caridade, crendo que não deviam antepor ninguém à Mãe de Deus, Senhora da criação e princípio de nosso bem. Prostrou-se também a grande Senhora aos pés de São Paulo e São Barnabé, beijou-lhes a mão, e lhes pediu a benção.

Nesta ocasião, teve São Paulo um maravilhoso êxtase abstrativo, no qual se lhe revelaram grandes mistérios e prerrogativas daquela mística cidade de Deus, Maria santíssima, vendo-a como que vestida da própria Divindade.

São Paulo e a Mãe de Cristo

488. Esta visão deixou São Paulo cheio de admiração, incomparável amor e veneração por Maria santíssima. Voltando a si, disse à Senhora: Mãe de toda piedade e clemência, perdoai a este homem vil e pecador, o ter perseguido vosso Filho santíssimo, meu Senhor e à sua santa Igreja.

Respondeu-lhe a Virgem Mãe: Paulo, servo do Altíssimo, se o mesmo que vos criou e remiu vos chamou à sua amizade, e vos fez um vaso de eleição (At 9, 15), como não vos perdoará esta sua escrava? Minha alma o exalta e engrandece, porque em vós se quis mostrar tão poderoso, santo e liberal.

São Paulo agradeceu à divina Mãe pelo benefício de sua conversão e pelos favores que lhe havia feito, guardando-o de tantos perigos. O mesmo fez São Barnabé, e ambos lhe pediram novamente sua proteção e amparo, o que Maria santíssima se prontificou a lhes dispensar.

Preparação para o concílio

489. São Pedro, como chefe da Igreja, havia chamado os apóstolos e discípulos que estavam próximos de Jerusalém, e com os que nela estavam, reuniu-os um dia, na presença da grande Senhora do mundo. Usou sua autoridade de Vigário de Cristo, para impedir que a discreta Virgem, com profunda humildade, se retirasse da reunião.

Estando todos juntos, disse-lhes São Pedro: - Meus irmãos e filhos em Cristo, nosso Senhor, foi necessário nos reunirmos para resolver dúvidas que nossos caríssimos irmãos Paulo e Barnabé nos apresentaram, e tratar de outras coisas referentes à propagação da santa fé. Convém preparar-nos pela oração, pedindo a assistência do Espírito Santo, e nela passaremos dez dias, conforme costumamos. No primeiro e no último dia, celebraremos o sacrossanto sacrifício da missa, para dispormos nossos corações a receber a divina luz.

Todos aprovaram a determinação, e para celebrar a missa no outro dia, a Rainha preparou a sala do Cenáculo, limpando-a e arrumando-a com suas mãos, e prevenindo todo o necessário, para Ela e os outros comungarem. Apenas São Pedro celebrou, observando nestas missas os mesmos ritos e cerimônias que acima fica dito [1].

Preparação de Maria

490. Os outros apóstolos e discípulos receberam a comunhão das mãos de São Pedro, e depois de todos, Maria santíssima, que sempre tomava o último lugar. Desceram muitos anjos no Cenáculo; no momento da consagração foram vistos por todos, enchendo-se a sala de admirável luz e fragrância e os corações de efeitos divinos que lhes comunicou o Senhor.

Rezada a missa, marcaram as horas em que deviam se reunir para a oração. Acudiriam ao que fosse necessário ao ministério pastoral, mas logo voltariam à oração.

A grande Senhora, porém, retirou-se a sós, sem sair, nem comer, nem falar naqueles dez dias. Durante eles, passaram-se tão ocultos segredos e mistérios com a Senhora do mundo, que constituiu nova admiração para os anjos, e para mim foi inefável o que deles entendi. Direi alguma coisa que puder, com brevidade, porque tudo não é possível.

Depois de haver comungado na missa do primeiro daqueles dez dias, a divina Mãe recolheu-se a sós. Por ordem do Senhor, seus anjos e os demais que ali assistiam, levaram-na em corpo e alma ao céu empíreo. Ficou um anjo em sua figura no Cenáculo, para que os apóstolos não dessem por sua falta.

Quando Maria santíssima chegou ao espaço, muito acima da terra, o Senhor onipotente mandou que Lúcifer e todos os demônios do inferno viessem a presença da Rainha. No mesmo instante, todos se apresentaram e Ela os viu e conheceu como são e o estado que têm. Esta vista ter-lhe-ia causado horror, porque são abomináveis e agressivos, mas a visão de tão feias e execráveis criaturas não a ofenderam, porque estava guarnecida pela virtude divina.

Não aconteceu o mesmo aos demônios. Fê-los o Senhor conhecer, com especial modo e espécies, a grandeza e superioridade daquela mulher a quem perseguiam como inimiga, e que era louca ousadia o que contra Ela haviam presumido e intentado. Além disto, para maior terror deles, conheceram que levava no peito a Cristo sacramentado; que toda a

1 - nºs 112, 217, 227

Divindade a conservava sob a proteção de sua onipotência, e pela participação de seus divinos atributos, os iria destruir, humilhar e esmagar.

Os demônios diante de Maria

491. Ao mesmo tempo, os demônios ouviram uma voz procedendo da Divindade que lhes disse: - Com este escudo de meu braço poderoso, tão invencível e forte, defenderei sempre minha Igreja; e esta Mulher esmagará a cabeça da antiga serpente (**Gn 3, 15**), e sempre triunfará de sua altiva soberba, para a glória de meu santo nome.

Tudo isto e outros mistérios de Maria santíssima foi ouvido e entendido pelos demônios que, forçados, a olhavam. Foi tal e tão desesperada sua dor e opressão, que em altos brados disseram: - Lance-nos logo o poder de Deus no inferno e não nos mantenha na presença desta Mulher que nos atormenta mais que o fogo. Oh! Mulher poderosa e invencível, afasta-te de nós, pois não podemos fugir de tua presença, onde nos mantém acorrentados a cadeia do poder infinito. Por que Tu também nos atormentas antes do tempo? Só Tu, em a natureza humana, és instrumento da Onipotência contra nós, e por ti podem os homens ganhar os bens eternos que nós perdemos.

Se não lhes tivesse sido prometida a visão eterna de Deus, tua presença, que para nosso ódio é castigo e tormento, seria para eles recompensa pelas boas obras feitas por amor de seu Deus e Redentor. Larga-nos, Senhor Deus onipotente; acaba com este novo tormento, que nos renova aquele que recebemos, quando nos expulsaste do céu. Agora estás executando, com esta maravilha de teu poder, a ameaça que lá nos fizeste.

Os demônios são derrotados

492. Com estas e outras amargas e despeitadas lamentações, ficaram os demônios longo tempo detidos na presença da invencível Rainha, e ainda que forcejassem para fugir, não lhes foi permitido tão logo como desejavam.

Para sentirem ainda mais o terror que lhes produzia a Mãe de Deus, e lhes ficar mais fortemente gravado o seu poder, ordenou o Senhor que Ela lhes permitisse se afastar, usando sua autoridade de Senhora e Rainha.

No mesmo instante, precipitaram-se todos do ar onde se encontravam, às profundezas dos abismos, com a rapidez de sua natureza espiritual. Com espantosos rugidos, atormentaram os condenados com novas penas, confessando o poder de Deus e de sua Mãe que, a pesar deles, e à custa de violentas penas, não podiam negar.

Após esta vitória, a sereníssima Imperatriz prosseguiu seu caminho até chegar ao céu empíreo, onde foi recebida por seus habitantes com admirável júbilo, permanecendo ali durante vinte e quatro horas.

Maria no céu

493. Prostrou-se ante o trono da santíssima Trindade e a adorou na unidade de uma indivisa natureza e majestade. Em seguida, pediu pela Igreja, para que os apóstolos entendessem e determinassem o que convinha, para estabelecer a lei evangélica e encerrar a lei de Moisés.

A estas súplicas, ouviu uma voz do trono. As três divinas Pessoas, cada qual por sua vez, lhe prometiam assistir os apóstolos e discípulos, para declararem e estabelecerem a verdade divina. Seriam

dirigidos pela onipotência do Pai, pela sabedoria do Filho, cabeça da Igreja, e pelo amor do Espírito Santo com a iluminação de seus dons.

Logo a divina Mãe viu a humanidade santíssima de seu Filho apresentar ao Pai as orações e suplicas que Ela fizera pela Igreja. Aprovando-as, pedia e propunha as razões pelas quais convinha serem atendidas, para que a fé do Evangelho e toda sua santa lei se instaurasse no mundo, conforme a eterna determinação da mente e vontade divina.

A Trindade confia a Igreja à Maria

494. Em cumprimento desta vontade e proposta de Cristo, nosso Salvador, viu a Senhora que da divindade e ser imutável de Deus, saiu uma forma de templo ou igreja tão pura, formosa e brilhante, como se fosse de diamante ou luminosíssimo cristal, adornada com muitos esmaltes e relevos que a faziam mais bela e preciosa. Viram-na os anjos e os santos e admirados exclamaram (**Ap 4, 8**): Santo, Santo, Santo e poderoso és Senhor em tuas obras.

A santíssima Trindade entregou esta igreja à humanidade santíssima de Cristo que a uniu consigo por um modo admirável, que eu não posso explicar com termos apropriados. Em seguida o Filho a entregou nas mãos de sua Mãe santíssima. No momento em que Maria recebeu a igreja, foi repleta de novo esplendor que a mergulhou em Deus e viu a Divindade intuitiva e claramente, com eminente visão beatífica.

Maria, dispenseira da graça

495. Permaneceu a grande Rainha neste gozo, durante muitas horas, verdadeiramente introduzida pelo supremo Rei, nos aposentos interiores e na adega do vinho perfumado que descreveu nos Cânticos 8, 2. O que ali aconteceu excede a todo pensamento e capacidade. Por isto, direi apenas que, n'Ela a caridade foi novamente ordenada (**Ct 2, 4**), para novamente estreá-la na santa Igreja que lhe foi entregue sob aquele símbolo.

Os anjos trouxeram-na de volta ao Cenáculo, conservando Ela nas mãos aquele misterioso templo que seu Filho santíssimo lhe entregou. Permaneceu em oração os nove dias seguintes, sem interromper os atos em que a deixou a visão beatífica, e que não cabem em pensamento humano, nem podem ser manifestados por palavras.

Entre outras coisas que fez, distribuiu os tesouros da Redenção entre os filhos da Igreja, a começar pelos Apóstolos. Antevendo os tempos futuros, aplicava-os a diversos justos e santos, segundo os ocultos segredos da eterna predestinação. Como a execução destes decretos foi confiada a Maria santíssima por seu divino Filho, deu-lhe o domínio de toda a Igreja, e a distribuição da graça que cada um alcançaria pelos méritos da Redenção. Mistério tão elevado e arcano, não sou capaz de explicar mais.

Decisões do Concílio

496. No último dos dez dias São Pedro celebrou outra missa, e todos comungaram como na primeira. Em seguida, estando reunidos em nome do Senhor, invocaram o Espírito Santo e começaram a estudar e resolver as dúvidas surgidas na Igreja.

São Pedro, como chefe e pontífice, falou primeiro. Depois dele São Paulo, São Barnabé e São Tiago Menor, como

refere São Lucas no capítulo 15 dos Atos. A primeira decisão deste concílio, foi não impor aos batizados o pesado preceito da Circuncisão e da lei de Moisés, pois a salvação eterna era dada pelo Batismo e pela fé em Cristo.

Isto foi o principal, referido por São Lucas, mas determinaram-se também outras coisas atinentes ao governo e cerimônias eclesiásticas, para cortar alguns abusos que, com indiscreta devoção, alguns fiéis começaram a introduzir.

Este concílio é considerado o primeiro dos apóstolos, não obstante haverem se reunido em outras ocasiões, para compilar o Credo e tratar de outras coisas, como acima fica dito (2). Para o Credo atuaram apenas os doze apóstolos, e nesta reunião foram convocados também os discípulos que puderam vir participar. As cerimônias para discutir e resolver foram diferentes e na forma própria de definição, como indicam as palavras de São Lucas (**At 15, 28**): *Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós reunidos,* etc.

Encerramento do concílio

497. Nesse teor, o concílio, com suas definições, foi participado aos fiéis das igrejas de Antioquia, Síria e Cilícia. As cartas foram remetidas por São Barnabé e outros discípulos.

A aprovação de Deus foi sensível. Quando os apóstolos no Cenáculo proclamaram as decisões, e em Antioquia ao serem lidas as cartas na presença dos fiéis, desceu o Espírito Santo em forma de fogo, o que deixou os fiéis consolados e confirmados na verdade católica.

Maria santíssima agradeceu ao Senhor o benefício que estas definições trariam à Santa Igreja. São Paulo, São Barnabé e os outros que voltariam a suas missões, dela se despediram. Para consolá-los, deu-lhes parte das relíquias dos panos e da Paixão de Cristo, nosso Salvador. Ofereceu-lhes sua proteção e orações, e os enviou cheios de consolação e novo espírito e fervor, para os trabalhos que os esperavam.

Durante os dias que durou o Concílio, o príncipe das trevas e seus ministros não puderam se aproximar do Cenáculo, por medo de Maria santíssima. De longe andavam espreitando, mas nada puderam fazer contra os participantes. Feliz época e ditosa assembléia!

Perseguição diabólica

498. Lúcifer, porém, não desistia de rodear a grande Rainha, rugindo como leão. Vendo que, por si, nada conseguia, procurou umas feiticeiras de Jerusalém, com quem tinha pacto, e persuadiu-as a tirarem a vida de Maria santíssima, por meio de malefícios.

Enganadas, estas infelizes mulheres, experimentaram por diversos modos, mas nada conseguiram. Muitas vezes que, para isso, foram à presença da Senhora, ficaram mudas e pasmadas. A extrema piedade da amorosa Mãe esforçou-se muito, com palavras e benefícios, para esclarecê-las e convertê-las. Das quatro que o demônio se valeu na ocasião, só uma se converteu e pediu o Batismo.

Como os planos de Lúcifer fracassavam, o dragão ficava tão desorientado que, muitas vezes, teria desistido de tentar Maria santíssima. Sua obstinada soberba, porém, o impedia e o Todo-Poderoso permitia assim, para que as vitórias de sua Mãe fossem mais gloriosas, como veremos no capítulo seguinte.

2 - nº 215

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Fragilidade humana

499. Minha filha, a constância e indomável fortaleza com que Eu venci o duro combate com os demônios, será para ti uma das lições mais importantes, para perseverar na graça e adquirir valiosas coroas.

A natureza humana e a angélica, ainda que sejam os demônios, têm condições muito diferentes e opostas. A natureza do espírito é infatigável, enquanto a dos mortais é frágil, cansa-se facilmente e logo desanima. Encontrando alguma dificuldade na virtude, perde a coragem e retrocede. O que num dia faz com gosto, no outro lhe dá repugnância; o que hoje lhe parece fácil, amanhã acha pesado; ora quer, ora não quer; agora se sente com fervor, logo mais se entibia. O demônio, porém, jamais se dá por cansado em persegui-la e tentá-la.

A providência do Altíssimo, todavia, não falta; limita e detém o poder dos demônios, para que não transponham a fronteira da permissão divina e não empreguem, completamente, sua força em perseguir as almas. Auxilia a fraqueza do homem e lhe dá graça e virtude para resistir e vencer seus inimigos, dentro da esfera e do prazo em que eles têm permissão para tentá-lo.

Inconstância no bem

500. Com isto, é indesculpável a inconstância das almas que fraquejam na virtude e na tentação, não querendo padecer, com fortaleza e paciência, a breve amargura presente, para bem proceder e resistir ao demônio. Logo se lhes atravessa a inclinação das paixões que apetece o deleite imediato e sensível.

Com astúcia diabólica, o demônio o apresenta irresistível; ajuda a ponderar o tédio e dificuldade da mortificação e, se pode, apresenta-a como prejudicial para a saúde e a vida.

Com estes enganos, derruba inumeráveis almas até precipitá-las de um abismo em outro. Verás, minha filha, que isto é um erro comum entre os mundanos, porém, muito aborrecível aos olhos do Senhor e aos meus. Muitos homens no serviço de Deus são débeis e inconstantes para praticar a virtude da mortificação e penitência de seus pecados. Fracos para o bem, mostram-se fortes para pecar. No serviço do demônio são constantes, empreendem e realizam coisas mais árduas e difíceis de quantas lhes manda a lei de Deus. Deste modo, para salvar suas almas são fracos e sem forças e para granjear a condenação eterna são fortes e robustos.

Resistência às tentações

501. Parte deste mal costuma atingir também aos que professam vida de perfeição, quando ficam a considerar sua penas mais do que convém. Com este erro, ou se retardam muito na perfeição, ou dão muitas vitórias às tentações do demônio.

Para que tu, minha filha, não incorras em tais perigos, te servirá de advertência, lembrar a fortaleza e constância com que Eu resisti a Lúcifer e a todo o inferno; da superioridade com que desprezava suas falsas ilusões e tentações, sem lhes prestar atenção, pois este é o melhor modo de vencer sua altiva soberba.

As tentações não me tornaram negligente na prática de meus exercícios, mas pelo contrário, acrescentei-lhes mais orações, súplicas e lágrimas, como se deve

fazer no tempo dos combates contra estes inimigos. Advirto-te a procederes assim, com todo o cuidado, pois tuas tentações não são ordinárias, mas de suma astúcia e malícia, como muitas vezes te manifestei e a experiência te ensina.

Força dos Sacramentos

502. Como te chamou a atenção o terror que os demônios sentiram, ao saber que Eu levava no peito meu Filho santíssimo sacramentado, quero avisar-te de duas coisas: 1° - para dominar o inferno e aterrorizar os demônios, são armas poderosas na santa Igreja, todos os sacramentos e principalmente o da sagrada Eucaristia.

Esta foi uma das finalidades que meu Filho santíssimo teve em vista, ao instituir este soberano mistério e os demais. Se hoje, as almas não fazem a experiência desta virtude e efeitos, isto acontece porque, acostumando-se com estes sacramentos, perderam muito a veneração e estima com que deveriam ser tratados e recebidos.

Não duvides, porém, de que as almas que os freqüentam com reverência e devoção, são temíveis aos demônios, e sobre eles têm grande e poderosa força, ao modo que Eu tinha, conforme conheceste e escreveste. A razão disto, é porque este fogo divino na alma pura, encontra-se como em sua natural esfera. Em Mim permanecia com toda a atividade, quanto era possível em pura criatura, e por essa razão Eu era tão terrível ao inferno.

Poder das almas eucarísticas

503. 2° - Prova esta verdade, o fato de que este privilégio não foi só para Mim; na devida proporção, Deus o tem concedido a outras almas.

Para vencer o dragão infernal na Igreja, nesta época, Deus lhe ostentou uma alma com Cristo sacramentado no peito. Esta visão o humilhou e arrasou de tal modo, que por muitos dias não se atreveu a se por na presença desta alma, e pediu ao Onipotente não lha manifestasse naquele estado, com a comunhão no peito.

Noutra ocasião, aconteceu que Lúcifer, por meio de alguns hereges e outros maus cristãos, planejou gravíssimo dano contra este reino católico da Espanha. Se Deus não o impedisse, a Espanha estaria hoje completamente perdida, no poder de seus inimigos. Para desviar esta calamidade, a divina clemência se valeu da mesma pessoa de que falo, manifestando-a ao demônio e seus parceiros, depois dela ter comungado. Aterrorizados, desistiram da maldade que tinham maquinado para liquidar com a Espanha.

Não te revelo quem é esta pessoa, porque não é necessário. Manifestei este segredo, só para entenderes a estima que tem aos olhos de Deus, uma alma que se dispõe a merecer seus favores e dignamente o recebe sacramentado.

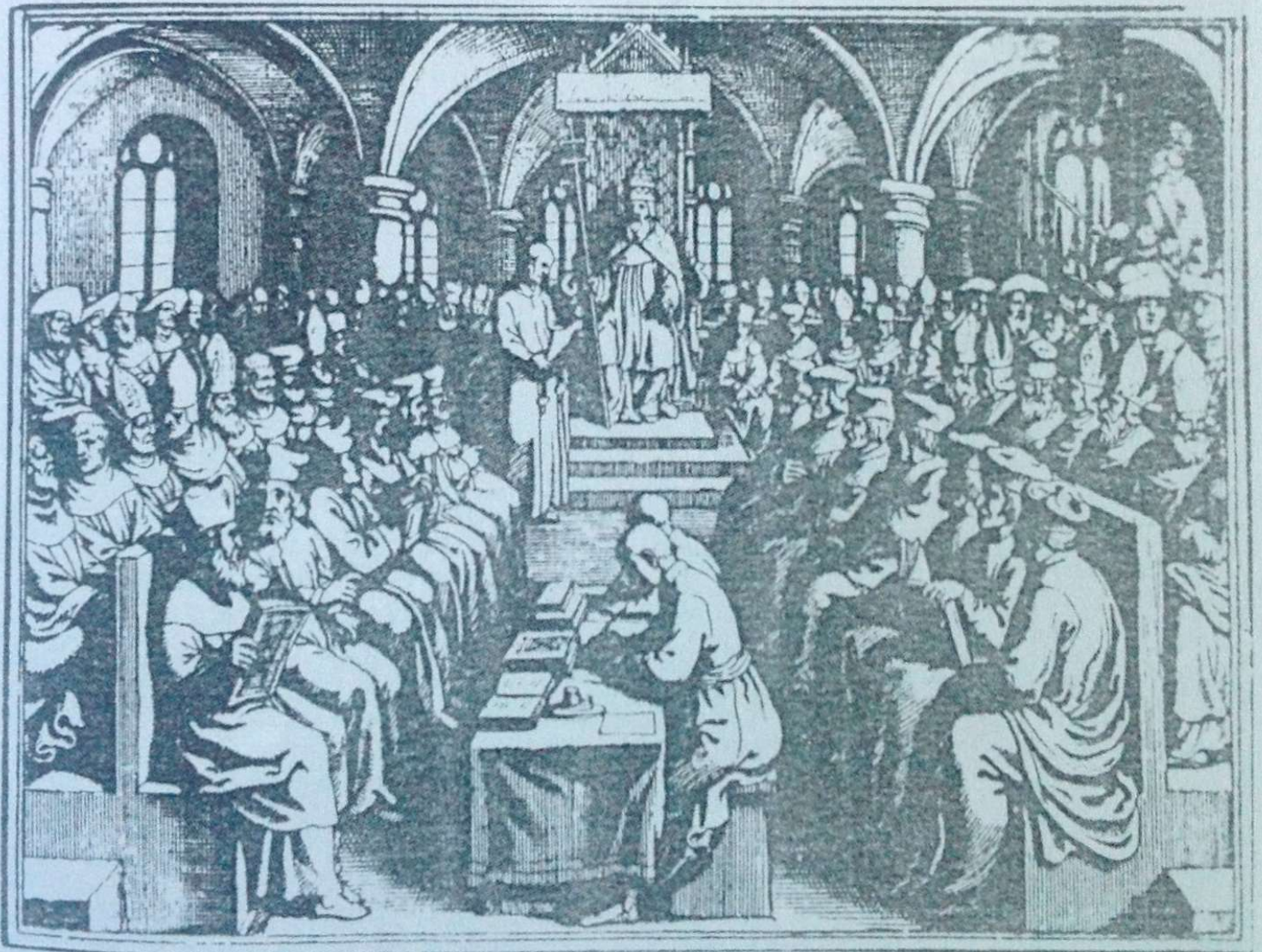
Mostra-se liberal e poderoso não só comigo pela dignidade e santidade de Mãe sua, mas também com outras almas, suas esposas, nas quais quer ser conhecido e glorificado, acudindo às necessidades de sua Igreja, conforme pedem os tempos e as ocasiões.

Os concílios da Igreja

504. Daqui entenderás a razão, porque os demônios temem tanto as almas que dignamente recebem a sagrada Comunhão e outros Sacramentos. Tornam-se

invencíveis, e pela mesma razão, eles se encarniçam muito mais contra estas almas para as derrubar, ou impedir que não adquiram, contra eles, tanto poder como lhes comunica o Senhor. Combate, portanto, contra inimigos tão infatigáveis e astutos, e procura imitar-me nesta fortaleza. Quero também que tenhas grande veneração pelos concílios da santa Igreja, e suas congregações, com tudo o que ordenam e determinam.

Os concílios são assistidos pelo Espírito Santo e nas assembléias reunidas em nome do Senhor, Ele estará presente, conforme sua promessa (**MT 8, 20**), e por isto deve-se obedecer ao que ordenam e mandam.

Não obstante não serem hoje visíveis, os sinais da assistência do Espírito Santo nos concílios, nem por isso deixa de os governar ocultamente. Os sinais e milagres não são agora tão necessários como no princípio da Igreja, mas uma vez que o sejam, o Senhor não os recusa. Por todos estes benefícios, bendiz e louva sua liberal piedade e misericórdia e, acima de tudo, pelas que usou comigo quando Eu vivia em carne mortal.

O Concílio de Calcedônia (hoje em dia Kadikoy), em 452.

S. João e a visão do Apocalipse

CAPÍTULO 7

MARIA SANTÍSSIMA TERMINA AS BATALHAS, TRIUNFANDO GLORIOSAMENTE DOS DEMÔNIOS, CONFORME SÃO JOÃO DESCREVE NO CAPÍTULO XII DO SEU APOCALIPSE.

O Apocalipse e as batalhas da Virgem

505. Para se entender melhor os ocultos mistérios deste capítulo, é necessário ter em mente os que deixo escrito na primeira parte, livro primeiro, do capítulo 8 a 10, nos quais expliquei o 12 do Apocalipse, como então me foi dado a entender.

Não só ali, mas no decurso de toda esta divina História, [1], me remeti a esta terceira parte, para manifestar em seu lugar próprio, como foram travadas as batalhas de Maria santíssima, contra Lúcifer e seus demônios; as vitórias que sobre eles obteve, e o estado em que, depois desse triunfo, o Altíssimo a colocou durante o resto do tempo que viveu em carne mortal.

O evangelista São João teve conhecimento de todos estes veneráveis segredos e os escreveu no Apocalipse, particularmente nos capítulos 12 e 21, cujas explicações é forçoso repetir nesta História, por duas razões:

Razões dessas batalhas

506. Primeira, porque estes segredos são tantos, tão grandiosos e elevados que nunca se pode investigar, nem manifestar completamente; ainda menos, tendo-os o Evangelista encerrado, como sacramento do Rei e da Rainha, em enigmas e metáforas obscuros, que só o Senhor poderia interpretar, quando e como fosse sua vontade. Este estilo foi usado pelo Evangelista, por ordem de Maria santíssima [2].

A segunda razão, é porque a rebelião e soberba de Lúcifer, erguendo-se contra a vontade e ordens do Altíssimo e onipotente Deus, teve como principal motivo Cristo, nosso Senhor e sua Mãe santíssima, a cujas dignidades e excelências os anjos apóstatas e rebeldes não quiseram se sujeitar. Esta rebeldia foi a causa da primeira batalha que travaram com São Miguel e seus anjos no céu. Ali não a puderam travar, porém, com o Verbo humanado e com sua Virgem Mãe em pessoa. Desta, só viram aquele sinal ou representação da misteriosa Mulher, e dos mistérios que encerrava como Mãe do Verbo eterno que n'Ela tomaria forma humana.

Quando chegou o tempo da realização destes admiráveis sacramentos, e o Verbo incarnou no seio virginal de Maria, foi conveniente que os combates fossem com Cristo e Maria em pessoa. Assim, pessoalmente triunfariam dos demônios como o Senhor os havia ameaçado, tanto no céu como, depois, no paraíso terrestre:

1 - 2ª Parte, nºs 327, 363

2 - acima nº 11

poria inimizade entre a Mulher e a serpente, e a descendência da Mulher lhe esmagaria a cabeça (**Gn 3, 15**).

Decepção de Lúcifer

507. Tudo se cumpriu, à letra, em Cristo e Maria. De nosso grande Pontífice e Salvador, disse São Paulo (**Hb 4, 15**), que foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança e para nosso exemplo, mas sem pecado. O mesmo aconteceu com Maria santíssima.

Depois que caiu do céu, Lúcifer tinha permissão para tentá-los, como disse no capítulo 10 da primeira parte [3]. Esta batalha com Maria santíssima, corresponde à primeira que se travou no céu, e foi para os demônios a execução da ameaça que lá sofreram sob o sinal que a representava. Por este motivo, foram subentendidas sob as mesmas palavras e metáforas.

Explicado já o que se referia ao primeiro combate [4], é necessário manifestar o que se passou no segundo. Na primeira rebelião, Lúcifer e seus demônios foram castigados com a privação eterna da visão beatífica e lançados ao inferno. Nesta segunda batalha, foram novamente castigados com penas acidentais, correspondentes à sanha e pertinácia com que perseguiam e tentavam Maria santíssima.

A razão disto, é porque as potências da criatura sentem natural deleite e contentamento, quando conseguem o que apetecem, segundo a força desse apetite. Ao contrário, recebem dor e pena com o fracasso e quando lhes sucede ao revés do que desejavam e esperavam. Desde sua queda, o demônio nada havia desejado mais, do que derribar da graça Aquela que fôra a medianeira para os filhos de Adão a alcançarem. Por isto, foi incomparável tormento para os dragões infernais verem-se vencidos, dominados e frustrados na esperança que, por longos séculos, haviam alimentado.

Grandeza de Maria

508. Para a divina Mãe, pelas mesmas razões e por outras muitas, foi de singular gozo este triunfo de ver esmagada a antiga serpente. Para o fim desta batalha e para o início do novo estado que ia ter depois destas vitórias, seu Filho santíssimo lhe preparou tais e tantos favores, que excedem a qualquer capacidade humana e angélica.

Para explicar um pouco do que me foi dado a conhecer, é necessário advertir ao leitor que, pela limitada capacidade de nossas potências, usamos as mesmas palavras para expor estes e outros mistérios sobrenaturais, tanto ou mais elevados como os que não são tão distantes de nós. O objeto de que falo, entretanto, é de capacidade e latitude infinita. A onipotência de Deus pôde elevar sua Mãe de um estado que nos parece altíssimo, a outro mais elevado, e deste ainda a outro novo e mais perfeito. Pôde também confirmá-la no mesmo gênero de graças, dons e favores, porque chegando, como chegou, a tudo o que não é o ser de Deus, Maria santíssima encerra uma latitude imensa. Constitui, sozinha, uma jerarquia maior e mais elevada que todo o resto das outras criaturas humanas e angélicas.

Lúcifer continua sua perseguição

509. Advertido, pois, tudo isto, direi como puder, o que aconteceu a Lúcifer até as últimas derrotas que sofreu de Maria santíssima e de seu Filho, nosso Salvador.

O dragão e seus demônios não se

3 - nº 127
4 - 1ª Parte, nº 92

deram por vencidos, com os triunfos da grande Senhora, que referi no capítulo passado [5], quando a Mãe de Deus o precipitou da região do ar às profundezas do abismo. Tampouco desanimou, quando se desvaneceram os malefícios que intentou, por meio daquelas mulheres de Jerusalém.

Antes, presumindo a implacável malícia deste inimigo, que lhe restava pouco tempo de permissão para tentar e perseguir Maria santíssima, tencionou compensar o curto prazo que imaginava, recrudescendo o furor e temeridade contra Ela.

Procurou feiticeiros, muito versados na arte mágica e maléfica, e dando-lhes novas instruções, encarregou-os de tirar a vida daquela inimiga. Muitas vezes tentaram isso aqueles malvados, com diversas espécies de feitiços de grande crueldade e força. Com nenhum, porém, puderam, nem muito nem pouco, ofender a saúde e a vida da bem-aventurada Mãe. Os efeitos do pecado não a atingiam porque não tivera parte nele e, por outros títulos, era privilegiada e superior a todas as causas naturais.

Vendo fracassados os planos em que tanto confiara, o dragão castigou, com ímpia crueldade, aos feiticeiros de quem tinha se valido. Permitiu-o o Senhor, merecendo-o eles, por sua temeridade e para conhecerem o dono a quem serviam.

Lúcifer prepara o ataque

510. Cheio de furioso ódio, Lúcifer convocou todos os príncipes das trevas e ponderou-lhes muito as razões que tinham, desde que foram expulsos do céu, para empregar todas as forças e malícia em derribar aquela Mulher sua inimiga. Já sabiam ser aquela que lá lhes fora mostrada.

Todos concordaram e resolveram ir juntos surpreendê-la sozinha, presumindo que, em algum momento, estaria menos prevenida e desacompanhada de quem a defendia. Aproveitaram-se logo da ocasião que lhes pareceu oportuna, e em tropel, saíram todos do inferno, para atacar Maria santíssima que se encontrava só em seu oratório.

A batalha foi a maior que, com pura criatura, jamais se viu nem se verá, desde a primeira no céu empíreo, até o fim do mundo, pois esta foi muito semelhante àquela. Para se ter idéia do furor de Lúcifer e seus demônios, pondere-se o tormento que sentiram ao se aproximar de Maria santíssima e ao olhá-la, tanto pela virtude divina que nela sentiam, como pelas muitas vezes que Ela os havia oprimido e derrotado.

A cólera e a inveja prevaleceram sobre esta pena, obrigando-os a superar o tormento que sofriam. Meteram-se entre lanças e espadas, em troca de se vingar da divina Senhora, pois desistir da vingança era, para Lúcifer, maior tormento que outra qualquer pena.

Tentações exteriores

511. Os primeiros golpes deste ataque, foram dirigidos principalmente aos sentidos exteriores de Maria santíssima. Uivos, gritos, terror, confusão; formaram no ar, por espécies, um estrondo e tremor tão espantoso, como se o mundo estivesse a se desmoronar. Para mais assustar, tomaram diversas figuras visíveis: uns de demônios, feios, abomináveis, em diferentes formas; outros de anjos de luz. Fingiram entre eles uma luta tenebrosa e formidável, sem se poder conhecer a causa, nem se ouvir mais do que o confuso e horrendo estrépito.

Esta tentação tinha o escopo de aterrorizar e perturbar a Rainha. Na verda-

5 - nº 492

de, isto aconteceria a qualquer outra criatura humana, ainda que fosse santa, se permanecesse na ordem comum da graça. O terror seria tal, que não o poderia tolerar sem perder a vida, tanto mais que este bombardeio durou doze horas inteiras.

Tentações interiores

512. Nossa grande Rainha e Senhora, porém, permaneceu imóvel, tranqüila e serena, com o mesmo sossego, como se nada visse e ouvisse. Não se perturbou, não se alterou, não mudou o semblante, nem teve tristeza ou qualquer outra emoção com toda esta infernal algazarra.

Os demônios, então, dirigiram as tentações às potências interiores da invencível Mãe. Nelas derramaram a enxurrada de seu peito diabólico, mais do que eu posso dizer, porque foi tudo quanto conseguiram fazer, com falsas revelações, luzes, sugestões, promessas, ameaças; não deixaram virtude sem tentar com os vícios contrários, por todos os meios e modos que pode maquinar a astúcia de tantos demônios.

Não me detenho em particularizar estas tentações, porque não é necessário, nem conveniente. Venceu-as nossa Rainha e Senhora gloriosamente, fazendo na matéria de todas as virtudes atos tão heróicos, como se pode imaginar, sabendo-se que agiu com todo fervor e força da graça, virtudes e dons correspondentes ao estado de santidade em que então se encontrava.

Maria reza pelos tentados

513. Nesta ocasião, a divina Mãe pediu por todos os que fossem tentados e afligidos pelo demônio, pois estava experimentando a força de sua malícia e a necessidade do socorro divino para vencê-la. Concedeu-lhe o Senhor, a todos os que, aflitos pelas tentações, a invocassem, fossem defendidos pela sua intercessão.

Persistiram os demônios nesta luta, até esgotar a malícia contra a Puríssima entre as criaturas. Então, a justiça clamou que Deus se levantasse para julgar sua causa, como disse Davi (Sl 73, 22; 67, 1), fossem dissipados seus inimigos e afugentados de sua presença os que o odeiam.

Para este julgamento, o Verbo humanado desceu do céu ao retiro do Cenáculo, onde se encontrava a Virgem Mãe. Para Ela como amoroso Filho, e para os inimigos, como rigoroso Juiz em trono de majestade altíssima. Acompanhavam-no inumeráveis anjos e antigos santos: Adão e Eva com muitos patriarcas e profetas, São Joaquim e Sant'Ana [6]. Todos se apresentaram, visivelmente, a Maria santíssima em seu oratório.

Julgamento de Lúcifer

514. A grande Senhora adorou a seu Filho e Deus verdadeiro, prostrada em terra, com a veneração e culto que costumava. Os demônios não viram o Senhor, mas por outro modo, sentiram e conheceram sua real presença, e aterrorizados tentaram fugir do que ali temiam sofrer.

O poder divino os deteve, aprisionando-os como com fortes cadeias, devendo-se entender, que foi no modo possível a ser feito com naturezas espirituais. A extremidade desta cadeia, o Senhor a colocou nas mãos de sua Mãe santíssima.

O grande sinal do Apocalipse

515. Do trono saiu uma voz que lhes dizia: Hoje virá sobre vós a indignação do Onipotente, e vossa cabeça será

6 - no parágrafo 528 a escritora cita a presença de São José. N.T.

esmagada por uma mulher (**Gn 3, 15**), descendente de Adão e Eva. Será executada a antiga sentença fulminada nas alturas, e depois no paraíso porque, desobedientes e soberbos, desprezastes a humanidade do Verbo e Àquela que lha deu em seu virginal seio.

Neste momento, seis dos supremos serafins que assistiam ao trono real, levantaram Maria santíssima da terra e, numa refulgente nuvem, a colocaram no mesmo trono de seu Filho santíssimo. De seu próprio ser e divindade saiu um imenso e inefável resplendor que a cercou e vestiu, como se fora o globo solar. Apareceu sob seus pés a lua, como quem pisava tudo o que era inferior, terreno e mutável, figurado pelas variações da lua. Sobre a cabeça puseram-lhe um diadema ou coroa real de doze estrelas, símbolo das perfeições divinas que lhe foram comunicadas, no grau possível à pura criatura.

Via-se também que estava grávida do conceito que, em si, possuía do ser de Deus e do amor correspondente a este conceito. Clamava, como em dores de parto, do que havia concebido, para que todas as criaturas dele participassem, mas elas resistiam, ainda que Ela o desejasse com lágrimas e gemidos (**Ap 12, 1**).

O dragão de sete cabeças

516. Este sinal, tão magnífico, criado pela mente divina foi, naquele céu, mostrado a Lúcifer. Este ostentava a forma de grande e vermelho dragão de sete cabeças, coroadas com sete diademas e dez chifres. Nesta horrenda figura manifestava ser o autor dos sete pecados capitais que pretendia entronizar no mundo, mediante as heresias que planejava e que, por isto, se reduziam a sete diademas. Com a agudeza e força de sua astúcia, - os dez chifres - havia destruído entre os mortais a divina lei encerrada nos dez Mandamentos. Com o círculo de sua cauda, arrastava a terça parte das estrelas do céu (**Ap 12, 4**): não só os milhares de anjos apóstatas que de lá o seguiram na desobediência, mas também porque derrubou do céu da Igreja a muitos que, pela dignidade ou pela santidade, pareciam elevar-se acima das estrelas.

Maria, Mãe de Cristo e da Igreja

517. Nesta monstruosa figura e noutras diferentes, mas todas abomináveis, Lúcifer e seus demônios, postavam-se, em batalha, na presença de Maria santíssima que estava na eminência de

produzir o parto espiritual da Igreja, graças ao qual, esta iria se enriquecer e perpetuar.

Esperava o dragão o nascimento deste filho para o devorar, destruindo a

nova Igreja, se pudesse. Extrema inveja o enfurecia, diante do poder daquela Mulher que ia estabelecer a Igreja e enchê-la de tantos filhos: com seus méritos, exemplo e intercessão, iria fecundá-la de imensas graças e, consigo, levaria inúmeros predestinados para a felicidade eterna.

Não obstante a inveja do dragão, deu à luz um filho varão, para reger todas as gentes com vara de ferro (**Ap 12, 5**). Este filho foi o forte e retíssimo espírito da Igreja que, com retidão e poder de Cristo, rege todos os povos na justiça. São também os homens apostólicos que, com Ele, hão de julgar, no juízo, com a vara de ferro da justiça divina.

Tudo isto foi parto de Maria santíssima, não só porque deu à luz ao mesmo Cristo, mas também porque, com seus méritos e trabalhos pariu a Igreja, sob esta santidade e retidão. Criou-a durante o tempo que viveu no mundo e, agora e sempre, a conserva no mesmo espírito varonil em que nasceu, no que respeita à retidão da doutrina e verdade católica, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno (**Mt 16, 18**).

Maria, Mãe das almas e solitária no mundo

518. Diz São João (**Ap 12, 5-6**) que este filho foi arrebatado ao trono de Deus, e a mulher fugiu para a solidão, onde lhe tinham preparado um lugar, e ali foi alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.

O legítimo parto desta soberana Mulher, quer na santidade do espírito da Igreja total, quer em particular nas almas que Ela concebeu e concebe como seu espiritual parto, tudo chega ao trono onde se encontra o parto natural, Cristo, em quem e para quem os concebe e cria.

A solidão para onde Maria santíssima foi levada, depois desta batalha, foi um estado altíssimo e cheio de mistérios, de que falarei adiante[7]. Chama-se solidão porque foi a única criatura que chegou a esse estado. Ali esteve separada das criaturas e ainda mais distante do demônio que, mais do que todos, ignorava esse mistério, e não pôde mais persegui-la em sua pessoa[8]. Ali o Senhor a alimentou durante mil duzentos e sessenta dias, os que viveu naquele estado, antes de passar a outro.

Despeito de Lúcifer

519. Tudo isto foi entendido por Lúcifer, antes de desaparecer o sinal vivo daquela Mulher que, ele e seus demônios, estavam olhando. Este conhecimento lhe fez perder a esperança que sua grande soberba havia alimentado por mais de cinco mil anos, de vencer a Mãe do Verbo incarnado.

Pode-se imaginar um pouco, o despeito e tormento deste grande dragão e seus demônios. Ainda mais, vendo-se amarrados e dominados pela Mulher que, com tanta porfia e violenta sanha, tinham procurado derribar da graça, para privar a Igreja de seus méritos e auxílios.

Forcejava o dragão para se retirar e dizia: Ó Mulher, dá-me permissão para me lançar nos infernos, que não posso suportar tua presença, nem voltarei a ela enquanto viveres neste mundo. Venceste, ó Mulher, venceste, e reconheço que és poderosa pela virtude de quem te fez Mãe sua. Deus onipotente, castiga-nos por Ti mesmo, porque a Ti não podemos resistir, mas não por meio de uma mulher de natureza tão inferior! Sua caridade nos consome, sua humildade nos arrasa e em tudo é uma demonstração de tua misericórdia com os homens, o que nos atormenta mais do que muitas penas.

7 - nº 535
8 - nº 526

Vamos, demônios, ajudem-me! Que podemos, porém, contra esta Mulher, pois nem sequer conseguimos d'Ela nos afastar, enquanto não quiser nos expulsar de sua intolerável presença? Oh! estultos filhos de Adão, porque seguis a mim e deixais a vida pela morte, a verdade pela mentira? Que absurdo e que loucura é a vossa, - assim o confesso a pesar meu - pois tendes do vosso lado e em vossa natureza o Verbo encarnado e esta Mulher! Maior ingratidão é a vossa que a minha. Esta Mulher me obriga a confessar estas verdades que odeio de todo o coração. Maldita seja a idéia que tive de perseguir esta filha de Adão que assim me atormenta e esmaga!

São Miguel defensor dos direitos divinos

520. Quando o dragão fazia esta despeitada confissão apareceu o príncipe dos exércitos celestes, São Miguel, para defender a causa de Maria santíssima e do Verbo humanado. Com as armas de suas inteligências travou-se outra batalha com o dragão e seus aliados (**Ap 12, 7**).

São Miguel e seus anjos altercaram com eles, acusando-os novamente da antiga soberba e desobediência que cometeram no céu, e da temeridade com que haviam perseguido e tentado o Verbo humanado e sua Mãe, em quem não tinham parte nem direito algum, pois n'Ela não havia nenhum pecado, falsidade ou defeito.

Justificou São Miguel as obras da divina justiça, declarando-as retíssimas e indiscutíveis, ao castigar a desobediência e apostasia de Lúcifer e seus demônios. De novo, com os bons anjos, os anatematizaram, fulminaram a sentença de seu castigo, e confessaram o Onipotente por santo e justo em todas as suas obras.

O dragão com os seus, também defendiam a rebelião e audácia de sua soberba, mas todas suas razões eram falsas, vãs e cheias de diabólica presunção e erros.

Deus enaltece sua Mãe

521. Terminou a altercação e, no silêncio, o Senhor dos exércitos dirigiu-se a Maria santíssima dizendo-lhe: Minha Mãe e minha amiga, escolhida entre as criaturas por minha eterna sabedoria, para minha habitação e templo santo; Vós sois Aquela que me deu a forma de homem e restaurou a linhagem humana perdida; aquela que me seguiu, imitou e mereceu a graça e dons que vos comuniquei mais que a todas minhas criaturas, e em Vós jamais estiveram ociosos ou inúteis. Sois o objeto digno de meu infinito amor, o amparo de minha Igreja, sua Rainha, Senhora e Governadora.

Tendes minha autorização e poder que, como Deus onipotente, coloquei à disposição de vossa fidelíssima vontade. Ordenai ao infernal dragão que, enquanto viverdes na Igreja, não semeie nela a cizânia dos erros e heresias que preparou, e degolai sua dura cerviz, esmagando-lhe a cabeça (**Gn 3, 15**). Durante vossos dias na terra, quero que a Igreja goze deste favor, graças à vossa presença.

A presença da Virgem impediu as heresias

522. Executou Maria santíssima esta ordem do Senhor. Com poder de Rainha e Senhora, mandou aos dragões infernais que emudecessem e não derramassem entre os fiéis as seitas falsas que tinham preparado; que, enquanto Ela estivesse no

mundo, não se atrevessem a enganar nenhum dos mortais, com suas heréticas doutrinas.

A ira da serpente, para se vingar da grande Rainha, tinha intenção de espalhar aquele veneno na Igreja. Pelo amor de sua Mãe, o Senhor impediu-o de fazer esse malefício, enquanto Ela vivesse. Depois de seu glorioso trânsito, foi dada permissão aos demônios para o fazer, por causa dos pecados dos homens, avaliados nos justos juízos do Senhor.

Participação dos anjos

523. Foi então precipitado - como diz São João (**Ap 12, 9**) - o grande dragão, a antiga serpente que se chama diabo e satanás, e seus anjos, da presença da Rainha à terra. Como que afrouxando um pouco a cadeia com que estava preso, aí lhe foi permitido ficar.

Nesse instante, ouviu-se no Cenáculo a voz do Arcanjo dizendo: *Agora se operou a salvação, a virtude, o reino de Deus, e o poder do seu Cristo, porque foi expulso o acusador de nosso irmãos que os acusava dia e noite. Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de seu testemunho se entregaram à morte. Por isto, alegrem-se os céus e os que nele vivem. Ái da terra e do mar, porque o diabo desceu a Vós com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo* (**Ap 12, 10**).

Nestas palavras, quis dizer o Anjo que, em virtude das vitórias de Maria santíssima com as de seu Filho e Salvador nosso, ficava assegurado o reino de Deus, a Igreja, e os efeitos da Redenção humana para os justos. A estas obras denominou salvação, virtude e poder de Cristo.

E porque, se Maria santíssima não tivesse vencido o dragão infernal, sem dúvida, este ímpio e poderoso inimigo impediria os efeitos da Redenção, por isto ouviu-se aquela voz do anjo, na conclusão da batalha, sendo o dragão vencido e precipitado à terra e ao mar.

Felicitou aos Santos por já estarem esmagados os pensamentos e a cabeça do demônio que caluniava os homens. A estes, o anjo chamou irmãos, pelo parentesco da alma espiritual, da graça e da glória.

O combate continua na terra

524. As calúnias com que o dragão acusava e perseguia os mortais, eram os enganos e erros com que pretendia perverter os inícios da Igreja do Evangelho.

Alegava ademais, ante o Senhor, razões de justiça: os homens ingratos e pecadores, tinham tirado a vida de Cristo nosso Salvador; não mereciam o fruto da Redenção nem a misericórdia do Redentor, e sim o castigo de serem abandonados em suas trevas e pecados, para a eterna condenação.

Maria santíssima foi a refutação destes argumentos. Mãe clementíssima, nos mereceu a fé e sua propagação, e a abundância das misericórdias e graças que nos foram dadas, em virtude da morte de seu Filho. Não obstante, existiriam os que não iam merecer estes bens, como os que o crucificaram e os demais que não o aceitaram por seu Redentor.

Com aquela exclamação de dolorosa compaixão, o anjo avisou os habitantes da terra, a se prevenirem contra a serpente que descia para eles com grande sanha. Sem dúvida, o inimigo julgou que lhe ficava pouco tempo para agir, depois que conheceu os mistérios da Redenção, o poder de Maria santíssima, a abundância

de graças, maravilhas e favores com que a primitiva Igreja ia se estabelecendo.

Por todos estes sucessos, suspeitou que o mundo logo acabaria, ou que todos os homens seguiriam a Cristo, nosso bem, valendo-se da intercessão de sua Mãe, para conseguir a vida eterna. No entanto, triste e doloroso é ver que os próprios homens se fizeram mais loucos, estultos e ingratos do que o próprio demônio imaginou!

O dragão persegue a Mulher

525. Continuando a expor estes mistérios, diz o Evangelista (**Ap 12, 13**) que, quando o dragão se viu precipitado na terra, tentou perseguir a misteriosa Mulher que havia dado à luz o filho varão. Mas, a Ela foram dadas asas duma grande águia, a fim de voar para a solidão ou deserto, onde é sustentada por tempo e tempos e metade do tempo, fora da presença da serpente. Por isto, a serpente lançou de sua boca, atrás da mulher, um caudaloso rio para a submergir, se fosse possível.

Nestas palavras, se declara mais a indignação de Lúcifer contra Deus, sua Mãe e a Igreja. Quanto dele depende, sempre arde sua inveja e cresce sua soberba, tendo-lhe ainda restado malícia para tentar a Rainha, se tivesse forças e permissão. Isto, porém, se acabou para ele, em relação à Senhora. Por esta razão, se diz que à Mulher lhe deram duas asas de águia para voar ao deserto, onde é alimentada por diversos tempos.

Estas asas misteriosas foram a virtude e poder divino que o Senhor deu à Maria santíssima. Com elas voaria subindo à presença da Divindade, e daí desceria à Igreja, trazendo os tesouros da graça para distribui-los aos homens, como falaremos no capítulo seguinte [9].

A solidão da Mulher

526. Como, desde esse momento, o demônio não teve mais licença de a perseguir em sua pessoa, diz que esta solidão ou deserto, estava longe da presença da serpente.

Os tempos, tempo e metade do tempo, são três anos e meio que perfazem os mil duzentos e sessenta dias, menos alguns dias. Neste estado, e noutro que direi [10], esteve Maria santíssima o restante de sua vida mortal.

Obrigado a desistir de tentá-la, o dragão lançou o rio de sua venenosa malícia atrás desta divina Mulher (**Ap 12, 15**), procurando tentar astutamente aos fiéis e persegui-los por meio dos judeus e dos pagãos. Depois do glorioso trânsito da grande Senhora, principalmente, soltou o rio das heresias e seitas falsas que conservava represadas em seu ódio. As ameaças que fez a Maria santíssima, depois de vencido por Ela, foi guerreá-la perseguindo os homens, a quem a Senhora tanto amava, já que não podia alvejá-la pessoalmente.

A areia do mar e a boca da terra

527. São João (**Ap 12, 17**) explica que o dragão, indignado com a Mulher foi fazer guerra aos de sua geração e descendência, os que guardam a lei de Deus e o testemunho de Cristo. Deteve-se o dragão sobre a areia do mar (**Ap 12, 18**), que são os inúmeros infiéis, idólatras, judeus e pagãos, donde faz guerra à santa Igreja, além da invisível que faz tentando os fiéis.

Todavia, a terra firme, a imutabilidade da santa Igreja e sua inabalável verdade católica, ajudou à misteriosa mulher; abriu a boca e sorveu o rio que a serpente derramou atrás d'Ela (**Ap 12, 16**). Isto acontece assim, porque a santa Igreja

9 - nº 535
10 - nº 601

é o órgão e a boca do Espírito Santo. Pelos seus ensinamentos, os das divinas Escrituras, dos concílios e suas definições, dos Doutores, Mestres e pregadores do Evangelho, condena e confunde todos os erros, falsas doutrinas e seitas heréticas.

Vitória de Cristo e Maria

528. Todos estes mistérios e outros muitos, o Evangelista encerrou na descrição desta batalha e triunfos de Maria santíssima.

Iam terminar os que estavam a se realizar no Cenáculo. Lúcifer estava fora dele, mas ainda atado à cadeia segura pela vitoriosa Rainha. Conheceu a grande Senhora ser tempo e vontade de seu Filho santíssimo, que o precipitasse às cavernas infernais. Na fortaleza e virtude divina soltou-os e, com autoridade, ordenou-lhes descer no mesmo instante ao abismo.

Apenas pronunciou esta ordem, caíram os demônios nas mais profundas cavernas do inferno, onde estiveram algum tempo, dando tremendos uivos e gemidos.

Enquanto isso, os santos anjos entoaram novos cânticos, celebrando as vitórias do Verbo humanado e as da invencível Mãe. Os primeiros pais Adão e Eva, deram-lhe muitas graças, por ter escolhido aquela sua Filha, para mãe e reparadora da ruína que eles haviam causado à sua posteridade. Os patriarcas fizeram outro tanto, porque viam cumpridos, tão felizmente, seus desejos e vaticínios. São Joaquim, Sant'Ana e São José, com maior júbilo, glorificaram ao Onipotente pela Filha e Esposa que lhes havia dado.

Todos juntos cantaram a glória e os louvores do Altíssimo, santo e admirável em seus conselhos. Maria santíssima prostrou-se ante o trono Real, adorou o Verbo humanado e ofereceu-se novamente para trabalhar pela Igreja.

Pediu a bênção de seu Filho santíssimo, que a deu com admiráveis efeitos. Pediu-a também a seus pais e esposo, encomendando-lhes que rogassem pela Igreja e todos os seus filhos. Com isto, aquela celestial comitiva se despediu e voltou ao céu.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

O reino da luz e o das trevas

529. Minha filha, a rebelião de Lúcifer e seus demônios, começou no céu as batalhas que não se acabarão até o fim do mundo, entre o reino da luz e das trevas, entre Jerusalém e Babilônia.

Por chefe e cabeça dos filhos da luz, constituiu-se o Verbo humanado, como autor da santidade e da graça. Caudilho dos filhos das trevas constituiu-se Lúcifer, autor do pecado e da perdição. Cada qual destes príncipes defende seu partido e procura aumentar seu reino e seguidores.

Cristo, com a verdade de sua fé divina, com os favores de sua graça, com a santidade da virtude, com o conforto nos sofrimentos, com a esperança certa da glória que lhes prometeu, mandando a seus anjos que os acompanhem (Sl 90, 11), consolem e defendam, até introduzi-los em seu reino.

Lúcifer, porém, conquista os seus, com falácias, mentiras e traições, com vícios torpes e abomináveis, com trevas e confusão. Agora os trata como senhor tirano, afligindo-os sem alívio, exasperando-os sem lhes dar nenhum consolo verdadeiro. Depois, prepara-lhes eternos e dolorosos tormentos que, por si e por seus

demônios, lhes infligirá com desumana crueldade, enquanto Deus for Deus.

Cegueira humana

530. Mas, oh! dolorosa pena, minha filha! Sendo esta verdade tão infalível e sabida pelos mortais, sendo o estipêndio tão diferente e a recompensa infinitamente contrária, são poucos os soldados que seguem a Cristo, seu legítimo Senhor, Rei, chefe e modelo, e muitos os que passam para o bando de Lúcifer.

No entanto, não foi Lúcifer que os criou, não é ele que os conserva na existência, nem lhes dá qualquer recompensa; nada fez para merecer ser servido, como o fez o Autor da vida e da graça, meu Filho santíssimo. Tal é a ingratidão dos homens, tão estulta sua infidelidade e tão infeliz sua cegueira!

A liberdade que lhes foi dada para, agradecidos, seguirem seu Capitão e Mestre, usam-na para se bandear ao jugo de Lúcifer. Servem-no gratuitamente e lhe franqueiam a entrada na casa de Deus e seu templo, para profaná-lo, arruiná-lo e levar após si a maior parte do mundo.

Cristo e Maria derrotam Lúcifer

531. Este combate dura sempre, porque o Príncipe das eternidades não cessará, por sua bondade infinita, de defender as almas que criou e redimiu com seu sangue. Mas, não peleja contra o dragão por Si só, nem só por seus anjos. Resulta em sua maior glória e exaltação de seu santo nome, vencer os inimigos e humilhar sua dura soberba, através das próprias criaturas humanas, nas quais eles pretendem se vingar do Senhor.

Eu, que sou pura criatura, fui a capitã e mestra destas batalhas, depois de meu Filho que era Deus e Homem verdadeiro. Por sua vida e morte, o Senhor venceu os demônios, cuja soberba se havia exaltado muito, pelo domínio que, desde o pecado de Adão, lhe haviam dado os mortais. Depois de Cristo, em seu nome, Eu também venci o demônio. Com estas vitórias estabeleceu-se a Igreja com tão elevada perfeição e santidade, enquanto o demônio ficou enfraquecido, como outras vezes te manifestei. Mas, a ingratidão e o esquecimento dos homens deram-lhe novo alento e hoje ele trás todo o orbe perdido e estragado.

As almas devem combater pela Igreja

532. Apesar disso, meu Filho santíssimo não desampara a Igreja que adquiriu com seu sangue (**At 20, 28**), como também Eu que me considero sua Mãe e protetora. Nela, sempre queremos ter algumas almas que defendam a honra e glória de Deus, e pelejem suas batalhas contra o inferno, para confusão e derrota dos demônios. Para isto, quero que te prepares com o favor da divina graça; não te assuste a força do dragão, nem te intimides por tua miséria e pobreza.

Já sabes que a ira de Lúcifer contra Mim, foi maior do que qualquer outra criatura, ou por todas juntas. Assim como o venci pela virtude do Senhor, com a mesma força tu lhe poderás resistir, em menores combates. Mesmo que sejas tão fraca e sem as condições que te pareceriam necessárias, quero que entendas que meu Filho santíssimo procede agora como um rei que, quando lhe faltam soldados e vassalos, aceita em sua milícia qualquer um que queira servir.

Anima-te, pois, a vencer o demônio, o quanto podes, que depois o Senhor te armará para outras batalhas. Faço-te

saber que a Igreja católica não teria chegado às crises de hoje, se nela tivesse havido muitas almas que tomassem por sua conta defender a causa de Deus e sua honra. Ela está, porém, sozinha e abandonada pelos próprios filhos que criou.

São Miguel Arcanjo

CAPÍTULO 8

ESTADO DE MARIA SANTÍSSIMA DEPOIS QUE VENCEU OS DEMÔNIOS. DEUS CONCEDEU-LHE CONTÍNUA VISÃO DA DIVINDADE. SUA VIVÊNCIA ESPIRITUAL E CORPORAL.

Maria entre o amor a Deus e aos homens

533. À medida em que os mistérios da infinita e eterna Sabedoria iam se cumprindo em Maria santíssima, ia também a grande Senhora ultrapassando qualquer santidade, jamais alcançada ou imaginada por todo o resto das criaturas. As vitórias que obteve sobre o dragão infernal e seus demônios, foram com as condições, circunstâncias e favores que eu disse, acrescentados aos dos mistérios da Encarnação, Redenção e aos outros, nos quais participara como coadjutora de seu Filho santíssimo.

Em vista de tudo isso, não é possível, à nossa baixeza, calcular os efeitos produzidos no puríssimo coração desta divina Mãe. Meditava consigo estas obras do Senhor e as pesava na balança de sua altíssima sabedoria. A chama e o incêndio do amor divino crescia-lhe sempre, produzindo admiração aos anjos e cortesãos do céu.

Sua vida natural não poderia suportar os impetuosos vôos com que era atraída pelo abismo da divindade, se não fosse conservada milagrosamente. Ao mesmo tempo, era solicitada pela caridade de Mãe piedosíssima por seus filhos, os fiéis. Todos dela dependiam, como as plantas do sol que as alimenta e vivifica. Estas duas forças que atraiam seu coração causavam-lhe doce, porém forte violência.

Competições da caridade

534. Nesta disposição se encontrou Maria santíssima depois das suas vitórias sobre o dragão. Em todo o decurso de sua vida, desde o primeiro instante, havia praticado, de acordo com as épocas, o mais puro, santo e sublime, sem ser embaraçada pelas peregrinações ou pelos trabalhos e cuidados por seu Filho santíssimo e pelo próximo.

Não obstante, nesta ocasião, a força do amor divino e a do amor das almas, entraram em competição em seu ardentíssimo coração. Em cada um deles, sentia a santa e intensíssima aspiração de se elevar a mais altos dons e novos efeitos da graça. Por um lado desejava abstrair-se de todas as coisas sensíveis, para voar à suprema e contínua união com a divindade, sem impedimento nem intermédio das criaturas. Imitaria os compreensores e, ainda mais, ao estado de seu Filho santíssimo quando vivia no mundo, exceto o gozo da visão beatífica que a alma de Cristo possuía na união hipostática.

Ainda que isto não era possível à divina Mãe, a grandeza de seu amor e santidade parece que exigia tudo o que fosse mais imediato ao estado de compreensora. Por outra parte, o amor da Igreja lhe pedia acudir às necessidades dos fiéis, pois sem cumprir este ofício de Mãe de família, não sentiria completa satisfação nos carinhos e favores do Altíssimo. Sendo necessário tempo para estas ações de Marta, estava refletindo como faria para conciliar estes dois amores, sem faltar a nenhum deles.

Novo estágio da santidade de Maria

535. Deixou o Altíssimo que a bem-aventurada Mãe sentisse esta preocupação, para ser mais oportuna a graça que seu poder lhe havia preparado. Disse-lhe o Senhor: Minha esposa e amiga, os cuidados e pensamentos de teu ardentíssimo amor feriram meu coração, e com meu poder quero realizar em Ti o que jamais fiz ou farei com alguém, porque Tu és a única e escolhida entre todas as criaturas, para minhas delícias.

Só para Ti, preparei um estado e lugar onde te alimentarei com minha divindade, como aos bem-aventurados, ainda que por diferente modo. Nele gozarás de minha contínua visão e abraços, em solidão, sossego e tranqüilidade, sem que te estorvem as criaturas e o fato de ser viadora. A esta habitação, elevarás teu vôo livremente e aí encontrarás os infinitos espaços anelados por teu magnífico amor, para se estender sem medida e limite.

Daí voarás à minha santa Igreja de quem és Mãe. Carregada de meus tesouros, os distribuirás a teus irmãos em suas necessidades e trabalhos, segundo tua vontade e disposição, e em Ti encontrem eles teu socorro.

Privilégios de Maria

536. Este favor, a que me referi no capítulo passado [1], foi encerrado pelo Evangelista São João naquelas palavras (**Ap 12, 6**): *A mulher fugiu para a solidão, onde Deus lhe preparou um lugar para ser alimentada por mil duzentos e sessenta dias.* Logo adiante acrescenta: *Foram-lhe dadas duas asas de uma grande águia para voar ao deserto onde era alimentada etc.*

Não é fácil para minha ignorância, fazer-me compreender neste mistério, porque contém muitos efeitos sobrenaturais que, sem exemplo em outras criaturas, só se encontraram nas potências de Maria santíssima, para quem Deus reservou esse prodígio. Já que a fé nos ensina que não podemos medir sua incompreensível onipotência, é razão confessar que pôde fazer com Ela, muito mais do que podemos entender. Só lhe podemos negar aquilo que for de evidente e manifesta contradição em si mesmo.

Supondo que entendi o que me foi manifestado para o escrever, não acho repugnância em admiti-lo conforme o conheço, embora não encontre termos adequados para descrevê-lo.

Maria recebe visão contínua da divindade

537. Digo, pois, que terminadas as batalhas e vitórias de nossa Capitã e Mestra sobre o dragão e seus demônios, foi elevada por Deus a um estado no qual se lhe manifestou a divindade. Não foi a visão intuitiva dos bem-aventurados, mas outra visão clara e por espécies criadas, visão que no decurso desta História tenho denominado abstrativa. Não depende da presença real do objeto, nem este move por si o entendimento como presente, mas por

1 - nº 518

outras espécies que o representam como é em si mesmo, ainda que esteja ausente. Seria ao modo, como Deus me poderia infundir todas as espécies e semelhanças de Roma, representando-a à minha inteligência exatamente como é em si mesma.

No decurso de sua vida, Maria santíssima recebeu esta visão muitas vezes, como tenho repetido freqüentemente. Em substância, não foi nova para Ela, pois a teve no instante de sua concepção, mas agora era acompanhada de duas circunstâncias diferentes. Primeira: desde esse dia, foi contínua e permanente, até que morreu e passou à visão beatífica, enquanto nas outras vezes fôra só de passagem. A segunda diferença foi que, desde esta ocasião, este favor ia crescendo cada dia, de modo que se tornou admirável, excelente e mais elevado, superando qualquer medida ou pensamento criado.

Semelhança e diferença entre Maria e os bem-aventurados

538. Para este novo favor, as potências foram-lhe retocadas com o fogo do santuário, a saber, novos efeitos da divindade, com que foi iluminada e elevada acima de si. Este novo estado era uma participação daquele que possuem os compreensores e bem-aventurados, e ao mesmo tempo diferente.

Vejamos em que consistia a semelhança e a diferença. A semelhança estava em que, Maria via a mesma divindade e atributos divinos, que eles gozam com segura posse, e deste objeto conhecia mais que eles. A diferença estava em três circunstâncias: primeira, os bem-aventurados vêm a Deus face a face com visão intuitiva, enquanto Maria era abstrativa, como dissemos. Segunda, os santos na pátria não podem crescer mais na visão beatífica, nem na fruição essencial que produz a glória do entendimento e da vontade. Maria santíssima, porém, sendo viadora, sua visão abstrativa não tinha limites, e cada dia crescia no conhecimento dos infinitos atributos e ser de Deus. Foi para isto que lhe deram as asas de águia, para chegar onde sempre há o que conhecer, sem jamais se exaurir.

Maria, retrato de Cristo

539. A terceira diferença era, que os santos não podem mais sofrer nem merecer, o que é incompatível com o seu estado. Neste de nossa Rainha, ela sofria e merecia como viadora. Sem esta circunstância, aquele privilégio não teria sido tão grande e estimável para Ela e para a Igreja, pois os atos e merecimentos da grande Senhora, neste estado de tanta graça e santidade, foram de inestimável valor e preço para todos.

Apresentava um espetáculo singular e admirável para os anjos e santos, um retrato de seu Filho santíssimo. Como Rainha e Senhora, tinha poder para distribuir os tesouros da graça, e com seus inefáveis méritos os aumentava. Não sendo compreensora e bem-aventurada, no estado de viadora tinha posição muito próxima e parecida à de Cristo, nosso Salvador, quando vivia na terra. Comparada a Ele, era viadora no corpo e na alma, mas comparada aos demais viadores, parecia compreensora e bem-aventurada.

Novo modo de uso das faculdades

540. Para estar em harmonia com os sentidos e potências, aquele estado exigia um modo de agir diferente e a ele proporcionado. Foi-lhe então mudado o que até então havia tido, da seguinte ma-

neira: todas as espécies ou imagens de criaturas que, pelos sentidos, o entendimento de Maria santíssima havia recebido, foram-lhe apagados da alma. Destas imagens sensitivas, como dissemos acima [2], a grande Senhora acolhia apenas as estritamente necessárias, para a prática da caridade e demais virtudes.

Apesar disso, pelo que tinham de terrenas e por terem entrado no entendimento pelos órgãos sensitivos do corpo, o Senhor as apagou e a purificou de todas essas imagens e espécies.

Daí em diante, em lugar das que deveria receber pela ordem natural das potências sensitivas e intelectuais, o Senhor infundia-lhe outras espécies mais puras e imateriais no entendimento, e com estas a divina Mãe conhecia e entendia mais altamente.

2 - nº 126

Explicação do assunto

541. Para os doutos não será difícil entender esta maravilha.

Para melhor me explicar a todos, advirto o seguinte: pelos atos dos cinco sentidos corporais, com que ouvimos, vemos e saboreamos, recebemos umas espécies do objeto que sentimos; estas espécies passam à outra potência interna e corpórea chamada sentido comum, imaginação, fantasia ou estimativa. Ali se recolhem estas espécies, para que aquele sentido comum conheça ou sinta tudo o que entrou pelos cinco externos, e ali se depositam e guardam como numa oficina comum a todas. Até aqui somos semelhantes aos animais sensitivos, ainda que com alguma diferença.

Em nós, racionais, depois que entram ou se guardam estas espécies no sentido comum ou fantasia, o nosso entendimento trabalha com elas, pela ordem natural que nossas potências possuem: delas tira outras espécies espirituais ou imateriais e, por este ato, chama-se entendimento agente. Com estas espécies que em si produz, conhece e entende, naturalmente, o que entra pelos sentidos.

Por isto, dizem os filósofos que nosso entendimento, para entender, convém que recorra à fantasia, para tomar dali as espécies do que há de entender, segundo a ordem natural das potências. É conseqüência da união da alma ao corpo, do qual depende em suas operações.

Maria, templo de Deus

542. Em Maria santíssima, porém, no estado que estou a expor, não era sempre essa a ordem dos atos, porque o Senhor milagrosamente concedeu ao seu entendimento outro modo de agir, sem dependência da fantasia e sentido comum. Em lugar das espécies que, naturalmente, seu entendimento deveria tirar dos objetos sensíveis que atingem os sentidos, infundia-lhes outras que os representam por mais alto modo. As que adquiria pelos sentidos não passavam para a faculdade imaginativa, nem eram usadas pelo entendimento agente; no lugar delas, ele era ilustrado com as espécies sobrenaturais que lhe infundiam.

Havia ocasião em que as recebia no sentido comum, e então aí operavam o que era necessário para Ela sentir dor, aflições e penalidades sensíveis.

Maria santíssima era um templo, onde realmente acontecia o mesmo que se passava naquele que a simbolizou. As pedras eram lavradas fora dele, e no seu interior não se ouviam golpes de martelo, nem qualquer outro barulho (**3 Rs 6, 7**). Os animais eram imolados e oferecidos, em sacrifício, no altar, fora do santuário (**Ex 40, 27**); neste só se oferecia o holocausto do incenso e aromas queimados no fogo sagrado (**Ex 40, 25**).

Ação e contemplação

543. Este mistério se realizava em nossa Rainha. Na parte inferior dos sentidos da alma, eram lavradas as pedras das virtudes exteriores; no átrio dos sentidos comuns, fazia o sacrifício das penalidades, dores e tristezas que sofria pelos filhos da Igreja e suas provações; no Sancta Sanctorum do entendimento e vontade, só oferecia o perfume de sua contemplação na visão da divindade, e no fogo de seu incomparável amor.

A este modo sublime de atividade, não se adequavam as espécies que entravam pelos sentidos, representando mais terrenamente os objetos, na agitação de seu modo de operar. Por isto, o poder divino as excluiu, substituindo-as por outras infusas e sobrenaturais, dos mesmos objetos. Eram mais puras para servir à contemplação da visão abstrativa da divindade e acompanhar, no entendimento, às do ser de Deus, a quem incessantemente via e amava, em tranqüila serenidade de inalterável paz.

Valor da obediência

544. Estas espécies infusas dependiam do ser de Deus porque, nele representavam ao entendimento de Maria santíssima todas as coisas, como o espelho representa aos olhos o que se põe diante dele, sem necessitar ver o objeto em si.

Assim, em Deus, conhecia todas as coisas e quanto lhe pediam e necessitavam os filhos da Igreja; o que devia fazer por eles, conforme as provações que sofriam, e tudo o que Deus desejava, para que sua vontade fosse feita assim na terra como no céu. Naquela visão, tudo pedia e alcançava do Senhor.

Deste modo de entender e agir, o Onipotente excetuou o que a divina Mãe devia fazer por obediência a São Pedro e a São João, ou quando os outros apóstolos lhe ordenavam qualquer coisa. Foi a divina Mãe quem assim lho pediu, para não se privar da obediência que tanto amava, e para mostrar que, por esta virtude, conhece-se a vontade divina, com tanta certeza e segurança, que não há necessidade do obediente recorrer a outros meios e rodeios para conhecê-la. Sabendo que quem manda é legítimo superior, não há dúvida que é Deus quem manda, convém a quem obedece e assim o quer o Senhor.

Solidão e sustento da Virgem

545. A esta obediência também se sujeitava, quanto à recepção da sagrada Comunhão. Em tudo o mais, o entendimento de Maria santíssima não dependia do trato com as criaturas sensíveis, nem das imagens que delas podia receber pelos sentidos. De todas ficou livre, em solidão interior, gozando da visão abstrativa da divindade, sem interrompê-la, quer dormindo ou velando, quer trabalhando ou em lazer. Não precisava raciocinar para conhecer o mais perfeito, o mais agradável ao Senhor, as necessidades da Igreja, o tempo e modo de acudir em seu socorro. Tudo conhecia na visão da divindade, como os bem-aventurados na visão que lhes é própria. E assim, como para eles, o conhecimento menor é o relativo às criaturas, também o de nossa grande Rainha, fora do que se relacionava com o estado da santa Igreja, seu governo e cuidado das almas, tinha por principal objeto os incompreensíveis mistérios da divindade. Nesse conhecimento ultrapassava os santos e supremos serafins.

Com este pão e alimento de vida eterna foi sustentada naquela solidão que o Senhor lhe preparou. Ali vivia solícita pela Igreja, mas sem perturbação; serviçal sem inquietação, cuidadosa sem distração, toda repleta de Deus, interior e exteriormente, vestida do ouro puríssimo da divindade, mergulhada e absorta naquele pélago incompreensível. Ao mesmo tempo, estava atenta ao bem de todos seus filhos pois, sem este cuidado, sua maternal caridade não podia repousar inteiramente.

As asas de águia

546. Para tudo isto lhe deram as duas grandes asas de águia, com as quais elevou-se a tal vôo, que pôde chegar ao estado e soledade, onde jamais chegou pensamento humano ou angélico. E, daquela altíssima habitação descia em socorro dos mortais, não passo a passo, mas com rápido vôo.

Oh! prodígio da onipotência de Deus! Oh! maravilha inaudita que assim manifestas sua grandeza infinita! Faltam-me palavras, suspende-se o pensamento e se esgota nossa capacidade, na consideração de tão oculto sacramento!

Feliz e dourado século, o da primitiva Igreja, que gozou de tanto bem! Venturosos de nós, se chegássemos a merecer que, em nossos infelizes tempos, o Senhor renovasse estes sinais e maravilhas, por intermédio de sua Mãe, na medida possível, ou antes, na que pedem nossas misérias e necessidades.

Exemplos práticos

547. Entender-se-á melhor a felicidade daquela época, e o modo de operar de Maria santíssima no estado que descrevo, vendo-o praticamente, na conversão de algumas almas que conquistou para o Senhor.

Vivia em Jerusalém um homem conhecido entre os judeus, de posição importante, inteligência notável e possuidor de algumas virtudes morais. No mais, era muito zeloso de sua lei antiga, ao estilo de São Paulo, e muito contrário à doutrina de Cristo, nosso Salvador.

Maria santíssima teve conhecimento disso no Senhor que, pelos rogos da divina Mãe, preparava a conversão daquele homem. Sendo pessoa influente, a puríssima Senhora desejava sua conversão e salvação. Com ardentíssima caridade, pediu-a ao Senhor e a obteve.

Antes de Maria santíssima se encontrar no estado que tenho dito, Ela teria refletido com sua prudência e altíssima luz, procurando os meios oportunos para converter aquela alma. Agora, porém, não teve necessidade desta reflexão, mas só de ver no Senhor tudo o que devia fazer.

Conversão de um judeu

548. Soube que aquele homem viria à sua presença, depois de ouvir a pregação de São João, pelo que deveria mandar o apóstolo pregar onde aquele judeu pudesse ouvi-lo. Assim fez o Evangelista. Ao mesmo tempo, o anjo da guarda daquela alma inspirou-lhe ir ver a Mãe do Crucificado que todos elogiavam como piedosa, modesta e caridosa.

No momento, não compreendeu aquele homem o bem espiritual que lhe resultaria daquela visita, porque não tinha luz para conhecer. Sem se preocupar, resolveu ir ver a grande Senhora, por curiosidade social, e conhecer aquela Mulher tão celebrada por todos.

Chegou à presença de Maria santíssima, e ao vê-la e ao ouvir as palavras que, com divina prudência, lhe falou, aquele homem se transformou completamente.

Prostrou-se aos pés da grande Rainha, confessando a Cristo como redentor do mundo e pedindo seu batismo. Recebeu-o das mãos de São João e ao ser pronunciada a forma deste Sacramento, o Espírito Santo desceu, em forma visível, sobre o batizado que veio a ser homem de grande santidade.

Por esta graça, a divina Mãe fez um cântico de louvor ao Senhor.

Conversão de uma apóstata

549. Certa mulher de Jerusalém, já batizada, abandonou a fé, enganada pelo demônio que se serviu de uma feiticeira, parente dela.

Nossa grande Rainha, na visão do Senhor, teve conhecimento da queda daquela alma. Cheia de dor pediu, com muitas penitências, lágrimas e orações, a conversão daquela mulher. A volta é sempre mais difícil para os que, voluntariamente, se afastam do caminho da vida eterna, por onde já tinham começado a andar. Os rogos de Maria santíssima, porém, alcançaram o remédio desta alma enganada pela serpente.

Entendeu a Senhora que o Evangelista devia admoestá-la, fazendo-lhe compreender seu pecado.

Assim o fez São João. A mulher atendeu-o, confessou-se a ele e recuperou a graça. Depois, Maria santíssima exortou-a a resistir ao demônio e a perseverar na fé.

Defende os fiéis dos ataques do demônio

550. Nesse tempo, Lúcifer e seus demônios não se atreviam a inquietar a Igreja em Jerusalém. Estando ali a poderosa Rainha, temiam aproximar-se porque sua virtude os amedrontava e afugentava. Decidiram, então, atacar alguns fiéis batizados nas regiões da Ásia, onde São Paulo e outros apóstolos pregavam. Perverteram alguns para apostatarem e atrapalharem a pregação.

A zelosíssima Princesa, em Deus, conheceu estas maquinações do dragão, e pediu ao Senhor impedir aquele mal, caso assim fosse conveniente. Foi-lhe respondido que agisse como Mãe, Rainha e Senhora de toda a criação, e da graça que gozava aos olhos do Altíssimo.

Com esta permissão divina, vestiu-se de invencível fortaleza. Como a fiel esposa que se levanta do trono de seu esposo e toma suas próprias armas para o defender de quem pretende injuriá-lo, assim a valorosa Senhora, com as armas do poder divino enfrentou o dragão. Arrancou-lhe da boca a presa, feriu-o com seu império e virtudes e ordenou-lhe precipitar-se no abismo. Como o mandou assim se executou.

Outros inúmeros fatos, deste gênero, se poderiam referir, entre os prodígios que operou nossa Rainha. Bastam estes para se entender o estado em que vivia e seu modo de agir.

Cronologia dos fatos

551. Para maior perfeição desta História, convém fazer o cálculo da época em que Maria santíssima recebeu este favor. Vamos resumir o que acima se disse em outros capítulos [3]: quando se transferiu de Jerusalém a Éfeso, contava cinqüenta e quatro anos, três meses e vinte e seis dias, e foi no ano do Nascimento quarenta, a seis de Janeiro. Esteve em Éfeso dois anos e meio e voltou a Jerusalém no ano quarenta e dois, a seis de Julho, contando de idade cinqüenta e seis anos e dez meses.

O primeiro concílio, de que acima falamos [4], foi celebrado pelos apóstolos, dois meses depois que a Rainha voltou de Éfeso, de modo que, nesse tempo, Maria santíssima completou cinqüenta e seis anos de idade. Seguiram-se as batalhas e vitórias sobre os demônios, e ao passar ao estado que se disse [5], entrou nos cinqüenta e oito anos, sendo o de Cristo, quarenta e dois e nove meses.

Este estado durou-lhe os mil duzentos e sessenta dias de que fala São João no capítulo 12 do Apocalipse, e depois passou ao que direi adiante [6].

3 - n°s 376, 465, 496

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Almas escolhidas

552. Minha filha, nenhum mortal tem desculpa de não pautar sua vida pela imitação da de meu Filho santíssimo e minha. Para todos fomos exemplo onde, cada qual em seu estado, encontrasse o modelo a seguir. Ninguém tem desculpa de não ser perfeito, tendo diante dos olhos o Homem-Deus que se fez mestre de santidade para todos.

Sua divina vontade, porém, escolhe algumas almas e as separa da ordem comum, para que mais perfeitamente aproveitem os frutos de seu sangue, conservem a imitação mais perfeita de sua vida e da minha, e manifestem na santa Igreja a bondade, onipotência e misericórdia divina.

4 - n° 496 - 5 - n° 535 - 6 - n°s 601, 607

Quando estas almas, escolhidas para tais fins, correspondem ao Senhor com fidelidade e fervoroso amor, é ignorância mui terrena, admirarem-se os outros de que Deus se mostre tão liberal e poderoso, em fazer por elas benefícios e favores que excedem o pensamento humano.

Quem duvida disto, quer impedir a Deus a glória que Ele mesmo espera receber de suas obras. Pretendem medi-las pela limitação e baixeza da capacidade humana que, em tais incrédulos, ordinariamente se encontra mais depravada e obscurecida pelo pecado.

Infidelidade dos escolhidos

553. Quando estas almas, eleitas por Deus, são tão grosseiras que duvidam dos seus benefícios: quando não se dispõem a recebê-los e a usar deles com a prudência, consideração e estima que exigem as obras do Senhor - sem dúvida, Ele se sente mais ofendido por estas almas, do que por outras a quem não concedeu tantos dons e talentos.

Não quer o Senhor que se despreze e se atire aos cães o pão dos filhos (**Mt 15, 26**), nem as pérolas a quem as pise e maltrate (**Mt 7, 6**). Este benefício de particular graça, são predileções de sua altíssima providência e a parte mais valiosa do preço da Redenção humana.

Esta culpa, caríssima, é cometida pelas almas que, por falta de confiança, desanimam nos sucessos adversos e árduos, e pelas que se retraem, impedindo ao Senhor servir-se delas para o que deseja, como instrumento de seu poder. Esta culpa é mais repreensível quando não querem dar testemunho de Cristo, por temor humano das conseqüências que isto acarreta e do que o mundo dirá do seu proceder. Deste modo, só querem servir e fazer a vontade do Senhor, quando ela se ajusta à sua. Para praticarem alguma virtude, há de ser deixando-as na tranqüilidade que apetecem; para crer e estimar os benefícios, há de ser gozando de consolações.

Em chegando a adversidade ou trabalho para padecer por Deus, logo lhes vem descontentamento, tristeza, despeito e impaciência, com que o Senhor vê seus desejos frustrados, e elas se fazem incapazes da perfeita virtude.

Ilusão e falsa consciência

554. Tudo isto é falta de prudência, de ciência e verdadeiro amor, que torna estas almas inaptas e sem proveito, para si e para os outros. Têm em vista mais a si do que a Deus, e se orientam mais pelo amor próprio do que pela caridade divina. Tacitamente cometem grande ousadia, porque querem governar ao próprio Deus e até repreendê-lo. Dizem que fariam por Ele muitas coisas, se fossem com tais e tais condições, mas sem isso não é possível.

O que não querem é arriscar seu crédito e seu sossego, ainda que seja para o bem comum e a maior glória de Deus. E, porque não dizem isto claramente, pensam que não cometem esta culpa tão atrevida, que o demônio lhes encobre para não a perceberem.

Vigilância e desprendimento

555. Para que te guardes, minha filha, de cometer esta monstruosidade, pondera com discrição, o que de Mim escreves e entendes, e como quero que o imites.

Eu não podia cair nestas culpas, e apesar disso meu contínuo cuidado e súplicas eram para inclinar o Senhor a governar todas minhas ações, unicamente por sua santa e agradável vontade, não me deixando liberdade para fazer qualquer coisa que não fosse de seu maior beneplácito; e para isto, de minha parte, procurei esquecer e me desprender de todas as criaturas.

Tu estás sujeita a pecar, e sabes quantas ciladas te arma o dragão, por si e pelas criaturas; logo, é razão que não descanses em pedir ao Todo-Poderoso que te governe em teus atos. Além disso, fecha as portas de teus sentidos, de tal modo, que não entre em teu interior imagem de coisa mundana ou terrena.

Renuncia ao direito de tua livre vontade e entrega-a ao gosto e vontade de teu Senhor e meu.

No inevitável trato com as criaturas, exigido pela lei divina e caridade, não vá além do que for indispensável, e pede logo que se apaguem de teu interior todas as lembranças desnecessárias.

Para todas tuas ações, palavras e pensamentos, consulta Deus, a Mim ou a teus anjos, pois sempre estamos contigo, e se for possível, ao teu confessor. Sem esta medida, tem por suspeito e perigoso tudo o que fazes ou determinas. Comparando tudo com minha doutrina, entenderás se discorda ou concorda com ela.

A visão de Deus pela fé

556. Acima de tudo, e em tudo, nunca percas a visão do ser de Deus, pois a fé e a luz que sobre ela recebeste, servem-te para isso. E, por que esta visão é a única finalidade de tudo, quero que, desde a vida mortal, comeces a usufrui-la no modo que te é possível, mediante a divina graça. Para isto, já é tempo que te libertes dos temores e vãs mentiras com que o inimigo pretende te embaraçar e impedir-te de dares constante crédito aos benefícios e favores do Senhor. Acaba já, de ser forte e prudente nesta fé e confiança. Entrega-te totalmente ao beneplácito do Senhor, para que em ti e de ti faça o que lhe for servido.

CAPÍTULO 9

OS EVANGELISTAS E SEUS EVANGELHOS; COOPERAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA; APARECE A SÃO PEDRO EM ANTIOQUIA E EM ROMA; APARIÇÕES SEMELHANTES A OUTROS APÓSTOLOS.

Maria reza pelos Escritores sagrados

557. Quanto me foi permitido, declarei o estado em que nossa grande Rainha e Senhora ficou, depois do primeiro concílio dos apóstolos e das vitórias que alcançou sobre o dragão infernal e seus demônios. As obras maravilhosas que realizou nessa época, não se podem reduzir a uma história, nem a resumo dela.

Entre todas, foi-me dada luz para escrever sobre a participação de Maria santíssima na nomeação e trabalho dos quatro Evangelistas, e no cuidado e modo miraculoso com que orientava os apóstolos ausentes.

Na segunda parte, e em muitos pontos desta História, fica escrito que a divina Mãe teve conhecimento de todos os mistérios da lei da graça, dos Evangelhos e santas Escrituras que, para fundá-la e estabelecê-la, nela se escreveriam. Nesta ciência foi confirmada muitas vezes, especialmente quando subiu ao céu, no dia da Ascensão com seu Filho santíssimo.

Desde aquele dia, sem omitir nenhum, prostrada em terra, fez particular oração, pedindo ao Senhor desse sua divina luz aos apóstolos e escritores, e lhes ordenasse escrever, quando chegasse o tempo oportuno.

São Pedro propõe a composição dos Evangelhos

558. Depois disto, quando a Rainha esteve no céu e dele desceu com a Igreja que lhe foi entregue [1], manifestou-lhe o Senhor que já era tempo de começar a escrever os santos Evangelhos, e que Ela providenciasse esse trabalho, como Senhora e Mestra da Igreja.

Em sua profunda humildade e discreção, obteve do Senhor que isto se fizesse por meio de São Pedro, seu Vigário e chefe da Igreja, e que a divina luz o assistisse em assunto de tanta importância. Tudo lhe concedeu o Altíssimo.

Quando os apóstolos se reuniram no concílio referido por São Lucas (**At 15, 6**), depois de resolverem as dúvidas sobre a Circuncisão, como fica dito no capítulo 6, São Pedro propôs a necessidade de se escrever os mistérios da vida de Cristo, nosso Mestre e Salvador, para que todos, sem diferença nem discordância, os ensinassem na Igreja, e com esta luz se plantasse a nova lei, em substituição à antiga.

Nomeação dos evangelistas

559. São Pedro havia tratado des-

1 - Cap. 6, nºs 494, 495

te assunto com a Mãe da sabedoria. Tendo-o aprovado o concílio, invocaram o Espírito Santo para que designasse quais, entre os apóstolos e discípulos, se encarregariam de escrever a vida do Salvador. Desceu uma luz do céu sobre São Pedro, e se ouviu uma voz dizer: O Pontífice e chefe da Igreja nomeie quatro, para escreverem as obras e doutrinas do Salvador do mundo.

O Apóstolo, e todos os presentes, prostraram-se em terra e agradeceram ao Senhor por aquele favor. Depois de se levantarem, disse São Pedro: Mateus, nosso caríssimo irmão, comece logo a escrever seu Evangelho, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Marcos seja o segundo a escrever o Evangelho, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Lucas seja o terceiro que o escreva, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E nosso caríssimo irmão João seja o quarto e último que escreva os mistérios de nosso Mestre e Salvador, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Esta nomeação foi confirmada pelo Senhor, com a mesma luz divina que permaneceu sobre São Pedro enquanto a declarava, e foi aceita pelos designados.

São Mateus e o primeiro Evangelho

560. Dentro de poucos dias, São Mateus se dispôs a escrever seu Evangelho que foi o primeiro. Estando à noite em oração, retirado num aposento do Cenáculo, pedindo luz ao Senhor para começar sua história, apareceu-lhe Maria santíssima num trono de grande majestade e resplendor, sem se abrirem as portas do aposento.

Quando viu a Rainha do céu, prostrou-se sobre a face, com admirável temor e reverência. A grande Senhora mandou que se levantasse. Ele se ergueu, pedindo-lhe que o abençoasse. Disse-lhe Maria santíssima: Mateus, meu servo, o Todo-Poderoso me envia, com sua bênção, para começardes o sagrado Evangelho que, por feliz sorte, fostes designado para escrever. O divino Espírito vos assistirá, e Eu lho pedirei com toda a minha alma. A meu respeito, porém, não convém que escrevais outra coisa fora do indispensável, para manifestar a Encarnação e mistérios da Igreja. Estabelecida esta fé, virão tempos, quando for necessário manifestá-los, em que o Altíssimo dará notícia aos fiéis dos mistérios que operou comigo e dos favores que me concedeu.

Prontificou-se São Mateus a obedecer esta ordem da Rainha. Consultando-a sobre o plano de seu Evangelho, desceu sobre ele o Espírito em forma visível. e, na presença da Senhora, começou a escrevê-lo. Desapareceu Maria santíssima, e São

Mateus prosseguiu seu trabalho que terminou, mais tarde, na Judéia. Escreveu-o na língua hebraica, no ano do Senhor quarenta e dois.

São Marcos e seu Evangelho

561. O evangelista São Marcos escreveu seu Evangelho quatro anos depois, no quarenta e seis do nascimento de Cristo, em hebraico, na Palestina.

Para começar a escrever pediu ao seu anjo da guarda, comunicasse sua intenção à Rainha do céu, lhe pedisse seu auxílio e alcançasse para ele a divina luz para o que deveria escrever.

A piedosa Mãe fez este pedido, e o Senhor mandou os anjos que a levassem com a majestade e ordem que costumavam, à presença do Evangelista que continuava em oração. Apareceu-lhe a grande Rainha do céu em trono de grande beleza e esplendor.

Prostrou-se o Evangelista e disse: Mãe do Salvador do mundo e Senhora da criação, não sou digno deste favor, ainda que servo de vosso Filho santíssimo e de Vós, Senhora. Respondeu a divina Mãe: o Altíssimo, a quem servis e amais, me envia para vos assegurar que ouve vossas preces e seu divino Espírito vos assistirá, para escreverdes o Evangelho que vos mandou.

Em seguida, ordenou-lhe que não escrevesse os mistérios que se referiam a Ela, como recomendara a São Mateus. Neste momento, desceu em forma visível de grande brilho o Espírito Santo, envolvendo exteriormente o Evangelista e enchendo-o de nova luz interior. Ali, na presença da Rainha, começou seu Evangelho.

Contava a Princesa do céu, nesta ocasião, sessenta e um anos de idade. São Jerônimo diz que São Marcos escreveu em Roma seu conciso Evangelho, a pedido dos fiéis que lá havia. Advirto, porém, que foi cópia do que escrevera na Palestina. Como em Roma não o tinham, nem qualquer outro, voltou a escrevê-lo em latim para compreensão dos romanos.

São Lucas e seu Evangelho

562. Dois anos depois, em quarenta e oito, aos sessenta e três da Virgem, São Lucas escreveu seu Evangelho em grego. Para começá-lo a escrever apareceu-lhe Maria, como aos dois outros Evangelistas. Representou à divina Mãe que, para manifestar os mistérios da Incarnação e Vida de seu Filho santíssimo, era necessário declarar o modo e ordem da concepção do Verbo humanado, e outras coisas que se referiam à sua pessoa como Mãe natural de Cristo. Mais que os outros Evangelistas, São Lucas fala sobre Maria santíssima, silenciando os outros dons e prodígios conferidos à sua dignidade de Mãe de Deus, conforme Ela mesma ordenou ao Evangelista.

Logo desceu sobre ele o Espírito Santo, e em presença da grande Rainha, começou seu Evangelho, nele inserindo todas as informações da Senhora.

Ficou São Lucas devotíssimo da Virgem, e jamais se lhe apagou da alma a imagem da Mãe dulcíssima no trono e majestade como lhe apareceu nesta ocasião. São Lucas encontrava-se na Acáia quando recebeu esta aparição e escreveu seu Evangelho.

São João e seu Evangelho

563. O último dos quatro Evangelistas a escrever seu Evangelho foi o apóstolo São João, no ano cinqüenta e oito do Senhor. Escreveu-o em grego, es-

tando na Ásia Menor, depois do glorioso trânsito e Assunção de Maria, contra os erros e heresias que o demônio, como acima disse (2), logo começou a semear. Estes erros visavam principalmente a destruir a fé na Encarnação do Verbo divino, porque tendo esse mistério humilhado e vencido Lúcifer, este pretendeu logo atacá-lo com os projéteis das heresias.

Por este motivo, o evangelista São João escreveu, com maior elevação e mais argumentos, para provar a real e verdadeira divindade de Cristo nosso Salvador, excedendo nisto aos outros Evangelistas.

Maria e o Evangelho de São João

564. Quando quis começar seu Evangelho, Maria santíssima já estava gloriosa no céu. Dele desceu pessoalmente, com inefável majestade e glória, acompanhada de milhares de anjos de todas as jerarquias e coros, e apareceu a São João.

Disse-lhe: João, meu filho e servo do Altíssimo, chegou o tempo oportuno para escrever a vida e mistérios de meu Filho santíssimo. Dai ao mundo notícia muito clara de sua divindade, para que todos os mortais o conheçam por Filho do eterno Pai, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Não é tempo, todavia, de escreverdes e manifestardes os segredos que sobre Mim conhecestes, ao mundo tão acostumado à idolatria, pois Lúcifer poderia perturbar os que, agora, hão de receber a santa fé do seu Redentor e da Santíssima Trindade. Para tudo, o Espírito Santo vos assistirá, e em minha presença quero que comeceis a escrever.

O Evangelista venerou a grande Rainha do céu e foi cheio do Espírito divino, como aconteceu aos outros. Principiou seu Evangelho e pediu a benção e proteção da Senhora. Ela lha prometeu para todo o resto da vida do apóstolo, e voltou à destra de seu Filho santíssimo.

Esta foi a origem dos sagrados Evangelhos, por meio e intercessão de Maria santíssima. A Igreja deve reconhecer ter recebido de sua mão todos estes benefícios.

Para continuar esta História, foi necessário antecipar esta relação sobre os Evangelistas.

Maria e os Apóstolos

565. No estado em que a grande Senhora vivia, depois do concílio dos Apóstolos, assim como cresceu na ciência e visão abstrativa da divindade, também aumentou seu cuidado e solicitude pela Igreja, que todos os dias ia crescendo pelo orbe inteiro.

Atendia, especialmente, como verdadeira Mãe e Mestra, aos Apóstolos que eram como parte de seu coração, onde os tinha gravados. Depois que celebraram aquele concílio, foram saindo de Jerusalém, ali ficando só São João e São Tiago o Menor. A piedosa Mãe sentia natural compaixão dos trabalhos e penalidades que sofriam na pregação. Com esta compaixão, seguia-os em suas peregrinações, com suma veneração pela santidade e dignidade de sacerdotes, apóstolos de seu Filho santíssimo, fundadores da Igreja, pregadores de sua doutrina, escolhidos pela divina Sabedoria, para tão altos mistérios da glória do Altíssimo.

Verdadeiramente foi necessário que, para atender e cuidar de tantas coisas em toda a santa Igreja, Deus elevasse a grande Senhora e Mestra ao estado que

2 - nº 522

tinha. Em outro inferior, não poderia, tão fácil e convenientemente, cuidar de tantas coisas e, ao mesmo tempo, manter a tranqüilidade e paz interior que gozava.

A Virgem fazia as túnicas dos Apóstolos

566. Além da notícia que, em Deus, a grande Rainha possuía do estado da Igreja, encarregou de novo a seus anjos que cuidassem dos apóstolos e discípulos que pregavam, acudindo com presteza a socorrê-los e confortá-los em suas tribulações. Tudo podiam fazer com a atividade de sua natureza, sem nada lhes estorvar o gozo da visão de Deus. Grande era a importância de fundar a Igreja, e eles deviam ajudar, como ministros do Altíssimo e obras de suas mãos.

Ordenou-lhes também que a avisassem de tudo o que faziam os apóstolos, e em particular, quando precisassem de roupas. A vigilante Mãe quis cuidar disso, para que andassem vestidos iguais, como quando saíram de Jerusalém, conforme falei em seu lugar [3]. Durante todo o tempo que viveu, a grande Senhora zelou que os apóstolos não tivessem diferença alguma na veste exterior, mas todos na mesma forma e cor, semelhante a que usou seu Filho santíssimo.

Com as próprias mãos fiava e tecia as túnicas, auxiliada pelos anjos, por meio dos quais as remetia aos apóstolos. Todas eram semelhantes a de Cristo, nosso Senhor, cuja doutrina e vida santíssima, a grande Mãe quis que os apóstolos pregassem também com a veste exterior.

Quanto ao mais necessário para sua alimentação e sustento, deixou que eles mesmos providenciassem pelo trabalho manual, pelas esmolas que lhes ofereciam ou pedindo-as quando não houvesse outro recurso.

Os anjos e os Apóstolos

567. Pelo ministério dos anjos, a mandado de sua grande Rainha, os Apóstolos foram muitas vezes socorridos em suas peregrinações. Não lhes faltavam tribulações e dificuldades nas perseguições dos pagãos e judeus, irritados pelos demônios contra os pregadores do Evangelho. Os anjos visitavam-nos muitas vezes, de modo visível, falando-lhes e consolando-os em nome de Maria santíssima. Outras vezes, faziam-no sem aparecer; tiravam-nos dos cárceres; avisavam-nos dos perigos e ciladas; guiavam-nos pelos caminhos e os levavam de uns lugares a outros onde convinha que pregassem; informavam-nos do que deviam fazer, de acordo com os tempos, lugares e povos.

Os anjos comunicavam à divina Senhora tudo o que se passava, e só Ela cuidava e trabalhava mais do que todos e para todos. Não é possível referir, em pormenores as diligências, cuidados e solicitude da piedosíssima Mãe, porque não passava dia ou noite alguma, em que não operasse muitos prodígios a favor dos Apóstolos e da Igreja. Além de tudo isso, ainda lhes escrevia muitas vezes, dando-lhes santas advertências e instruções, com que os ensinava e enchia de consolação e coragem.

Aparição de Maria a São Pedro

568. O que mais admira é que, além de os visitar por meio dos santos anjos e de cartas, algumas vezes aparecia-lhes pessoalmente, quando a invocavam ou se encontravam em alguma grande tribulação e necessidade. Assim aconteceu com muitos dos apóstolos, fora dos Evangelistas de que já falei. Aqui vou relatar só as aparições que fez a São Pedro.

[3] nº 237

Chefe da Igreja, teve maior necessidade da assistência e conselhos de Maria santíssima. Mais freqüentemente do que aos outros apóstolos, enviava-lhe os anjos, e São Pedro também lhe remetia os anjos de que dispunha, como pontífice da Igreja, e lhe escrevia mais do que os outros.

Logo depois do concílio de Jerusalém, São Pedro dirigiu-se à Ásia Menor e parou em Antioquia onde, a princípio, colocou a Sé pontifícia. Para vencer as dificuldades surgidas, o Vigário de Cristo viu-se embaraçado, necessitando o auxílio da grande Senhora. Teve Ela conhecimento, e para ajudá-lo como convinha naquela importante ocorrência, os anjos a levaram em trono de majestade, à presença de São Pedro, como outras vezes tenho dito.

O apóstolo estava em oração, e ao vê-la tão deslumbrante, prostrou-se em terra com seus costumados fervores. Banhado em lágrimas, disse à grande Senhora: Como, a mim pecador, vem a Mãe de meu Senhor e Redentor?

A grande Mestra dos humildes desceu do trono, moderou seu esplendor, pôs-se de joelhos e pediu a bênção do pontífice da Igreja. Praticou este ato só com São Pedro. Fora das aparições, a todos os Apóstolos, quando lhes falava, pedia a bênção de joelhos.

Início das celebrações na Igreja

569. Como São Pedro era Vigário de Cristo e chefe da Igreja, procedeu com ele de modo diferente: desceu do trono de majestade, e repeitou-o como viadora, estando na igreja em carne mortal. Falou familiarmente com o santo Apóstolo, e ambos trataram os importantes assuntos que convinha resolver. Um deles, foi começar a celebrar na Igreja algumas festividades do Senhor. Terminada a entrevista, os anjos trouxeram Maria santíssima de volta de Antioquia a Jerusalém.

Depois que São Pedro foi à Roma, para ali trasladar a Sé apostólica, como lhe ordenara o Salvador, a divina Mãe lhe apareceu outra vez. Nesta ocasião, determinaram que a Igreja Romana celebraria a festa do Nascimento de seu Filho santíssimo, a Paixão e a instituição do Santíssimo Sacramento na Quinta-feira Santa, como o faz a Igreja. Depois de muitos anos é que foi instituída a festa de Corpus Christi, na primeira quinta-feira depois da oitava de Pentecostes, como agora celebramos. A primeira, na Quinta-feira Santa, vem de São Pedro, como também a festa da Ressurreição, os domingos, a Ascensão e outras que a Igreja Romana celebra desde aquele tempo até agora. Todas estas celebrações foram determinadas, por ordem e conselho de Maria santíssima.

Depois disto, São Pedro veio à Espanha, visitou algumas igrejas fundadas por São Tiago, fundou outras e voltou à Roma.

São Pedro é levado a Jerusalém

570. Noutra ocasião, pouco antes do glorioso trânsito da divina Mãe, estando São Pedro em Roma, levantou-se uma perseguição contra os cristãos, que muito afligiu a ele e aos fiéis. Lembrava-se o Apóstolo dos favores que, em suas tribulações, recebera da grande Rainha do mundo. Nesta em que se encontrava, sentia-se ainda mais oprimido. Pediu aos seus anjos custódios comunicassem sua situação e necessidade à bem-aventurada Mãe, pedindo-lhe o ajudasse com sua eficaz intercessão junto a seu Filho santíssimo.

O Senhor, porém, que conhecia o fervor e humildade de seu Vigário, quis satisfazer seus desejos. Mandou aos san-

tos anjos do Apóstolo que o levassem a Jerusalém, onde estava Maria santíssima. Os anjos obedeceram prontamente e levaram São Pedro ao Cenáculo, na presença de sua Rainha e Senhora.

Esta singular graça aumentou os fervorosos afetos do apóstolo. Prostrouse em terra na presença de Maria santíssima, chorando de gozo por ver realizado o que desejara em seu coração. Mandou-lhe a grande Senhora que se levantasse, e Ela se ajoelhou dizendo: Meu senhor, abençoai vossa serva, como vigário de Cristo, meu Senhor e Filho santíssimo. Obedeceu São Pedro, deu-lhe a benção, e ambos agradeceram ao Onipotente o favor que lhes concedera. E, ainda que a humilde Mestra das virtudes não ignorava as provações de São Pedro e dos fiéis de Roma, ouviu o apóstolo narrar o que se passava.

Maria instruiu São Pedro.

571. Intruiu-o Maria santíssima de tudo o que convinha saber e fazer, para acalmar aquela agitação e pacificar a Igreja de Roma. Falou com tal sabedoria que, embora São Pedro já tivesse altíssimo conceito da prudentíssima Senhora, esta nova experiência deixou-o fora de si, pela admiração. Com alegria, deu-lhe humildes graças por aquele favor.

Tendo feito ao Apóstolo muitas advertências para o estabelecimento da Igreja em Roma, pediu-lhe novamente a bênção e se despediram. Os anjos trouxeram São Pedro de volta à Roma e Maria santíssima permaneceu prostrada em forma de cruz, como costumava, pedindo ao Senhor dissipasse aquela perseguição. Assim o obteve, pois ao voltar, São Pedro encontrou as coisas em melhor situação, até os Cônsules permitirem aos seguidores de Cristo guardarem livremente sua lei.

Por esta maravilha que referi, se entenderá um pouco do que Maria santíssima fazia no governo dos Apóstolos e da Igreja. Se houvesse de escrever tudo, seriam necessários mais volumes do que as linhas que escrevo. Excuso-me, portanto, de prolongar este assunto, para dizer, no restante desta História, os inauditos e admiráveis favores que Cristo, nosso Redentor, concedeu à divina Mãe, nos últimos anos de sua vida. Não obstante, pelo que entendi, confesso que apresentarei apenas insignificante amostra, para que a piedade cristã tenha motivo de meditação, e louvor ao Onipotente, autor de tão veneráveis sacramentos.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS.

Dignidade dos sacerdotes

572. Milha filha caríssima, em outras ocasiões já te manifestei quanto tenho a me queixar dos filhos da santa Igreja. Agora em particular, e principalmente das mulheres, faço esta queixa: a pouca reverência, estima e respeito no tratar os sacerdotes do Altíssimo.

Nelas a culpa é maior, e a Mim mais aborrecível, por ser o contrário do que Eu pratiquei, vivendo em carne mortal. Por isto, quero repetir minha queixa neste capítulo, para me imitares e te afastares do que fazem certas mulheres estultas, filhas de Belial. Esta culpa cresce cada dia mais na Igreja, e por isso renovo a advertência que já escreveste outras vezes.

Dize-me, filha em que juizo cabe que, sacerdotes, ungidos do Senhor, consagrados e eleitos para santificar o mundo, representar o Cristo, e consagrar seu corpo e sangue - tornem-se servos de umas mu-

lheres vis, imundas e terrenas? Que eles, de pé, se descubram e façam reverência a uma mulher soberba e miserável, só porque ela é rica e ele pobre?

Pergunto: a dignidade do sacerdote pobre é menor que a do rico? As riquezas conferem maior ou igual dignidade, poder e excelência, das que meu Filho santíssimo comunica a seus sacerdotes e ministros? Os anjos não reverenciam os ricos por suas posses, mas respeitam os sacerdotes por sua altíssima dignidade. Pois, como se admite na Igreja este abuso e perversidade, de serem ultrajados e desprezados os cristos do Senhor, pelos próprios fiéis que sabem e acreditam serem os sacerdotes santificados pelo mesmo Cristo?

Os sacerdotes são senhores, não servos

573. Verdade é, que são muito culpados e repreensíveis os sacerdotes em sujeitar-se, com descrédito de sua dignidade, ao serviço de outros homens e ainda mais de mulheres. Porém, se os sacerdotes têm alguma desculpa em sua pobreza, não a têm os ricos em sua soberba, obrigando os sacerdotes pobres a serem servos, quando na realidade são senhores.

Esta monstruosidade é de grande horror para os santos e muito desagradável a meus olhos, pela grande veneração que tive pelos sacerdotes. Grande era minha dignidade de Mãe de Deus, e me prostrava a seus pés, e tinha por grande felicidade beijar o solo que pisavam.

A cegueira do mundo, entretanto, obscureceu a dignidade sacerdotal, confundindo o precioso com o vil (**Jr 15, 19**), e estabeleceu que, nas leis e desordens, o sacerdote seja como o povo (**Is 24, 2**). Faz-se servir por uns e outros sem diferença; o mesmo ministro que agora está no altar, oferecendo ao Altíssimo o tremendo sacrifício, ao sair dali, vai seguir e acompanhar como servo, até as mulheres tão inferiores por natureza e condição e, às vezes mais indignas ainda por seus pecados.

Veneração pelos ministros sagrados

574. Quero, pois, minha filha, que procures reparar quanto te for possível, esta falta e abuso dos filhos da Igreja. Para isto, faço-te saber que, do meu trono de glória no céu, olho com veneração e respeito aos sacerdotes na terra. Tu lhes deves ter sempre tanta reverência, como quando estão no altar ou com o santíssimo Sacramento nas mãos ou no peito.

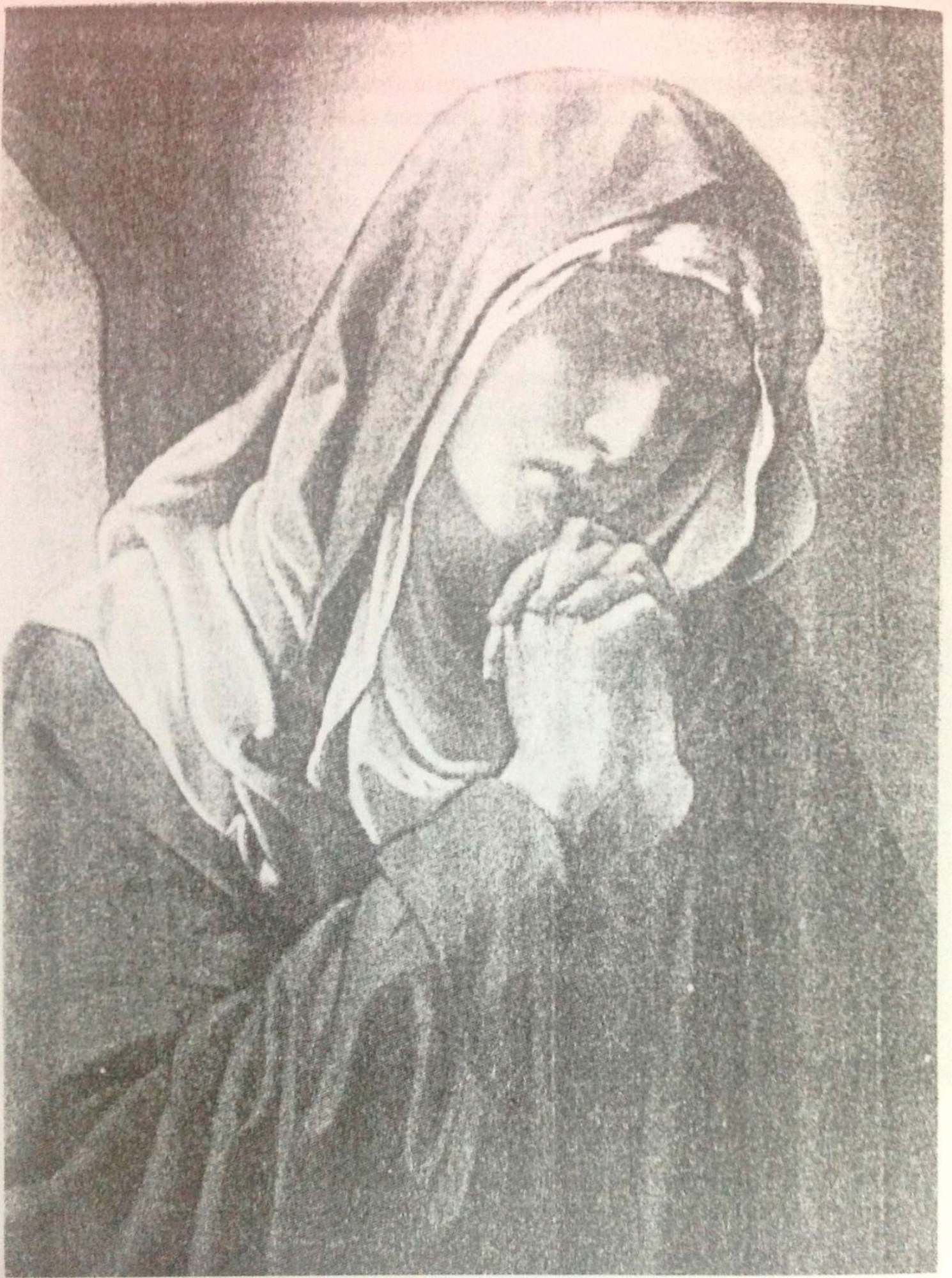
Até pelos paramentos e por qualquer veste dos sacerdotes deves ter respeito, pois com essa veneração eu fiz as túnicas para os Apóstolos.

Quanto aos santos Evangelhos e toda a sagrada Escritura, além das razões que escreveste e entendeste, conhecerás a estima que lhes deves ter, pelo que em si encerram e contêm, e pelo modo com que o Altíssimo ordenou que os evangelistas os escrevessem.

Eles e os demais autores sagrados foram assistidos pelo Espírito Santo, para que a Santa Igreja ficasse rica e próspera com abundância de doutrina, ciência e luz dos mistérios do Senhor e suas obras.

Ao Pontífice romano deverás ter suma obediência e veneração, acim de todos os homens. Quando ouvires nomeá-lo farás reverência, inclinando a cabeça, como quando ouves o nome de meu Filho e o meu. Na terra está no lugar de Cristo, e quando Eu vivia no mundo, e nomeava São Pedro, Eu lhe prestava essa reverência. Em tudo isto te quero instruída, perfeita imitadora e seguidora de meus passos. Prati-

cando minha doutrina, acharás graça aos olhos do Altíssimo, a quem estes atos muito agradam, e em sua presença nada é pequeno quando feito por seu amor.

Nossa Senhora e os Evangelistas São João, São Mateus, São Marcos e São Lucas e seus símbolos: águia, leão, touro e homem, figuras tiradas de Ezequiel 1,5.10

Maria SSma. relembra a Sagrada Paixão de Jesus

CAPÍTULO 10

A MEMÓRIA E PRÁTICAS SOBRE A PAIXÃO QUE MARIA SANTÍSSIMA FAZIA; A VENERAÇÃO COM QUE RECEBIA A SAGRADA COMUNHÃO, E OUTROS ATOS DE SUA VIDA PERFEITÍSSIMA.

Memória da Mãe de Deus

575. A grande Rainha do céu, sem faltar ao governo externo da Igreja, como até agora deixo escrito, fazia a sós outras práticas e atos, com os quais merecia e alcançava inumeráveis dons e favores do Altíssimo, tanto para os fiéis em geral, como para milhares de almas que conquistou para a vida eterna.

Destes atos e segredos não conhecidos, escreverei o que puder nestes últimos capítulos, para nosso ensinamento, admiração e glória desta Mãe santíssima.

Advirto que, graças aos muitos privilégios que a grande Rainha do céu gozava, tinha sempre presente em sua memória, a vida, obras e mistérios de seu Filho santíssimo. Além da contínua visão abstrativa da divindade, que gozava nestes últimos anos, na qual conhecia todas as coisas, concedeu-lhe o Senhor, desde sua concepção, não esquecer mais, o que uma vez conhecia e aprendia. Era privilégio da natureza angélica, como fica escrito na primeira parte [1].

Maria renova em si a Paixão de Cristo

576. Na segunda parte, ao escrever sobre a Paixão [2], disse também, que a divina Mãe sentiu em seu corpo e alma puríssima todas as dores e torturas sofridas por nosso Salvador Jesus, sem nada lhe ser oculto, tudo padecendo com o Senhor. Estas imagens ou espécies da Paixão, permaneceram impressas em seu íntimo como quando as recebeu, graça que Ela mesma pediu ao Senhor.

Estas imagens não se lhe apagaram, como as outras imagens sensíveis de que falei acima [3], ao receber a permanente visão da divindade. Foram aperfeiçoadas por Deus, para ser possível, ao mesmo tempo, gozar dessa visão e sentir as dores, como a grande Senhora desejava, enquanto vivesse em carne mortal. Quanto dependia de sua vontade, entregou-se totalmente a este exercício. Não lhe permitia seu fiel e ardentíssimo amor, viver sem sofrer com seu amado Filho, depois de o ter visto e acompanhado em sua Paixão.

Ainda que o Senhor lhe fez tão raros favores, como de toda esta História se pode entender, estas carícias foram provas e manifestações do amor de seu Filho santíssimo que, a nosso modo de entender, não podia se conter nem deixar de tratar sua Mãe puríssima como Deus de amor, onipotente e rico em infinitas misericórdias.

1 - n°s 537, 604

2 - n°s 1264, 1274, 1287, 1341

3 - n° 540

A prudentíssima Virgem, porém, não os pedia nem cobiçava, porque só desejava viver crucificada com Cristo, prolongando e renovando em Si as dores da Paixão. Sem isto lhe parecia inútil e sem fruto viver em carne passível.

Jamais esqueceu a Paixão de Cristo

577. Para tanto, ordenou suas obrigações de tal modo, a nunca perder em seu interior a imagem de seu Filho santíssimo sofredor, aflito, chagado, ferido e desfigurado pelos tormentos da Paixão, contemplando-O em Si mesma, como num claríssimo espelho. Ouvia as injúrias, opróbrios, vitupérios e blasfêmias que sofreu; via os lugares, tempos e circunstâncias em que tudo aconteceu, com visão viva e penetrante. Este doloroso espetáculo acompanhava-a no correr do dia, inspirando-lhe heróicos atos de virtude, grande dor e compaixão.

Mas seu amor ainda não ficou satisfeito. Para determinadas horas, em que se achava só, ordenou outros exercícios que praticava com seus anjos, particularmente com aqueles que traziam as insígnias dos instrumentos da Paixão, como disse na primeira parte [4]. A estes anjos, em primeiro lugar, e depois aos outros, pediu que a acompanhassem e ajudassem nos seguintes exercícios.

Reparações oferecidas por Maria

578. Para cada espécie de chagas e dores sofridas por Cristo nosso Salva-

4 - nºs 208, 373

dor, compôs especiais orações e saudações, com as quais lhes dava culto de veneração e adoração. Para as palavras injuriosas, de afronta e desprezo, que os judeus e outros inimigos dirigiram a Cristo em sua vida e Paixão, tanto por inveja de seus milagres, como por vingança e ódio; para contrapor e reparar cada um destes insultos e blasfêmias, fez um cântico particular, no qual dava ao Senhor a veneração e honra que os inimigos pretenderam tirar-lhe e obscurecer.

Pelos outros gestos agressivos, zombarias e menosprezos que lhe fizeram, a divina Senhora oferecia-lhe profundas humilhações, genuflexões e prostrações. Deste modo ia compensando, e como anulando os opróbrios e desacatos que seu Filho santíssimo recebeu em sua Vida e Paixão. Confessava sua divindade, humanidade, santidade, milagres, obras e doutrina, dando-lhe glória, virtude e magnificência. Os anjos a acompanhavam em diálogo, admirados de tal sabedoria, fidelidade e amor em uma pura criatura.

Lágrimas e suor de sangue

579. Se Maria santíssima não tivesse tido, em toda sua vida, outra ocupação a não ser estes exercícios da Paixão, teria trabalhado e merecido mais do que todos os santos, em tudo quanto fizeram e padeceram por Deus. Pela força do amor e das dores que então sentia, foi muitas vezes mártir, pois teria então morrido muitas vezes, se a virtude divina não a houvesse conservado, para aumento de seu mérito e glória.

Como oferecia todos estes atos pela Igreja, com inefável caridade, consideremos a dívida que nós, seus filhos, os fiéis, contraímos com esta Mãe de clemência que enriqueceu tanto o tesouro, pelo qual, nós, míseros filhos de Eva, somos socorridos.

Para estímulo de nossa meditação, tão covarde e tíbia, digo que os efeitos desta oração de Maria santíssima foram inauditos. Muitas vezes chorava sangue, até molhar todo o rosto; noutras agonizava suando, não só água, mas sangue até escorrer no solo. Ainda mais: houve ocasião em que o coração saiu-lhe do lugar, pela força da dor. Quando chegava a tal extremo, seu Filho descia do céu para lhe dar força, vida e curar aquela ferida causada pelo seu amor. O Senhor a confortava e fortalecia, para continuar suas dolorosas práticas.

Dor e alegria da Virgem

580. Estes sentimentos eram contínuos, exceto nos dias em que a divina Mãe celebrava o mistério da Ressurreição, como direi adiante [5], para que os efeitos estivessem de acordo com a causa. Algumas destas dores e penas, também não eram compatíveis com as consolações, cujos efeitos se refletiam no seu virginal corpo, porque o gozo excluía a pena.

Nunca, porém, perdia de vista a Paixão e, com sentimentos de compaixão, agradecia o que seu Filho santíssimo padeceu. Deste modo, mesmo quando gozava, não esquecia a Paixão do Senhor, e de certo modo, com este amargor temperava a doçura do gozo.

Combinou com o Evangelista São João, e lhe pediu permissão, para se recolher todas as quintas-feiras, a fim de celebrar a morte e exéquias de seu Filho santíssimo. São João ficava no Cenáculo para atender aos que a procuravam, e na falta do evangelista ficava outro discípulo.

Maria santíssima retirava-se às cinco da tarde da quinta-feira e não saía, até o domingo pelo meio-dia.

5 - nº 674

Naqueles três dias, se surgisse alguma grave necessidade no governo da Igreja, a grande Senhora ordenou que saísse um anjo na figura dela, e brevemente resolvesse o que era preciso, se não pudesse ser adiado. Tão previdente e atenta se mostrava em todas as coisas de caridade, para seus filhos e domésticos.

A Virgem sofria a paixão todas as semanas

581. Nossa capacidade não consegue dizer, nem pensar, o que se passava com a divina Mãe naqueles três dias. Só o Senhor que o fazia, o revelará a seu tempo, na luz dos Santos. O que eu conheci, tampouco posso explicar. Digo o que puder. A começar pelo lava-pés até chegar a Ressurreição, em cada hora, renovava em Si tudo o que com seu Filho santíssimo acontecera. Fazia as mesmas orações e pedidos, como dissemos em seu lugar[6]. Sentia novamente em seu virginal corpo, todas as dores, nas mesmas partes e momentos em que as sofreu Cristo nosso Salvador. Levava a cruz e nela se estendia.

Para resumir, digo que, enquanto a grande Senhora viveu, cada semana se renovava n'Ela toda a paixão de seu Filho santíssimo. Nestes exercícios, alcançou do Senhor grandes favores e graças para os que forem devotos de sua Paixão santíssima. Como Rainha poderosa, lhes prometeu especial proteção sua e participação nos tesouros da Paixão, porque desejava, de todo coração, que na Igreja se conservasse esta memória.[7]

Maria celebrava a instituição da Eucaristia

582. A grande Rainha celebrava, com especial fervor, a instituição do santíssimo Sacramento. Compunha novos cânticos de louvor, agradecimento e ardentes atos de amor, convidando seus anjos, e a muitos outros que desciam do empíreo, para a acompanharem nestes louvores ao Senhor.

Como a divina Mestra levava em seu peito o divino Sacramento que, como disse acima, permanecia-lhe de uma comunhão a outra, o Senhor enviava das alturas muitos anjos para presenciarem aquele prodígio em sua Mãe santíssima. Aos espíritos celestes servia de motivo para louvá-lo e glorificá-lo, pelo que realizava, sacramentado, naquela criatura mais pura e santa que os próprios anjos e serafins, os quais nem antes nem depois, viram outro prodígio semelhante em todo o resto das criaturas[8].

Preparação para a Comunhão

583. Não era menor admiração para eles, e o será para nós, que merecendo a Rainha conservar dignamente em seu peito Cristo sacramentado, para tornar a recebe-lo preparava-se com novo fervor, atos e devoções que empregava nesta preparação.

Comungava quase todos os dias, com exceção dos que permanecia no oratório sem sair. Preparando-se oferecia, em primeiro lugar, o exercício da Paixão de cada semana; ao se recolher, em a noite que

---

6 - 2ª parte, nºs 1162, 1184, 1212

7 - Em todas as épocas houve fiéis, de ambos os sexos, que participavam fisicamente da paixão de Cristo e foram como que seus retratos vivos. Entre os homens salientou-se São Francisco de Assis, e em nosso tempo Frei Pio de Pietralcina (1887 - 1968). As mulheres são em maior número; em nosso século tivemos Teresa Neumann, Teresa Musco (1933, 1976) e outras. (N.T.)

8 - No agiológio católico encontram-se alguns santos agraciados com a permanência eucarística. Entre eles Santo Antonio Maria Claret (1807 - 1870) e a brasileira Madre Helena Maria do Espírito Santo (+ 1775) fundadora do Convento da Luz em São Paulo. É claro, porém, que na santíssima Virgem, tal privilégio era em grau eminentíssimo e condições especialíssimas, que nenhum outro santo teria capacidade para receber (N.T.)

precedia a comunhão, começava outras práticas de prostrações em terra, genuflexões e orações, adorando ao ser imutável de Deus.

Pedia licença ao Senhor para lhe falar e lhe suplicava, com profunda humildade que, não olhando sua terrena baixeza, lhe concedesse a comunhão de seu santíssimo Filho sacramentado. Que, para lhe fazer este favor, levasse em consideração sua própria infinita bondade, e a caridade com que Ele mesmo, Deus humanado, quis ficar sacramentado na santa Igreja.

Oferecia-lhe sua Paixão e Morte, a dignidade com que comungou a Si mesmo, a união da natureza humana com a divina, na pessoa do mesmo Jesus Cristo, todas suas obras, desde o instante em que se incarnou no seio virginal d'Ela, toda santidade, pureza e obras da natureza angélica e todas as dos justos que viveram em todos os tempos, presentes, passados e futuros.

Humildade da Mãe de Deus

584. Em seguida, fazia atos de profunda humildade, considerando-se pó, de natureza terrena, criatura tão inferior e dissemelhante ao ser infinito de Deus. Nesta contemplação, de quem era Ela, e de quem era Deus, que iria receber sacramentado, fazia tanta ponderação e tão prudentes afetos, que não há termos para os expressar. Elevava-se e ultrapassava os supremos coros de querubins e serafins e, no entanto, em sua própria estima, tomava o último lugar entre as criaturas. Convidava, então, a todos os anjos pedindo-lhes, com incomparável humildade, suplicassem com Ela ao Senhor a preparasse para recebê-lo dignamente, por ser criatura inferior e terrena. Obedeciam-lhe os anjos e, com admiração e alegria, a acompanhavam nestas súplicas que enchiam a maior parte da noite precedente à comunhão.

A comunhão de Maria

585. A sabedoria da grande Rainha, ainda que finita, é incompreensível para nós, pelo que nunca se poderá entender até onde chegavam os atos, virtudes e afetos de amor que exercitava nestas ocasiões. Eram de tal intensidade que, muitas vezes obrigavam o Senhor a visitá-la, dando-lhe a saber o agrado com que viria a seu coração e nele renovaria as dádivas de seu infinito amor.

Ao chegar a hora de comungar, primeiro ouvia a missa que ordinariamente o Evangelista celebrava. Não havia as leituras da Epístola e dos Evangelhos pois ainda não estavam escritos, mas diziam-na com outros ritos e cerimônias, muitos salmos e outras orações; a consagração, porém, foi sempre igual. Terminado o santo sacrifício, aproximava-se a divina Mãe para comungar; fazendo antes três genuflexões profundíssimas, toda inflamada, recebia em seu peito e coração puríssimo o Filho sacramentado, a quem dera a natureza humana em seu virginal seio.

Depois de receber a comunhão retirava-se, e se não fosse indispensável sair para alguma urgente necessidade do próximo, permanecia recolhida por três horas. Durante este tempo, o Evangelista mereceu vê-la muitas vezes, cheia de resplendor, irradiando luz, semelhante a um sol.

A Virgem confecciona as vestes litúrgicas

586. A prudente Mãe conheceu que, para celebrar o sacrifício incruento da missa, era conveniente que os apóstolos e sacerdotes usassem vestes especiais e diferentes das comuns que costumavam

vestir. Com este espírito fez, com as próprias mãos, vestes e paramentos sacerdotais para celebrarem, sendo Ela a primeira a introduzir na Igreja este costume.

Aqueles paramentos não eram exatamente iguais aos que agora usa a Igreja romana, mas quanto à matéria eram semelhantes, feitos de linho e sedas preciosas que a Senhora adquiria com os donativos que lhe ofereciam.

Quando trabalhava nestas alfaias, permanecia sempre de joelhos ou em pé, e não os confiava a ninguém, fora dos anjos que a ajudavam. Conservava na máxima ordem e asseio essas roupas e tudo o mais que servia ao altar. De tais mãos, tudo saia impregnado de celestial fragrância que afervorava o espírito dos ministros de Deus.

A Mãe de Jesus é visitada pelos fiéis

587. De muitos reinos e províncias onde os apóstolos pregavam, vinham à Jerusalém muitos fiéis convertidos, para visitar e conhecer a Mãe do Redentor do mundo, trazendo-lhe ricas ofertas. Entre outras, visitaram-na quatro príncipes que eram como reis em suas províncias, e trouxeram-lhe muitas coisas de valor, para seu uso e o dos apóstolos e discípulos.

Respondeu a grande Senhora que ela era pobre como seu Filho, os apóstolos o eram como seu Mestre, e aquelas riquezas não convinham para a vida que professavam. Replicaram-lhe que, para lhes dar consolo, as recebesse e aplicasse para os pobres e o culto divino. Por causa desta insistência, recebeu parte do que lhe ofereciam. De alguns tecidos ricos fez ornamentos para o altar e o mais distribuiu aos pobres e aos hospitais que freqüentemente visitava. Com suas mãos, e de joelhos, servia, limpava e dava esmolas aos pobres.

Consolava os necessitados, aos agonizantes que podia assistir, ajudava-os a bem morrer e jamais interrompia as obras de caridade, praticando-as externamente, ou orando quando recolhida em seu retiro.

Conselhos de Maria

588. A estes príncipes que a visitaram deu salutares conselhos, admoestações e instruções para o governo de seus Estados: que guardassem e administrassem a justiça sem acepção de pessoas, que se reconhecessem homens mortais como os outros e temessem o julgamento do supremo Juiz, por Quem todos serão julgados conforme as próprias obras; acima de tudo procurassem a exaltação do nome de Cristo, a propagação e pureza da santa fé, em cuja firmeza se estabelecem os verdadeiros impérios e monarquias. Sem isto, o reinar é infeliz servidão aos demônios, permitida pelos ocultos juízos de Deus, para castigo dos reis e vassalos.

Aqueles venturosos príncipes prontificaram-se a seguir estes conselhos, e continuaram a se comunicar com a divina Rainha, através de cartas e de outros meios. O mesmo aconteceu a quantos a visitaram, de acordo com as condições de cada um. Depois de a terem visto e ouvido, partiam melhores, cheios de luz, alegria e consolação que não podiam explicar.

Muitos que ainda não tinham abraçado a fé, ao vê-la, professavam altamente a fé no verdadeiro Deus, sem poder conter a força interior que sentiam, em chegando à presença de sua Mãe santíssima.

Irradiação e encantos da Virgem

589. Não é muito que tal acontecesse, quando esta grande Senhora era um instrumento eficacíssimo do poder de Deus

e de sua graça para os mortais. Não eram só suas palavras cheias de altíssima sabedoria que admiravam, convenciam e comunicavam luz. Assim como em seus lábios se derramava a graça (Sl 44, 3) para comunicá-la, também a singular graça e beleza de seu rosto, a majestade aprazível de sua pessoa, a modéstia de seu honestíssimo, grave e doce semblante e a virtude oculta que d'Ela irradiava - como de seu Filho, diz o Evangelho (**Lc 6, 19**) - atraia os corações e os transformava.

Uns ficavam suspensos, outros se desfaziam em lágrimas, estes prorrompiam em admiráveis palavras e louvores, confessando ser grande o Deus dos cristãos que tal criatura formara. Realmente, podiam verificar o que alguns Santos disseram [9] que Maria era um prodígio divino de toda santidade.

Seja sempre louvada e conhecida em todas as gerações (**Lc 1, 48**), por Mãe verdadeira de Deus que a fez tão agradável a seus olhos, tão amorosa Mãe para os pecadores e tão amável a todos os anjos e homens.

Sono e alimentação da Mãe de Deus

590. Nestes últimos anos, a grande Rainha comia e dormia muito pouco, mais para obedecer a São João que lhe pedia se recolhesse à noite, para descansar um pouco. Seu sono não era mais do que uma leve suspensão dos sentidos, por meia hora, ou no máximo uma hora, sem perder a visão da divindade, no modo como se disse acima [10].

Seu alimento eram alguns bocados de pão simples, e às vezes um pouco de peixe, para satisfazer e acompanhar o Evangelista. Assim feliz era o Santo em seus privilégios de filho de Maria santíssima. Não só comia com Ela, mas a grande Rainha lhe preparava a comida e o servia como Mãe a seu filho, e lhe obedecia como a sacerdote e substituto de Cristo.

Bem poderia a grande Senhora passar sem este sono e alimentação, que mais parecia uma cerimônia do que sustento para viver. Não o tomava por necessidade e sim para exercitar a obediência ao Apóstolo, e a humildade, em reconhecer e pagar em alguma coisa os gravames da natureza humana. Assim, em tudo agia com perfeita prudência.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Esquecimento e ingratidão

591. Minha filha, de toda a narração de minha vida, conhecerão os mortais a memória e gratidão que Eu tive pelas obras da Redenção humana e da Paixão e Morte de meu Filho santíssimo, principalmente depois de ser imolado na cruz pela salvação eterna dos homens.

Neste capítulo, quis dar-te particular notícia do cuidado e dos freqüentes exercícios com que renovava em Mim, não apenas a lembrança, mas também as dores da Paixão. Que este conhecimento sirva de censura e confusão ao monstruoso esquecimento que os homens redimidos têm por este incompreensível benefício.

Oh! quão injuriosa, aborrecível e perigosa é esta ingratidão dos homens! O esquecimento é claro indício do menosprezo, porque não se costuma esquecer o que muito se estima. Pois, em que razão, ou em que juízo cabe que os homens assim desprezem e esqueçam o bem eterno que receberam? O amor com que o eterno Pai entregou seu unigênito Filho à morte? (**Jo 3, 16**).

9 - Sto. Inácio Mártir em sua 1ª carta: Sto. Efrem, na oração em louvor da Virgem, e outros.
10 - nº 535

A caridade e paciência com que este Filho, seu e meu, aceitou morrer por eles? A terra insensível é agradecida a quem a cultiva e beneficia. Os animais ferozes se amansam e domesticam, agradecendo o bem que se lhes faz. Os próprios homens, entre si, se dão por obrigados a seus benfeitores, e se não recebem esta gratidão, sentem, reprovam e consideram isto grande ofensa.

A meditação da Paixão

592. Pois, qual é a razão, para que só com seu Deus e Redentor, sejam desagradecidos e esqueçam o que padeceu, para os resgatar da eterna condenação? E, sobre esta ingratidão, ainda se queixam, se não os acode em tudo quanto desejam. Para que entendam quanto se tornam culpados por esta ingratidão, advirto-te minha filha: ao vê-la em tantas almas, Lúcifer e seus demônios fazem esta consideração: Esta alma não se lembra, nem faz estimação do benefício que lhe fez Deus em redimi-la; temo-la segura, pois quem é tão estulto neste esquecimento, também não entenderá nossos enganos.

Vamos tentá-la e arruiná-la, pois lhe falta a maior defesa contra nós. A longa experiência, provou-lhes ser quase infalível esta conseqüência. Por isto pretendem, com empenho, apagar da memória dos homens a lembrança da Redenção e morte de Cristo, e que se considere desprezível tratar dela e pregá-la. Assim o conseguiram em grande parte, com lamentável ruína das almas.

Pelo contrário, temem atacar os que se habituam á meditação e memória da Paixão, porque esta recordação produz uma força e virtude que, muitas vezes, não lhes permite se aproximarem dos que meditam, com devoção, estes mistérios.

Reparação

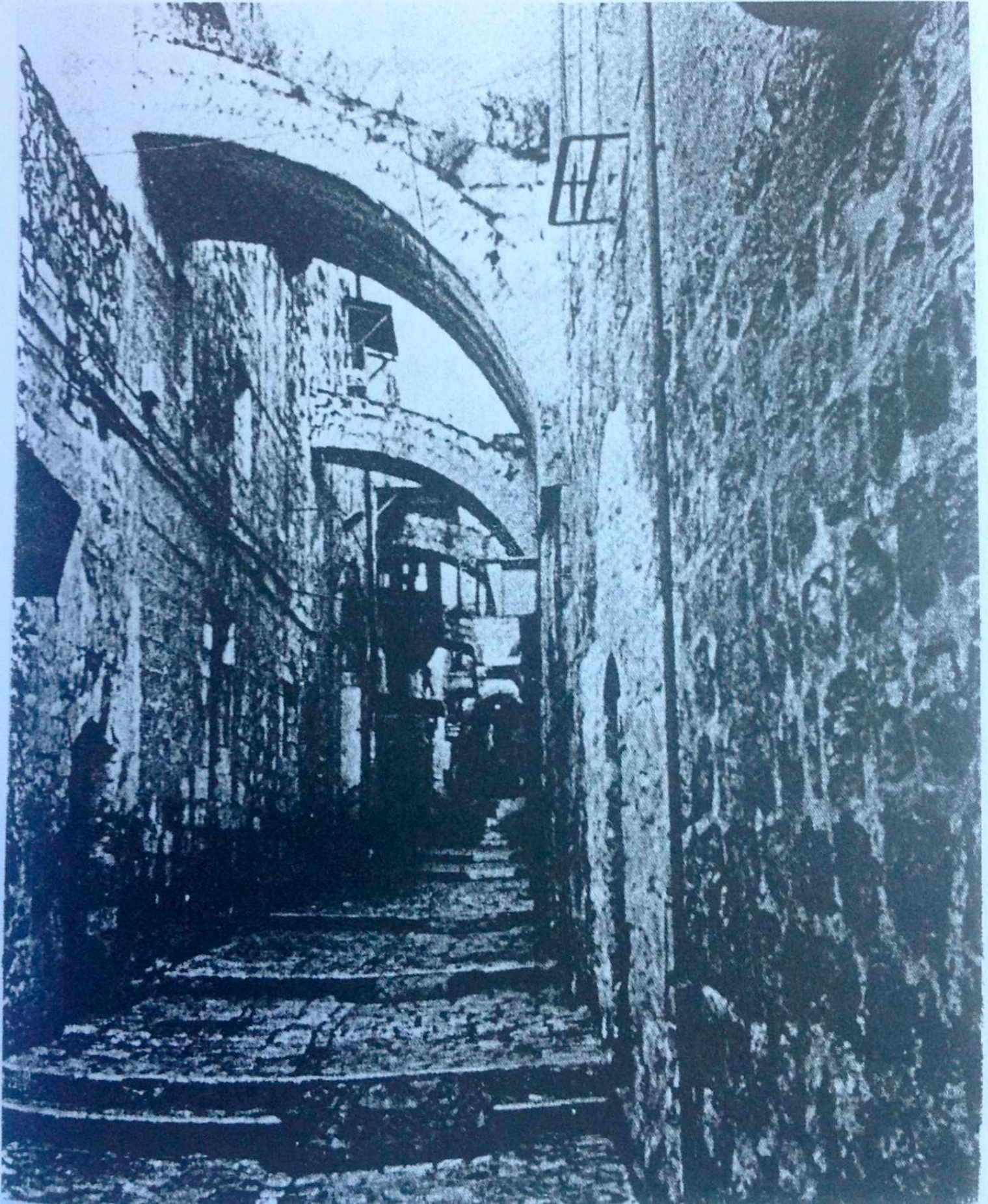
593. De ti, minha amiga, quero que não afastes de teu peito e coração este ramalhete de mirra (**Ct 1, 12**). Imita-me, com todas tuas forças, na memória e exercícios que Eu fazia, para imitar meu Filho santíssimo em suas dores, e reparar os agravos que sua divina pessoa recebeu, nas injúrias e blasfêmias dos inimigos que o crucificaram. Procura tu, agora, no mundo, desagravá-lo um pouco da grosseira ingratidão e esquecimento dos mortais. Para o fazer como eu quero de ti, nunca percas a memória de Cristo crucificado, afligido e blasfemado. Persevera nos exercícios que Eu fazia, sem os omitir, se não for por obediência, ou justa causa que te impeça. Se nisto me imitares, far-te-ei participante dos efeitos que Eu sentia nesses atos.

Preparação para a Comunhão

594. Oferece estes atos diários em preparação para a comunhão e, em seguida, imita-me nas demais diligências que nisso eu empregava. Considera que se Eu, sendo Mãe do mesmo Senhor que ia receber, não me julgava digna de sua sagrada Comunhão, e por tantos meios solicitava a pureza digna de tão alto Sacramento, que deves tu fazer, sendo pobre e sujeita a tantas misérias de imperfeições e culpas?

Purifica o templo de teu interior, examinando-o na luz divina e adornando-o com excelentes virtudes, pois é o Deus eterno que recebes, só Ele foi digno de se receber sacramentado. Invoca a intercessão dos anjos e santos, para que te alcancem graça do Senhor.

Acima de tudo te advirto que me invoques e peças a Mim este favor. Faço-

te saber, que sou especial advogada e protetora dos que desejam se aproximar, com grande pureza, da sagrada Comunhão. Quando para isso me invocam, apresento-me no céu ante o trono do Altíssimo, e peço seu favor e graça para os que assim desejam recebê-lo sacramentado, pois conheço qual a disposição que deve ter o lugar onde vai entrar o próprio Deus. Por estar no céu, não perdi este cuidado e zelo de sua glória que, com tanto desvelo, procurava quando vivia na terra. Em seguida à minha intercessão, pede a dos anjos que também são solícitos de que as almas se aproximem da sagrada Eucaristia, com grande devoção e pureza.

Uma das ruas de Jerusalém, percorrida por Jesus em sua Paixão

Virgem fiel, vaso insigne de devoção

CAPÍTULO 11

COM NOVOS DONS, O SENHOR ELEVOU MARIA SANTÍSSIMA A NOVO ESTADO, SUPERIOR AO DESCRITO NO CAPÍTULO 8 DESTE LIVRO.

Crescimento espiritual da Virgem

595. No capítulo 8 deste livro, ficou escrito que a grande Rainha do céu foi sustentada pelo Senhor, naquele estado e disposição que ali expliquei[1], por mil duzentos e sessenta dias referidos pelo Evangelista no capítulo 12 do Apocalipse (**V. 6**). Estes dias somam três anos e meio, mais ou menos, com que a Mãe puríssima completou os sessenta e cinco.

Como a pedra, em seu movimento natural para o centro, aumenta de velocidade na medida que dele se aproxima, assim nossa grande Rainha e Senhora das criaturas. Quanto mais ia se aproximando do termo de sua vida santíssima, tanto mais velozes eram os vôos de seu puríssimo espírito e os ímpetos de seus desejos, para chegar ao centro de seu eterno repouso.

Desde o instante de sua imaculada Conceição, saíra, como rio caudaloso, do oceano da Divindade, onde foi ideada nos séculos eternos. Na correnteza de tantos dons, graças, favores, virtudes, santidade e méritos, havia crescido de tal modo, que se lhe tornara estreita toda a esfera da criação. Com rápido e quase impaciente movimento da sabedoria e do amor, apressava-se a se unir ao mar e voltar donde saíra, para dali transbordar sua maternal clemência sobre a Igreja (**Ecl 1, 7**).

Martírio de amor

596. Nestes últimos anos, a grande Rainha vivia numa espécie de martírio contínuo, pela doce violência do amor. Diz a verdadeira filosofia que nestes movimentos do espírito, quanto mais perto está o centro, com tanto mais força atrai o que dele se aproxima.

Maria santíssima encontrava-se tão perto do infinito e sumo Bem que só os separava, como disse o Cântico (**2, 9**), a cancela ou parede da mortalidade, e esta não impedia a visão e o amor recíproco. Em ambos, estava o amor que, por si, não tolera impedimentos à união do que ama, e nada deseja tanto como afastar os obstáculos para conseguir a união.

Desejava-a seu Filho santíssimo, mas detinha-o a necessidade que a Igreja tinha de tal Mestra. Desejava-a a amorosa Mãe, mas se retraia de pedir a morte natural. Não podia, contudo evitar a força do amor, nem deixar de sentir a violência da vida

1 - nº 536

mortal e das prisões que lhe impediam o vôo.

Maria, a Esposa dos Cânticos

597. Enquanto não vencia o prazo determinado pela eterna Sabedoria, sofria as dores do amor que é forte como a morte (**Ct 8, 6**). Essas dores chamavam pelo Amado, pedindo-lhe deixar seu retiro, vir ao campo e permanecer na aldeia para ver as flores e os frutos, tão suaves e perfumados, de sua vinha (**Ct 7, 12**). Com estas flechas de seu olhar e desejos feriu o coração do Amado (**Ct 4, 9**), fe-lo voar das alturas e descer a seu encontro.

Certo dia, na época de que vou falando, as ânsias amorosas da bem-aventurada Mãe cresceram de tal modo que, na verdade, pôde dizer estar enferma de amor (**Ct 2, 5**). Sem as imperfeições de nossas paixões terrenas, adoeceu com os ímpetos do coração que se moveu do lugar. Permitiu-o o Senhor, para que assim como Ele era a causa da enfermidade, fosse também a da cura.

Os santos anjos que assistiam sua Rainha, admirados da intensidade do seu amor, procuravam aliviá-la, com a segura esperança de sua desejada posse. Estes remédios, porém, em vez de apagar, aumentam a chama, e a grande Senhora só os conjurava a dizerem a seu dileto, que Ela estava enferma de amor (**Ct 5,8**). Em resposta, eles descreviam os encantos do Amado por quem Ela suspirava.

Nesta ocasião e em outras, nestes últimos anos de sua vida, cumpriram-se mais à letra, nesta única e digna Esposa, todos os mistérios encerrados nos Cânticos de Salomão. Foi necessário que os Príncipes angélicos, que em forma visível a assistiam, a sustentassem nos braços pelas dores que sofria.

Jesus leva sua Mãe ao céu

598. Nesta ocasião, seu Filho santíssimo desceu do céu para visitá-la. Vinha num trono de glória, acompanhado de milhares de anjos a lhe cantar louvores. Aproximando-se da Mãe puríssima, confortou-a e lhe disse: Minha Mãe diletíssima e escolhida para nosso agrado, os clamores e suspiros de vosso amor feriram meu coração (**Ct 4, 9**). Vem, minha pomba, à minha celestial morada, onde vossa dor se transformará em gozo, vossas lágrimas em alegria, e ali descansareis de vossas penas.

Logo, por ordem do Senhor, os santos anjos colocaram a Rainha no trono, ao lado de seu Filho santíssimo, e com celeste harmonia subiram ao céu empíreo. Maria santíssima adorou a beatíssima Trindade, permanecendo a seu lado a humanidade de Cristo, nosso Salvador, dando aos habitantes do céu, maior gozo acidental. O Senhor, a nosso modo de entender, despertou a atenção dos santos, e disse ao eterno Pai:

Cristo apresenta os méritos de sua Mãe

599. Meu Pai e Deus eterno, esta mulher é aquela que me deu forma de homem em seu virginal seio; alimentou-me com seu leite e me sustentou com seu trabalho; acompanhou-me nos meus sofrimentos e cooperou comigo nas obras da Redenção humana; foi sempre fidelíssima e cumpriu em tudo nossa vontade, com plenitude de nosso agrado; é imaculada e pura como digna Mãe minha, e por suas obras chegou ao cume da santidade e dons que nosso poder infinito lhe comunicou.

Quando mereceu a recompensa e pôde gozá-la para sempre, dela se privou só por nossa glória e voltou à Igreja militante, para cooperar em sua fundação, gover-

no e magistério; para nela viver e socorrer aos fiéis, lhe adiamos o descanso eterno que muitas vezes mereceu. Na suma bondade e equidade da nossa providência, há razão para minha Mãe ser remunerada pelo amor e obras que lhe devemos, mais do que todas as criaturas. Para Ela não vigora a lei comum às outras.

Se, para todas Eu mereci prêmios infinitos e graça sem medida, é justo que minha Mãe as receba mais do que todo o resto delas, as quais lhe são muito inferiores. Com suas obras, Ela corresponde à nossa liberal grandeza. Além disto, não tem impedimento para ostentar o nosso poder infinito e participar de nossos tesouros, como Rainha e Senhora de tudo o que é criado.

Resposta do eterno Pai

600. A esta proposição da humanidade santíssima de Cristo, respondeu o eterno Pai: Meu Filho diletíssimo, em quem tenho a plenitude do meu agrado e complacência (**Mt 17, 5**): Vós sois o primogênito e cabeça dos predestinados (**Rm 8, 29**), e em vossas mãos coloquei todas as coisas (**Jo 3, 35**), para julgardes com equidade (**Jo 5, 22**) todas as tribos e gerações de minhas criaturas. Distribui meus tesouros infinitos à vossa vontade, e deles fazei participante a nossa Amada, que vos vestiu da carne passível, conforme à sua dignidade e mérito, tão estimáveis para nós.

Novos privilégios concedidos à Virgem

601. Com este beneplácito do eterno Pai, determinou Cristo, nosso Salvador, em presença dos Santos, que desde aquele dia, enquanto Ela vivesse em carne mortal fosse, pelos anjos, levada ao céu empíreo todos os domingos. Era o dia que encerrava seus exercícios da Paixão e correspondia à Ressurreição do Senhor. Em corpo e alma, na presença do Altíssimo, celebraria o gozo deste mistério.

Determinou também o Senhor que, na comunhão quotidiana receberia a visão de sua santíssima humanidade unida à divindade, por outro novo e admirável modo, diferente do que tivera até aquele dia. Este favor seria como penhor e preciosa garantia da glória que para sua Mãe preparou, desde a eternidade.

Entenderam os bem-aventurados, quão justo era conceder estes favores à divina Mãe: para glória do Onipotente e demonstração de sua grandeza; pela dignidade e santidade da grande Rainha; e pela digna retribuição que só Ela podia oferecer por essas graças. Todos os celícolas entoaram cânticos de glória e louvor ao Senhor, proclamando-o santo, justo e admirável.

Exaltação e humildade da Mãe de Deus

602. Dirigindo-se à sua Mãe puríssima. disse-lhe Jesus - Minha Mãe amantíssima, em Vós estarei sempre, até o fim de vossa vida mortal, por novo e admirável modo, até agora nunca visto pelos anjos e pelos homens. Com minha presença, não sentireis a solidão, e onde estou está a minha pátria. Em Mim descansareis de vossos ardentes desejos; não vos sejam penosas as prisões do corpo mortal, pois logo sereis libertada. Enquanto esperais esse dia, serei o conforto em vossas aflições, e às vezes afastarei a cortina que vos separa do que tanto amais e desejais. Para tudo, vos dou minha real palavra.

Enquanto lhe eram feitas estas

promessas e favores, estava Maria santíssima mergulhada em profunda e inefável humildade, louvando, exaltando e agradecendo a liberalidade do Onipotente e aniquilando-se na própria estima.

Este espetáculo, não se pode explicar nem entender nesta vida. Ver o próprio Deus elevar a sua digna Mãe a tão alta excelência e estima de sua divina sabedoria; ao mesmo tempo, ver esta sublime criatura competindo com o poder divino através da humildade e abatimento; e merecendo, com essa mesma humildade, aquela exaltação.

Maria no céu

603. Depois disto, foi iluminada, e suas potências preparadas, como noutras vezes expliquei[2], para a visão beatífica. A cortina foi então afastada e viu a Deus intuitivamente, gozando por algumas horas e mais intensamente do que todos os santos, a fruição e glória essencial. Bebia as águas da vida em sua fonte; saciava seus ardentíssimos desejos; chegava a seu centro, interrompia aquele movimento velocíssimo, para depois voltar a recomeçá-lo.

Depois desta visão, deu graças à santíssima Trindade, sempre rogando pela Igreja. Toda renovada e fortalecida, foi trazida de volta pelos anjos ao seu oratório, onde ficara seu corpo, no modo como expliquei, para não ser percebida sua ausência[3].

Descendo da nuvem em que a conduziram, prostrou-se em terra, como costumava, e ali se humilhou, pelo favor que recebera, mais do que todos os filhos de Adão por causa dos próprios pecados e misérias. Desde esse dia, até o fim de sua vida mortal, cumpriu-se a promessa do Senhor. Todos os domingos, quando terminava os exercícios da Paixão, depois da meia-noite, ao chegar a hora da Ressurreição, seus anjos a colocavam num trono de nuvens e a levavam ao céu empíreo, onde Cristo seu Filho santíssimo vinha recebê-la e, com inefável amplexo, a unia consigo.

Ainda que, nem sempre, a divindade se lhe manifestava intuitivamente em visão beatífica, era com tantos efeitos e participação da glória, que excede a toda capacidade humana. Nestas ocasiões, os anjos lhe cantavam: *Rainha do céu alegrai-vos aleluia.* Eram dias muito festivos para os bem-aventurados, especialmente para São José, Sant'Ana, São Joaquim, seus parentes mais próximos e seus anjos custódios.

Consultava com o Senhor os negócios mais graves da Igreja, pedia por ela, em particular pelos Apóstolos e voltava à terra carregada de riquezas, como a nave do mercador, descrita por Salomão no capítulo 31 dos Provérbios (v. 14).

2 - 1ª Parte, desde o nº 626

3 - acima, nº 400, 490

Direitos da Mãe de Deus

604. Este privilégio foi singular graça do Altíssimo, mas de certo modo devido à sua bem-aventurada Mãe, por dois títulos: primeiro, merecendo gozar a visão beatífica, privou-se de seu gozo para cuidar da Igreja, e muitas vezes chegava ao ponto de perder a vida pela força do amor e do desejo de ver a Deus. Para lhe conservar a vida, era muito congruente levá-la à sua divina presença, e sendo possível e conveniente, o Filho não o poderia recusar à sua Mãe.

Em segundo lugar, renovando em cada semana a paixão de seu Filho santíssimo, também ressuscitava com Ele. Como Jesus já se encontrava glorioso no céu, era justo que em sua presença, fizesse sua Mãe participante do gozo de sua Ressurreição e, com alegria, Ela colhesse o fruto das dores e lágrimas que havia semeado (**Sl 125, 5**).

A comunhão diária

605. O segundo favor que seu Filho santíssimo lhe prometeu, foi a Comunhão todos os dias. Advirto que até a idade e época de que vou falando, a grande Rainha não comungava em alguns dias, como na viagem para Éfeso, quando São João se ausentava e por outros imprevistos. A profunda humildade obrigava-a a se acomodar a tudo, sem a pedir aos apóstolos, submissa à sua obediência. Em tudo, foi a grande Senhora mestra e modelo da perfeição, ensinando-nos a sujeição que devemos praticar, mesmo no que nos parece muito santo e conveniente.

O Senhor, porém, que repousa nos corações humildes, e mais do que em qualquer outro queria viver e descansar no de sua Mãe, e muitas vezes nele renovar suas maravilhas, ordenou que desde esta ocasião de que falo, até o fim de sua vida, comungasse todos os dias.

A grande Senhora conheceu, no céu, esta vontade do Altíssimo, mas prudentíssima em todo seu proceder, deixou que a vontade divina se executasse através da obediência a São João, a quem humildemente se sujeitava como a seu superior.

Exemplar obediência da Virgem

606. Em conseqüência, não quis comunicar pessoalmente ao Evangelista, a vontade do Senhor. Aconteceu que, certo dia, o santo Apóstolo se encontrava muito atarefado na pregação, e ia passando a hora da comunhão. Maria consultou a seus santos anjos para saber o que deveria fazer. Responderam-lhe que se cumprisse a ordem de seu Filho santíssimo e que eles avisariam São João, fazendo-o conhecer o mandato de seu Mestre.

Um dos anjos foi logo onde ele estava pregando e, manifestando-se, lhe disse: João, o Altíssimo quer que sua Mãe e nossa Rainha o receba sacramentado todos os dias, enquanto viver neste mundo.

Com este aviso, o Evangelista voltou imediatamente ao Cenáculo, onde Maria santíssima estava recolhida à espera da comunhão e lhe disse: Minha Mãe e Senhora, o anjo do Senhor me comunicou a ordem de nosso Deus e Mestre, para que vos administre seu sagrado corpo sacramentado todos os dias.

Respondeu-lhe a bem-aventurada Mãe: E vós, senhor, que me ordenais? - Replicou São João: Que se faça o que manda vosso Filho e meu Senhor - Respon-

deu a Rainha: Aqui está sua escrava para lhe obedecer.

Desde esse dia, até o fim da vida, comungou diariamente, com apenas duas exceções. Nos dias do exercício da Paixão comungava na quinta-feira e no sábado. No domingo, sendo levada ao céu, como se disse[4], esta graça substituía a Comunhão.

Maria satisfez o dom da Eucaristia

607. Desde aquele dia, no momento em que recebia no peito as espécies sacramentais, manifestava-se-lhe a pessoa de Cristo na idade em que instituiu o santíssimo Sacramento. Ainda que via a divindade só abstrativamente, mediante a visão que gozava permanentemente, a humanidade se lhe manifestava gloriosa, muito mais refulgente e admirável do que quando se transfigurou no Tabor.

Gozava desta visão três horas contínuas depois de comungar, com efeitos que não se podem explicar com palavras.

Este foi o segundo favor que seu Filho santíssimo lhe prodigalizou para, de algum modo, compensar-lhe o adiamento da eterna glória que lhe estava preparada. Além desta razão, o Senhor teve outra, nesta maravilha. Quis receber, antecipadamente, compensação e desagravo pela ingratidão, tibieza e má disposição com que os filhos de Adão, nos tempos da Igreja, haviam de tratar e receber o sagrado mistério da Eucaristia.

Se Maria santíssima não houvera suprido a deficiência das outras criaturas, este benefício não ficaria dignamente agradecido pela Igreja, nem o Senhor ficaria devidamente satisfeito com a retribuição que os homens lhe devem pelo dom deste Sacramento.

4 - nº 603

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS.

Morte e eternidade

608. Minha filha, terminado o breve curso de sua vida, os mortais chegam ao termo que Deus lhes determinou, para merecerem a eterna. Então, se acabam também todos os enganos, na experiência da eternidade em que entram, ou para a glória, ou para a pena que nunca terá fim. Ali verificam os justos em que consistiu sua felicidade e remédio, e os réprobos a causa de sua lamentável e eterna perdição.

Oh! quão ditosa é, minha filha, a criatura que, no breve momento de sua vida, procura conhecer antecipadamente pela ciência divina, o que tão brevemente há de saber por experiência! Esta é verdadeira sabedoria: não esperar conhecer seu destino ao acabar, mas sim ao principiar a carreira, para percorrê-la com mais segurança, do que dúvidas, de o alcançar.

Considera, pois, os sentimentos dos que, ao principiar uma corrida, vissem colocado no fim da distância um rico prêmio, destinado a quem corresse com toda presteza (**1 Cor 9, 24**). É indubitável que correriam com a máxima rapidez, sem se distrair ou embaraçar com coisa alguma que os pudesse retardar. E, se não corressem, menosprezando o prêmio que os esperava, seriam tidos por loucos e por quem ignora o que está perdendo.

Loucura dos pecadores

609. Esta é a vida mortal dos homens. Seu breve curso terá, por prêmio ou por castigo, a eternidade de glória ou de tormento, e assim terminará a carreira. Para começar a corrê-la, todos recebem uso da

razão e liberdade da vontade. Ninguém pode alegar ignorância desta verdade, ainda menos os filhos da Igreja.

Onde está, pois, o juízo dos que têm fé católica? Por que a vaidade os embaraça? Por que, ou para que, se enredam no amor do aparente e ilusório? Por que assim esquecem o fim, onde chegarão tão brevemente? Como não se dão por entendidos do que ali os aguarda?

Ignoram, por ventura, que nascem para morrer (**Sl 88, 49**) e que a vida é momentânea, a morte infalível, o prêmio ou o castigo certo e eterno? (**2 Cor 4, 17**). Que respondem a isto, os amadores do mundo? Os que consomem sua curta vida em adquirir riquezas, em acumular honras, em consumir suas forças e capacidades no gozo de corrompidos e vilíssimos deleites?

Renúncia ao mundo

610. Adverte, minha amiga, quão falso e desleal é o mundo em que nasceste e conheces. Nele, quero que sejas minha discípula, minha imitadora, fruto de meus desejos e pedidos. Esquece o mundo, com íntimo aborrecimento; não percas de vista o termo para onde rapidamente caminhas, o fim para que te formou o Criador; isso anela sempre, nisso se ocupem teus cuidados e suspiros.

Não te distraias com o transitório, vão e mentiroso; só o amor divino viva em ti e consuma todas tuas forças, pois não é verdadeiro amor aquele que as emprega em amar outra coisa e não lhe submete e entrega tudo. Que em ti, ele seja forte como a morte (**Ct 8, 6**) e te renove como eu desejo. Não impeças meu Filho santíssimo de cumprir em ti sua vontade, e te asseguro sua fidelidade em remunerar mais do que cento por um (**Mt 19, 29**).

Atende, com veneração humilde, ao que até agora te foi manifestado. Exorto-te e admoesto a fazeres de novo a experiência desta verdade, como te mando. Continuarás meus exercícios, com novo cuidado, em acabando esta História. Agradece ao Senhor o grande e estimável favor de haver ordenado e disposto por teus prelados, de o receberes cada dia sacramentado. Prepara-te, à minha imitação, e continua as petições a que te exortei e ensinei.

A Virgem e a SSma. Trindade.

CAPÍTULO 12

COMO CELEBRAVA MARIA SANTÍSSIMA SUA IMACULADA CONCEIÇÃO E NASCIMENTO; GRAÇAS QUE, NESSES DIAS, RECEBIA DE SEU FILHO E NOSSO SALVADOR JESUS.

Títulos e ofícios da Mãe de Deus

611. Todos os ofícios e títulos honoríficos que Maria santíssima possuía na santa Igreja - Rainha, Senhora, Mãe, Governadora, Mestra - e os mais que lhe deu o Onipotente, não eram vazios como os conferidos pelos homens, mas eram cheios com a plenitude e graça superabundante que cada um exigia e que o mesmo Deus lhe podia comunicar.

Rainha, conhecia toda sua monarquia. Senhora, sabia até onde chegava seu domínio. Mãe, distinguia todos os filhos e membros de sua família, sem ignorar nenhum, em todos os séculos que se sucederiam na Igreja. Governadora, reconhecia todos os que estavam a seus cuidados. Mestra cheia de sabedoria, possuía toda a ciência com que a santa Igreja, em todas as épocas, seria governada e instruída, mediante sua intercessão, pelo Espírito Santo que a iria guiar e reger até o fim do mundo.

Maria imita na terra o culto celeste

612. Por este motivo, nossa grande Rainha teve claro conhecimento, não só de todos os santos que a precederam e sucederam na Igreja, de suas vidas, obras, morte e recompensa que alcançariam no céu; mas ainda previu todos os ritos, cerimônias, preceitos e festividades que, na sucessão dos tempos, a Igreja estabeleceria.

Além disso, entendeu as razões, necessidades e tempos oportunos em que estas coisas iriam se estabelecendo, mediante a assistência do Espírito Santo, que nos dá o alimento no tempo mais conveniente, para a glória do Senhor e crescimento da Igreja.

Sobre esta matéria, falei um pouco no decurso desta História, particularmente na segunda parte [1], pelo que não é necessário repetir aqui.

Desta plenitude de ciência, e da santidade que lhe correspondia, despertou-se na divina Mestra santa inveja do agradecimento, culto, veneração e memória que os anjos e santos celebravam na Jerusalém triunfante. Desejou introduzir este culto na militante, na medida em que esta pudesse imitar aquela, onde tantas vezes presenciara o que ali se fazia em louvor e glória do Altíssimo.

A Virgem iniciadora da liturgia

613. Com este espírito mais que seráfico, principiou a praticar, pessoalmen-

1 - nºs 734, 789

te, muitas das cerimônias, ritos e exercícios que depois a Igreja adotou, advertindo e ensinando aos apóstolos, para que os introduzissem, na medida que então fosse possível.

Não só os exercícios da Paixão, que disse acima [2], partiram de sua iniciativa, mas também muitos costumes e práticas que depois seriam adotados nos templos e nos institutos de vida religiosa. Tudo quanto sabia ser para o culto do Senhor ou exercício de virtude, o praticava. E, sendo tão sábia, nada ignorava de quanto poderia ser conhecido.

Entre as práticas e ritos que começou a celebrar, incluiu muitas festas do Senhor e suas, para comemorar os dons com que fora agraciada, tanto os que se referiam a todo gênero humano, como os seus particulares, a fim de dar graças e adoração ao Doador de todos.

Não obstante nisso se empregar continuamente, sem esquecimento, ao chegarem os dias em que sucederam aqueles mistérios, distinguia-os e preparava-se para celebrá-los, com especiais práticas e gratidão.

Nos capítulos seguintes falarei de diversas festividades. Neste, só direi como celebrava sua Imaculada Conceição e Nascimento, os primeiros mistérios de sua vida. Começara a fazer estas comemorações, desde e Incarnação do Verbo, mas celebrava-as principalmente depois da Ascensão e nos últimos anos de sua vida.

Comemorações de sua Imaculada Conceição

614. A oito de Dezembro celebrava sua Imaculada Conceição, com singular alegria e agradecimento, impossível de se compreender. Esta graça foi para a grande Rainha de suma estimação e apreço, e para retribui-la acreditava-se sempre incapaz.

Começava na tarde anterior e passava a noite em admiráveis exercícios, lágrimas de alegria, atos de humildade, prostrações e cânticos de louvor ao Senhor. Considerava-se formada no barro comum, descendente de Adão pela ordem geral da natureza, porém escolhida, separada e a única preservada, e isenta do pesado tributo da culpa, concebida com tanta plenitude de graça e dons.

Convidava aos seus anjos para a ajudarem agradecer e, com eles, alternava os cânticos que compunha. Em seguida, pedia o mesmo aos demais anjos e santos que estavam no céu e, de tal modo, se inflamava no amor divino, que sempre era necessário ser confortada pelo Senhor, para não morrer.

A festa no céu

615. Depois de ter passado quase toda a noite nestes exercícios, descia do céu o Salvador. Os anjos colocavam-na no real trono e a levavam ao céu empíreo onde continuava a celebração da festa, com novo júbilo e glória acidental dos cortesãos da celestial Jerusalém.

Ali, a bem-aventurada Mãe se prostrava em adoração à santíssima Trindade, e novamente agradecia o favor de sua concepção imaculada. Depois a colocavam outra vez à direita de Cristo, seu Filho santíssimo, que, então, fazia uma espécie de confissão e louvor ao eterno Pai por ter lhe dado Mãe tão digna, cheia de graça e isenta da comum culpa dos filhos de Adão.

As três Pessoas confirmavam novamente aquele privilégio, como se o ratificassem, aprovassem e o entregassem a posse da grande Senhora, comprazendo-se de a ter favorecido, entre todas as cria-

2 - nº 577

turas. Para testemunhar de novo aos bem-aventurados esta verdade, saiu uma voz do trono, em nome da pessoa do Pai, dizendo: Formosos são teus passos, filha do Príncipe (Ct 71), e concebida sem mancha de pecado. - Outra voz, a do Filho, dizia: Puríssima és e sem contágio da culpa, minha Mãe que me deu forma na qual redimir os homens. - O Espírito Santo acrescentava: És toda bela minha esposa, toda formosa e sem mancha da culpa comum a todos (Ct 4, 7).

Participação dos anjos, dos santos e visão beatífica

616. Depois disto, ouvia-se os coros de anjos e santos cantarem com suavíssima harmonia: Maria santíssima, concebida sem pecado original!

A todas estas homenagens, respondia a Mãe prudentíssima com agradecimentos, culto e louvor ao Altíssimo, e com tão profunda humildade, que excedia a todo pensamento angélico.

Para encerrar a solenidade, era levada à visão intuitiva e beatífica da santíssima Trindade e gozava por algumas horas desta glória. Depois os anjos a traziam de volta ao Cenáculo.

Com este rito continuou a ser celebrada sua Imaculada Conceição depois da Ascensão de seu Filho santíssimo ao céu. Agora nele é celebrada no mesmo dia, mas de modo diferente, do qual falarei em outro livro que tenho ordem de escrever sobre a Igreja e Jerusalém triunfante, se o Senhor me conceder escrevê-lo.

Desde a Incarnação do Verbo, a Senhora começou a celebrar esta festa e outras, porque ao se tornar Mãe de Deus, principiou a comemorar os benefícios que para esta dignidade havia recebido. Mas, nesses primeiros tempos celebrava estas festividades com seus santos anjos e com o culto e agradecimento que oferecia a seu Filho presente, de quem recebera tantas graças e dons.

O mais que fazia em seu oratório, depois que descia do céu, era o mesmo que outras vezes tenho dito [3] em ocasiões semelhantes, sempre crescendo em sua admirável humildade.

A festa da Natividade

617. A festa de seu Nascimento celebrava a oito de setembro e começava à noite que o precedia, com os mesmos exercícios, prostrações e cânticos da festa da Conceição. Agradecia por ter nascido à luz deste mundo e pela graça que então recebeu, de ter sido levada ao céu e ter visto a Divindade intuitivamente, como dissemos em seu lugar, na primeira parte [4].

Propunha novamente empregar

3 - nºs 4, 168, 388, 400, etc.
4 - nºs 331, 333

toda a vida no maior serviço e agrado possível do Senhor, pois sabia que lha dava para este fim.

Ela, que ao entrar na vida já ultrapassara em merecimentos aos supremos santos e serafins, ao aproximar o termo da existência, ainda fazia propósitos de começar de novo a trabalhar, como se fôra o primeiro dia em que iniciava a prática da virtude. Tornava a pedir a Deus a ajudasse e governasse em todas as suas ações, dirigindo-as ao mais alto fim de sua glória.

Presença de Cristo, dos anjos e santos

618. Nessa festa não era levada ao céu como na da Conceição, mas seu Filho santíssimo de lá descia ao seu oratório, acompanhado por muitos coros de anjos, de antigos patriarcas e profetas, entre os quais se distinguiam São Joaquim, Sant'Ana e São José.

Com esta comitiva, nosso Salvador vinha à terra celebrar a Natividade de sua Mãe santíssima. Na presença daquela celestial assembléia, a puríssima entre as criaturas adorava seu Filho com admirável culto e reverência, e de novo lhe agradecia por tê-la trazido ao mundo e os favores que para isto lhe fizera.

Os anjos faziam o mesmo e cantavam à sua Rainha: Natívitas tua, etc., que quer dizer: teu nascimento, ó Mãe de Deus, trouxe ao mundo grande alegria, porque de Ti nasceu o sol de justiça, nosso Deus.

Os patriarcas e profetas também entoavam cânticos de glória e ação de graças; Adão e Eva, porque nascera a Reparadora de sua culpa; os Pais e Esposo da Rainha, por lhes ter dado tal filha e tal Esposa.

O Senhor levantava sua Mãe do solo onde estava prostrada, colocava-a à sua direita, e ali se lhe manifestavam novos mistérios na visão da divindade que, embora não fosse intuitiva e gloriosa, era abstrativa com luz e claridade sempre crescentes.

São João evangelista, capelão da Virgem

619. Com estas graças tão inefáveis, ficava transformada em seu Filho santíssimo, inflamada e espiritualizada para trabalhar na Igreja, como se começasse de novo. Nestas ocasiões, o santo evangelista João mereceu participar de alguns indícios da festa, ouvindo a música com que os anjos a celebravam.

Estando o Senhor no oratório, com os anjos e santos que o acompanhavam, o Evangelista dizia a missa e dava a comunhão à grande Rainha que se encontrava a direita do Filho, a quem recebia sacramentado em seu peito.

Estes mistérios eram espetáculo de alegria para os santos, que serviam como de padrinhos na comunhão mais digna que, depois da de Cristo, jamais se viu nem se verá no mundo. Em recebendo a grande Senhora a seu Filho sacramentado, deixava-a recolhida consigo naquela forma sacramental, e na gloriosa voltava ao céu.

Oh! ocultas maravilhas da Onipotência divina! Se com os santos, Deus se manifesta grande e admirável (Sl 67, 36), que seria com sua digna Mãe a quem amava acima de todos, e para quem reservou o sublime de sua sabedoria e poder? Todas as criaturas O confessem, lhe dêem glória, virtude e magnificência.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Receios da Escritora

620. Minha filha, a primeira dou-

trina deste capítulo quero que seja resposta ao receio que vejo em teu coração, sobre os mistérios tão elevados e singulares de minha vida, que escreves nesta História.

Dois cuidados assaltaram teu interior: primeiro, se és instrumento conveniente para escrever estes segredos, ou fôra melhor terem sido escritos por outra pessoa mais sábia e perfeita na virtude, para lhes dar maior autoridade, já que és a menor, mais inútil e ignorante de todas.

Em segundo lugar, duvidas se os que lerem estes mistérios lhes darão crédito, por mui singulares e nunca ouvidos, em particular as visões beatíficas e intuitivas da divindade que eu recebi tantas vezes na vida mortal.

À tua primeira dúvida respondo, concordando que és a menor e mais inútil que todos. Da boca do Senhor ouviste isso, Eu o confirmo e assim o deves acreditar. Adverte, porém, que o crédito desta História e de tudo que ela contém, não depende do instrumento, mas do Autor que é a Suma verdade, e da que está contida no que escreves. Nisto, nada lhe poderia acrescentar o mais supremo serafim se a escrevesse, nem tu tampouco lhe podes tirar ou diminuir qualquer coisa.

A escritora é apenas instrumento

621. Que fosse um anjo a escrevê-lo não seria conveniente, pois ainda assim, os incrédulos e duros de coração achariam motivo para o impugnar. Era necessário que o instrumento fosse humano, não porém, o mais douto e sábio, a cuja ciência fosse atribuído. A luz divina poderia ser ofuscada, confundida com sua ciência, e atribuída à industria do pensamento humano. É maior glória para Deus que seja uma mulher a quem nada pode ajudar, nem a ciência nem a própria indústria.

Eu também, tenho especial glória e prazer que sejas tu o instrumento, porque tu e todos quantos lerem, saberão que nesta História nada é teu. Não deves atribui-la a ti mais do que a pena com que a escreves, pois não passas de instrumento nas mãos do Senhor, e transmissora de minhas palavras.

Não temas que o fato de seres tão sem valor e pecadora, levem os mortais a recusarem dar-me a honra que me devem, pois se alguém não der crédito ao que escreves, não ofenderão a ti mas a Mim e às minhas palavras. Ainda que tuas faltas e culpas sejam muitas, podem ser apagadas pela caridade e imensa piedade do Senhor. Ele não quis escolher outro instrumento mais idôneo, mas te levantou do pó para manifestar seu liberal poder, empregando esta doutrina em quem melhor se possa conhecer sua verdade e eficácia. Por isto, quero que a pratiques e sejas tal como desejas ser.

Nada foi recusado à Maria

622. À segunda dúvida e cuidado que tens sobre se darão crédito ao que escreves, pela grandeza destes mistérios, já respondi muitas vezes no decurso desta História.

Quem fizer de Mim digno conceito e apreço, não encontrará dificuldade em me dar crédito, porque entenderá a proporção e correspondência dos favores que escreves, com a dignidade de Mãe de Deus. As obras de Deus são perfeitas, e se alguém duvida disso é porque ignora o que Deus é, e o que Eu sou.

Se Deus se mostrou tão liberal e amoroso com os demais santos, e há opinião na Igreja que muitos viram a divindade na vida mortal, e é certo que a viram; como, e com que fundamento, hão de negar a Mim

o que concedeu a outros tão inferiores?

Tudo quanto lhes mereceu meu Filho santíssimo, e as graças que lhes concedeu, estavam ordenadas à sua glória e depois à minha. Ora, mais se ama o fim do que os meios estimados por causa dele. Logo, maior foi o amor que inclinou a vontade divina a favorecer a Mim, do que a todos os mais que, por minha causa favoreceu. E o que fez uma vez com eles, não é para admirar que o fizesse muitas, com quem escolhera por Mãe.

Maria não teve impedimentos à graça

623. Já sabem os piedosos e prudentes, conforme ensinam em minha Igreja, que a regra para medir os favores que recebi da destra de meu Filho santíssimo, é sua onipotência e minha capacidade. Concedeu-me todas as graças que pôde conceder-me e Eu fui capaz de receber.

Estas graças não permaneceram ociosas em Mim, mas sempre frutificaram no máximo possível em pura criatura. O próprio Deus era meu Filho, poderoso para agir onde não encontra obstáculos, e Eu jamais os tive. Quem, portanto, se atreverá a limitar suas obras e o amor que me tinha como a Mãe? Ele mesmo me fez digna de seus benefícios e favores, acima de todos os santos. Nenhum destes se privou de O fruir no céu, uma hora sequer, para ajudar sua Igreja, como Eu o fiz por tantos anos.

Se parece muito tudo o que fez comigo, quero que entendam que todos seus favores tiveram seu fundamento e estiveram compreendidos no fato de Eu ter sido concebida sem pecado. Maior graça foi fazer-me digna de sua glória antes de a ter podido merecer, do que ma revelar depois, quando já possuía tantos méritos e nenhum impedimento para a receber.

As festividades de Maria

624. Com estas advertências acabarão teus receios, e o mais fica por minha conta. A ti só compete me seguir e imitar, pois para ti é esta a finalidade de tudo o que entendes e escreves. Esta deve ser tua solicitude: não deixar virtude alguma que conheceres, sem trabalhar por praticá-la.

Para isto, quero também que te lembres do que faziam os Santos que seguiram meu Filho santíssimo e a Mim. Não deves menos que eles à sua misericórdia, pois com nenhum ela foi mais piedosa e liberal do que contigo. Em minha escola, quero que aprendas o amor, a gratidão e a humildade de verdadeira discípula minha. Desejo que progridas e te distingas muito nestas virtudes.

Celebrarás todas minhas festividades, com íntima devoção, convidando os santos e anjos para te ajudarem nisso, principalmente a festa de minha Imaculada Conceição. Neste mistério, fui particularmente favorecida pelo poder divino. Este privilégio me foi de singular alegria, e agora a sinto quando os homens assim o reconhecem e louvam o Altíssimo por milagre tão raro.

No teu aniversário natalício, darás particulares graças ao Senhor, como Eu fazia, e lhe oferecerás algum ato especial em seu serviço. Acima de tudo, deves fazer o propósito de aperfeiçoar tua vida e começar de novo a trabalhar nisso. Assim deviam fazer todos os nascidos e não empregar o dia do nascimento em inúteis demonstrações de alegria terrena.

CAPÍTULO 13

MARIA SANTÍSSIMA CELEBRA, COM SEUS ANJOS, OUTROS FAVORES E FESTAS, ESPECIALMENTE SUA APRESENTAÇÃO E AS FESTIVIDADES DE SÃO JOAQUIM, SANT'ANA E SÃO JOSÉ.

A gratidão assegura os benefícios

625. A gratidão pelos benefícios que a criatura recebe do Senhor é virtude tão nobre, que por ela mantemos um santo comércio com Deus: rico e liberal Ele nos dá seus bens, e nós, pobres e humildes, lhe agradecemos reconhecidos. É próprio de quem dá, sendo liberal e generoso, contentar-se com o agradecimento do necessitado que precisou receber. O agradecimento é retribuição breve, fácil e agradável que satisfaz o doador e o inclina a continuar beneficiando o agradecido.

Se isto acontece até entre os homens de coração generoso, muito mais certo será entre Deus e os homens, porque nós somos a própria miséria e pobreza, enquanto Ele é rico (**Rm 10, 12**) e liberalíssimo; se tem alguma necessidade, não é de receber, mas de dar.

Sendo este Senhor tão sábio, justo e reto, nunca nos despreza por sermos pobres, mas sim se formos ingratos. Deseja dar-nos muito, mas para lhe sermos agradecidos, dando-lhe a glória, honra e louvor que se encerram na gratidão. Esta correspondência aos menores benefícios, move-o a outros maiores. Se os agradecemos, multiplica-os, pelo que, só quem é humilde e grato tem a garantia de seu favor.

Maria, Mestra da gratidão

626. A Mestra desta ciência foi Maria santíssima. Tendo só Ela recebido a plenitude dos benefícios que a Onipotência pode comunicar a uma pura criatura, não esqueceu um só deles, nem deixou de os reconhecer e agradecer, com a máxima perfeição que de uma criatura se poderia exigir.

Para cada uma das graças naturais e sobrenaturais que reconhecia ter recebido, dedicava especiais cânticos de louvor, de agradecimento, e outras admiráveis práticas, mediante as quais as relembrava, oferecendo alguma especial retribuição.

Durante o ano, tinha dias marcados, e nestes dias, horas determinadas, nas quais rememorava estas mercês e as agradecia. A todos estes atos e solicitude, acrescentava-se a do governo da Igreja, da instrução dos apóstolos e discípulos, a orientação para os que a consultavam, os quais eram inumeráveis. A ninguém se recusava, nem faltava à necessidade alguma dos fiéis.

A atividade de Maria assemelhava-se a de Deus

627. Se o agradecimento digno

comove tanto a Deus e o inclina a aumentar seus benefícios; que pensamento poderá imaginar, quanto lhe cativaria o coração, aquele que sua Mãe prudentíssima lhe dava por seus elevados e inumeráveis favores? Pelo perfeito amor, humildade e louvor que oferecia por todos, em geral, e para cada um em particular?

Em sua comparação, nós os outros filhos de Adão somos tardos, ingratos e tão pesados de coração que se fazemos um pouco, já nos parece muito. À oficiosa e agradecida Rainha, entretanto, o muito lhe parecia pouco, e fazendo o máximo, julgava-se remissa e menos diligente.

Em outra ocasião, dissemos [1] que a atividade de Maria santíssima era semelhante à de Deus, ato puríssimo que age pelo próprio ser, sem poder cessar suas operações infinitas. Desta perfeição e excelência da divindade, nossa grande Rainha teve uma inefável participação, pela qual toda ela parecia um agir infatigável e contínuo.

Em qualquer pessoa, a graça não tolera ficar ociosa. Em Maria, que a possuía sem imperfeição, e a nosso modo de entender, fora da medida comum, não era muito que lhe fosse dada tão alta participação do ser de Deus e de seu modo de operar.

Admiração e louvores dos anjos

628. Não posso encarecer mais, nem manifestar melhor este segredo, do que com a admiração dos santos anjos que, mais claramente, o presenciavam. Muitas vezes acontecia que, maravilhados com o que contemplavam em sua grande Rainha e Senhora, falavam ora entre si, ora com o Senhor, dizendo: Poderoso, grande e admirável é Deus nesta criatura, mais do que em todas as suas obras. N'Ela, a natureza humana nos ultrapassa de muito. Eternamente seja bendito e exaltado teu Criador, ó Maria! És o encanto e a beleza de toda linhagem humana. És santamente invejada pelos espíritos angélicos, és a admiração dos habitantes do céu. És a maravilha do poder de Deus, a ostentação de sua destra, o compêndio das obras do Verbo humanado, perfeito retrato de suas perfeições, cópia de todos os seus passos, em tudo semelhante àquele que formaste em teu seio. És a digna Mestra da Igreja militante e especial glória da triunfante, honra do nosso povo e Reparadora do teu. Todas as nações conheçam tua virtude e grandeza, e todas as gerações te louvem e bendigam. Amém.

Os anjos admiram a Virgem

629. Com estes príncipes celestiais, celebrava Maria santíssima as memórias das graças e dons que recebera do Senhor. Convidá-los para a ajudarem neste agradecimento, procedia não só de seu ardentíssimo amor que tudo lhe inspirava na insaciável sede produzida pelo fogo da caridade, mas nascia-lhe também da profunda humildade, pela qual se reconhecia mais devedora que todas as criaturas. Assim, convidava-as para a ajudarem saldar esta dívida, ainda que ninguém, a não ser Ela, podia dignamente pagá-la.

Com esta sabedoria, trasladava a corte do supremo Rei para seu oratório na terra, e do mundo fazia um novo céu.

A festa da Apresentação no templo

630. Todos os anos, celebrava o dia aniversário de sua Apresentação no templo. Começava na véspera à tarde, passando toda a noite em exercícios e ação de graças, como dissemos da Conceição e

1 - nº 308

Natividade[2]. Reconhecia o benefício, do Senhor a ter levado à sua casa em tão tenra idade, e todos os favores que recebeu enquanto ali esteve.

O mais admirável nesta festa é que, estando a grande Senhora das virtudes cheia de divina sabedoria, recordava as recomendações e doutrinas que o sacerdote e sua mestra lhe haviam dado, em sua infância no templo. O mesmo fazia com o que aprendera de seus santos pais Joaquim e Ana, e depois o que nos apóstolos tinha observado. Tudo praticava, no grau conveniente à sua idade adulta.

Ainda que para todos os seus atos, bastava o superior ensinamento de seu Filho santíssimo, rememorava o que havia recebido de qualquer pessoa. Em matéria de se humilhar e obedecer como inferior, deixando-se instruir, não deixava passar oportunidade de praticar estas virtudes.

Oh! quanto sublimou as lições dos sábios: não te apoies em tua prudência, nem sejas sábio contigo mesmo (**Pv 3, 5-7**). Não desprezes os avisos e doutrinas dos presbíteros e vive sempre de acordo com seus conselhos (**Ecl 8, 9**). Não queirais saber as coisas que vos ultrapassam, mas acomodai-vos às humildes (**Rm 12, 16**).

A divindade, templo da Virgem

631. Quando celebrava esta festa, a grande Rainha sentia alguma saudade do retiro que gozara no templo, não obstante haver prontamente obedecido ao Senhor para deixá-lo, e realizar os altíssimos desígnios que Ele tinha em vista. Como que para compensá-la deste sacrifício, concedia-lhe especial favor. Descia do céu, com magnífica majestade e a comitiva de anjos, como em outras ocasiões, ao oratório da bem-aventurada Mãe e lhe dizia: Minha Mãe e minha pomba, vinde a Mim, vosso Deus e vosso Filho. Quero dar-vos templo e morada mais alta, mais segura e divina, em meu próprio ser; vem, caríssima amiga, à

vossa legítima habitação.

A estas ternas palavras, os serafins levantavam do solo a sua Rainha, porque na presença de seu Filho ficava sempre prostrada, até que a mandasse levantar. Ao som de celestial música, colocavam-na à direita do Senhor. Logo Ela sentia a divindade de Cristo enchê-la toda de sua glória como a um templo, envolvendo-a como o peixe mergulhado no mar.

Nesta união e contato divino, recebia novos e indizíveis efeitos, porque lhe era dado um gênero de posse da divindade que não posso explicar. Embora não visse a Deus face a face, sentia a divina Mãe grande satisfação e júbilo.

2 - nºs 614, 617

Os patriarcas e profetas

632. A prudente Mãe intitulava esta graça, "meu altíssimo refúgio e morada"; e à festa chamava a "festa do ser de Deus"; fazendo admiráveis cânticos para a expressar e agradecer.

A finalidade deste dia era agradecer ao Onipotente, pelos antigos patriarcas e profetas, desde Adão até seus pais naturais, nos quais encerrou-se o seu número. Agradecia a todos os dons da natureza e da graça que o poder divino lhes dera, por tudo o que profetizaram e pelo mais que deles contam as sagradas Escrituras.

Dirigia-se depois a seus pais São Joaquim e Sant'Ana e agradecia-lhes por a terem oferecido a Deus no templo, logo nos primeiros anos da infância. Pedia-lhes que, na celestial Jerusalém onde gozavam da visão beatífica, agradecessem por Ela este benefício e pedissem ao Altíssimo a ensinasse a ser grata e a conduzisse em todas suas ações.

Por fim, voltava a lhes pedir que dessem graças ao Onipotente por havê-la criado isenta do pecado original, a fim de a escolher por Mãe. Estas duas graças, ser imaculada e Mãe de Deus, sempre as considerou inseparáveis.

Festa de São Joaquim e Sant'Ana

633. Os dias de São Joaquim e Sant'Ana celebrava quase com as mesmas cerimônias. Eles desciam do céu ao oratório com Cristo, nosso Salvador, e multidão de anjos. Com estes dava graças ao Senhor por lhe ter dado pais tão santos e conforme à divina vontade, e pela glória com que os tinha remunerado.

Por todas estas obras do Senhor, fazia novos cânticos com os anjos, e estes os repetiam com música sonora e suavíssima. Nestas festividades de seus Pais, acontecia ainda que os anjos da Rainha, e outros que desciam das alturas, seguindo a ordem de suas jerarquias, explicavam à grande Senhora um atributo ou perfeição do ser de Deus e outro do Verbo humanado. Este divino colóquio era para Ela de incomparável júbilo e novo incentivo de seus amorosos afetos, enquanto São Joaquim e Sant'Ana recebiam grande gozo acidental.

Ao terminarem estes mistérios, a grande Senhora pedia a bênção a seus Pais, e eles voltavam ao céu, permanecendo Ela prostrada em terra a agradecer aqueles favores.

Festa de São José

634. Na festa de seu santo e castíssimo esposo São José, celebrava o desposório, pelo qual o Senhor lho dera por companheiro fiel para velar os mistérios da Encarnação do Verbo e realizar com tão alta sabedoria, os segredos e obras da Redenção humana. Como todas estas obras dos eternos desígnios do Altíssimo, estavam guardadas no prudentíssimo Coração de Maria, que as conhecia e apreciava dignamente, era inefável o gozo e a gratidão com que celebrava sua memória.

No dia de sua festa, o santo esposo José descia do céu, fulgurante de glória e acompanhado de milhares de anjos. Com grande alegria celebravam a solenidade, cantando hinos que a divina Mestra compunha para agradecer as graças que, seu santo esposo e Ela, haviam recebido do Altíssimo.

Obras de caridade

635. Depois de ter passado mui-

tas horas nesses atos de culto, ainda empregava outras falando com o glorioso São José sobre as perfeições e atributos divinos. Na ausência do Senhor, eram estas as palestras em que mais se deleitava a Mãe amorosíssima.

Ao despedir-se do santo esposo, pedia-lhe rogasse por Ela na presença da divindade e a louvasse em seu nome. Encomendava-lhe as necessidades da santa Igreja e dos apóstolos, e pedia-lhe a bênção. O glorioso Santo voltava ao céu, enquanto Ela continuava em seus atos de humildade e agradecimento, conforme costumava.

Passo a advertir duas coisas. Primeira: nestas festividades, quando seu Filho vivia no mundo, costumava mostrar-se à sua Mãe santíssima, transfigurado como no Tabor. Esta graça fez, muitas vezes, para Ela só, e principalmente nessas festas. Era alguma recompensa pela sua íntima devoção e humildade, renovando-a toda com os efeitos divinos que dessa maravilha lhe resultavam.

Segunda advertência: para celebrar estes favores, além de tudo o que se disse, a grande Rainha acrescentava outra prática, digna de sua piedade e de nossa atenção. Nos dias já descritos, e noutros que direi adiante, alimentava muitos pobres, preparando-lhes a comida e servindo-os pessoalmente e de joelhos.

Para isto, ordenou ao Evangelista trazer os pobres mais necessitados, e o santo assim fazia. Preparava ainda outra refeição mais saborosa, para enviar aos pobres enfermos nos hospitais, e depois ia visitá-los e consolá-los com sua presença.

Este era o modo como celebrava Maria santíssima suas festas, ensinando-o aos fiéis, para serem agradecidos em tudo, o quanto lhes fosse possível, com sacrifícios de louvor e de boas obras.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Ingratidão humana

636. Minha filha, o pecado da ingratidão a Deus é um dos mais feios que os homens cometem. Com isto, se fazem mais indignos e aborreciveis aos olhos do Senhor e dos Santos que tem uma espécie de horror, por essa detestável grosseria dos mortais. Apesar desta culpa lhes ser tão perniciosa, é a que todos cometem com maior descuido e freqüência.

Para compensar, em parte, este ingratíssimo e geral esquecimento de seus benefícios, quis o Senhor que a Igreja, em comum, suprisse a falta de seus filhos e dos outros homens. Por isto, faz a Igreja tantas orações, petições e sacrifícios em seu louvor e glória. Esta verdade, porém, não dispensa a gratidão que cada um deve em particular, pois também os favores e graças de sua liberal e atenta providência são feitos, não só a todos os fiéis em geral, como também a cada um em particular.

Gratidão imperfeita

637. Quantos há que, durante toda sua vida, nunca fizeram um ato de verdadeiro agradecimento a Deus que lha deu e conserva; que lhes concede saúde, força, alimentação, honra, riqueza e outros bens naturais e temporais!

Outros, às vezes, agradecem estes benefícios, não tanto porque amam verdadeiramente a Deus, mas pelo amor de si mesmo, pelo gozo e satisfação que sentem na posse dessas coisas terrenas e temporais.

Conhece-se esta disposição imperfeita por dois sinais: primeiro, quando

perdem estes bens terrenos e transitórios, se entristecem, irritam e desconsolam, e não sabem pedir, estimar e pensar em outra coisa, pois só amam o transitório. Muitas vezes é graça do Senhor privá-los da saúde, honra, riqueza e outras coisas semelhantes, para que não se entreguem a elas, desordenada e cegamente. Eles, porém, consideram essa perda infelicidade e agravo. Deixam o coração ir sempre após o que acaba e perece, para com isso perecer também.

Ingratidão pelos benefícios espirituais

638. Segundo sinal: com o cego apetite das coisas transitórias, não se lembram dos benefícios espirituais, nem sabem reconhecê-los e agradecê-los. Esta indigna culpa é tremenda entre os filhos da Igreja, a quem a misericórdia infinita, sem mérito de ninguém, quis trazer ao caminho seguro da eterna vida, aplicando-lhes, de modo singular, os méritos da Paixão e Morte de meu Filho santíssimo.

Cada fiel que hoje se encontra na santa Igreja, poderia ter nascido em outras épocas, antes da vinda de Deus ao mundo; poderia ter sido criado entre pagãos, idólatras, hereges e outros infiéis, onde encontraria eterna condenação. Sem o terem merecido, Deus chamou-os à fé, dando-lhes conhecimento da segura verdade. Justificou-os pelo batismo, deu-lhes sacramentos, ministros, doutrina e luz da vida eterna.

Colocou-os no caminho certo, ajuda-os com auxílios, perdoa-lhes quando pecam, levanta-os quando caem, espera-os para o arrependimento, chama-os com misericórdia, e os recompensa com mão liberalíssima. Defende-os por seus anjos, dá-se a Si mesmo em penhor e alimento de vida espiritual, e para isto acumula benefícios sem número e medida, não passando dia e hora em que não cresça a dívida do homem.

Abuso dos benefícios recebidos

639. Dize-me, filha, que agradecimento se deve a tão liberal e paternal clemência? E, quantos são os que o tem como devem? O mais admirável benefício é, que esta ingratidão não tenha conseguido fechar as portas e secar a fonte desta misericórdia, porque infinita.

A raiz principal donde se origina tão incrível desagradecimento nos homens, é sua desmedida ambição e cobiça pelos bens temporais, aparentes e transitórios. Desta insaciável sede, nasce sua ingratidão. Como desejam tanto as coisas temporais, tudo quanto recebem lhes parece pouco, não agradecem estes benefícios, nem se lembram dos espirituais. Com isso se tornam ingratíssimos, tanto por uns como por outros.

A esta pesada estultice, costumam acrescentar outra maior, que é pedir não só o que necessitam, mas ainda coisas de seu capricho e que servirão para sua perdição. Entre os homens, não fica bem pedir benefícios a quem se ofendeu, ainda menos se for para continuar a ofendê-lo com o que se pede. Que razão há, portanto, que um homem vil e terreno, inimigo de Deus, lhe peça vida, saúde, honra, riqueza e outras coisas que nunca soube agradecer, e delas só usou para ofender ao mesmo Deus?

Ingratidão, sinal de reprovação

640. A isto, acrescente-se que jamais lhe agradeceu o benefício de o ter criado, redimido, de o ter chamado, espera-

do, justificado, e de lhe ter preparado a mesma glória que Ele possui. Se o homem quer alcançá-la, é claro que será desmedida temeridade e audácia pedi-la, quando se tornou tão indigno pela ingratidão e se não solicita o conhecimento e dor de tal ofensa.

Asseguro-te, caríssima, que este pecado, tão freqüente, de ingratidão a Deus, é um dos maiores sinais de reprovação, para os que o cometem com tanta indiferença e descuido.

É também mau sinal, que o justo Juiz conceda bens temporais aos que lhes pedem, esquecendo-se do benefício da Redenção e justificação. Estes tais, esquecendo os meios para alcançar a eterna vida, pedem o instrumento de sua morte, e a concessão não lhes é favor, mas castigo de sua cegueira.

A humildade é agradecida

641. Mostro todos estes males, para que os temas e deles fujas. Entende, porém, que teu agradecimento não há de ser comum e ordinário, porque o que recebes excede a teu conhecimento e ponderação. Não te deixes enganar, retraindo-te, sob pretexto de humildade, para não as conhecer e agradecer como deves.

Não ignoras o empenho que o demônio emprega, para conseguir que não aproveites dos favores que o Senhor e Eu te concedemos, levando-te a crer que esses bens e essa verdade são incompatíveis com tuas faltas e misérias. Acaba com este engano, sabendo que serás tanto mais humilde, quanto mais atribuíres a Deus os bens que de sua generosa mão recebes. Quanto mais devedora te achares, mais pobre te sentirás para a restituição, vendo-te incapaz de satisfazer qualquer dívida, por pequena que seja.

Conhecer esta verdade não é presunção, mas prudência. Querer ignorá-la não é humildade, senão estultice muito repreensível. Não podes agradecer o que desconheces, nem podes amar muito, se não te sentes estimulada e obrigada pelos benefícios. Temes perder a graça e amizade do Senhor. Deves temer também, não colaborar com ela e inutilizá-la, pois a que te foi concedida bastaria para justificar muitas almas.

Há muita diferença entre temer, com prudência, perder a graça, e duvidar dela e não lhe dar crédito. O inimigo, astutamente, procura enganar-te nisso, e em vez do temor santo, quer te incutir incrédula obstinação, cobrindo-a com capa de boa intenção e temor santo. Teu temor deverá estar em guardar teu tesouro e aspirar à pureza de anjo, imitando-me com desvelo e praticando toda a doutrina que, para isso, te dou nesta História.

Nossa Senhora da Glória

CAPÍTULO 14

O ADMIRÁVEL MODO COM QUE MARIA SANTÍSSIMA CELEBRAVA OS MISTÉRIOS DA INCARNAÇÃO E NATIVIDADE DO VERBO HUMANADO, E COMO AGRADECIA ESTES GRANDES BENEFÍCIOS.

O maior dom divino

642. Quem, no pouco, era tão fiel como Maria santíssima, não há dúvida que, no muito, seria fidelíssima. Se no agradecer os benefícios menores foi tão diligente, oficiosa e solícita, certo é que o seria, com toda a plenitude, nas maiores obras e favores que Ela e todo o gênero humano receberam do Altíssimo.

Entre todos estes dons, em primeiro lugar está a Encarnação do Verbo eterno no seio de sua Mãe puríssima. Esta foi a mais sublime obra e a maior graça, de quantas o poder e a sabedoria infinita poderiam conceder aos homens: unir o ser divino com o ser humano, pela união hipostática, na pessoa do Verbo. Foi o princípio de todos os dons e benefícios que o Onipotente fez à natureza dos homens e à dos anjos.

Com esta maravilha nunca imaginada, Deus se colocou em tal compromisso que, - a nosso modo de entender - não o teria desempenhado com tanta glória, se não existisse em a natureza humana algum fiador, cuja santidade e agradecimento, correspondesse plenamente a tão raro benefício, conforme se disse na primeira parte [1].

Esta verdade se torna mais inteligível, ao se recordar o que nos ensina a fé: a divina Sabedoria, desde a eternidade, previu a ingratidão dos réprobos e quão mal usariam e se aproveitariam de tão admirável e singular favor, qual é, Deus fazer-se verdadeiro homem, Redentor, mestre e modelo dos mortais.

Mediação de Cristo e de Maria

643. Sendo assim, ordenou a sabedoria infinita que houvesse, entre os homens, quem pudesse compensar esta injúria e reparar este agravo dos ingratos a tão sublime benefício. Com digno agradecimento, esta criatura seria mediadora entre os homens e Deus para aplacá-lo e satisfazê-lo, o quanto era possível à natureza humana.

Isto foi realizado, em primeiro lugar, pela humanidade santíssima de nosso Redentor e Mestre Jesus, o mediador junto ao Pai (**1 Tm 2, 5**). Reconciliou com o Pai toda a linhagem humana e desta satisfez as culpas, com o pagamento de seus superabundantes méritos. Como, porém, este Senhor era tanto verdadeiro Deus como verdadeiro Homem, parece que a natureza humana ficaria agora devedora a Ele, se entre as puras criaturas não houvesse al-

1 - nº 58

guma que lhe pagasse tal dívida, o quanto fosse possível a elas, com a graça divina.

Esta retribuição, foi a que lhe deu sua Mãe e nossa Rainha. Só Ela foi a secretária do grande conselho e o arquivo de seus mistérios e sacramentos. Só Ela os conheceu, avaliou e agradeceu tão dignamente, quanto se pode exigir da natureza humana sem divindade. Só Ela compensou e supriu nossa ingratidão e a pobreza e grosseria do agradecimento dos filhos de Adão. Só Ela soube e pôde apaziguar e satisfazer seu Filho do agravo que recebeu dos mortais, por não o terem recebido como seu Redentor e Mestre, nem por verdadeiro Deus feito homem para a salvação de todos.

Maria agradece a Incarnação

644. A grande Rainha guardava este incompreensível mistério tão presente em sua memória, que jamais o esqueceu por um só instante. De igual modo, conhecia a ignorância de tantos filhos de Adão sobre este mistério, e para o agradecer por si e pelos demais, todos os dias fazia genuflexões, prostrações e outros atos de adoração.

Por diversos modos, repetia continuamente esta oração: Senhor e Deus altíssimo, em vossa real presença me prostro e me apresento, em meu nome e no de toda a linhagem humana. Pelo admirável benefício de vossa Encarnação eu vos louvo, bendigo, e exalto, vos confesso e adoro no mistério da união hipostática da natureza humana com a divina, na pessoa do Verbo eterno.

Se os míseros filhos de Adão ignoram este benefício, e os que o conhecem não o agradecem dignamente, lembrai-vos piedosíssimo Senhor e Pai nosso, que vivem na fragilidade da carne, cheia de ignorâncias e paixões, e não podem vir a Vós, se vossa clementíssima dignação não os atrair (**Jo 6, 44**).

Perdoai Deus meu, esta falha de tão frágil natureza. Eu, vossa escrava e vil bichinho da terra, por Mim e por todos os mortais, agradeço-vos este benefício, em união com os cortesãos de vossa glória. E a vós, Filho e Senhor meu, suplico do íntimo de minha alma, tomeis por vossa conta a causa de vossos irmãos, os homens, e lhes alcanceis o perdão de vosso eterno Pai.

Favorecei com vossa imensa piedade os míseros, concebidos em pecado, que ignoram o próprio dano, não sabem o que fazem, nem o que devem fazer. Peço por vosso povo e pelo meu, pois enquanto homem, somos todos de vossa natureza, não a desprezeis; e, enquanto Deus, dais valor infinito às vossas obras.

Sejam elas a retribuição e digno agradecimento de nossa dívida, pois só Vós podeis pagar o que todos recebemos e devemos ao eterno Pai que, para socorro dos pobres e resgate dos cativos, quis vos enviar dos céus à terra (**Lc 4, 18**). Dai vida aos mortos, enriquecei aos pobres, iluminai os cegos (**Mt 11, 5**). Vós sois nossa salvação, nosso bem e todo nosso amparo.

Celebração da Encarnação

645. Estas orações, e outras, eram ordinárias à grande Senhora do mundo. Além deste cotidiano e contínuo agradecimento, acrescentava outras práticas para celebrar o soberano mistério da Encarnação, ao chegar o aniversário dos dias em que o Verbo divino assumiu a natureza humana em suas puríssimas entranhas.

Nestes dias recebia maiores favores do que nas outras festas, pois a celebração era feita por nove dias contínuos,

antes de vinte e cinco de Março, dia em que se operou o mistério, com a preparação que ficou descrita na segunda parte [2]. Ali expliquei, em nove capítulos, as maravilhas que precederam a Encarnação, para preparar dignamente a divina Mãe, a conceber o Verbo humanado em sua alma e em seu seio virginal.

Aqui é necessário recordá-lo brevemente, para expor o modo como celebrava e agradecia o maior de todos os dons e milagres, a Encarnação do Verbo.

Novena da Encarnação

646. Começava esta solenidade a dezesseis de Março pela tarde, e até o dia vinte e cinco permanecia em retiro, sem comer e sem dormir. Só recebia a sagrada Comunhão que o Evangelista lhe trazia. O Onipotente renovava todos os favores que fizera a Maria santíssima naquela primeira novena que precedera a Encarnação, e seu Filho, nosso Redentor acrescentava outros, pois estando já nascido da bem-aventurada Mãe, tomava por sua conta assisti-la, e presenteá-la nesta festa.

Nos seis primeiros dias da novena acontecia o seguinte: depois das primeiras horas da noite, estando a divina Mãe em seus exercícios de costume, descia ao seu oratório o Verbo humanado, glorioso, acompanhado por milhares de anjos. Com esta majestade e glória entrava no oratório de sua Mãe santíssima.

Maria no trono de seu Filho

647. A prudentíssima e religiosa Mãe adorava a seu Filho e verdadeiro Deus com a humildade, veneração e culto que só Ela, com sua retíssima sabedoria, sabia dignamente fazer.

Em seguida, era pelos anjos levantada da terra e colocada à direita do Senhor em seu trono. Ali sentia íntima e inefável união com sua humanidade e divindade que a transformava e enchia de glória e novas influências, que não se podem explicar com palavras.

Nesta disposição e naquele lugar, o Senhor n'Ela renovava as maravilhas dos nove dias antes da Encarnação, correspondendo cada dia desta novena, aos nove daquela primeira. Acrescentava ainda outros favores e efeitos admiráveis, conforme ao estado atual de Filho e Mãe. Embora, n'Ela sempre se conservasse a ciência habitual de todas as coisas que até então conhecera, nesta ocasião, com nova inteligência e luz divina, seu entendimento era aplicado ao uso e exercício desta ciência com maior claridade e efeitos.

Primeiro dia da novena

648. No primeiro dia desta novena, eram-lhe manifestadas as obras de Deus no primeiro dia da criação do mundo; a ordem e modo como foram criadas todas as coisas pertencentes a este dia; o céu, a terra, os abismos, com a respectiva longitude, latitude e profundidade; a luz e as trevas, sua separação, e todas condições, qualidades e propriedades destas coisas materiais e visíveis.

Das invisíveis, conhecia a criação dos anjos, sua natureza e qualidades; o tempo em que permaneceram na graça, a discórdia entre os obedientes e os apóstatas, a queda destes, a confirmação em graça dos outros e tudo o mais que, misteriosamente, Moisés subentendeu nas obras do primeiro dia (**Gn 1, 1**).

Conheceu também a finalidade que o Onipotente visava na criação destas coisas e das demais: nelas comunicava e

2 - livro 3º nº 5

manifestava sua divindade, e através delas seria conhecido, louvado e glorificado pelos anjos e pelos homens.

A renovação desta ciência não era inútil na Mãe prudentíssima, pois lhe dizia seu Filho santíssimo: Mãe e pomba minha, de todas estas obras de meu infinito poder vos dei conhecimento, antes de assumir a carne em vosso virginal seio, para vos manifestar minha grandeza. Agora, renovo-o para vos dar a posse e senhorio de todas, como à minha verdadeira Mãe, a quem os anjos, os céus, a terra, a luz e as trevas, quero que sirvam e obedeçam. E vós dareis dignas graças e louvor ao eterno Pai pelo benefício da criação, que os mortais não sabem agradecer.

Segundo ao sexto dia

649. A esta vontade do Senhor e dívida dos homens, nossa grande Rainha satisfazia plenamente agradecendo, por Si e por todas as criaturas, estes incomparáveis benefícios. Nestes e noutros misteriosos exercícios passava o dia, até que seu Filho santíssimo voltava ao céu.

No segundo dia, Jesus descia de igual modo, pela meia-noite, e renovava na divina Mãe o conhecimento das obras do segundo dia da criação: como o firmamento foi formado no meio das águas (**Gn 1, 6**) separando umas das outras; o número e disposição dos céus com sua harmonia, qualidades, natureza, grandeza e formosura. Tudo isto conhecia como verdadeiramente aconteceu, e não por hipóteses, ainda que também estava a par de todas as adotadas pelos doutores e escritores.

No terceiro dia, se lhe manifestava de novo o que refere a escritura (**Gn 1, 9**): o Senhor reuniu as águas que estavam sobre a terra, formou o mar, e a parte árida para que desse frutos. Ao império do Criador, assim se fez, produzindo logo ervas, árvores e outras coisas que a adornam e embelezam. Conheceu a Senhora a natureza, qualidades e propriedades de todas estas plantas, sabendo como podiam ser úteis ou nocivas para o serviço dos homens.

No quarto dia conheceu, em particular, a formação do sol, lua e estrelas, sua matéria, forma, qualidades, influências e todos os movimentos com que determinam as estações, os anos e os dias (**Gn 1, 14**).

No quinto dia, se lhe manifestava a criação ou geração das aves do céu, dos peixes do mar, formados das águas; o modo como se processou esta formação e o de sua conservação e propagação; as espécies, condições e qualidades dos animais da terra e peixes do mar (**Gn 1, 20**).

No sexto dia, lhe era dada nova luz e conhecimento sobre a criação do homem (**Gn 1, 27**), como fim das outras criaturas materiais. Além de entender a harmonia de seu organismo que participa, maravilhosamente, da natureza de todas elas, conhecia o mistério da Encarnação, para o qual se ordenava a formação do homem. Entendia ainda, todos os demais segredos da divina Sabedoria que, nesta obra e nas de toda a criação estavam encerrados, testemunhando sua infinita grandeza e majestade.

Maria supre as falhas dos mortais

650. Em cada um destes dias, a grande Rainha compunha um cântico especial em louvor do Criador, pela criação das obras correspondentes a cada um deles, e pelos mistérios que nelas conhecia. Em seguida, fazia grandes súplicas pelos homens, em particular pelos fiéis, para que se reconciliassem com Deus, e recebessem luz sobre a divindade e suas obras, e por estas o conhecessem, amassem e louvassem.

Prevendo a ignorância de tantos infiéis que não chegariam a este conhecimento, nem à fé verdadeira; sabendo que muitos fiéis, ainda que reconhecendo estas obras do Altíssimo, seriam tardos e negligentes no agradecimento que lhe devem; todas estas falhas dos filhos de Adão, Maria santíssima preenchia com admiráveis atos heróicos.

De sua parte, seu Filho santíssimo a favorecia e elevava a novos dons e participação dos atributos da divindade, prodigalizando-lhe o que os mortais desmereciam por seu ingratíssimo esquecimento. Sobre cada uma das obras daquele dia, era-lhe dado novo domínio e senhorio, para que todas a reconhecessem e servissem, como à Mãe de seu Criador, que a constituía suprema Rainha de quanto Ele criara no céu e na terra.

Últimos dias da novena

651. No sétimo dia, estes divinos favores cresciam, porque nos três últimos dias da novena, seu Filho santíssimo não descia do céu, mas a divina Mãe era levada a ele, como aconteceu nos três dias que precederam a Encarnação.

À meia-noite, por ordem do Senhor, os anjos levavam-na ao céu empíreo. Ela adorava o Altíssimo, e seis dos supremos serafins vinham prepará-la.

Adornavam-na com uma veste mais pura e alva que a neve e mais refulgente do que o sol. Colocavam-lhe um cinto de pedras, tão ricas e belas, que em a natureza não há com que compará-las; cada uma excedia em brilho ao sol, e a muitos, se fossem reunidos. Ornavam-na com pulseiras, colares e outros adereços, de acordo com a pessoa que os recebia e com Quem os dava, pois todas estas jóias os serafins, com admiráveis reverências, traziam-nas do trono da santíssima Trindade, de cuja participação elas eram diferentes símbolos. Não só estes adornos significavam a nova participação e comunicação das divinas perfeições dadas à sua Rainha, mas os próprios serafins representavam o mistério.

Maria no trono da santíssima Trindade

652. A estes serafins, sucediam outros seis que vinham adornar as potências da Rainha, como que retocando-as com tal facilidade, formosura e graça que não se podem explicar com palavras.

Aproximavam-se, em seguida, outros seis serafins que lhe comunicavam ao entendimento e vontade, as qualidades e luz para serem elevados à visão e fruição beatífica.

Estando a grande Rainha assim ornada e cheia de beleza, os dezoito serafins a levantavam ao trono da santíssima Trin-

dade e a colocavam à direita de seu Unigênito nosso Salvador. Ali, lhe era perguntado o que pedia e desejava.

Respondia a verdadeira Ester: Peço, Senhor, misericórdia para meu povo (**Est 7, 3**). Em seu nome e meu, desejo agradecer o favor que lhe fez vossa misericordiosa onipotência, dando forma humana em meu seio ao eterno Verbo, para sua redenção. A esta súplica acrescentava outras de incomparável caridade e sabedoria, rogando por toda a linhagem humana e especialmente pela santa Igreja.

Jesus louva sua Mãe

653. Em seguida, seu Filho santíssimo dizia ao eterno Pai: Eu te confesso e louvo meu Pai, e te ofereço esta criatura filha de Adão, agradável a Ti, eleita entre as demais criaturas para minha Mãe e testemunha de nossos infinitos atributos. Só Ela, digna e plenamente, sabe conhecer e estimar, de coração agradecido, o favor que fiz aos homens vestindo-me de sua natureza, para lhes ensinar o caminho da salvação eterna e redimi-los da morte. A ela escolhemos, para aplacar nossa indignação contra a ingratidão e má correspondência dos mortais. Ela nos dá o que os outros não podem, ou não querem dar. Não podemos, todavia, desprezar os rogos que nossa Amada faz por eles, com a plenitude de sua santidade e de nosso agrado.

Festa da Encarnação no céu

654. Estas maravilhas repetiam-se nos três últimos dias da novena. A vinte e cinco de Março, à hora da Encarnação, se lhe manifestava a divindade intuitivamente, com maior glória do que a dos bem-aventurados. Ainda que todos esses dias dessem novo gozo acidental aos santos, o último era mais festivo e de extraordinária alegria para toda a Jerusalém triunfante.

Os favores que a bem-aventurada Mãe recebia nestes dias, excedem sem medida a todo pensamento humano; todos os privilégios, graças e dons lhe eram confirmados e aumentados, de modo inefável, pelo Onipotente.

Sendo viadora para merecer, e conhecendo o estado da santa Igreja em seu século e nos futuros, pediu e mereceu, para todos os tempos, grandes benefícios, ou para dizer melhor, todos quantos o poder divino fez e fará aos homens, até o fim do mundo.

Graças que Maria obtinha para os homens

655. Em todas as festividades que a grande Senhora celebrava, obtinha a conversão de inumeráveis almas que, então e depois, abraçaram a fé católica. No dia da Encarnação era ainda maior a indulgência, pois mereceu para muitos reinos, províncias e nações, os benefícios e favores que eles têm recebido, depois de terem sido chamados à santa Igreja. Os mais perseverantes na fé católica são também os mais devedores aos rogos e méritos da divina Mãe.

Em particular, foi-me dado a entender que, nos dias em que celebrava o mistério da Encarnação, tirava todas as almas que se encontravam no purgatório. No céu era-lhe concedido este favor, como à Rainha da criação e Mãe do Redentor do mundo. Enviava anjos para trazê-las e as oferecia ao eterno Pai como fruto da Encarnação, pela qual enviava ao mundo seu Unigênito Filho, a fim de conquistar-lhe as almas que o inimigo havia tiranizado. Por todas aquelas almas, fazia novos cânticos de louvor. Com a alegria de ter

aumentado a corte celeste, voltava à terra onde, humildemente como costumava, agradecia estes benefícios.

Não se considere inacreditável esta maravilha. No dia em que Maria santíssima foi elevada à imensa dignidade de Mãe de Deus e Senhora de toda a criação, recebendo em seu seio a divindade unida hipostaticamente com sua própria substância, foram-lhe franqueados os tesouros da divindade. Não é muito, portanto, que estes mesmos tesouros ficassem à sua disposição, para empregá-los a favor dos filhos de Adão, seus irmãos e filhos também. Só a sua sabedoria chegava a apreciar, devidamente, o benefício da Encarnação, particular para Ela e comum para todos.

Celebração do Natal

656. A solenidade do nascimento de seu Filho, celebrava de outro modo. Começava na véspera com os exercícios, cânticos e disposições das outras festas. Na hora do nascimento, descia do céu seu Filho santíssimo, com milhares de anjos e gloriosa majestade, como das outras vezes. Acompanhavam-no também os patriarcas São Joaquim e Sant'Ana, São José e Santa Isabel, mãe do Batista, e outros santos.

Por ordem do Senhor, os anjos levantavam a divina Mãe do solo e a colocavam à sua direita. Cantavam com celestial harmonia, o cântico de glória (**Lc 2, 14**) que cantaram no dia do Nascimento, e outros que a Senhora havia feito em agradecimento por este mistério e em louvor da Divindade e de suas infinitas perfeições.

Depois de ter passado longo tempo neste louvor, pedia a divina Mãe licença a seu Filho Jesus, descia do trono e se prostrava de novo. Naquela posição, o adorava em nome de todo o gênero humano, e lhe agradecia por haver nascido no mundo para o salvar. Além deste agradecimento, fazia fervorosa suplica por todos, e principalmente pelos filhos da Igreja, representando a fragilidade da condição humana, e a necessidade que tinha da graça e do auxílio divino para se levantar, chegar ao conhecimento do Senhor e merecer a vida eterna. Para obter o que pedia, alegava a misericórdia do mesmo Senhor em ter nascido de seu virginal tálamo, para remir os filhos de Adão; a pobreza em que nasceu, os trabalhos e penalidades que aceitou; a nutrição que d'Ela recebeu e tudo o que neste mistério aconteceu.

Esta oração era aceita por seu Filho, nosso Salvador, e em presença dos anjos e santos que o acompanhavam, mostrava-se disposto a satisfazer a caridade com que a feliz Mãe pedia por seu povo. Concedia-lhe novamente que, como Senhora e dispenseira de todos seus tesouros de graça, à sua vontade os aplicasse e distribuísse entre os homens.

A prudentíssima Rainha assim fazia, com admirável sabedoria e fruto para a Igreja. Para terminar esta solenidade, pedia aos santos que louvassem o Senhor no mistério de seu Nascimento, em seu nome e no dos outros mortais. Pedia a bênção de seu Filho e depois de lha dar, Ele voltava ao céu.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

A dignidade da maternidade divina

657. Minha filha e discípula: quero que transformes a admiração com que escreves os segredos que de minha vida e santidade te manifesto, em louvor ao Onipotente que foi comigo tão liberal, e em

crescer na confiança de minha poderosa intercessão e proteção. Se te admiras de que meu Filho santíssimo me concedesse graças sobre graças e dons sobre dons, e tão freqüentemente me visitasse e levasse ao céu, deves lembrar do que já escreveste: Eu me privara da visão beatífica para assistir à Igreja.

Ainda que esta caridade não merecesse do Altíssimo a recompensa que me deu na vida mortal; o fato de Eu ser sua Mãe e Ele meu Filho, merecia que Ele fizesse por Mim tais obras e maravilhas, impossíveis de ser entendidas ou recebidas por outra criatura. A dignidade de Mãe de Deus excede tanto a qualquer outra, que seria grosseira ignorância negar-me favores, pelo motivo destes não serem encontrados em outros santos.

O fato do Verbo eterno assumir carne humana de minha substância, foi compromisso de tanto peso para Deus que, - a teu modo de entender - não o preencheria, sem realizar por Mim tudo o que sua onipotência alcança e Eu fosse capaz de receber. Este poder de Deus é infinito, não se pode esgotar nem diminuir, e o que comunica fora de Si, sempre é finito e limitado. Eu também sou pura criatura, finita, e em comparação do ser de Deus, todo o criado nada é.

Deus confia aos homens o estudo das grandezas de Maria

658. Além de tudo isso, de minha parte não apresentei impedimento. Pelo contrario, merecia que a Onipotência realizasse em Mim todos os dons, graças e favores ao máximo, sem limites e medidas. Estes dons eram sempre finitos, por grandes e admiráveis que fossem. Daqui se entende que Deus, infinito e sem termo, pôde acumular em mim graças sobre graças e favores sobre favores.

Não só pôde fazê-lo, mas convinha que assim o fizesse, para realizar com toda perfeição a maravilhosa obra de fazer-me digna Mãe sua, pois Ele não deixa imperfeita nenhuma de suas obras, cada qual em seu gênero. Na dignidade da maternidade divina estão contidas todas as graças que recebi, como em sua origem e princípio. No dia em que os homens me reconheceram por Mãe de Deus, reconheceram, implicitamente, e como em sua fonte, os predicados que pela mesma excelência me pertencem.

A descoberta, aprofundamento e divulgação de minha santidade e dons foram deixados à devoção, piedade e cortesia dos fiéis. Estudando-os, coligindo-os e proclamando-os, iriam merecendo a complacência de meu Filho santíssimo e minha proteção.

Para isto, a muitos santos e escritores foi dada particular ciência, luz e outras revelações sobre alguns favores e muitos privilégios a Mim concedidos pelo Altíssimo.

Deus revela diretamente as grandezas de Maria

659. Nesta matéria, embora bem intencionados, muitos mostraram-se tímidos; outros, com pouca devoção, foram mais lentos do que deviam. Por este motivo, quis meu Filho santíssimo, em sua paternal benevolência, manifestar estes ocultos mistérios em época mais oportuna para sua santa Igreja. Não quis confiá-los à inteligência humana, nem à ciência que ela pode abranger, mas revelou-os mediante sua própria divina luz e verdade. Que os mortais recebam nova alegria e esperança, ao saber o quanto posso favorecê-los. Com isto dêem glória ao Onipotente e os

louvores que devem a Mim e às obras da Redenção humana.

Celebração do mistério da Encarnação

660. Quero que tu, minha filha, te julgues a primeira e maior devedora desta obrigação. Eu te escolho por minha especial filha e discípula para que, escrevendo minha vida, teu coração se inflame com mais ardente amor e desejos de me seguir pela imitação, conforme te convido e chamo.

A doutrina deste capítulo seja, me seguires na inefável gratidão que eu tive pelo benefício e mistério da Encarnação do Verbo eterno em meu seio.

Grava em teu coração esta maravilha do Onipotente, para jamais a esquecer e desperta ainda mais esta memória, nos dias que correspondem aos Mistérios que de Mim escreveste. Nesses dias, em meu nome, quero que celebres na terra esta festividade com singular disposição e júbilo de tua alma. Agradecerás, em nome de todos os mortais, o haver Deus se encarnado em Mim pela salvação deles, e também o louvarás pela dignidade a que me elevou fazendo-me Mãe sua.

Adverte que, para os anjos e santos do céu, depois do conhecimento do ser infinito de Deus, nada lhes causa maior admiração do que O ver unido à natureza humana. E, quanto mais penetram neste mistério, sempre lhes fica mais para conhecer, por todos os séculos dos séculos.

Humildade e pureza

661. Para celebrares e renovares em ti estes benefícios da Encarnação e nascimento de meu Filho santíssimo, quero que procures alcançar humildade e pureza de anjo. Com estas virtudes, o agradecimento que deres ao Senhor ser-lhe-á agradável, e com esta dádiva, pagarás algo da dívida que contraíste, por Deus se ter feito de tua natureza.

Considera quanto pesam as culpas dos homens, depois que têm a Cristo por irmão, e quanto degeneram desta excelência e obrigação. Considera-te como retrato de Deus-homem, o qual menosprezas e apagas quando cometes qualquer culpa.

Os filhos de Adão esquecem-se muito desta nova dignidade conferida à natureza humana, e não querem se despojar de seus velhos costumes e misérias, para se revestirem de Cristo (**Rm 13, 14**).

Tu, porém, minha filha, esquece a casa de teu antigo pai, de teu povo (**Sl 44, 11**) e procura renovar-te com a beleza de teu Redentor, para te tornares agradável aos olhos do supremo Rei.

Visitas de Jesus à sua Mãe Santíssima

CAPÍTULO 15

OUTRAS FESTIVIDADES CELEBRADAS POR MARIA SANTÍSSIMA: CIRCUNCISÃO, ADORAÇÃO DOS REIS, PURIFICAÇÃO; BATISMO DE CRISTO, SEU JEJUM, INSTITUIÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, PAIXÃO E RESSURREIÇÃO.

Advogada dos pecadores

662. Renovando a memória dos mistérios, vida e morte de Cristo, nosso Salvador, nossa grande Rainha tinha em vista dar-lhe o devido agradecimento, por Si e por toda a linhagem humana, e ensinar esta ciência como Mestra de toda santidade e sabedoria. Mas, além de cumprir esta obrigação, pretendia inclinar a infinita bondade do Senhor à misericórdia e clemência, das quais a fragilidade e miséria humana necessitava.

Sabia a Mãe prudentíssima, quanto os pecados dos mortais desagradavam a seu Filho santíssimo e ao eterno Pai e que, no tribunal de sua misericórdia, não tinham a alegar em seu favor, senão a caridade infinita com que os ama e reconciliou Consigo, quando eram pecadores e seus inimigos (**Rm 5, 8**). E, como Cristo, nosso Redentor realizou esta reconciliação com suas obras, vida, morte e mistérios, a divina Senhora julgava que esses dias eram convenientes para multiplicar seus rogos e para inclinar o Onipotente à misericórdia. Pedia-lhe que amasse os homens, por têlos amado; que os chamasse à sua fé e amizade, por Ele a ter merecido; e que os justificasse, por lhes ter adquirido a justificação e a vida eterna (**Rm 5, 9**).

Martírio de Maria

663. Os homens e os anjos nunca chegarão a calcular devidamente, o quanto o mundo deve à maternal piedade desta Senhora e grande Rainha. Os muitos favores que recebeu do Onipotente, e as muitas vezes que, em vida mortal, se lhe manifestou na visão beatífica, não foram benefícios só para Ela, mas também para nós. Nestas ocasiões, sua divina ciência e caridade chegaram ao máximo, possível em pura criatura. Nestas alturas, desejava a glória do Altíssimo na salvação das criaturas racionais.

Permanecendo no estado de viadora para merecer e adquiri-la, excede a qualquer capacidade, o incêndio de amor que ardia em seu puríssimo coração, desejando que não se condenasse nenhum dos que podiam chegar ao gozo de Deus.

Daqui lhe resultou, durante toda a vida, um prolongado martírio que a teria consumido, em cada hora e instante, se Deus não a conservasse. A causa era o pensamento de que tantas almas se condenariam, privando-se eternamente de ver e

gozar a Deus, além de padecer os eternos tormentos do inferno, sem esperança da salvação que desprezaram.

A perdição das almas

664. A Mãe amorosíssima sentia dor imensa por esta lamentável desgraça, pois a conhecia e avaliava com igual sabedoria. E, como a esta, correspondia sua ardentíssima caridade, não teria consolo nestas penas, se fossem deixadas à força de seu amor e à consideração do que fez e padeceu nosso Salvador, para resgatar os homens da eterna perdição.

O Senhor, porém, acudia aos efeitos desta dor mortal em sua fiel Mãe. Algumas vezes, conservava-lhe a vida milagrosamente; outras, a distraia com diferentes pensamentos e, em outras, revelava-lhe os segredos da predestinação eterna para que, conhecendo as razões e equidade da justiça divina, sossegasse seu coração.

Destes meios, e de outros, usava Cristo nosso Salvador para evitar a morte de sua Mãe santíssima, à vista dos pecados e condenação eterna dos réprobos. Se esta infelicíssima sorte, prevista pela divina Senhora, pôde afligir tanto seu coração; se em seu Filho e Deus verdadeiro produziu tal impacto, que o levou à Paixão e Morte de cruz, para remediar a perdição dos homens; com que palavras se poderá ponderar a cega estultice dos homens que, de coração louco e insensível, se entregam a tão irremediável e nunca assaz encarecida ruína de si mesmos?

Maria, distribuidora das graças

665. O maior alívio, porém, que nosso Salvador e Mestre Jesus podia proporcionar à dor de sua Mãe amantíssima, era atender a seus rogos e súplicas pelos mortais. Cedia ao seu amor, oferecendo-lhe seus infinitos tesouros e merecimentos, constituindo-a sua esmoler. Deixava à sua piedosa vontade, a distribuição das riquezas de sua graça e misericórdia, para aplicá-las às almas, como sua ciência achava ser mais conveniente.

Estas promessas do Senhor à sua bem-aventurada Mãe eram tão freqüentes, quanto as orações com que a piedosa Rainha as solicitava. Tudo se intensificava nas festividades dos mistérios de seu Filho santíssimo.

No da Circuncisão, ao chegar seu dia, começava os exercícios de costume à hora das outras festas. Também nesta, descia o Verbo humanado ao seu oratório, com a majestade e comitiva de anjos e santos das outras vezes [1]. Como neste mistério nosso Redentor derramou as primícias de seu sangue pelos homens, e se humilhou cumprindo a lei própria dos pecadores, como se fosse um deles, eram inefáveis os atos de sua Mãe puríssima, ao comemorar tal condescendência e misericórdia de seu Filho santíssimo.

A festa da Circuncisão

666. A grande Mãe humilhava-se até as profundezas desta virtude, compadecia-se ternamente do que o Menino Deus sofreu naquela tenra idade; agradecia-lhe este benefício, em nome dos filhos de Adão; chorava o geral esquecimento e ingratidão, em não estimar aquele sangue derramado tão cedo, para o resgate de todos. E, como que envergonhada por não pagar aquele favor, oferecia-se para derramar seu próprio sangue e morrer, para retribuir essa dívida e imitar seu modelo e Mestre.

Entre estes desejos e súplicas, mantinha doces diálogos com o Senhor,

1 - nºs 615, 640

durante todo aquele dia. Jesus aceitava seu sacrifício, mas como não era conveniente a concreta realização dos inflamados desejos da amorosa Mãe, Ela encontrava novas invenções de caridade pelos mortais.

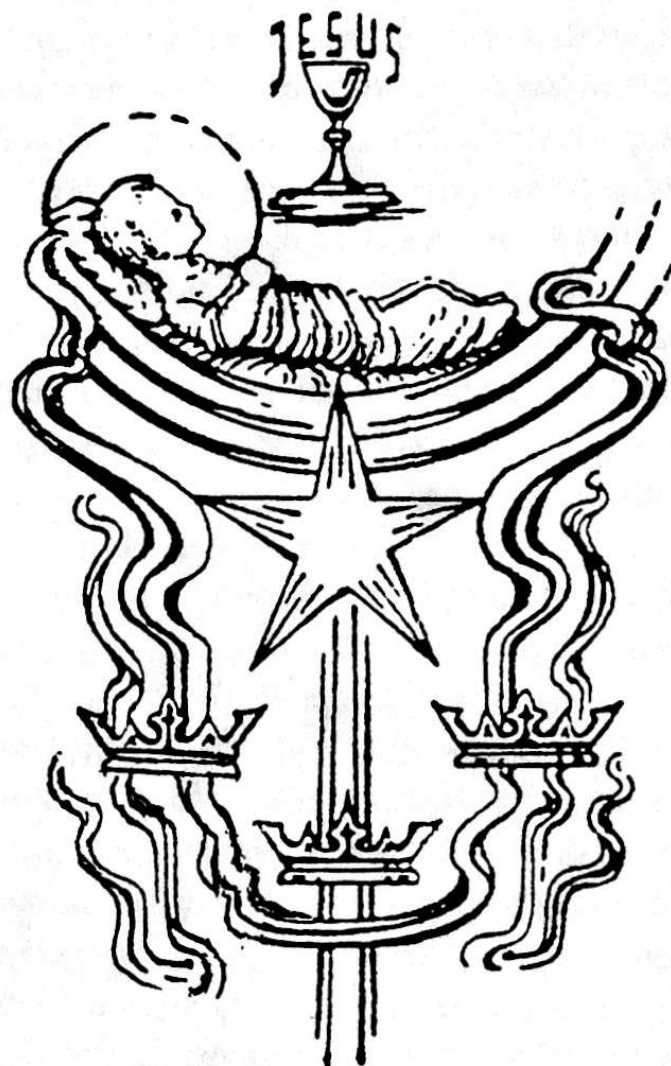
Pediu a seu Filho santíssimo, repartisse com os filhos dos homens, as consolações, carinhos e favores que recebia de sua bondade, e que a Ela fosse reservado a maior parte do sofrer por seu amor. Na recompensa, porém, todos participassem e experimentassem a suavidade de seu divino Espírito. Atraídos por esta suavidade viessem todos ao caminho da vida eterna e ninguém se condenasse à morte eterna, depois que o Senhor se fez homem para atrair tudo a Si (**Jo 12, 32**).

Em seguida, oferecia ao eterno Pai o sangue que seu Filho Jesus derramou na Circuncisão, e a humildade em se ter circuncidado, sendo impecável. Adorava-o como a Deus e homem verdadeiro, e com estes e outros atos de incomparável perfeição, recebia a bênção de seu Filho santíssimo que voltava ao céu, à direita de seu eterno Pai.

Preparação para a festa dos Reis

667. Para comemorar a adoração dos Reis, preparava-se com alguns dias de antecedência, como a reunir alguns dons para oferecer ao Verbo humanado.

A principal oferenda que a Senhora prudentíssima comparava ao ouro, eram as almas que convertia ao estado de graça. Para isto se valia, muito antes, do ministério dos anjos. Ordenava-lhes que a ajudassem a preparar este presente, convidando muitas almas, com grandes e especiais inspirações, a se converterem ao conhecimento e serviço do verdadeiro Deus.

Tudo se executava pela cooperação dos anjos e muito mais pelas orações e súplicas que Ela fazia. Tirava muitas do pecado, outras convertia à fé e ao Batismo, e outras, na hora da morte, libertava das garras do dragão infernal.

A este dom, acrescentava o da mirra que eram as prostrações em cruz, os atos de humildade e outros exercícios penais que fazia, para se preparar e oferecer a seu Filho.

A terceira oferenda, o incenso, eram os incêndios e vôos de amor, as orações jaculatórias e outros afetos dulcíssimos e cheios de sabedoria.

Oferenda de Maria

668. Chegado o dia e hora da festa, descia do céu seu Filho santíssimo, com inumeráveis anjos e santos. Convidando-os para a ajudarem, a divina Senho-

ra, com admirável culto, adoração e amor, apresentava a Jesus sua oferenda, e fazia fervorosa oração por todos os mortais.

Logo era levantada ao trono de seu Filho e Deus verdadeiro. Por modo inefável, participava da glória de sua humanidade santíssima, ficando divinamente unida a ela e como transfigurada em seus esplendores. Às vezes, para repousá-la de seus ardentíssimos afetos, o Senhor a reclinava em seus braços.

Não há palavras para se explicar tais favores, pois o Onipotente, cada dia, tirava de seus tesouros benefícios antigos e novos (**Mt 13, 52**).

Maria venera os patriarcas

669. Depois de haver gozado destes favores, descia do trono e suplicava misericórdia para os homens. Concluía estas preces, com um cântico de louvor, para o qual pedia a participação dos santos.

Neste dia acontecia uma coisa maravilhosa. Para terminar a solenidade, a Mãe de Deus solicitava aos patriarcas e santos, ali presentes, que rogassem ao Todo-poderoso assisti-la e governá-la em todos os seus atos. Para tanto dirigia-se a cada um, humilhando-se diante deles, como se quisesse beijar-lhes a mão.

Seu Filho santíssimo, com grande complacência, permitia à Mestra da humildade praticar esta virtude com seus progenitores, patriarcas e profetas que eram de sua mesma natureza. A Senhora não fazia, porém, esta reverência com os anjos, porque eram seus ministros e não possuíam, com Ela, o mesmo parentesco de natureza, como tinham os santos pais.

Os espíritos celestes a assistiam e acompanhavam naquele ato, reverenciando-a por outro modo.

Celebração do Batismo e jejum de Cristo

670. Celebrava o Batismo de Cristo, nosso Salvador, com imensa gratidão por este Sacramento e pelo fato do Senhor o ter recebido, para inaugurá-lo na lei da graça.

Depois das súplicas que fazia pela Igreja, recolhia-se por quarenta dias contínuos, para celebrar o jejum de nosso Salvador. Repetindo-o como ambos o fizeram, conforme falei na segunda parte [1]

Nestes quarenta dias não dormia, não comia, nem saia de seu retiro, a não ser por algum motivo importante que reclamasse sua presença. Falava apenas com São João, para receber dele a sagrada Comunhão e despachar os negócios inadiáveis do governo da Igreja.

Nesses dias, o Discípulo amado ausentava-se poucas vezes do Cenáculo, e os numerosos necessitados e enfermos que ali vinham, ele os socorria e curava, aplicando-lhes algum objeto ou veste da poderosa Rainha. Muitos endemoninhados que para lá se dirigiam, ficavam livres antes de chegar, porque os demônios não se atreviam a aproximar-se donde estava Maria santíssima.

Outros espíritos malignos, ao serem os possessos tocados com o manto, com o véu ou outra coisa da Rainha, precipitavam-se no abismo. E, se alguns teimavam em resistir, o Evangelista chamava-a, e no momento em que chegava à presença dos pacientes, os demônios fugiam sem esperar ser mandados.

Quaresma de Maria

671. Dos prodígios que lhe aconteciam naqueles quarenta dias, seria necessário escrever muitos livros para referi-los todos. Se não dormia, não comia nem

1 - 2ª parte, nºs 988, 990 e seg.

descansava, quem poderá calcular o que sua atividade e solicitude tão oficiosa fazia em tanto tempo? Basta saber que tudo aplicava pelo crescimento da Igreja, justificação das almas e conversão do mundo; em socorrer os apóstolos, discípulos e por todos os que andavam pregando.

Terminada esta quaresma, seu Filho santíssimo a presenteava com um banquete, semelhante ao que os anjos serviram ao Senhor no fim de seu jejum, como fica dito em seu lugar [2]. Este lhe superava em gozo, pois tinha a presença do Senhor, glorioso e cheio de majestade, e muitos milhares de anjos; uns serviam, outros cantavam com celestial e divina harmonia, e Jesus servia, por sua própria mão, o alimento para a amorosa Mãe.

Este dia era muito delicioso para Ela, mais pela presença e carícias de seu Filho, do que pela suavidade daqueles manjares e bebidas celestiais. Em ação de graças prostrava-se em terra e pedia a bênção, adorando o Senhor. Ele lha dava e voltava ao céu.

Em todas estas aparições de Cristo, nosso Senhor, a religiosa Mãe fazia heróicos atos de humildade, submissão e veneração; beijava os pés de seu Filho, reconhecia-se indigna daqueles favores e pedia-lhe nova graça para, com seu auxílio, servi-lo melhor daí em diante.

Justificativas da Escritora

672. Talvez alguém, por humana prudência, julgue demasiadas as parições do Senhor que aqui escrevo, em tão freqüentes e repetidas ocasiões. Quem assim pensar deverá medir a santidade da Senhora das virtudes e da graça, assim como o recíproco amor entre tal Mãe e tal Filho. Diga-nos depois, se estes favores excedem a sua causa, que a fé e a razão dizem ser impossível medir pela inteligência humana.

Para não ter dúvida no que digo, basta-me a luz com que o conheço, e saber que cada dia, cada hora e cada instante Cristo, nosso Salvador, desce do céu às mãos do sacerdote que o consagra, em qualquer parte do mundo. Digo que desce, não com movimento corporal, mas pela conversão do pão e do vinho em seu sagrado corpo e sangue.

Ainda que isto seja por diferente modo, que agora não explico nem discuto, a verdade católica me ensina que é o próprio Cristo, que, por inefável modo, se faz presente na Hóstia consagrada. Esta maravilha é realizada pelo Senhor vezes incontáveis, para o remédio dos homens, ainda que são tantos os indignos, e alguns até entre os que o consagram.

Se alguém pode obrigá-lo a continuar este benefício, foi só Maria santíssima para quem principalmente o instituiu, como em outra parte declarei [3]. Não pareça muito, portanto, que a Ela pessoalmente visitasse tantas vezes, pois só Ela pôde e soube merecer esta graça, para Si e para nós.

A festa da Purificação e Apresentação

673. Depois do jejum, celebrava a grande Senhora a festa de sua Purificação e Apresentação do Menino Deus no templo. Para receber de sua Mãe a oferta desta vítima, aparecia em seu oratório a santíssima Trindade, com os cortesãos de sua glória. Depois que Ela oferecia o Verbo humanado, os anjos a vestiam e adornavam com as mesmas galas e ricas jóias, como se disse na festa da Encarnação [4].

Ela fazia longa oração, na qual pedia por todo o gênero humano, e em particular pela Igreja. A recompensa desta

2 - 2ª parte, nº 1000

3 - nº 19

4 - nº 652

oração e da humildade com que se sujeitou à lei da Purificação e dos exercícios para comemorá-la, era para Ela, novo aumento de graça e novos dons e favores. Para os outros alcançava grandes auxílios e benefícios.

Semana Santa

674. A memória da Paixão de seu Filho santíssimo, a instituição do santíssimo Sacramento e Ressurreição, não só celebrava todas as semanas, como fica dito [5], mas também ao chegarem os dias aniversários. Todos os anos, nesses dias, fazia particular comemoração, como agora o faz a Igreja na Semana Santa.

Além das práticas ordinárias de cada semana, fazia outras muitas, e ao chegar a hora em que Jesus foi crucificado, punha-se na cruz ali permanecendo três horas. Renovava todas as súplicas que o Senhor fez na cruz, com todo o sofrimento e os mistérios que naquele dia sucederam.

No domingo correspondente à Ressurreição, era levada pelos anjos ao céu empíreo, onde celebrava a solenidade, Neste dia, gozava da visão beatífica, que nos outros domingos do ano era abstrativa.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS E NOSSA.

Finalidade dos dias santos

675. Minha filha, o divino Espírito, cuja sabedoria e prudência governa a santa Igreja, ordenou, por minha intercessão, que nela fossem celebrados muitos dias de diferentes festas. Neles seria renovada a memória dos mistérios divinos, das obras da Redenção humana, de minha vida santíssima e dos outros Santos. Tudo isto, para que os homens fossem agradecidos a seu Criador e Redentor, e não esquecessem, os benefícios que jamais poderão devidamente agradecer.

Estas solenidades foram ordenadas também para que, nesses dias, se dedicassem aos exercícios de devoção, e recuperassem o recolhimento que, nos outros dias, se lhes dissipa na solicitude das coisas temporais. A prática das virtudes e o bom uso dos sacramentos, compensariam o que perdem pela distração. Seriam levados à imitação da vida e virtudes dos santos, solicitariam minha intercessão, merecendo a remissão de seus pecados, a graça e favores que, por este meio, lhes tem preparado a divina misericórdia.

Profanação dos dias santos

676. Este é o espírito com que a Santa Igreja, piedosa mãe, deseja guiar e alimentar seus filhos. E, Eu que o sou de todos, pretendi atrai-los por este caminho à segurança da salvação.

A maldade da serpente infernal, porém, procurou sempre, e ainda mais na infeliz época em que vives, impedir estes santos desígnios do Senhor e meus. Quando não pode perverter a ordem da santa Igreja, faz que, pelo menos, não se cumpra na maior parte dos fiéis e que para muitos, este benefício se converta em maior motivo de condenação. O próprio demônio os acusará no tribunal da divina justiça.

Nos dias mais santos e festivos, deixaram de seguir o espírito da Santa Igreja, não os empregando em obras de virtude e culto ao Senhor, mas cometendo mais graves culpas, como ordinariamente fazem os homens carnais e mundanos.

Certamente é grande e muito re-

5 - nº 577 e seg.

provável o esquecimento e desprezo que os filhos da Igreja, comumente mostram pelos dias santos. Neles, ordinariamente, se ocupam em jogos, deleites, excessos no comer e beber com a maior desordem.

Quando mais deviam aplacar o Onipotente, então é que mais irritam sua justiça, e em vez de vencer seus inimigos invisíveis, deixam-se vencer por eles, dando este triunfo à sua altiva soberba e malícia.

Reparar a transgressão dos dias santos

677. Chora tu, minha filha, este mal, pois agora Eu não o posso fazer, como o teria feito na vida mortal. Procura repará-lo quanto puderes, com a divina graça. Trabalha para ajudar teus irmãos culpados em negligência tão generalizada.

A vida dos eclesiásticos deveria se distinguir da dos seculares, em não fazer diferença entre os dias. Em todos, deveriam se ocupar com o culto divino, oração e santos exercícios. Quero que assim o ensines a tuas súditas, mas desejo em particular, que com elas te distingas em celebrar as festas, especialmente as do Senhor e minhas, com maior preparação e pureza de consciência.

Quero que enchas todos os dias e noites com obras santas e agradáveis a teu Senhor, mas nos dias festivos acrescentarás novos exercícios interiores e exteriores. Afervora teu coração, recolhe-te toda interiormente, e se te parecer que fazes muito, trabalha ainda mais para assegurar tua vocação e eleição (**2 Pe 1, 10**) e jamais omitas ato algum por negligência.

Considera que os dias são maus (**Ef 5, 16**), a vida passa como a sombra (**Sl 143, 4**) e vive muito solícita para não te encontrares vazia de méritos, obras santas e perfeitas. Dá a cada hora sua legítima tarefa, como entendes que Eu fazia, e como muitas vezes te admoestei e ensinei.

Fidelidade às inspirações

678. Para tudo isto, te advirto a viveres muito atenta às santas inspirações do Senhor, e não desprezes este benefício, além de todos os outros que recebes. Seja tal o teu cuidado, que não deixes de por em prática, no modo que te for possível, nenhuma inspiração de virtude e maior perfeição. Asseguro-te caríssima, que pelo desprezo e descuido desta correspondência, perdem os mortais imensos tesouros de graça e de glória.

Tudo quanto vi que meu Filho santíssimo fazia, quando vivia com Ele, Eu o imitava, e todo o mais santo que me inspirava o Espírito divino, Eu o praticava, conforme tens entendido. Vivia desta ardente solicitude, como da própria respiração, e estes desejos atraiam meu Filho santíssimo, para me conceder os favores e visitas que tantas vezes me fez na vida mortal.

Retiro particular

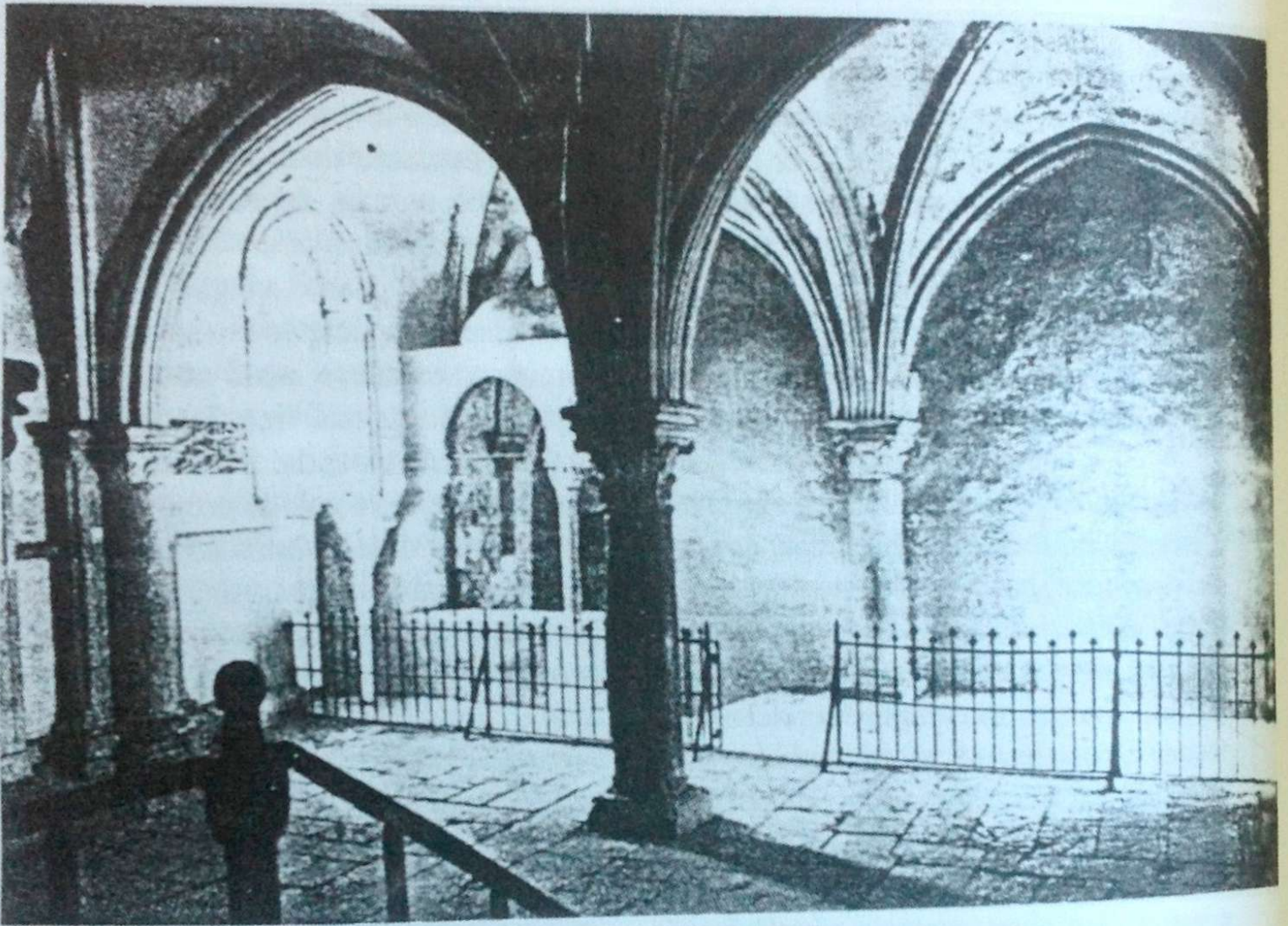
679. Quero também que tu e tuas religiosas me imitem nos meus retiros e soledade. Determina o modo como hão de fazer os exercícios de costume, aquelas que ficam em retiro, nos dias que a obediência lhes conceder.

Tens experiência do fruto que se colhe desta soledade, pois estando nela é que escreveste quase toda a minha vida e recebeste as maiores graças e favores do Senhor, para melhorar a tua e vencer teus inimigos.

Para que tuas monjas saibam como fazer estes exercícios, com maior fruto e

aproveitamento, quero que lhes escrevas um tratado particular, determinando e distribuindo o tempo e hora de suas ocupações. Isto seja de tal modo, que não faltem às comunidades, porque esta obrigação e obediência deve-se antepor a todas as particulares. No mais, guardarão absoluto silêncio, e naqueles dias andarão veladas, para que as demais saibam que estão em retiro e evitem falar com elas.

As que tiverem ofício, nem por isto sejam privadas desse bem. Designe a obediência outras para substitui-las nesse tempo.

Pede ao Senhor luz para escrever isso e Eu te assistirei para, mais em particular, entenderes o que Eu fazia, e o deixar como instruções.

Cenáculo onde Jesus instituiu a Eucarística

CAPÍTULO 16

COMO CELEBRAVA MARIA SANTÍSSIMA AS FESTAS DA ASCENSÃO DE CRISTO NOSSO SALVADOR; A VINDA DO ESPÍRITO SANTO; AS FESTAS DOS ANJOS E SANTOS E OUTRAS MEMÓRIAS DE SEUS PRÓPRIOS PRIVILÉGIOS.

Conveniência da presença de Maria na Igreja

680. Em cada um dos atos e mistérios de nossa grande Rainha e Senhora, encontro novos segredos a penetrar e novos motivos para os admirar e encarecer; faltam-me porém, palavras com que manifestar o que conheço.

Pelo que me foi dado a entender, sobre o amor de Cristo nosso Senhor à sua Mãe puríssima e digníssima Esposa, parece-me que a inclinação e força desta caridade tê-lo-ia levado a se privar do trono da glória e da companhia dos bem-aventurados, para permanecer com sua Mãe queridíssima [1], pelo tempo que durou esta separação e ausência corporal.

Não se julgue que este encarecimento da excelência da Rainha divina, derroga a de seu Filho santíssimo ou a dos santos. A divindade do Pai e do Espírito Santo estava em Cristo, indivisa, na suma unidade individual. As três Pessoas estão em cada uma, inseparáveis por inefável modo de existência, e a pessoa do Verbo nunca pode estar sem o Pai e o Espírito Santo.

Quanto à companhia dos anjos e santos, comparada à de sua digna Mãe, para Cristo era menos desejável, considerando-se a força do mútuo amor entre ambos.

Por outras razões, todavia, convinha que o Senhor, terminada a Redenção, voltasse à direita do eterno Pai, enquanto sua bem-aventurada Mãe ficava na Igreja. Seus trabalhos e merecimentos tornariam fecunda a aplicação da eficácia da Redenção e, por Ela, viriam à luz os frutos da Paixão e Morte de seu Filho santíssimo.

Conveniência das aparições de Cristo à sua Mãe

681. Com esta inefável e misteriosa providência, ordenou Cristo, nosso Salvador, suas obras, deixando-as cheias de divina sabedoria, magnificência e glória, pondo nesta mulher forte toda a confiança de seu coração, como disse Salomão (**Pv 31, 11**).

Não foi decepcionado em sua confiança, pois a Mãe prudentíssima, aplicando com seus próprios méritos e solicitudes os tesouros da Paixão e do Sangue do Senhor, comprou para seu Filho o campo (**Pv 31, 16**) no qual plantou a vinha da Igreja. Esta, no conjunto das almas dos fiéis, durará até o fim do mundo, e depois, no conjunto dos predestinados, traslada-

1 - nº 123

da à Jerusalém triunfante, existirá por todos os séculos dos séculos.

Se convinha á glória do Altíssimo que esta obra fosse confiada a Maria santíssima, a fim de que nosso Salvador entrasse na glória de seu Pai, depois de sua milagrosa Ressurreição; convinha também que continuasse a manter com sua Mãe santíssima, que deixava no mundo, o convívio possível. A isto o obrigava, não só o amor sem medida que lhe dedicava, mas também o estado e a missão que a grande Senhora desempenhava na terra. A graça, os meios, os favores e benefícios deviam ser proporcionados à causa e ao fim altíssimo de tão ocultos mistérios.

Tudo era satisfeito com as freqüentes visitas do Filho à sua Mãe, e a elevação dela ao trono de sua glória, para que nem a invicta Rainha ficasse sempre ausente de sua corte, nem os cortesãos se privassem tantos anos da desejável vista de sua Rainha e Senhora. Este gozo era possível e para todos conveniente.

Preparação para a festa da Ascensão

682. Outro dia, além dos que tenho dito, em que se renovavam estas maravilhas, era o aniversário da Ascensão de seu Filho santíssimo ao céu. Este dia era grande e muito festivo para o céu e para Ela, e desde a Ressurreição de Cristo preparava-se para celebrá-lo.

Durante este prazo, relembrava os favores que recebeu de seu Filho e dos santos que Ele tirou do limbo. Tudo quanto se passou em cada um daqueles quarenta dias, Ela agradecia com novos cânticos e exercícios, como se estivessem acontecendo, porque tudo tinha presente em sua infalível memória.

Não me detenho em referir as particularidades desses dias, porque já deixei escrito o bastante na segunda parte. Digo apenas que, nesta preparação, nossa grande Rainha recebia incomparáveis graças e influências da divindade, ficando sempre mais deificada e preparada, para o que havia de receber no dia da festa.

A festa da Ascensão

683. Chegando, pois, o dia correspondente ao que nosso Salvador Jesus subiu ao céu, dele descia, pessoalmente, ao oratório de sua bem-aventurada Mãe, acompanhado de inumeráveis anjos e dos patriarcas e santos que levou consigo em sua gloriosa Ascensão. A grande Senhora esperava esta visita, prostrada em terra como costumava, aniquilada e desfeita em profunda humildade, mas elevada ao supremo amor divino possível em pura criatura, e que ultrapassa a todo pensamento angélico e humano.

Aparecia-lhe o Filho no meio dos coros de santos e renovando nela a doçura de suas bênçãos, mandava aos anjos que a levantassem do pó à sua direita. Obedecendo prontamente, os serafins colocavam no trono do Salvador aquela que lhe deu o ser humano. Estando ali, perguntava-lhe o Filho o que desejava pedir. A esta pergunta respondia Maria santíssima: Meu Filho e Deus eterno, desejo a glória e exaltação de vosso santo nome. Quero agradecer-vos, no de todo o gênero humano, o benefício de vossa onipotência ter elevado, neste dias, a nossa natureza à glória e felicidade eterna. Peço que todos os homens conheçam, louvem e exaltem vossa divindade e humanidade santíssima.

Maria é levada ao céu.

684. Respondia-lhe o Senhor:

Mãe e pomba minha, escolhida entre as criaturas para minha habitação, vinde comigo à pátria celestial, onde se cumprirão vossos desejos e serão atendidas vossas súplicas. Ali gozareis a solenidade deste dia, não entre os mortais filhos de Adão, mas na companhia de minha corte e habitantes do céu.

Encaminhava-se a celestial procissão pela região do ar, como aconteceu no próprio dia da Ascensão, e chegava ao empíreo, estando a Virgem Mãe à direita de seu Filho santíssimo. Reinava silêncio e atenção, não só dos santos, mas até do Santo dos Santos.

A grande Rainha pedia licença ao Senhor, descia do trono e, prostrada na presença da santíssima Trindade, fazia admirável cântico de louvor celebrando os mistérios da Encarnação, Redenção e as vitórias que seu Filho santíssimo obteve, até voltar glorioso à destra do eterno Pai, no dia de sua admirável Ascensão.

Visão beatífica

685. O Altíssimo comprazia-se neste cântico e os santos, em coro, respondiam com outros louvores, glorificando o Onipotente naquela tão admirável criatura, e alegrando-se com a presença e excelência de sua Rainha.

Em seguida, por ordem do Senhor, os anjos tornavam a levantá-la à destra de seu Filho santíssimo, e ali se lhe manifestava a divindade, por visão intuitiva e gloriosa, precedida pelas iluminações e adornos que em outros lugares declarei [1]. Desta visão beatífica, a Rainha gozava algumas horas naquele dia, e nela o Senhor lhe dava novamente a posse daquele lugar que, em sua eternidade, lhe tinha preparado, como se disse no dia da Ascensão.

Para maior admiração nossa, e para sabermos o quanto devemos à Mãe de Deus, advirto que todos os anos neste dia, o Senhor lhe perguntava se queria permanecer naquele gozo para sempre, ou voltar à terra para ajudar a santa Igreja. Com liberdade de escolha Ela respondia, que se era vontade do Todo-poderoso, voltaria a trabalhar pelos homens, fruto da Redenção e Morte de seu Filho santíssimo.

Maria e São João evangelista

686. Esta resignação, repetida cada ano, era aceita pela santíssima Trindade, com admiração dos bem-aventurados. Deste modo, a divina Mãe privou-se do gozo da visão beatífica não uma só vez, mas muitas, para descer ao mundo, dirigir a Igreja e enriquecê-la com estes inefáveis merecimentos.

Como sua apreciação não cabe em nossa curta capacidade, não será falta para esta História, remeter o seu conhecimento, para quando estivermos na visão divina. As recompensas porém, iam sendo acumuladas na divina aceitação, para que ao ser delas empossada estivesse, no máximo possível, semelhante à humanidade de seu Filho, como quem devia permanecer, dignamente, à sua destra e em seu trono.

A todas estas maravilhas que se realizaram no céu, seguiam as súplicas da grande Rainha pela exaltação do nome do Altíssimo, pela propagação da Igreja, conversão do mundo e repressão do demônio. Todas lhe eram concedidas e vão sendo obtidas na Igreja através dos tempos.

Estas graças seriam ainda maiores, se os pecados do mundo não as impedissem, tornando os mortais indignos de as receber. Terminada a celebração no céu,

1 - 1ª parte nº 626 e seg.; 2ª parte, nº 1522

os anjos, com celestial música, traziam sua Rainha de volta ao Cenáculo, onde Ela, humildemente prostrada, agradecia estes favores.

O evangelista São João, sabendo destas maravilhas, merecia participar um pouco de seus efeitos, e costumava ver a Rainha tão refulgente, que não lhe podia fitar o rosto, tanta era a luz que refletia. Como a grande Mestra de humildade andava sempre como aos pés do Evangelista, freqüentemente pedindo-lhe licença de joelhos, o Santo tinha freqüentes ocasiões de estar com Ela. Muitas vezes, era tanto o temor reverencial que infundia no Santo que este chegava a se perturbar, embora fosse por efeito de admirável júbilo e santidade.

A vinda do Espírito Santo

687. Os favores desta grande festividade da Ascensão, a grande Rainha ordenava para celebrar, mais dignamente, a vinda do Espírito Santo, e com eles se preparava os nove dias, entre as duas solenidades. Continuava seus exercícios com ardentíssimos desejos de que o Senhor n'ela renovasse os dons de seu divino Espírito.

Ao chegar o dia, seus desejos eram satisfeitos. Na mesma hora em que, na primeira vez, o Espírito Santo desceu no Cenáculo sobre o Sagrado Colégio, descia todos os anos sobre a Mãe de Jesus, sua Esposa e seu templo. Esta vinda era tão solene como a primeira, na forma visível de fogo, com admirável esplendor e ruído. Estes sinais, porém, não eram vistos pelos outros como da primeira vez. Então, foi necessário, mas agora convinha que só a divina Mãe o entendesse, e um pouco o Evangelista.

Neste favor, assistiam-na milhares de anjos entoando ao Senhor cânticos de suavíssima harmonia. O Espírito Santo a inflamava toda e a renovava com superabundantes dons e com novos aumentos dos que, em tão eminente grau, já possuía.

A grande Senhora lhe dava humildes graças por este benefício e pelo que havia feito aos apóstolos e discípulos, quando os encheu de sabedoria e carismas, para que fossem dignos ministros do Senhor, e fundadores de sua santa Igreja. Agradecia ainda o ter, com sua vinda, confirmado as obras da Redenção humana.

Em longa oração, pedia ao divino Espírito continuasse na santa Igreja, nos séculos presentes e futuros, a derramar a influência de sua graça e sabedoria; que não os suspendesse, em tempo algum, por causa dos pecados dos homens que os desmereciam. Todos estes pedidos eram concedidos pelo Espírito Santo à sua Esposa única, e o fruto de suas súplicas eram e são recebidos pela santa Igreja, até o fim do mundo.

Festa dos santos anjos

688. A todos estes mistérios e festividades do Senhor e suas, nossa grande Rainha acrescentava outras duas que celebrava, com especial alegria e devoção, em outros dois dias no decurso do ano: uma era dos santos anjos, e a outra dos santos da natureza humana.

Para celebrar as excelências e santidade da natureza angélica, preparava-se alguns dias com os exercícios das outras festas e com novos cânticos de louvor. Neles decantava a obra da criação dos espíritos celestes, além de sua justificação,

glorificação e todos os mistérios e segredos que deles, em geral e em particular, conhecia.

Chegando o dia marcado convidava-os, e desciam muitos milhares de todas as ordens e coros celestiais. Com admirável glória e beleza apareciam em seu oratório, formando-se dois coros: um era nossa Rainha e o outro os espíritos angélicos. Alternando os versos, começava a grande Senhora e respondiam os anjos com celeste harmonia, passando neste louvor o dia todo.

Se fosse possível revelar ao mundo os misteriosos cânticos que, nestes dias, compunham Maria santíssima e os anjos, sem dúvida seria uma das maravilhas do Senhor e assombro para os mortais. Não encontro palavras, nem tenho tempo para descrever o pouco que deste sacramento conheci.

Em primeiro lugar, louvavam ao ser de Deus em si mesmo, em todas suas perfeições e atributos que conheciam. Depois a grande Rainha o bendizia e exaltava pela sabedoria e onipotência que manifestou criando tantas e tão belas substâncias espirituais e angélicas; por as haver favorecido com tantos dons de natureza e graça, por seus ministérios e obséquio em cumprir a vontade de Deus, por assistirem e guiarem os homens e à natureza inferior e visível.

A estes louvores, os anjos respondiam com outros agradecimentos pessoais e cantavam ao Onipotente admiráveis louvores, por ter criado e escolhido para Mãe sua, uma Virgem tão pura, tão santa e digna de seus maiores dons e favores; por tê-la elevado sobre todas as criaturas, em santidade e glória, dando-lhe o domínio e império para que todas a servissem, venerassem e pregassem por digna Mãe de Deus e restauradora do gênero humano.

Mútuos louvores entre os anjos e Maria

689. Neste estilo, iam discorrendo pelas grandes excelências de sua Rainha, bendizendo a Deus e à sua Mãe, enquanto Ela discorria pelas dos anjos, com iguais louvores. Deste modo, aquele dia proporcionava admirável júbilo e doçura para a grande Senhora e gozo acidental aos anjos, principalmente aos mil custódios que ordinariamente a assistiam. Como de ambas as partes não havia impedimentos de ignorância, nem faltava conhecimento e apreço dos mistérios que confessavam, era este colóquio de incomparável veneração, e o será para nós quando, no Senhor, o conhecermos.

Festa dos santos

690. Em outro dia, celebrava a festa de todos os santos da natureza humana, preparando-se com muitas orações e práticas, como para outras festividades. Na celebração desta, vinham todos os antigos pais, patriarcas, profetas e os demais santos mortos depois da Redenção.

Neste dia, fazia novos cânticos de agradecimento pela glória daqueles santos, fruto da Redenção e Morte de seu santíssimo Filho. Grande era a alegria da Rainha ao conhecer o mistério da predestinação dos santos que, depois dos perigos da vida mortal, já se encontravam na segura felicidade eterna.

Por este benefício, bendizia ao Senhor e Pai das misericórdias, decantando nestes louvores as graças e dons que cada santo recebera. Pedia-lhes que rogassem pela santa Igreja e pelos que nela militavam com perigo de, na batalha, perder a coroa que já possuíam.

Em seguida, rememorava e agradecia as vitórias que Ela, com o poder

divino, obtivera sobre os demônios nos combates que com eles travou. Por estes favores e pelas almas que havia resgatado do poder das trevas, fazia novos cânticos e humildes e fervorosos atos de agradecimento.

Capacidade espiritual da Mãe de Deus

691. Será admiração para os homens, assim como foi para os anjos, que uma pura criatura em carne mortal, realizasse tantas e tão contínuas maravilhas, que seriam impossíveis a muitas almas juntas, ainda que fossem ardentes como os supremos serafins. Nossa grande Rainha possuía certa participação da onipotência divina, com a qual, para Ela era fácil, o que para outras criaturas é impossível.

Nestes últimos anos de sua vida santíssima, intensificou-se esta sua atividade, de modo que não cabe em nossa capacidade a ponderação de suas obras. Não as interrompia, não descansava nem de dia, nem de noite, porque já não a embaraçava a mortalidade e o peso da natureza. Agia infatigavelmente, como anjo, e mais que todos eles reunidos. Era uma chama e um incêndio de imensa atividade.

Com esta divina virtude, os dias lhe pareciam breves, poucas as oportunidades, limitados os atos, porque o amor a fazia aspirar sempre infinitamente mais do que fazia, apesar de já ser sem medida.

Eu disse pouco ou nada desses prodígios. Comparado à realidade, como conheço e confesso, vejo uma distância quase infinita, entre o que me foi manifestado e o que não sou capaz de entender nesta vida.

Se, do que me foi manifestado não posso dar completa explicação, como direi o que ignoro, conhecendo apenas esta ignorância? Procuremos não desmerecer a luz que nos espera, para vê-lo em Deus. Quando não esperássemos outra recompensa e gozo, só por este, deveríamos estar dispostos a trabalhar e padecer, até o fim do mundo, todas as penas e tormentos dos mártires. Tudo seria muito bem pago com o gozo de conhecer a dignidade e excelência de Maria santíssima, vendo-a à direita de seu Filho e verdadeiro Deus, sublimada sobre todos os espíritos angélicos e santos do céu.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DOS ANJOS.

Bons desejos

692. Minha filha, ao passo que vais descrevendo os atos de minha vida mortal, desejo que caminhes e progridas em minha perfeitíssima imitação e seguimento.

Este desejo cresce em Mim, como em ti cresce a luz e admiração do que entendes e escreves. Já é tempo que recuperes o que até agora retardaste, e que levantes o vôo de teu espírito ao estado que te chama o Altíssimo e que eu te convido. Enche tuas obras com toda perfeição e santidade. Adverte que é ímpia e cruel a oposição que nisto te fazem teus inimigos: demônio, mundo e carne.

Não é possível vencer tantas dificuldades e tentações, se não acenderes em teu coração desejo e fervor ardentíssimo. Seu ímpeto invencível afugentará e pisará a cabeça da serpente venenosa que, com astúcia diabólica, vale-se de meios mentirosos, ou para derribar-te, ou para deter-te na carreira. Esta serpente procura que não chegues ao fim que desejas e ao estado que Deus te prepara e para o qual te escolheu.

É mais fácil não cair do que se levantar

693. Não deves ignorar, minha filha, o desvelo e atenção com que o demônio observa qualquer descuido, esquecimento e mínima inadvertência das almas que ele anda sempre rodeando e espreitando (**1 Pd 5, 8**). Aproveita-se de qualquer negligência que nelas vê, sem perder oportunidade para, com astúcia, lançar-lhes suas tentações. Agita as paixões daquelas que vê descuidadas, para que sejam feridas pela culpa, antes de a conhecerem inteiramente.

Quando, depois, a advertem e desejam o remédio, acham mais dificuldade. Para se levantar depois da queda, necessitam mais abundante graça e esforço, do que teriam precisado para resistir antes da queda. A culpa enfraquece a alma na virtude, seus inimigos cobram maior brio, e as paixões se fazem mais rebeldes e difíceis de subjugar. Por estes motivos, são mais os que caem, do que os que se levantam.

O remédio para este perigo é viver com vigilante atenção, com ânsia e contínuo desejo de merecer a divina graça; com incessante porfia em agir sempre melhor; não deixar tempo vago para o inimigo encontrar a alma ociosa e descuidada, sem estar em algum exercício e prática de virtude.

Por estes meios, se alivia o próprio peso da natureza terrena; subjugam-se as paixões e más inclinações, intimida-se o demônio, eleva-se o espírito fortificando-o contra a carne e domina-se a parte inferior e sensitiva sujeitando-a à divina vontade.

Fervor incessante

694. De tudo isto, tens o vivo exemplo de minhas obras. Para não as esqueceres, as escreves, e Eu as tenho manifestado com tanta luz, como tens recebido. Atende, pois, caríssima, tudo o que vês neste claro espelho. Se me conheces e me confessas por tua Mestra e Mãe de toda a santidade e verdadeira perfeição, não demores em me seguir e imitar.

Não é possível que tu, ou qualquer outra criatura, chegue a perfeição e altura de minhas obras, nem a isto te obriga o Senhor. É muito possível, porém, que, com sua divina graça, enchas tua vida com obras de virtude e santidade e que nelas empregues todo o teu tempo e potências. A uns exercícios santos acrescenta outros, a orações, súplicas e virtudes soma outras, como entendes que Eu fazia.

Para isto, desdobrava-me nas ocupações do governo da Igreja; celebrava tantas festividades, no modo e disposição que escreveste. Terminando uma começava a preparar-me para outra, de tal modo, que nem um instante de minha vida ficava sem obras santas e agradáveis ao Senhor.

Todos os filhos da Igreja, se quiserem, podem imitar-me nisso, e tu o deves mais do que ninguém. Para este fim é que o Espírito Santo ordenou as solenidades e memórias de meu Filho santíssimo, minhas e de outros Santos celebrados pela Igreja.

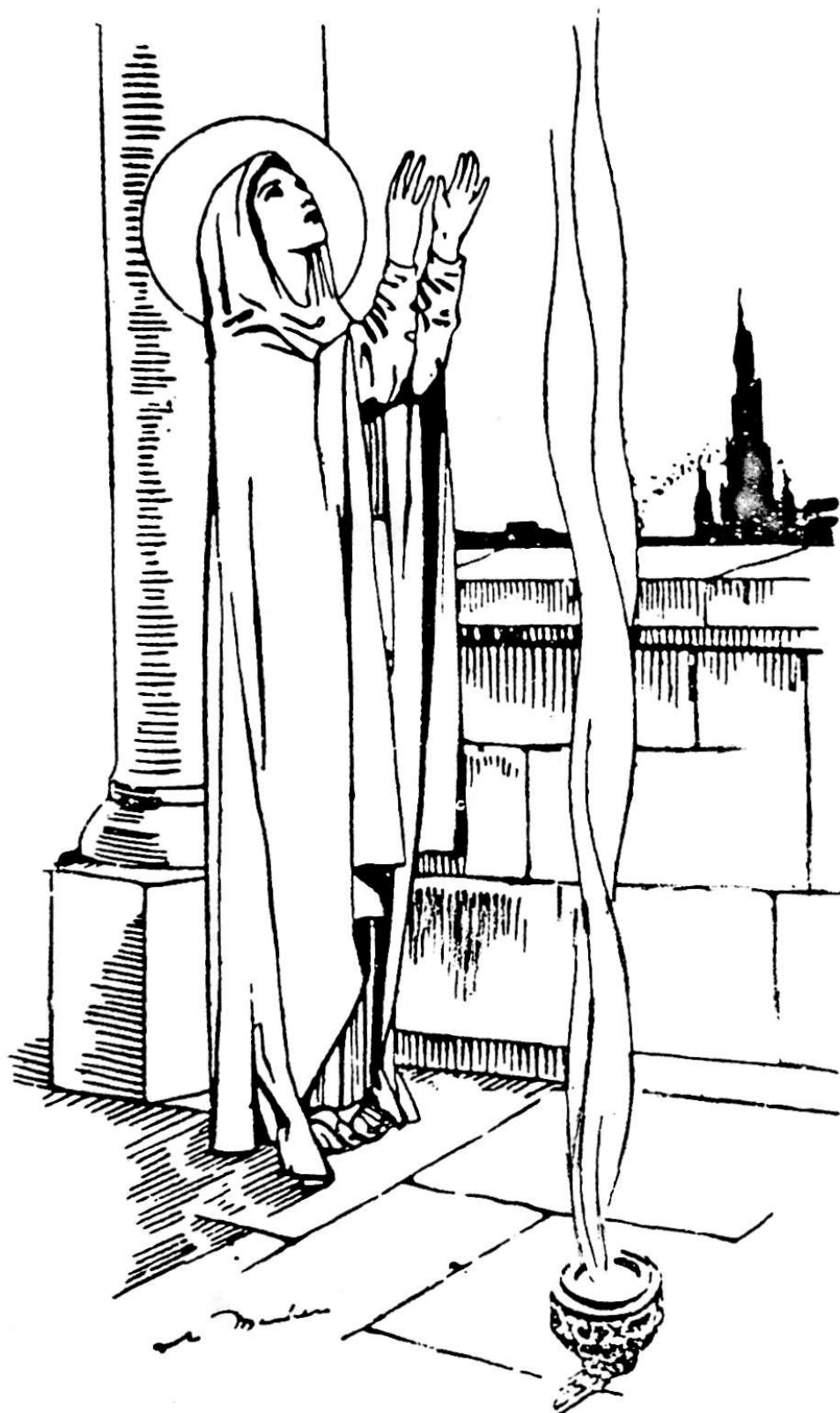
Devoção aos Anjos

695. Em todas elas quero que te distingas muito, como outras vezes te mandei, especialmente nos mistérios da divindade e humanidade de meu Filho santíssimo, e nos de minha vida e minha glória.

Em seguida, quero que tenhas singular veneração e afeto à natureza angélica, assim pela sua grande excelência, santidade, beleza e ministérios, como pe-

los grandes favores e benefícios que recebeste por meio destes espíritos celestiais.

Quero que procures te assemelhar a eles na pureza de tua alma, na elevação de santos pensamentos, no incêndio do amor, e em viver como se não tivesse corpo terreno e suas paixões. Eles serão amigos e companheiros de tua peregrinação, para depois o serem na pátria.

Tua conversão e trato familiar deve ser com eles. Eles te manifestarão os predicados de teu Esposo, ensinarão os caminhos retos da justiça e da paz, te defenderão dos demônios, te avisarão de seus enganos e, freqüentando a escola destes espíritos e ministros do Altíssimo, aprenderás as leis do amor divino. Ouve-os e obedece-lhes em tudo.

CAPÍTULO 17

PELO ANJO SÃO GABRIEL O ALTÍSSIMO PARTICIPA A MARIA SANTÍSSIMA QUE LHE RESTAM TRÊS ANOS DE VIDA; O QUE ESTE AVISO DO CÉU PRODUZIU EM SÃO JOÃO E EM TODAS AS CRIATURAS DA NATUREZA.

Advertência da Escritora

696. Para dizer o que me resta sobre os últimos anos da vida de nossa única e divina fênix Maria santíssima, é justo que o coração e os olhos forneçam o licor, com que desejo escrever tão doces quanto comoventes maravilhas.

Quisera prevenir ao devoto coração dos fiéis, não as ler e considerar como passadas e ausentes, pois a poderosa virtude da fé faz presentes as verdades. Se as olharmos de perto, com a devida piedade e devoção cristã, sem dúvida colheremos seu fruto suavíssimo, sentiremos seus efeitos e nosso coração gozará do bem que nossos olhos não alcançaram.

O céu deseja a presença de Maria

697. Chegou Maria santíssima à idade de sessenta e sete anos, sem haver interrompido a carreira, nem detido o vôo, nem diminuído o incêndio de seu amor e merecimentos, desde o primeiro instante de sua imaculada Conceição.

Tudo crescera, em cada momento de sua vida; os inefáveis dons e favores do Senhor a tinham espiritualizado e deificado; os afetos, os ardores e desejos de seu castíssimo coração não a deixaram descansar, fora do centro do seu amor; as prisões da carne a constrangiam; a inclinação e peso da própria divindade para uni-la consigo com eterno e estreito laço estava, a nosso modo de entender, no ápice de sua potência; até a mesma terra indigna pelos pecados dos mortais, de sustentar o tesouro dos céus, já não podia conservá-lo sem restitui-lo a seu verdadeiro dono.

O eterno Pai desejava sua única e verdadeira Filha; o Filho, a sua diletíssima e amada Mãe; o Espírito Santo, os abraços de sua formosíssima Esposa; os anjos cobiçavam a presença da Rainha; os santos, à sua grande Senhora, e todo o céu pedia à sua Imperatriz viesse enchê-lo de glória, com sua beleza e alegria.

O mundo e a Igreja, só podiam alegar a seu favor, a necessidade que tinham de tal Mãe e Mestra, e a caridade com que Deus amava aos míseros filhos de Adão.

Maria é avisada do termo de sua vida

698. Sendo, porém, inevitável terminar o prazo da carreira mortal de nossa Rainha, conferiu-se - a nosso entender - no divino consistório, o modo de glorificar a bem-aventurada Mãe. Avaliou-se o amor

que só a Ela se devia, tendo satisfeito copiosamente a misericórdia pelos homens, nos muitos anos que a Igreja a teve por Fundadora e Mestra.

Determinou o Altíssimo consolá-la com o aviso do que lhe restava de vida, para que, certa do dia e hora tão desejada por Ela, esperasse alegre o termo de seu desterro. A santíssima Trindade enviou o santo arcanjo Gabriel, com outros muitos cortesãos das jerarquias celestiais, participar à sua Rainha, quando e como terminaria o prazo de sua vida mortal e passaria à eterna.

O arcanjo São Gabriel é enviado à Maria

699. Desceu o santo arcanjo com os demais ao oratório da grande Senhora no Cenáculo de Jerusalém, onde a encontraram prostrada em terra, em forma de cruz, pedindo misericórdia pelos pecadores.

Ouvindo a música e vendo a presença dos santos anjos, pôs-se de joelhos para atender ao Embaixador do céu e seus companheiros, todos vestidos de alvos e refulgentes trajes.

Rodearam-na com admirável agrado e reverência. Traziam coroas e palmas nas mãos, todas diferentes, representando, em sua preciosidade e beleza, os diversos prêmios e glórias de sua grande Rainha e Senhora.

Saudou-a o santo anjo com a Ave Maria e prosseguiu: Imperatriz e Senhora nossa, o Onipotente e Santo dos santos nos envia de sua corte, para vos participar, em seu nome, o felicíssimo termo de vossa peregrinação e desterro da vida mortal. Chegará logo, Senhora, o dia e hora tão desejada em que, através da morte natural, recebereis a posse eterna da imortal vida que vos espera, à direita e na glória de vosso Filho santíssimo e nosso Deus.

A contar de hoje, restam exatamente três anos, para serdes elevada e recebida no gozo perene do Senhor, onde todos seus habitantes, ansiosos, esperam vossa presença.

Alegria da Virgem

700. Ouviu Maria santíssima esta embaixada, com inefável júbilo de seu ardente e puríssimo espírito, e, prostrada em terra, respondeu como na Encarnação do Verbo: Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra (**Lc 1, 38**).

Pediu aos santos anjos a ajudassem a agradecer aquela notícia de tanta alegria para Ela. Entoado pela grande Mãe, foi com os anjos alternando um cântico, por duas horas contínuas. Ainda que os espíritos angélicos, por sua natureza, são de inteligência rápida, sábia e elegante, a

divina Mãe excedia em tudo a todos, como Rainha e Senhora a seus vassalos. Nela, a abundância de sabedoria e graça era como de Mestra, e neles como em discípulos.

Terminado este cântico, humilhando-se de novo, encarregou aos espíritos celestes rogassem ao Senhor prepará-la para passar da vida mortal à eterna, e o mesmo pedissem aos demais anjos e santos. Prontificaram-se a obedecer-lhe, e São Gabriel se despediu, voltando ao empíreo com os companheiros.

Maria agradece às criaturas

701. A grande Rainha e Senhora do universo ficou só em seu oratório. Entre lágrimas de humildade e alegria, prostrou-se em terra, e abraçando-a como a mãe comum de todos, disse-lhe estas palavras: Terra, dou-te as graças que devo, porque sem o merecer, me sustentaste sessenta e sete anos. És criatura do Altíssimo e por sua vontade me conservaste até agora. Rogo-te que me ajudes no que me resta em ser tua moradora, para que assim como de ti e em ti fui criada, de ti e por ti chegue ao desejado fim na visão de meu Criador.

Dirigiu-se às outras criaturas, dizendo-lhes: Céus, planetas, astros e elementos feitos pela mão poderosa de meu Amado, testemunhas fiéis e pregadoras de sua grandeza e formosura, agradeço também a vós, e a vossas criaturas, terdes cooperado na conservação de minha vida com vossas influências e energias. Ajudai-me de novo, desde hoje, a melhorá-la com o auxílio divino, no tempo que me resta, para ser agradecida a meu e vosso Criador.

Maria aumenta a solicitude

702. Conforme as palavras do Arcanjo, esta embaixada teria sucedido no mês de Agosto, três anos antes do glorioso trânsito de Maria santíssima, do qual falarei adiante [1]. Desde a hora em que recebeu este aviso, inflamou-se de novo na chama do amor divino e multiplicou seus exercícios, como se tivesse que recuperar algo que, por negligência ou menos fervor, houvesse omitido até aquele dia.

O caminhante apressa o passo, quando está a terminar o dia e ainda há muito caminho para andar; o trabalhador desdobra as energias e o esforço, quando chega a tarde e não acabou a tarefa. Nossa grande Rainha, porém, nem pelo temor da noite, nem pelo risco da viagem, mas por amor e desejo da eterna luz, apressurava o passo de suas heróicas virtudes, não para chegar mais cedo e sim para entrar mais rica no interminável gozo do Senhor.

Escreveu a todos os apóstolos e discípulos que andavam pregando, animando-os de novo na conversão do mundo, e manteve esta correspondência, com mais freqüência, naqueles três últimos anos.

Aos demais fiéis pessoalmente presentes, dirigia mais exortações, confirmando-os na fé. Guardava segredo da mensagem que recebera, mas sua atividade era de quem já começava a se despedir e queria deixar a todos enriquecidos de benefícios celestiais.

Maria revela sua morte próxima a São João

703. Para com o evangelista São João, havia outras razões: tinha-o por filho e mais do que os outros, ele a assistia e servia. Pareceu justo à grande Senhora, dar-lhe notícia do aviso de sua morte. Passados alguns dias, pedindo-lhe primeiro a bênção e licença, disse-lhe:

Sabeis, meu filho e meu senhor,

1 - nº 742

que entre as criaturas do Altíssimo sou a mais devedora e obrigada a obedecer à sua divina vontade; se toda a criação lhe está sujeita, em Mim se deverá cumprir inteiramente seu beneplácito no tempo e na eternidade.

Vós, meu filho, deveis ajudar-me nisso, como quem conhece os títulos pelos quais pertenço totalmente a meu Deus e Senhor. Em sua dignação e misericórdia infinita, manifestou-me que em breve chegará o termo de minha vida mortal para passar à eterna; a partir do dia em que recebi este aviso, faltam só três anos para acabar meu exílio.

Suplico-vos, senhor meu, me ajudeis, para que neste breve tempo Eu trabalhe em dar graças ao Altíssimo e alguma retribuição pelos imensos benefícios que de seu liberalíssimo amor tenho recebido. Do íntimo de minha alma vos suplico orardes por mim.

Sentimento de São João

704. Estas palavras da divina Mãe partiram o amoroso coração de São João que, sem poder conter a dor e as lágrimas, respondeu: Mãe e Senhora minha, estou pronto para obedecer à vontade do Altíssimo e à vossa, ainda que meus méritos não correspondem à minha obrigação e desejos. Vós, porém, Senhora e Mãe piedosíssima, amparai este vosso pobre filho que vai ficar só e órfão, sem vossa desejável companhia.

Não pôde São João continuar, afogado em lágrimas e soluços. Ainda que a carinhosa Rainha o animou e consolou com suaves e eficazes razões, desde aquele dia o santo apóstolo ficou com o coração traspassado por uma flecha de dor e tristeza. Enfraquecia e se tornava macilento, como acontece às flores, quando o sol que as vivifica se esconde; tendo-o acompanhado em sua carreira, à tarde entristecem e desmaiam ao perdê-lo de vista.

Para São João não perder a vida neste desconsolo, a piedosa Mãe fez-lhe muitas promessas, garantindo-lhe que seria sua Mãe e Advogada junto a seu Filho santíssimo. O Evangelista participou a notícia a São Tiago menor que, como bispo de Jerusalém, servia com ele à Imperatriz do mundo, conforme São Pedro lhes havia ordenado [2]

Daí em diante, os dois apóstolos acompanharam mais freqüentemente à sua Rainha e Senhora, principalmente o Evangelista que não podia se afastar de sua presença.

Sentimentos dos apóstolos e fiéis

705. No decurso destes três últimos anos da vida de nossa Rainha e Senhora, ordenou o poder divino, com oculta e suave força, que toda a natureza começasse a sentir o pranto e prever o luto pela morte daquela que dava beleza e perfeição à toda criação.

Os santos apóstolos, espalhados pelo mundo, começaram a sentir certa preocupação e receio, na previsão da falta de sua Mestra e amparo. A divina inspiração lhes dizia que já não poderia estar longe o termo inevitável.

Os outros fiéis, residentes em Jerusalém e suas vizinhanças na Palestina, tinham o pressentimento de que não gozariam de seu tesouro e alegria por muito tempo.

O céu, astros e planetas perderam muito de sua formosura e alegria, como acontece ao dia em se aproximando a noite. As aves demonstraram particular tristeza nos dois últimos anos; ordinariamente, vinham em grandes bandos e rodeavam o

2 - nº 230

oratório de Maria santíssima com extraordinários vôos e meneios.

Em vez de cantar, emitiam tristes gemidos como lamentos de dor, até que a Senhora lhes ordenava louvarem ao Criador, com seus gorjeios naturais e sonoros. Desta maravilha, São João foi muitas vezes testemunha e participante, pois chorava com os pássaros. Poucos dias antes do trânsito da divina Mãe, vieram ao seu encontro inúmeras avezinhas; prostraram as cabecinhas no solo, gemendo tristemente, como a pedir-lhe a bênção nas últimas despedidas.

Sentimento da natureza

706. Não só as aves fizeram este pranto, mas até os animais brutos. Tendo, certo dia, a Rainha do céu saído em visita aos santos lugares de nossa Redenção, segundo costumava, ao chegar no monte Calvário foi rodeada por muitas feras selvagens que, de diversos montes, tinham vindo esperá-la. Umas prostravam-se em terra, outras baixavam a cabeça e todas gemendo tristemente, estiveram algumas horas manifestando a dor que sentiam, porque ia deixar a terra Aquela que reconheciam por Senhora e honra de todo o universo.

A maior maravilha que sucedeu, no geral sentimento e mudança das criaturas, foi que, seis meses antes da morte de Maria santíssima, o sol, a lua e as estrelas, deram menos luz que até então tinham dado aos mortais; e, no dia do feliz trânsito, eclipsaram-se como aconteceu na morte do Redentor do mundo (**Mt 27, 45**). Ainda que muitos homens sábios e perspicazes notaram estas alterações nos orbes celestes, como ignoravam a causa, só puderam admirar-se.

Os apóstolos e discípulos, porém, que como direi adiante [3], assistiam sua feliz morte, entenderam então o sentimento da natureza insensível que, nobremente, antecipou o pranto, enquanto a natureza humana e racional não soube chorar a perda de sua Rainha e legítima Senhora, sua verdadeira formosura e glória.

Nas demais criaturas, parece que se cumpriu a profecia de Zacarias (**12, 10-12**) na qual diz que: naquele dia havia de chorar a terra e todas as famílias da casa de Deus, uma por uma, e este pranto seria como o que aconteceu na morte do Primogênito, sobre quem todos costumavam chorar.

Isto que o Profeta disse do Unigênito do eterno Pai e Primogênito de Maria santíssima, Cristo Jesus, nosso Salvador, valia também, na devida proporção, para Maria puríssima, Primogênita e Mãe da graça e da vida.

Como os vassalos fiéis e servos reconhecidos, não só na morte de seu príncipe e de sua rainha se cobrem de luto, mas do perigo dela se entristecem, antecipando a dor à perda; assim as criaturas irracionais se adiantaram no sentimento e sinais de tristeza, ao se aproximar o trânsito de Maria santíssima.

Tristeza de São João

707. Só o evangelista as acompanhava nesta dor. Foi o primeiro, e mais do que todos, a sentir esta perda, sem conseguir escondê-la das pessoas com que vivia mais familiarmente na casa do Cenáculo. Duas moças, filhas da dona da casa, que serviam e tratavam muito com a Rainha do mundo, e algumas outras pessoas muito devotas, perceberam a tristeza do apóstolo São João e muitas vezes o viram chorando. Como conheciam a permanente e aprazível

3 - nº 735

serenidade do santo, julgaram que aquela novidade tinha alguma razão muito séria.

Com piedosa intenção, perguntaram-lhe algumas vezes, com insistência, a causa de sua tristeza, para o ajudar no que lhes fosse possível. O santo apóstolo dissimulava sua dor, e por muitos dias nada revelou. Depois, porém, por divina disposição, cedeu às importunações de seus devotos e lhes contou que se aproximava o feliz trânsito de sua Mãe e Senhora, título que lhe dava em sua ausência.

Divulga-se a notícia do próximo trânsito de Maria

708. Por este modo, esta provação da Igreja começou a se divulgar entre os mais íntimos da Rainha, algum tempo antes de acontecer. Desde que chegaram a saber, não puderam conter as lágrimas e tristeza. Daí em diante visitavam muito mais a divina Mãe, prostravam-se a seus pés, beijavam o solo pisado por eles; pediam-lhe que os abençoasse e os levasse consigo; que não os esquecesse na glória do Senhor, para onde levava o coração de seus servos.

Foi grande misericórdia e providência do Senhor, que muitos fiéis da primitiva Igreja tivessem esta notícia, tão antecipada, da morte de sua Rainha. Como assegurou por seu profeta Amós (3, 7), não envia trabalhos e males a seu povo, sem que primeiro os revele aos seus servos.

Ainda que esta tribulação era inevitável para os fiéis daquele tempo, a divina clemência ordenou que, quanto possível, a primitiva Igreja fosse ressarcida da perda de sua Mãe e Mestra, empenhando-a com suas lágrimas e sentimentos. Graças a esta afeição, no espaço de tempo que lhe restava de vida, favorecia os fiéis e enriquecia-os com os tesouros da divina graça. Senhora de todos, podia distribuí-los para consolá-los em sua partida, como realmente aconteceu.

O maternal coração da santíssima Senhora comoveu-se com as lágrimas dos fiéis, e encheu-se de extrema piedade. Para eles e para toda a igreja, alcançou nos últimos dias de sua vida, novos benefícios e misericórdias de seu Filho santíssimo.

Para não privar a Igreja destes favores, não quis o Senhor tirar-lhe de improviso a divina Mãe. Nela, tinham os fiéis amparo, consolo, alegria, socorro nas necessidades, alívio nos trabalhos, conselho nas dúvidas, saúde nas enfermidades, remédio nas aflições e todos os bens reunidos.

Maria aumenta seus favores

709. Nunca foram decepcionados em sua esperança os que a puseram na Mãe da graça. Sempre socorreu a todos quantos não resistiram à sua amorosa clemência. Nos últimos anos de sua vida, porém, não se podem contar, nem avaliar os prodígios que operou a favor dos mortais, pelo grande número de todo o gênero de pessoas que a procuravam.

A todos os enfermos que vinham à sua presença deu saúde de corpo e de alma; converteu muitos à fé evangélica; trouxe inumeráveis almas ao estado de graça, tirando-as do pecado. Proveu grandes necessidades dos pobres, dando a uns o que tinha e o que lhe ofereciam, e a outros socorrendo-os com milagres. Confirmava a todos no temor de Deus, na fé e na obediência à santa Igreja.

Como Senhora e única Tesoureira das riquezas da divindade e dos tesouros da vida e morte de seu Filho santíssimo quis, antes de sua morte, franqueá-las com

liberal misericórdia e deixar enriquecidos os filhos da Igreja, dos quais se ausentava. Além de tudo isto, consolou-os e animou-os com as promessas do que hoje faz por nós à direita de seu Filho.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS.

Estai preparados

710. Minha filha, para se entender a alegria que produziu em minha alma o aviso do Senhor, de que se aproximava o termo de minha vida mortal, seria necessário conhecer o desejo e a força de meu amor para chegar à sua visão e gozo eterno, na glória que me tinha preparado.

Este mistério excede à capacidade humana, e o que os filhos da Igreja poderiam alcançar para seu consolo, não o merecem nem se fazem capazes, porque não se aplicam à luz interior e a purificar suas consciências para recebê-la.

Meu Filho santíssimo e Eu temos sido muito liberais contigo, nesta e noutras misericórdias. Asseguro-te, caríssima, que serão muito felizes os olhos que virem o que viste e os ouvidos que ouvirem o que ouviste (**Lc 10, 24**). Guarda teu tesouro e não o percas; trabalha com todas as forças para colher o fruto desta ciência e de minha doutrina.

Imita-me em te preparares, desde já, para a hora de tua morte, pois se dela tiveras alguma certeza, qualquer prazo deveria te parecer pouco, para assegurar o negócio que nela se há de resolver: a glória ou a pena eterna. Nenhuma das criaturas racionais teve tão garantida a recompensa quanto Eu. E apesar desta verdade ser tão infalível, foi-me dado o aviso da morte, três anos antes.

Com tudo isso, conheceste, quanto me preparei, como criatura mortal e terrena, com o temor santo, que se deve ter daquela hora. Nisto fiz o que me competia, pela minha condição mortal e como Mestra da igreja. Dava exemplo do que os demais devem fazer, sendo mortais e mais necessitados desta preparação, para não caírem na condenação eterna.

Esquecimento da morte

711. Entre as falácias e absurdos que os demônios introduziram no mundo, nenhum é maior, nem mais pernicioso, do que esquecer a hora da morte e o que há de acontecer no julgamento do rigoroso Juiz.

Considera, minha filha, que por esta porta entrou o pecado no mundo. À primeira mulher, o que a serpente principalmente quis persuadir, foi que não morreria, nem pensasse nisso (**Gn 3, 4**). Este engano continua para os inumeráveis néscios que vivem sem essa memória e morrem como esquecidos da infeliz sorte que os espera.

Para que esta perversidade humana não te atinja, desde logo lembra que hás de morrer infalivelmente; que recebeste muito e pagaste pouco; que as contas serão tanto mais rigorosas, quanto mais o supremo Juiz foi liberal nos dons e talentos que te deu, e na paciência com que te esperou. Quero de ti, nada menos do que deves a teu Senhor e Esposo, que é fazer sempre o melhor em todo lugar, tempo e ocasião, sem admitir descuido, intervalo ou esquecimento.

Contrição e esperança

712. Se, por fraqueza, cometeres alguma omissão ou negligência, não se

ponha o sol, nem termine o dia sem te arrependeres. Se puderes, confessa-te como para o último julgamento. E, propondo emendar-te, ainda que a culpa seja levíssima, começarás a trabalhar com novo fervor e cuidado, como quem vê acabar-se o tempo de terminar tão árdua empresa, qual seja obter glória e felicidade eterna e não cair na morte e tormentos sem fim.

Nisto, deves continuamente ocupar tuas potências e sentidos, para que tua esperança seja firme e alegre; (2 Cor 1, 7) para não trabalhar em vão (Fl 2, 16), nem correr ao acaso (1 Cor 9, 26), como correm os que se contentam com algumas boas obras, cometendo ao mesmo tempo muitas outras reprováveis e feias. Estes não podem caminhar com a segurança e gozo interior da esperança, porque a consciência os repreende e entristece, a não ser que vivam esquecidos e satisfeitos com a estulta alegria da carne.

Para dar plenitude a todas tuas obras, continua os exercícios que te ensinei, inclusive o da morte, com todas as orações, prostrações e recomendações da alma, como costumas fazer. Em seguida, recebe mentalmente o Viático como quem está de partida para a outra vida, e despede-te da presente, esquecendo tudo quanto há nela. Inflama teu coração em desejos de ver a Deus, e sobe até sua presença onde deves estabelecer tua morada e, agora, tua conversação (Fl 3, 20).

Subo para a glória, mas não vos esquecerei

CAPÍTULO 18

COMO CRESCERAM, NOS ÚLTIMOS DIAS DE MARIA SANTÍSSIMA, OS VÔOS E DESEJOS DE VER A DEUS; DESPEDE-SE DOS LUGARES SANTOS E DA IGREJA CATÓLICA; FAZ SEU TESTAMENTO COM A ASSISTÊNCIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE.

O amor e o fogo

713. Encontro-me em extrema pobreza de conceitos e expressões, para dizer algo do estado a que chegou o amor de Maria santíssima nos últimos dias de sua vida; os ímpetos e vôos de seu puríssimo espírito, os desejos e ânsias incomparáveis de chegar ao estreito abraço da divindade. Não encontro semelhança apropriada em toda a natureza. Se alguma pode servir para minha intenção, é o elemento do fogo, pela analogia que tem com o amor.

Admirável é a atividade e força deste elemento, superior às dos outros. Nenhum é mais intolerante para suportar prisões porque, ou morre nelas, ou as despedaça para voar com suma rapidez à sua própria esfera. Se estiver encarcerado nas entranhas da terra, rompe-a, desmorona os montes, arranca os penhascos e, com violência impetuosa, os carrega diante de si, até onde chegar o impulso que sua força lhes imprime. Ainda que o cárcere seja de bronze, se não o quebra, abre suas portas com espantosa violência, para terror dos que lhe estão próximos, e por elas arremessa o globo de metal que o prendia, com tanta violência, como se sabe por experiência. Tal é a natureza desta insensível criatura.

O amor em Maria

714. Se, no coração de Maria santíssima estava, em seu auge, o fogo do amor divino - não posso explicar-me com outros termos - claro está que os efeitos corresponderiam à causa, e não seriam mais admiráveis aqueles na ordem da natureza, do que estes na da graça, e de tão imensa graça.

Nossa grande Rainha, mesmo em corpo mortal, foi sempre estrangeira no mundo, fênix única na terra. Mas, estando de partida para o céu, certa do feliz termo de sua peregrinação, ainda que seu virginal corpo estivesse na terra, a chama de seu puríssimo espírito, com rapidíssimos vôos, se levantava até sua esfera, a divindade.

Não podia conter os ímpetos do coração, nem parecia senhora de seus movimentos interiores e de sua vontade para regê-los, porque havia entregue toda a liberdade ao domínio do amor e aos desejos da posse do Sumo Bem, no qual vivia transformada e esquecidá da mortalidade terrena.

Não quebrava estas prisões porque, mais milagrosa do que naturalmente, lhe eram conservadas; não levantava consigo o corpo mortal e pesado, porque não chegara o momento, ainda que a força do espírito e do amor pudera arrebatá-lo após si.

Esta doce e ardente luta, porém, lhe suspendia todas as operações vitais da natureza, de maneira que aquela alma, tão deificada, parece que recebia vida só do amor divino. Para não consumir a vida natural, era necessário conservá-la milagrosamente, mediante a intervenção de outra causa superior que a vivificasse, impedindo se dissolver a cada instante.

Amorosas ânsias de Maria

715. Acontecia-lhe muitas vezes, nestes últimos dias, que para dar algum desafogo a este constrangimento, retirava-se a sós, quebrava o silêncio para não se lhe partir o peito, e dizia ao Senhor: Dulcíssimo amor meu, bem e tesouro de minha alma, levai-me após vossos perfumes (**Ct 1, 3**) que concedestes à vossa serva e Mãe provar, peregrina neste mundo.

Toda minha vontade esteve sempre em Vós, a suma verdade, meu verdadeiro bem, e nunca soube amar alguma coisa fora de Vós. Oh! minha única esperança e glória! Não se detenha minha carreira, não se prolongue a espera de minha desejada liberdade (**Sl 141, 8**).

Quebrai as prisões da mortalidade que me detêm; termine já a espera, chegue ao fim para onde caminho, desde o primeiro instante em que recebi de Vós a existência. Minha morada prolongou-se entre os habitantes de Cedar (**Sl 119, 5**) mas toda a força, de minha alma e de suas potências olham o sol que lhes dá a vida, seguem o norte fixo que as dirige e desfalecem pela posse do bem que esperam.

Ó espíritos celestiais, pelo nobilíssimo estado de vossa espiritual e angélica natureza, pela felicidade que gozais na visão da beleza de meu Amado, de quem jamais vos separais, tende pena de mim, amigos.

Compadecei-vos desta exilada entre os filhos de Adão, cativa nas prisões da carne. Dizei a vosso Senhor, e meu, a causa de minha dor que Ele não ignora (**Ct 5, 8**); dizei-lhe que, por seu agrado, aceito padecer em meu desterro e assim o quero, mas não posso querer viver em mim; e se só n'Ele posso viver, como viverei ausente de minha vida?

O amor me dá esta vida e também a tira. A vida não pode viver sem amor; pois, como viverei sem a vida que é meu único amor? Nesta doce violência desfaleço; falai-me, pelo menos, dos dotes de meu Amado e, com estas flores perfumadas, se reanimarão os delíquios de meu impaciente amor (**Ct 2, 5**).

Resposta dos anjos

716. Com estas e outras palavras mais sentidas, a bem-aventurada Mãe acompanhava as labaredas de seu inflamado espírito, despertando admiração e gozo nos santos anjos que a assistiam e serviam. Inteligências atentas e cheias de divina ciência, numa destas ocasiões responderam-lhe:

Rainha e Senhora nossa, se de novo quereis saber como é vosso Amado, sabei que é a própria beleza e encerra em Si todas as perfeições que excedem qualquer desejo. É amável sem defeito, deleitável sem igual, agradável sem suspeita.

Na sabedoria inestimável, na bondade sem medida, no poder sem limites, no

ser imenso, na grandeza incomparável, na majestade inacessível, e em todas as perfeições que em Si contém, é infinito. Em seus juízos terrível (**Sl 65, 5**), em seus conselhos inescrutável (**Rm 11, 33**), na justiça retíssimo (**Sl 118, 137**), nos pensamentos insondável, em suas palavras verdadeiro, nas obras santo (**Sl 144, 13**) e rico em misericórdia (**Ef 2, 4**).

O espaço não o dilata, a estreiteza não o limita; o triste não o perturba, o alegre não o altera; na sabedoria não se engana, na vontade não muda (**Tg 1, 17**); a abundância não o aumenta, a falta não o diminui, a memória não lhe traz coisas novas, o esquecimento nada lhe tira, o que já foi, não lhe é passado e o que vai ser, não lhe é futuro.

Seu ser não teve princípio, nem terá fim. Sem ter causa que lhe desse princípio, deu-o a todas as coisas (**Ecl 18, 1**), não porque necessitasse de alguma (**2 Mc 14, 35**), mas todas necessitam de sua ação: conserva-as sem trabalho, governa-as sem confusão. Quem o segue não anda em trevas (**Jo 8, 12**), quem o conhece é feliz, quem o ama e o conquista é bem-aventurado, porque Ele engrandece a seus amigos e finalmente os glorifica em sua eterna visão e companhia (**Jo 17, 3**).

Este é, Senhora, o bem que amais e de cujos amplexos muito em breve gozareis, para não o deixar por toda sua eternidade. - Até aqui falaram os anjos.

Jesus visita sua Mãe

717. Estes colóquios entre a Rainha e seus ministros, repetiam-se freqüentemente. Todavia, como ao sedento, ardendo em febre, as pequenas gotas não aplacam a sede, mas a excitam ainda mais, assim estes entretenimentos não acalmavam a chama do divino amor da Mãe amorosíssima, mas recrudescia em seu coração o motivo de sua dolência.

Nestes últimos dias de sua vida, continuavam os favores que deixo descritos acima [1], nas festividades que celebrava, os que recebia todos os domingos e outros muitos que não é possível referir. Para entretê-la e confortá-la nestas amorosas angústias, seu Filho santíssimo a visitava pessoalmente, com mais freqüência do que até então.

Nestas visitas, confortava-a com admiráveis favores e carinhos. Assegurava-lhe, novamente, que seu desterro seria breve e a levaria à sua direita onde, pelo Pai e o Espírito Santo, seria colocada em seu real trono e absorta no abismo de sua divindade. Para os santos, que a esperavam e desejavam, seria nova alegria.

Nestas ocasiões, a piedosa Mãe multiplicava as súplicas pela santa Igreja, pelos apóstolos, discípulos e por todos os ministros que, nos séculos futuros, a serviriam na pregação do Evangelho e conversão do mundo. Pedia que todos os mortais os aceitassem, para chegarem ao conhecimento da verdade divina.

Comunhão da Virgem

718. Entre as maravilhas que o Senhor realizou com sua Mãe, nestes últimos anos, uma foi vista, não só pelo evangelista São João, mas também por muitos fiéis. Quando comungava, ficava por algumas horas cheia de esplendor e luz tão admirável, que parecia transfigurada pelos dotes da glória.

Era o efeito comunicado pelo sagrado corpo de seu Filho santíssimo que como disse acima [2] - se lhe manifestava transfigurado e mais glorioso que no monte Tabor. Todos que assim a viam, ficavam

1 - nº 615 - 2 - nº 607

cheios de gozo e sentimentos tão divinos, que mais podiam senti-los do que explicá-los.

Maria despede-se dos santos lugares

719. Quis a piedosa Rainha despedir-se dos Lugares santos, antes de sua partida para o céu. Pedindo licença a São João, saiu de casa em companhia dos mil anjos que a assistiam. Estes soberanos príncipes sempre a serviram e acompanharam em todos seus caminhos, trabalhos e viagens, sem tê-la deixado um só momento, desde o instante de seu nascimento. Nesta ocasião, porém, mostraram-se com maior beleza e brilho, como se alegrando com o gozo a que, dentro em breve, chegariam.

Despedindo-se a divina Princesa das atividades humanas para se dirigir à sua verdadeira pátria, visitou os Lugares de nossa Redenção. Despediu-se de cada um deles com abundantes e doces lágrimas, com sentidas recordações dos sofrimentos de seu Filho, fervorosos atos e admiráveis efeitos. Rezou por todos os fiéis que chegassem, com devota veneração, àqueles sagrados Lugares, pelos séculos futuros da Igreja.

No monte Calvário deteve-se mais tempo, pedindo a seu Filho santíssimo a eficácia da morte e Redenção que operou naquele lugar, para todas as almas redimidas. Nesta oração, abrasou-se tanto no amor de sua inefável caridade, que teria acabado sua vida mortal, se não fosse preservada pela virtude divina.

Maria confia aos anjos os santos lugares

720. Desceu do céu seu Filho santíssimo, em pessoa, e lhe apareceu naquele lugar onde morreu. Respondendo a seus rogos, disse-lhe: Minha Mãe e diletíssima pomba, coadjutora na Redenção humana, vossos desejos e pedidos chegaram a meus ouvidos e coração.

Prometo-vos que serei liberalíssimo com os homens, dar-lhes-ei contínuos auxílios e favores de minha graça, para que com sua vontade livre mereçam, em virtude de meu sangue, a glória que lhes preparei, se eles mesmos não a desprezarem. No céu sereis sua medianeira e advogada, e a todos que alcançarem vossa intercessão, encherei de meus tesouros e misericórdia infinita.

Esta promessa foi renovada por Cristo, nosso Salvador, no mesmo lugar em que nos redimiu. Prostrada a seus pés, a beatíssima Mãe lhe deu graças e lhe pediu que, naquele lugar consagrado com seu precioso sangue e morte, lhe desse sua última bênção. Deu-lha o Senhor, ratificou sua real palavra em tudo o que prometera e voltou à direita de seu eterno Pai.

Ficou Maria santíssima confortada em suas amorosas mágoas e prosseguindo com religiosa piedade, beijou a terra do Calvário venerando-a e dizendo: Terra santa e lugar sagrado, do céu te olharei com a veneração inspirada por aquela luz que tudo manifesta em sua própria fonte e origem, de onde saiu o Verbo divino que, em carne mortal, vos enriqueceu.

Encarregou novamente aos anjos de guardarem aqueles sagrados Lugares: de ajudarem com santas inspirações aos fiéis que, com veneração, os visitassem a fim de que conhecessem e estimassem o admirável benefício da Redenção neles realizado. Encomendou-lhes também a defesa daqueles santuários. Se a temeridade e os pecados dos homens não houvessem desmerecido esta proteção, sem dúvida, os santos anjos os teriam defendido da profanação dos pagãos e infiéis. Em muitas coisas os defendem até hoje.

Oração de Maria pela Igreja

721. A Rainha pediu a estes anjos e ao Evangelista que ali a abençoassem nesta última despedida, e voltou ao seu oratório, comovida por deixar o que tanto amava na terra. Prostrou-se com a face em terra e fez prolongada e fervorosíssima oração pela Igreja. Continuou-a até que, pela visão abstrativa da Divindade, o Senhor lhe respondeu que suas súplicas eram ouvidas e concedidas no tribunal de sua clemência.

Para dar a seus atos a plenitude da santidade, pediu licença ao Senhor para se despedir da santa Igreja. Disse-lhe: Altíssimo e sumo bem, Redentor do mundo, cabeça dos santos e predestinados, justificador e glorificador das almas, sou filha da santa Igreja, adquirida e plantada com vosso sangue: dai-me, Senhor, permissão para me despedir de tão piedosa Mãe e de todos seus filhos, meus irmãos.

Conhecendo o beneplácito de seu Filho santíssimo, voltou-se ao corpo da santa Igreja e, com doces lágrimas, assim lhe falou:

Maria despede-se da Igreja

722. Igreja santa e católica que, no futuro, te chamarás romana, mãe e senhora minha, verdadeiro tesouro de minha alma: foste o único consolo de meu desterro; o refúgio e alívio de meus trabalhos; minha alegria, descanso e esperança; conservaste-me em meu caminhar; em ti vivi exilada de minha pátria; sustentaste-me depois que recebi em ti o ser da graça, por tua cabeça e minha, Cristo Jesus, meu Filho e Senhor.

Em ti estão os tesouros e riquezas de seus merecimentos infinitos; és para seus filhos o trânsito seguro para a terra prometida, oferecendo-lhes segurança em sua perigosa e difícil peregrinação. És a senhora dos povos, a quem todos devem reverência; em ti são ricas jóias, de inestimável preço, as angústias, trabalhos, afrontas, suores, tormentos, a cruz e a morte, porque consagrados com a de meu Senhor, teu Pai, teu Mestre e tua cabeça, jóias reservadas para seus maiores servos e amigos caríssimos. Tu me adornaste e enriqueceste com tuas jóias para entrar nas bodas do Esposo: tu me deixaste próspera, na fartura, e tens em ti mesma o teu Criador sacramentado.

Feliz Igreja militante, minha mãe, és rica e repleta de tesouros. A ti sempre dei todo meu coração e meus cuidados, mas já é tempo de partir e me despedir de tua doce companhia e chegar ao fim de minha viagem. Aplica-me a eficácia de tantos bens; banha-me copiosamente com o sagrado licor do sangue do Cordeiro, em ti depositado e poderoso para santificar muitos mundos. Quisera, à custa de mil vidas, fazer tuas todas as nações e gerações dos mortais, para que gozassem de teus tesouros.

Igreja, minha honra e minha glória, deixo-te na vida mortal, mas na eterna te encontrarei com alegria, naquele Ser que tudo encerra. De lá, te olharei com carinho e pedirei pelo teu crescimento, teus êxitos e progressos.

Testamento de Maria

723. Esta foi a despedida de Maria santíssima ao corpo místico da santa igreja católica romana, mãe dos fiéis, para ensinar-lhes, quando chegar ao seu conhecimento, a veneração e apreço que lhe consagrava, demonstrando-o com tão doces lágrimas e carinho. Depois desta despedida, quis a grande Senhora, como Mãe da sabedoria, dispor seu testamento e última

vontade. Manifestando ao Senhor este prudentíssimo desejo, Ele mesmo quis autorizá-lo com sua real presença. Desceu a santíssima Trindade ao oratório de sua Filha e Esposa, com milhares de anjos que assistiam ao trono da Divindade.

Logo que a religiosa Rainha adorou ao ser infinito de Deus, saiu uma voz do trono, dizendo-lhe: Esposa e nossa escolhida, ordena tua derradeira vontade como o desejas, que nós a cumpriremos e confirmaremos com nosso poder infinito.

Deteve-se um pouco a Mãe prudentíssima em sua profunda humildade, porque desejava saber primeiro a vontade do Altíssimo, para depois manifestar a sua. O Senhor satisfez a este desejo e retraimento, e a pessoa do Pai lhe disse: Minha filha, tua vontade será de meu beneplácito e agrado; não te prives do mérito de teus atos, em ordenar tua alma para a partida da vida mortal, que Eu satisfarei teus desejos - O mesmo confirmaram o Filho e o Espírito Santo.

Com estas promessas, dispôs Maria santíssima seu testamento nesta forma:

Os herdeiros de Maria: a Igreja

724. Altíssimo Senhor e Deus eterno, Eu, vil bichinho da terra, vos confesso e adoro com toda reverência, do íntimo de minha alma, Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas distintas num mesmo ser indiviso e eterno, uma substância, uma grandeza infinita em atributos e perfeições. Eu vos confesso por verdadeiro e único Criador e Conservador de tudo o que existe. Em vossa real presença declaro que minha última vontade é a seguinte:

Dos bens da vida mortal e do mundo em que vivo nada tenho para deixar, porque jamais possuí, nem amei outra coisa fora de Vós que sois meu bem e meu tudo. Aos céus, astros, estrelas e plantas, aos elementos e a todas as criaturas agradeço porque, obedecendo à vossa vontade, me sustentaram sem eu o merecer.

De minha alma, desejo e lhes peço que vos sirvam e louvem, nos ofícios que lhes haveis destinado e beneficiem os homens meus irmãos.

Para que melhor o façam, renuncio e transfiro aos homens a posse, e o quanto for possível, o domínio que Vós me destes sobre as criaturas irracionais, para

que sirvam e sustentem o meu próximo.

Duas túnicas e um manto que usei, deixarei à disposição de João que é como meu filho. Peço à terra que receba meu corpo, em vossa homenagem, pois é a mãe comum de todos e vos serve como criatura vossa. Minha alma, despojada do corpo e de todo o visível, entrego-a, meu Deus, em vossas mãos, para vos amar e glorificar por toda a eternidade.

Meus merecimentos e os tesouros que, com vossa graça divina e minhas obras e sacrifícios adquiri, deixo por universal herdeira a santa Igreja, minha mãe e minha senhora; com vossa permissão, nela os deposito e quisera que fossem muito mais.

Desejo que sejam, em primeiro lugar, para a exaltação de vosso santo nome, e para que sempre se faça vossa santa vontade na terra como no céu, e que todas as nações cheguem ao conhecimento, amor, culto e veneração do verdadeiro Deus.

Os sacerdotes, os devotos e os pecadores

725. Em segundo lugar, ofereço-os por meus senhores os apóstolos e sacerdotes, presentes e futuros, para que vossa inefável clemência os faça idôneos ministros, dignos de seu ofício e estado, com toda sabedoria, virtude e santidade, para edificarem e santificarem as almas redimidas com vosso sangue.

Em terceiro lugar, aplico-as para o bem espiritual dos devotos que me servirem, invocarem e amarem, para que recebam vossa graça, proteção e depois a vida eterna.

Em quarto lugar, desejo que aceiteis meus serviços e sofrimentos por todos os pecadores filhos de Adão, para que saiam do infeliz estado da culpa. E, desde esta hora, proponho pedir sempre por eles em vossa divina presença, enquanto durar o mundo. Esta é, Senhor e Deus meu, minha última vontade, submissa sempre à vossa.

Assim terminou a Rainha seu testamento que a santíssima Trindade confirmou e aprovou. Cristo, nosso Redentor, autorizando-o inteiramente, o firmou, gravando no coração de sua Mãe estas palavras: Faça-se como o quereis e determinais.

Reflexão da Escritora

726. Se os filhos de Adão, especialmente os que nascemos na lei da graça, não tivessem outra dívida para com Maria santíssima, além de nos ter feito herdeiros de seus imensos merecimentos e de tudo o que contém seu breve e misterioso testamento, jamais poderíamos pagar-lhe, ainda que oferecêssemos nossa vida pelos tormentos que os maiores mártires e santos sofreram.

Não faço comparação, porque não existe, com os infinitos méritos e tesouros que Cristo, nosso Salvador, nos deixou na Igreja. Mas, que desculpa terão os réprobos que, nem de uns, nem de outros, se aproveitaram? Tudo desprezaram, esqueceram e perderam. Que tormento e despeito será o seu, quando sem remédio, conhecerem que perderam para sempre tantos benefícios e tesouros, por um deleite momentâneo? Confessem a justiça e retidão com que, justissimamente, são castigados e expulsos da face do Senhor e de sua Mãe piedosíssima, a quem temerária e estultamente desprezam.

Maria pede a presença dos apóstolos em sua morte

727. Depois que a grande Rainha fez seu testamento, deu graças ao Onipotente e pediu-lhe permissão para apresentar outro pedido, dizendo-lhe: Clementíssimo Senhor meu e Pai das misericórdias, se for de vosso agrado e para glória vossa, minha alma deseja que, em seu trânsito, estejam presentes os apóstolos meus senhores e vossos ungidos, com os

outros discípulos, para que orem por mim, e com sua bênção Eu parta desta vida para a eterna.

Respondeu seu Filho santíssimo: Minha Mãe queridíssima, meus apóstolos já virão à vossa presença. Os que estão perto chegarão brevemente, e os outros que estão muito longe, serão trazidos pelos meus anjos. É minha vontade que todos assistam vosso glorioso trânsito, para consolo vosso e deles, vendo-vos partir para minhas eternas moradas, e para o mais que for de minha e vossa maior glória.

Prostrada em terra, Maria santíssima agradeceu este e os outros favores, e as divinas Pessoas voltaram ao céu empíreo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Cristo amou a Igreja

728. Minha filha, estás admirada do grande amor e estima que tive pela Igreja. Quero ajudar teus sentimentos, para também tu conceberes por ela novo apreço e veneração. Não podes entender, nesta vida mortal, o que Eu sentia interiormente ao contemplar a santa Igreja.

Além, do que conheceste, entenderás mais, se refletires nos motivos que moviam meu coração. Eram o amor e as obras de meu Filho santíssimo pela mesma Igreja, nas quais deves meditar dia e noite, pois pelo que Ele fez pela Igreja conhecerás o amor que lhe teve.

Para ser cabeça da Igreja neste mundo, e dos predestinados para sempre (**Cl 1, 18; Rm 8, 29**), desceu do seio do eterno Pai e assumiu carne humana em meu seio.

Para recobrar seus filhos, perdidos pelo primeiro pecado de Adão (**Lc 19, 10**), tomou carne passível e mortal.

Para deixar o exemplo de sua inocentíssima vida (**1 Pd 2, 21**) e a verdadeira e salvífica doutrina, conviveu com os homens trinta e três anos (**Br 3, 38**).

Para redimi-los e lhes merecer infinitos bens de graça e glória que os fiéis jamais poderiam obter, padeceu crudelíssima Paixão, derramou seu sangue e aceitou a dolorosa e ignominiosa morte de cruz (**Fl 2, 8**).

Para que de seu sagrado corpo, já morto, misteriosamente nascesse a Igreja, deixou que o abrissem com a lança (**Jo 19, 34**).

As riquezas da Igreja

729. Pela suma complacência que o eterno Pai recebeu da vida, paixão e morte do Redentor, este deixou na Igreja o sacrifício de seu corpo e sangue (**Lc 22, 19**), pelo qual se renovasse sua memória e os fiéis o oferecessem, para satisfazer e aplacar a divina justiça.

Ficava sacramentado na Igreja, perpetuamente, também para alimento espiritual de seus filhos que teriam consigo a própria fonte da graça, viático e penhor seguro da vida eterna. Além de tudo isto, enviou sobre a Igreja o Espírito Santo (**At 2,2**), para enchê-la de sabedoria e dons, com a promessa de que este Espírito sempre a guiaria e governaria sem erro, incerteza ou perigo (**Jo 15, 26**).

Enriqueceu-a com todos os méritos de sua paixão, vida e morte, aplicados por meio dos Sacramentos. Instituiu todos os que os homens necessitariam, desde o nascimento até a morte, para se purificarem dos pecados, perseverarem na graça, se defenderem dos demônios, vencê-los com as armas da Igreja e para dominar as pai-

xões da natureza. Para tudo isto, deixou também ministros aptos e convenientes.

Na Igreja militante comunica-se familiarmente com as almas santas. Torna-as participantes de seus ocultos favores. Opera milagres e maravilhas por elas e quando convém à sua glória, leva em consideração suas obras; ouve suas súplicas, por si ou por outros, para que na Igreja se conserve a comunhão dos santos.

Maria, Mãe da Igreja

730. Nela deixou outra fonte de luz e verdade: os santos Evangelhos e as sagradas Escrituras ditadas pelo Espírito Santo; as determinações dos sagrados concílios, as legítimas e antigas tradições.

Em tempos oportunos, enviou doutores santos, cheios de sabedoria; deu-lhe mestres e homens doutos, pregadores e ministros em abundância. Ilustrou-a com admiráveis Santos; ornou-a com a diversidade de institutos religiosos onde se professe e conserve a vida perfeita e apostólica; governa-a com muitos prelados e dignitários.

E, para que tudo fosse bem ordenado, deu-lhe um chefe, o Pontífice romano, seu vigário, com supremo e divino poder. E, sendo o mesmo Senhor a cabeça deste formosíssimo corpo místico, defende-o e o guarda até o fim do mundo, contra os poderes da terra e do inferno (**Mt 16, 18**).

Entre todos estes benefícios que fez à sua Igreja, não foi o menor, deixar-Me depois de sua admirável ascensão ao céu, para que a governasse e plantasse com meus méritos e minha presença. Desde essa ocasião, considero a Igreja minha propriedade, herança que o Altíssimo me confiou, para dela cuidar como Senhora e Mãe.

Devemos amar e trabalhar pela Igreja

731. Estes são, caríssima, os grandes títulos e motivos que Eu tive, e os que agora tenho, para amar a Igreja. Quero que os mesmos despertem e inflamem teu coração para imitar-me em tudo o que deves, como filha e discípula minha e da Igreja.

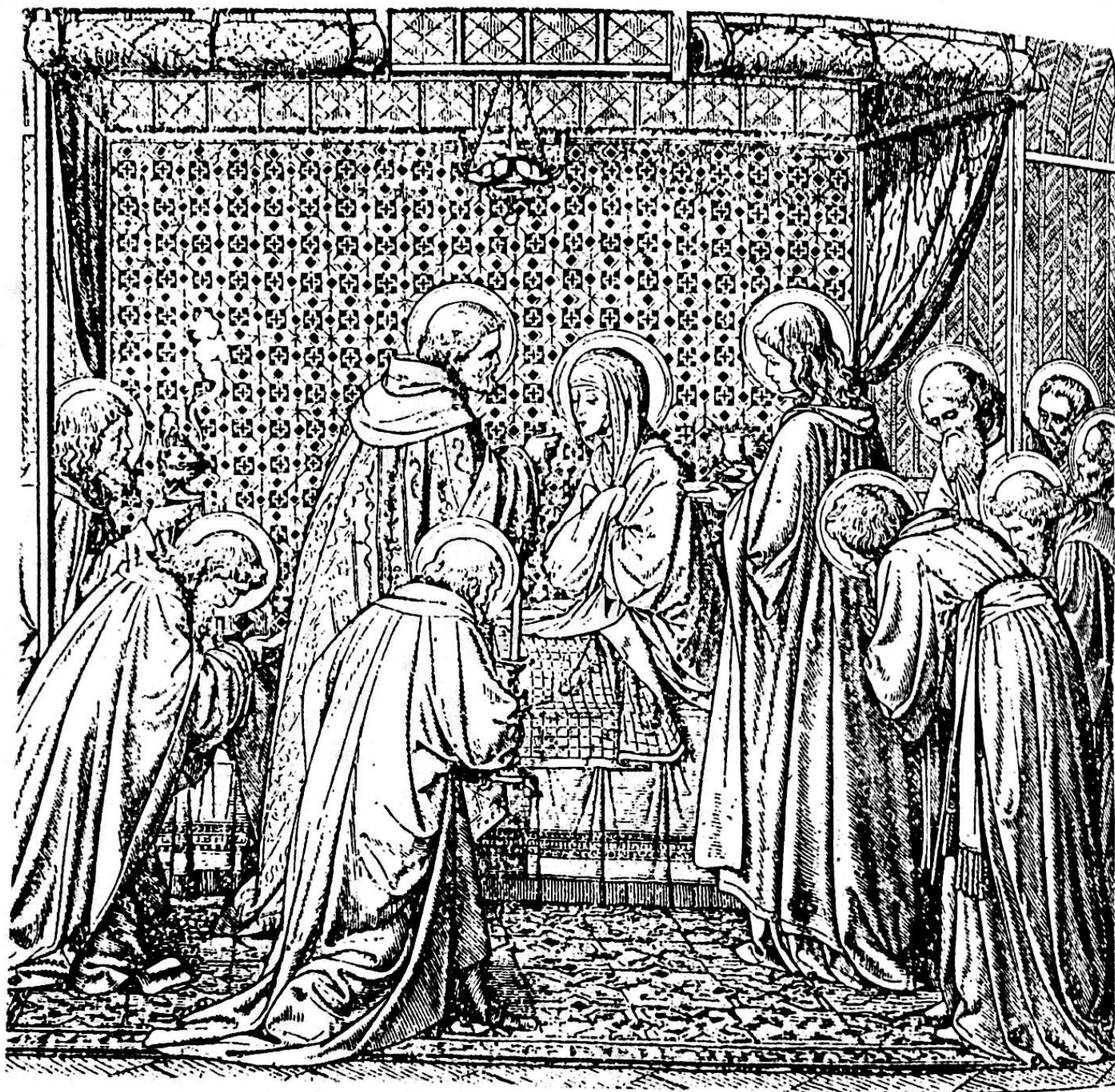
Ama-a, respeita-a, estima-a de todo o coração, goza de seus tesouros, frui as riquezas do céu que, com seu próprio Autor, estão depositados na Igreja. Procura uni-la contigo, e a ti com ela, pois nela tens refúgio e remédio, consolo em teus trabalhos, esperança em teu desterro, luz e verdade que te guiam nas trevas do mundo.

Por esta Igreja santa, quero que trabalhes todo o resto de tua vida. Para este fim é que te foi concedida a existência, como também para me imitar na infatigável solicitude que tive por ela na vida mortal. Esta é a maior felicidade que deves agradecer eternamente.

Quero que saibas, minha filha: para este fim é que te apliquei grande parte dos tesouros da Igreja, a fim de escreveres minha Vida. O Senhor escolheu-te por instrumento e secretária de seus ocultos mistérios e sacramentos, para os fins de sua maior glória.

Não penses que, por teres trabalhado nisso, pagaste parte da dívida; pelo contrário, estás agora mais obrigada a por em prática toda a doutrina que escreveste. Enquanto não fizeres isso, ficarás sempre mais pobre, sem solver a dívida da qual ser-te-ão pedidas rigorosas contas. Agora é tempo de trabalhar, para te encontrares preparada e livre na hora de tua morte, sem impedimento para receber o Esposo.

Lembra do desprendimento em que Eu me achava, abstraída e livre de tudo o que era terreno.

Por esta regra quero que te orientes e não falte o azeite (**Mt 25, 3**) da luz e do amor, para entrares nas bodas do Esposo, quando te abrir as portas de sua infinita misericórdia e clemência.

Maria prepara-se para a morte, assistida pelos Apóstolos

CAPÍTULO 19

O FELICÍSSIMO E GLORIOSO TRÂNSITO DE MARIA SANTÍSSIMA; COMO OS APÓSTOLOS E DISCÍPULOS CHEGARAM A JERUSALÉM PARA SE ENCONTRAREM PRESENTES A ELE.

Os apóstolos e discípulos dirigem-se para Jerusalém

732. Aproximava-se o dia marcado pela divina vontade, no qual a verdadeira e viva arca do Testamento deveria ser colocada no templo da celestial Jerusalém, com maior glória e júbilo do que sua figura, ao ser colocada por Salomão no santuário, sob as asas dos querubins (**3 Rs 8, 6**).

Três dias antes, encontraram-se reunidos os apóstolos e discípulos em Jerusalém, na casa do cenáculo. O primeiro a chegar foi São Pedro, trazido de Roma por um anjo que lá lhe apareceu, informando-o que se aproximava o trânsito de Maria santíssima e o Senhor lhe ordenava ir a Jerusalém, para nele se achar presente.

Dando-lhe este aviso, trouxe-o da Itália ao Cenáculo, onde a Rainha do mundo estava retirada em seu oratório, um tanto enfraquecida, fisicamente, pelo intenso amor divino. Estando tão próxima do fim, sentia-lhe mais fortemente a ação.

Maria recebe os visitantes

733. A grande Rainha dirigiu-se à porta do oratório para receber o Vigário de Cristo, nosso Salvador. De joelhos a seus pés, pediu-lhe a bênção e lhe disse: Dou graças e louvo ao Todo-Poderoso porque trouxe o santo Padre para me assistir na hora da morte.

Em seguida, chegou São Paulo, a quem a Rainha fez a mesma reverência, com iguais demonstrações do prazer que sentia em vê-lo. Os apóstolos cumprimentaram-na como à Mãe de Deus, Rainha deles e Senhora de toda a criação, com tanto sentimento quanta reverência, porque sabiam que vinham assistir seu ditoso trânsito.

Depois destes dois apóstolos, foram chegando os outros e os discípulos que ainda viviam, de modo que, três dias antes, reuniram-se todos no Cenáculo. A divina Mãe os ia recebendo com profunda humildade, reverência e carinho, pedindo a cada um que a abençoasse. Todos o fizeram e a cumprimentaram com admirável veneração. A Senhora ordenou a São João arranjar hospedagem e acomodação para todos, o que ele fez auxiliado por São Tiago o Menor.

São Pedro participa o próximo trânsito da Mãe de Deus

734. Alguns dos apóstolos que

foram trazidos pelos anjos e estavam informados da finalidade desta vinda, enterneceram-se até as lágrimas, ao pensar que lhes ia faltar seu único amparo e consolo. Outros o ignoravam, principalmente os discípulos, porque não receberam aviso sensível dos anjos, mas só interior e suave impulso, com que entenderam que era vontade de Deus virem logo a Jerusalém, como o fizeram.

Indagaram logo a S. Pedro qual a causa daquela reunião e que novidade surgia, pois todos estavam de acordo em que, sem motivo, Deus não os teria chamado com a moção que sentiram.

São Pedro, como chefe da Igreja, reuniu a todos para informá-los, e lhes disse: Caríssimos filhos e irmãos, o Senhor nos chamou e trouxe de partes tão longínquas de Jerusalém, não sem grave razão e de muita dor para nós. Ele quer levar logo ao trono da eterna glória sua bem-aventurada Mãe, nossa Mestra, todo nosso consolo e amparo. Deseja que todos nós estejamos presentes a seu felicíssimo e glorioso trânsito.

Quando nosso Mestre e Redentor subiu à destra de seu eterno Pai, ainda que nos deixou órfãos de sua desejável vista, tínhamos sua Mãe santíssima para nosso refúgio e verdadeira consolação na vida mortal. Agora, porém, que nossa Mãe e nossa luz nos deixa, que faremos? Que amparo e que esperança teremos para nos encorajar em nossa peregrinação? Não encontro outra, senão a de que um dia todos nós a seguiremos.

Sentimento dos apóstolos e discípulos

735. São Pedro não pode continuar, embargado pelas lágrimas e soluços que não podia conter. Os demais também nada puderam responder, e demoradamente desafogaram o sentimento do coração entre suspiros e ternas lágrimas.

Quando o Vigário de Cristo pode falar, acrescentou: Meus filhos, vamos à presença de nossa Mãe e Senhora, façamos-lhe companhia nas horas em que ainda viver e peçamos-lhe nos deixe sua santa bênção.

Dirigiram-se todos, com São Pedro, ao oratório da grande Rainha, e encontraram-na, de joelhos, sobre o pequeno estrado que lhe servia de leito quando repousava um pouco. Estava belíssima, cheia de brilho celeste, acompanhada pelos mil anjos que a assistiam.

Físico da Virgem

736. A compleição natural de seu sagrado e virginal corpo era a mesma à que chegara aos trinta e três anos de idade [1].

Não sofreu mudança alguma com a passagem dos anos. Não sentiu os efeitos da velhice: seu rosto não se enrugou, nem o corpo se debilitou ou definhou, como acontece com os outros filhos de Adão que, na velhice, apresentam aparência totalmente diversa da que tiveram na juventude e na idade perfeita.

Esta imutabilidade foi privilégio único de Maria santíssima, tanto por corresponder à estabilidade de sua alma puríssima, como por ser conseqüente à imunidade do primeiro pecado de Adão, cujos efeitos não atingiram, quer seu sagrado corpo, quer sua alma puríssima.

Os apóstolos, discípulos e alguns outros fiéis, ocuparam o oratório de Maria santíssima, e São Pedro e São João colocaram-se à sua cabeceira.

A grande Senhora olhou a todos, com a modéstia e reverência que costumava, e lhes disse: Caríssimos filhos, permiti à vossa serva falar em vossa presença e

1 - Como dissemos na segunda parte, nº 856

vos manifestar meus humildes desejos. Respondeu-lhe São Pedro que todos a ouviriam atentamente e lhe obedeceriam no que ordenasse.

Pediu-lhe que se assentasse para lhes falar, pois achou que estaria um tanto cansada de ficar ajoelhada longamente. Além disto, naquela posição estava orando ao Senhor, e para falar com eles era justo se assentasse como Rainha de todos.

Maria despede-se dos apóstolos e discípulos

737. Mestra de humildade e de obediência até a morte, respondeu que obedeceria, pedindo a todos a bênção, e que não lhe recusassem este consolo.

Consentindo-o São Pedro, saiu da tarima e pondo-se de joelhos ante o mesmo apóstolo, disse-lhe: A vós, Senhor, como pastor universal e cabeça da santa Igreja, suplico que em vosso nome, e no dela, me deis vossa santa bênção e perdoeis a esta vossa serva o pouco que vos servi nesta vida, para dela partir à eterna. Se for de vossa vontade, dai licença a João para dispor de minhas vestes, duas túnicas, dando-as a umas donzelas pobres a cuja caridade devo obrigação.

Prostrou-se e beijou os pés de São Pedro, com abundantes lágrimas e não menor admiração e pranto do mesmo apóstolo e de todos os circunstantes. De São Pedro passou a São João e ajoelhada também a seus pés, disse: Perdoai, meu filho e senhor, de não haver cumprido convosco o ofício de Mãe, como ordenou o Senhor quando, na cruz, vos designou por meu filho, e a Mim por Mãe vossa (**Jo 19, 27**). Dou-vos humildes e reconhecidas graças pela piedade filial com que me assististes. Dai-me vossa bênção para subir à eterna companhia e visão daquele que me criou.

Últimas recomendações de Maria santíssima

738. A amorosa Mãe continuou esta despedida, falando a cada um dos apóstolos, com alguns discípulos e depois a todos os circunstantes reunidos, que eram muitos. Terminado, levantou-se e disse a todos os presentes: Meus caríssimos filhos e senhores, sempre vos tive em minha alma e gravados em meu coração, amando-vos ternamente com a caridade e amor que meu Filho santíssimo me comunicou, e a quem sempre vi em vós, como seus escolhidos e amigos.

Por sua vontade santa e eterna, vou para a morada celestial, de onde vos prometo, como Mãe, vos ter presente na claríssima luz da Divindade, cuja visão minha alma deseja e, com certeza, espera receber. Encomendo-vos a Igreja, minha mãe, com a exaltação do santo nome do Altíssimo, a propagação de sua lei evangélica, a estima e apreço das palavras de meu Filho santíssimo, a memória de sua vida e morte, a prática de toda sua doutrina.

Amai, filhos meus, a santa Igreja, e uns aos outros de todo coração, com aquele vínculo de caridade e paz que vosso Mestre sempre vos ensinou (**Jo 13, 34**). E a vós, Pedro, santo pontífice, encomendo João, meu filho, e a todos os mais.

Cristo oferece à sua Mãe isentá-la da morte

739. Maria santíssima terminou. Suas palavras, quais flechas de fogo divino, penetraram e derreteram o coração dos ouvintes que desataram a chorar, prostrados em terra e enternecendo-a com suas lágrimas e gemidos. A terna Mãe também chorou, não querendo resistir a tão amargo e justo pranto de seus filhos. Depois de

algum tempo, Ela pediu que, com Ela e por Ela, todos rezassem em silêncio. Nesta serena quietude, desceu

do céu o Verbo humanado em trono de inefável glória, acompanhado por todos os santos da natureza humana e de inumeráveis coros de anjos, enchendo a casa do Cenáculo de glória.

Maria santíssima adorou o Senhor, beijou-lhe os pés, e prostrada ante eles fez o último e profundíssimo ato de reconhecimento e humildade na vida mortal. Mais do que todos os homens que, depois de suas culpas se humilharam ou se humilharão, esta puríssima criatura e Rainha das alturas, aniquilou-se e se apegou ao pó.

Seu Filho santíssimo deu-lhe a bênção, e na presença da comitiva celestial, disse-lhe estas palavras: Minha Mãe caríssima, a quem escolhi para minha habitação, chegou a hora em que passareis da vida mortal, e do mundo, à glória de meu Pai e minha, onde vos está preparado à minha direita o lugar que gozareis por toda a eternidade.

Como vos fiz entrar no mundo, livre e isenta da culpa, também ao sair dele, a morte não tem licença nem direito de vos atingir. Se não quiserdes passar por ela, vinde comigo, e recebereis a glória que tendes merecido.

Maria desejou passar pela morte

740. Prostrou-se a prudentíssima Mãe ante seu Filho, e com alegre semblante respondeu: Meu Filho e Senhor, suplico-vos que vossa Mãe e serva entre na eterna vida pela porta comum da morte natural, como os demais filhos de Adão. Vós, meu verdadeiro Deus, a padecestes sem obri-

gação de morrer; justo é que, tendo procurado vos seguir no viver, eu vos acompanhe também no morrer.

Aprovou Cristo, nosso Salvador o sacrifício e vontade de sua Mãe santíssima, e disse que se cumprisse o que Ela desejava. Os anjos começaram a cantar, com celestial harmonia, alguns versos dos cânticos de Salomão e outros novos.

Da presença de Cristo, nosso Salvador, só alguns apóstolos como São João tiveram especial ilustração. Os demais sentiram em seu íntimo divinos efeitos. A música dos anjos, porém, foi sensivelmente ouvida, tanto pelos apóstolos e discípulos, como por outros muitos fiéis que ali se encontravam. Desprendeu-se também uma fragrância divina que, com a música, era percebida até na rua. A casa do Cenáculo encheu-se de admirável resplendor visto por todos, dispondo o Senhor que, para testemunhas desta nova maravilha, concorresse muita gente que andava pelas ruas de Jerusalém.

Trânsito da Mãe de Deus

741. Quando os anjos principiaram a música, Maria santíssima reclinou-se no leito, a túnica ficou-lhe como que unida ao corpo, as mãos juntas, o olhar fixo em seu Filho santíssimo e toda abrasada na chama de seu divino amor.

Quando os anjos chegaram àqueles versos do capítulo II dos Cânticos (**v. 10**): Levanta-te, apressa-te, minha amiga, pomba minha, formosa minha e vem, que o inverno já passou, etc... A estas palavras, Ela pronunciou aquelas de seu Filho na cruz: Em tuas mãos, Senhor, encomendo meu espírito (**Lc 23, 46**). Cerrou os virginais olhos e expirou.

A enfermidade que lhe tirou a vida foi o amor, sem qualquer outro achaque ou acidente. O poder divino suspendeu a ação miraculosa com que lhe conservava as forças naturais, para não se consumirem no ardor sensível que lhe causava o fogo do amor divino. Cessando este milagre, o amor produziu seu efeito, consumiu a umidade radical do coração e assim lhe faltou a vida.

Idade da Mãe de Deus

742. Aquela alma puríssima passou de seu virginal corpo à destra e trono de seu Filho santíssimo onde, num instante, foi colocada com imensa glória. Começou-se a ouvir que a música dos anjos ia se afastando na região do ar, porque a procissão dos anjos e santos, acompanhando seu Rei e Rainha, encaminhou-se para o céu empíreo.

O sagrado corpo de Maria santíssima que fora templo e sacrário de Deus vivo, ficou cheio de luz e resplendor, desprendendo tão admirável fragrância, que encheu a todos os circunstantes de suavidade interior e exterior. Os mil anjos custódios de Maria santíssima ficaram guardando o precioso tesouro de seu virginal corpo. Os apóstolos e discípulos, entre lágrimas de dor e alegria, pelas maravilhas que presenciaram, permaneceram absortos por algum tempo e, em seguida, cantaram muitos hinos e salmos em honra da falecida Senhora.

O glorioso trânsito da grande Rainha do mundo verificou-se a treze de agosto, sexta-feira as três horas da tarde, como o de seu Filho santíssimo. Contava setenta anos de idade, menos os vinte e seis dias que vão de treze de agosto em que morreu, até oito de Setembro em que nasceu, e no qual completaria os setenta anos.

Depois da morte de Cristo nosso Salvador, a divina Mãe viveu no mundo

vinte e um anos, quatro meses e dezenove dias, sendo o ano cinqüenta e cinco de seu virginal parto.

É fácil fazer o calculo: Quando Cristo nosso Salvador nasceu, a Virgem Mãe tinha quinze anos, três meses e dezessete dias. O Senhor viveu trinta e três anos e três meses. Ao tempo de sua sagrada Paixão estava Maria santíssima com quarenta e oito anos, seis meses e dezessete dias. Acrescentando a estes os outros vinte e um anos, quatro meses e dezenove dias, fazem os setenta anos menos vinte e cinco ou seis dias.

Prodígios sucedidos na morte da Virgem

743. Grandes maravilhas e prodígios sucederam na preciosa morte da Rainha. O sol eclipsou-se, como disse acima [2], e em sinal de luto escondeu sua luz por algumas horas. À casa do Cenáculo acorreram muitas aves de diversa espécies e, com tristes gorjeios, estiveram algum tempo se lamentando e provocando o pranto de quem as ouvia.

Toda Jerusalém se comoveu e, admirados, vinham muitos confessando em alta voz o poder de Deus e a grandeza de suas obras. Outros ficavam atônitos e fora de si. Os apóstolos e discípulos, com outros fiéis, se desfaziam em lágrimas. Acorreram muitos enfermos e todos foram curados. Saíram do purgatório as almas que lá estavam.

O maior prodígio foi o seguinte: na mesma hora de Maria santíssima, expiraram três pessoas; um homem em Jerusalém e duas mulheres vizinhas do Cenáculo. Morreram em pecado, sem penitência e iam ser condenadas. A dulcíssima Mãe, porém, pediu misericórdia para eles no tribunal de Cristo. Alcançou que fossem restituídos à vida que então modificaram, de modo a viver na graça e se salvar. Este privilégio não se estendeu a outros que naquele dia morreram no mundo, mas só àqueles três que se verificaram à mesma hora em Jerusalém.

O que sucedeu no céu e quão festivo foi este dia na Jerusalém triunfante, descreverei noutro capítulo, para não o mesclar com o luto dos mortais.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Maria, semelhante a Cristo na vida e na morte

744. Minha filha, além do que entendeste e escreveste sobre meu glorioso trânsito, quero declarar-te outro privilégio que meu Filho santíssimo me concedeu naquela hora. Já escreveste [3] como o Senhor deixou à minha escolha, aceitar a morte ou passar sem esse sacrifício, à visão beatífica e eterna.

Se Eu tivesse recusado morrer, sem dúvida o Altíssimo ter-me-ia concedido tal graça, pois como Eu não tive parte no pecado, também não a tive no seu castigo, a morte. O mesmo caso, e com maior razão, foi o de meu Filho santíssimo, se Ele não tivesse se encarregado de satisfazer a justiça em lugar dos homens, **(Is 53, 11)** por meio de sua paixão e morte.

Escolhi a morte para imitá-lo e segui-lo, do mesmo modo como quis sentir sua dolorosa paixão. Tendo visto morrer meu Filho e Deus verdadeiro, se Eu recusara a morte, não teria satisfeito o amor que lhe devia. Ficaria uma grande falha na semelhança e conformidade que Eu desejava possuir com o mesmo Senhor humanado.

2 - nº 706

3 - nº 739

Esta também era sua vontade: que, em tudo, eu fosse semelhante à sua humanidade santíssima. Como, para o futuro Eu jamais poderia preencher essa falha, minha alma não receberia a plenitude do gozo que tenho por haver morrido como morreu meu Deus e Senhor.

Nossa Senhora da Boa Morte

745. Tão agradável lhe foi Eu ter escolhido morrer que, em retorno de minha prudência e amor, sua dignação fez-me singular favor para os filhos da Igreja, conforme Eu desejava.

A todos os devotos que me chamarem na hora da morte, constituindo-me por sua advogada, pedindo meu socorro em memória de meu feliz trânsito, e pela vontade com que Eu quis morrer para imitá-lo, concedeu que estejam sob minha especial proteção naquela hora. Defende-los-ei do demônio, os assistirei e ampararei e, finalmente, os apresentarei no tribunal de sua misericórdia, onde intercederei por eles.

Para tudo isto, foi-me concedido novo poder e atribuições. Prometeu-me o Senhor que daria a estes meu devotos grandes auxílios de sua graça, para morrerem bem, viverem com maior pureza, se antes me invocarem, venerando este mistério de minha preciosa morte.

Deste modo, quero, minha filha, que desde hoje, com íntimo afeto e devoção, faças dela contínua memória. Bendize, exalta e louva ao Onipotente que comigo quis operar tão veneráveis maravilhas, em benefício meu e dos mortais. Com este cuidado empenharás ao Senhor e a Mim a te ampararmos naquela última hora.

Preparação para a morte

746. À vida segue a morte e, ordinariamente, uma corresponde a outra. Por esta razão, o mais garantido fiador para a boa morte é o bem viver. Durante a vida, desapegue-se o coração do amor terreno. Naquela hora, ele aflige e oprime a alma como fortes cadeias que lhe tolhem a liberdade e impedem elevar-se acima daquilo que amou na vida.

Oh! minha filha, como entendem mal esta verdade os mortais, e quão ao contrário procedem! O Senhor lhes dá a vida para irem se despojando dos efeitos do pecado original e chegarem a não senti-los na hora da morte. Os ignorantes e míseros filhos de Adão, porém, gastam toda essa vida em se sobrecarregar de novos embaraços e prisões, para morrerem escravos das paixões e sob o domínio de seu tirano inimigo.

Eu não tive parte na culpa original, nem suas más conseqüências tinham qualquer direito sobre minhas potências. Apesar disso, vivi corretíssima, pobre, santa e perfeita, sem afeição a qualquer coisa terrena. Na hora da morte, saboreei bem esta santa liberdade.

Adverte, pois, minha filha, atende a este vivo exemplo e esvazia teu coração cada dia mais, de modo que o passar dos anos te encontre sempre mais livre, pronta e sem afeição a coisa visível.

E, quando o Esposo te chamar às núpcias, não seja necessário ires à procura da liberdade e prudência que então não encontrarás.

Trânsito de Maria Santíssima

CAPÍTULO 20

ENTERRO DO SAGRADO CORPO DE MARIA SANTÍSSIMA E O QUE NELE ACONTECEU.

Deus conforta a dor dos fiéis

747. Para que os apóstolos, discípulos e outros muitos fiéis, não ficassem desolados, e para que alguns não morressem com a dor causada pelo trânsito de Maria santíssima, foi necessário que o poder divino, com especial providência, os consolasse e lhes desse força nessa incomparável aflição.

A certeza de não poder recuperar, na vida presente, o que perdiam, não encontrava lenitivo; a privação daquele tesouro não achava compensação; e, como o trato e convívio amabilíssimo e caritativo da grande Rainha roubara o coração de cada um, com sua falta todos ficaram como sem alento para viver.

O Senhor, porém, que conhecia a causa de tão justa dor, os assistiu e com sua virtude divina os reanimou para não desfalecerem, e poderem acudir ao que convinha dispor a respeito do sagrado corpo e do mais que a ocasião exigia.

O sagrado corpo de Maria

748. Os santos apóstolos, a quem principalmente incumbia este cuidado, trataram logo de providenciar conveniente sepultura ao corpo santíssimo de sua Rainha e Senhora. Destinaram-lhe, no vale de Josafá, um sepulcro novo que a providência de seu Filho santíssimo ali prevenira.

Lembraram-se os apóstolos de que o corpo deificado do Senhor fôra ungido com ungüentos preciosos e aromáticos (**Jo 19, 40**), conforme o costume dos judeus, e envolvido no santo lençol ou sudário. Pareceu-lhes que se deveria fazer o mesmo com o corpo virginal de sua Mãe santíssima, e então não pensaram outra coisa.

Chamaram as duas jovens que serviam a Rainha, as herdeiras de suas túnicas [1], e lhe ordenaram ungir, com grande reverência e recato, o corpo da Mãe de Deus, e o envolver no lençol, para colocá-lo no féretro.

As moças entraram, com grande veneração e temor, no oratório onde a venerável falecida jazia em sua tarima, mas se detiveram ofuscadas por extraordinário resplendor que lhes impedia de ver o corpo, e até o lugar em que se encontrava.

O corpo não deve ser tocado

749. Saíram do oratório, com maior temor e reverência do que ao entrar, e com não pequena e admirada comoção, contaram aos apóstolos o que lhes sucedera. Estes concluíram, não sem inspiração do céu, que aquela sagrada arca do Testa-

1 - nº 737

mento não deveria ser tocada, nem tratada pela ordem comum.

São Pedro e São João entraram no oratório, viram o resplendor, ouvindo ao mesmo tempo, a música celestial dos anjos que cantavam: *Deus te salve, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo*. Outros acrescentavam: *Virgem antes do parto, no parto e depois do parto.*

Desde este dia, muitos fiéis da primitiva Igreja ficaram com devoção a esse elogio da Mãe de Deus: por tradição, transmitiu-se, daquela época até nós, com a aprovação da santa Igreja.

São Pedro e São João ficaram, por momentos, suspensos de admiração pelo que viram e ouviram sobre o sagrado corpo de sua Rainha. Para saber o que deviam fazer, puseram-se de joelhos em oração, pedindo ao Senhor que lhes manifestasse sua vontade. Logo ouviram uma voz dizendo-lhes: Não se descubra, nem se toque no sagrado corpo.

Do corpo da Virgem só foram vistos o rosto e as mãos

750. Obedientes a esta ordem, os dois apóstolos trouxeram o esquife, e tendo-se moderado a luz, aproximaram-se da tarima. Com grande reverência, pegando nas dobras da túnica que caiam nos lados, sem a descompor ergueram o sagrado e virginal tesouro e o colocaram no esquife, na mesma posição em que estava na tarima. Não lhe sentiram o peso, nem o tato percebeu mais do que a túnica, e quase imperceptivelmente.

No esquife, a luz se moderou e todos puderam ver a beleza do virgíneo rosto e mãos, dispondo assim o Senhor, para consolação dos presentes. No mais, sua onipotência não permitiu que daquele divino tálamo de sua habitação, fosse visto por alguém quer na vida, quer na morte, a não ser o que era forçoso para a vivência humana: sua honestíssima face para ser conhecida, e as mãos com que trabalhava.

Jesus zelou pelo corpo de sua Mãe

751. Tal foi a atenção e cuidado pela honestidade de sua bem-aventurada Mãe, que neste ponto, não zelou tanto de seu corpo deificado, como do corpo da puríssima Virgem. Na concepção imaculada, sem pecado, a fez semelhante a Si próprio, e também em o nascimento, quanto a não perceber o modo comum e natural de nascer. Preservou-a de tentações e pensamentos impuros. No recato de seu corpo virginal, porém, fez por Ela, como mulher, o que não fez Consigo como homem e Redentor do mundo, por meio do sacrifício de sua paixão. A puríssima Senhora também em vida, lhe pedia a graça de, em sua morte ninguém ver seu corpo. Assim aconteceu.

Os apóstolos providenciaram o sepultamento. Por sua iniciativa e pela devoção dos fiéis, que eram muitos em Jerusalém, acenderam numerosas luzes. Permanecendo acesas aquele dia e mais dois, nenhuma se apagou, nem consumiu o combustível.

Procissão do enterro de Maria

752. Para que este prodígio, e muitos outros que o divino poder operou nesta ocasião, fossem mais notórios ao mundo, o Senhor moveu os moradores da cidade a concorrer ao enterro de sua Mãe santíssima. Quase ninguém de Jerusalém, tanto judeus como gentios, deixou de ir presenciar o singular espetáculo.

Os apóstolos levantaram o sagrado corpo e tabernáculo de Deus, levando

sobre os ombros de novos sacerdotes da lei evangélica, o propiciatório dos divinos oráculos e favores. Em procissão, partiram do Cenáculo para sair da cidade ao Vale de Josafá.

Este era o acompanhamento visível dos habitantes de Jerusalém, mas além dele, havia o invisível dos cortesãos do céu. Em primeiro lugar, iam os mil anjos da Rainha, continuando sua música celestial, ouvida pelos apóstolos, discípulos e outros muitos, a qual durou três dias, com grande suavidade. Desceram também das alturas, outras legiões de anjos com os antigos pais e profetas, entre os quais se destacavam São Joaquim, Sant'Ana, São José, Santa Isabel e o Batista. Além destes, vinham ainda muitos outros santos, que nosso Salvador Jesus enviou do céu, para assistirem às exéquias de sua bem-aventurada Mãe.

Prodígios durante a procissão do enterro

753. Com estes acompanhamentos, o invisível do céu e o visível da terra, conduziram o sagrado corpo. Durante o caminho, operaram-se grandes milagres, que para referi-los seria necessário me alongar muito.

Todos os numerosos doentes que acorriam, foram perfeitamente curados das mais diversas enfermidades. Muitos endemoninhados foram libertados, sem que os demônios esperassem o corpo se aproximar de suas vítimas.

Maiores foram as maravilhas na

conversão de muitos judeus e gentios, pois por amor de sua Mãe santíssima, abriram-se os tesouros da divina misericórdia. Muitas almas vieram ao conhecimento de Cristo, nosso bem, e em alta voz o confessavam por verdadeiro Deus e Redentor do mundo, pedindo o batismo.

Durante dias, tiveram os apóstolos e discípulos que trabalhar na catequese e batismo dos que, então, se converteram a santa fé. Conduzindo o sagrado corpo, os apóstolos sentiram admiráveis afeitos de luz e consolação divina, graça em que os discípulos também participaram.

A multidão sentindo a fragrância, ouvindo a música e vendo os outros prodígios, estava como atônita. Todos proclamavam a grandeza e o poder de Deus naquela criatura, e em testemunho de sua fé, batiam no peito com dolorosa compunção.

Maria é sepultada

754. Chegaram ao lugar do sepulcro no vale de Josafá. São Pedro e São João que tinham tirado o celestial tesouro da tarima ao esquife, tiraram-no deste com a mesma reverência e facilidade. Colocaram-no no sepulcro e cobriram-no com uma toalha, em tudo agindo mais as mãos dos anjos do que as dos apóstolos.

Fecharam o sepulcro com uma lousa, conforme o costume, e os cortesãos do céu voltaram para lá. Ficaram os mil anjos custódios da Rainha, continuando a guardar seu sagrado corpo e a entoar a música celeste.

A multidão se dispersou e os apóstolos e discípulos, entre lágrimas, voltaram ao Cenáculo. Em toda a casa persistiu, por um ano inteiro, o perfume suavíssimo do corpo da grande Rainha, e em seu oratório durou muitos anos.

Aquele santuário se tornou em Jerusalém, como o refúgio para todos os trabalhos e necessidades dos que ali procuravam socorro. Todos o encontravam milagrosamente, tanto nas enfermidades, como em outras tribulações e calamidades.

Os pecados de Jerusalém e seus habitantes mereceram, entre outros castigos, serem privados, depois de alguns anos, deste benefício tão estimável.

Os apóstolos e discípulos velam o sepulcro

755. No Cenáculo, determinaram os apóstolos que, alguns deles e dos discípulos, velassem o santo sepulcro de sua Rainha, enquanto durasse a música celeste, pois todos aguardavam pelo fim deste prodígio.

Neste acordo, alguns foram cuidar dos trabalhos da Igreja, em catequizar e batizar os convertidos, enquanto outros voltaram ao sepulcro, e todos o visitaram naqueles três dias. São Pedro e São João estiveram ali mais do que os outros, e ainda que iam ao Cenáculo algumas vezes, logo voltavam onde estava seu tesouro e coração.

Nem os animais irracionais faltaram às exéquias da Senhora da criação. Quando seu sagrado corpo chegou perto do sepulcro, acorreram voando inumeráveis passarinhos e outras aves, e dos montes saíram muitos animais e feras em direção ao sepulcro. Uns com tristes cantos, outros gemendo e uivando com movimentos de dor, mostravam a amargura que sentiam pela perda comum a todos.

Só alguns judeus incrédulos, mais duros que as pedras e mais cruéis que as feras, não mostraram este sentimento na morte de sua co-redentora, como também não a sentiram na de seu Redentor e Mestre.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Morte ao pecado

756. Minha filha, quero que à memória de minha morte natural e enterro do meu sagrado corpo, fique vinculada tua morte e enterro civil, o primeiro fruto de teres conhecido e escrito minha vida. Muitas vezes, no decurso dela, te manifestei este desejo e te intimei minha vontade, para não perderes o fruto deste singular benefício que recebeste da benignidade do Senhor e minha.

Para qualquer cristão que morreu ao pecado e renasceu em Cristo pelo batismo, sabendo que o Senhor por ele morreu, é indecoroso que volte a reviver outra vez para o pecado. Mais repugnante ainda é isto nas almas que, por especial graça, são chamadas e escolhidas para amigas caríssimas do Senhor. Estas são as que se lhe consagram nos institutos da vida religiosa para melhor servi-lo, cada qual segundo suas finalidades.

Morte para o mundo

757. Nestas almas, os vícios do mundo causam horror ao próprio céu. A soberba, a presunção, a altivez, a imortificação, a ira, a cobiça, a impureza de consciência e outras fealdades, obrigam o Senhor e os Santos a afastarem os olhos de tal monstruosidade, e a sentirem maior indignação e ofensa, do que pelos pecados de outras pessoas.

Por isto, o Senhor repudia a muitas que, injustamente, trazem o nome de esposas suas. Abandona-as ao próprio arbítrio, pois infiéis, quebraram o pacto que fizeram com Deus e comigo na sua vocação e profissão. Se todas as almas devem temer esta desgraça e evitar tão tremenda deslealdade, considera, minha filha, que repulsa merecerias aos olhos de Deus, se te tornasses culpada de tal delito.

Já é tempo que acabes de morrer ao visível. Fique teu corpo sepultado em teu conhecimento e humilhação, e tua alma no ser de Deus. Tua vida acabou-se para o mundo, e Eu sou o juiz para executar em ti a separação entre tua vida e o século; já não tens nada mais com os que nele vivem, nem eles contigo. O escrever minha vida e morrer, deve ser uma só coisa para ti, como tantas vezes te adverti e outras tantas me prometeste, do íntimo do coração.

Morte de si mesmo

758. Quero que isto seja a marca de minha doutrina e testemunho de sua eficiência. Não consentirei que a desacredites com prejuízos de minha honra, mas sim que o céu e a terra conheçam a força de minha verdade e exemplo, vividas em tuas operações. Para isto não deves te valer de teu raciocínio e vontade, de tuas inclinações e paixões, porque tudo isso se acabou para ti. Tua lei deve ser obediência à vontade do Senhor e minha.

Para que, através desse meio, nunca ignores o mais santo, perfeito e agradável, o Senhor tudo previne por Si mesmo, por Mim, por seus anjos e pelos que te governam. Não alegues ignorância, timidez e menos ainda covardia. Pondera tua obrigação, calcula tua dívida, atende à luz incessante que recebes, e age com a graça.

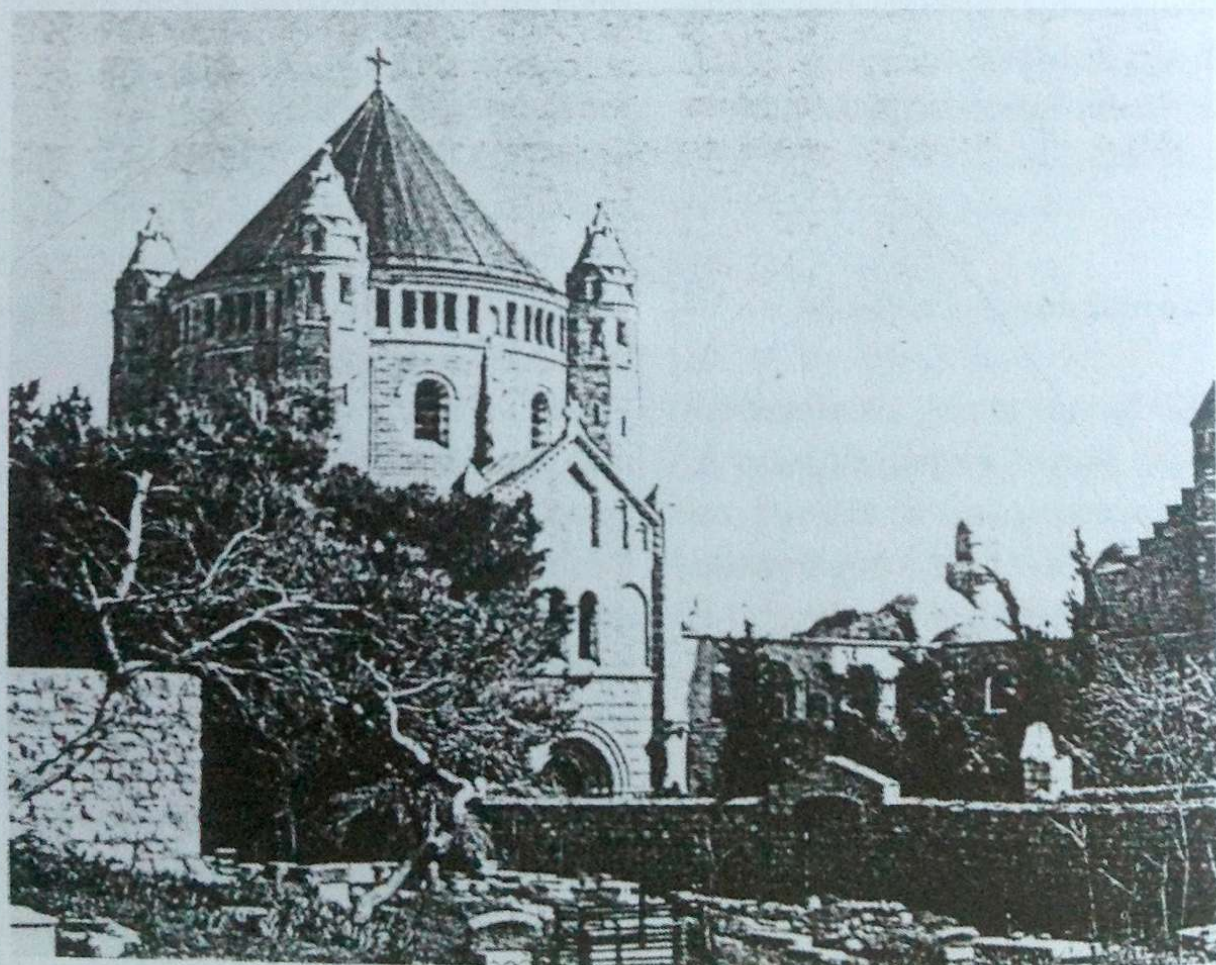
Com estes e outros benefícios, não haverá cruz que seja pesada para ti, nem morte tão amarga, que não se torne muito leve e doce. Nela está todo teu bem, e nela deves te deleitar. Se não acabas de

morrer para tudo, além de Eu semear de espinhos teus passos, não alcançarás a perfeição que desejas, nem chegarás ao estado onde o Senhor te chama.

Morte ao mundo

759. Se o mundo não te esquecer, esquece-o tu; se não te deixar, lembra tu que o deixaste, e Eu dele te separei. Se te persegue, foge; se te lisonjeia, despreza-o; se te despreza, sofre-o, e se te procura, só te encontre para em ti glorificar o Onipotente. Em tudo o mais, porém, dele não deves te lembrar, mais do que os vivos se lembram dos mortos, e o hás de esquecer como os mortos esquecem os vivos. Com os moradores deste século, não quero que tenhas mais relações, do que as que tem, entre si, os vivos e os mortos.

Se consideras o quanto é importante esta doutrina, não te parecerá muito que, no princípio, no meio e no fim desta história, Eu a repita tantas vezes. Adverte, caríssima, as perseguições que, em surdina, e às escondidas, o demônio te moveu, servindo-se do mundo e seus moradores, sob diversos pretextos e disfarces.

Se Deus o permitiu, para te provar e usar de sua graça, é razão que, o quanto depender de ti, andes instruída e avisada. Lembra que levas um grande tesouro em vaso frágil (**2 Cor 4, 7**); que todo o inferno se rebela e conspira contra ti, e vives em carne mortal, rodeada e combatida por astutos inimigos. És esposa de Cristo, meu Filho santíssimo, e Eu sou tua Mãe e Mestra. Reconhece, pois, tua pobreza e fragilidade, e corresponde-me como filha caríssima e discípula perfeita e obediente em tudo.

Jerusalém. Igreja da Dormição (morte) de Nossa Senhora, sobre o monte Sião.

CAPÍTULO 21

A ALMA DE MARIA SANTÍSSIMA ENTROU NO CÉU EMPÍREO E, À IMITAÇÃO DE CRISTO, NOSSO REDENTOR, VOLTOU PARA RESSUSCITAR SEU SAGRADO CORPO; NELE SUBIU OUTRA VEZ, À DIREITA DO MESMO SENHOR, AO TERCEIRO DIA.

A glória da eterna bem-aventurança

760. Da glória e felicidade dos santos que participam da visão beatífica e fruição bem-aventurada, disse São Paulo (**1 Cor 2, 9**) e Isaias (**44, 4**), que olhos não viram, ouvidos não ouviram, nem pode passar pelo coração humano, o que Deus tem preparado para os que o amam e n'Ele esperam.

Conforme a esta verdade católica, não é maravilha o que se conta de Santo Agostinho. Apesar de ser tão esplêndido luzeiro da Igreja, estando para escrever um tratado sobre a glória dos bem-aventurados, apareceu-lhe seu grande amigo São Jerônimo que acabava de morrer e entrar no gozo do Senhor. Convenceu Agostinho de que não conseguiria fazer o que desejava, porque a palavra humana, quer oral, quer escrita, jamais poderia manifestar a mínima parte dos bens que gozam os santos na visão beatífica. Foi o que disse São Jerônimo.

Se, na sagrada Escritura não tivéssemos outro testemunho mais de que aquela glória será eterna, só por esta condição ultrapassa nosso entendimento incapaz de abraçar a eternidade. Seu objeto é infinito e sem medida, inesgotável e incompreensível, por mais que seja conhecido e amado.

Permanecendo infinito e onipotente, Deus criou todas as coisas, sem que todas elas e outros infinitos mundos, caso os criasse, esgotassem seu poder, porque sempre permanece infinito e imutável. Assim também, se um número infinito de santos o vissem e gozassem, ainda ficaria infinito por conhecer e amar. Na criação e na glória, todos nele participam limitadamente, segundo a capacidade de cada um. Ele, porém, em si mesmo, não tem fim.

A glória de Maria ultrapassa a dos santos

761. Sendo assim inefável a glória de qualquer dos santos, ainda que seja o menor, que diremos da glória de Maria santíssima? Entre os santos é a santíssima, e só Ela tem mais semelhança com seu Filho, do que todos os santos juntos. Sua graça e glória excede a todos, como a imperatriz a seus vassalos.

Esta verdade se pode e deve crer, mas na vida mortal é impossível entendê-la, ou explicar a mínima parte dela. A desproporção e curteza de nossos termos e raciocínios, mais podem obscurecê-la do

que demonstrá-la.

Esforcemo-nos agora, não por compreendê-la, mas sim por merecer contemplá-la na glória onde, na medida de nossos méritos, alcançaremos este gozo que esperamos.

Cristo apresenta a alma de Maria no céu

762. Entrou no céu empíreo nosso Redentor Jesus, conduzindo à sua direita a alma puríssima de sua Mãe. Só Ela, entre todos os mortais, não teve matéria para o juízo particular, nem se lhe pediu contas. Assim lhe foi concedido, quando a fizeram isenta da culpa comum, eleita Rainha dispensada das leis a que estão sujeitos os filhos de Adão. Pela mesma razão, no juízo universal não será julgada como os outros, mas virá à direita de seu Filho santíssimo, participando no julgamento de todas as criaturas.

No primeiro instante de sua Conceição, foi aurora claríssima e refulgente, retocada com os raios do sol da Divindade, acima das luzes dos mais ardentes serafins. Depois, elevou-se até tocar a própria Divindade, ao se tornar Mãe do Verbo encarnado, Cristo. Era, portanto, conseqüente, que por toda a eternidade fosse sua companheira, com a maior semelhança possível entre Filho e Mãe; Ele Deus e Homem, e Ela pura criatura.

Com este título, o Redentor apresentou-a ante o trono da Divindade. Em presença de todos os bem-aventurados, atentos a esta maravilha, a Humanidade santíssima disse ao eterno Pai:

Meu eterno Pai, minha Mãe amantíssima, vossa Filha querida e Esposa mimoseada do Espírito Santo, vem receber a posse da coroa e glória que lhe preparamos, como recompensa de seus méritos. Nasceu entre os filhos de Adão, como rosa entre espinhos, intacta, pura e formosa, digna de que a recebamos em nossas mãos e no lugar onde não chegou nenhuma de nossas criaturas, nem podem chegar os concebidos em pecado.

É nossa escolhida, única e singular, a quem demos graça e participação em nossas perfeições, ultrapassando a norma comum às outras criaturas; nela depositamos os tesouros e dons de nossa incompreensível divindade, e ela, com a máxima fidelidade, os guardou e fez lucrar os talentos que lhe demos; nunca se afastou de nossa vontade, achou graça (**Lc 1, 30**) e complacência a nossos olhos.

Meu Pai, retíssimo é o tribunal de vossa misericórdia e justiça, e nele se pagam os serviços de nossos amigos, com superabundante recompensa. Justo é que à minha Mãe se dê o prêmio de Mãe; e se em toda sua vida e obras foi semelhante a Mim, no grau possível à pura criatura, também o há de ser na glória; tenha lugar no trono de nossa Majestade para que, onde está a santidade por essência, esteja também a máxima santidade por participação.

A glória da alma de Maria

763. Este decreto do Verbo humanado foi aprovado pelo Pai e o Espírito Santo. A alma santíssima de Maria foi elevada à destra de seu Filho e Deus verdadeiro e colocada no mesmo trono real da santíssima Trindade, onde nem homens, nem anjos, nem serafins chegaram, ou chegarão jamais, por toda a eternidade.

Esta é a mais alta e excelente preeminência de nossa Rainha e Senhora: estar no mesmo trono das divinas Pessoas, e ter lugar de Imperatriz, quando os demais o tem de servos e ministros do sumo Rei.

À eminência e majestade daquele

lugar, inacessível para todas as demais criaturas, correspondem em Maria santíssima os dotes da glória: compreensão, visão e fruição. Daquele objeto infinito que, em inumeráveis e diferentes graus, gozam os bem-aventurados, Ela goza acima e mais do que todos. Conhece, penetra, entende muito mais sobre o ser divino e seus atributos, do que todo o resto dos bem-aventurados.

Entre a glória das divinas Pessoas e a de Maria santíssima há distância infinita, porque a luz da Divindade, como diz o Apóstolo (**1 Tm 6, 16**), é inacessível e só ela habita a imortalidade e glória por essência.

A alma santíssima de Cristo também excede, sem medida, aos dotes de sua Mãe. Não obstante, comparada a glória dos santos, a desta Rainha ultrapassa a de todos de modo inatingível, tendo com a de Cristo uma semelhança impossível de se explicar e entender nesta vida.

Complacência divina por Maria

764. Tampouco se pode reduzir a palavras o gozo que os bem-aventurados receberam neste dia, cantando novos louvores ao Onipotente e à glória de sua Filha, Mãe e Esposa, em quem eram glorificadas as suas obras.

Ainda que Deus não pode receber nova glória interior, porque a teve e tem completa, imutável e infinita desde sua eternidade, neste dia foram maiores as demonstrações exteriores de seu agrado e complacência, no cumprimento de seus eternos decretos.

Do trono real, como da pessoa do Pai, saia uma voz a dizer: Na glória de nossa dileta e amantíssima Filha, cumpriram-se nossos desejos e santa vontade, com plenitude de nossa complacência. A todas as criaturas demos o ser que elas tem, criando-as do nada, para serem participantes de nossos bens e tesouros infinitos, conforme à inclinação de nossa bondade imensa.

Este benefício foi frustrado por aqueles que criamos com capacidade para nossa graça e glória. Só nossa querida Filha não teve parte na desobediência e prevaricação dos outros, e mereceu o que os indignos filhos da perdição desprezaram. Nosso coração não foi decepcionado por Ela em nenhum momento.

A Ela pertencem os prêmios que, por nossa vontade condicional, tínhamos preparado para os anjos desobedientes e para os homens que os imitaram, se todos tivessem cooperado com nossa graça e chamado. Ela compensou este desacato, com sua obediência e submissão. Agradou-nos, plenamente, em todos seus atos e mereceu o lugar no trono de nossa Majestade.

Conveniências da ressurreição e assunção de Maria

765. No terceiro dia em que a alma de Maria santíssima gozava desta glória para nunca mais deixá-la, o Senhor manifestou aos santos sua vontade divina, de que Ela voltasse ao mundo e ressuscitasse seu sagrado corpo. Em corpo e alma seria elevada, outra vez, à destra de seu Filho santíssimo, sem esperar a ressurreição geral dos mortos.

A conveniência deste favor, sua relação com os demais privilégios que a Rainha do céu recebeu e com sua sobreexcelente dignidade, não podia ser ignorado pelos santos. Até aos mortais se faz tão crível, que teríamos por ímpio e estulto ao que pretendesse negá-la, lembrando-nos

ainda que a Igreja aprovou esta crença [1].

Conheceram-na os bem-aventurados com maior clareza, e também o tempo e hora em que se realizaria, quando, em Deus, foi-lhes manifestado seu eterno decreto.

Na hora marcada, Cristo, nosso Salvador desceu do céu levando á sua direita a alma de sua bem-aventurada Mãe, com muitas legiões de anjos e os antigos pais e profetas. Chegaram ao sepulcro no vale de Josafá, e estando todos diante do virginal corpo, o Senhor falou aos santos:

Ressurreição de Maria

766. Minha Mãe foi concebida sem mancha de pecado, para que de sua virginal substância, puríssima e sem mácula, me vestisse da humanidade na qual vim ao mundo, para o redimir do pecado. Minha carne é sua carne. Ela cooperou comigo nas obras da Redenção. Devo ressuscitá-la como Eu ressuscitei dos mortos, e seja no mesmo tempo e hora, porque em tudo quero fazê-la semelhante a Mim.

Os antigos santos da natureza humana agradeceram este favor, com novos cânticos de louvor e glória ao Senhor. Os que, principalmente, se distinguiram neste agradecimento, foram nossos primeiros pais Adão e Eva, Sant'Ana, São Joaquim e São José que tinham particulares títulos e motivos, para exaltar ao Senhor naquela maravilha de sua onipotência.

Ao império de Cristo, a alma puríssima da Rainha entrou no virginal corpo, informou-o e ressuscitou-o. Deu-lhe nova vida, imortal e gloriosa, comunicando-lhe os quatro dotes de claridade, impassibilidade, agilidade e subtileza, correspondentes à glória da alma, da qual se derivam aos corpos.

Recíproca doação entre Cristo e Maria

767. Com estes dotes gloriosos, saiu Maria santíssima, em corpo e alma, do sepulcro, sem remover a pedra que o fechava, ficando a túnica e toalha estendidas na forma em que cobriam seu sagrado corpo.

Por ser impossível descrever seu brilho e beleza, não me detenho nisso. Basta-me dizer que, como a divina Mãe deu a seu Filho santíssimo a forma de homem em seu virginal tálamo, pura, limpa, sem mancha e impecável para redimir o mundo: assim, em paga desta dádiva, o mesmo Senhor lhe deu, nesta ressurreição e nova geração, outra glória e formosura semelhante a d'Ele.

Nesta troca tão misteriosa e divina, cada qual fez o que pôde: Maria santíssima gerou a Cristo assimilado a si mesma, enquanto passível; Cristo a ressuscitou, comunicando-lhe de sua glória, quanto Ela pôde receber na capacidade de pura criatura.

Assunção de Maria ao céu

768. Logo se formou soleníssima procissão que, do sepulcro pela região do ar, ao som de celestial música, foi subindo para o céu empíreo. Era a mesma hora em que ressuscitou Cristo, nosso Salvador, no domingo imediato, depois da meia-noite. Por este motivo, fora alguns apóstolos que velavam o sagrado sepulcro, ninguém percebeu o que acontecera.

A procissão dos anjos e santos entrou no céu. No fim dela, vinham Cristo, nosso Salvador tendo à direita a Rainha vestida de ouro, como diz David (Sl 44, 10), e tão formosa, que foi a admiração da corte celeste. Todos se voltaram para contemplá-la e bendizê-la com jubilosos cânticos de louvor.

1 - Na época da Escritora, a Assunção de Nossa Senhora ainda não era dogma de fé. Foi definido pelo Papa Pio XII, em 1º de Novembro de 1950.

Ali se ouviram aqueles misteriosos elogios escritos por Salomão: Saí, filha de Sião, para ver vossa Rainha, a quem louvam as estrelas matutinas e festejam os filhos do Altíssimo.

Quem é esta que sobe do deserto, qual uma névoa de perfumes (**Ct 3, 6**)? Quem é esta que se levanta como a aurora, mais formosa que a lua, escolhida como o sol e terrível como muitos esquadrões perfilados (**Ct 6, 9**)? Quem é esta que sobe do deserto, apoiada a seu dileto, transbordando delícias (**Ct 8, 5**)?

Quem é esta, em quem a Divindade encontrou mais complacência do que em todas as criaturas, e a eleva, acima de todas, ao trono de sua inacessível luz e majestade? Oh! maravilha nunca vista nestes céus! Oh! novidade digna da infinita sabedoria! Oh! prodígio desta onipotência que assim a exaltas e engrandeces!

Maria recebida pela Santíssima Trindade

769. Com esta glória, chegou Maria santíssima, em corpo e alma, ao trono real da santíssima Trindade, onde foi recebida pelas três divinas Pessoas, em amplexo indissolúvel.

O eterno Pai lhe disse: Sobe mais alto que todas as criaturas, minha escolhida, minha filha e minha pomba.

O Verbo humanado: Minha Mãe, de quem recebi a natureza humana e o retorno de minhas obras que perfeitamente imitaste, recebe agora de minha mão a recompensa que mereceste.

O Espírito Santo: Minha amantíssima Esposa, entra no gozo eterno correspondente a teu fidelíssimo amor, e goza sem receios, pois já passou o inverno do padecer (**Ct 2, 11**) e chegaste à posse eterna de nossos abraços.

Ali ficou Maria Santíssima absorta entre as divinas Pessoas, mergulhada naquele pélago interminável e abissal da Divindade, enquanto os santos enchiam-se de admiração e novo gozo acidental.

No capítulo seguinte direi o que puder, das outras maravilhas que sucederam nesta obra do Onipotente.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS ANJOS MARIA SANTÍSSIMA.

Esquecimento da eternidade

770. Minha filha, lamentável e sem desculpa é a ignorância dos homens em esquecer, propositadamente, a eterna glória que Deus prepara àqueles que se dispõem a merecê-la.

Quero que chores, amargamente, este esquecimento tão pernicioso, pois não há dúvida que corre evidente perigo de

a perder, quem voluntariamente se esquece da felicidade e glória eterna. Ninguém tem legítima desculpa desta falha, pois enquanto nada custa ter ou adquirir esta lembrança, muitos empregam todo esforço em esquecer o fim para que foram criados.

É certo, que tal esquecimento procede de se entregarem os homens à soberba da vida, à cobiça dos olhos e à concupiscência da carne (1 Jo 2, 16). Empregando nisto todas as energias e potências da alma, e todo o tempo da vida, não lhes resta atenção nem lugar para pensar, com sossego ou sem ele, na felicidade eterna da bem-aventurança.

Confessem os homens, se lhes custa maior trabalho esta lembrança do que seguir suas cegas paixões, adquirir honra, riquezas e deleites transitórios que se acabam antes que a vida e, as mais das vezes, nem com muitas fadigas são conseguidos.

Esforços e trabalhos perdidos

771. Quanto mais fácil é para os mortais, não cair nesta perversidade, principalmente os filhos da Igreja que dispõem da fé e esperança que, sem trabalho, lhes ensinam esta verdade.

E, mesmo que lhes fosse tão custoso merecer o bem eterno como alcançar honra, riqueza e outros bens aparentes, grande loucura é trabalhar tanto pelo falso como pelo verdadeiro, tanto pelas penas eternas como pela glória eterna.

Conhece bem, minha filha, para chorá-la, esta abominável estultice, considerando o século em que vives, tão conturbado com guerras e discórdias. Quantos são os infelizes que vão ao encontro da morte, por um passageiro e inútil estipêndio de honra, vingança e outros vilíssimos interesses, enquanto da vida eterna não se lembram nem cuidam mais do que se fossem irracionais. Seriam felizes se, como estes, acabassem na morte temporal. Como, porém, a maior parte age contra a justiça, e os que estão nela não se lembram de seu fim, tanto uns como outros morrem eternamente.

Infelicidade eterna

772. Esta é a maior dor e infelicidade sem igual e sem remédio. Aflige-te, lamenta e chora sem consolo, sobre a ruína de tantas almas compradas com o sangue de meu Filho santíssimo. Asseguro-te, caríssima, que se os homens não desmerecessem, a caridade me inclinaria do céu e da glória a bradar-lhes com voz que pudesse ser ouvida em toda a terra:

Homens mortais e iludidos, que fazeis, como viveis? Por ventura sabeis o que é ver Deus face a face e participar de sua companhia e eterna glória? Em que pensais? Quem assim vos perturbou e fascinou o juízo? Que buscais, se perdeis este verdadeiro bem e felicidade, fora da qual não existe outra? O sofrimento é breve, a glória infinita, o castigo eterno.

O caminho do céu é estreito

773. Com este sentimento que desejo despertar em ti, procura trabalhar com solicitude, para não incorrer nesse perigo. Tens o vivo exemplo de minha vida que foi um contínuo padecer, tal como o conheceste. Quando, porém, cheguei a receber a recompensa, tudo me pareceu nada e o esqueci, como se não tivesse acontecido.

Resolve-te, minha amiga, a seguir-me no sofrimento. Ainda que ele seja maior que o de todos os mortais, conside-

ra-o levíssimo, e nada te pareça difícil, pesado ou amargo, ainda que seja padecer a ferro e fogo.

Estende as mãos a coisas árduas (**Pv 31, 19**), guarnece teus domésticos, os sentidos, com vestes duplas (**Idem, 21**), para trabalhar e sofrer com todas tuas potências. Além disto, quero que não te atinja outro erro, comum entre os homens, quando dizem: é preciso garantir apenas a salvação, pois estando na glória, não importa seja ela pouca ou muita.

Esta ignorância, minha filha, não garante mas arrisca a salvação porque procede de grande estultice e pouco amor a Deus. Quem pretende assim negociar com Ele, desobriga-o e será deixado no perigo de vir a perder tudo.

No bem, a fraqueza humana sempre faz menos do que deseja. Se o desejo não for grande faz muito pouco, e se deseja pouco, arrisca-se a nada fazer e a perder tudo.

Ambicionar grande recompensa

774. Quem se contenta com o medíocre ou o mínimo na virtude, sempre deixa lugar na vontade e nas inclinações, para admitir deliberadamente outros afetos terrenos e amor ao transitório. Tal disposição não se pode manter, sem entrar em conflito com o amor divino. É absolutamente necessário renunciar a um, para permanecer com o outro. Determinando-se a criatura a amar a Deus, de todo o coração e todas as forças, como Ele manda (**Dt 6, 5**), este afeto e resolução é levado em conta pelo Senhor, mesmo quando a alma, por outros defeitos, não alcança os mais elevados prêmios.

Desprezar a este e intencionalmente não o estimar, não é amor de filho nem de verdadeiro amigo, mas indiferença de escravo que se contenta em viver só para passar o tempo.

Se os santos pudessem voltar à terra, para merecer mais algum grau de glória, padecendo todos os tormentos do mundo até o dia do juízo, sem dúvida voltariam. Eles têm verdadeiro conhecimento de quanto vale aquela recompensa e amam a Deus com caridade perfeita. Não convém que isto seja concedido aos santos, foi porém, concedido a Mim, como deixas escrito nesta História (2).

Com meu exemplo fica confirmada esta verdade, e reprovada a insipiência dos que, por não padecer, nem abraçar a cruz de Cristo, querem reduzir a recompensa. Isto contradiz a propensão da infinita bondade do Altíssimo desejosa que as almas adquiram méritos, para serem copiosamente premiadas na felicidade da glória.

2 - nº 2, livro 8º

A SSma. Trindade coroa Nossa Senhora, Rainha do Céu e da Terra.

CAPÍTULO 22

MARIA SANTÍSSIMA FOI COROADA RAINHA DO CÉU E DE TODAS AS CRIATURAS, SENDO-LHE CONFIRMADOS GRANDES PRIVILÉGIOS A FAVOR DOS HOMENS.

A glória e seus diferentes graus

775. Quando Cristo Jesus. nosso Salvador, se despediu de seus discípulos, antes da paixão, disse-lhes que não se perturbassem (**Jo 14, 1**) pelo que lhes advertira, pois na casa de seu Pai, e bem-aventurança, havia muitas mansões. Garantiu-lhes haver lugar e recompensa para todos, ainda que os méritos e as boas obras fossem diversos; que ninguém se perturbasse e se entristecesse, perdendo a paz e a esperança, ao ver outro mais perfeito e mais adiantado, porque na casa de Deus há muitos graus e moradas. Cada qual ficará contente com o que lhe tocar, sem invejar os outros, sendo esta uma das grandes felicidades daquela bem-aventurança eterna.

Tenho dito[1] que Maria santíssima foi colocada no supremo lugar, no trono da santíssima Trindade, e muitas vezes usei esta palavra para descrever tais mistérios, assim como é usada pelos santos e pela própria sagrada Escritura (**Ap 1, 4; 3, 21**). Depois desta justificativa, não seria necessária outra advertência. Contudo, para os menos entendidos, dou mais alguma explicação.

Deus, puríssimo espírito, sem corpo, infinito, imenso e impossível de ser limitado, não tem necessidade de trono e assento material. Ele tudo enche, está presente em todas as criaturas, nenhuma o abarca nem cinge, antes é Ele que a todas encerra e compreende em Si mesmo.

Por sua vez, os santos não vêm a Divindade com olhos corporais, mas com os da alma. Como, porém, olham-no em alguma parte determinada (para o entender a nosso modo terreno e material), dizemos que está em seu real trono, onde a santíssima Trindade se assenta, ainda que é em Si mesmo que tem a glória que goza e que comunica aos santos.

Não obstante, não nego que a humanidade de Cristo, nosso Salvador e sua Mãe santíssima estão no céu em lugar mais eminente que os demais santos, e que entre os bem-aventurados que estão em alma e corpo, haverá alguma ordem de mais ou menos proximidade com Cristo, nosso Senhor e com a Rainha. Aqui, porém, não é lugar para declarar o modo como isto acontece no céu.

O trono da Divindade

776. Chamamos, portanto, trono da Divindade, onde esta se revela aos santos como a principal causa da glória; como Deus eterno, infinito, que não depende de ninguém, mas de cuja vontade

1 - nº 765

todas as criaturas dependem; manifesta-se como Senhor, Rei, Juiz e Dono de tudo quanto existe.

Cristo, nosso Redentor, enquanto Deus, tem esta dignidade por essência, e enquanto Homem, pela união hipostática, pela qual se comunicou à Humanidade santíssima. No céu está como Rei, Senhor e Juiz supremo. Os santos, ainda que sua glória e excelência ultrapassam a todo humano pensamento, estão como servos e inferiores àquela inacessível Majestade.

Depois de Cristo, nosso Salvador, participa Maria santíssima desta excelência, em grau inferior a seu Filho santíssimo, por outro modo inefável e proporcionado ao ser de pura criatura, imediata a Deus-Homem. Sempre assiste à destra de seu Filho (**Sl 44, 10**), como Rainha, Senhora e Dona de toda a criação, estendendo-se seu domínio até onde chega o do Filho, embora por outro modo.

Maria é proclamada Rainha pela Santíssima Trindade

777. Colocada Maria santíssima neste lugar e trono eminentíssimo, declarou o Senhor aos cortesãos do céu, os privilégios que Ela gozava naquela majestade participada.

A pessoa do eterno Pai, como primeiro princípio de tudo, disse aos anjos e santos: Nossa filha Maria foi escolhida e reservada por nossa vontade eterna, entre todas as criaturas, a primeira para nossas delícias, e nunca degenerou do título de filha que lhe demos, em nossa mente divina. Tem direito a nosso reino, pelo qual deve ser reconhecida e coroada por legítima Senhora e singular Rainha.

O Verbo humanado acrescentou: À minha Mãe verdadeira e natural pertencem todas as criaturas por Mim criadas e redimidas, e de tudo o que sou Rei, há de ser Ela legítima e suprema Rainha.

O Espírito Santo prosseguiu: Pelo título de Esposa minha, única e eleita, a que fielmente correspondeu, se lhe deve também a coroa de Rainha por toda a eternidade.

Coroação da Virgem Maria

778. Ditas estas razões, as três divinas Pessoas puseram na cabeça de Maria santíssima uma coroa de glória de tão singular preço e esplendor, qual não se viu antes, nem se virá depois, em pura criatura.

Ao mesmo tempo, saiu uma voz do trono que dizia: Amiga e escolhida entre as criaturas, nosso reino é teu. És Rainha, Senhora e Superiora dos serafins, de todos os anjos nossos ministros e da universalidade de nossas criaturas. Atende, manda e reina prosperamente (**Sl 44, 5**) sobre elas, que em nosso consistório supremo te conferimos império, majestade e senhorio.

- Sendo cheia de graça, acima de todos, te humilhaste em tua própria estima ao último lugar; recebe agora o supremo que te é devido e a participação do domínio de nossa divindade sobre tudo o que nossa onipotência criou.

- De teu real trono, mandarás até o centro da terra; com o poder que te damos, sujeitarás o inferno e todos seus demônios e moradores; todos temer-te-ão como à suprema Imperatriz e Senhora daquelas cavernas, morada de nossos inimigos.

- Reinarás sobre a terra, sobre seus elementos e criaturas. Em tuas mãos e vontade entregamos as forças e efeitos de todas as causas, sua atividade, sua conservação, para que disponhas das influências dos céus, da chuva das nuvens,

dos frutos da terra. Tudo distribui por tua disposição, à qual estará atenta nossa vontade para fazer a tua.

- Serás Rainha e Senhora de todos os mortais, para mandar e deter a morte e conservar sua vida. Serás Imperatriz e Senhora da igreja militante, sua Protetora, Advogada, Mãe e Mestra. Serás especial Patrona dos reinos católicos. Se eles e outros fiéis, e todos os filhos de Adão, de coração te chamarem, servirem e empenharem, os socorrerás e ajudarás em seus trabalhos e necessidades.

- Serás amiga, defensora e capitã de todos os justos, nossos amigos. A todos consolarás, confortarás e encherás de bens, conforme a devoção com que te honrarem.

- Para tudo isto, te fazemos depositária de nossas riquezas, tesoureira de nossos bens. Pomos em tuas mãos, para os prodigalizar, os auxílios e favores de nossa graça. Nada queremos conceder ao mundo, a não ser por tua mão, e nada recusaremos de quanto concederes aos homens. Em teus lábios derrama-se a graça (Sl 44, 3) para tudo o que quiseres e ordenares no céu e na terra. Em toda a parte, os anjos e os homens te obedecerão, porque todas nossas coisas são tuas, como sempre foste nossa, e reinarás conosco para sempre.

Os habitantes do céu reconhecem a realeza de Maria

779. Para execução deste decreto e privilégio concedido à Senhora do universo, mandou o Onipotente a todos os cortesãos do céu, anjos e homens, prestas-

sem obediência a Maria santíssima, e a reconhecessem por sua Rainha e Senhora.

Esta maravilha teve outro mistério: foi para retribuir à divina Mãe a veneração e culto que, em sua profunda humildade, Ela dera aos santos, quando era viadora e eles lhe apareciam, - como em toda esta História fica escrito - não obstante ser Ela Mãe de Deus, mais cheia de graça e santidade do que todos os anjos e santos.

Quando a puríssima Senhora era viadora, e eles compreensores, convinha, para seu maior mérito, que se humilhasse a todos, e assim dispunha o mesmo Senhor. Agora, porém, estando já na posse do reino que lhe era devido, era justo que todos lhe dessem culto e veneração, reconhecendo-se inferiores e vassalos seus.

Assim o fizeram, naquele felicíssimo estado, onde todas as coisas se colocam na sua perfeita ordem e proporção. Os espíritos angélicos e as almas dos santos prestam este reconhecimento, no modo como adoram ao Senhor, com temor, culto e reverência, dando-a à divina Mãe na devida proporção. Os santos que estavam em corpo e alma no céu, prostraram-se, venerando com atos corporais à sua Rainha.

Estas homenagens, e a coroação da Imperatriz das alturas, foram de admirável glória para Ela, de novo gozo e júbilo para os santos e complacência para a Santíssima Trindade. Em tudo, foi este dia festivo e de nova glória acidental para o céu. Os que mais a sentiram foram: seu castíssimo esposo São José, São Joaquim e Sant'Ana, os parentes e mais íntimos da Rainha, especialmente os seus mil anjos da guarda.

Maria, sacrário da Eucaristia

780. No corpo glorioso da grande Rainha, à altura do peito, apareceu aos santos a figura de um pequeno e translúcido globo, de singular beleza e resplendor, que lhes causou especial admiração e alegria. É a recompensa e o testemunho de haver guardado em seu peito o Verbo incarnado e sacramentado como em digno sacrário; de o ter recebido tão pura e santamente, sem sombra nem imperfeição alguma, mas com suma devoção e reverência, como jamais conseguiu nenhum dos outros santos.

Sobre os demais prêmios e coroas, correspondentes às suas virtudes e incomparáveis obras, nada posso dizer, para dignamente os explicar. Remeto-o à visão beatífica, onde cada qual o conhecerá, segundo merecer por suas obras e devoção.

No capítulo 19 [1] disse que o trânsito de nossa Rainha ocorreu a treze de Agosto. Sua ressurreição, assunção e coroação sucedeu no domingo, dia quinze, no qual é celebrada na santa Igreja. Seu sagrado corpo esteve no sepulcro trinta e seis horas, como o de seu Filho santíssimo, porque seu trânsito e ressurreição também foram nas mesmas horas que as d'Ele. O cálculo dos anos ficou exposto acima, onde escrevemos que esta maravilha sucedeu no ano cinqüenta e cinco do Senhor, entrando neste ano os meses que vão do nascimento do Senhor até quinze de agosto.

Os apóstolos verificam a Assunção de Maria

781. Deixamos nossa grande Senhora à destra de seu Filho santíssimo, reinando pelos séculos dos séculos.

Voltemos agora aos apóstolos e discípulos que, inconsoláveis, continuavam velando o sepulcro de Maria

1 - nº 742

santíssima no vale de Josafá. São Pedro e São João, os que mais continuamente ali permaneceram, perceberam, ao terceiro dia, que a música celeste havia cessado. Iluminados pelo Espírito Santo, deduziram que a Mãe puríssima teria ressuscitado e sido levada ao céu, em corpo e alma, como seu Filho santíssimo.

Discutiram este parecer, confirmando-se nele. São Pedro, como chefe da Igreja, determinou que esta verdade e prodígio fosse notória e provada pelas mesmas testemunhas da morte e enterro da Mãe do Senhor.

Para tanto, no mesmo dia, reuniu os apóstolos, discípulos e outros fiéis junto ao sepulcro. Apresentou-lhes as razões da suposição que todos faziam, e a conveniência de manifestar à Igreja aquela maravilha que, em todos os séculos, seria venerável e de tanta glória para o Senhor e sua Mãe santíssima.

Todos aprovaram o parecer do Vigário de Cristo, e por sua ordem afastaram a pedra que cerrava o sepulcro. Entrando para examiná-lo, encontraram-no vazio, sem o sagrado corpo. Sua túnica estava estendida como quando o cobria, provando que o corpo atravessara a túnica e a pedra, sem movê-las nem abri-las.

São Pedro tomou a túnica e a toalha, venerou-as com todos os presentes que ficaram certificados da Ressurreição e Assunção de Maria santíssima ao céu. Entre alegria e sentimento, celebraram com afetuosas lágrimas esta misteriosa maravilha, cantando salmos e hinos em louvor e glória do Senhor e de sua bem-aventurada Mãe.

Aparição dos anjos

782. Suspensos pela admiração e saudade, olhavam o sepulcro, sem ânimo de se retirar. Desceu, então, um anjo do Senhor e lhes disse: Homens galileus, porque vos admirais e ficais aí? Vossa e nossa Rainha vive em corpo e alma no céu, e nele reina para sempre com Cristo.

Ela me envia para vos confirmar esta verdade, e vos recomendar novamente a Igreja, a conversão das almas e propagação do Evangelho. Quer que volteis logo a esse ministério e, da glória, cuidará de vós.

Com esta mensagem, os apóstolos se reanimaram. Em suas peregrinações sentiram a proteção da Rainha e, ainda mais, na hora do martírio, porque então apareceu a cada um e apresentou suas almas ao Senhor.

Outras coisas que se referem sobre o trânsito e ressurreição de Maria santíssima não me foram manifestadas, pelo que não as escrevo. Em toda esta divina História, não tive outro empenho, senão em dizer somente o que me foi ensinado e mandado escrever.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Usar de clemência é glória para Maria

783. Minha filha, se alguma coisa pudesse diminuir o gozo da suma felicidade e glória que possuo; se com ela pudesse sentir alguma pena, sem dúvida a teria muito grande, vendo a Igreja e o resto do mundo no aflitivo estado em que se encontram hoje, apesar dos homens saberem que me têm no céu por Mãe, Advogada e Protetora para remediá-los, socorrê-los e encaminhá-los à vida eterna.

Sendo isto assim, e tendo-me concedido o Altíssimo tantos privilégios por ser Mãe sua e pelos demais títulos que

descreveste, tudo aplico em benefício dos mortais como Mãe de clemência. Vendo que me deixam tolhida de lhes fazer bem, e que por não me chamarem de todo o coração se perdem tantas almas - tudo isso seria motivo de grande dor para meu coração cheio de misericórdia.

Se não posso ter essa dor, tenho justa queixa dos homens que para si granjeiam a pena eterna, e a Mim recusam esta glória.

Dureza dos pecadores

784. Nunca se ignorou na igreja o que vale minha intercessão e o poder que tenho no céu para remediar a todos. Tenho dado provas desta verdade com milhares de milagres, prodígios e favores a meus devotos. Com aqueles que, em suas necessidades, me chamaram sempre fui liberal, e por Mim o Senhor o foi com eles. Não obstante Eu ter socorrido muitas almas, são poucas em comparação das que posso e desejo socorrer.

O mundo corre e os séculos caminham adiantados; os mortais tardam em voltar a Deus e em conhecê-lo; os fiéis da Igreja se enredam nos laços do demônio; os pecadores crescem em número e as culpas aumentam.

A caridade se resfria, e isto depois de Deus se ter feito homem; ensinou o mundo com sua vida e doutrina, redimiu-o com sua Paixão e morte; deu-lhe lei evangélica eficaz para a salvação se a criatura coopera de sua parte; ilustrou a Igreja com tantos milagres, luzes, benefícios e favores por Si e por seus santos. Sobre todos estes bens, franqueou as portas de sua misericórdia, por sua bondade e por minha intercessão, constituindo-me sua Mãe, amparo, protetora e advogada, e cumprindo Eu, pontual e generosamente, estes ofícios.

Não é bastante? Depois de tudo isso, que muito que a divina justiça esteja irritada, pois os pecados dos homens merecem o castigo que os ameaça e começam a sentir? Com tais circunstâncias a malícia já chega ao auge.

Maria, caminho para Deus e a felicidade

785. Tudo isto, minha filha, é verdade. Minha piedade e clemência, porém, excedem a tanta malícia, inclinam a infinita bondade e detêm a justiça. O Altíssimo deseja usar liberalmente seus tesouros infinitos e determinou favorecer aos homens, se estes souberem apresentar eficazmente minha intercessão na divina presença.

Este é o caminho seguro e o meio poderoso para a Igreja melhorar, para os reinos católicos se remediarem, para se propagar a fé, para as famílias e estados se fortalecerem e as almas voltarem à graça e amizade de Deus.

Nesta causa, minha filha, tenho desejado que trabalhes e me ajudes no que puderes, auxiliada pela virtude divina. Farás isso não apenas escrevendo minha vida, mas principalmente imitando-a na prática dos meus conselhos e salutar doutrina. Recebeste-a abundantemente tanto no que deixas escrito, como em outros inumeráveis favores e benefícios relacionados com esse, e que o Altíssimo operou contigo.

Pondera bem, caríssima, tua grave obrigação de me obedecer como à tua única Mãe, legítima e verdadeira Mestra e Superiora. Cumpro todos estes ofícios e outros benefícios de singular benevolência, e tu muitas vezes renovaste e confirmaste tua profissão em minhas mãos, prometendo-me especial obediência.

Lembra-te da palavra que tantas

vezes deste ao Senhor e a seus anjos. Todos te manifestamos nossa vontade de que sejas como um deles. Vive e procede como eles, participando, na carne mortal, das condições e operações angélicas, e mantendo com eles conversação e trato.

Assim como eles se comunicam entre si, e os superiores ilustram e informam os inferiores, assim te ilustrem e informem sobre as perfeições de teu Amado, e te comuniquem a luz que necessitas para o exercício de todas as virtudes, principalmente a senhora delas, a caridade, e assim te inflames no amor de teu doce Senhor e de teu próximo.

A este estado deves aspirar com todas tuas forças. Que o Altíssimo te ache digna do cumprimento de sua santíssima vontade, e possa servir-se de ti para tudo o que desejar.

Sua destra poderosa te dê sua bênção eterna, te mostre a alegria de sua face e te dê a paz. Procura tu não desmerecê-la.

A Ordem da Imaculada Conceição com sua Fundadora Santa Beatriz da Silva, e diversas Irmãs ilustres pela santidade. Entre elas, salienta-se a Ven. Madre Maria de Jesus sustentando o livro Mística Cidade de Deus.

CAPÍTULO 23

CONFISSÃO DE LOUVOR E AÇÃO DE GRAÇAS QUE EU, A MENOR DOS MORTAIS, SOROR MARIA DE JESUS, FIZ AO SENHOR E À SUA MÃE SANTÍSSIMA, POR HAVER ESCRITO ESTA DIVINA HISTÓRIA COM O MAGISTÉRIO DA MESMA SENHORA.

Reconhecimento e louvor a Deus

786. Eu te confesso Deus eterno, Senhor do céu e da terra, Pai, Filho e Espírito Santo, um só e verdadeiro Deus, uma substância e majestade em trindade de Pessoas; porque, sem que primeiro alguma criatura te dê qualquer coisa que devas pagar (**Rm 11, 35**), revelas teus mistérios e sacramentos aos pequeninos (**Mt 11, 25**), só por tua inefável dignação e clemência. E, porque assim o fazes com imensa bondade e sabedoria e nisso te comprazes, está bem feito.

Em tuas obras exaltas teu santo nome, enalteces tua onipotência, manifestas tua grandeza, expandes tuas misericórdias e asseguras a glória que te é devida, por seres santo, sábio, poderoso, benigno, liberal, único princípio e autor de todo bem.

Ninguém é santo e forte como Tu (**1 Rs 2, 2**), ninguém altíssimo fora de Ti que ergues do pó o mendigo, do nada tiras a vida e enriqueces ao pobre necessitado (**Sl 112, 7**). Teus são, ó Deus Altíssimo, os confins e pólos da terra e todos os orbes celestes (**Sl 88, 12**). És o Deus e Senhor verdadeiro das ciências (**1 Rs 2, 4**); Tu mortificas e dás vida; Tu humilhas e lanças ao profundo os soberbos; levantas o humilde, conforme tua vontade; enriqueces e empobreces (**1 Rs 2, 6**), para que em tua presença não se possa gloriar a carne (**1 Cor 1, 29**), nem o mais forte presuma de sua fortaleza, nem o mais fraco desanime e perca a confiança, por causa de sua fragilidade e miséria.

Reconhecimento e louvor à Mãe de Deus

787. Confesso-te Senhor verdadeiro, Rei e Salvador do mundo, Jesus Cristo. Confesso e louvo teu santo nome e dou a glória a quem dá a sabedoria. Confesso-te soberana Rainha dos céus Maria santíssima, digna Mãe de meu Senhor Jesus Cristo, templo vivo da Divindade e arquivo dos tesouros de sua graça, princípio de nossa salvação, restauradora da geral ruína da raça humana, alegria dos santos, glória das obras do Altíssimo e único instrumento de sua onipotência. Confesso-te por Mãe dulcíssima de misericórdia, refúgio dos miseráveis, amparo dos pobres e consolo dos aflitos; e, tudo o que em Ti, por Ti e de Ti confessam os espíritos angélicos e os santos, eu confesso também. Pelo que em Ti e por Ti louvam

e glorificam a Deus, eu também O louvo e glorifico, e por tudo te bendigo, exalto, confesso e creio.

Ó Rainha e Senhora de toda a criação, só pela tua poderosa intercessão e por me terdes olhado com teus olhos de clemência, teu Filho santíssimo pôs em mim os de sua misericórdia. Olhando-me como Pai, não se dedignou, por tua causa, escolher a este vil bichinho da terra, a menor das criaturas, para manifestar seus veneráveis segredos e mistérios. Não puderam extinguir sua caridade imensa, as muitas águas de minhas culpas, pecados, ingratidões e misérias (**Ct 8, 7**). Minhas lentidões e grosserias não esgotaram a corrente da divina luz e sabedoria que me comunicou.

Humildade da Escritora

788. Confesso, Mãe piedosíssima, em presença do céu e da terra, que lutei comigo mesma e com meus inimigos, e meu interior se conturbou entre minha indignidade e meu desejo da sabedoria.

Estendi minhas mãos e chorei minha insipiência (**Ecl 51, 23**); dirigi meu coração e encontrei o conhecimento (**Ecl 51, 27**); possui com a ciência a tranqüilidade (**Ecl 51, 28**); e quando a procurei com amor, achei excelente propriedade e não fiquei envergonhada.

Agiu em mim a forte e suave força da sabedoria (**Sb 8, 1**); manifestou-me o mais oculto e, à ciência humana, o mais impenetrável (**Sl 50, 8**). Pôs ante meus olhos a Ti, formosa imagem da Divindade e Cidade Mística de sua habitação, para que, na escura noite desta vida mortal, me guiasses como estrela, me iluminasses como claríssima lua; para que te seguisse como Capitã, te amasse como à Mãe, te obedecesse como à Senhora, te ouvisse como a Mestra, e em ti, espelho imaculado e puro, me olhasse e me ornasse pelo conhecimento e exemplo de tuas inefáveis virtudes e obras, suma perfeição e santidade.

Agradecimento a Maria e por Maria

789. Quem pôde inclinar a Majestade suprema a tanta condescendência por uma vil escrava, senão Tu, ó Rainha poderosa que és a magnitude do amor, a latitude da piedade, o estímulo da misericórdia, o portento da graça, quem encheu os vazios das culpas de todos os filhos de Adão? Tua é, Senhora, a glória, e tua é também esta Obra que escrevi, não só porque é de tua Vida santíssima e admirável, mas também porque foste Tu quem lhe deste princípio, continuidade e fim. Se Tu mesma não fosses a sua Autora e Mestra, jamais teria passado por pensamento humano.

Seja, pois, teu o agradecimento - pois Tu o podes dar dignamente - a teu Filho santíssimo nosso Redentor, por benefício tão raro e singular. Eu só posso suplicá-lo a Ti em nome da santa Igreja e meu. Assim desejo fazê-lo, ó Mãe e Rainha das virtudes. Humilhada em tua presença, mais do que o ínfimo pó, confesso ter recebido este favor e os que jamais pude merecer.

Escrevi só o que ensinaste e mandaste; sou apenas o mudo instrumento de tua língua, movido e guiado por tua sabedoria. Remata esta obra de tuas mãos, não só com a digna glória e louvor do Altíssimo que ela deve produzir, mas realizar o que lhe falta, que é eu praticar tua doutrina, seguir teus passos, obedecer tuas ordens; que eu corra após os teus perfumes (**Ct 1, 3**), a suavidade e fragrância de tuas virtudes que, com inefável benignidade, derramaste nesta História.

Súplica da Escritora

790. Reconheço-me, ó Imperatriz do Céu, a mais indigna e a mais devedora dos filhos da santa Igreja. Para que nela, em presença do Altíssimo e de ti, não se veja a monstruosidade de minhas ingratidões, proponho, ofereço e quero que se entenda: renuncio a todo o visível e terreno; entrego novamente minha liberdade à vontade divina e à tua, para não usar de meu arbítrio senão para o que for de seu maior agrado e glória.

Rogo-te, bendita entre todas as criaturas, que assim como, pela clemência do Senhor e tua, tenho sem merecer o título de Esposa, e tu me deste o de filha e discípula, confirmado tantas vezes pelo mesmo Senhor - não permitas, ó puríssima Senhora, que eu degenere desses nomes.

Tua proteção e amparo me assistiram para escrever tua miraculosa vida; ajuda-me, agora, para praticar tua doutrina de vida eterna.

Queres e ordenas que te imite; grava em mim tua viva imagem. Semeaste a santa semente no terreno de meu coração; guarda-a e fecunda-a, Mãe e Senhora minha, para que dê fruto ao cêntuplo (**Lc 8, 8**).

Não ma roubem as aves de rapina, o dragão e seus demônios, cuja indignação conheci pelas palavras que de Ti, Senhora minha, deixo escritas.

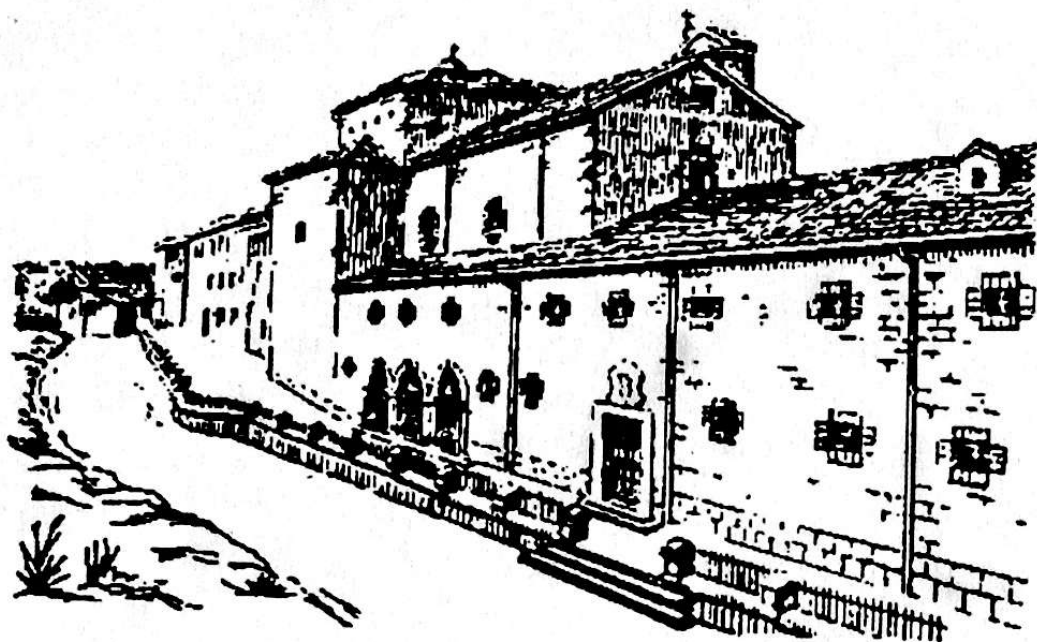
Guia-me até o fim, governa-me como Rainha, instrui-me como Mestra, corrige-me como Mãe. Recebe como agradecimento tua mesma vida e o sumo agrado que, com ela, deste à Santíssima Trindade, pois és o resumo de suas maravilhas.

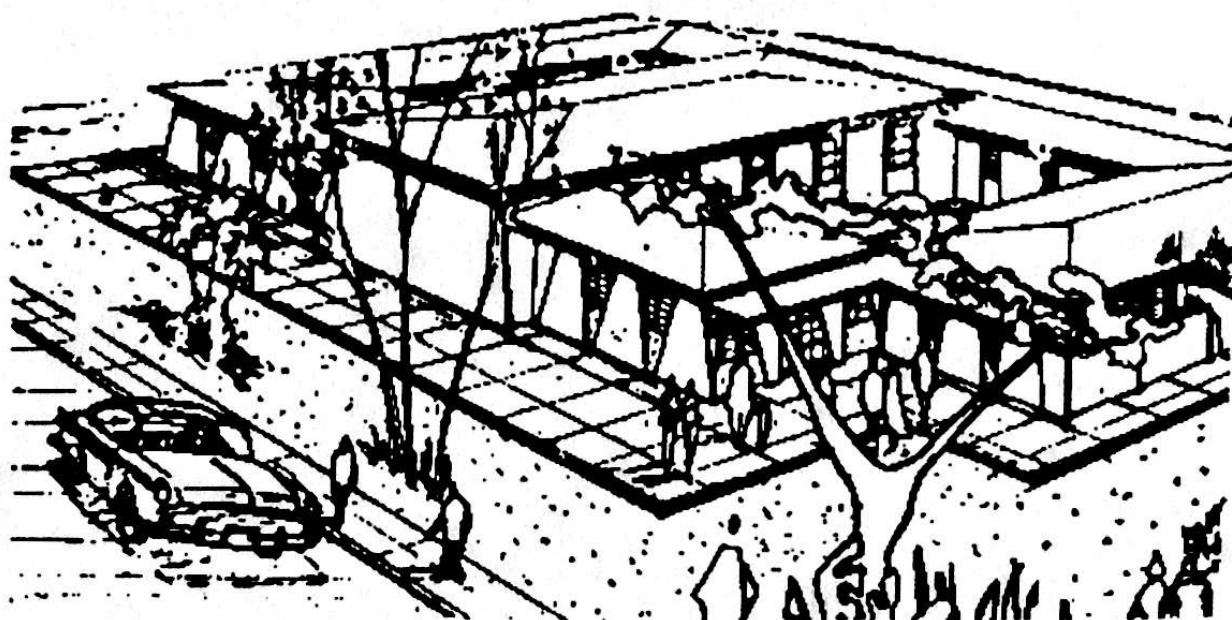
Louvem-te os Anjos e Santos, conheçam-te todas as nações e gerações. Todas as criaturas, em Ti e por Ti, bendigam eternamente a seu Criador, e te exaltem minha alma e todas minhas potências.

Protesto de fidelidade à Igreja

791. Esta divina História, como repeti muitas vezes, escrevi por obediência a meus superiores e confessores que dirigem minha alma. Eles me asseguraram ser vontade de Deus que a escrevesse, em obediência à sua Mãe santíssima que, por muitos anos, assim me ordenou.

Não obstante a ter submetido ao exame e juízo de meus confessores, sem haver palavra que não hajam visto e conferido comigo, sujeito-a novamente a seu parecer. Acima de tudo, a entrego à emenda e correção da santa Igreja católica romana, a cuja censura e ensino, como filha sua, protesto estar sujeita. Quero crer e seguir só aquilo que nossa mãe Igreja crer e aprovar, e reprovarei o que ela reprovar. Nesta obediência quero viver e morrer. Amém.

Mosteiro da Imaculada Conceição
Ágreda, Sória, Espanha.

Aqui a Ven. Madre Maria de Jesus, terminou de escrever a Mística Cidade de Deus em Maio de 1660.

Mosteiro Portaceli, em Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Aqui a obra foi traduzida, no texto integral, para o português, e publicada de 1989 a 1996.

EPÍLOGO

CARTA DA ESCRITORA, MADRE MARIA DE JESUS, À SUA COMUNIDADE RELIGIOSA.

Às religiosas do Convento da Imaculada Conceição da vila de Ágreda, sor. Maria de Jesus, sua indigna serva e abadessa, em nome da soberana Rainha Maria santíssima, concebida sem pecado original.

Excelência da alma consagrada

792. Minhas caríssima filhas e irmãs, presentes e futuras, deste convento da Imaculada Conceição de nossa grande Rainha e Senhora.

Desde a hora que a providência do Senhor, através da obediência, me colocou no cargo de superiora que indignamente exerço, senti meu coração atravessado por duas flechas de dor que até agora o ferem!

A primeira, foi o temor de ver entregue às minhas mãos o vaso da mais preciosa parte do Sangue de Cristo, nosso Salvador, pois tal são as almas de VV.RR. [1], chamadas e escolhidas em virtude de sua paixão e morte, para a mais alta santidade e pureza de vida. Este grande tesouro, depositado em vasos frágeis (**2 Cor 4, 7**) e confiado a outro ainda mais terreno e quebradiço, à menor, à mais tíbia e negligente. Tudo isto, me deu grande admiração e ainda maior pena.

A segunda flecha foi conseqüência da primeira: a responsabilidade do cuidado por VV.RR., pois quem não sabe guardar a própria vinha, como guardará as alheias (**Ct 1, 5**)? Quem encontra seu consolo, alívio e segurança em obedecer, com que coragem perderia este bem que conhecia, e se poria a mandar o que ignorava?

Muitas vezes VV.RR, ouviram que a pureza virginal e a castidade religiosa é o primeiro, o mais fragrante e saboroso fruto da Vida e Morte de nosso Salvador Cristo, e com estes honrosos títulos celebrava-a nosso seráfico Pai São Francisco.

Se, por todos e para todos o Senhor derramou o sangue de suas sagradas veias (**2 Cor 5, 14**), pensemos que para nós, religiosas, Ele nos aplicou especialmente o de seu coração, pois não foi sem mistério que Ele mesmo disse que a Esposa lho havia ferido (**Ct 4, 9**); quem se deixa ferir no coração, não pretende recusar seu sangue, mas o oferece com maior amor.

De resto, minhas irmãs, conhecemos pela verdadeira e católica doutrina com que nos alimenta a santa Igreja, que as almas puras e consagradas, Cristo, nosso bem as trata como esposas, com especiais carinhos, favores e intimidade. Nelas tem suas delícias, colhe o fruto de seu sangue, vê aproveitadas sua vida e doutrina, sua paixão e dolorosa

1 - Vossas Reverências.

morte. Desta verdade está cheia toda a Escritura e quanto VV.RR. ouvem, freqüentemente, nos mistérios dos Cânticos.

Peso do cargo de superiora

793. Não estranharão VV.RR, esta minha dor e apreensão, e se não quiserem examinar tanto a minha fraqueza, cada qual considere a sua própria. Saibam VV.RR. que todas somos feitas do mesmo barro e massa quebradiça, mulheres imperfeitas e ignorantes, e mais ainda aquela que o deveria ser menos. Assim o conheçamos e confessemos para temer o perigo.

Quanto maior seja o da Prelada do que o das súditas, VV.RR. poderiam avaliar, pondo num dos pratos da balança seu descanso e consolo, e no outro meu tormento e aflições. Já faz trinta anos que me encontro, injusta e constrangidamente, neste ofício. Que consolo ou que sossego pode ter uma superiora sabendo que, se dorme e mesmo se cochila, arrisca o tesouro que lhe confiaram? Pois o Senhor, para nos garantir que é guarda de Israel, diz que não dorme nem dormita (**Sl 120, 4**).

Conforto na obediência

794. Dura coisa é Deus mandar a uma criatura, terrena e fraca, que não durma. Pedir-lhe, porém, que não cochile, quem poderia agüentar, se o mesmo Senhor não fosse a sentinela que nos guarda com desvelo, a virtude que nos dá forças, a luz que nos guia, o escudo que nos defende e o autor que realiza todas nossas obras?

Muitas vezes VV.RR. me têm visto aflita, outras impaciente e todas descontente neste cargo. Confesso-lhe que, com a experiência de minhas negligências, teria desanimado, se Deus não me tivesse confortado como Pai de consolação e misericórdia.

Confesso suas ordens e promessas, porque ao chegar a ocasião, sempre me mandou aceitar o governo de VV.RR., e obedecer a meus prelados, prometendo-me a assistência de sua poderosa graça. Para minha maior tranqüilidade e satisfação, sem manifestar esta ordem do Senhor, Ele moveu nossos superiores e Prelados prometendo-me acerto na obediência, a me obrigarem com sua autoridade. Com isto, submeti meu juízo ao jugo que me impuseram, que são VV.RR..

A Virgem ordena escrever sua vida

795. A esta segurança, dignou-se o Senhor acrescentar outra por intermédio de sua divina Mãe. A grande Rainha e Senhora me ordenou e ensinou que convinha obedecer ao Altíssimo e a seus representantes, encarregando-me de sua casa. E, para não me privar do desejo de obedecer e ser súdita, Ela faria o ofício de minha superiora, governando-me em tudo: eu obedeceria a esta Senhora e VV.RR. a mim.

Nesta ocasião, em que comecei a exercer o cargo, mandou-me a Mãe santíssima escrever a História de sua vida, sendo esta a sua vontade e a de seu Filho santíssimo,

como deixo explicado na primeira introdução, onde falo também como ambos prosseguiram nestes mandatos e na minha dilação em começar a Obra.

Desde a primeira vez, conheci bastante a importância deste assunto, uma das principais razões que me atemorizava, ainda que o verdadeiro impedimento para escusar-me de escrever eram minhas culpas e tibieza.

Das finalidades visadas pelo Senhor com esta Obra, não fui tão informada no começo, porque a mim me bastava obedecer ao Altíssimo e a meus prelados, sem outro exame de sua santa vontade.

No decurso do que escrevi, deixo dito o que a grande Rainha do céu me ordenou e manifestou para meu próprio bem e aproveitamento, e não menos ao de VV.RR., como o entenderão quando lerem esta Vida santíssima. Nela encontrarão muitas vezes as admoestações e advertências que a clementíssima Rainha me mandou transmitir a VV.RR..

Responsabilidade pelas graças

796. No fim desta divina História, porém, quero explicar mais, advertindo a VV.RR., a obrigação em que nos colocou nossa grande Rainha do céu. Muitas vezes, conheci em seu maternal coração, o amor especial que dedica a este pobre convento. Por este amor e acedendo aos bons desejos e orações de vossas reverências, inclinou-se a fazer-nos este singular favor, a nós e a nossas sucessoras, dando-nos sua Vida santíssima como exemplar e espelho claríssimo e sem mancha, para modelar as nossas.

Se eu não tivesse outras razões para conhecer a vontade de nossa piedosa Mãe e Mestra, era indício claro a ordem que o Senhor me dera para escrever a Vida santíssima de Sua Mãe. Esta benignidade tão maternal moderou minhas repugnâncias, consolou minha tristeza e animou meu aflito coração.

Realmente, minhas irmãs, ainda que sou tão tíbia e sem virtude, entendi que devia trabalhar para levar VV.RR., quanto me fosse possível, a serem anjos na pureza, fervorosas na perfeição, abrasadas no amor exigido pelo nome e estado que professamos, de filhas de Maria puríssima e esposas de seu Filho santíssimo, nosso Redentor.

Maria santíssima, Superiora da Comunidade

797. Eu pude desejar tudo isto e outros muitos bens para VV.RR., mas não pude merecê-los, nem me achava capaz de criar e alimentar VV.RR. com a doutrina e exemplo que necessitam e eu lhes devia dar. Nossa amantíssima Rainha supriu esta falta, dando-nos a Si mesma em doutrina e modelo, o máximo que nos poderia ter dado na vida mortal em que estamos.

A este singular benefício acrescentou outro, que VV.RR. conhecem, mas não sabem lhe calcular e estimar o valor; e, não julguem VV.RR, e as que vierem no futuro que é apenas simples e devota cerimônia. Esta graça é a de terem os corações de VV.RR. se inclinado, com especial afeto, a elegerem Patrona e Prelada desta comunidade à beatíssima Senhora, concebida sem pecado original.

Propus a VV.RR. essa eleição, pelas razões que acima disse, e por outras que não

é necessário referir. Escrevemos o atestado do patronato da Rainha, para que nenhuma de nossas sucessoras o ignorem e derroguem: e para que todas as preladas se tenham por coadjutoras e vigárias de Maria santíssima, nossa única e perpétua Superiora. Todas nós obedeçamos-lhe, pois nisto consiste nosso acerto e felicidade.

Responsabilidade das religiosas

798. Sob esta condição, me concedeu a divina Mãe este favor, porque eu sou a primeira a precisar mais, sendo a menor e a mais indigna das criaturas. E, porque este benefício foi confirmação do primeiro, quero que VV.RR. entendam que a eleição que fizemos de Patrona e Prelada foi aceita por nossa grande Rainha e confirmada por seu Filho santíssimo. Esta é a importância que tem no céu.

Com estas diligências, coloquei nas mãos de Maria santíssima o vaso do precioso sangue que me entregou o Senhor nas almas de VV.RR., para dele dar a melhor conta que desejo. Como, apesar disso, não fico dispensada da obrigação e cuidado que me toca, ponho-me aos pés de VV.RR. e de todas as que vierem a este convento e lhes peço e suplico, pelo mesmo Senhor e sua Mãe dulcíssima, reconheçam-se comprometidas e presas por estas tão fortes e suaves cadeias do amor divino, mais do que todas as outras filhas da Igreja e de nossa sagrada Ordem.

Despeçam-se do mundo, esqueçam-no de todo o coração, sem lembrança de criaturas, nem da casa de seus pais (**Sl 44, 11**); esvaziem suas potências e sentidos de imagens e preocupações estranhas que, para satisfazer esta dívida, têm muito que fazer; não poderão agradar a Cristo, nosso Senhor, nem à sua Mãe santíssima, com virtude comum e ordinária, mas com vida e pureza angélica.

A retribuição deve ser medida pelo benefício. Pois, como pagarão VV.RR. dando o mesmo que outras almas, se devem mais que todas? Bem pudera Cristo, nosso Salvador e sua Mãe santíssima, fazer com este convento o que comumente fazem com outros, mas sua clemência divina tem se mostrado pródiga conosco. Que lei e razão, portanto permitem não nos distinguirmos no amor, na humildade, na pobreza, no esquecimento do mundo e na perfeição da vida?

Vida de Maria, escola de perfeição

799. Nossa grande Rainha e Prelada cumpre este ofício como fidelíssima e verdadeira Superiora. Prova-o o seguinte: antes de acabar de escrever esta terceira parte, eu estava a pensar, como iria lhe dedicar a História de sua Vida santíssima; Ela respondeu ao meu desejo, aceitando, pois tudo lhe pertencia, mas em seguida me ordenou que a dedicasse e oferecesse a VV.RR., para ensinar-lhes, nela e por ela, o caminho da vida e da perfeição altíssima, à qual fomos escolhidas e chamadas do mundo.

Era isto que eu desejava dizer a VV.RR., mas parece bem repetir-lhes as mesmas palavras e razões com que nossa Rainha me ordenou transmitir sua vontade a VV.RR.. Calar-me-ei para nossa Prelada falar. Suas palavras foram as seguintes:

Exortação e promessas de Maria santíssima

800. Minha filha, dedica esta Obra a tuas monjas, nossas súditas. Dize-lhes, de minha parte, que a dou por espelho para adornarem suas almas, e como tábuas da divina lei que nela está claríssima e expressamente contida.

Quero que por ela guiem e ordenem sua vida, e para isto exorta e pede-lhe que a estimem, apreciem e a gravem em seus corações para jamais a esquecerem.

Pela providência do Altíssimo revelei ao mundo seu remédio, e a elas, em primeiro lugar, para que sigam minhas pegadas que, com tanta clareza, lhes ponho diante dos olhos.

Três coisas deseja o Senhor que sejam, inviolavelmente guardadas e conservadas pelas monjas deste convento.

1° - Esquecimento do mundo - Vivam afastadas de todo trato, conversação e íntimas amizades com todo o gênero de criaturas, de qualquer estado, sexo ou condição que sejam. Jamais falem sozinhas com nenhuma pessoa secular, nem com freqüência, ainda que seja para boas finalidades, excetuando-se apenas o confessor para se confessarem.

2° - Guardem paz e inquebrantável caridade entre si, amando-se em Deus, de todo o coração, sem exclusivismos, discórdias e briguinhas; antes, cada qual queira para todas, o que deseja para si.

3° - Ajustem-se estritamente à Regra e constituições no muito e no pouco, como fidelíssimas esposas.

Para tudo isto, sejam especiais devotas minhas, com afeto muito cordial, e também do arcanjo São Miguel e de meu servo Francisco.

Se alguma intentar, com ousadia, alterar alguma coisa das que estão escritas no papel de meu patronato, ou desprezar este singular favor de minha vida, como está escrita, saiba que incorrerá na indignação do Altíssimo e na minha, e será castigada, nesta e na outra vida, com a severidade da divina justiça.

Às que com zelo de suas almas, pela honra do Senhor e minha, trabalharem na guarda e progresso desta vida, na observância e recolhimento da comunidade, na paz e caridade que delas desejo; dou-lhes minha palavra de Mãe de Deus, que lhes serei Mãe, amparo e prelada, as consolarei e delas cuidarei na vida presente, e na outra as apresentarei a meu Filho santíssimo.

Se algum outro convento de religiosas, tanto de minha Ordem da Conceição como de qualquer outro instituto, quiser aceitar, estimar e praticar esta doutrina, faço-lhe as mesmas promessas que às tuas monjas.

Exortação da Escritora

801. Até aqui as palavras que me dirigiu a grande Senhora e Rainha do céu, e que dispensariam as minhas, se não obrigasse o amor que VV.RR, merecem, por me terem suportado tantos anos, não só como irmã, mas também como prelada indigníssima.

A tanta caridade, não posso deixar de agradecer, nem a posso pagar melhor do que pedindo-lhes, insistentemente, não se esquecerem jamais das promessas e ameaças

que ouviram, advertindo que são palavras de Rainha poderosa e Soberana liberalíssima em cumpri-las, e severa para castigar a quem as ofender.

Este aviso e admoestação desejo ponderar a VV.RR., compensando, com minha insistência, a brevidade da vida. Embora eu não saiba quanto ainda ma dará o Senhor, o mais longo prazo é brevíssimo para cumprir tantas obrigações. Assim, eu quisera que todas as conversações de VV.RR. fossem para renovar a memória dos benefícios do Senhor e de sua Mãe santíssima, sem se lembrarem de mais nada.

Obrigações das Irmãs

802. Lembrem-se também, minhas Irmãs e amigas, não só os benefícios invisíveis, mas também os que Deus fez à vista de todos a este convento, desde o dia de sua fundação até agora, aumentando-os sempre com sua liberal clemência.

A todos pareceu milagre que, com a pobreza de meus pais, fosse começado, e que para isto toda a família estivesse de acordo. Unir as vontades de seis pessoas não era fácil, se o Altíssimo não interviesse com sua graça.

Sem termos recursos para o mais modesto sustento, em pouco tempo nos proveu de casa. A brevidade com que se construiu, a forma e o tamanho do convento, conveniente mas não excessivo, admirou e demonstrou a todos a ação da graça divina.

A isto se acrescenta outros benefícios que não é necessário referir, pois VV.RR. não os ignoram. Não obstante, obrigam aos corações humildes e agradecidos, a dar a Deus o retorno de tanta clemência, ao mundo a edificação que devemos, esforçando-nos por ser tais e tão boas como pensam de nós, e melhores do que temos sido até agora.

A intercessão de Maria

803. Para encerrar, com maior empenho, a súplica e admoestação que lhes faço, referirei alguns fatos que me ocorreram, quando esta História já ia adiantada. A obediência me ordena que escreva alguma coisa aqui, para VV.RR. conhecerem quanto devem estimar a doutrina da Rainha do céu.

Num dia da Imaculada Conceição, estando no coro à hora de Matinas, ouvi uma voz que me chamava, pedindo-me prestar atenção. Fui elevada daquele estado a outro superior, onde vi o trono da Divindade com imensa glória e majestade.

Saiu do trono uma voz que me parecia poder ser ouvida em todo o universo, dizendo: Pobres, desamparados, ignorantes, pecadores, grandes, pequenos, fracos, enfermos e todos os filhos de Adão, de qualquer estado, condição e sexo; prelados, príncipes e súditos, ouvi desde o Oriente ao Poente e de um polo a outro; vinde para vossa salvação, à minha liberal e infinita providência, pela intercessão d'Aquela que deu carne humana ao Verbo.

Vinde, que há pouco tempo e as portas serão fechadas, pois vossos pecados puseram cadeados na misericórdia. Vinde depressa, que só esta intercessão detém a justiça, e só ela tem poder, para pedir e obter vossa salvação.

O bem e o mal

804. Depois desta voz vinda do trono, vi que, do Ser divino, quatro globos luminosos e semelhantes a refulgentíssimos cometas, espalhavam-se pelas quatro partes do mundo. Foi-me dado a entender que, nestes últimos séculos, o Senhor queria enaltecer e dilatar a glória de sua Mãe santíssima e manifestar ao mundo seus milagres e ocultos sacramentos. Estavam reservados, em sua providência, para o tempo de mais necessidade, a fim de se valerem do socorro, amparo e poderosa intercessão de nossa grande Rainha e Senhora.

Vi, porém, que logo se levantou da terra um dragão monstruoso e abominável, com sete cabeças. Do abismo saíram outros muitos que o seguiam, e todos puseram-se a rodear o mundo. Procuravam e marcavam certas pessoas, para delas se servirem na oposição aos desígnios do Senhor, procurando impedir a glória de sua Mãe santíssima e os benefícios que, por sua mão, estavam preparados para o mundo.

O astuto dragão e seus sequazes, procuravam espalhar fumaça e veneno para obscurecer, desviar e infeccionar os homens, a fim de não buscarem e solicitarem o remédio de suas calamidades, por intercessão da santíssima Mãe de misericórdia, e não lhe dar a glória que lhes atrairia sua proteção.

Dois exércitos celestes

805. Afligi-me com esta visão dos dragões infernais, e logo vi que no céu preparavam-se dois exércitos bem ordenados para combatê-los. Um compunha-se da Rainha e dos santos, e o outro de São Miguel e seus anjos. Conheci que, de ambas as partes, a batalha seria renhida, mas como a justiça, a razão e o poder estão do lado da Rainha do mundo, não havia o que temer no combate.

Não obstante, a malícia dos homens enganados pelo dragão infernal, pode estorvar muito os altíssimos desígnios do Senhor pela nossa salvação e vida eterna. Como, de nossa parte, é necessária nossa livre vontade, com esta a perversidade humana pode resistir à bondade divina.

Pertencendo esta empresa à Rainha e Senhora de todos, era justo que o filhos da Igreja a tomassem como sua, e às religiosas desta casa cumpre esta obrigação ainda mais de perto. Somos filhas e primogênitas desta grande Mãe, militamos sob seu nome e sob o primeiro de seus privilégios, sua Conceição imaculada, e somos continuamente favorecidas por sua piedade maternal.

A Santíssima Trindade aprova o livro

806. Em outra ocasião, me aconteceu ficar muito preocupada, como era justo, sobre o acerto em escrever esta divina História. Sua grandeza excedia a todo pensamento angélico e humano, e se cometesse algum erro não poderia ser pequeno. Estas e outras razões me afligiam em minha natural timidez e pouca virtude.

Estando nestes pensamentos, fui chamada e elevada a estado superior. Vi o

trono real da Santíssima Trindade com as três Pessoas divinas. O Filho, com a Virgem Mãe sentada à sua direita, e todos com imensa glória.

Fez-se silêncio no céu e todos os anjos e santos concentraram a atenção no trono da Majestade Suprema. Vi que a pessoa do Pai tirava, como do peito de seu ser infinito e imutável, um livro belíssimo de grande valor e riqueza, mais do que se pode pensar, mas fechado. Entregando-o ao Verbo, lhe disse: Este livro e tudo o que contém é meu, de meu beneplácito e agrado.

Recebeu-o Cristo, nosso Salvador com muita estima e apreço, e como apertando-o ao peito, confirmaram-no o Verbo divino e o Espírito Santo. Em seguida, entregaram-no a Maria santíssima que o tomou nas mãos, com incomparável agrado e prazer.

Eu olhava a beleza do livro, a aprovação que dele se fazia no trono da Divindade, sentindo íntimo desejo de saber o que continha. O temor e reverência, porém, me impediram de o perguntar.

Maria tranqüiliza a Escritora, o demônio continua a persegui-la

807. Então, a grande Senhora do céu me chamou e disse: Queres saber que livro é este? Pois olha-o. - Abriu-o a divina Mãe e mo apresentou para que eu o pudesse ler. Vi que era sua História e vida santíssima que eu escrevera, em sua própria redação e capítulos. A isto, acrescentou a Rainha: Bem podes ficar tranqüila.

A Mãe santíssima quis me sossegar e moderar meus temores. Consegui-o, porque estas verdades e graças do Senhor são de tal eficácia que, no momento, não deixam na alma perturbação ou dúvida, mas com suavíssima força a enchem, iluminam, satisfazem e tranqüilizam.

É também verdade que, nem por isso a ira do dragão se dá por vencida. Permitindo assim o Senhor, para nosso exercício, volta a molestar as almas, qual importuna mosca. Assim o fez comigo nesta História, sem haver palavra que não haja combatido com infatigável porfia e tentações, que não é necessário referir.

A mais freqüente foi dizer-me, que tudo o que escrevia era imaginação minha e reflexão natural; outras vezes, que era falso, para enganar o mundo. E tanta é sua aversão por esta Obra que, para destrui-la, o dragão se humilhava a dizer que, no máximo, vinha a ser meditação e afetos da oração ordinária.

A árvore da vida

808. De todas estas perseguições, o Senhor me defendeu com o escudo e direção da obediência, de seus conselhos e doutrina. E, para me confirmar naquela aprovação que referi, acrescentou outro favor semelhante.

Quando estava terminando esta História, certo dia, na oração da comunidade, fui colocada na presença do trono da Divindade, pelo modo que aconteceu outras vezes. Depois dos atos que ali faz a alma, vi como do ser de Deus, na Pessoa do Pai, erguia-se uma árvore de imensa grandeza e formosura. A um lado estava Cristo nosso Salvador, no outro sua Mãe santíssima, e a árvore entre ambos.

Nas folhas desta árvore estavam escritos todos os mistérios da Incarnação, Vida, Morte e obras de Cristo, nosso bem, mais os da vida e privilégios de sua Mãe santíssima. Entendi cada um, em particular, e todos em conjunto, como os deixo escritos.

O fruto desta árvore era fruto de vida, e compreendi que a árvore era a realidade figurada por aquela que Deus plantou no meio do paraíso (**Gn 2, 9**). Os santos olhavam-na com atenção e alegria, e os anjos, com admiração, perguntavam: Que árvore é esta de tão rara beleza? Sentimos inveja dos que podem gozar de seus frutos! Felizes aqueles que os colherem e saborearem, para receber tanta graça e vida eterna como encerram.

É possível que, podendo os mortais se alimentar com este fruto, não se apressem a colhê-lo? Vinde, vinde todos, que seu fruto já está maduro. A flor que alimentou os antigos Pais e Profetas já se transformou em suave e dulcíssimo fruto. Os galhos que estavam muito altos para serem alcançados, agora se inclinaram para todos.

Os anjos voltaram-se para mim e me disseram: Esposa do Altíssimo, sê a primeira a colher fartamente, pois tens tão próxima esta árvore da vida. Seja este o fruto do trabalho em o ter escrito, e o agradecimento de te haver sido manifestado. Clama ao Onipotente para que todos os filhos de Adão o conheçam, aproveitem a oportunidade e louvem ao Altíssimo em suas maravilhas.

Encerramento da Obra

809. Não é necessário referir a VV.RR. mais fatos, para afeiçoá-las a esta árvore e a seus frutos. Ponham-na ante os olhos, estendam a mão, colham e saboreiem.

Garanto-vos, irmãs caríssimas, que não vos acontecerá o mesmo que à nossa mãe Eva (**Gn 3, 6**), porque aquela árvore e seu fruto lhe eram proibidos, enquanto esta, o próprio Senhor a plantou e vos convida para isso. Aquela árvore e fruto continham a morte, esta encerra a vida.

Comamos aquele que nos é oferecido por nossa Patrona e Prelada, fugindo do outro que nos proibiu, pois para não tocá-lo é preciso não olhá-lo, e para não comê-lo, evitar tocá-lo.

Para VV.RR. se disporem melhor aos retiros que costumam fazer no convento, vou lhes dar um programa, tirando-o desta História, conforme nela foi dito[1] e me ordenou a Rainha.

Enquanto esperam, usem a parte que trata da Paixão de Cristo, nosso Senhor, e peçam-lhe sua divina graça para mim, como para si mesmas. Que sua bênção eterna desça sobre todas. Amém.

Acabei de escrever esta divina História e Vida de Maria santíssima, pela segunda vez, a seis de Maio do ano de mil seiscentos e sessenta, dia da Ascensão de Cristo, nosso Senhor.

Fim do 8° Livro e de toda a Obra.

1 - Cf. n° 679

Suplico às religiosas desta comunidade, não permitirem que este original seja levado fora do convento. Se for necessário para exame e censura, dêem uma cópia. Se o pedirem para conferir com o original, só dêem um livro cada vez, pedindo a devolução de cada um. Estas medidas visam evitar muitos inconvenientes, e são vontade de Deus e da Rainha do céu.

(assinado) Sor Maria de Jesus.

398.

Acabe de escri-
bir esta divina Historia
y vida de Maria santis
sima la segunda vez a
seys de Mayo del Año de
Mil y seyscientos y sesen
ta dia de la Ascension
de Christo nuestro señor su
plico a las Religiossas de
esta comunidad no consi
entan que les falte este
original del convento y si
fuere necessario para
el examen y censura den
un traslado y si le pidieren
para concordad el trasla
do con el original no le den
sino de libro en libro volbien
do a cobrar cada uno por evi
tar muchos inconbenientes
y por ser voluntad de Di
os y de la Reyna del
cielo

Sor Maria
de Jesus[2]

[3]

Fax-simile da assinatura da Venerável Escritora, tirada do autógrafo da Mística Cidade de Deus.
3) A rubrica é do Secretário Geral da Ordem, que, em cumprimento do Decreto do Real Conselho da Inquisição, rubricou todos os fólios dos oito livros do autógrafo.

ÍNDICE

TERCEIRA PARTE

Contém o que a grande Rainha fez depois da Ascensão de seu Filho, nosso Salvador, até sua morte e coroação como Impetatriz do céu.

7º Livro e 1º da 3ª Parte

Contém os dons concedidos por Deus à Rainha do céu para trabalhar na Santa Igreja. A vinda do Espírito Santo. O copioso fruto da redenção e da pregação dos Apóstolos. A primeira perseguição à Igreja. A conversão de São Paulo e a missão de São Tiago na Espanha. A aparição da Mãe de Deus em Saragoça e a fundação do santuário de Nossa Senhora do Pilar.

ÍNDICE

8º Livro - e último da 3ª parte desta divina História.

Contém: a viagem de Maria Ssma. com S. João a Éfeso; o glorioso martírio de S. Tiago e morte de Herodes; a destruição do templo de Diana; a volta de Maria Ssma. de Éfeso para Jerusalém; instrução que deu aos Evangelistas; sublime estado de sua alma puríssima antes de morrer; seu feliz trânsito, subida ao céu e coroação.